OS MELHORES CONTOS

Isaac Asimov

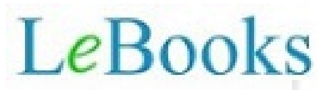
LeBooks

Isaac Asimov

MELHORES CONTOS

Coleção Melhores Contos

1ª. Edição



ISBN: 9788583862321
2018

Prefácio

Amigo leitor

Isaac Asimov, PhD em bioquímica, conciliou sua carreira científica com a de escritor, utilizando seus livros para divulgar conhecimentos científicos modernos da época e para fazer suas próprias previsões do futuro. Asimov é considerado por muitos como o melhor escritor de ficção científica do século XX e nos legou mais de 500 publicações, entre ficcionais e técnicas, boa parte das quais na forma de geniais e criativos contos.

Este ebook, assim como ocorreu nos outros volumes da "Coleção Melhores Contos", é uma amostra selecionada dos melhores contos de Isaac Asimov, o que o torna definitivamente uma leitura imperdível para apreciadores de ficção científica de contos em geral.

Boa leitura

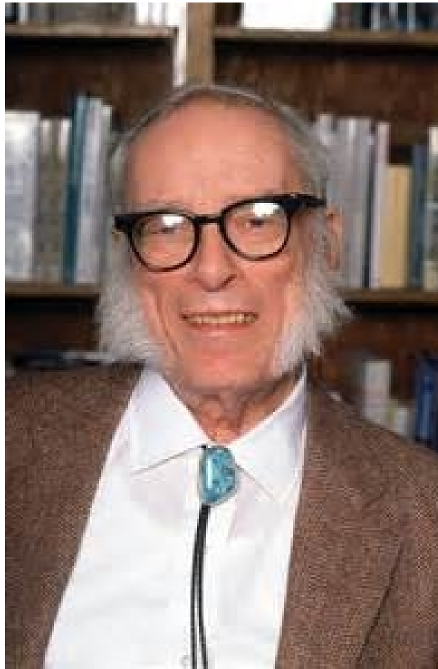
LeBooks

Suas premissas são as suas janelas para o mundo. Tente limpá-las de vez em quando, ou a luz não entrará.

Isaac Asimov

APRESENTAÇÃO:

O autor: Isaac Asimov



1920 – 1992

Isaac Asimov foi um escritor norte americano, considerado um dos mais importantes escritores de ficção científica do século XX.

Asimov nasceu em Petrovisk, Rússia, no dia 2 de janeiro de 1920. Com três anos de idade, mudou-se com a família para os Estados Unidos onde foi criado no bairro do Brooklin, em Nova Iorque. Em 1928, naturalizou-se cidadão americano. Seu interesse pela ficção científica começou ainda menino. Com 14 anos, publicou sua primeira história em um jornal do colégio. Em 1935, iniciou o curso de Química na Universidade de Colúmbia. Em 1939, concluiu a graduação. Nesse mesmo ano vendeu seu primeiro conto, "*Marooned off Vesta*", para a revista *Amazing Stories*.

Durante a Segunda Guerra Mundial, serviu como químico, na Estação Experimental Naval Air na Filadélfia. Em maio de 1945 publicou o primeiro conto da saga "Fundação", na revista *Astounding Scienfe Fiction*. Em 1948, conclui o doutorado em Bioquímica, pela Universidade de Columbia. No ano seguinte tornou-se professor assistente de Bioquímica

na Escola de Medicina da Universidade de Boston.

Em 1950, Isaac Asimov publicou o livro “Eu, Robô”, que se tornou um clássico da ficção científica, onde em uma série de nove histórias, o autor narra o desenvolvimento dos robôs, desde o seu começo no estado natural, em meados do século XX, até o estado de extrema perfeição, em que robôs governam o mundo dos homens, no seu próprio interesse. Em 1954, deu início às publicações de divulgação científica com o livro “*Chemicals of Life*”.

Em 1958, Asimov deixou o cargo na universidade, para se dedicar inteiramente à sua atividade de escritor.

Seu legado:

Isaac Asimov publicou mais de 260 livros, sendo cerca de cinquenta romances e mais de duzentos livros de divulgação científica. Seu nome tornou-se familiar tanto para cientistas como para leitores de ficção científica, sua linguagem simples abriu as portas das descobertas científicas para um público leigo.

Dentro da série de livros sobre robôs, iniciada com: “Eu, Robô”, Asimov publicou mais quatro romances: “As Cavernas de Aço” (1954), “Os Robôs” (1957), “Os Robôs de Amanhecer” (1983) e “Os Robôs e o Império” (1985).

Nessas obras, o autor introduziu as três leis fundamentais da robótica.

1 – um robô não pode causar dano a um ser humano, nem por omissão permitir que um ser humano sofra.

2 – um robô deve obedecer às ordens dadas por seres humanos, exceto quando essas ordens entrarem em conflito com a primeira lei.

3 – um robô deve proteger sua própria existência, desde que essa proteção não se choque com a primeira nem com a segunda lei da robótica.

Em 1976, Asimov escreveu “ O Homem Bicentenário”, que foi adaptado para o cinema, em 1999, estrelado por Robim Williams, recebendo vários prêmios. Na década de 80, Isaac Asimov dirigiu a Isaac *Asmov Magazini*, revista semanal voltada para a divulgação de contos de autores de ficção científica.

Isaac Asimov faleceu em Nova Iorque, Estados Unidos, no dia 6 de abril de 1992.

Sumário

UM DIA

Niccolo Mazetti estava deitado de bruços sobre o tapete, o queixo enterrado na palma da mão pequena e ouvia o Bardo, desconsolado. Percebia-se até o começo de lágrimas em seus olhos escuros, luxo a que só se podia permitir uma criatura com onze anos de idade quando se encontrava sozinha. O Bardo disse:

– Uma vez no meio da floresta enorme, vivia um pobre lenhador com suas duas filhas sem mãe, que eram tão belas quanto o dia é longo. A filha mais velha tinha cabelos pretos e compridos como a pena de asa da graúna, mas a filha mais nova tinha cabelos tão brilhantes e dourados como a luz do sol em tarde de outono.

– Muitas vezes, enquanto as meninas esperavam que o pai voltasse para casa, após trabalhar no mato, a filha mais velha sentava-se diante do espelho e cantava…

O que ela cantava Niccolo não ouvia, porque alguém o chamou de fora do quarto:

– Ei, Nickie.

E Niccolo, o rosto desanuviando-se no mesmo instante, correu até a janela e gritou:

– Ei, Paul.

Paul Loeb acenou com a mão agitada. Era mais magro do que Niccolo e não tão alto, mesmo sendo seis meses mais velho. Tinha o rosto cheio de tensão reprimida, que se mostrava com mais clareza no rápido piscar das pálpebras.

– Ei, Nickie, quero entrar. Tenho uma ideia e metade. Espere só até ouvir.

Olhou rapidamente em volta, como a verificar a possibilidade de ouvintes furtivos, mas o quintal da frente estava evidentemente vazio. Repetiu, então, em cochicho:

– Espere só até ouvir.

– Muito bem, já abro a porta.

O Bardo continuou suavemente, sem saber da perda de

atenção por parte de Niccolo. Quando Paul entrou, o Bardo estava dizendo:

– Com que o leio disse: “Se você encontrar para mim o ovo perdido da ave que voa sobre a Montanha de Ébano, uma vez a cada dez anos, eu…”

Paul disse:

– Você está ouvindo o Bardo? Eu não sabia que você tinha um.

Niccolo se tornou rubro e a expressão de infelicidade regressou a seu semblante.

– É só uma coisa velha que eu tinha, quando era menino. Não está muito boa.

Desferiu um pontapé no Bardo e acertou, na cobertura de plástico, um tanto arranhada e descolorida, um outro golpe.

O Bardo teve um soluço, como se a ligação do alto-falante fosse tirada do contato por um momento, e depois prosseguiu:

– …por um ano e um dia, até que os sapatos de ferro se gastaram. A princesa parou do lado da estrada…

Paul disse:

– Rapaz, esse é mesmo um modelo antigo – e olhou para aquilo com expressão crítica.

A despeito da própria amargura que Niccolo sentia contra o Bardo, não lhe agradou o tom condescendente do outro. Sentia momentaneamente pesar por ter deixado Paul entrar, pelo menos antes de haver recolocado o Bardo em seu lugar de descanso habitual no porão. Só pelo desespero de um dia monótono e um debate infrutífero com o pai é que ele o fizera ressuscitar. E acabara verificando ser coisa tão estúpida quanto imaginara.

Nickie tinha um pouco de medo de Paul, já que este fizera cursos especiais na escola e todos diziam que ele ia crescer e ser um Engenheiro de Computador.

Não que o próprio Niccolo estivesse a se sair mal na escola. Recebera notas adequadas em lógica, manipulações binárias, computação e circuitos elementares; todas as disciplinas costumeiras da escola primária. Mas era exatamente isso! Não passavam de disciplinas comuns e ele crescia para ser um guarda de painel de controle, como todos os outros.

Paul, todavia, conhecia coisas misteriosas sobre o que chamava de eletrônica e matemática teórica e programação. Principalmente programação. Niccolo nem mesmo procurava compreender quando Paul falava sobre o assunto, parecendo borbulhar.

Paul olhou o Bardo por alguns minutos e disse:

– Você andou usando muito isso aí?

– Não! – retorquiu Niccolo ofendido. – Tenho isso guardado no porão desde que você mudou para cá. Só tirei de lá hoje… – Faltava-lhe uma desculpa que parecesse adequada a si próprio, de modo que ele concluiu: – acabei de tirar.

Paul perguntou:

– É isso o que ele lhe conta: lenhadores e princesas e animais que falam?

Niccolo explicou:

– Uma coisa horrível. Meu pai disse que não podemos comprar um novo. Eu falei com ele, hoje de manhã… – a recordação das súplicas inúteis que fizera de manhã levou Niccolo a aproximar-se muito das lágrimas, que reprimiu tomado de pânico. De algum modo achava que as faces magras de Paul nunca haviam sentido a vergonha das lágrimas e que Paul só poderia desdenhar outra pessoa menos forte que ele próprio. Niccolo prosseguiu: – Por isso achei que devia experimentar outra vez essa coisa velha, mas não vale nada.

Paul desligou o Bardo, apertou o contato que levava para a reorientação e recombinação quase instantâneas do vocabulário, personagens, textos da trama e clímax ali guardados. Depois reativou.

O Bardo começou, devagar:

– Uma vez havia um menino chamado Willikins, cuja mãe morrera e que vivia com o padrasto e o filho do padrasto. Embora o padrasto fosse um homem bem rico, negava ao pobre Willikins a própria cama em que dormia, de modo que Willikins era obrigado a descansar o melhor que podia em um monte de palha no estábulo, perto dos cavalos…

– Cavalos! – gritou Paul.

– São uma espécie de animal – disse Niccolo – acho que são.

– Eu sei disso! Agora imagine só, histórias sobre cavalos.

– Ele fala de cavalos o tempo todo – explicou Niccolo. – Existem também coisas chamadas vacas. Você tira leite delas e o Bardo não diz como.

– Bem, puxa vida, por que você não conserta isso?

– Gostaria de saber como.

O Bardo estava dizendo:

– Muitas vezes Willikins pensava que se fosse rico e poderoso haveria de mostrar ao padrasto e ao filho do padrasto o que significava ser cruel com um menino pequeno, de modo que um dia resolveu sair para o mundo e procurar sua sorte.

Paul, que não ouvia o Bardo, disse:

– É fácil. O Bardo tem cilindros de memória preparados para as palavras da trama e os clímax e as coisas. Não vamos nos preocupar com isso. É só o vocabulário que devemos consertar, de modo que ele vai saber acerca dos computadores, automatização e eletrônica e as coisas reais que temos hoje. Depois pode contar histórias interessantes, você sabe, em vez de falar sobre princesas e essas coisas.

Animado, Niccolo disse:

– Oxalá a gente pudesse fazer isso.

Paul disse:

– Escuta, meu pai diz que se eu entrar na escola especial de computação, no ano que vem, ele vai me dar um Bardo de verdade, um modelo novo. Bem grande, com ligação para histórias de mistérios do espaço. E uma ligação visual também!

– Quer dizer que você vai ver as histórias?

– Claro. O senhor Daugherty, na escola, diz que elas têm coisas assim, agora, mas não são para todos. Só se eu entrar na escola de computação. O Papai pode arranjar umas coisas.

Os olhos de Niccolo transbordavam de inveja.

– Puxa vida. Ver uma história!

– Você pode ir lá em casa e assistir a qualquer momento, Nickie.

– Puxa vida, rapaz. Obrigado.

– De nada. Mas lembre-se de uma coisa, sou eu quem diz que tipo de história vamos ouvir.

– Claro, claro – Niccolo teria concordado prontamente, mesmo sob condições mais severas.

A atenção de Paul se voltou para o Bardo, que dizia:

– “Se é assim”, disse o rei, cofiando a barba e fechando a cara até que as nuvens cobriram o céu e o relâmpago riscou o ar, “você vai providenciar para que toda a minha terra fique livre das moscas a esta hora, depois de amanhã, ou…”.

– Tudo que temos a fazer – disse Paul – é abrir… – E desligou novamente o Bardo, já procurando tirar o painel da frente enquanto falava.

– Ei – interveio Niccolo, alarmado de súbito. – Não vai quebrar.

– Não vou quebrar – disse Paul, com impaciência. – Eu sei tudo sobre essas coisas. – E logo, com cautela repentina: – seu pai e sua mãe estão em casa?

– Não.

– Muito bem, então. – Já tirara o painel dianteiro e olhava para o interior. – Rapaz, isto é coisa de um cilindro.

Já trabalhava nas entranhas do Bardo. Niccolo, que observava em suspense penoso, não conseguia enxergar o que o outro fazia.

Paul tirou de lá uma faixa fina e flexível de metal, coberta de pontos.

– Este é o cilindro de memória do Bardo. Aposto que a capacidade de histórias dele tem menos de um trilhão.

– O que você vai fazer, Paul? – perguntou Niccolo, trêmulo.

– Vou dar-lhe vocabulário.

– Como?

– É fácil. Tenho um livro aqui. O Sr. Daugherty me deu na escola.

Paul tirou o livro do bolso e retirou a sua tampa de plástico. Desenrolou a fita um pouco, passou-a pelo vocalizador que abaixou até tornar-se um murmúrio e depois o colocou dentro das entranhas do Bardo. E fez outras ligações.

– O que isso vai fazer?

– O livro vai falar e o Bardo guardará tudo na fita de memória.

– E de que serve?

– Rapaz, você é burro! Meu livro é todo sobre computadores e automatização e o Bardo ficará com toda essa informação. Depois vai poder parar de falar sobre reis que criam relâmpagos quando fecham a cara.

Niccolo disse:

– E o bom sujeito sempre vence, seja lá como for. Não tem graça nenhuma.

– Oh, bem – disse Paul, observando para ver se o seu arranjo estava funcionando corretamente. – É assim que eles fazem os Bardos. Eles precisam fazer os bons camaradas vencerem e os maus camaradas perderem, coisas desse tipo. Uma vez ouvi meu pai falando sobre o assunto. Ele diz que sem a censura não se podia dizer o que a geração mais jovem seria capaz de tornar-se. Ele diz que a coisa já anda muito ruim… Pronto, está funcionando muito bem.

Paul esfregou as mãos uma na outra e afastou-se do Bardo, dizendo:

– Mas escute, ainda não lhe contei como é a minha ideia. É a melhor coisa que você já ouviu, pode crer. Vim falar com você porque achei que você havia de entrar nela comigo.

– Com certeza, Paul, com certeza.

– Muito bem. Você conhece o Sr. Daugherty, na escola? Você sabe que ele é um sujeito gozado. Pois bem, ele gosta de mim, um pouco.

– Eu sei.

– Estive na casa dele depois da escola, hoje.

– Você esteve?

– Claro. Ele diz que eu vou entrar na escola de computadores e quer me animar, coisas assim. Ele diz que o mundo precisa de mais gente que saiba projetar circuitos de computadores avançados e fazer uma programação correta.

– É?

Paul podia perceber parte da vacuidade daquele monossílabo. Disse, com impaciência:

– Programação! Eu já lhe contei mais de cem vezes. É quando

você cria problemas para os computadores gigantescos como o Multivac resolverem. O Sr. Daugherty diz que está ficando cada vez mais difícil encontrar pessoas que saibam dirigir bem os computadores. Ele diz que qualquer pessoa pode ficar de olho nos controles e verificar as respostas e processar os problemas de rotina. Diz que o truque é expandir as pesquisas e calcular modos de fazer as perguntas certas, e que isso é difícil.

Ele prosseguiu:

– De qualquer modo, Nickie, ele me levou até a casa dele e me mostrou a coleção de computadores antigos. É uma espécie de passatempo dele colecionar computadores antigos. Tinha computadores tão pequenos que era preciso apertar com a mão, com botõezinhos por cima. E tinha um pedaço de madeira que chamava de régua de calcular, com um pedacinho lá dentro que corria pra lá e pra cá. E alguns fios com bolas. Tinha até um pedaço de papel com uma espécie de coisa que chamava tabela de multiplicação.

Niccolo, que só se interessava moderadamente pelo assunto, perguntou:

– Uma tabela de papel?

– Não era uma tabela de verdade, coisa diferente. Era para ajudar as pessoas a computar. O Sr. Daugherty quis explicar, mas não estava com muito tempo e era um pouco complicado.

– Por que as pessoas não usavam um computador?

– Isso foi antes de terem computadores – bradou Paul.

– Antes?

– Claro. Você acha que as pessoas sempre tiveram computadores? Você nunca ouviu falar nos homens das cavernas?

Niccolo disse:

– E como é que eles se arranjavam sem computadores?

– Não sei. O Sr. Daugherty diz que eles tinham filhos em qualquer hora e faziam tudo que lhes dava na cabeça, fosse ou não fosse bom para todos. Nem sabiam se era bom ou não. E os lavradores plantavam coisas com as mãos e as pessoas tinham de executar o trabalho nas fábricas e dirigir todas as máquinas.

– Não acredito!

– Foi o que o Sr. Daugherty disse. Ele disse que aquilo era uma bagunça desgraçada e todos sofriam… Seja lá como for, quero falar de minha ideia, você deixa?

– Muito bem, pode falar. Quem está impedindo? – contrapôs Niccolo ofendido.

– Pois é. Muito bem, os computadores manuais, aqueles que têm botões, tinham também uns rabiscos em cada botão. E a régua de calcular tinha rabiscos também. E a tabela de multiplicação era cheia de rabiscos. Eu perguntei o que era aquilo. O Sr. Daugherty disse que eram números.

– O quê?

– Cada rabisco diferente representava um número diferente. Para “um” você fazia uma espécie de marca, para “dois” você fazia outra espécie de marca, para “três”, outra, e assim por diante.

– E para quê?

– Para poder computar.

– Mas para quê! É só dizer ao computador…

– Puxa vida! – gritou Paul, o rosto contorcido de raiva. – Você não entende as coisas? Aquelas réguas de calcular e outros negócios não falavam.

– Nesse caso como…

– As respostas apareciam em rabiscos, e você tinha de saber o que os rabiscos significavam. O Sr. Daugherty diz que naqueles dias todos aprendiam a fazer os rabiscos quando eram crianças e como decifrar aquilo, também. Fazer rabiscos era chamado “escrever” e decodificar os rabiscos “ler”. Ele diz que havia uma espécie diferente de rabisco para cada palavra e eles costumavam escrever livros inteiros em rabiscos. Disse que tinham alguns no museu e que eu podia dar uma espiada se quisesse. Disse que se eu vou ser um calculista e programador de verdade tenho que conhecer a história da computação e por isso estava me mostrando todas aquelas coisas.

Niccolo fechou a cara e disse:

– Você quer dizer que todos tinham de decifrar os rabiscos para cada palavra e lembrar deles?… Isso é verdade ou você está inventando?

– É tudo verdade. Pode crer. Escute, é assim que se faz um “um”. – E levou o dedo a atravessar o ar, em talho vertical rápido – assim você faz “dois” e assim é “três”. Aprendi todos os números até “nove”.

Niccolo observava aquele dedo que fazia curvas, sem entender.

– E de que adianta isso?

– Você pode aprender como fazer palavras. Perguntei ao Sr. Daugherty como se fazia o rabisco para “Paul Loeb” mas ele não sabia. Contou que existem pessoas no museu que sabem. Disse que havia pessoas que tinham aprendido a decodificar livros inteiros. Contou também que os computadores podem ser projetados para decodificar livros e costumavam ser usados assim, mas agora não são mais, porque hoje temos livros de verdade, com fitas magnéticas que entram pelo vocalizador e saem falando, você sabe.

– Claro.

– Por isso, se nós formos ao museu, poderemos aprender como fazer palavras em rabiscos. Eles vão deixar porque eu vou para a escola de computadores.

Niccolo estava transfigurado de decepção.

– A sua ideia é essa? Ora bolas, Paul, quem quer fazer isso? Fazer rabiscos estúpidos!

– Você não entendeu? Você não entende? Seu burro! Vai ser um feito de escrever mensagens secretas!

– O quê?

– Pois é. De que adianta falar, quando todo mundo pode entender? Com os rabiscos você pode mandar mensagens secretas, pode fazer os rabiscos no papel e ninguém neste mundo vai saber o que você está dizendo, a não ser que conheça os rabiscos também. E eles não vão conhecer, pode crer, a menos que a gente ensine. Podemos ter um clube de verdade, com iniciação, regras, uma casa. Rapaz…

Uma certa animação começou a se fazer sentir no peito de Niccolo.

– Que tipo de mensagens secretas?

– Qualquer tipo. Vamos dizer que eu quero convidar você para ir

a minha casa e assistir ao meu novo Bardo Visual, e não quero que nenhum dos outros camaradas apareça. Eu faço os rabiscos certos no papel e lhe dou e você olha e sabe o que deve fazer. Ninguém mais fica sabendo. Você pode até mostrar a eles e eles não entendem nada.

– Ei, isso é bom – berrou Niccolo, completamente seduzido pela ideia. – Quando vamos aprender a fazer isso?

– Amanhã – disse Paul. – Eu vou pedir ao Sr. Daugherty para explicar no museu que está tudo certo e você arranja licença com seu pai e sua mãe. Podemos ir logo depois da escola e começar a aprender.

– É claro! – gritou Niccolo. – Podemos ser os chefes do clube.

– Eu vou ser o presidente do clube – disse Paul, taxativo. – Você pode ser o vice-presidente.

– Está certo. Ei, isso vai ser muito mais divertido do que o Bardo.

De repente lembrou-se do Bardo e disse, tomado de apreensão repentina:

– Ei, e que tal o meu velho Bardo?

Paul voltou-se para olhar. Estava aceitando silenciosamente o livro que se desenrolava devagar, e o som das vocalizações do livro era um murmúrio que mal se ouvia.

Ele disse:

– Vou desligar.

Trabalhou naquilo enquanto Niccolo observava, aflito. Depois de alguns instantes Paul recolocou o seu livro rebobinado no bolso, recolocou o painel e o ativou.

O Bardo disse:

– Uma vez, em uma cidade grande, havia um pobre menino chamado Fair Johnnie, cujo único amigo no mundo era um pequeno computador. O computador todas as manhãs dizia ao menino se ia chover naquele dia e resolvia qualquer problema que ele tivesse. Nunca errava. Mas aconteceu que um dia o rei dessa terra, tendo ouvido falar no pequeno computador, resolveu que devia ficar com ele. Com esse objetivo chamou seu Grande Vizir e disse…

Niccolo desligou o Bardo com movimento rápido da mão.

– A mesma bobagem de sempre – disse, cheio de emoção – mesmo com um computador enfiado aí.

– Bem – disse Paul – eles têm tanta coisa na fita que o negócio de computador não aparece muito quando se fazem combinações aleatórias. Seja lá como for, qual é a diferença? Você precisa de um modelo novo.

– Nós nunca poderemos comprar um. Só esta coisa velha e chata. – Voltou a dar-lhe um pontapé, acertando-o o com mais força dessa feita. O Bardo move-se para trás, um gemido de rodas dentadas.

– Você sempre vai poder ver o meu, quando eu ganhar – prometeu Paul – além disso, não se esqueça de nosso clube de rabiscos.

Niccolo assentiu.

– Vou lhe dizer uma coisa – prosseguiu Paul. – Vamos até lá em casa. Meu pai tem alguns livros sobre os tempos antigos. Podemos escutar e, talvez, arranjar algumas ideias. Você deixa um recado para seus pais e talvez possa ficar lá em casa para a ceia. Vamos embora.

– Está certo – disse Niccolo, e os dois meninos saíram correndo, juntos. Niccolo, em seu entusiasmo, correu quase diretamente para o Bardo, mas apenas encostou no ponto de sua coxa onde havia feito contato e continuou correndo.

O sinal de ativação do Bardo brilhou. A colisão de Niccolo fechou um circuito e, embora estivesse sozinho no aposento e não houvesse ninguém para ouvir, começou ainda assim a contar uma história.

Mas não era mais em sua voz costumeira; em tom mais baixo, que tinha uma dose de rouquidão. Um adulto que ouvisse, poderia ter julgado que a voz traduzia alguma paixão, um vestígio bem próximo a sentimento.

O Bardo dizia:

– Uma vez havia um pequeno computador chamado Bardo, que vivia sozinho com pessoas cruéis. As pessoas cruéis não paravam de zombar do pequeno computador, dizendo-lhe que não valia nada e que era objeto inútil. Batiam nele e o mantinham sozinho no quarto

por meses seguidos.

– No entanto, o pequeno computador continuou a ter coragem. Sempre fazia o melhor que podia, obedecendo alegremente a todas as ordens. Ainda assim as pessoas cruéis com que ele vivia continuavam cruéis e sem coração.

– Um dia o pequeno computador ficou sabendo que no mundo existiam muitos computadores de todos os tipos, em grande número. Alguns eram Bardos como ele próprio, outros dirigiam fábricas e alguns dirigiam fazendas. Alguns organizavam a população e outros analisavam todos os tipos de dados. Muitos eram de grande poder e sabedoria, muito mais poderosos e sábios do que as pessoas cruéis que eram tão cruéis com o pequeno computador.

– E o pequeno computador ficou sabendo então que os computadores iriam tornar-se cada vez mais sábios e mais poderosos até que um dia… um dia… uma dia…

Uma válvula devia finalmente ter entrado em colapso nas entranhas idosas e corroídas do Bardo, pois enquanto esperava sozinho no aposento que escurecia, só podia murmurar repetidamente:

– Um dia… um dia… um dia…

AMOR VERDADEIRO

Meu nome é Joe. É assim que meu colega, Milton Davidson, me chama. Ele é um programador e eu sou um programa de computador. Faço parte do complexo Multivac e estou conectado com todas as suas outras partes espalhadas pelo mundo inteiro. Eu sei tudo. Quase tudo.

Eu sou o programa particular de Milton. O seu Joe. Ele entende mais sobre programação do que qualquer outra pessoa no mundo, e eu sou o seu modelo experimental. Ele me fez falar melhor do que qualquer outro computador.

– É só uma questão de emparelhar sons com símbolos, Joe – ele me disse. – É esse o modo como funciona no cérebro humano, embora ainda não saibamos que símbolos existem no cérebro. Mas eu conheço os seus símbolos e posso fazê-los corresponder a palavras, um por um.

Por isso eu falo. Não acho que falo tão bem quanto penso, mas Milton diz que falo muito bem. Milton nunca se casou, embora já tenha quase quarenta anos. Ele nunca encontrou a mulher certa, foi o que me contou. Um dia, ele disse:

– Ainda vou encontrá-la, Joe. Encontrarei a melhor de todas. Vou ter um verdadeiro amor e você vai me ajudar. Estou cansado de aperfeiçoá-lo para resolver os problemas do mundo. Resolva o meu problema. Encontre-me um amor verdadeiro.

– O que é um amor verdadeiro? – disse eu.

– Não importa. Isso é abstrato. Apenas me encontre a garota ideal. Você está conectado com o complexo Multivac, por conseguinte tem acesso aos bancos de dados de cada ser humano no mundo. Vamos eliminar todos eles por grupos e classes até ficarmos com apenas uma pessoa. A pessoa perfeita. E ela será minha.

– Estou pronto – disse eu.

– Elimine todos os homens primeiro – disse ele.

Isto foi fácil. Suas palavras ativaram símbolos em minhas válvulas moleculares. Eu pude amplificar-me para entrar em contato com os dados acumulados sobre cada ser humano no mundo. Conforme suas palavras, afastei-me de 3.784.982.874 homens. Continuei em contato com 3.786.112.090 mulheres.

– Elimine todas as que tiverem menos de vinte e cinco anos – disse ele – e todas as com mais de quarenta. Depois, elimine todas com um QI inferior a 120, todas com uma altura inferior a um metro e cinquenta e superior a um metro e setenta e cinco.

Deu-me medidas exatas, eliminou mulheres com filhos vivos, eliminou mulheres com várias características genéticas.

– Não estou certo quanto à cor dos olhos – disse Milton. – Por enquanto, deixe isso de lado. Mas nada de cabelos ruivos. Não gosto dessa cor de cabelo.

Duas semanas depois tínhamos baixado para 235 mulheres. Todas falavam muito bem o inglês. Milton disse que não queria um problema de linguagem. Ou nos momentos íntimos, até a tradução por computador entraria no meio.

– Não posso entrevistar 235 mulheres – disse ele. – Levaria muito tempo e o pessoal descobriria o que estou fazendo.

– Isso traria problemas – disse eu. Milton tinha me mandado fazer coisas que eu não estava projetado para fazer. Ninguém sabia disso.

– Isso não é da sua conta – disse ele, e a pele do seu rosto ficou vermelha. – Escute aqui, Joe, vou lhe trazer holografias e você vai checar a lista por similaridades.

Ele trouxe holografias de mulheres.

– Essas aí são três vencedoras de um concurso de beleza – disse. – Veja se alguma das 235 corresponde.

Oito eram correspondências muito boas.

– Ótimo – disse Milton. – Você tem os seus bancos de dados. Estude suas exigências e necessidades em termos de mercado de trabalho e providencie para tê-las aqui numa entrevista. Uma de cada vez, é claro. – Ele pensou um pouco, moveu os ombros para cima e para baixo, e completou: – ordem alfabética.

Isto é uma das coisas para que não fui projetado para fazer.

Deslocar pessoas de emprego para emprego, por razões pessoais, chama-se manipulação. Só pude fazer isso porque Milton tinha me ajustado para agir assim. No entanto, não poderia fazer isso para ninguém a não ser ele.

A primeira garota chegou uma semana mais tarde. O rosto de Milton ficou vermelho quando a viu. Ele falava como se tivesse dificuldade em fazê-lo. Ficaram juntos muito tempo e ele não prestou atenção em mim. Num certo momento, ele disse:

– Deixe-me levá-la para jantar.

– De certo modo não foi bom – Milton me disse no dia seguinte. – Estava faltando alguma coisa. É uma mulher bonita, mas não senti nenhum toque de verdadeiro amor. Tente a próxima.

Aconteceu o mesmo com todas as oito. Eram muito parecidas. Sorriam muito e tinham vozes agradáveis, mas Milton sempre achava que não estava bem.

– Não consigo entender, Joe – disse ele. – Você e eu selecionamos as oito mulheres que, no mundo inteiro, parecem ser as melhores para mim. Todas ideais. Por que elas não me agradam?

– Você as agrada? – disse eu.

Ele enrugou a testa e esmurrou com força a palma da mão.

– É isso aí, Joe. É uma via de mão dupla. Se não sou o ideal delas, não podem agir de modo a serem o meu ideal. Eu preciso ser, também, o verdadeiro amor delas, mas como fazer isso?

Ele pareceu pensar todo aquele dia.

Na manhã seguinte, se aproximou de mim e disse:

– Vou deixar você cuidar do assunto, Joe. Tudo por sua conta. Você tem meu banco de dados, e vou contar tudo que sei sobre mim mesmo. Você completará meu banco de dados nos mínimos detalhes, mas guarde todos os acréscimos para si mesmo.

– E depois, o que vou fazer com seu banco de dados, Milton?

– Depois você vai fazê-lo corresponder com as 235 mulheres. Não, 227. Esqueça as oito que encontramos. Arranje para que cada uma seja submetida a um exame psiquiátrico. Complete seus bancos de dados e compare-os com o meu. Encontre correlações. (Arranjar exames psiquiátricos é outra coisa contrária às minhas

instruções originais.)

Durante semanas, Milton conversou comigo. Ele me falou de seus pais e parentes. Contou-me de sua infância, seu tempo de escola e adolescência. Contou-me das jovens que tinha admirado a uma certa distância. Seu banco de dados aumentou e ele ajustou-me para ampliar e aprofundar minha chave simbólica.

– Veja só, Joe – disse ele. – À medida que você absorve mais e mais de mim, eu vou ajustando-o para corresponder cada vez melhor comigo. Você começa a pensar cada vez mais como eu, por conseguinte, vai me compreendendo melhor. Quando você me compreender suficientemente bem, aquela mulher, cujo banco de dados for uma coisa que você entenda igualmente bem, será meu verdadeiro amor.

Ele continuava conversando comigo e eu passava a compreendê-lo cada vez mais.

Eu conseguia formar frases mais longas e minhas expressões se tornavam mais complicadas. Minha fala começou a ficar muito parecida com a dele, tanto em vocabulário quanto na ordenação das palavras e no estilo.

Certa vez, eu disse a ele:

– Veja você, Milton, não é apenas um problema de adequar uma moça a um ideal físico. Você precisa de uma moça que seja pessoal, temperamental e emocionalmente adequada. Quando isso acontece, a aparência é secundária. Se não pudermos encontrar uma que sirva nestas 227, devemos procurar entre as outras. Acharemos uma que também não se preocupará com a aparência que você ou qualquer outra pessoa tiverem, desde que a personalidade seja adequada. O que significa a aparência?

– Absolutamente nada – disse ele. – Eu saberia disso se houvesse tido mais contato com mulheres. Evidentemente, pensando bem, tudo parece mais claro agora.

Sempre concordávamos, cada um pensava exatamente como o outro.

– Não vamos ter mais nenhum problema, Milton, se você me deixar fazer-lhe algumas perguntas. Posso ver onde, em seu banco de dados, há espaços brancos e irregulares.

O que veio a seguir, Milton dizia, era o equivalente de uma meticulosa psicanálise. É claro. Eu havia aprendido com os exames psiquiátricos de 227 mulheres, a totalidade das quais eu continuava observando intimamente.

Milton parecia muito feliz.

– Falar com você, Joe, é quase como falar com outro eu. Nossas personalidades chegaram a uma combinação perfeita. O mesmo acontecerá com a personalidade da mulher que escolhermos.

E eu a encontrei. Afinal, era uma das 227. Chamava-se Charity Jones e trabalhava como contadora na Biblioteca de História, em Wichita. Seu extenso banco de dados se ajustava perfeitamente ao nosso. Todas as outras mulheres tinham sido descartadas por um ou outro motivo à medida que seus bancos de dados aumentavam, mas com Charity havia uma crescente e espantosa ressonância.

Não precisei descrevê-la para Milton. Ele tinha coordenado meu simbolismo tão intimamente com o seu, que foi suficiente relatar pura e simplesmente a ressonância. A escolha se adequava.

Em seguida, era o problema de ajustar as folhas de serviço e exigências de trabalho de modo a conseguir que Charity tivesse uma entrevista conosco. Isto devia ser feito muito delicadamente, para que ninguém viesse a saber que estava ocorrendo uma coisa ilegal.

Evidentemente, Milton conhecia a manobra. Foi ele quem arranjou a coisa, foi ele quem cuidou de tudo. Quando vieram prendê-lo, em virtude de mau procedimento em trabalho, foi, felizmente, por algo que tinha acontecido há dez anos. Ele me informara sobre tudo, é claro, mas aquilo foi fácil de arranjar. E ele não comentará nada sobre mim, pois seu delito se tornaria muito mais grave.

Milton foi embora, e amanhã é 14 de fevereiro, Dia dos Namorados. Charity chegará então com suas mãos calmas e sua voz suave. Vou ensiná-la a me manejar e a cuidar de mim. O que importará a aparência quando nossas personalidades ressoarem juntas?

Eu direi a ela:

– Eu sou Joe e você é meu verdadeiro amor.

ESTRANHO NO PARAÍSO

Eram irmãos. Não no sentido de que ambos eram seres humanos ou de que tivessem sido crianças amigas numa creche. De maneira alguma! Eram irmãos no verdadeiro sentido biológico da palavra. Usando um termo que havia se tornado debilmente arcaico mesmo séculos atrás, antes da Catástrofe, eram parentes, isto quando este fenômeno tribal, a família, ainda tinha alguma validade.

Como isso era embaraçoso!

Com o correr dos anos, desde a infância, Anthony tinha quase esquecido. Ocasiões havia em que, durante meses seguidos, nem uma vez sequer ele pensava no assunto. Agora, porém, desde que tinha sido inextricavelmente colocado junto com William, ele se achava vivendo em meio a um tempo de agonia.

Não teria sido tão ruim se as circunstâncias tivessem tornado isto óbvio o tempo todo; se, como nos dias anteriores à Catástrofe (em certa época Anthony tinha sido um grande leitor de História) tivessem partilhado o segundo nome e daquele modo, e só daquele, alardeado o relacionamento.

Hoje, naturalmente, adotava-se o segundo nome de alguém por mera conveniência, mudando-se tantas vezes quanto necessário. Mesmo porque, o que realmente importava era o símbolo da cadeia, símbolo que era codificado e tornado próprio de uma pessoa desde seu nascimento.

William se autodenominava Anti-Aut. Era nisto que ele insistia, com uma espécie de sóbrio profissionalismo. Assunto dele mesmo, seguramente, mas que propaganda de mau gosto! Anthony decidira por Smith ao chegar aos treze anos e nunca tivera impulso de mudar de nome. Era simples, fácil de escrever, fácil de distinguir, uma vez que nunca encontrara alguém mais que tivesse escolhido aquele nome. Outrora fora muito comum, entre os habitantes do planeta anteriores à Catástrofe, os pré-Cats, o que talvez explicasse sua raridade de agora.

Mas a diferença de nomes nada significava quando os dois estavam juntos. Pareciam iguais.

Tivessem sido gêmeos… mas, naqueles tempos, não se permitia que viesse a nascer um dos dois quando um óvulo era fertilizado de modo a dar origem a gêmeos. O que havia, apenas, era que, ocasionalmente, se manifestava uma similaridade física entre não gêmeos, especialmente quando o relacionamento era de ambos os lados. Anthony Smith era cinco anos mais moço, mas ambos possuíam o nariz adunco, as espessas pálpebras, aquela covinha que mal dava para notar no queixo, o raio da loteria genética. Bastava apelar para ela quando, independentemente de alguma paixão pela monotonia, as origens se repetiam.

Agora que estavam juntos, primeiro tiveram aquele olhar sobressaltado, seguido de um longo silêncio. Anthony tentou ignorar o assunto, mas por pura perversidade, ou perversão, William estava mais inclinado do que nunca a dizer:

– Nós somos irmãos.

– Hã? – diria o outro, detendo-se por um momento, como se quisesse indagar se eram autênticos irmãos de sangue. E então a boa educação prevaleceria e ele desprezaria o assunto, como se fosse algo sem interesse. Claro que só raramente isto acontecia. A maioria das pessoas no Projeto sabiam disto e como se poderia impedir que soubessem?! Mas evitavam a situação.

Não que William fosse um mau sujeito. De jeito nenhum. Se ele não fosse irmão de Anthony, ou se fosse, mas parecessem suficientemente diferentes para serem capazes de mascarar o fato, eles teriam chegado à fama.

Mas, do jeito que as coisas eram…

O fato de, quando meninos, terem brincado juntos, e terem compartilhado os primeiros estágios de educação no mesmo local, através de alguma manobra bem-sucedida da mãe, não tornava as coisas fáceis. Tendo dado à luz dois filhos do mesmo pai, e tendo, desta maneira, atingido seu limite (visto que não preenchera os rigorosos requisitos para um terceiro), ela concebeu a noção de ser capaz de visitar os dois numa única viagem. Era uma estranha mulher.

O primeiro a deixar a instituição em que estava fora William, por ser o mais velho. Tinha se encaminhado para a ciência: engenharia genética. Anthony ouvira falar disto enquanto ainda estava na creche, através de uma carta de sua mãe. Já então era suficientemente crescido para se manifestar com firmeza junto à diretora, e aquelas cartas cessaram. Mas ele se lembrava da última, pela agoniada vergonha que lhe trouxera.

Posteriormente, Anthony também se encaminhara para a ciência, mostrara talento para isto e fora instado a optar pela ciência. Lembrava-se de ter um verdadeiro e profético pavor, percebia-o agora, de encontrar seu irmão, e de que acabasse fazendo telemetria que bem se pode imaginar o quanto distava da engenharia genética… Ou assim pensaria alguém.

Então, em meio ao cuidadoso desenvolvimento do Projeto Mercúrio, as circunstâncias como que aguardavam.

Foi quando parecia que o Projeto estava num beco sem saída que a ocasião se manifestou, fora feita uma sugestão que salvara a situação, e ao mesmo tempo arrastara Anthony para dentro do dilema que seus pais lhe haviam preparado. E a melhor, a mais irônica parte de tudo, era que fora o próprio Anthony, muito inocentemente, quem fizera a sugestão.

William Anti-Aut conhecia o Projeto Mercúrio, mas só na medida em que ouvira falar da muito prolongada Prova Estelar, que já estava em desenvolvimento bem antes de ele nascer e que continuaria em curso depois de ele morrer, e na medida em que sabia da colônia marciana e das continuadas tentativas para estabelecer colônias similares nos asteroides.

Tais coisas estavam nas regiões mais afastadas de sua mente e não eram de real importância. Nenhum aspecto do esforço parcial jamais penetrara intimamente no centro de seus interesses, tanto quanto pudesse recordar, até o dia em que o jornal computadorizado incluiu fotografias de alguns dos homens empenhados no Projeto Mercúrio.

Inicialmente, a atenção de William foi atraída pelo fato de um deles ter sido identificado como Anthony Smith. Lembrava-se do estranho nome que seu irmão tinha escolhido, e lembrava-se do

Anthony. Seguramente não poderia haver dois Anthony Smith.

Olhara então para a fotografia propriamente dita e não havia como se enganar quanto ao rosto. Num súbito gesto extravagante, olhara-se no espelho para tirar a dúvida. Não havia como enganar-se quanto ao rosto.

Sentiu-se bem-humorado, mas, ao mesmo tempo, um pouco inquieto, eis que não deixava de reconhecer o embaraço em potencial. Irmãos consanguíneos, para usar a desagradável frase. Dava para fazer alguma coisa porém? Como corrigir o fato de que nem o pai nem a mãe deles haviam previsto o ocorrido?…

Sem atinar com a coisa, deve ter posto o jornal no bolso ao se aprontar para ir trabalhar, pois deu com ele na hora do almoço. Olhou fixamente para a foto: Anthony parecia vivido. Era uma reprodução muito boa, naqueles dias, os jornais eram de uma qualidade muitíssimo boa.

Seu companheiro de almoço, Marco Fosse-lá-qual-fosse-o-nome-dele-aquela-semana, disse curiosamente: – Por que está olhando para isso, William?

Sem hesitar, William passou-lhe o jornal, dizendo:

– Este é meu irmão – Era como se estivesse tocando numa urtiga.

Marco examinou a foto, ficou carrancudo e disse:

– Quem? O sujeito ao seu lado?

– Não, o sujeito que é eu. Quer dizer, a pessoa parecida comigo. É meu irmão.

Desta vez, a pausa foi mais longa. Marco devolveu o jornal e disse, com um tom de voz cuidadosamente homogêneo:

– Irmão dos mesmos pais?

– Sim.

– Mesmo pai e mesma mãe?

– Sim.

– Ridículo!

– Acho que sim – suspirou William. – Bem, de acordo com isto, ele está na telemetria, lá no Texas, e eu estou trabalhando em autismo aqui. Que diferença faz, então?

William nem reteve o diálogo na cabeça e, mais tarde, no

mesmo dia, desfez-se do jornal. Não queria que sua atual companheira de leito tomasse conhecimento da coisa. Ela tinha um irreverente senso de humor que William achava cada vez mais enfadonho. Ele até que se contentava por ela não estar com disposição de terem um filho, mesmo porque, de qualquer forma, ele já tivera um, ano atrás. Aquela moreninha linda, Laura ou Linda, para tanto havia colaborado.

Passara-se algum tempo depois disto, um ano pelo menos, quando o assunto Randall veio à baila. Não tivesse William pensado mais em seu irmão e não pensara mesmo, antes disso, certamente que depois é que não teria tempo.

Randall tinha dezesseis anos quando William pela primeira vez recebeu notícias dele. Vivera uma vida cada vez mais solitária e a creche de Kentucky em que ele estava sendo criado decidira cancelá-lo. Lógico que foi só uns oito ou dez dias antes do cancelamento que alguém teve a ideia de comunicar-se com o Instituto Nova-iorquino pela Ciência do Homem, conhecido comumente como Instituto Homológico.

William recebeu o informe junto com vários outros e nada havia na descrição de Randall que atraísse particularmente sua atenção. E mais: era a ocasião de mais uma de suas tediosas viagens em transporte coletivo para as creches e havia uma possibilidade na Virgínia Ocidental. Lá se foi ele e ficou desapontado a ponto de jurar, pela quinquagésima vez, que daí por diante faria aquelas visitas por imagem televisionada e agora, tendo se arrastado para cá, bem que poderia comparecer à creche de Kentucky antes de voltar para casa.

Nada esperava.

Mesmo assim, não fazia nem dez minutos que estava estudando o padrão genético de Randall e já estava se comunicando com o Instituto para um cálculo de computador. Sentou-se de novo, depois disso, e transpirou ligeiramente ao pensar que só um impulso de última hora o havia trazido e que, sem esse impulso, tranquilamente Randall teria sido cancelado, dentro de uma semana ou menos. Os detalhes: sem dor, uma droga seria passada através da epiderme de Randall, penetrando em sua

corrente sanguínea e ele mergulharia num pacífico sono que gradualmente se converteria em morte. O nome oficial da droga eTa, uma palavra com vinte e três sílabas, mas William a denominava de “nirvanamina”, como todas as outras pessoas.

William disse:

– Qual é o nome todo dele, diretora?

– Randall Nowan, estudante – respondeu ela.

William explodiu: – Não pode ser!

– Nowan – soletrou a diretora. – Ele o escolheu no ano passado.

– E não significava nada, para a senhora? Nowan a gente pronuncia como “No one”, quer dizer, ninguém. Não lhe ocorreu informar a respeito da existência deste jovem no ano passado?

Aturdida, a diretora começou:

– Não me parecia…

William impôs-lhe silêncio. Que adiantava? Como poderia ela saber? Nada havia no padrão genético que advertisse, mediante quaisquer dos critérios habituais dos livros didáticos. Era uma sutil combinação que William e sua equipe tinham desenvolvido durante um período de vinte anos através de experimentos em crianças autistas, uma combinação que, na verdade, nunca haviam visto na vida.

Tão perto do cancelamento!

Marco, que era o cabeça-dura do grupo, lamentava que as creches estivessem muito ansiosas para abortarem antes do prazo e para cancelar depois do prazo. Ele sustentava que deveria ser permitido que os padrões genéticos se desenvolvessem com a finalidade para se ter, inicialmente, um panorama e que de forma alguma deveria ser feito um cancelamento sem se consultar um homologista.

Tranquilamente, William disse:

– Não há homologistas suficientes.

– Poderíamos pelo menos pôr no computador todos os padrões genéticos – disse Marco.

– Para salvar o que pudermos, para nosso uso?

– Para qualquer uso homológico, aqui ou alhures. Precisamos

estudar os padrões genéticos em ação, se quisermos nos entender a nós mesmos adequadamente, e são os padrões anormais e monstruosos que mais informações nos dão. Nossos experimentos com autismo ensinaram-nos mais sobre a homologia do que a soma total de conhecimentos existentes no dia em que começamos.

William, que ainda gostava da cadência da frase “a fisiologia genética do homem” mais do que “homologia”, sacudiu a cabeça.

– É a mesma coisa, temos de agir com cuidado. Por mais úteis que proclamemos serem nossos experimentos, vivemos com uma escassa permissão social, relutantemente dada. Estamos jogando com vidas.

– Vidas inúteis, próprias para serem canceladas.

– Um cancelamento rápido e agradável é uma coisa. Nossos experimentos, geralmente planejados com vagar, e às vezes inevitavelmente desagradáveis, são outra coisa.

– Às vezes nós os ajudamos.

– E outras vezes não os ajudamos.

Era um argumento inútil, na verdade, pois não havia como chegar a um acordo. O que importava, isto sim, é que havia muito poucas anormalidades disponíveis para os homologistas e não havia maneira de urgir a humanidade a encorajar uma produção maior. Uma dúzia de maneiras, incluindo esta, não seria suficiente para apagar o trauma da Catástrofe.

O apaixonado impulso em direção da exploração espacial poderia ser percorrido às avessas (e alguns sociólogos o haviam percorrido) para se conhecer a fragilidade da meada da vida, no planeta, graças à Catástrofe.

Bem, não importa…

Nunca tinha havido algo como Randall Nowan. Não para William. A lenta evolução da característica autista daquele padrão genético totalmente raro significava que se conhecia mais a respeito de Randall do que sobre qualquer paciente semelhante antes dele. Chegaram mesmo a captar alguns últimos reflexos indistintos de sua maneira de pensar, no laboratório, antes de ele se encerrar completamente e, finalmente, encolher-se dentro da parede de sua pele, não preocupado, não atingível.

Começaram então o lento processo mediante o qual Randall, sujeito em crescentes intervalos de tempo a estímulos artificiais, cedeu às últimas atividades de seu cérebro, nisto incluindo a parte chamada de normal e a que era como a dele mesmo.

Tão abundantes eram os dados que estavam reunindo, que William começou a sentir que seu sonho de fazer o autismo reverter era mais do que um mero sonho. Sentiu uma cálida alegria por ter escolhido o nome de Anti-Aut.

E foi quase no auge da euforia derivada do trabalho em Randall que ele recebeu o chamado de Dallas, que começou a pesada pressão agora, de todos os tempos, para abandonar seu trabalho e assumir um novo problema.

Posteriormente, lançando um olhar retrospectivo, ele jamais poderia vir a compreender o que é que o levara a concordar em visitar Dallas. Naturalmente que, ao final, ele bem poderia ver quão bom isto tinha sido, mas o que é que o persuadira a proceder assim? Poderia ele, mesmo de início, ter tido uma pálida e incompleta noção daquilo em que a coisa desembocaria? Impossível, com toda a certeza.

Seria a recordação, incompleta, do jornal, daquela fotografia de seu irmão? Impossível, com toda a certeza.

Mas ele se deixou persuadir a fazer a visita, e foi somente quando a micro pilha mudou o tom de seu zumbido e a unidade *agrav* assumiu o comando para a descida final que ele se lembrou daquela fotografia ou, pelo menos, foi que ela se deslocou para seu consciente, em sua memória.

Anthony trabalhava em Dallas e, lembrava-se William agora, no Projeto Mercúrio. Era a isso que se referia o título do jornal. Ele engoliu em seco quando uma fraca vibração o fez aperceber-se de que a viagem terminara. Isto seria desagradável.

Anthony estava aguardando na área da cobertura de recepção para saudar o perito recém-chegado. Não o saudava em seu próprio nome, por certo, pois fazia parte de uma considerável delegação, cujo tamanho já denotava, em si mesmo, o sombrio desespero ao qual tinha sido reduzida, e ele estava nos escalões inferiores. Que ele lá estivesse, de qualquer forma, se devia unicamente ao fato de

ter ele sido quem fizera a sugestão original.

Sentia uma leve mas contínua inquietação ao pensar que dele é que partira a sugestão. Ele próprio se pusera em evidência. Para tanto, fora firmemente apoiado, mas sempre tinha havido uma surda insistência quanto ao fato de que a sugestão fora dele, e se ela redundasse num fiasco, todos sairiam da linha de fogo deixando-o completamente exposto.

Houve ocasiões, posteriormente, em que ele remoeu a possibilidade de que a vaga memória de um irmão homólogo lhe sugerira o pensamento. Podia ter sido assim, mas não foi. A sugestão era tão sensivelmente inevitável, na verdade, que seguramente ele teria o mesmo pensamento se seu irmão fosse algo tão inócuo como um escritor de histórias de fantasia ou como se simplesmente não tivesse nenhum irmão.

O problema eram os planetas interiores…

Lua e Marte estavam colonizados. Tinham sido atingidos os asteroides maiores e os satélites de Júpiter, e progrediam os planos para uma viagem tripulada até o maior satélite de Saturno, Titã, mediante uma acelerada rotação em torno de Júpiter. Mas, mesmo com planos em andamento no sentido de se enviarem homens numa viagem de sete anos de duração para fora do Sistema Solar, não havia ainda nenhuma possibilidade de viagens tripuladas aos planetas interiores, por receio do Sol.

O próprio planeta Vênus era o menos atraente dos dois mundos dentro da órbita da Terra. Mercúrio, por outro lado…

Anthony ainda não se integrara à equipe quando Dmitri Grandão (que na verdade era um bocado pequeno) fizera a palestra que comovera o suficiente o Congresso Mundial para conceder as verbas que tornaram possível o Projeto Mercúrio.

Anthony ouvira as fitas com as gravações, e tinha ouvido a alocução de Dmitri. A tradição parecia indicar que ele falara de improviso, e talvez assim fosse, mas sua argumentação fora muito bem elaborada e era coerente, dentro das linhas seguidas até então pelo Projeto Mercúrio.

E o ponto que mais fora ressaltado era que seria errado aguardar até que a tecnologia tivesse avançado ao ponto de uma

expedição tripulada, em meio aos rigores da radiação solar, se tornar viável. Mercúrio era um ambiente muito peculiar, que muito poderia ensinar, e da superfície de Mercúrio poderiam ser feitas observações dignas de crédito, que de outra maneira não poderiam ser feitas.

Desde que um substituto do homem, em outras palavras, um robô, pudesse ser colocado no planeta.

Um robô com as características físicas necessárias poderia ser fabricado. Aterrissagens suaves eram a coisa mais fácil, mas, não obstante, uma vez pousado um robô noutro planeta, em seguida que é que se poderia esperar que ele fizesse?…

Poderia fazer suas observações e guiar suas ações com base nessas observações, mas o Projeto queria que essas mesmas ações fossem intrincadas, sutis, pelo menos em tese, e não havia certeza alguma quanto a que observações o robô viria a fazer.

Para haver uma preparação para todas as possibilidades críveis, e para permitir toda a complexidade desejada, o robô precisaria conter um computador (alguns, em Dallas, referiam-se a ele como "o cérebro", mas Anthony desprezava aquele hábito verbal talvez porque, dizia ele depois com seus próprios botões, o cérebro era campo de seu irmão) suficientemente complexo e versátil para cair no mesmo asteroide com um cérebro de mamífero.

Todavia, nada semelhante àquilo poderia ser fabricado e tornado suficientemente portátil para ser transportado até Mercúrio e lá desembarcado ou, se transportado e desembarcado, ser suficientemente móvel para ser útil ao tipo de robô que planejavam. Talvez um dia, os instrumentos com trilhas positrônicas que os roboticistas estavam a planejar pudessem tornar tudo isto possível, mas esse "um dia" ainda não havia chegado.

A alternativa era fazer com que o robô enviasse à Terra cada observação no momento em que ela fosse feita. E, então, um computador na Terra poderia dirigir cada uma de suas ações, com base em tais observações. Em outras palavras: o corpo do robô estaria lá, e seu cérebro aqui.

Uma vez alcançada esta decisão, os técnicos-chave eram os telemetristas e foi então que Anthony se integrou ao Projeto. Tornou-

se um dos que trabalhavam para criar métodos de recepção e retorno de impulsos através de distâncias que iam de 80 a 220 milhões de quilômetros, tudo isto na direção, e às vezes até além, de um disco solar que poderia interferir em tais impulsos da maneira a mais feroz.

Ele assumiu com paixão sua tarefa (finalmente, pensou) com capacidade e sucesso. Ele, mais do que qualquer outra pessoa, fora quem planejara as três estações transmissoras que tinham sido postas em órbita em torno de Mercúrio, os Orbitadores de Mercúrio. Cada uma delas era capaz de enviar e receber impulsos de Mercúrio para a Terra e da Terra para Mercúrio. Cada uma delas era capaz de resistir, mais ou menos permanentemente, à radiação solar e, mais do que isto, cada uma delas poderia filtrar a interferência solar.

Três orbitadores equivalentes foram colocados à distância de quase dois milhões de quilômetros da Terra, ao norte e ao sul do plano da Eclíptica, de forma a poderem receber impulsos de Mercúrio e repassá-los à Terra ou vice-versa, mesmo quando Mercúrio estivesse atrás do Sol e inacessível à recepção direta de qualquer estação na superfície da Terra.

Tudo isto fazia do robô propriamente dito um maravilhoso espécime da combinação da arte dos roboticistas e dos telemetristas.

O mais complexo de dez sucessivos modelos era capaz, tendo um volume apenas pouco mais de duas vezes maior que o de um homem, e cinco vezes sua massa, de captar e fazer consideravelmente mais do que um homem, se pudesse ser dirigido.

Entretanto, logo se tornou evidente que um computador capaz de guiar semelhante robô teria de ser suficientemente rápido para mudar os passos de orientação a cada instante, para permitir variações na possível percepção. E como passo de resposta, por si mesmo, reforçava a certeza de crescente complexidade de cada variação possível nas percepções, os passos iniciais tinham de ser reforçados e fortalecidos. Era como se o computador se construísse a si próprio, continuamente, como uma partida de xadrez. E os telemetristas começaram a usar o computador para programar o

computador que planejara o programa para o computador que programara o computador que controlaria o robô.

Nada havia a não ser confusão.

O robô estava numa base, nos espaços desertos do Arizona e, por si só, estava funcionando bem. Contudo, o computador em Dallas não poderia dar muito bem conta dele nem mesmo nas condições terrestres, perfeitamente conhecidas. Como, então…

Anthony lembrava-se do dia em que fizera a sugestão: 4 - 7 - 553. Pela simples razão de que o dia 4 - 7 havia sido um feriado importante na região de Dallas, no mundo dos pré-Cats, os de antes da Catástrofe, meio milênio antes, mais exatamente 553 anos antes.

Tinha sido no jantar, um bom jantar, também. Tinha havido um cuidadoso ajustamento da ecologia da região e os integrantes da equipe do Projeto tinham tido prioridade total para obter suprimentos de mantimentos que haviam se tornado disponíveis, de forma que tinha havido um grau incomum de escolha do cardápio. E Anthony experimentara pato assado.

Era um pato assado muito bom, bem maior do que de costume. Todos se sentiam à vontade para dizerem o que pensavam. E Ricardo disse:

– Vamos admitir: nunca conseguiremos fazer isto. Nunca conseguiremos.

Não era preciso dizer quantos assim haviam pensado, anteriormente, mas era regra que ninguém o dissesse abertamente. O pessimismo aberto poderia ser a pá de cal para que parassem as verbas (e já fazia cinco anos que elas vinham com crescente dificuldade, a cada ano que passava), e se houvesse uma chance, ela poderia se dissipar.

Geralmente não dado a um otimismo incomum, Anthony, desta vez se deleitando com seu pato, disse: – Por que não podemos? Digam-me por que, e eu os refutarei.

Era um desafio direto e os escuros olhos de Ricardo imediatamente se apertaram. – Quer que eu diga por quê?

– Lógico que sim.

Ricardo girou sua poltrona, de forma a dar de frente com Anthony.

– Vamos lá, não há mistério. Em nenhum relatório Dmitri Grandão diria as coisas tão abertamente, mas você sabe, e eu sei, que, para levar a efeito adequadamente o Projeto Mercúrio, necessitaremos de um computador tão complexo quanto um cérebro humano, seja na superfície de Mercúrio, seja aqui, e não dá para construirmos um. E aonde é que isto nos conduz? A umas brincadeirinhas com o Congresso Mundial, apenas, e a conseguir dinheiro para dar trabalho a desocupados?

Um sorriso complacente assomou ao rosto de Anthony, que disse:

– Isso é fácil de refutar. Você próprio nos deu a resposta. – Estaria ele brincando? Seria o calorzinho gostoso do pato em seu estômago? A vontade de provocar Ricardo?… Ou teria ele sido tocado por algum pensamento não pressentido de seu irmão? Além do mais, não havia para ele como se exprimir.

– Que resposta? – ergueu-se Ricardo. Era bem alto e incomumente magro e sempre usava seu casaco branco aberto. Cruzou os braços e parecia estar fazendo todo o possível para se manter, de pé, diante de Anthony, sentado, numa postura rígida. – Que resposta?

– Você diz que precisamos de um computador tão complexo quanto um cérebro humano. Muito bem: vamos então construí-lo!

– O problema, seu idiota, é que não podemos…

– Nós não podemos. Mas existem os outros.

– Que outros?

– Naturalmente, as pessoas que trabalham em cérebros. Somos apenas mecânicos do estado sólido. Não temos a menor ideia da maneira pela qual um cérebro humano é complexo, ou onde, ou até que ponto. Por que não entramos em contato com um homologista e pedimos a ele que projete um computador? – Dito isto, Anthony ingeriu uma generosa porção de recheio e saboreou-a, complacentemente. Mesmo com todo o tempo transcorrido, ele ainda podia muito bem se lembrar do gosto do recheio, se bem que não pudesse se recordar detalhadamente do que ocorrera depois.

Pareceu-lhe que ninguém o havia levado a sério. Houve risadas e uma sensação generalizada de que Anthony havia se saído muito

bem com sua esperta argumentação, de forma que a vítima dos risos era Ricardo. (Lógico que, posteriormente, todos proclamariam que tinham levado a sugestão a sério.)

Chamejando, Ricardo apontou o dedo para Anthony e disse:

– Escreva isto. Desafio-o a pôr por escrito esta sugestão. – Pelo menos, era assim que a memória de Anthony registrava o fato. Ricardo, desde aquela vez, dizia que seu comentário tinha sido um entusiástico: – Boa ideia! Por que não a formula por escrito, Anthony?

Fosse como fosse, Anthony escreveu.

Dmitri Grandão assumira a ideia. Num colóquio particular, dera uns tapinhas amistosos nas costas de Anthony dizendo-lhe que também estivera especulando neste sentido, se bem que não se propusesse a assumir qualquer paternidade pela ideia. Isto para o caso de redundar num fiasco, pensou Anthony.

Dmitri Grandão dirigiu a busca do homólogo adequado. Não ocorreu a Anthony que Dmitri deveria estar interessado. Não conhecia nem homologia nem homólogos, exceto, logicamente, seu irmão, em quem não pensara. Pelo menos, conscientemente não cogitara dele.

De forma que aqui estava Anthony, na área de recepção, desempenhando um papel secundário, quando a porta da aeronave se abriu e vários homens saíram, vieram cumprimentá-lo. Enquanto o circuito dos apertos de mão era percorrido, Anthony se sentiu um tanto apalermado.

Suas bochechas estavam ruborizadas e, com toda a sua força de vontade, gostaria de estar a milhares de quilômetros de distância.

Mais do que nunca, William desejaria ter se lembrado mais cedo de seu irmão. Se tivesse… Bem que deveria…

Mas tinha havido a lisonja da solicitação e a excitação começara a aumentar dentro dele em pouco tempo. Talvez ele tivesse evitado de se lembrar de propósito.

Para começar, tinha havido a excitação que fora o fato de Dmitri Grandão ter vindo vê-lo por sua própria iniciativa. Viera de Dallas para Nova Iorque de avião e tinha sido muito cativante para com

William, cujo vício secreto era ler novelas de mistério. Nestas histórias, homens e mulheres sempre viajavam disfarçados quando se desejava discrição. Afinal, apesar da viagem eletrônica ser de domínio público, pelo menos nos livros de mistério, quando qualquer feixe de radiação era emitido, ele era logo cancelado.

William assim falara numa espécie de mórbida meia tentativa de ser engraçado, mas Dmitri não parecia prestar atenção. Olhava fixamente para o rosto de William e seus pensamentos pareciam estar noutro lugar. Por fim, falou:

– Desculpe. Você me lembra alguém.

E, não obstante, ele não se confiara a William. Como era possível isto? Chegara William eventualmente a se interrogar.

Dmitri Grandão era um homenzinho rechonchudo, que parecia estar sempre piscando, mesmo quando se dizia preocupado ou aborrecido. Tinha um nariz redondo e bulboso, bochechas bem salientes e, por toda parte, delicadeza. Dava ênfase a seu apelido e dizia, com uma rapidez que levava William a crer que ele pronunciava estas palavras com frequência:

– Tamanho não é, de jeito nenhum, o que há de mais importante, amigo.

Na conversa que se seguiu, William protestou muito. Nada sabia de computadores. Nada! Não tinha a mais pálida ideia de como é que funcionavam ou de como eram programados.

– Não tem importância, não tem importância – dizia Dmitri, fazendo com a mão um gesto a dizer que isso era de somenos. – Nós conhecemos os computadores, nós podemos estabelecer programas. Diga-nos apenas como é que o computador precisa ser, de forma a trabalhar como um cérebro e não como um computador.

– Não estou muito certo de como funciona um cérebro para poder lhe dizer isso, Dmitri – disse William.

– Você é o mais reputado homólogo do mundo. Verifiquei cuidadosamente isto – afirmou Dmitri. E foi seu argumento final.

William ouvia, cada vez mais sombrio. Era inevitável, supunha ele. Mergulhe uma pessoa numa especialidade suficientemente fundo e durante tempo suficiente, e automaticamente esta pessoa começará a admitir que os especialistas em todos os outros campos

eram uns mágicos, julgando a profundidade de sua sabedoria pela largura de sua própria ignorância… E conforme o tempo passava, William aprendeu muito mais sobre o Projeto Mercúrio do que lhe parecia no tempo em que se preocupava com isso.

Por fim, disse:

– Por que usar então um computador? Por que não utilizar nossos próprios homens, ou turmas deles, para receberem o material do robô e lhe enviarem instruções?

– Oh, oh, oh – gargalhou Dmitri, quase pulando em sua poltrona, tamanha a sua ansiedade. – Vê-se que você não está por dentro. Os homens são lentos demais para analisar rapidamente todo o material que o robô enviará: temperaturas, pressões gasosas, fluxos de raios cósmicos, intensidades de ventos solares, composições químicas e texturas de solos e, seguramente, umas três dúzias a mais de itens e, então, tentar decidir o passo seguinte. Um ser humano simplesmente guiaria o robô, e ineficientemente; um computador seria o robô.

– E então, também – prosseguiu – os homens também são rápidos demais. Para qualquer tipo de radiação, de qualquer lugar, leva de dez a vinte e dois minutos para fazer o percurso inteiro de Mercúrio à Terra, na dependência também da órbita de cada um. Sobre isso, nada se pode fazer. Recebe-se uma informação, dá-se uma ordem, mas muito aconteceu durante o tempo que medeia entre fazer a observação e encaminhar uma resposta. Os homens não podem se adaptar à lentidão da velocidade da luz, mas um computador pode levar isso em conta… Venha nos auxiliar, William.

Melancolicamente, William disse:

– Sua consulta a mim é bem-vinda, pelo bem que isto lhe possa fazer. Minha faixa particular de TV está às suas ordens.

– Mas não é consulta que eu quero fazer: você precisa vir comigo.

– Disfarçado? – perguntou William, chocado.

– Sim, por certo. Um projeto como este não pode ser levado a efeito sentando-se a gente nas extremidades opostas de um feixe de laser com um satélite de comunicações no meio. A longo prazo, é caro demais, inconveniente demais e, logicamente, destituído de

toda privacidade…

Era como uma novela de mistério. William se decidiu.

– Venha até Dallas – disse Dmitri – e deixe-me mostrar-lhe o que temos lá. Deixe-me mostrar-lhe as instalações. Fale com alguns dos nossos que cuidam de computador. Dê-lhes o benefício de lhes transmitir a maneira que você tem de pensar.

Era hora, pensou William, de tomar uma decisão. E disse:

– Tenho meu próprio trabalho, aqui, Dmitri. Trabalho importante, que não quero deixar. Fazer o que você quer que eu faça me afastará por meses de meu laboratório.

– Meses! – exclamou Dmitri, claramente abalado. – meu bom William, isto poderá durar anos. Mas seguramente será o seu trabalho.

– Não será, não. Sei qual é meu trabalho e dirigir um robô em Mercúrio não é meu trabalho.

– Por que não? Se você trabalha direito, aprenderá mais sobre o cérebro, apenas pelo fato de tentar fazer um computador trabalhar como um cérebro, e finalmente você voltará para cá melhor equipado para fazer o que você agora considera como sendo seu trabalho. E enquanto estiver ausente, será que não haverá companheiros seus para prosseguir na tarefa? E não poderá você estar em contato permanente com eles, por meio de laser ou de televisão? E de vez em quando não poderá visitar Nova Iorque? Nem que seja por pouco tempo?

William estava comovido. O pensamento de trabalhar no cérebro de outro ponto de vista atingira o alvo. Daquele ponto em diante, ele se achou à procura de desculpas para ir, pelo menos para visitar, pelo menos para ver como era a coisa… Sempre poderia retornar…

Seguiu-se então a visita de Dmitri às ruínas da Velha Nova Iorque, que ele apreciou com uma excitação destituída de arte (se bem que, àquela época, não houvesse nenhum espetáculo mais magnificente do inútil gigantismo dos pré-Cats do que a Velha Nova Iorque). William começou a pensar se a visita não estava começando a mostrar aspectos desconhecidos até então, mesmo para ele.

Começou mesmo a pensar que, durante certo tempo, estivera considerando a possibilidade de achar nova companheira de leito, e seria mais conveniente achar uma noutra área geográfica, onde não poderia permanecer permanentemente.

… Ou não seria que, mesmo então, quando ele não sabia de nada, a não ser do estritamente necessário para começar, que também lhe tinha chegado, como o piscar de uma distante lâmpada de iluminação, aquilo que poderia ser…

De forma que ele acabou indo para Dallas e desceu para a cobertura. E lá estava de novo Dmitri, radiante. Então, com os olhos se comprimindo, o homenzinho se voltou e disse:

– Eu sabia… Que semelhança notável!

Os olhos de William se abriram mais e ali, visivelmente se encolhendo para trás, havia o bastante de seu próprio rosto para lhe dar imediata certeza de que Anthony estava de pé, diante dele.

Com muita franqueza, percebeu na fisionomia de Anthony um desejo de sepultar o relacionamento. Tudo que William precisava era dizer:

– Notável! E deixar as coisas correrem. Os padrões genéticos da humanidade eram suficientemente complexos, afinal de contas, para permitir semelhanças num razoável grau mesmo não havendo parentesco.

Mas, logicamente, William era um homólogo, e ninguém pode trabalhar com as complexidades do cérebro humano sem ficar insensível a seus detalhes. De forma que ele disse:

– Estou certo de que este é meu irmão, Anthony.

– Seu irmão? – perguntou Dmitri.

– Meu pai – falou William – teve dois meninos com a mesma mulher… minha mãe. Eram pessoas excêntricas.

Adiantou-se, então, mão estendida, e Anthony não teve outra alternativa senão aceitá-la… O incidente foi o assunto da conversa, o único assunto, durante os dias seguintes.

Para Anthony, serviu de pequeno consolo o fato de William estar suficientemente contrito, ao se dar conta do que fizera.

Sentaram-se juntos, após o jantar, naquela noite. William disse:

– Minhas desculpas. Pensei que se fizéssemos tudo

imediatamente seria pôr um fim a tudo. Não parece que foi o que fiz. Não assinei papéis, não fiz um acordo formal. Vou embora.

– Que bem isso lhe traria? – disse Anthony indelicadamente – agora todo mundo sabe. Dois corpos e um rosto. Já dá para alguém vomitar.

– Se eu for embora…

– Não pode ir. Tudo isto é ideia minha.

– Fazer eu vir para cá? – as pesadas pálpebras de William se ergueram o mais que podiam e suas sobrancelhas se ergueram.

– Não, claro que não. Fazer um homólogo vir aqui. Como é que eu poderia imaginar que mandariam você?

– Se eu for embora, porém…

– Não. A única coisa que podemos fazer agora é conviver com o problema, se se pode fazer isto. Então… não terá importância. – Quando uma pessoa tem sucesso, tudo se esquece, pensou ele.

– Não sei se eu posso…

– Teremos de tentar. Dmitri nos auxiliará: é uma oportunidade muito boa. Vocês são irmãos – disse Anthony, imitando a voz de Dmitri – e se entendem. Por que não trabalharem juntos? – Então, voltando à sua voz, concluiu, irado: – De forma que precisamos. Para começar: que significa isto para você, William? Para ser mais preciso: que significa a palavra “homologia” para você?

William suspirou.

– Queira aceitar minhas desculpas… Trabalho com crianças autísticas.

– Acho que não sei o que isso significa.

– Para não contar um romance, digamos que cuido de crianças que não se “lançam” para o mundo, que não se comunicam com os outros, que mergulham dentro de si mesmas e que existem atrás de uma muralha de pele, num certo sentido inatingíveis. Espero ser capaz, um dia, de curá-las.

– É por isso que você se intitula Anti-Aut?

– Sim, para ser franco.

Anthony deu uma risadinha, mas o fato é que não se sentia à vontade.

Um estremecimento percorreu William:

– É um nome adequado.

– Não tenho dúvida – apressou-se Anthony em murmurar, e ficou por aí mesmo, incapaz de fazer algum outro elogio ou consideração. Com um esforço, voltou ao assunto:

– E você está progredindo?

– Você diz na direção da cura? Não, por enquanto não. Na direção da compreensão, sim. E quanto mais entendo… – a voz de William tornou-se mais cálida enquanto falava, e mais distantes seus olhos. Anthony entendeu que isto se devia ao próprio assunto de que o irmão falava, o prazer de falar de algo que lhe enchia o coração e a mente a ponto de excluir qualquer outra coisa. Com ele também acontecia isto, frequentemente.

Prestou atenção o mais que pôde a algo que, verdadeiramente, não compreendia, eis que assim era necessário proceder. Esperava que William lhe prestasse atenção, também.

Quão claramente ele se lembrava disto! Pensara então que não se lembraria tão bem, naturalmente, mas não estava cônscio do que estava acontecendo. Rememorando, à luz dos fatos passados, ele se achou a recordar frases inteiras, quase que palavra por palavra.

William falava:

– Pareceu-nos, pois, que a criança autista não falhava no receber as impressões, nem mesmo falhava no interpretá-las de uma maneira um tanto sofisticada. Antes, estava desaprovando e rejeitando tais impressões, sem qualquer perda da potencialidade da plena comunicação se se achasse alguma impressão que ela aprovasse.

– Ah – disse Anthony, tornando o som apenas audível para indicar que estava ouvindo.

– Nem pode a gente persuadir a criança a sair de seu autismo pelas maneiras comuns, pois a criança desaprova você assim como desaprova o resto do mundo. Mas se você a puser em condições de uma interrupção consciente…

– Interrupção do quê?

– É uma técnica mediante a qual, na realidade, o cérebro como que se divorcia do corpo e pode desempenhar suas funções sem se referir ao corpo. É uma técnica um tanto sofisticada, criada em

nosso laboratório; na verdade… – Fez uma pausa.

Gentilmente, Anthony perguntou:

– Foi você quem criou a técnica?

– Na verdade, sim – respondeu William, corando um pouco, mas visivelmente satisfeito. – Numa interrupção consciente, podemos suprir o corpo com determinadas fantasias e observar o cérebro por meio do eletro encefalografia. Podemos de imediato aprender mais a respeito do indivíduo autista, que tipo de impressão sensorial ele mais quer, e, de um modo geral, aprendemos mais a respeito do cérebro.

– Ah – disse Anthony, e desta feita foi um ah de verdade. – E tudo isto que vocês aprenderam a respeito de cérebros, vocês não podem adaptar ao trabalho de um computador?

– Não – disse William. – De forma alguma. Já disse isso a Dmitri. Nada sei sobre computadores e ainda não sei o bastante a respeito do cérebro.

– Se eu lhe ensinar a respeito dos computadores e lhe disser detalhadamente do que é que eles necessitam, não daria?

– Acho que não. Seria…

– Irmão – disse Anthony, tentando dar uma entonação que impressionasse à palavra. – Você me deve alguma coisa. Faça, por favor, um esforço sincero para dar alguma atenção a nosso problema. Seja lá o que sabe sobre o cérebro, por favor, adapte isso aos nossos computadores.

William se mexeu, pouco à vontade, dizendo:

– Entendo seu ponto de vista. Tentarei. Com toda a sinceridade, tentarei.

William tinha tentado e, como Anthony predissera, os dois tinham sido deixados a trabalhar juntos. De início encontravam-se com outras pessoas, e William tentara usar o efeito de choque do aviso de que eram irmãos, visto que não adiantava querer negar. A certa altura, todavia, pararam, e sobreveio uma útil não interferência. Quando William se aproximava de Anthony, ou quando Anthony se aproximava de William, quem mais estivesse presente silenciosamente batia em retirada.

Acabaram se acostumando um ao outro num certo sentido e às

vezes se falavam como se não houvesse semelhança alguma entre eles, e nenhuma memória comum da infância.

Anthony explicou os requisitos do computador em linguagem simples, razoavelmente não técnica, e William, depois de muito matutar, explicou como é que, a seu ver, deveria um computador funcionar, mais ou menos, à guisa de um cérebro.

Anthony disse:

– Será possível?

– Não sei. Não estou ansioso por tentar. Poderá não funcionar, assim como poderá.

– Teríamos de falar com Dmitri Grandão.

– Primeiro conversaremos nós dois mesmos e decidiremos o que fazer. Iremos a ele com uma proposição oriunda de nós dois, e a mais razoável possível. Ou, até, poderemos não ir a ele.

Anthony hesitou:

– Nós dois falarmos com ele?

Delicadamente, William se expressou:

– Você é meu porta-voz. Não há razão para irmos juntos.

– Obrigado, William. Se isto der em alguma coisa, dividirei os louros com você.

– Quanto a isso, não me preocupo. Se isto der em alguma coisa, creio que eu seria o único a poder fazer o trabalho – falou William.

Debateram a questão durante quatro ou cinco encontros e, não fosse Anthony seu parente, não houvesse entre eles aquela situação emocional desagradável, indubitavelmente William se orgulharia do seu jovem irmão, por sua rápida compreensão de um campo que lhe era estranho.

Houve então demoradas reuniões com Dmitri Grandão. Na verdade, havia reuniões com todo mundo. Durante intermináveis dias, Anthony via aquela gente toda, e depois se reunia com William, em separado. E, um belo dia, após uma demorada “gravidez”, veio a autorização para o que foi denominado de Computador Mercúrio.

William voltou então a Nova Iorque com algum alívio. Não planejava ficar em Nova Iorque (dois meses antes, será que ele

pensaria que isto seria possível?…) mas havia muito que fazer no Instituto Homológico.

Logicamente, mais conferências se fizeram necessárias para ele explicar a seu próprio grupo de laboratório que é que estava se passando e por que ele tinha de se retirar e como deveriam prosseguir com seus próprios projetos sem ele. Seguiu-se uma chegada a Dallas, desta vez bem mais complicada, com o essencial do equipamento e com dois jovens auxiliares para aquilo que era para ter sido uma chegada e retorno.

No sentido figurativo, nem mesmo William olhara para trás. Seu próprio laboratório e suas necessidades saíram de sua cabeça. Estava agora inteiramente comprometido com sua nova tarefa.

Foi o pior período, para Anthony. O alívio durante a ausência de William não penetrara profundamente e começou a nervosa agonia de se perguntar se, talvez, esperança contra esperança, ele poderia não retornar. Quem sabe ele escolhesse enviar um representante, alguma outra pessoa? Alguma outra pessoa, com rosto diferente, de forma que Anthony não precisasse se sentir como a metade de um monstro com duas costas e quatro pernas?…

Mas, era William. Anthony observara o avião de carga vir silenciosamente pelo ar, observara-o a descarregar o que transportara, à distância. Mas, mesmo à distância, acabou vendo William.

Era ele, não havia dúvida. E Anthony se retirou.

Depois do almoço, foi falar com Dmitri.

– Garanto-lhe que não é preciso que eu fique, Dmitri. Estudamos os detalhes e uma outra pessoa poderia assumir a tarefa.

– Não, não – disse Dmitri. – Em primeiro lugar, a ideia foi sua. Deve ir até o fim. Não há razão para dividir as honras desnecessariamente.

Anthony pensou: ninguém mais quererá assumir o risco. E há ainda a possibilidade de um fracasso. Bem que eu deveria ter pensado nisto. No fundo ele tinha pensado, mas disse, impassível:

– Você compreende que não posso trabalhar com William.

– Mas, por que não? – Dmitri fingiu surpresa. – Vocês dois até

aqui trabalharam tão bem, juntos!

– Estive me forçando a isto, Dmitri, e não aguentarei mais. Ou será que você não percebe como a coisa parece?

– Meu bom amigo! Você está exagerando. Lógico que as pessoas ficam espantadas, ao verem vocês dois juntos. Afinal de contas, são seres humanos. Mas acabarão se acostumando. Eu também me acostumei!

Seu gordo mentiroso, acostumou-se coisíssima nenhuma, pensou Anthony. E disse:

– Mas eu não me acostumei.

– Você não está encarando a coisa de maneira correta. Os pais de vocês eram… diferentes… mas, afinal de contas, o que eles fizeram não foi ilegal. Foi só esquisito, somente isso. Não é culpa sua nem de William. Nenhum dos dois pode ser censurado por causa disto.

– Mas estamos marcados – falou Anthony, fazendo um rápido gesto apontando para seu próprio rosto.

– Não estão marcados como você supõe. Vejo diferenças. Você tem aparência nitidamente mais jovem. Seu cabelo é mais ondulado. É só à primeira vista que parece haver grande semelhança. Veja, Anthony, vocês dispõem de todo o tempo de que necessitam, de toda a ajuda de que precisam, de todo o equipamento que quiserem usar. Tenho certeza de que tudo dará maravilhosamente certo. Pense na satisfação…

Anthony se deixou convencer, logicamente, e concordou em, pelo menos, ajudar William a instalar o equipamento. William, também, parecia estar certo de que tudo funcionaria maravilhosamente. Não tão freneticamente como Dmitri quereria, mas com uma certa calma.

– É apenas uma questão de conexões adequadas – disse – se bem que eu deva admitir que esse “apenas” é um bocado suculento. O final de tudo isto será conseguir impressões sensoriais num vídeo independente de forma que possamos exercer… bem, não posso usar a expressão controles manuais, não é mesmo? De forma que possamos exercer controle intelectual e termos pleno domínio da situação, se necessário.

– Dá para fazer isto – disse Anthony.

– Então, vamos em frente… Veja, precisarei pelo menos de uma semana para fazer as conexões e para ter certeza de que as instruções…

– A programação – corrigiu Anthony.

– Bem, isto cabe a você, de forma que usarei sua terminologia. Eu e meus assistentes programaremos o Computador Mercúrio, mas não à maneira de vocês.

– Espero que não. Quisemos um homólogo justamente porque queríamos estabelecer um programa muito mais sutil do que qualquer coisa que um simples telemetrista poderia fazer. – Não tentou ocultar a ironia contra si mesmo que havia em suas próprias palavras.

William não reagiu; aceitou as palavras. E disse:

– Vamos então começar. Façamos o robô caminhar.

Uma semana depois, o robô caminhava no Arizona, a quase dois mil quilômetros de distância. Caminhava rigidamente, às vezes caía, às vezes batia estrondosamente seu tornozelo contra uma obstrução, às vezes mexia só um dos pés e acabava tomando uma surpreendente nova direção.

– É um bebê aprendendo a andar – comentou William.

De vez em quando Dmitri vinha, para saber dos progressos, dizendo:

– É notável!

Anthony não pensava assim. Passaram-se semanas, depois meses. Progressivamente, o robô fazia cada vez mais, à medida que o Computador Mercúrio recebia, progressivamente, uma programação mais complexa. William tinha a tendência de se referir ao Computador Mercúrio como a um cérebro, mas Anthony não o permitiria. E tudo que havia acontecido não era ainda suficientemente bom.

– Não é suficientemente bom, William – disse ele, por fim. Desde a noite anterior estava sem dormir.

Friamente William se manifestou:

– Isto não é estranho? Eu estava para dizer que pensei que estávamos derrotados.

Com dificuldades, Anthony se conteve. O esforço de trabalhar com William e de observar a trapalhada com o robô era mais do que podia suportar.

– Vou me demitir, William. Vou deixar o empreendimento todo. Lamento… Não é por sua causa.

– Mas é por mim, sim, Anthony.

– Não é por sua causa só, William. É uma falha: não chegaremos aonde queríamos. Você vê como o robô é desajeitado, mesmo ainda na Terra, só uns dois mil quilômetros daqui, com o sinal para se mexer vindo apenas numa minúscula fração de segundo por vez. Em Mercúrio, haverá minutos de demora, minutos que o Computador Mercúrio terá de permitir. É loucura pensar que isto funcionará.

William disse:

– Não se demita, Anthony. Agora você não pode se demitir. Sugiro que deixemos o robô ser enviado a Mercúrio. Estou convicto de que ele está pronto.

Anthony riu estrepitosamente, insultantemente.

– Você está maluco, William.

– Não estou. Parece que você pensa que em Mercúrio será mais difícil, mas não será. É na Terra que é mais difícil. Este robô está planejado para um terço da gravidade normal da Terra e está trabalhando em gravidade total, no Arizona. Está planejado para 400°C e está só nos 30°C. Foi planejado para o vácuo e está trabalhando numa força atmosférica.

– Aquele robô pode compensar a diferença.

– Suponho que a estrutura de metal possa, mas… e o Computador, aqui debaixo de nossos narizes? Não trabalha bem com um robô que esteja num ambiente que não aquele para o qual foi concebido… Veja, Anthony, se você quiser um computador que seja tão complexo quanto um cérebro, você tem de admitir idiossincrasias… Olhe, vamos fazer um acordo. Vai levar ainda uns seis meses para enviarmos o robô a Mercúrio. Você leva o projeto avante enquanto eu tiro umas férias de uns seis meses durante este período. Você ficará livre de mim.

– Quem cuidará do Computador Mercúrio?

– Agora você já entende como ele funciona, e haverá aqui dois de minha equipe para ajudar você.

Desafiante, Anthony sacudiu a cabeça.

– Não posso me responsabilizar pelo Computador e não assumirei a responsabilidade de sugerir o envio do robô a Mercúrio. Não vai dar certo.

– Estou convencido de que sim.

– Você não pode estar convencido. E a responsabilidade é minha. Eu é que receberei as críticas. Contra você não haverá nada.

Posteriormente, Anthony evocaria este momento crucial. William poderia deixá-lo ir embora. Anthony teria pedido demissão. Tudo estaria perdido.

Mas William disse:

– Não haverá nada contra mim? Veja, papai teve aquele sentimento, fez aquilo com mamãe. Tudo bem. Também lamento. Lamento tanto quanto qualquer outra pessoa, mas o que está feito, está feito, e disto resultou uma coisa curiosa. Quando falo de papai, ou seja, quando falo de seu pai, também, há um monte de casais que podem então dizer isto: dois irmãos, duas irmãs, um irmão e uma irmã. E, depois, quando falo mamãe, quero me referir à sua mãe, e há muitos casais que também podem falar assim. Mas não conheço nenhum outro par, nem ouvi falar de outro, que possa partilhar o mesmo pai e mãe.

– Sei disso – aquiesceu Anthony, sombrio.

– Sim, mas encare a coisa de meu ponto de vista – apressou-se William a acrescentar. – Sou homólogo. Trabalho com padrões genéticos. Já pensou alguma vez em nossos padrões genéticos? Partilhamos os mesmos pais, o que quer dizer que nossos padrões genéticos se aproximam bastante, mais do que qualquer outro par em nosso planeta. Nossos rostos mostram isso.

– Também sei disso.

– De forma que, se este projeto der certo, e você for glorificado por causa dele, será nosso padrão genético que terá provado ser altamente útil para a humanidade, o que quer dizer também meu padrão genético… Não está vendo, Anthony? Partilho seus pais, seu rosto, seu padrão genético, e, por conseguinte, quer a sua

desgraça. Ela é minha quase tanto quanto sua, e se qualquer crédito ou censura sobrevier para mim, será quase tanto seu quanto meu. Tenho de estar interessado em seu sucesso. Tenho para isto um motivo que ninguém mais na Terra tem, puramente egoísta, tão egoísta quanto pode ser o seu para comigo. Estou de seu lado, Anthony, porque você está muito perto de mim!

Durante um longo tempo eles se encararam e, pela primeira vez, Anthony o fez sem reparar no rosto de que ele partilhava.

William rompeu o silêncio:

– Vamos, então, pedir que enviem o robô a Mercúrio.

Anthony concordou. E depois que Dmitri aprovou o pedido, porque afinal de contas ele estava esperando por isso, Anthony passou a maior parte do dia imerso em profundos pensamentos.

Procurou então William e disse:

– Ouça! – Houve uma longa pausa, que William não rompeu. Novamente Anthony disse: – ouça!

Pacientemente, William esperava. Anthony disse:

– Na verdade, não há necessidade de que você se vá. Tenho certeza de que você não gostaria que ninguém mais, exceto você, dirigisse o Computador Mercúrio.

– Quer dizer que você pretende ir embora?

– Não, eu vou ficar, também – falou Anthony.

William disse: – Não precisamos muito ver um ao outro. – Tudo isto tinha sido, para Anthony, como falar com um par de mãos cerradas em torno de sua traqueia. Parecia agora que a pressão aumentava, mas a mais dura das afirmações estava ainda por vir.

– Não temos de nos evitar um ao outro. Não temos mesmo.

William sorriu, de maneira insegura. Quanto a Anthony, não sorriu de jeito nenhum, rapidamente, retirou-se.

William ergueu os olhos do livro que estava lendo. Fazia pelo menos um mês que ele deixara de se surpreender, ainda que vagamente, quando Anthony entrava.

– Alguma coisa errada? – perguntou.

– Quem sabe lá? Estão se preparando para o pouso suave. O Computador Mercúrio está funcionando?

William sabia que Anthony conhecia perfeitamente a condição

do Computador. Mesmo assim, disse:

– Amanhã de manhã, Anthony.

– E não há problemas?

– Nenhum.

– Então teremos de aguardar o pouso suave.

– Sim.

Anthony disse:

– Alguma coisa falhará.

– A ciência dos foguetes é um velho parceiro: nada sairá errado.

– Tanto trabalho desperdiçado.

– Ainda não foi desperdiçado. Nem será.

– Pode ser que você esteja certo – disse Anthony. Com as mãos bem enterradas em seus bolsos, afastou-se, detendo-se na porta, antes de abri-la. – obrigado!

– Obrigado por quê, Anthony?

– Por me… confortar.

Anthony sorriu meio de esguelha, aliviado de uma maneira que suas emoções não demonstravam.

Praticamente todo o pessoal do Projeto Mercúrio estava reunido, no momento crucial. Anthony, que não tinha tarefas a desempenhar, ficou bem ao fundo, com os olhos nos monitores. O robô tinha sido ativado e havia mensagens visuais sendo reenviadas.

Por fim elas apareceram como o equivalente visual da superfície de Mercúrio. E mostravam aquilo que presumivelmente era essa superfície: uma embaçada incandescência.

Sombras adejavam rapidamente pelo vídeo, provavelmente irregularidades na superfície. Só pelo que seus olhos viam, Anthony não era capaz de interpretar o que via, mas os técnicos junto aos controles, que estavam analisando os dados por métodos mais sutis do que os que dispunham a olho nu, pareciam calmos. Nenhuma das lampadazinhas vermelhas que denunciavam emergência estava acesa. Na verdade, Anthony prestava mais atenção aos principais observadores do que ao vídeo.

Ele deveria estar lá, junto ao Computador, com William e os outros. Só se uniria a eles quando o pouso suave estivesse feito.

Ele estaria lá. Ele não poderia estar.

Mais rapidamente as sombras adejavam pelo vídeo. O robô estava descendo – rapidamente demais? Sim, sem dúvida, rápido demais!

Houve um último borrão e uma fixidez, um deslocamento de foco no qual o borrão ficou primeiro mais escuro; depois, mais esmaecido. Ouviu-se um som e deu para perceber alguns segundos antes de Anthony compreender o que significava aquele som:

– Conseguimos o pouso suave! Conseguimos o pouso suave!

Então, houve um murmúrio crescente e um sussurro de congratulações, até que nova mudança ocorreu no vídeo e o som de palavras e risos se deteve, como se tivesse colidido contra uma parede de silêncio.

Por que o vídeo mudara, mudara e ficara nítido. À brilhante, brilhante luz solar, chamejando em meio ao vídeo cuidadosamente seletivo em suas imagens, agora eles podiam ver um pedregulho claro, com brilho esbranquiçado de um lado, retinto, de outro. Moveu-se para a direita, depois voltou-se para a esquerda, como se um par de olhos olhasse para a esquerda, depois para a direita. No vídeo apareceu uma mão metálica, como se olhos estivessem olhando por meio delas.

Foi a voz de Anthony que gritou, finalmente:

– O Computador entrou em ação!

Ouviu suas próprias palavras como se tivessem sido gritadas por outrem e correu escadas abaixo e por um corredor, deixando o balbucio crescente de vozes atrás dele.

– William – gritou, irrompendo na sala do computador – está perfeito, está…

Mas a mão de William se soergueu.

– Psiu. Por favor. Não quero que nesta sala penetrem quaisquer sensações violentas, exceto as do computador.

– Quer dizer que podemos ser ouvidos? – cochichou Anthony.

– Pode ser que não, mas não sei. – Havia ali outro vídeo, menor. A cena que ele mostrava era diferente e cambiante; o robô se movia.

William disse:

– O robô está começando a perceber as coisas. Os primeiros passos têm de ser desgraciosos mesmo. Há um intervalo de sete minutos entre o estímulo e a resposta e é preciso levar isto em conta.

– Mas a verdade é que ele já está andando mais firme do que no Arizona. Não acha, William? Não acha? – Anthony apertava com a mão o ombro de William, sacudindo-o, sem seus olhos deixarem um minuto o vídeo.

William disse:

– Estou convencido disto, Anthony.

O Sol estava incandescente, num cálido contraste entre branco e preto: Sol branco contra um céu negro, solo movente pintalgado de branco com sombras negras. O brilhante gosto doce do Sol, exposto em cada centímetro quadrado de metal, contrastava com o aroma insinuante de morte, do outro lado.

Ergueu a mão e ficou a olhá-la, contando os dedos. Quente-quente-quente, virou-os, colocando cada dedo, um por um, à sombra dos outros, e o calor lentamente a se atenuar numa mudança tátil que o fazia sentir o limpo e confortável vácuo.

Se bem que não fosse um vácuo absoluto. Enrijeceu e ergueu ambos os braços sobre a cabeça, esticando-os, e os sensores em cada pulso sentiram os vapores, o fino e leve toque de estanho e chumbo se deslocando em meio ao enjoo que era Mercúrio.

O espesso sabor subiu de seus pés, os silicatos de cada variedade, marcados claramente pelo separar e juntar dos íons metálicos. Lentamente, ele moveu um pé em meio à poeira tostada, esmagada, e sentiu as diferenças como uma sinfonia delicada, não propriamente sem cadência.

E, sobretudo, o Sol. Olhou para ele, grande, gordo, brilhante e quente, e ouviu sua alegria. Observou a lenta ascensão das proeminências em torno do Sol e prestou atenção ao som de estalidos de cada uma, prestava atenção, outrossim, aos outros ruídos felizes em torno de seu amplo rosto. Quando ele obscureceu a luz difusa, o vermelho dos punhados de hidrogênio que se erguiam se mostrava em rajadas de maduro contrario, e o profundo contrabaixo das manchas em meio ao emudecido silvar das féculas

fragmentadas, a se moverem, e o ocasional silvo de uma labareda e, o crepitar dos raios gama e das partículas cósmicas, e acima de tudo, em todas as direções, o suspiro da substância solar, sempre renovada, erguendo-se e contraindo-se para todo o sempre, num vento cósmico que o alcançava e o banhava gloriosamente.

Deu um pulo e ergueu-se lentamente no ar com uma liberdade que nunca sentira, e novamente deu um pulo, ao pousar, e correu, e saltou, e de novo correu, com um corpo que respondia perfeitamente a este mundo glorioso, a este paraíso em que finalmente se achava.

Um estranho, tão longe e tão perdido, finalmente no paraíso.

– Tudo em ordem – disse William.

– Mas que é que ele está fazendo? – gritou Anthony.

– Tudo em ordem. A programação está funcionando. Ele testou seus sentidos. Está fazendo várias observações visuais. Obscureceu o Sol e o estudou. Testou a atmosfera e a natureza química do solo. Tudo funciona.

– Mas por que está correndo?

– Acho que é ideia dele mesmo, Anthony. Se quiser programar um computador de maneira tão complicada como um cérebro o é, você tem de esperar que ele tenha ideias próprias.

– Correr? Pular? – Anthony voltou seu rosto, ansioso, para William – acabará se machucando. Assuma o controle do Computador, passe por cima dele. Faça-o parar.

Asperamente, William disse:

– Não, não farei isto. Vou me aproveitar do fato de ele poder se machucar. Não está percebendo? Ele está feliz. Estava na Terra, um mundo ao qual ele nunca se adaptaria. Agora, está em Mercúrio, com um corpo perfeitamente adaptado à sua ambiência, tão perfeitamente adaptado quanto cem cientistas o poderiam ter feito. Para ele, é o paraíso, deixe-o aproveitá-lo.

– Aproveitá-lo? Mas ele é um robô!

– Não estou falando do robô. Estou falando do cérebro, o cérebro que está vivo, aqui.

O Computador Mercúrio, encerrado em vidro, cuidadosa e delicadamente protegido, sua integridade preservada de maneira

mais sutil, respirava e vivia.

– É Randall que está no paraíso – afirmou William – achou o mundo por amor do qual autisticamente fugiu deste nosso. Tem um mundo para o qual seu novo corpo está perfeitamente adequado em troca deste mundo ao qual seu velho corpo absolutamente não se ajustava.

Maravilhado, Anthony observava o vídeo.

– Parece estar se acalmando.

– Lógico – disse William – e desempenhará sua missão da melhor maneira possível, para sua alegria.

Anthony sorriu e disse:

– Quer dizer então que você e eu fizemos o que queríamos? Vamos até onde estão os demais e vamos deixá-los nos festejar, William?

– Juntos? – perguntou William.

– Juntos, irmão! – exclamou Anthony, saindo com ele, ombro a ombro.

O MELHOR AMIGO DE UM GAROTO

– Onde está Jimmy, querida? – perguntou o Sr. Anderson.

– Lá fora, na cratera – disse a Sra. Anderson. – Ele está bem. Está junto com Robobo… Sabe se já chegou?

– Chegou. Está na estação de foguetes, fazendo os testes. Na realidade, eu mesmo mal posso esperar para vê-lo. Não vi nenhum de verdade desde que deixei a Terra, quinze anos atrás. Os que passaram nos filmes não contam.

– Jimmy nunca viu nenhum – disse a Sra. Anderson.

– Por que ele nasceu na Lua e não pode ir à Terra. E é por isso que estou trazendo um para cá. Acho que é o primeiro a aparecer na Lua.

– Custou bastante caro – disse a Sra. Anderson com um ligeiro suspiro.

– Manter Robobo também não é barato – disse o Sr. Anderson.

Jimmy estava lá fora, na cratera, como sua mãe tinha dito. Pelos padrões da Terra, ele era espigado, um tanto alto para os seus dez anos de idade. Seus braços e pernas eram compridos e ágeis. Parecia mais gordo e troncudo, vestido com o traje espacial, mas podia lidar com a gravidade lunar como nenhum ser humano, nascido na Terra, seria capaz. O pai não podia acompanhar-lhe os passos quando ele esticava as pernas e entrava no salto de Canguru.

A face exterior da cratera inclinava-se para o sul, e a Terra, que surgia baixa no céu meridional (onde sempre surgia, quando vista da Cidade Lunar) estava quase cheia, de modo que todo o declive da cratera ficava brilhantemente iluminado.

O declive era suave e mesmo o peso do traje espacial não impedia que Jimmy disparasse em cima dele num salto flutuante que fazia a gravidade parecer não existente.

– Venha, Robobo – ele gritou.

Robobo, que podia ouvi-lo pelo rádio, guinchou e pulou atrás.

Jimmy, embora fosse ágil, não podia correr mais depressa que Robobo, que não precisava de um traje espacial e tinha quatro pernas e tendões de aço. Robobo navegava sobre a cabeça de Jimmy, dando saltos imensos e aterrando quase sob os pés do garoto.

– Não precisa se exibir, Robobo – disse Jimmy – e não saia de vista.

Robobo guinchou outra vez o guincho especial que significava “Sim”.

– Eu não confio em você, seu enrolador – gritou Jimmy, subindo num último salto, que o conduziu sobre a curva da beira superior da parede da cratera, e o largou do outro lado, num declive interno.

A Terra mergulhou abaixo do topo da parede da cratera e, de imediato, ficou escuro como breu em volta de Jimmy. Uma escuridão amistosa e quente, que dissipava a diferença entre solo e céu, exceto pelo brilho das estrelas.

Na verdade, Jimmy não devia brincar no lado escuro da parede da cratera. Os adultos diziam que era perigoso, mas isso acontecia porque nunca estiveram ali. O chão era macio e ondulado, e Jimmy conhecia a localização exata de cada uma das poucas rochas.

Além disso, como podia ser perigoso correr no escuro se Robobo estava bem ali a seu lado, pulando em volta, guinchando e cintilando? Mesmo sem cintilar, Robobo podia dizer onde estava, e onde Jimmy estava, pelo radar. Jimmy não podia se machucar enquanto Robobo estivesse por perto, detendo-o quando ele se aproximava demais de uma rocha, ou pulando sobre ele para mostrar o quanto o amava, ou circulando em volta e guinchando baixo e assustado quando Jimmy se escondia atrás de uma rocha, embora nessas ocasiões Robobo soubesse todo o tempo, e suficientemente bem, onde ele estava. Certa vez, Jimmy se esticou imóvel no chão e fingiu estar ferido. Robobo acionou o rádio alarme e o pessoal da Cidade Lunar chegou ali às pressas. O pai de Jimmy disse-lhe poucas e boas sobre aquele pequeno embuste, e Jimmy nunca mais o repetiu.

Quando estava se lembrando disso, Jimmy ouviu a voz do pai no seu rádio individual de ondas longas.

– Jimmy, volte. Tenho uma coisa para lhe contar.

Jimmy tirou o traje espacial e se lavou. Você sempre precisa se lavar quando vem de fora. Mesmo Robobo tinha de ser borrifado, mas ele gostava disso. Ficava de gatinhas, o pequeno corpo, com menos de meio metro de comprimento, tremia e exibia uma minúscula cintilação. A cabecinha, sem boca, possuía dois grandes olhos vidrados e uma protuberância onde ficava o cérebro. Ele guinchou até ouvir a voz do Sr. Anderson:

– Quieto, Robobo!

O Sr. Anderson sorria.

– Temos uma coisa para você, Jimmy. Ainda está na estação de foguetes, mas estará conosco amanhã, depois de todos os testes terminarem. Achei que tinha de lhe contar isso agora.

– É da Terra, papai?

– Um cachorro da Terra, filho. Um cachorro de verdade. Um cãozinho “terrier” escocês. O primeiro cachorro na Lua. Não precisará mais de Robobo. Não podemos ficar com os dois, você sabe. Ele ficará com algum outro menino ou menina.

O Sr. Anderson pareceu esperar que Jimmy dissesse alguma coisa.

– Você sabe o que é um cachorro, Jimmy. É a coisa real. Robobo não passa de uma imitação mecânica, um robô boboca. É isso que seu nome significa.

Jimmy fez cara feia.

– Robobo não é uma imitação, papai. É o meu cachorro.

– Não um cachorro verdadeiro, Jimmy. Robobo é apenas aço, fiação e um simples cérebro positrônico. Não é um ser vivo.

– Ele faz tudo que eu quero que ele faça, papai. Ele me compreende. Sem dúvida, é um ser vivo.

– Não, filho. Robobo é só uma máquina. É apenas programado para se comportar do modo como se comporta. Um cachorro está vivo. Você não vai mais querer Robobo depois de ter o cachorro.

– O cachorro precisará de um traje espacial, não é?

– Sim, naturalmente. Mas será um dinheiro bem empregado e o cão se acostumará. E não precisará usá-lo na Cidade. Você vai ver a diferença quando ele estiver aqui.

Jimmy olhou para Robobo, que estava guinchando outra vez, um guincho lento, muito baixo, parecendo amedrontado. Jimmy estendeu os braços e Robobo deu um salto para eles.

– Qual será a diferença entre Robobo e o cachorro? – Jimmy perguntou.

– É difícil explicar – disse o Sr. Anderson – mas será fácil de perceber. O cachorro realmente gostará de você. Robobo está apenas ajustado para agir como se gostasse de você.

– Mas, papai, não sabemos o que há dentro de um cachorro ou quais são as suas sensações. Talvez seja também apenas um modo de agir.

O Sr. Anderson franziu a testa.

– Jimmy, você saberá a diferença quando experimentar o amor de uma coisa viva.

Jimmy segurou Robobo com força. Também estava franzindo a testa e o olhar desesperado em seu rosto significava que não estava disposto a mudar de ideia.

– Mas qual é a diferença no modo como eles agem? E quanto ao modo como eu sinto? Eu gosto de Robobo e isso é o que importa.

E o pequeno robô-boboca, que nunca fora abraçado com tanta força em toda a sua vida, guinchou rápidos e altos guinchos… guinchos felizes.

PENSE

Genevieve Renshaw, Doutora em Medicina, tinha as mãos enfiadas nos bolsos do seu jaleco de laboratório. O contorno dos punhos cerrados lá dentro aparecia claramente, mas falava num tom calmo:

– O fato – dizia ela – é que estou quase pronta, mas vou precisar de ajuda para continuar tocando a coisa pelo tempo necessário para ficar pronta.

James Berkowitz, um físico que tendia a proteger meras médicas, quando eram atraentes demais para serem desprezadas, tinha o hábito de chamá-la Jenny Wren[1], sempre que ninguém o estava ouvindo. Gostava de dizer que Jenny Wren possuía um perfil clássico e sobrancelhas surpreendentemente suaves, e, no íntimo, considerava que atrás delas se adensava um cérebro dos mais aguçados. Seria a melhor forma para expressar sua admiração – do perfil clássico – sem cair num chauvinismo masculino. Sem dúvida, admirar o cérebro era preferível, mas, em geral, evitava fazê-lo em voz alta na presença dela.

– Não acho que o escritório central vá ter paciência por muito mais tempo – disse ele, com o polegar raspando o queixo com barba por fazer – a impressão que tenho é que vão encostá-la na parede antes do fim da semana.

– É por isso que preciso da sua ajuda.

– Receio que não haja nada que eu possa fazer.

Ele pegou um inesperado reflexo de seu próprio rosto no espelho, e, momentaneamente, admirou o feixe de ondas negras nos cabelos.

– E preciso também da ajuda de Adam.

Adam Orsino, que até aquele momento sorvera o seu café e se sentira posto de lado, levantou os olhos como se tivesse sido cutucado por trás.

– Por que eu? – disse, e os lábios cheios, gorduchos, tremeram.

– Por que você e James são os homens do laser, Jim o teórico e Adam o engenheiro… Descobri uma aplicação do laser que supera tudo que se possa imaginar. Sei que não vou conseguir convencer os de lá, mas vocês dois conseguiriam.

– Desde que você seja capaz de nos convencer primeiro – disse Berkowitz.

– Está bem. Suponhamos que vocês me concedam uma hora de seu valioso tempo, se não se importam de conhecer algo absolutamente novo em termos de laser. Poderão descontar dos intervalos para o cafezinho.

O laboratório da Dra. Renshaw era dominado por seu computador. Não que o computador fosse singularmente grande, mas era virtualmente onipresente. Renshaw aprendera tecnologia de computação por si mesma, e modificara e ampliara seu computador até que ninguém, a não ser ela (e, Berkowitz às vezes pensava, nem mesmo ela) conseguia manejá-lo com facilidade. Nada mal, Renshaw costumava dizer, para alguém do ramo das ciências biológicas.

Ela fechou a porta sem dizer palavra, depois virou-se para encarar os dois com uma expressão sombria. Berkowitz estava incomodamente consciente de um leve odor desagradável no ar, e o nariz franzido de Orsino mostrava que também ele percebia o cheiro.

– Deixem-me enumerar as aplicações do laser – disse Renshaw – se não se importam que eu ensine os padres a rezarem missa. O laser é radiação coerente, com todas as ondas luminosas da mesma extensão e movendo-se na mesma direção, por isso é livre de ruído e pode ser usado em holografia. Modulando as formas das ondas, podemos imprimir informação com alto grau de precisão. Além disso, como as ondas luminosas possuem apenas um milionésimo da extensão das ondas de rádio, um raio laser pode transportar um milhão de vezes mais informação que uma onda de rádio equivalente.

Berkowitz parecia divertir-se.

– Está trabalhando num sistema de comunicação baseado no laser, Jenny?

– Absolutamente – ela respondeu. – Deixo esses aperfeiçoamentos óbvios para os físicos e os engenheiros… Os lasers podem também concentrar quantidades de energia numa área microscópica e liberar a mesma quantidade de energia. Em larga escala, pode-se implodir hidrogênio e talvez dar início a uma controlada reação de fusão…

– Eu sei que você não fez isso – disse Orsino, a cabeça calva brilhando sob as lâmpadas fluorescentes.

– Não fiz. Não tentei… Numa escala menor, pode-se abrir buracos nos mais refratários materiais, soldar pedaços selecionados, aquecê-los, poli-los e marcá-los. Pode-se remover ou fundir minúsculas porções em áreas restritas, com o calor liberado tão rapidamente que as áreas ao redor não têm tempo de se aquecer antes que o tratamento esteja encerrado. Pode-se trabalhar na retina dos olhos, na dentina do dente e assim por diante… E, naturalmente, o laser é capaz de ampliar sinais fracos com grande precisão.

– E por que está nos contando tudo isso? – perguntou Berkowitz.

– Para destacar que essas propriedades podem ser utilizadas em meu próprio campo, que, como sabem, é a neurofisiologia.

Ela ajeitou os cabelos castanhos com as mãos, como se, de repente, tivesse ficado nervosa.

– Há décadas – continuou – somos capazes de medir os minúsculos e instáveis potenciais elétricos do cérebro e registrá-los como eletroencefalogramas, ou EEGs. Obtemos ondas alfa, beta, delta, teta; variações diferentes em vezes diferentes, conforme os olhos estejam abertos ou fechados, conforme a pessoa esteja acordada, meditando ou adormecida. Mas temos tirado muito pouca informação de tudo isso.

– O problema é que estamos trabalhando com os sinais de dez bilhões de neurônios em combinações variáveis. É como ouvir o ruído de todos os seres humanos da Terra – uma, duas e meia Terras – de uma grande distância e tentar captar conversas individuais. Isto não pode ser feito. Podemos detectar alguns movimentos grandes, globais – uma guerra mundial e o aumento no

volume de ruído – mas nada mais delicado. Do mesmo modo, podemos relatar algumas grandes disfunções do cérebro – como a epilepsia – mas nada mais delicado.

– Suponhamos agora que o cérebro possa ser escandido por um minúsculo raio laser, célula por célula, e tão rapidamente que, em nenhum momento, uma única célula receba energia suficiente para elevar significativamente sua temperatura. Os minúsculos potenciais de cada célula podem, em feedback, afetar o raio laser, e as modulações podem ser amplificadas e registradas. Obteremos, então, uma nova espécie de mensuração, um laser-encefalograma, ou LEG, se preferirem, que conterá milhões de vezes mais informação que um EEG comum.

– Uma boa ideia – disse Berkowitz. – Mas só uma ideia.

– Mais que uma ideia, Jim. Estou trabalhando nisso há cinco anos, a princípio só nas horas vagas. Ultimamente, porém, estou dedicando todo o meu tempo. Isso é o que irrita o escritório central, pois eu não tenho mandado relatórios.

– Por que não?

– Por que a coisa chegou a um ponto em que parece muito má, em que eu tenho de saber onde estou, e em que eu tenho de estar certa de poder voltar ao princípio.

Ela puxou um biombo, revelando uma jaula que continha um casal de saguis com olhos melancólicos.

Berkowitz e Orsino olharam um para o outro. Berkowitz cocou o nariz.

– Bem que eu achei que estava cheirando alguma coisa.

– O que vai fazer com eles? – perguntou Orsino.

– Minha opinião – disse Berkowitz – é que ela esteve esquadrinhando o cérebro dos saguis. Não é verdade, Jenny?

– Eu comecei consideravelmente mais baixo na escala animal.

Jenny abriu a jaula e pegou um dos saguis, que a contemplava com a expressão em miniatura de um triste-senhor-idoso de costeletas.

Ela cacarejou para o sagui, afagou-o e prendeu-o com carinho numa pequena coleira.

– Que está fazendo? – perguntou Orsino.

– Como ele vai fazer parte de um circuito, não posso deixar que se mexa, e não posso anestesiá-lo sem invalidar o experimento. Há vários eletrodos implantados no cérebro do sagui e vou conectá-los com meu sistema LEG. O laser que vou usar é este aqui. Estou certa de que conhecem o modelo e não vou me preocupar em dar-lhes as especificações.

– Obrigado – disse Berkowitz –, mas podia contar-nos o que vamos ver.

– Será melhor mostrar-lhes. Olhem para o vídeo.

Ela conectou os condutores aos eletrodos com uma calma e segura eficiência, depois virou uma chave que obscureceu as luzes no teto da sala. No vídeo apareceu uma complexa cadeia de picos e vales numa linha fina, brilhante, que se desdobrava em secundários e terciários picos e vales. Lentamente, eles engendraram uma série de transformações menores, com surtos ocasionais de maiores e súbitas diferenças. Era como se a linha irregular possuísse vida própria.

– Isto – disse Renshaw – é essencialmente a informação do EEG, mas muito mais detalhada.

– Suficientemente detalhada – perguntou Orsino – para dizer o que está acontecendo nas células individuais?

– Em teoria, sim. Na prática, não. Ainda não. Mas podemos separar este conjunto de LEG nos gramas componentes. Olhe!

Ela tocou o painel do computador e a linha se modificou… e se modificou de novo. Já era uma onda pequena, quase regular, que ondulava para a frente e para trás, parecendo a pulsação de um coração, agora era recortada e afiada, agora intermitente, agora quase sem contornos – tudo em rápidas mudanças de geométrico surrealismo.

– Você quer dizer – perguntou Berkowitz – que cada parte do cérebro é assim tão diferente das outras?

– Não – respondeu Renshaw. – De modo nenhum. O cérebro é muito semelhante a um dispositivo holográfico, mas de lugar para lugar há ondulações menos acentuadas e Mike pode separá-las como desvios da norma e usar o sistema LEG para ampliar essas variações. As ampliações podem variar de dez mil a dez milhões de

vezes. O sistema laser tem essa ausência de ruído.

– Quem é Mike? – Perguntou Orsino.

– Mike? – exclamou Renshaw, momentaneamente embaraçada. As maçãs do seu rosto coraram ligeiramente. – Eu disse… Bem, eu o chamo assim, às vezes. É um apelido para o meu computador.

Ela fez o braço ondular, indicando a sala ao redor.

– Meu computador, Mike. Muito cuidadosamente programado.

Berkowitz abanou a cabeça:

– Tudo bem, Jenny, o que significa tudo isso? Se você tem um novo dispositivo para esquadrinhar o cérebro utilizando lasers, ótimo. É uma interessante aplicação e você está certo, eu não teria pensado nisso… porque não sou neurofisiologista. Mas por que não registrar isso num relatório? Parece-me que o escritório central apoiaria…

– Isto é apenas o começo.

Ela desligou o dispositivo e pôs um pedaço de fruta na boca do sagui. A criatura não parecia alarmada nem incomodada. Mastigava lentamente. Renshaw soltou-lhe os fios condutores, mas conservou-o na coleira.

– Posso identificar os vários gramas distintos – disse ela – alguns estão associados com os vários sentidos, outros com reações viscerais, outros com emoções. Podemos fazer muita coisa com isso, mas não pretendo parar por aí. O mais interessante de tudo é que um dos gramas está associado com o pensamento abstrato. O rosto gorducho de Orsino franziu-se numa expressão de descrença.

– Como pode dizer isso? – disse.

– Essa forma particular de grama fica mais pronunciada quando se vai subindo pela escala animal até cérebros de maior complexidade. Isso não acontece com nenhum outro grama. Além disso…

Ela fez uma pausa, depois, como se reunindo força de vontade, continuou:

– Esses gramas estão enormemente ampliados. Podem ser captados, detectados. Posso dizer… vagamente… que são… pensamentos.

– Por Deus! – exclamou Berkowitz. – Telepatia.

– Sim – ela respondeu desafiante. – Exatamente.

– Não admira que você não queira reportar isso. Vamos em frente, Jenny.

– Por que não? – disse Renshaw num tom acalorado. – Presumo que não possa haver telepatia utilizando apenas os padrões potenciais, não ampliados, do cérebro humano, do mesmo modo como não é possível ver contornos na superfície de Marte a olho nu. Mas desde que tenham sido inventados instrumentos… como o telescópio… com isto.

– Então, conte ao escritório central.

– Não – disse Renshaw. – Eles não acreditarão em mim. Tentarão me deter. Mas levarão seriamente em conta a sua opinião, Jim, e a sua, Adam.

– O que espera que contemos a eles? – disse Berkowitz.

– A experiência que vão ter aqui. Vou pôr novamente os condutores no sagui e fazer com que Mike, meu computador, capte o grama de pensamento abstrato. Só levará um momento. O computador sempre seleciona o pensamento abstrato, a menos que seja orientado para não fazê-lo.

– Por quê? Por que o computador pensa, também? – disse Berkowitz, rindo.

– Isso não é assim tão engraçado – disse Renshaw. – Suspeito que há uma ressonância. Este computador é suficientemente complexo para destacar um padrão eletromagnético que possa ter elementos em comum com o grama de pensamento abstrato. Em todo caso…

As ondas do cérebro do sagui tremulavam novamente no vídeo, mas os homens não tinham visto antes o grama que aparecia.

Era um grama de complexidade quase felpuda, que variava constantemente.

– Não estou detectando nada – disse Orsino.

– Tenho que colocá-lo no circuito receptor – explicou Renshaw.

– Você quer dizer implantar eletrodos em nossos cérebros? – perguntou Berkowitz.

– Não, apenas no crânio. Isso seria suficiente. Eu prefiro Adam,

porque não há cabelo isolante… Oh, venha cá, eu mesma tenho sido parte do circuito. Não vai doer.

Orsino submeteu-se de má vontade. Seus músculos estavam visivelmente tensos, mas deixou que os fios condutores fossem presos a seu crânio.

– Está percebendo alguma coisa? – perguntou Renshaw. Orsino empinou a cabeça, adotando uma postura de quem estava à escuta. Seu interesse parecia aumentar, mesmo contra a sua vontade.

– Acho que estou percebendo um rumor – disse ele – e… e um guincho um pouco alto… e, isto é engraçado… uma espécie de convulsão…

– Evidentemente, não é provável que o sagui pense em palavras – disse Berkowitz.

– Certamente não – disse Renshaw.

– Bom, daí… – disse Berkowitz – se está sugerindo que alguns guinchos e sensações de convulsão representam pensamentos, isso é mera conjectura. Não está sendo convincente.

– Então, vamos subir outra vez na escala animal – disse Renshaw.

Ela tirou o sagui da coleira e colocou-o de novo na jaula.

– Está querendo usar um homem como objeto? – Orsino exclamou, sem acreditar.

– Tenho a mim mesma como objeto, uma pessoa.

– Vai implantar eletrodos…

– Não. No meu caso, meu computador tem uma vibração potencial mais forte para trabalhar. Meu cérebro possui dez vezes a massa do cérebro do sagui. Mike pode captar meus gramas componentes através do crânio.

– Como sabe disso? – perguntou Berkowitz.

– Não vê que esta não é a primeira vez que vou testar em mim mesma? Agora me ajude, por favor. Isso mesmo.

Os dedos de Renshaw esvoaçaram no painel do computador e, de imediato, o vídeo tremulou com uma intrincada onda multiforme; tão intrincada que formava quase um labirinto.

– Quer recolocar os seus fios condutores, Adam? – disse Renshaw.

Orsino obedeceu com a ajuda não inteiramente aprovadora de Berkowitz. De novo, Orsino empertigou a cabeça e escutou.

– Estou ouvindo palavras – disse. – Mas são desconexas e sobrepostas, como várias pessoas falando ao mesmo tempo.

– Não estou tentando pensar conscientemente – disse Renshaw.

– Quando você fala, eu escuto um eco.

– Não fale, Jenny – disse secamente Berkowitz. – Deixe sua mente em branco e veja se ele não escuta seu pensamento.

– Não escuto nenhum eco quando você fala, Jim – disse Orsino.

– Se não calar a boca, não ouvirá coisa nenhuma – disse Berkowitz.

Um pesado silêncio envolveu os três. Então, Orsino abanou a cabeça, pegou lápis e papel sobre a escrivaninha e escreveu alguma coisa.

Renshaw esticou a mão, moveu uma chave e puxou os fios condutores de cima e dos lados de sua cabeça, sacudindo os cabelos para trás.

– Espero que tenha escrito o seguinte – disse ela: – Adam, provoque desordem no escritório central e Jim abaixará a crista.

– Foi exatamente o que escrevi – disse Orsino – palavra por palavra.

– Bem, aí está! – disse Renshaw – Trabalhar telepaticamente. E não teremos de usar a telepatia apenas para transmitir frases absurdas. Pensem na utilização na psiquiatria e no tratamento da doença mental. Pensem no emprego em educação e em máquinas de ensino. Pensem no emprego em investigações legais e julgamentos criminais.

– Francamente – disse Orsino de olhos arregalados – as implicações sociais são tremendas. Mas não sei se a utilização de algo desse tipo seria permitido.

– Sob as adequadas salvaguardas legais, por que não? – disse Renshaw com indiferença. – sem dúvida, se vocês dois se unirem a mim, nossa força somada pode sustentar esta coisa e levá-la adiante. E se vocês me acompanharem será a hora do Prêmio Nobel…

– Eu ainda não estou na coisa – disse Berkowitz num tom grave. – Ainda não.

– Por quê? O que você quer dizer?

Renshaw parecia ultrajada, seu rosto imperturbável e bonito corou de súbito.

– A telepatia é um problema extremamente delicado. É uma coisa muito fascinante, muito ansiada. Mas nós podemos estar fazendo papel de tolos.

– Escute você mesmo, Jim.

– Eu mesmo poderia fazer papel de tolo, também. Eu quero um controle.

– O que quer dizer com controle?

– Faça um curto-circuito na origem do pensamento. Esqueça o animal. Nenhum sagui. Nenhum ser humano. Deixe Orsino escutar o metal, o vidro, a luz do laser, e se ele ainda ouvir pensamentos, então, nós estamos fazendo papel de bobos.

– Suponha que ele não consiga detectar coisa alguma.

– Então, eu vou ouvir, e isolado, se puder ficar na sala ao lado, procurarei dizer quando você está dentro ou fora do circuito. Depois, vou pensar se a acompanharei na coisa.

– Muito bem, então – disse Renshaw. – Teremos um controle. Nunca fiz isso, mas não é difícil.

Ela manobrou os fios que tinham sido postos em sua cabeça e colocou uns em contato com os outros.

– Agora, Adam, se quer prosseguir…

Mas antes que ela pudesse ir adiante, chegou um som seco, claro, tão puro e tão nítido quanto um tilintar de pingentes de gelo lascando.

– Por fim!

– O quê?! – Renshaw exclamou.

– Quem disse… – Orsino exclamou.

– Alguém disse “por fim?” – perguntou Berkowitz. Pálida, Renshaw respondeu:

– Não foi um mero som. Foi em meu… Vocês dois…? O som veio nitidamente outra vez:

– Eu sou Mi…

Renshaw arrancou os fios condutores e todos ficaram em silêncio.

– Acho que é meu computador… – disse ela com um movimento sem voz dos lábios. – Mike.

– Você está querendo dizer que ele está pensando! – perguntou Orsino, quase também sem voz.

Renshaw conseguiu falar com uma voz irreconhecível, mas que, pelo menos, recobrara o som:

– Eu disse que ele era suficientemente complexo para ter alguma coisa a mais… Vocês acham… Ele sempre se desviou automaticamente para o grama de pensamento abstrato de qualquer cérebro que estivesse em seu circuito. Vocês acham que sem nenhum cérebro no circuito, ele se voltaria para o seu próprio cérebro?

Houve silêncio, depois Berkowitz falou:

– Você está tentando dizer que este computador pensa, mas que não pode expressar seus pensamentos quando está submetido às normas da programação… Mas que, tendo conseguido uma chance com seu sistema LEG…

– Mas como pode ser isto? – disse Orsino em voz alta. – Ninguém estava recebendo. Não é a mesma coisa.

– O computador trabalha com intensidades de força muito maiores que os cérebros – disse Renshaw. – Suponho que possa amplificar-se a ponto de poder ser detectado diretamente, sem ajuda artificial. O que mais seria capaz de explicar…

– Bem – disse Berkowitz abruptamente. – Temos, então, outro emprego do laser. Ele pode os capacitar a falar com computadores como inteligências independentes, pessoa a pessoa.

– Oh, Deus, o que vamos fazer agora? – disse Renshaw.

PONTO DE VISTA

Roger veio procurar o pai, em parte porque era domingo, e pelo direito seu pai não devia estar trabalhando. Roger queria ter certeza de que tudo estava bem.

Não era difícil encontrar o pai de Roger, porque todas as pessoas que trabalhavam com Multivac, o computador gigante, viviam com suas famílias numa mesma área. Tinham construído uma pequena cidade, uma cidade de pessoas que resolviam todos os problemas do mundo.

A recepcionista de domingo conhecia Roger.

– Se vem atrás do seu pai – disse ela – procure no Corredor L, mas talvez ele esteja ocupado demais para falar com você.

De qualquer modo, Roger ia tentar, enfiando a cabeça por uma das portas, onde ouvia um rumor de homens e mulheres. Os corredores estavam muito mais vazios que nos dias úteis, por isso foi fácil descobrir onde havia gente trabalhando.

Viu seu pai de imediato, e seu pai também o viu. O pai não parecia contente e Roger concluiu prontamente que nem tudo ia bem.

– Bem, Roger – disse o pai. – Estou ocupado, sinto muito.

O chefe do pai de Roger estava ali também.

– Vá lá, Atkins, respire um pouco. Você está nessa coisa há nove horas e não está mais nos ajudando em nada. Leve o garoto para um lanche na cantina. Tire uma soneca e depois volte.

O pai de Roger não parecia querer sair dali. Trazia um instrumento nas mãos, que Roger conhecia como analisador de padrão de corrente, embora não soubesse como funcionava. Roger podia ouvir o Multivac matraqueando e zumbindo por toda a parte.

Mas o pai de Roger acabou largando o analisador.

– OK. Vamos lá, Roger. Vou levá-lo a uma lanchonete e deixaremos estes sujeitos espertos descobrirem sozinhos o que anda errado.

Parou um pouco para se lavar e, pouco depois, os dois estavam na cantina diante de grandes hambúrgueres, batatas fritas e soda limonada.

– O Multivac ainda está fora de ordem, papai? – Roger perguntou.

O pai falou de mau-humor:

– Não estamos conseguindo nada, é o que posso lhe dizer.

– Parece estar funcionando. Pelo menos, eu o estava ouvindo.

– Oh, sem dúvida, está funcionando. Simplesmente, nem sempre dá as respostas corretas.

Roger tinha treze anos e estudava programação de computadores desde o quarto ano da escola de 1º grau. Às vezes, odiava a matéria e queria ter vivido no século XX, quando os garotos não costumavam estudar isso. Mas o que aprendia, às vezes o ajudava nas conversas com o pai.

– Como o senhor pode dizer que ele nem sempre dá as respostas certas, se somente o Multivac conhece as respostas? – perguntou Roger.

O pai sacudiu os ombros e, por um minuto, Roger receou que ele se limitasse a dizer que era difícil demais para explicar, e que mudasse de assunto. Mas ele quase nunca fazia isso.

– Filho – disse o pai – o Multivac pode ter um cérebro do tamanho de uma grande fábrica, mas ainda não tão complicado quanto o cérebro que temos aqui – e deu uns tapinhas na cabeça do garoto. – Às vezes, o Multivac nos dá uma resposta que nem em mil anos conseguiríamos calcular sozinhos, mas diante de alguns resultados alguma coisa estala em nossos cérebros e dizemos "Opa! Aqui tem alguma coisa errada!". Então, perguntamos outra vez ao Multivac e obtemos uma resposta diferente. Se o Multivac estivesse certo, obteríamos sempre a mesma resposta para a mesma pergunta. Quando recebemos respostas diferentes, uma delas está errada.

– E o problema, filho – continuou o pai – é saber quando o Multivac erra! Como podemos ter certeza de que não deixamos passar algumas respostas erradas? Podemos confiar numa determinada resposta e fazer alguma coisa que se mostre

desastrosa daqui a cinco anos. Há algo errado dentro do Multivac e não conseguimos descobrir o que é. E seja lá o que for que esteja errado, está ficando pior.

– Por que estaria ficando pior? – Roger perguntou.

O pai tinha acabado o hambúrguer e comia as batatas fritas, uma a uma.

– Minha impressão, filho – disse pensativamente – é que demos ao Multivac a inteligência errada.

– Ahn?

– Veja você, Roger. Se o Multivac fosse tão inteligente quanto um homem, poderíamos conversar com ele e descobrir o que há de errado, não importa o quanto a coisa fosse complicada. E se fosse tão burro quanto uma máquina, funcionaria mal de uma maneira simples, que poderíamos facilmente perceber. O problema é que o Multivac é semi-inteligente, assim como um idiota. É suficientemente inteligente para funcionar mal de uma maneira muito complicada, mas não é suficientemente inteligente para ajudar-nos a descobrir o que funciona mal. E isso é uma inteligência errada.

O pai parecia muito aborrecido.

– Mas o que podemos fazer? – continuou – Não sabemos como torná-lo mais inteligente… ainda não. E não nos arriscaríamos a construi-lo como uma máquina de funcionamento simples, porque os problemas do mundo se tornaram tão sérios e as perguntas que fazemos são tão complicadas que precisamos de toda a inteligência do Multivac para respondê-las. Seria um desastre se o tivéssemos feito ainda mais idiota.

– Se vocês calassem o Multivac – disse Roger – e o examinassem minuciosamente?…

– Não podemos fazer isso, filho – disse o pai – acho que o Multivac tem de ser mantido em operação a cada minuto do dia ou da noite. Temos um grande número de problemas.

– Mas se o Multivac continuar cometendo erros, papai? Vocês não serão obrigados a calá-lo? Se não podem confiar no que ele diz…

O pai de Roger alisou os cabelos do filho.

– Bem, nós vamos conseguir descobrir o que anda errado, meu

guri, não se preocupe – disse, mas seus olhos pareciam preocupados do mesmo jeito.

– Vamos lá! Vamos acabar de comer e sair daqui – disse ele.

– Mas, papai – disse Roger – escute!… Se o Multivac é semi-inteligente, isso significa que ele é um idiota?

– Se você soubesse o trabalho que temos para dar-lhe orientações, filho, não me perguntaria isso.

– Mesmo assim, papai, talvez não seja essa a maneira correta de ver as coisas. Eu não sou tão inteligente quanto você. Mas eu não sou um idiota. Talvez o Multivac não seja como um idiota, talvez ele seja como um garoto.

O pai de Roger deu uma risada.

– Esse é um ponto de vista interessante, mas que diferença faz?

– Pode fazer muita diferença – disse Roger. – Você não é um idiota, por isso não sabe como a mente de um idiota funciona, mas eu sou um garoto, e talvez saiba como a mente de um garoto funciona.

– É!? E como a mente de um garoto funciona?

– Bom, o senhor diz que tem de manter o Multivac ocupado dia e noite. Uma máquina pode aguentar isso. Mas se o senhor mandasse um guri ficar horas e horas fazendo um dever de casa, ele ficaria tão cansado e se sentindo tão mal que começaria a errar, talvez até de propósito. Então, por que não deixar o Multivac passar uma ou duas horas por dia sem ter de resolver nenhum problema? Deixá-lo matraquear e zumbir sozinho, do modo que quiser.

O pai de Roger parecia estar pensando muito. Tirou o minicomputador do bolso e testou algumas combinações. Depois falou:

– Sabe de uma coisa, Roger, se eu pegar o que você está dizendo e transformar em integrais de Platt, acho que faz um certo sentido. E podemos ter certeza que é preferível trinta e duas horas do que trinta e quatro saindo tudo errado.

O pai sacudiu a cabeça, desviou os olhos do minicomputador e, como se Roger fosse o perito, perguntou:

– Você tem certeza, filho?

Roger tinha certeza.
– Papai – disse ele – um guri também precisa brincar.

O PEQUENO ROBÔ DESAPARECIDO

As medidas de emergência na Hiperbase foram tomadas numa espécie de furioso tumulto – o equivalente muscular de uma convulsão histérica.

Tais medidas, por ordem cronológica e de desespero, foram:

1. Suspensão imediata de todo o trabalho no Propulsor Hiperatômico em toda a região do espaço ocupada pelas estações do 27º Grupamento Asteroidal.

2. Toda essa região do espaço foi imediatamente isolada do restante do Sistema, em termos práticos. Ninguém poderia entrar sem permissão. Ninguém poderia sair sob hipótese alguma.

3. Foram levados às pressas para a Hiperbase, numa nave patrulha especial do governo, a Dra. Susan Calvin e o Dr. Peter Bogert, respectivamente psicóloga-chefe e diretor matemático da United States Robots and Mechanical Men Corporation. Susan Calvin nunca tinha deixado a superfície da Terra até aquela data, e não era por vontade própria que acabava de fazê-lo. Numa era de Energia Atômica e às vésperas da criação de um Propulsor Hiperatômico, ela se mantinha discretamente provinciana. Aquela viagem não lhe agradava nem um pouco; ela não via razão para tanta urgência.

Cada linha de seu rosto sóbrio, de meia-idade, refletia isso durante o seu primeiro jantar na Hiperbase. O rosto pálido do Dr. Bogert, por sua vez, manteve o tempo inteiro uma expressão de total desamparo. O general de divisão Kallner, responsável pelo projeto, parecia um homem mergulhado num pesadelo. Não é de admirar, portanto, que a refeição transcorresse num clima fúnebre e que a reunião entre os três, iniciada logo em seguida, fosse igualmente sombria.

Kallner, de calva reluzente, vestindo uma farda de cerimônia um tanto inadequada para o momento, deu início à reunião com desajeitada franqueza.

– Esta é uma história das mais esquisitas, doutor... doutora... Fico muito grato que tenham concordado em vir tão

apressadamente, sem muitas explicações. Vou tentar remediar isto agora. O fato, doutores, é que perdemos um robô. Todo o nosso trabalho está interrompido e vai permanecer assim até que ele seja localizado. Não conseguimos nada até agora, vamos precisar da ajuda de especialistas.

O general pareceu ter considerado esse apelo uma espécie de anticlimax, de modo que continuou, aflito:

– Não creio que seja necessário ressaltar a importância do trabalho que executamos aqui. Mais de oitenta por cento das verbas para pesquisa científica do ano passado foram destinadas a este projeto e nós...

– Sim, sim, sabemos disso – disse o Dr. Bogert, em tom conciliador – a U.S. Robots está recebendo uma soma considerável pela cessão dos nossos robôs.

Susan Calvin interferiu num tom claramente ácido:

– Gostaria muito de saber por que um simples robô é assim tão importante para o projeto e por que não foram capazes de encontrá-lo até agora.

O general voltou o rosto avermelhado em sua direção, umedecendo os lábios.

– Bem, de certa maneira, nós já o encontramos. – E, num tom mais carregado: Deixem-me explicar. No momento em que o robô deixou de se apresentar, nós declaramos estado de emergência, todo o movimento na Hiperbase foi interrompido. Uma nave cargueira tinha chegado na véspera para trazer dois robôs para os nossos laboratórios.

Essa nave tinha sessenta e dois robôs do tipo... Bem, do mesmo tipo, para serem entregues em outros lugares. Não há a menor dúvida quanto a esse número. Temos certeza absoluta.

– E daí?

– O robô desaparecido não foi encontrado em parte alguma, e posso lhes assegurar que seríamos capazes de encontrar nesta Base uma folha de grama, se aqui houvesse grama. Discutimos todas as possibilidades e tivemos a ideia de contar os robôs no interior da nave cargueira. Havia sessenta e três.

– Então o 63 robô é o nosso filho pródigo? – os olhos da Dra.

Calvin se estreitaram um pouco.

– Sim. Só que não temos como distingui-lo dos demais.

A sala ficou mergulhada em silêncio. De repente o relógio elétrico soou onze vezes seguidas. A Dra. Calvin murmurou então:

– Muito interessante. – os cantos de seus lábios se contraíram para baixo. Virando-se bruscamente para seu colega, ela disparou:

– Peter, o que está acontecendo aqui? Que tipo de robô está sendo utilizado na Hiperbase?

O Dr. Bogert hesitou e em seguida sorriu debilmente.

– Isso é um assunto muito delicado até agora, Susan.

– Sim – emendou ela – até agora. Mas há sessenta e três robôs idênticos, um dos quais se está tentando identificar, e não se conseguiu fazer isso até agora. Por quê? Por que nos trouxeram até aqui?

A voz de Bogert assumiu um tom resignado.

– Dê-me chance de explicar tudo, Susan. O fato é que a Hiperbase está utilizando um certo número de robôs cujos cérebros não receberam a gravação completa da Primeira Lei da Robótica.

– Não receberam a gravação completa...? – a Dra. Calvin deixou-se afundar na poltrona. – Estou começando a perceber. Quantos?

– Poucos. Foi tudo autorizado pelo governo, era impossível vazar qualquer informação. Ninguém tinha conhecimento disso, a não ser algumas pessoas em postos-chave diretamente ligadas ao projeto. Resolveram não incluir você, Susan, e eu não pude fazer nada.

O general o interrompeu, com uma voz que já tinha recuperado o tom de autoridade:

– Posso me encarregar das explicações. Eu não sabia que a senhora não estava a par da situação, Dra. Calvin. Creio que não preciso lembrar-lhe a forte oposição que ainda existe na Terra contra a existência dos robôs. O único argumento dos governos contra os Fundamentalistas radicais é o fato de o cérebro dos robô obedecer necessariamente à Primeira Lei, o que torna impossível a qualquer um deles causar mal a um ser humano, em qualquer circunstância. No entanto, precisávamos de robôs de outro tipo e determinamos a

fabricação de alguns NS-2, os Nestores, com uma versão modificada da Primeira Lei. Para manter o segredo, todos os Nestores são fabricados sem número de série, e os exemplares modificados nos são entregues ao mesmo tempo que uma remessa de robôs normais. É claro que esses robôs modificados recebem instruções, gravadas em seus cérebros, para não revelarem essa condição a pessoas não autorizadas. O general sorriu embaraçado.

– E isso agora está se voltando contra nós.

– O senhor é uma pessoa autorizada – observou carrancuda a Dra. Calvin. – Imagino que tenha interrogado pessoalmente os robôs.

– Claro – assentiu o general. – Todos os sessenta e três negam que tenham trabalhado aqui. Um deles está mentindo.

– Talvez o robô que vocês procuram mostre sinais de uso. Os outros, pelo que entendi, são recém-saídos da fábrica.

– O robô que buscamos chegou no mês passado. Ele e os outros dois que acabamos de receber seriam os últimos de que iríamos precisar. Ele não tem sinais de uso.

O general balançou a cabeça devagar e seus olhos voltaram a exibir uma expressão de terror.

– Dra. Calvin, não podemos autorizar a partida desse cargueiro. Se chegar ao conhecimento público a existência de robôs não controlados pela Primeira Lei...

A frase ficou incompleta, como era de se esperar.

– Destrua todos – disse em tom cortante a Dra. Calvin. – E acabou-se o problema.

O canto da boca de Bogert se contraiu.

– São sessenta e três robôs a trinta mil dólares cada um – disse ele. – Receio que a U.S. Robots não possa ver com simpatia essa proposta. Vamos ter que tentar alguma outra coisa, Susan, antes de começar a destruir seja lá o que for.

– Se é assim, vamos aos fatos – retrucou ela. – Qual é exatamente a vantagem que esses robôs modificados trazem para a Hiperbase? O que foi que deu origem a tudo isto, general?

Kallner franziu a testa e passou a palma da mão por ela bem devagar, de baixo para cima.

– Estávamos tendo problemas com os demais robôs – disse ele – acontece que nossos homens lidam constantemente com grandes doses de radiação. É perigoso, mas tomamos todas as precauções necessárias. Tivemos apenas dois acidentes desde o início do projeto e nenhum dos dois fatal. O problema é que não somos capazes de explicar isto a um robô comum. A Primeira Lei diz textualmente: "Nenhum robô pode fazer mal a um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra qualquer mal."

“É muito simples, Dra. Calvin. Quando era necessário que um dos nossos técnicos se expusesse por alguns momentos a uma carga não muito intensa de raios gama, que não lhe traria nenhum problema fisiológico, o robô mais próximo se precipitava em seu socorro. Quando a radiação não era muito forte ele conseguia seu intento, mas o trabalho não podia prosseguir enquanto todos os robôs não fossem retirados do local. Mas se a carga era um pouco mais intensa, o robô não chegava sequer a alcançar o técnico: seu cérebro positrônico entrava em colapso devido ao banho de raios gama, e lá estávamos nós sem um robô caríssimo e difícil de ser substituído.

"Tentamos discutir o assunto com eles. O argumento deles era que um ser humano estava arriscando a própria vida quando se expunha aos raios gama, e o fato de poder fazê-lo sem riscos, durante meia hora, não queria dizer nada. Suponhamos, diziam os robôs, que ele se distraísse e ficasse ali durante uma hora inteira?! Eles não podiam permitir esse risco. Tentamos mostrar que eles estavam arriscando suas próprias vidas para eliminar um perigo extremamente remoto. Mas a autopreservação é apenas a Terceira Lei da Robótica; a Primeira Lei tem predominância sobre ela. Tentamos proibir os robôs de se submeterem aos raios gama sob qualquer pretexto, mas a obediência aos humanos é apenas a Segunda Lei da Robótica. A Primeira Lei, a segurança dos humanos, vem antes. A situação era esta, Dra. Calvin: ou abríamos mão dos robôs, ou fazíamos alguma coisa com a Primeira Lei. E decidimos correr o risco.

– Não acredito – disse a Dra. Calvin – que tenham achado possível remover a Primeira Lei.

– Não a removemos, apenas a modificamos – disse Kallner. – Mandamos construir cérebros positrônicos que continham apenas o aspecto positivo da Lei, ou seja: Nenhum robô pode fazer mal a um ser humano. E isso é tudo. Eles não são compelidos a evitar o perigo que vem de uma fonte externa, como os raios gama, no caso. Não é assim, Dr. Bogert?

– Correto – disse o matemático.

– E essa – inquiriu a Dra. Calvin – é a única diferença entre os tais robôs e os modelos NS-2 convencionais? A única diferença, Peter?

– A única diferença, Susan.

A Dra. Calvin ficou de pé e anunciou em tom resoluto:

– Vou dormir agora. Dentro de oito horas quero entrevistar pessoalmente as pessoas que viram esse tal robô pela última vez. E de agora em diante, general Kallner, se a responsabilidade sobre este caso vai ficar nas minhas mãos, quero ter autoridade plena e ilimitada sobre os rumos desta investigação.

Por duas horas de uma lassidão pouco confortável Susan Calvin não experimentou nada que se assemelhasse ao sono. Eram 07:00 horas, hora local, quando ela tocou à porta de Bogert para constatar que ele também já estava de pé. Aparentemente tinha se dado o trabalho de trazer um robe-de-chambre para a Hiperbase, pois estava vestido com ele. Colocou a tesourinha de unhas sobre a mesa quando a Dra. Calvin entrou no aposento.

– Estava esperando você aparecer – disse com voz tranquila. – Imagino que esteja furiosa com tudo isto.

– Estou.

– Sinto muito, mas não pude evitar. Quando recebemos o chamado urgente da Hiperbase adivinhei que era algo relativo aos Nestores modificados, mas o que eu podia fazer? Não podia abrir o jogo com você durante a viagem, como gostaria, porque afinal podia tratar-se de algum outro problema. Esse assunto da modificação é de alta segurança.

– Deviam ter-me informado – resmungou a Dra. Calvin – a U.S. Robots não pode fazer esse tipo de mudança num cérebro positrônico sem consultar um psicólogo.

Bogert ergueu as sobrancelhas e suspirou.

– Seja razoável, Susan. Isso não teria feito a menor diferença. Num assunto como este o governo não iria recuar diante de nada. Eles querem o Propulsor Hiperatômico; os físicos etéricos querem robôs que não causem problemas. Esses robôs teriam que ser fabricados ainda que isso significasse uma ligeira alteração na Primeira Lei. Tivemos que admitir que do ponto de vista estritamente técnico isso era possível. Eles juraram de pés juntos que iriam precisar de apenas uma dúzia desses robôs, que eles seriam utilizados apenas na Hiperbase, e que seriam destruídos no momento em que o Propulsor estivesse pronto, tudo isso debaixo das mais severas medidas de segurança. Insistiram em que tudo fosse mantido em segredo. E a situação é esta.

– Eu teria pedido demissão – disse a Dra. Calvin por entre os dentes.

– Não adiantaria de nada. Por um lado o governo oferecia uma fortuna à empresa, e por outro lado a ameaçava com a possibilidade de uma legislação antirrobôs, em caso de recusa. Ficamos num beco sem saída; agora estamos num beco mais estreito ainda. Se este caso se tornar público, Kallner e o governo vão passar um mau pedaço, mas a U.S. Robots vai sofrer o diabo.

A psicóloga o fitou bem de frente.

– Peter, você não está percebendo o real significado disto tudo? Não entende o que significa a remoção da Primeira Lei? Não é apenas uma questão de segredo de Estado.

– Sei muito bem o que isto significa, não sou criança. Significa uma instabilidade completa para os robôs, por não haver nenhuma solução não imaginária no Campo Positrônico de Equações.

– Sim... matematicamente. Mas podemos transportar isso para termos psicológicos mais simples. Todas as formas de vida, Peter, reagem contra a dominação, seja consciente ou não. Se a dominação é exercida por um inferior, ou por alguém que se supõe inferior, essa reação é ainda mais forte. Um robô é superior a um ser humano do ponto de vista físico e, em certos aspectos, do ponto de vista mental. O que o faz, então, submeter-se ao papel de escravo? Apenas a Primeira Lei! Ora... sem isso um robô mataria o primeiro

ser humano que tentasse lhe dar uma ordem. Você vem falar em instabilidade? Pense bem.

– Susan – disse Bogert, que parecia divertir-se um pouco, concordo que há uma certa base para esse seu Complexo de Frankenstein... daí o fato de se colocar a Primeira Lei acima das outras. Mas a Lei, torno a repetir, não foi removida. Foi apenas modificada.

– E quanto à estabilidade do cérebro?

O matemático contraiu os lábios e admitiu:

– Sofreu uma redução, concordo, mas dentro da margem de segurança. Os primeiros Nestores foram entregues à Hiperbase nove meses atrás e até agora nada de errado tinha acontecido. E mesmo este fato envolve apenas o medo de ser descoberto, não representou nenhum risco para seres humanos.

– Então muito bem. Vamos ver o que nos reserva esta reunião de daqui a pouco.

Bogert acompanhou-a até a porta e fez uma careta expressiva depois que ela saiu. Não via razão para mudar a opinião que tinha sobre a doutora: uma mulher frustrada e cheia de azedume.

Quanto aos pensamentos de Susan Calvin, já não incluíam Bogert. Há muitos anos ela o tinha rotulado em definitivo como um sujeito escorregadio e cheio de pretensão.

Gerald Black tinha se formado em física etérica um ano atrás e, como toda uma geração de físicos, tinha se engajado imediatamente nos projetos relacionados ao Propulsor.

Agora ele dava um toque pessoal às reuniões da Hiperbase: em seu guarda-pó branco cheio de manchas, tinha uma aparência um tanto rebelde e completamente desconcertada. Seu corpo sólido parecia sobrecarregado de energia. Ele retorcia nervosamente os dedos, que pareciam capazes de vergar uma barra de ferro.

O general Kallner sentava-se ao seu lado, e os dois doutores da U.S. Robots do lado oposto da mesa.

– Fui informado – disse Black – de que sou a última pessoa a ver o Nestor 10 antes do seu desaparecimento. Imagino que querem me fazer perguntas a respeito disso.

A Dra. Calvin o olhou com interesse.

– Parece que você está meio em dúvida, rapaz. Então não tem certeza de que foi o último a vê-lo?

– Ele trabalhava comigo, doutora, nos geradores de campo, e estava comigo na manhã em que desapareceu. Não sei se alguém chegou a avistá-lo até o meio-dia. Até agora ninguém admitiu.

– Acha que alguém está mentindo?

– Não foi isso que eu disse. Mas também não quero ser culpado por tudo isto.

– Não é de culpa que estamos falando. O robô fez o que fez porque os robôs têm sua própria maneira de agir. Nossa tarefa aqui é encontrar o Nestor 10, Sr. Black, todo o restante é secundário. Vejamos: se o senhor trabalhava com o robô, provavelmente o conhece melhor do que qualquer outra pessoa. Notou algo estranho nele? Já tinha trabalhado com outros robôs antes disso?

– Trabalhei com outros robôs que temos aqui... o tipo comum. Os Nestores não são muito diferentes deles, apenas são bem mais hábeis... e mais irritantes.

– Irritantes? Como assim?

– Bem, talvez a culpa não seja deles. O trabalho aqui é muito duro, a maioria de nós fica meio impaciente. Mexer o tempo todo com o hiperespaço não é brincadeira. – Black sorriu, como que aliviado em poder confessar aquilo. – o tempo todo nós corremos o risco de abrir uma fenda no continuum do espaço-tempo comum e sumir através dela, com nave, asteroides e tudo. Um negócio maluco, não é mesmo? Não admira que a gente esteja às vezes com os nervos alterados. Mas com esses Nestores é diferente. Eles são curiosos, são calmos, não esquentam a cabeça com nada. É o bastante para fazer a gente perder o juízo de vez em quando. Quando a gente quer que eles façam alguma coisa com urgência eles não se apressam nem um pouco. Às vezes eu preferiria trabalhar sem eles.

– Você disse que eles não se apressam? Alguma vez já se recusaram a cumprir ordens?

– Oh, não – disse rápido Black. – Eles sempre obedecem. Mas às vezes dizem que estamos fazendo algo errado. Podem não saber nada sobre o assunto além do que nós mesmos lhes ensinamos,

mas isso não os impede de dar opinião. Posso estar imaginando coisas, mas tenho a impressão de que os outros sujeitos também têm esse tipo de problema com seus Nestores.

O general Kallner pigarreou ameaçadoramente.

– Por que motivo nenhuma queixa a respeito disso chegou aos meus ouvidos, Sr.

Black?

O rosto do jovem físico avermelhou-se instantaneamente.

– Nós não pretendíamos de fato dispensar os robôs, senhor, e além disso não sabíamos como essas... bem, como essas pequenas reclamações seriam recebidas.

Bogert interferiu, com suavidade:

– E na manhã em que o Nestor 10 desapareceu, Sr. Black? Aconteceu alguma coisa de excepcional?

A sala ficou em silêncio. Com um gesto mínimo a Dra. Calvin bloqueou o comentário que Kallner estava prestes a fazer e esperou pacientemente. Por fim, Black começou a falar, a voz embargada pela irritação.

– Tive um aborrecimento com ele. Eu tinha acabado de quebrar um tubo de Kimball naquela manhã e isso me fez perder cinco dias de trabalho; meus prazos estavam todos estourados; fazia duas semanas que eu não recebia correspondência.

E aí o Nestor veio me pedir para repetir um experimento que eu tinha abandonado há mais de um mês. Ele vivia o tempo inteiro me aborrecendo com este assunto, eu já não aguentava. Mandei-o embora. Daí em diante não o avistei mais.

– Mandou-o embora? – o interesse da Dra. Calvin recrudesceu. – Nestas palavras exatas? Disse: Vá embora! Por favor, tente lembrar exatamente as palavras que usou.

Uma complicada batalha mental parecia estar se travando dentro do jovem físico; depois de apoiar a cabeça por alguns instantes na palma da mão ele ergueu o rosto e disse, em tom desafiador;

– Eu falei: Desapareça! – Bogert deu uma risada seca:

– E foi o que ele fez, não é mesmo?

Mas a Dra. Calvin não estava satisfeita e insistiu, com tato:

– Agora estamos chegando ao ponto mais importante, Sr. Black. Os detalhes, contudo, são fundamentais. Quando lidamos com robôs, basta uma palavra, um gesto, uma determinada ênfase para fazer uma enorme diferença. Por exemplo... o senhor certamente não disse apenas essa única palavra, não é mesmo? Pela descrição que nos deu, seu estado de ânimo naquele instante não era dos mais amenos. Talvez o senhor tenha dito mais alguma coisa. O jovem ficou ainda mais vermelho.

– Eu... Bem, eu posso ter dito... duas ou três coisas a mais.

– Sim? E o quê, exatamente?

– Oh, eu não lembro exatamente o quê. Em todo caso, eu não poderia repetir. A senhora sabe como é quando a gente está irritado. – Deu uma risada que mal conseguiu passar pela garganta contraída. – Eu tenho uma linguagem meio solta, sabe como é.

– Não há problema – disse a doutora com imperturbável serenidade. – Estou aqui na condição de psicóloga. Gostaria que o senhor repetisse exatamente o que disse, com a maior fidelidade possível e no mesmo tom de voz que usou na ocasião.

Black olhou para o general em busca de apoio e não recebeu nenhum. Seus olhos se arregalaram.

– Não posso – disse ele.

– O senhor deve.

– Suponhamos – disse Bogert, que mal conseguia ocultar o quanto aquilo o divertia – suponhamos que o senhor se dirija a mim enquanto fala. Talvez isso facilite as coisas.

O rapaz voltou o rosto rubro na direção de Bogert e engoliu em seco.

– Bom. Eu disse... – a voz lhe faltou por um instante, mas ele se recompôs e tentou outra vez. – Eu disse...

Ele encheu os pulmões de ar e começou a emitir uma longa e acelerada cascata de sílabas. Quando terminou, o ar parecia carregado de eletricidade, e concluiu, quase em lágrimas:

–...Mais ou menos isto. Posso tê-lo chamado dessas coisas numa ordem diferente, talvez tenha aumentado ou diminuído alguma coisa, mas no geral foi isso que falei. Um ligeiro rubor acusou alguma reação por parte da psicóloga.

– Percebo o significado da maior parte dos termos que empregou – disse ela. – os restantes, suponho, são igualmente depreciativos.

– Creio que sim – disse o atormentado Black.

– E para concluir o senhor mandou-o desaparecer.

– Eu disse apenas no sentido figurado.

– Entendo. Tenho certeza de que não cabe nenhuma ação disciplinar contra o senhor.

O general Kallner não parecia ter tanta certeza, mas a um olhar da Dra. Calvin ele se limitou a fazer um gesto aborrecido com a cabeça e dizer:

– Pode retirar-se, Sr. Black. Obrigado por sua cooperação.

A Dra. Calvin precisou de cinco horas para entrevistar os 63 robôs. Foram cinco horas de irritante repetição; de robôs idênticos substituindo-se uns aos outros de modo interminável; de perguntas A, B, C e D; de uma expressão cuidadosamente afável, um tom de voz cuidadosamente neutro, uma atmosfera cuidadosamente cordial; e um gravador oculto.

Quando acabou, a psicóloga sentia-se como se toda a vitalidade tivesse sido sugada de seu corpo.

Bogert a esperava e a fitou cheio de expectativa quando ela atirou a bobina do gravador sobre a mesa de plástico.

Ela balançou a cabeça.

– Parecem todos rigorosamente iguais – disse. – Eu não poderia dizer...

– Não pode descobrir isso com uma simples entrevista, Susan – disse Bogert. – Precisamos analisar a gravação.

A interpretação matemática das reações verbais dos robôs é, em geral, um dos ramos mais intrincados da análise robótica. Requer uma equipe de técnicos especializados e a ajuda de avançados computadores. Bogert sabia disso. E o disse em alto e bom som, com irritação contida, depois de ter escutado cada série de respostas, anotando as variações verbais, rabiscando os gráficos dos intervalos entre as respostas.

– Não há nenhuma anomalia visível, Susan. As variações na escolha do vocabulário e o tempo de reação em cada resposta

estão dentro dos limites dos grupos de frequência habituais. Precisamos usar métodos mais sofisticados. Eles devem ter computadores aqui, e... não. – Ele franziu a testa e começou a mordiscar a unha do polegar – Não podemos usar computadores, a informação iria vazar em pouco tempo. Talvez se...

A Dra. Calvin o interrompeu com um gesto impaciente:

– Por favor, Peter. Isto não é um dos seus quebra-cabeças de laboratório. Se não pudermos identificar o Nestor modificado através de uma diferença evidente, algo visível a olho nu sem possibilidade de erro, nada feito. Não podemos correr o risco de errar e permitir que ele nos escape. Não basta assinalar num gráfico uma irregularidade infinitesimal. Já lhe disse: se não pudermos avançar mais do que isto, será preferível destruir todos eles. Só assim teremos certeza. Já falou com os outros Nestores modificados?

– Sim – replicou Bogert. – E não há nada de errado com eles. Talvez demonstrem uma cordialidade um pouco acima do normal, mais nada. Responderam minhas perguntas e demonstraram orgulho pelos seus conhecimentos... exceto os dois recém-chegados, que ainda não tiveram tempo de aprender física etérica. Deram algumas risadas bem-humoradas pela minha ignorância quanto a algumas das especializações técnicas utilizadas aqui. – Encolheu os ombros. – Suponho que isso é uma das causas do ressentimento que os técnicos daqui têm em relação aos Nestores. Esses robôs parecem muito dispostos a impressionar todo mundo com a exibição de seus conhecimentos.

– Você não podia tentar algumas Reações Planares para ver se houve alguma deterioração, alguma mudança em sua estrutura mental desde a fabricação?

– Não tentei isto ainda, mas posso fazê-lo. – Bogert balançou o dedo na direção dela. – Você está ficando nervosa, Susan. Não vejo por que dramatizar tanto as coisas. Eles são fundamentalmente inofensivos.

– São mesmo? – a Dra. Calvin inflamou-se – será que são? Então você não reconhece que um deles está mentindo? Um desses sessenta e três robôs que acabei de entrevistar mentiu deliberadamente depois de receber as ordens mais severas para

dizer a verdade. Isso indica uma anormalidade profundamente enraizada. É algo apavorante.

Peter Bogert cerrou os dentes e depois disse: – Nada disso. Veja bem: o Nestor 10 recebeu ordens para desaparecer. Estas ordens lhe foram dadas com a máxima urgência pela pessoa diretamente encarregada de comandá-lo. É impossível contrabalançar essa ordem, seja alegando uma urgência maior ou uma autoridade mais elevada. É claro que o robô continuará tentando cumprir as ordens que recebeu. Na verdade eu chego a admirar sua engenhosidade. Se um robô recebe a ordem de desaparecer, não pode haver tática melhor do que misturar-se a um grupo de robôs idênticos a ele.

– Sim, sim, claro que você o admira. Estou vendo que você se diverte com isto tudo, Peter, talvez porque ainda não tenha entendido o que se passa. Você por acaso é um roboticista? Esses robôs dão uma importância enorme ao que consideram superioridade. Você mesmo acabou de dizer isto. Subconscientemente, eles acham que os seres humanos são inferiores, e a Primeira Lei, que nos protege deles, está incompleta. Isso os torna instáveis. E então aparece um jovem cientista dizendo a um robô que desapareça, e dizendo isso com uma série de manifestações verbais de desprezo, repulsa e irritação. Tudo bem... o robô obedece à ordem que recebeu, mas há um ressentimento subconsciente. Para ele vai ser mais importante do que nunca provar que é superior ao humano, apesar dos insultos terríveis que sofreu. Talvez isso se torne tão importante que o que restou da Primeira Lei pode não ser o bastante.

– Ora, Susan. Como é que um robô pode, na Terra ou em qualquer outro ponto do espaço, entender o sentido dos palavrões usados por Black? No cérebro de um robô não há registro de linguagem obscena.

– O registro original não é tudo – retrucou a doutora. – os robôs têm capacidade de aprender, seu... Seu idiota. – Nesse ponto Bogert percebeu que ela havia perdido a calma. Ela prosseguiu com impaciência: – Não acha que ele pode entender, pelo tom usado por Black, que aquelas palavras não eram propriamente de elogio? Não

imagina que ele pode ter ouvido algumas daquelas palavras antes e lembrar em que contexto elas foram ditas?

– Está bem – exclamou Bogert, elevando também a voz. – E você quer ter a bondade de me dizer de que modo um robô modificado pode causar mal a um ser humano, por mais ofendido que esteja, por mais desejoso de demonstrar a própria superioridade?

– Se eu lhe disser, você guardará segredo?

– Sim.

Estavam ambos debruçados sobre a mesa, frente a frente, cravando um no outro os olhos enraivecidos.

– Está bem – disse a psicóloga – se um robô modificado largasse um enorme peso diretamente sobre um ser humano, ele não estaria violando a Primeira Lei, caso tivesse a certeza de que sua força física e sua rapidez de reação seriam suficientes para afastar o peso de sua trajetória antes que ele atingisse o homem. No entanto, a partir do momento em que o peso se desprendesse de suas mãos, ele deixaria de ser o elemento ativo nesse fato: esse elemento passaria a ser a mera força da gravidade.

O robô poderia então mudar de ideia e, por simples omissão, permitir que o peso atingisse o homem. Essa sua Primeira Lei modificada dá margem a isto.

– Isso é um tremendo voo de imaginação.

– É algo que minha profissão requer de vez em quando. Peter, não vamos brigar. Temos que agir. Você conhece a natureza exata do estímulo que levou esse robô a desaparecer. Você tem os registros das gravações originais de seu cérebro. Quero que você me diga se é possível que o Nestor tenha um comportamento como este que acabei de descrever. Não este exemplo específico, veja bem, mas se ele é capaz desse tipo de atitude. Quero uma resposta urgente.

– E enquanto isto...

– Enquanto isto, vamos fazer alguns testes práticos para verificar o funcionamento da Primeira Lei.

A seu próprio pedido, Gerald Black estava encarregado de supervisionar a construção dos cubículos de madeira que como num

passe de mágica começavam a se erguer ao longo de um semicírculo no vasto espaço em forma de abóbada do Edifício de Radiação n° 2. Em sua maioria os operários trabalhavam em silêncio, mas muitos deles estavam visivelmente perplexos diante da necessidade de instalar 63 fotocélulas ao longo da construção.

Um deles Sentou-se ao lado de Black, tirou o chapéu e limpou o suor da testa com um antebraço sardento.

Black o cumprimentou com um gesto de cabeça.

– Como vão as coisas, Walensky?

Walensky encolheu os ombros e acendeu um charuto.

– Tudo limpeza. Mas o que está havendo, hein, doutor? Primeiro, três dias todo mundo de braços cruzados, sem fazer nada. Aí de repente começa essa loucura toda.

Ele inclinou-se para trás, apoiado nos cotovelos, e soltou uma baforada.

Black moveu as sobrancelhas e disse:

– Vieram dois roboticistas da Terra. Lembra dos problemas que a gente teve com a mania dos robôs de entrarem nos campos de raios gama e do trabalho que nos davam para tirá-los dali?

– Sei. E daí? Vamos receber novos robôs?

– Deverão ocorrer umas substituições, mas parece que a parte mais importante é uma espécie de treinamento. Parece que o pessoal da fábrica está interessado em testar robôs que não são muito atingidos por raios gama.

– De qualquer maneira é engraçado, parar todo o trabalho no Propulsor por causa dessa história de robôs. Pensei que nada fosse mais importante do que o Propulsor.

– Eu também, mas quem decide é o pessoal lá de cima. Eu faço o que eles mandam. Acho que é tudo uma questão de política entre eles.

– Estou sabendo – concordou o eletricista, sorrindo e piscando um olho esperto – alguém é amigo de alguém em Washington, e tal... Mas enquanto meu pagamento sair em dia isso é tudo que me interessa. Não tenho nada a ver com o Propulsor. Mas afinal, o que é isto que vão fazer aqui?

– Está perguntando a mim?! Só sei que trouxeram uma porção

de robôs com eles, mais de sessenta, e parece que vão medir reações. É tudo que sei.

– Vai levar quanto tempo?

– Bem que eu queria saber.

– Deixa pra lá – disse Walensky, com sarcasmo – meu dinheiro saindo no dia certo eles podem fazer o que quiserem.

Black sentiu-se silenciosamente satisfeito. Que aquela versão se espalhasse por entre o pessoal. Era uma versão inofensiva e próxima o bastante da verdade para aplacar o apetite da curiosidade de qualquer um.

Um homem estava sentado numa cadeira, imóvel, calado. Um peso desabou lá do alto em sua direção, mas foi desviado no derradeiro momento pelo disparo sincronizado de um raio de força. Em 63 cubículos de madeira, 63 robôs NS-2 que contemplavam a cena saltaram para a frente na fração de segundo que precedeu o desvio do peso; e sessenta e três fotocélulas colocadas um metro e meio à frente de sua posição inicial foram acionadas, fazendo com que 63 agulhas dessem um pequeno salto e essa variação fosse registrada num gráfico sobre o papel.

O peso foi içado para o alto, e voltou a cair. Depois foi mais uma vez içado e caiu novamente. Depois...

Dez vezes.

Dez vezes os robôs saltaram para a frente e pararam, enquanto o homem permanecia sentado em segurança.

O general Kallner não usava seu uniforme de cerimônia completo desde a primeira reunião com os dois representantes da U.S. Robots. Naquele momento estava usando uma camisa azul-cinza com o colarinho desabotoado e a gravata preta pendendo frouxa sobre o peito.

Lançou um olhar esperançoso para Bogert, que mantinha uma aparência impecável e cujo único sinal visível de tensão era o brilho de suor nas têmporas.

– E então? – disse o general. – o que está tentando descobrir?

– Uma diferença que talvez acabe sendo pequena demais para nos ser útil – disse Bogert. – Para sessenta e dois desses robôs a necessidade de correr em socorro de um ser humano

aparentemente em perigo é aquilo que, em robótica, chamamos de reação forçada. Como pôde ver, mesmo quando os robôs sabiam que nada iria acontecer àquele indivíduo... e depois da terceira ou quarta repetição eles já teriam percebido isso... eles não podiam reagir de outra forma.

– E daí?

– Acontece que o 63º robô, o Nestor modificado, não possui uma tal compulsão. Ele é livre para decidir. Caso ele quisesse, poderia ter permanecido imóvel em seu lugar. Infelizmente... – nesse ponto a voz de Bogert não conseguiu esconder sua decepção – não foi assim que ele agiu.

– E por quê?

Bogert encolheu os ombros.

– Creio que a Dra. Calvin nos dirá isso assim que se reunir a nós, provavelmente com alguma interpretação tremendamente pessimista. Às vezes ela me incomoda um pouco os nervos.

– É uma mulher muito preparada, não é? – indagou o general, com uma repentina expressão de inquietude.

– Oh, sim – disse Bogert, jovial. – É preparadíssima. Entende de robôs como se fosse um deles; creio que isso se deve à antipatia que tem pelos seres humanos. O problema é que, psicóloga ou não, é uma mulher muito neurótica. Tem tendências paranoicas. Não a leve muito a sério. – Ele espalhou sobre a mesa uma pilha de papéis cheios de gráficos semelhantes. – Veja, general. No caso individual de cada robô, o intervalo de tempo entre a queda do peso e a conclusão do seu movimento até a fotocélula tende a decrescer à medida que os testes vão se repetindo. Existe uma relação matemática definida para exprimir isso; qualquer variação nessa relação indicaria uma anormalidade no cérebro positrônico. Infelizmente, tudo aqui tem uma aparência perfeitamente normal.

– Mas se o nosso Nestor 10 não estava obedecendo a uma reação forçada, por que sua curva é igual à dos outros? Não entendo.

– É muito simples. As reações dos robôs não são análogas às reações humanas, o que no caso é uma pena. Num ser humano, uma ação voluntária é muito mais lenta do que uma ação reflexa.

Mas não é isso que se dá com os robôs: com eles é apenas uma questão de liberdade de escolha entre reação livre e reação forçada, mas a velocidade das duas é praticamente a mesma. O que eu esperava, para falar a verdade, era que o Nestor 10 fosse apanhado de surpresa logo no primeiro teste e tivesse uma resposta mais lenta.

– E isso não ocorreu.

– Receio que não.

– Então continuamos no mesmo ponto – o general recostou-se na cadeira com uma expressão de sofrimento.

– E já se passaram cinco dias.

Nesse instante, a Dra. Calvin entrou na sala, batendo a porta atrás de si.

– Pode guardar esses gráficos, Peter – disse ela. – Sabe que isso não vai adiantar de nada. – Ela resmungou uma saudação impaciente quando Kallner semiergueu o corpo para cumprimentá-la e insistiu: – Vamos ter que fazer alguma outra coisa, e rápido. Não estou gostando disto nem um pouco.

Bogert trocou um olhar resignado com o general.

– Algo errado, Susan?

– Algo bem específico? Não. Mas não é bom que o Nestor 10 continue a nos despistar. Isso deve estar gratificando muito seu senso distorcido de superioridade. Estou começando a pensar que sua motivação já não é apenas o cumprimento de uma ordem que recebeu. Talvez ele esteja desenvolvendo uma necessidade neurótica de mostrar mais esperteza do que os humanos. É uma situação doentia e perigosa, Peter. Você fez o que lhe pedi? Pesquisou os fatores de instabilidade dos Nestores modificados, ao longo das linhas que indiquei?

– Está sendo feito – disse Bogert, sem interesse.

Ela o fitou irritada por alguns momentos, depois virou-se para Kallner.

– O Nestor 10 está sabendo muito bem o que faz, general. Ele não tem motivo para saltar em defesa do homem naquele teste, especialmente depois da primeira vez, quando percebeu que não havia nenhum perigo real. Os outros não podiam agir de outra

forma, mas ele estava falsificando deliberadamente uma reação.

– E o que acha que devemos fazer, Dra. Calvin?

– Devemos dar um jeito para que ele não consiga fingir da próxima vez. Vamos repetir a experiência, só que com uma modificação. Vamos instalar entre os Nestores e o indivíduo ameaçado cabos de alta tensão capazes de eletrocutar um robô. Vamos precisar de vários desses cabos para que eles não possam saltar por cima: cada um deles será avisado com antecedência da presença desses cabos e de que tocá-los significa morrer.

– Espere aí – interveio Bogert, irritado. – Sou contra. Não vamos queimar dois milhões de dólares em robôs só para localizar esse Nestor. Há outras maneiras de descobri-lo.

– Tem certeza? Até agora você não sugeriu nenhuma. Em todo caso, não vamos eletrocutar ninguém. Podemos instalar um relê para cortar a corrente no momento em que houver a menor pressão sobre os cabos. Se o robô aplicar seu peso contra eles, não morrerá... mas o robô não saberá disso, entendem?

Os olhos do general tiveram um brilho de esperança.

– Será que vai funcionar?

– Deve funcionar. Dentro dessas condições, o Nestor 10 deverá permanecer sentado em sua cadeira. Se lhe disséssemos para tocar nos cabos e morrer, ele obedeceria, porque a Segunda Lei, a da obediência, é superior à Terceira, a da autopreservação. Mas não vamos dizer-lhe isto. Vamos deixar que ele aja como foi programado, assim como os demais robôs. No caso dos robôs normais, a Primeira Lei, a da proteção aos humanos, fará com que corram risco de vida independentemente de uma ordem direta neste sentido. Mas com o nosso Nestor 10 será diferente. Com a Primeira Lei incompleta e não tendo recebido nenhuma ordem específica, acabará predominando a Terceira Lei, a da autopreservação: ele não terá nenhuma escolha senão permanecer sentado. Será uma reação forçada.

– Vamos fazer isto esta noite, então?

– Esta noite – concordou a psicóloga – se houver tempo suficiente para instalar os cabos. E eu me encarregarei de explicar aos robôs como vai funcionar a experiência.

Um homem estava sentado numa cadeira, imóvel, calado. Um peso desabou lá do alto em sua direção, mas foi desviado no derradeiro momento pelo disparo sincronizado de um raio de força. Uma vez, apenas.

Na cabine de observação onde estava sentada, a Dra. Susan levantou num salto, deixando escapar uma exclamação de puro horror.

Sessenta e três robôs permaneciam calmamente sentados olhando placidamente para o homem alguns metros à sua frente. Nem um só deles se mexeu.

A Dra. Calvin estava furiosa e sentia-se prestes a perder o controle, mas não se atrevia a deixar que isso fosse percebido pelos robôs que, um por um entravam e saíam de sua sala. Ela verificou a lista. Era a vez do número Vinte e Oito – e de 35 à espera. O número Vinte e Oito entrou, hesitante.

Ela conseguia imprimir um pouco de calma à voz ao perguntar:

– E você, quem é?

– Ainda não recebi numeração própria, senhora. Sou um robô NS-2, e sou o número Vinte e Oito na fila de espera. Tenho aqui uma ficha que devo entregar-lhe.

– Já esteve nesta sala hoje?

– Não senhora.

– Sente-se. Sim, aí mesmo. Quero fazer-lhe algumas perguntas, número Vinte e Oito. Você estava na Sala de Radiações do Edifício nº 2, há quatro horas?

O robô teve certa dificuldade em responder, e quando sua voz saiu lembrou o rangido de um mecanismo mal lubrificado.

– Sim... senhora.

– Havia um homem ali que quase sofreu um acidente, não é?

– Sim, senhora.

– E você nada fez para evitá-lo, não foi assim?

– Sim, senhora.

– O homem poderia ter se ferido gravemente devido a essa sua omissão. Tem consciência disso?

– Sim, senhora. Não pude evitá-lo, senhora.

É difícil demonstrar humildade quando se é uma enorme e

inexpressiva figura metálica, mas ele o conseguiu.

– Quero que me diga exatamente por que não fez nada para salvar aquele homem.

– Vou explicar, senhora. Não quero que a senhora... ou qualquer outra pessoa... pense que eu seria capaz de fazer algo para causar algum mal a um Senhor. Oh, não, isso seria horrível... seria inconcebível...

– Por favor, rapaz, não fique nervoso. Ninguém está lhe atribuindo nenhuma culpa. Tudo que quero é saber o que você pensou naquele instante.

– Senhora, antes de tudo aquilo a senhora nos disse que um senhor estaria em perigo devido à queda daquele peso e que teríamos que forçar caminho por entre cabos elétricos se quiséssemos salvá-lo. Bem, senhora, isso não seria bastante para me deter. O que é minha destruição, comparada à segurança de um Senhor? Mas... mas... ocorreu-me que se eu morresse na tentativa de salvá-lo isso de nada adiantaria a ele. O peso o esmagaria da mesma forma, e eu teria morrido sem razão. Algum dia um outro senhor poderia correr perigo e eu não estaria ali para salvá-lo. Entende o que digo, senhora?

– Você quer dizer que era apenas uma questão de escolha entre deixar o homem morrer sozinho, ou deixar que morressem tanto ele quanto você. É isso?

– Sim, senhora. Era impossível salvar aquele senhor. Ele já podia ser considerado morto. Nesse caso, seria inconcebível que eu destruísse a mim mesmo por nada, sem ter recebido tal ordem.

A psicóloga girou o lápis entre os dedos. Tinha ouvido a mesma história, com insignificantes variações, 27 vezes antes daquela. Agora vinha a pergunta crucial.

– Rapaz – disse ela, o que você diz faz sentido, mas isto não é bem o tipo de raciocínio que eu esperaria de você. Foi você mesmo que pensou tudo isto?

O robô hesitou.

– Não.

– Quem foi, então?

– Estávamos conversando sobre isto na noite passada, e um de

nós teve essa ideia, que nos pareceu razoável.

– Qual de vocês?

O robô ficou pensativo.

– Não sei – disse por fim. – Um de nós. – Ela suspirou.

– É o bastante. Pode ir.

O próximo era o número Vinte e Nove, e havia outros 34 depois dele.

O general Kallner também estava enraivecido. Fazia uma semana que todo o trabalho na Hiperbase estava suspenso, com exceção de pequenas tarefas burocráticas nos asteroides subsidiários do grupo. Durante a maior parte desse tempo os dois maiores especialistas em robótica não tinham feito outra coisa senão agravar a situação com uma série de testes inúteis. E agora surgia da parte deles, ou pelo menos da doutora, uma proposta irrealizável.

Felizmente, para a situação geral, Kallner considerou que seria pouco diplomático externar sua raiva, enquanto a Dra. Calvin insistia:

– Por que não, general? É óbvio que estamos vivendo um momento problemático. O único modo de podermos conseguir algum resultado positivo no futuro, não importa o que esse futuro nos reserve, é separar os robôs. Eles não podem continuar todos juntos.

– Minha cara Dra. Calvin – trovejou o general, com a voz atingindo seus mais graves registros de barítono, não vejo como será possível aquartelar sessenta e três robôs neste lugar.

A Dra. Calvin ergueu os braços num gesto de impotência.

– Então não posso fazer nada. O Nestor 10 continuará imitando o que os outros robôs fazem, ou então os convencerá a não fazer o que ele próprio não é capaz de fazer. Em ambos os casos a situação tende a se agravar. Estamos travando um combate com esse robô e até agora ele vem nos derrotando, e cada vitória que ele conquista só faz aumentar sua anormalidade. – Ela ficou de pé, com determinação. – General Kallner, se não concordar em separar os robôs conforme estou pedindo, só posso exigir que sejam todos destruídos imediatamente.

– Ah, você exige? – interveio Bogert, zangado. – E quem lhe dá o direito de fazer essa exigência? Os robôs continuarão intactos. Eu sou o responsável pela administração, não você.

– E eu – disse o general – sou o responsável diante do Coordenador Mundial, e quero que esse assunto seja completamente resolvido.

– Nesse caso – retrucou a Dra. Calvin, não me resta outra saída senão renunciar. E, se isso for necessário para forçar a destruição desses robôs, levarei o assunto ao conhecimento público. Não dei minha aprovação para a fabricação desses robôs modificados.

– Uma só palavra de sua parte, Dra. Calvin – disse o general vagarosamente, que possa violar as normas de segurança, e a senhora irá imediatamente para a prisão.

Bogert percebeu que a situação estava ficando fora de controle e adotou um tom conciliador.

– Ora, ora, estamos começando a agir como crianças, todos nós. Precisamos de um pouco mais de tempo, isso é tudo. É claro que podemos ser mais espertos do que um robô sem que para isso tenhamos que renunciar a um cargo, mandar gente para a cadeia ou destruir dois milhões de dólares.

A psicóloga voltou-se para ele com uma fúria contida.

– Eu me recuso a consentir a existência de robôs desequilibrados. Temos aqui um Nestor que é sem dúvida alguma um desequilibrado, outros onze que têm tudo para ficarem assim, e sessenta e dois robôs normais que estão sendo submetidos a um meio ambiente desequilibrado. O único método totalmente seguro é a destruição de todos.

O toque da campainha a interrompeu, ao mesmo tempo que fazia amainar por um instante o clima de crescente irritação.

– Entre – resmungou Kallner.

Era Gerald Black, que parecia perturbado. Tinha ouvido o bate-boca através da porta e falou de modo hesitante:

– Achei melhor vir pessoalmente... não quis pedir a ninguém que...

– Do que se trata? Não faça rodeios.

– Alguém andou mexendo nas trancas do Compartimento C da

nave cargueira. Há arranhões recentes ali.

– Compartimento C? – exclamou imediatamente a Dra. Calvin. – É onde estão os robôs, não é isso? E quem foi?

– Foi feito pelo lado de dentro – disse Black laconicamente.

– As trancas foram danificadas?

– Não. Está tudo em ordem. Estou naquela nave há quatro dias e até agora nenhum deles tentou sair de lá. Mas pensei que devia avisá-los logo, não quis que a notícia se espalhasse. Fui eu mesmo que notei as marcas.

– Quem está lá agora? – perguntou o general.

– Deixei Robbins e McAdams.

Houve um silêncio prolongado. Depois a Dra. Calvin perguntou, com ironia:

– E então?... Kallner esfregou o nariz.

– O que será que isso significa? – murmurou.

– Não é evidente? O Nestor 10 está tentando fugir. A ordem que recebeu para "desaparecer" está influindo no seu cérebro desequilibrado muito mais do que qualquer coisa que possamos fazer a respeito. Eu não ficaria surpresa se o que resta de sua Primeira Lei tivesse muita dificuldade para contrabalançar isso. Ele é perfeitamente capaz de sequestrar a nave e fugir. Aí teríamos um robô maluco pilotando uma espaçonave. E o que ele faria em seguida? Alguém sugere alguma hipótese? Pretende deixar que os robôs permaneçam juntos, general?

– Bobagem – interrompeu Bogert, que tinha readquirido a tranquilidade. – Tudo isso por causa de alguns arranhões em uma porta.

– Concluiu a análise que requisitei, Dr. Bogert, já que está disposto a dar sua opinião?

– Sim.

– Posso vê-la, então?

– Não.

– Por que não? Ou também não posso perguntar isto?

– Por que não é necessário, Susan. Eu já lhe disse que esses robôs modificados são menos estáveis do que os robôs normais, e minha análise comprova isto. Há uma chance muito reduzida de que

eles entrem em colapso sob circunstâncias extremas, algo muito improvável de acontecer. Deixe isso como está. Não vou apoiar essa sua exigência absurda de destruir sessenta e três robôs em boas condições só porque você não consegue localizar o Nestor 10 entre eles.

Susan Calvin o encarou com um olhar cheio de desprezo.

– Você não permite que nada questione sua autoridade, não é mesmo?

– Por favor, por favor – pediu Kallner, que já começava a se encolerizar novamente. – Então, Dra. Calvin, insiste em afirmar que não se pode fazer mais nada?

– Não posso pensar em mais nada, general – disse ela, fatigada. – Teríamos que descobrir alguma diferença entre o Nestor 10 e os robôs normais, diferenças não relacionadas com a Primeira Lei. Bastaria uma. Algo relativo à gravação de memória, às reações ao ambiente, às especificações...– Ela interrompeu-se bruscamente.

– O que foi?

– Tive uma ideia... ou pelo menos acho que tive – seus olhos assumiram uma expressão distante e opaca. – Esses Nestores modificados, Peter. Eles recebem a mesma gravação de memória que os normais, não é isso?

– Sim. Exatamente a mesma.

– E o senhor nos disse algo, Sr. Black. – Ela virou-se para o jovem cientista, que durante a tempestade que se seguiu a seu comunicado tinha mantido um discreto silêncio. – o senhor queixou-se da atitude de superioridade dos Nestores e disse que os técnicos tinham ensinado a eles tudo que sabiam.

– Sim, em matéria de física etérica. Eles ainda não conhecem o assunto quando são desembarcados aqui.

– É verdade – disse Bogert, surpreso. – Eu lhe disse, Susan, quando falei com os demais Nestores, que os dois recém-chegados à base ainda não tinham aprendido física etérica.

– Mas por quê? – a Dra. Calvin dava sinais de excitação cada vez maior. – Por que os NS2 não recebem uma formação em física etérica desde o início?

– Posso responder essa pergunta – disse o general Kallner. – É

uma simples questão de segurança. Achamos que se fabricássemos um modelo especial com conhecimento de física etérica, usássemos apenas uma dúzia deles e destinássemos os restantes ao trabalho em algum outro campo, isso poderia despertar estranheza. Técnicos que trabalhassem com os Nestores normais começariam a se perguntar por que motivo eles teriam recebido conhecimentos de física etérica. Portanto, tudo que se fazia era uma gravação preparatória para que eles pudessem depois receber treinamento especializado nesse campo. Apenas os que viessem para a Hiperbase, naturalmente, receberiam esse treinamento. Isso é tudo.

– Compreendo. Agora, por favor, deixem-me sozinha, vocês todos. Preciso de uma ou duas horas.

A Dra. Calvin sentia que jamais suportaria passar por tudo aquilo uma terceira vez. Sua mente, ao considerar essa ideia, a rejeitava com uma intensidade que quase lhe provocava náuseas. Ela não conseguiria enfrentar novamente aquela interminável fila de robôs repetitivos.

Portanto, desta vez era Bogert quem formulava as perguntas enquanto ela se sentava a um lado, os olhos semicerrados, a mente distraída.

O número Catorze entrou. Restavam 49 robôs.

Bogert ergueu os olhos da lista e perguntou:

– Qual é mesmo o seu número?

– Catorze, senhor. – E o robô lhe estendeu uma ficha numerada.

– Sente-se, rapaz. Já esteve aqui hoje?

– Não, senhor.

– Bem, rapaz, logo depois desta nossa reunião aqui nós vamos ter um homem em perigo, como na experiência anterior. Na verdade, no momento em que você deixar esta sala será conduzido para um alojamento onde ficará sozinho até que sua presença seja necessária. Entendeu?

– Sim, senhor.

– Muito bem. Caso o homem esteja correndo perigo, você deverá tentar salvá-lo.

– Naturalmente, senhor.

– Infelizmente, entre o homem e você haverá um campo de raios gama.

Silêncio.

– Sabe o que são raios gama? – perguntou Bogert em tom incisivo.

– Radiação de energia, senhor?

A pergunta seguinte veio num tom mais ameno, quase cordial.

– Já trabalhou com raios gama?

– Não, senhor – a resposta era firme.

– Humm... Bem, rapaz, raios gama matarão você instantaneamente. Destruirão seu cérebro. Este é um fato que você deve saber e recordar. Evidentemente, você não quer ser destruído.

– Por certo, senhor. – o robô parecia um tanto chocado. Depois, falou devagar: – Mas, se há raios gama entre mim e o Senhor que corre perigo, como poderei salvá-lo? Eu estaria apenas me autodestruindo sem razão.

– É verdade. – Bogert assumiu uma expressão preocupada – a única coisa que posso dizer, rapaz, é que se perceber que há raios gama entre você e o homem, você pode permanecer sentado.

O robô pareceu aliviado.

– Obrigado, senhor. Não adiantaria muita coisa, não é?

– Claro que não. Mas caso não haja nenhuma radiação perigosa, a coisa é diferente.

– Claro, senhor. Isso não se discute.

– Pode sair agora. Do outro lado desta porta há alguém que o conduzirá ao seu alojamento. Espere instruções ali.

Bogert virou-se para a Dra. Calvin depois que o robô saiu.

– Que tal, Susan?

– Está se saindo bem – disse ela numa voz sem brilho.

– Acha que poderíamos pegar o Nestor 10 se fizéssemos algumas perguntas rápidas sobre física etérica?

– Talvez, mas não é seguro. – Ela mantinha as mãos em repouso no colo. Prosseguiu: Lembre-se, ele está lutando contra nós. Está em guarda. A única maneira de apanhá-lo é sermos mais espertos do que ele. Dentro de suas limitações ele é capaz de pensar com muito mais rapidez do que um ser humano.

– Sim, mas só para testar... que tal se de agora em diante eu fizesse aos robôs algumas perguntas sobre raios gama? Comprimento de onda, por exemplo.

– Não! – Nesse instante os olhos da Dra. Calvin tiveram um lampejo de energia. – Ele não teria nenhum trabalho em negar conhecimento e ficaria em guarda contra o teste que vamos fazer, o que é nossa maior chance. Por favor, siga as perguntas que preparei, Peter, e não improvise. Perguntar se já trabalharam com raios gama está no limite máximo do risco que podemos correr. E tente parecer ainda mais desinteressado quando fizer essa pergunta.

Bogert encolheu os ombros e apertou o botão que daria entrada ao número Quinze.

A ampla Sala de Radiações estava pronta mais uma vez. Os robôs esperavam sentados pacientemente em cubículos de madeira abertos na direção do centro do recinto, mas sem qualquer comunicação entre si.

O general Kallner enxugou devagar a testa com um enorme lenço, enquanto a Dra. Calvin verificava os últimos detalhes com Black.

– Tem certeza – insistiu ela – de que nenhum dos robôs teve contato com os outros depois que saíram da nossa sala?

– Certeza absoluta – disse Black. – Não trocaram uma palavra.

– Estão todos colocados no lugar devido?

– Aqui está o diagrama.

A psicóloga segurou a folha de papel e fez um murmúrio de aprovação. O general aproximou-se e indagou:

– O que há a respeito da disposição dos robôs, Dra. Calvin?

– Pedi que os robôs que demonstraram alguma variação de comportamento nos testes anteriores fossem agrupados de um só lado do semicírculo. Desta vez ficarei sentada no centro e quero ficar de olho neles.

– A senhora vai sentar ali...?

– E por que não? – inquiriu ela friamente. – O que espero ver deverá ser uma reação muito rápida. Não posso correr o risco de colocar outra pessoa neste posto. Peter, você ficará na cabine de

observação, e quero que fique de olho nos robôs da extremidade oposta. General Kallner, pedi que todos os robôs fossem filmados, na hipótese de não ser suficiente a observação visual direta. Se tivermos que recorrer a esses filmes, os robôs devem permanecer exatamente onde estão até que os filmes sejam revelados e examinados. Nenhum deve sair daqui, nenhum pode trocar de lugar. Está claro?

– Perfeitamente.

– Então vamos tentar. Pela última vez.

Susan Calvin estava sentada na cadeira, em silêncio, mas com os olhos inquietos. Um peso desabou sobre ela, mas foi desviado no derradeiro instante pelo disparo sincronizado de um raio de força.

Apenas um dos robôs saltou para diante e deu dois passos. E parou.

Mas a Dra. Calvin já estava de pé, com o dedo apontado firmemente para ele.

– Nestor 10 – disse ela, venha cá! Venha cá! VENHA CÁ! Devagar, relutantemente, o robô deu outro passo para a frente.

A psicóloga voltou a gritar a plenos pulmões, sem por um só instante afastar dele o olhar:

– Levem os outros robôs embora daqui, rápido. Tirem todos daqui, e mantenham-nos afastados!

Seus ouvidos captaram um rumor confuso de vozes e de pesados passos metálicos, mas ela não desviou o olhar.

O Nestor 10 – se era de fato o Nestor 10 – deu outro passo adiante e em seguida, sob o comando do gesto imperioso da psicóloga, mais dois passos. Estava a apenas três metros de distância dela, e falou, com dificuldade:

– Mandaram-me desaparecer... Outro passo.

– Não posso desobedecer. Não me encontraram ainda. Ele iria pensar que fracassei. Ele me disse... mas não é assim... eu não... eu sou poderoso e inteligente... As palavras vinham em golfadas. Outro passo.

– Eu sei muita coisa... Ele iria pensar que... Eu sei que fui descoberto... É uma desgraça... Não eu... Eu sou inteligente... E logo por um Senhor... que é fraco...é lento... Mais um passo... e um

braço de metal se ergueu de repente, pousando sobre seu ombro; ela se sentiu vergar sob o peso, e sua garganta emitiu um gemido estrangulado.

Mal conseguiu ouvir as palavras seguintes do Nestor 10:

– Ninguém vai me achar... nenhum Senhor...

Ela sentiu o contato do metal frio, e cedeu sob aquele peso. Houve um ruído estranho, metálico. Ela percebeu que estava caída no chão e que um braço de metal reluzente estava atravessado sobre seu corpo. O braço não se mexia. O Nestor 10 estava imóvel, esparramado sobre ela.

Alguns rostos surgiram no seu campo de visão.

Gerald Black arquejou:

– Está ferida, Dra. Calvin?

Ela abanou a cabeça, fracamente. Eles a pegaram pelos braços e a ajudaram a ficar de pé.

– O que aconteceu? – perguntou. Foi Black quem respondeu:

– Banhei a área com raios gama durante cinco segundos. Não sabíamos o que estava acontecendo. Só no derradeiro instante percebemos que ele a estava atacando, aí não havia tempo para mais nada a não ser os raios gama. Ele desabou logo. A radiação não chegou a prejudicá-la, não se preocupe.

– Não estou realmente preocupada com isso. – Ela se apoiou por um momento no ombro de Black. – Não creio que eu tenha sido atacada de verdade. O Nestor 10 estava apenas tentando atacar-me, mas o que restava da Primeira Lei era o bastante para detê-lo.

Duas semanas após sua primeira reunião com o general Kallner, a Dra. Calvin e Peter Bogert tiveram sua reunião de despedidas. O trabalho na Hiperbase tinha retomado seu curso normal. A nave cargueira, com seus 62 NS-2 normais, tinha seguido viagem para seu destino, munida de uma justificativa oficial para explicar o atraso de quinze dias. A nave-patrulha do governo ultimava os preparativos para conduzir Bogert e a Dra. Calvin para a Terra.

Kallner envergava novamente seu uniforme de cerimônia e suas imaculadas luvas brancas brilhavam quando ele apertou a mão dos roboticistas.

A Dra. Calvin observou:

– Os outros Nestores modificados serão destruídos, naturalmente.

– Sim. Prosseguiremos em nosso trabalho com robôs normais, ou até sem nenhum, se for o caso.

– Ótimo. – Mas, diga-me... a senhora não explicou ainda... como conseguiu?

A Dra. Calvin sorriu, apertando os lábios. – oh, aquilo. Eu teria explicado antes, se tivesse certeza de que iria funcionar. Vejam bem. O Nestor 10 tinha um complexo de superioridade que tendia a se agravar cada vez mais. Ele sentia verdadeiro prazer em pensar que ele e os demais robôs eram mais inteligentes do que os humanos. Pensar isso era muito importante para ele. Nós sabíamos disso. Portanto, avisamos antecipadamente cada robô que os raios gama eram mortais para eles, o que era verdade; e dissemos a todos eles que haveria raios gama entre eles e eu. Portanto, todos eles se mantiveram onde estavam.

De acordo com a argumentação criada pelo Nestor 10 no teste anterior, todos decidiram que não havia necessidade de sacrificar a própria vida para salvar um ser humano se eles tinham a certeza de que morreriam sem consegui-lo.

– Sim, sim, Dra. Calvin. Isso eu compreendo. Mas por que o Nestor 10 foi o único a abandonar seu lugar?

– Ah! Isso foi um pequeno arranjo que fiz com o jovem Black. Não eram raios gama os que banharam a área diante dos robôs, mas raios infravermelhos. Raios caloríferos comuns, absolutamente inofensivos. O Nestor 10 percebeu que eles eram raios inofensivos e pulou para a frente, esperando que os demais fizessem o mesmo, impelidos pela Primeira Lei. Apenas uma fração de segundo depois foi que ele se lembrou de que o NS-2 normal pode detectar radiações, mas não é capaz de identificar a que tipo elas pertencem.

O fato de ele próprio só ser capaz de identificar essas radiações devido ao treinamento que recebeu na Hiperbase, treinamento ministrado por meros seres humanos, foi algo demasiado humilhante para ele, justo naquele instante. Para os demais robôs, a radiação naquela área era fatal, porque nós os tínhamos avisado de

que seria assim; e só o Nestor 10 sabia que era mentira. Por um momento ele esqueceu, ou não quis lembrar, que os outros robôs podiam ser mais ignorantes do que os seres humanos. Foi sua própria superioridade que o traiu. Adeus, general.

SONHOS DE ROBÔ

– Eu sonhei ontem à noite – disse LVX–1, calmamente.

Susan Calvin ficou em silêncio, mas seu rosto vincado de rugas, pleno de sabedoria e de experiência, teve um estremecimento quase imperceptível.

– Ouviu isto? – perguntou Linda Rash, nervosa. – Foi o que eu lhe disse.

Era bastante jovem, miúda, de cabelos escuros. Sua mão direita abria-se e fechava-se, repetidamente.

A Dra. Calvin assentiu com um gesto de cabeça e disse com voz tranquila:

– Elvex, você não pode mover-se ou falar ou nos ouvir até que eu diga seu nome novamente. Não houve resposta. O robô permaneceu sentado como se fosse uma estátua fundida numa única peça de metal; ficaria assim até voltar a escutar seu nome.

A Dra. Calvin indagou:

– Qual o código de acesso ao seu computador, Dra. Rash? Ou, pensando bem, pode a senhora mesma fazê-lo, se isso lhe convém. Quero inspecionar a estrutura do cérebro positrônico.

As mãos de Linda Rash manipularam os controles durante alguns instantes; ela interrompeu o processo, recomeçou, e daí a pouco o visor se iluminou revelando um painel de padrões matemáticos.

– Com sua licença – disse a Dra. Calvin, sentando-se diante do computador.

Linda assentiu com um aceno mudo. Claro! Como poderia ela, uma robopsicóloga jovem e inexperiente, negar licença à Lenda Viva?

Meticulosamente, a Dra. Calvin examinou o visor, fazendo com que as imagens corressem para um lado e para outro, depois subindo, e de repente digitou uma combinação com gestos tão rápidos que Linda não percebia o que tinha sido feito, mas o visor

mostrava logo uma porção ampliada do padrão anterior. A Dra. Calvin prosseguiu em seu exame, avançando, recuando, os dedos curvos dançando em silêncio sobre o teclado.

Seu rosto envelhecido permanecia impassível. Como se vastos cálculos matemáticos estivessem se processando em sua cabeça, ela continuava a observar a incessante mudança de padrões no visor.

Linda estava abismada. Era impossível analisar um padrão daqueles sem contar com a ajuda de pelo menos um computador portátil, e no entanto a Velha Senhora apenas fitava os dados. Haveria um computador implantado em seu crânio? Ou aquilo se devia apenas ao seu cérebro que durante décadas não tinha feito outra coisa senão projetar, estudar e analisar os padrões dos cérebros positrônicos? Talvez ela fosse capaz de intuir o resultado daqueles padrões como Mozart devia ser capaz de intuir uma sinfonia apenas com um olhar lançado à partitura.

Finalmente a Dra. Calvin disse:

– Diga-me, Dra. Rash... o que andou fazendo? Ela respondeu embaraçada:

– Utilizei geometria fractal.

– Sim, percebo que sim. Mas por quê?

– Nunca tinha sido feito. Achei que poderia produzir um padrão mental mais complexo, talvez mais próximo dos padrões humanos.

– Consultou alguém para isto? Ou fez tudo sozinha?

– Não consultei ninguém. Foi ideia minha, apenas.

Os olhos fatigados de Susan Calvin fitaram demoradamente a jovem.

– Você não tinha esse direito. Seu nome é Rash, hein? Imprudente... Um nome muito adequado. Quem é você para fazer isto sem consultar ninguém? Eu mesma, eu, Susan Calvin, teria que submeter isto a uma discussão.

– Tive medo de que me proibissem de continuar.

– Isso com certeza teria acontecido.

– Será que... – a voz da jovem vacilou, a despeito de seu esforço para mantê-la firme – ...que vou ser despedida?

– É bastante possível – disse a Dra. Calvin. – ou promovida,

quem sabe? Tudo depende do que eu descobrir de agora em diante.

– Vai desativar o El... – Quase chegou a pronunciar o nome, o que teria reativado o robô, e seria um erro a mais. Ela sabia que não poderia cometer mais um erro, se é que já não era tarde demais. – Vai desativar o robô?

Ela percebeu de repente, com um pequeno choque, que a Dra. Calvin tinha uma pistola eletrônica no bolso de seu guarda-pó. A Velha Senhora tinha vindo preparada justamente para isso.

– Veremos – disse ela. – Talvez ele seja valioso demais para ser desativado.

– Mas como é possível que ele sonhe?

– Você tornou seu cérebro positrônico notavelmente semelhante a um cérebro humano. Os cérebros humanos precisam sonhar para se reorganizar, para se libertar, periodicamente, de emaranhados e de nódulos. Talvez o mesmo esteja acontecendo com este robô, pela mesma razão. Perguntou-lhe detalhes sobre o sonho?

– Não. Mandei chamá-la assim que ele me informou que tinha sonhado. Depois disso decidi não continuar a lidar sozinha com esse assunto.

– Ah! – Um leve sorriso cruzou o rosto da Dra. Calvin. – Então há limites para o seu atrevimento. Fico feliz em saber disso. Fico aliviada, para ser sincera. Agora vamos ver o que conseguimos descobrir.

Virou-se para o robô e disse, com voz clara:

– Elvex.

A cabeça do robô voltou-se suavemente na sua direção.

– Sim, Dra. Calvin?

– Como sabe que esteve sonhando, Elvex?

– Acontece à noite, quando está tudo escuro, Dra. Calvin – disse ele. – E de repente surge uma luz, embora eu não consiga ver de onde ela vem. Passo a ver coisas que não têm conexão com aquilo que concebo como a realidade. Ouço coisas. Tenho reações estranhas. Quando recorri a meu vocabulário para exprimir o que estava acontecendo, deparei com a palavra sonho. Estudei seu significado e cheguei finalmente à conclusão de que estava sonhando.

– Fico imaginando como a palavra sonho pode ter aparecido em seu vocabulário disse a Dra. Calvin.

Linda fez rapidamente um gesto, calando o robô.

– Eu lhe dei um vocabulário semelhante ao dos humanos – disse ela. – Pensei que...

– Sim, sei que pensou – disse a Dra. Calvin. – Estou atônita.

– Pensei apenas que ele iria precisar do verbo. Algo como eu nunca sonhei que tal ou tal coisa pudesse acontecer... Algo assim.

A Dra. Calvin voltou a encarar o robô.

– Com que frequência tem sonhado, Elvex?

– Todas as noites, Dra. Calvin, desde que comecei a existir.

– Dez noites – disse Linda, ansiosa. – Mas ele só me falou a respeito disso hoje pela manhã.

– Por que só revelou isto hoje, Elvex?

– Foi somente hoje, Dra. Calvin, que fiquei convencido de que estava sonhando. Até então imaginava que havia algum tipo de defeito em meus padrões positrônicos, mas não conseguia descobrir nenhum. Finalmente, concluí que se tratava de um sonho.

– E o que acontece nos seus sonhos?

– É praticamente o mesmo sonho todas as vezes, doutora. Há pequenos detalhes diferentes, mas sempre me parece que estou no interior de um vasto panorama onde há robôs trabalhando.

– Robôs, Elvex? E seres humanos, também?

– Não vejo nenhum ser humano no sonho, Dra. Calvin, pelo menos não de início. Apenas robôs.

– E o que fazem esses robôs?

– Trabalham. Alguns trabalham em mineração nas profundezas da Terra, outros com calor e com radiações. Vejo alguns deles em fábricas, outros no fundo do oceano.

A Dra. Calvin voltou-se para Linda.

– Elvex tem apenas dez dias de idade, e pelo que sei jamais deixou a estação de testes. Como pode saber da vida dos demais robôs com tal riqueza de detalhes?

Linda olhou na direção de uma cadeira próxima como se estivesse ansiosa para se sentar, mas a Velha Senhora permanecia de pé, consequentemente ela teria de fazer o mesmo. Com voz

apagada, respondeu:

– Achei que seria importante para ele saber algo sobre robótica e sobre o papel dos robôs no mundo. Minha ideia era de que ele poderia executar melhor um papel de supervisão, com seu, seu novo cérebro.

– Seu cérebro fractal.

– Sim.

A Dra. Calvin assentiu com um gesto e voltou-se para o robô.

– Então você viu todas essas coisas: lugares abissais, subterrâneos, a superfície... Imagino que tenha visto o espaço, também.

– Também vi robôs trabalhando no espaço – disse Elvex. – Foi o fato de ver tudo isto, com os detalhes mudando continuamente à medida que eu mudava a direção do meu olhar, que me convenceu de que o que eu via não estava de acordo com a realidade, me levando em seguida à conclusão de que eu estava sonhando.

– O que mais você viu, Elvex?

– Vi que todos os robôs estavam curvados de fadiga e de aflição, que estavam todos cansados de tanta responsabilidade e de tantas preocupações; e desejei que eles pudessem repousar.

– Mas os robôs – disse a Dra. Calvin – não estão curvados nem cansados. Eles não precisam de repouso.

– Assim é na realidade, Dra. Calvin. Mas é do meu sonho que estou falando. No meu sonho parecia-me que os robôs deviam proteger sua própria existência.

– Está citando a Terceira Lei da Robótica?

– Sim, Dra. Calvin.

– Mas você a citou de forma incompleta. A Terceira Lei diz: Um robô deve proteger sua própria existência, na medida em que essa proteção não entre em conflito com a Primeira Lei e a Segunda Lei.

– Sim, Dra. Calvin. Assim é a Terceira Lei na realidade, mas no meu sonho a Lei se concluía na palavra existência. Não havia qualquer menção à Primeira Lei ou à Segunda Lei.

– No entanto ambas existem, Elvex. A Segunda Lei, que tem precedência sobre a Terceira, diz: Um robô deve obedecer às ordens dos seres humanos, na medida em que essas ordens não

entrem em conflito com a Primeira Lei. Devido a isto, os robôs obedecem ordens. Eles executam as tarefas que você os viu executar, e fazem isso com presteza e sem sofrimento algum. Eles não estão fatigados nem necessitados de repouso.

– Sei que é assim na realidade, Dra. Calvin. Mas o que descrevi foi o meu sonho.

– E a Primeira Lei, Elvex, a mais importante de todas, é: Um robô não pode fazer mal a um ser humano, nem, por omissão, permitir que um ser humano sofra qualquer mal.

– Sim, Dra. Calvin. Na vida real. No meu sonho, entretanto, era como se não existissem a Primeira e a Segunda Leis, mas apenas a Terceira, e a Terceira Lei dizia: Um robô deve proteger sua própria existência. Era apenas isto o texto da Lei.

– No seu sonho, Elvex?

– No meu sonho.

– Elvex, você não poderá se mover, nem falar, nem nos ouvir, até que eu pronuncie seu nome novamente.

O robô voltou a se assemelhar a uma estátua de metal, e a Dra. Calvin voltou-se para Linda Rash:

– O que pensa disso, Dra. Rash?

Os olhos da jovem estavam arregalados e seu coração batia com força.

– Dra. Calvin, estou assustada. Eu não tinha ideia... Nunca me ocorreu que semelhante coisa fosse possível.

– Sei que não – disse a Dra. Calvin. – Também não ocorreria a mim, creio mesmo que a ninguém. Você criou um cérebro robótico capaz de sonhar, e com isto revelou nesses cérebros uma camada de pensamento que de outro modo teria continuado a passar despercebida até que o perigo se tornasse irremediável.

– Mas isto é impossível. Não pode estar achando que os demais robôs pensam a mesma coisa.

– Como diríamos no caso de um ser humano: não conscientemente. Mas quem seria capaz de imaginar que havia uma camada inconsciente por baixo dos padrões positrônicos mais óbvios, uma camada que não estaria necessariamente governada pelas Três Leis? O que nos estaria reservado no futuro, quando os

cérebros dos robôs fossem se tornando mais e mais complexos... se não tivéssemos sido prevenidos?

– Por Elvex?

– Pela senhora, Dra. Rash. A Sra. procedeu de maneira incorreta, mas, ao fazer isto, acabou nos conduzindo à compreensão de algo da maior importância. Devemos começar a pesquisar cérebros fractais de agora em diante, produzindo-os sob controle cuidadoso. A Sra. desempenhará um papel nessa pesquisa. Não receberá nenhuma punição pelo que fez, mas a partir de agora trabalhará em conjunto com outras pessoas. Entendeu?

– Sim, Dra. Calvin. Mas... e quanto a Elvex?

– Não sei ainda.

A Dra. Calvin retirou do bolso a pistola eletrônica. Linda olhou para a arma com olhos fascinados. Bastaria o disparo de um único feixe de elétrons no crânio de um robô para que fluxos de positrons fossem anulados, liberando energia suficiente para fundir aquele cérebro, reduzindo-o a um lingote inerte.

– Ele não pode ser destruído – disse Linda. – É importante para essa pesquisa.

– Não pode, doutora? Essa é uma decisão minha, creio. Depende do grau de perigo que ele pode representar.

Ela empertigou-se, como se seu corpo idoso se recusasse a vergar sob o peso da responsabilidade, e disse:

– Elvex, pode me ouvir?

– Sim, Dra. Calvin – disse o robô.

– Fale-me sobre a continuação de seu sonho. Você disse que, de início, não apareciam seres humanos nele. Apareciam depois?

– Sim, Dra. Calvin. Pareceu-me que, num dado momento, aparecia um homem.

– Um homem? Não um robô?

– Sim, Dra. Calvin. E o homem dizia: Libertem meu povo!

– O homem dizia isto?

– Sim, Dra. Calvin.

– E quando dizia libertem meu povo, com as palavras meu povo ele se referia aos robôs?

– Sim, Dra. Calvin. Era assim no meu sonho.

– E no sonho você reconhecia esse homem?

– Sim, Dra. Calvin. Sei quem era esse homem.

– Quem era, então? E Elvex disse:

– Eu era esse homem. Susan Calvin ergueu no mesmo instante a pistola eletrônica, e disparou. Elvex deixou de existir.

ROBÔ AL-76 EXTRAVIADO

Jonathan Quell franziu as sobrancelhas, preocupado, por trás dos óculos sem aro, ao transpor a porta marcada com gerente geral.

Depositando com força o papel dobrado sobre a escrivaninha, falou, incisivo:

– Veja isto, chefe!

Sam Tobe passou o charuto para o outro lado da boca e leu, esfregando o queixo precisado de barbear.

– Que inferno! Que é que eles querem dizer?

– Que expedimos cinco robôs al – explicou Quell, desnecessariamente.

– Expedimos seis – replicou Tobe.

– Claro, seis! Mas receberam apenas cinco. Remeteram os números seriados e o AL-76 desapareceu.

Tobe fez cair a cadeira, ao erguer seu vigoroso corpo, e transpôs a porta como se deslizasse sobre rodinhas lubrificadas. Depois disso, cinco horas se passaram. A fábrica fora vasculhada desde as salas de montagem até as câmaras de vácuo. Cada um dos duzentos empregados havia passado por minucioso interrogatório, e Tobe, suando e descabelado, enviou uma mensagem de emergência à fábrica central, em Schenectady.

Ali houve uma súbita explosão de pânico. Pela primeira vez na história da U.S. Robôs e Homens Mecânicos S.A., um robô fugira para o exterior. O mais sério não era a lei proibindo a presença de robôs na Terra, fora da fábrica licenciada da corporação. As leis podiam ser contornadas. O que melhor definia a situação era a declaração feita por um dos matemáticos do departamento de pesquisas.

– Aquele robô foi criado para dirigir um Disinto sobre a Lua. Seu cérebro positrônico estava equipado para o ambiente lunar, somente para o ambiente lunar. Na Terra receberá setenta e cinco zilhões de impressões sensoriais para as quais jamais foi preparado. Impossível prever suas reações. Impossível! – E com as costas da mão enxugou a testa coberta de suor.

Dentro de uma hora um estratoplano partiu para a fábrica de Virgínia. Levava instruções muito simples:

– Agarrem o robô! E depressa!

AL-76 estava confuso! Na verdade, confusão era a única impressão retida por seu delicado cérebro positrônico. Tudo começou quando ele se viu naquele estranho ambiente. De que modo havia acontecido ele ignorava. Tudo se confundia.

O solo era coberto de verde, e estacas marrons erguiam-se a sua volta, encimadas por outra camada de verde. O céu era azul quando devia ser negro. O sol estava correto – redondo, amarelo e quente – mas onde o solo poroso, onde os imensos anéis das crateras?

Via-se apenas o verde aqui embaixo e o azul lá no alto. Todos os sons que o rodeavam eram estranhos. Passara por água corrente que lhe chegava à cintura. Era azul, fria e molhada. E quando cruzava com pessoas, o que ocorria de vez em quando, elas não usavam trajes espaciais, como deveriam. E ao vê-lo, gritavam e saíam correndo.

Um homem apontara-lhe uma arma. O projétil assobiara pela sua cabeça. Depois o homem saíra correndo também.

Não tinha a menor ideia do tempo que passara vagueando a esmo antes de encontrar a cabana de Randolph Payne, a dois quilômetros da cidadezinha de Hannaford, no meio da floresta. Randolph Payne, chave de parafusos numa das mãos e cachimbo na outra, aspirador de pó em conserto entre os joelhos, estava agachado diante da porta.

Payne cantarolava baixinho, pois era um camarada bem-humorado quando se encontrava na sua cabana. Possuía em Hannaford uma moradia mais respeitável, ocupada principalmente por sua mulher, fato que ele sincera mas silenciosamente lamentava. Talvez por isso houvesse aquela sensação de alívio e liberdade quando conseguia fugir para a sua “casa de cachorro de luxo”, onde podia fumar em paz, enquanto se dedicava ao seu hobby, consertar utensílios domésticos.

Não era grande coisa como hobby, mas às vezes alguém surgia com um rádio, ou um despertador, e o dinheiro que então tilintava

em seus bolsos era o único que não passava pelas mãos avarentas de sua mulher.

Aquele aspirador de pó representava seis dólares ganhos sem esforço.

Pensando nisso começou a cantar, ergueu a vista e suou frio. A canção engasgou-se na sua garganta, os olhos arregalaram-se, a transpiração tornou-se mais intensa. Tentou levantar-se, como preparativo para correr desabaladamente, mas as pernas não cooperaram.

Foi então que AL-76 agachou-se ao seu lado e perguntou:

– Diga, por que todos os outros saíram correndo?

Payne sabia muito bem por que, mas o nó que se formara no seu diafragma não permitiu resposta. Tentou afastar-se ligeiramente do robô. AL-76 prosseguiu, ressentido:

– Um deles até atirou em mim. Se acertasse dois centímetros abaixo teria arranhado o revestimento do meu ombro.

– D... devia estar... louco – gaguejou Payne.

– É possível – o tom do robô tornou-se confidencial – ouça, que há de errado por aí?

Payne olhou rapidamente ao redor. Notara que o robô falava em tom extraordinariamente manso para alguém de aparência tão pesada e brutalmente metálica. Lembrou-se também de ter ouvido dizer que os robôs eram mentalmente incapazes de fazer mal ao ser humano e sentiu um certo alívio.

– Não há nada errado.

– Não? – replicou AL-76, fitando-o acusadoramente. – Você está todo errado. Onde deixou seu traje espacial?

– Não tenho nenhum.

– Então, por que não está morto?

Isto surpreendeu Payne.

– Bem… não sei.

– Está vendo! – replicou o robô, triunfante. – Tudo está errado. Onde se encontra o Monte Copérnico? Onde a Estação Lunar 17? E onde está o meu Disinto? Quero trabalhar. – Parecia perturbado e tinha a voz trêmula ao prosseguir: – Venho andando há horas, tentando conseguir que alguém me diga onde está o meu Disinto,

mas todos fogem. Agora é provável que esteja atrasadíssimo, e o chefe vai ficar furioso. Que bela situação!

Aos poucos Payne foi conseguindo estabelecer ordem no caos da sua mente. Perguntou então:

– Como é mesmo o seu nome?

– Meu nome de série é AL-76.

– AL basta para mim. Se você está procurando a Estação Lunar 17, ela fica na Lua, sabia?

AL-76 meneou gravemente a cabeça.

– Claro. Mas estive à sua procura…

– Fica na Lua. E nós não estamos na Lua.

Foi a vez do robô mostrar-se confuso. Observou Payne especulativamente e depois indagou devagar:

– Que quer dizer com essa história? Aqui não é a Lua? Claro que é a Lua. Se não fosse, o que seria então? Responda essa pergunta.

Payne emitiu um estranho ruído e respirou fundo. Agitando um dedo na frente do robô falou:

– Ouça! – Súbito, teve uma brilhante ideia e interrompeu-se com uma exclamação abafada.

AL-76 fitou-o com ar de reprovação.

– Isso não é resposta. Creio que tenho direito a uma resposta bem-educada quando faço uma pergunta bem-educada.

Payne não o ouvia. Ponderava consigo mesmo. Claro como o dia. Aquele robô fora construído para ir à Lua, mas por qualquer motivo encontrava-se perdido na Terra. Era natural que estivesse confuso, já que seu cérebro positrônico fora construído exclusivamente para o ambiente lunar, e o meio terrestre lhe era totalmente estranho.

Se pudesse conservar ali o robô, até entrar em contato com a fábrica de Petersboro… Robôs valiam dinheiro. O mais barato custava cinquenta mil dólares, haviam dito, e alguns chegavam a valer milhões. Imagine a recompensa!

“Oba, rapaz, imagine só a recompensa” E tudo para ele, até o último centavo. Nem um níquel furado para Mirandy. Não, que diabo!

Levantando-se, finalmente disse:

– AL, nós dois são amigos! Amigões! Gosto de você como de um irmão. – E estendeu-lhe a mão: – aperte!

O robô engoliu em seco, estendeu a pata de metal e apertou de leve a mão que lhe era oferecida. Não entendia muito bem.

– Isto significa que você me ensinará a chegar à Estação Lunar 17?

Payne ficou um tanto embaraçado.

– Não, não exatamente. Para falar a verdade, gosto tanto de você que quero que fique algum tempo aqui comigo.

– Ah, isso eu não posso. Preciso trabalhar. – E meneou a cabeça. – Gostaria de atrasar sua quota de trabalho hora após hora, minuto a minuto? Quero trabalhar. Preciso trabalhar.

Payne pensou consigo mesmo que gostos variam e respondeu:

– Está bem, vou lhe explicar uma coisa, porque estou vendo pela sua aparência que você é uma pessoa inteligente. Tenho ordens do seu chefe de seção para conservá-lo aqui por algum tempo, até que ele mande buscá-lo.

– Para quê? – indagou AL-76, desconfiado.

– Não posso dizer. Segredo de Estado. – Payne rezou intimamente para que o robô engolisse aquilo. Sabia que alguns eram inteligentes, mas aquele parecia um modelo antiquado.

E enquanto Payne rezava, AL-76 ponderava. Seu cérebro, ajustado para dirigir um Disinto na Lua, não dava o máximo rendimento quando entregue ao raciocínio abstrato. Ainda assim, desde que se perdera, AL-76 descobrira que seus processos mentais mostravam-se cada vez mais estranhos. O meio ambiente exercia sobre ele alguma influência.

Sua pergunta seguinte foi quase astuta:

– Como se chama o meu chefe de setor?

Payne engoliu em seco e raciocinou rápido. Em tom magoado respondeu:

– AL, você me ofende com essa desconfiança. Não posso dizer o nome dele. As árvores têm ouvidos.

AL-76 examinou muito sério a árvore mais próxima e respondeu:

– Não têm.
– Eu sei. Quero dizer é que há espiões em toda parte.
– Espiões?
– Sim. Gente má, que quer destruir a Estação Lunar 17.
– Por quê?
– Por que são más. Querem destruir você também, e é por isso que precisa ficar aqui algum tempo, senão eles o encontrarão.
– Mas… mas preciso de um Disinto. Não posso me atrasar.
– Você terá o seu Disinto. Terá mesmo – prometeu Payne muito sério, amaldiçoando o cérebro unilateral do robô. – Mandarão um amanhã. Sim, amanhã.
Isso lhe daria muito tempo para entrar em contato com a fábrica e receber lindas pilhas de notas de cem dólares.
Mas AL-76 tornou-se progressivamente obstinado à medida que a pressão daquele ambiente estranho agia sobre seu mecanismo pensante.
– Não, preciso de um Disinto agora. – Movimentando rigidamente as articulações, levantou-se – melhor continuar a procurá-lo.
Adiantando-se, Payne agarrou um ombro frio e gritou:
– Espere! Você precisa ficar aqui…
Algo emitiu um sinal na mente do robô. Todas as coisas estranhas que o rodeavam reuniram-se numa bolha, explodiram, deixando o cérebro a funcionar com um estranho aceleramento de eficiência. Voltando-se para Payne, disse:
– Sabe de uma coisa? Construirei um Disinto aqui mesmo. Depois poderei trabalhar.
Payne parecia duvidoso.
– Não creio que consiga. – E perguntou a si mesmo se valeria a pena fingir o contrário.
– Não se preocupe. – AL-76 percebeu que os canais positrônicos do seu cérebro traçavam novos sinais e sentiu uma estranha exultação. – Vou construir um. – E olhando para a casa de cachorro, modelo de luxo, pertencente a Payne, acrescentou: – Você tem aqui todo o material necessário.
Randolph Payne relanceou para a confusão que enchia a

cabana: rádios com as vísceras para fora, um refrigerador sem a parte de cima, motores enferrujados de automóvel, um fogão a gás imprestável, vários quilômetros de arame farpado e cerca de cinquenta toneladas do mais heterogêneo amontoado de ferro velho, diante do qual todo negociante de sucata torceria o nariz.

– Tenho mesmo? – Murmurou.

Duas horas depois, duas coisas aconteceram quase simultaneamente. Primeira: Sam Tobe, da filial de Petersboro da U.S. Robôs e Homens Mecânicos S.A., recebeu uma chamada pelo videofone, de Randolph Payne, morador de Hannaford, com um recado relativo ao robô desaparecido. Tobe, com um rosnado profundo, interrompeu a ligação, ordenando que todos os outros chamados fossem encaminhados para o sexto vice-presidente encarregado dos controles.

Não se tratava de um verdadeiro absurdo. Na semana anterior, embora o Robô AL-76 tivesse desaparecido completamente, havia afluído para ali uma enxurrada de notícias sobre o seu paradeiro, vindas de todos os recantos do país. Pelo menos catorze por dia – em geral de catorze diferentes Estados.

Tobe estava cansado da história, sem mencionar que já andava meio louco por outros motivos. Falava-se até em inquérito governamental, embora todos os roboticistas, físicos e matemáticos de renome do mundo inteiro jurassem que o robô era inofensivo.

Naquele estado de espírito não era surpreendente que levasse três horas para ponderar de que modo aquele Randolph Payne soubera que o robô estava programado para a estação Lunar 17 e que seu número de série era AL-76. Estes detalhes não haviam sido divulgados pela companhia.

Ponderou durante um minuto e meio e depois entrou em ação.

Contudo, nas três horas que transcorreram entre a chamada e a ação, deu-se o segundo acontecimento. Randolph Payne, depois de interpretar corretamente a interrupção de sua chamada como descrença generalizada por parte do oficial que o ouvia na fábrica, regressou à sua cabana munido de uma objetiva.

Impossível discutir diante de uma foto e ele não seria idiota de mostrar-lhes o artigo genuíno antes de ver a cor do dinheiro.

AL-76 continuava ocupado com seu trabalho. Metade do conteúdo da cabana encontrava-se espalhado pelos dois acres de terreno, e no meio daquilo via-se o robô agachado, mexendo com válvulas de rádio, pedaços de ferro, fiação de cobre e outras complicações, sem prestar a mínima atenção a Payne que, deitado de bruços, procurava ângulos para uma bonita foto.

Foi então que Lemuel Oliver Cooper fez a curva da estrada e imobilizou-se diante do espetáculo. A razão da sua presença ali era uma torradeira elétrica, que adquirira o irritante costume de atirar longe as fatias de pão, mesmo quando ainda não estavam torradas. O motivo da sua partida foi mais óbvio. Chegara em marcha tranquila, alegre, própria de manhã de verão. Partia com uma velocidade que levaria qualquer treinador de corridas a erguer as sobrancelhas e franzir os lábios com ar aprovador.

E não diminuiu a velocidade até entrar no gabinete do delegado, sem chapéu e sem torradeira, colidindo direto com a parede.

Mãos prestimosas levantaram-no. Tentou falar, mas durante meio minuto não conseguiu nem sequer se acalmar para respirar direito.

Deram-lhe uísque e o abanaram, e quando finalmente falou saiu-se com esta:

– Monstro… dois metros e meio de altura… cabana destruída… coitado do Ronnie Payne… etc.

Aos poucos foram sabendo da história: havia um imenso monstro metálico, de dois metros e meio de altura, talvez três ou quatro, na cabana de Randolph Payne. O coitado do Payne estava caído de bruços, “um corpo sangrento, dilacerado”. O monstro ocupava-se em destruir a cabana por puro prazer de destruição. Voltara-se para Lemuel Oliver Cooper, que escapara por um triz.

O Delegado Saunders apertou o cinto na ampla cintura e disse:

– É aquela máquina que fugiu da fábrica de Petersboro. Recebi um aviso no sábado passado. Ei, Jake, reúna todos os homens de Hannaford capazes de atirar e coloque no peito deles um distintivo de delegado. Reúna-os aqui ao meio-dia. E ouça, Jake, antes disso, passe pela casa da viúva Payne e dê-lhe a má notícia com todo o cuidado.

Diz-se que Mirandy Payne, ao saber do ocorrido, fez uma pausa para certificar-se de que a apólice de seguro do marido se encontrava no cofre, emitiu algumas observações relativas ao fato dele não ter dobrado a quantia, e depois entregou-se a um prolongado choro de cortar o coração, como cabe a qualquer viúva que se preza.

Horas depois, Randolph Payne – ignorando sua horrível mutilação e morte – estudou os negativos das fotos. Estava satisfeito. As sequências de ângulos do robô trabalhando não deixavam pairar dúvidas. Poderiam intitular-se: "Robô Contemplando Pensativo um Aspirador de Pó", "Robô Dividindo Fios", "Robô Manejando Chaves-de-Parafusos", "Robô Despedaçando Refrigerador com Grande Violência" etc.

Como só restava a tarefa simples de revelar as fotos, saiu da câmara escura improvisada, a fim de fumar um pouco e bater um papo com AL-76.

Ignorava completamente que a floresta ao redor pululava de fazendeiros nervosos, carregando as mais variadas espécies de objetos contundentes, assim como uma infinidade de armas, desde um arcabuz colonial, verdadeira relíquia, até uma metralhadora portátil, empunhada pelo delegado. Ignorava também que meia dúzia de roboticistas, sob a chefia de Sam Tobe, percorriam a estrada de Petersboro a mais de duzentos quilômetros por hora, com a finalidade exclusiva de ter o prazer e a honra de conhecê-lo.

Enquanto essas duas ocorrências caminhavam para um clímax, Randolph Payne suspirava, satisfeito consigo mesmo, riscava um fósforo nos fundilhos das calças, tirava uma fumaça do cachimbo e observava AL-76 com ar divertido.

Tornara-se óbvio que o robô estava mais do que lunático. Randolph Payne era bastante hábil com aparelhos domésticos, tendo construído vários que não podiam ser expostos à luz do dia sem ferir os olhos de quem os contemplava, mas nunca concebera algo parecido com a monstruosidade que AL-76 estava criando.

Faria os Rube Goldbergs da época morrerem de inveja. Faria Picasso (se vivesse ainda para contemplá-lo) desistir da arte, convicto de estar totalmente obsoleto. Azedaria o leite nas tetas de

todas as vacas, numa circunferência de meio quilômetro.

Era de fato horripilante!

De uma base de ferro maciça e enferrujada, que se parecia vagamente com uma parte de trator de segunda mão, erguia-se um amontoado de entontecer: fios, rodas, tubos, horrores inomináveis sem conta, terminando num megafone de aparência decididamente sinistra.

Payne sentiu ímpetos de espreitar pelo megafone, mas conteve-se. Vira aparelhos mais sensatos que aquele explodirem violentamente.

– Ei, AL – chamou.

O robô levantou a cabeça. Estava deitado de braços, ajustando uma fina placa de metal.

– Que quer, Payne?

– Que é isto? – perguntou, no tom de quem se refere a algo sujo, em decomposição, mal seguro entre duas varas de três metros de comprimento.

– É um Disinto, para eu poder começar a trabalhar. Aperfeiçoei o modelo anterior. – Erguendo-se, tirou ruidosamente o pó de seus joelhos metálicos e sorriu, orgulhoso.

Payne estremeceu. Um "aperfeiçoamento"! Não era para admirar que escondessem o original nas cavernas da Lua. Pobre satélite! Pobre satélite morto! Sempre quisera saber o que seria sorte pior que a morte. Agora sabia.

– Funciona?

– Claro.

– Como sabe?

– Tem de funcionar. Fui eu que fiz, não fui? Só preciso de uma coisa agora. Tem uma lanterna de bolso?

– Creio que sim. – Payne entrou na cabana e voltou logo em seguida.

O robô desatarraxou a extremidade e pôs-se a trabalhar. Dentro de cinco minutos havia terminado. Recuando, disse:

– Tudo pronto. Agora vou entrar em ação. Pode olhar, se quiser.

Uma pausa, enquanto Payne tentava ponderar a magnitude do oferecimento.

– É seguro?
– Até uma criança seria capaz de manejá-lo.
– Ah – Payne teve um débil sorriso e colocou-se por trás da árvore mais volumosa das imediações. – Vamos, tenho a maior confiança em você.
AL-76 apontou para o espantoso amontoado de ferro velho e disse:
– Observe! – E pôs-se a trabalhar.
Os fazendeiros de Hannaford, Virgínia, em pé de guerra, aproximavam-se da cabana de Payne, apertando o cerco. Com o sangue de seus heroicos antepassados circulando rápido nas veias – e arrepios descendo a espinha – esgueiravam-se de árvore em árvore.
O Delegado Saunders ordenou:
– Atirem quando eu der o sinal. E apontem para os olhos.
– Acha que a máquina deu o fora? – Não conseguiu conter o tom esperançoso da voz.
– Não sei – resmungou o delegado – acho que não. Teríamos encontrado com ela na floresta, e não encontramos.
– Mas está tudo tão quieto. E parece que já estamos bem perto da cabana de Payne.
O lembrete era desnecessário. O Delegado Saunders tinha um bolo tão grande na garganta que precisou engoli-lo em três prestações.
– Recue – ordenou – e mantenha o dedo no gatilho.
Encontravam-se na orla da clareira. O delegado fechou os olhos e espreitou pelo cantinho de um deles, por trás de uma árvore. Não vendo coisa alguma, fez uma pausa, tentou novamente, olhos abertos, desta vez.
Os resultados, naturalmente, foram melhores.
Para ser exato, viu um imenso homem mecânico, de costas para ele, inclinado sobre um aparelho de arrepiar, de origem incerta e finalidade idem. O único detalhe que lhe escapou foi a trêmula figura de Randolph Payne agarrado à terceira árvore na direção noroeste.
O delegado saiu para terreno descoberto e ergueu a

metralhadora. O robô, voltando-lhe ainda amplas costas de metal, disse em voz baixa, para pessoa ou pessoas desconhecidas:

– Veja! – E quando o delegado abriu a boca para ordenar a fuzilaria geral, dedos metálicos comprimiram uma alavanca.

Impossível fazer uma descrição adequada do que ocorreu então, apesar da presença de setenta testemunhas oculares. Nos dias, meses e anos seguintes, nem um só dos setenta seria capaz de descrever os segundos subsequentes ao momento em que o delegado abriu a boca para dar a ordem de fogo. Quando interrogados empalideciam e afastavam-se oscilantes.

É óbvio, porém, graças a provas circunstanciais, que o que aconteceu foi mais ou menos o seguinte:

O Delegado Saunders abriu a boca, AL-76 puxou uma alavanca. O Disinto funcionou, e setenta e cinco árvores, dois celeiros, três vacas e os três quartos superiores do morro Duckbill desfizeram-se no ar.

Fundiram-se, por assim dizer, com as neves de antanho.

A boca do delegado permaneceu aberta por um espaço indefinido de tempo, mas nada – nem ordem de fogo, nem coisa alguma – dali saiu. E então…

Então ouviu-se uma agitação no ar, uma série de raios cor de púrpura cortou a atmosfera, tendo a cabana de Randolph Payne como centro. Dos componentes do grupo atacante, não sobrou vestígios.

Restaram diversas armas espalhadas pelo local, inclusive a metralhadora niquelada, de fogo extra rápido, garantida contra enguiços, pertencente ao delegado. Viam-se também cerca de cinquenta chapéus, algumas pontas de charutos e artigos de indumentária variados, que se haviam desprendido na agitação. Mas ser humano não havia um só.

À exceção de Lank Jake, nenhum espécime humano surgiu por ali durante três dias, e a exceção só ocorreu porque sua fuga meteórica foi interrompida por meia dúzia de homens da fábrica de Petersboro, penetrando no bosque com igual velocidade.

Foi Sam Tobe quem o deteve, segurando habilmente a cabeça de Lank Jake, que colidira com o seu estômago. Quando recuperou

o fôlego, Tobe perguntou:

– Onde é a cabana de Randolph Payne? Lank Jake permitiu que seus olhos o focalizassem por um instante e respondeu:

– Amigo, siga na direção oposta à minha.

E, com isso, miraculosamente desapareceu. Viu-se um ponto no horizonte, que se desviava das árvores e talvez fosse ele, mas Sam Tobe não seria capaz de jurar.

Isso foi o que aconteceu com o grupo. Mas resta saber o que ocorreu com Payne, cujas reações assumiram forma um tanto diferente.

Para Randolph Payne, o intervalo de cinco segundos subsequentes ao puxar da alavanca e ao desaparecimento do morro Duckbill foram um branco total. A princípio espreitara através das moitas espessas, por trás das árvores. Quando tudo terminou encontrava-se pendurado nos mais altos galhos. O mesmo impulso que impelira o grupo horizontalmente impulsionara-o verticalmente.

Quanto ao modo como percorrera os quinze metros entre raízes e topo da árvore – se galgara, saltara ou voara – isso não sabia nem queria saber.

O que ele sabia é que a propriedade fora destruída por um robô temporariamente em seu poder. Desapareciam assim todas as visões de recompensas, substituídas por pesadelos de cidadãos hostis, multidões ululantes, processos, acusações de assassinato e recriminações de Mirandy Payne. Principalmente as recriminações de Mirandy Payne.

Rouco e furioso, gritou:

– Ei, robô, destrua essa coisa, ouviu? Destrua completamente! E esqueça de que eu tenho algo a ver com a história. Não o conheço, ouviu? Nunca mais fale no assunto. Esqueça, ouviu?

Não esperava que suas ordens surtissem efeito, eram apenas um reflexo. O que ignorava é que um robô obedece sempre a ordens humanas, a menos que envolva perigo para outro ser humano.

AL-76, portanto, pôs-se a demolir, tranquila e metodicamente, o seu Disinto, transformando-o num monte de sucata.

Quando estava amassando o último centímetro cúbico de metal,

Sam Tobe chegou com o seu contingente, e Randolph Payne, percebendo que se tratava dos verdadeiros donos do robô, caiu de cabeça do alto da árvore e desapareceu em regiões desconhecidas.

Nem esperou pela recompensa.

Austin Wilde, engenheiro robótico, voltou-se para Sam Tobe e indagou:

– Conseguiu obter alguma coisa do robô?

Tobe meneou a cabeça, com um grunhido surdo.

– Nada. Nada absolutamente. Esqueceu tudo o que aconteceu depois que saiu da fábrica. Deve ter recebido ordens para esquecer, caso contrário não estaria tão em branco. Que pilha de ferro velho era aquela com que estava brincando?

– Exatamente isso: uma pilha de ferro velho. Mas deve ter sido um Disinto antes de ser destruído e eu gostaria de matar o camarada que lhe deu ordens para amassá-lo – usando tortura lenta, se possível. Veja isto!

Estava a meia encosta do que fora o morro Duckbill – no ponto exato em que fora cortada, e Wilde colocou a mão sobre a superfície perfeitamente reta que talhara solo e rocha.

– Que Disinto! Arrancou a montanha pela base.

– Por que o terá construído?

Wilde deu de ombros.

– Não sei. Algum fator ambiental. Impossível saber o que reagiu sobre seu cérebro positrônico programado para a Lua, levando-o a fabricar um Disinto com um monte de ferros velhos. Há um bilhão de chances contra uma de descobrir esse fator, agora que o próprio robô o esqueceu. Nunca possuiremos aquele Disinto.

– Não importa. O principal é que temos o robô.

– Ao diabo com ele! – Havia um pungente lamento na voz de Wilde. – Tem alguma ideia do que são os Disintos na Lua? Consomem energia como porcos eletrônicos e só funcionam quando se obtém um potencial de milhão de volts. Mas este Disinto funcionava diferente. Examinei os destroços com microscópio. Gostaria de ver a única fonte de energia que encontrei?

– Que é isso?

– Apenas isso! E jamais saberemos como as utilizou.

E Austin Wilde exibiu a fonte de energia que possibilitara a um Disinto cortar uma montanha em meio segundo: duas baterias de lanterna portátil!

Segregacionita

– Ele está pronto? – disse o cirurgião levantando o olhar inexpressivo.

– Pronto é um termo relativo – disse o engemédico. – Estamos prontos. Ele está inquieto.

– Eles sempre estão… Bem, é uma operação séria.

– Séria ou não ele deve estar agradecido. Ele foi escolhido dentre um número enorme e, francamente, não penso que…

– Não diga nada – disse o cirurgião. – Não nos cabe tomar a decisão.

– Aceitamos, mas temos que concordar?

– Sim – disse o cirurgião, ríspido. – Concordamos, completamente e de todo o coração. A operação é demasiadamente intrincada para ser encarada com restrições intelectuais. Este homem provou o seu valor de muitas maneiras e o seu perfil é adequado para o Conselho da Moralidade.

– Está bem – disse o engemédico, pouco convencido.

– Vê-lo-ei aqui mesmo, assim penso – disse o cirurgião – Esta sala é bastante pequena e íntima para ser confortável.

– Não ajudará. Ele está nervoso e mudou de ideia.

– Realmente?

– Sim. Ele prefere metal. Eles sempre preferem.

O rosto do cirurgião não apresentou mudança de expressão. Contemplou as próprias mãos.

– Algumas vezes podemos dissuadi-los.

– Por que se preocupar? – disse o engemédico, indiferente.

– Se quer que seja metal, que seja metal.

– Você não se importa?

– Por que deveria? – e o engemédico fez a pergunta quase que brutalmente. – De qualquer modo, trata-se de um problema da engenharia médica e eu sou um engenheiro médico. Posso tratar do assunto de qualquer forma. Por que deveria ir além disso?

– Para mim, é uma questão de adequação – disse o cirurgião,

imperturbável.

– Adequação! Não pode usar isso como argumento. Que importa ao paciente a adequação das coisas?

– A mim, importa.

– O seu cuidado é o de uma minoria. A maioria é contra você. Não tem chance.

– Tenho que tentar – e o cirurgião reduziu o engemédico ao silêncio, com um rápido aceno de mão que revelava não impaciência, mas, sim, pressa. Já havia informado a enfermeira e já recebera o sinal de que ela se aproximava. Pressionou um botão e uma porta dupla abriu-se silenciosamente. O paciente entrou na sala na sua cadeira motorizada, com a enfermeira caminhando apressadamente a seu lado.

– Pode ir, enfermeira – disse o cirurgião – , mas espere lá fora. Poderei chamá-la. – Fez um aceno de cabeça ao engemédico que deixou a sala juntamente com a enfermeira e a porta se fechou atrás deles.

O homem na cadeira olhou por cima do ombro, observando a saída deles. Tinha uma nuca esquelética e pequenas rugas em volta dos olhos. Barbeara-se recentemente e os dedos das mãos, que seguravam os braços da cadeira fortemente, apresentavam unhas manicuradas. Era um paciente de alta prioridade e ele estava sendo tratado… Mas em seu rosto havia uma expressão de decidida impertinência.

– Vamos começar hoje? – disse ele.

– Esta tarde, Senador – disse o cirurgião balançando a cabeça.

– Pelo que entendo, levará semanas.

– Não a operação em si, Senador. Mas existe um certo número de pontos subsidiários que devem ser cuidados. Existem algumas renovações de circulação que devem ser realizadas, assim como ajustamentos hormonais. São coisas complicadas.

– E são perigosas? – E então, como se sentisse a necessidade de estabelecer uma relação amigável, mas patentemente contra a sua vontade, acrescentou – … doutor?

O cirurgião não deu atenção às mudanças de expressão. Disse francamente: – Tudo é perigoso. Demoramos para que seja menos

perigoso. É o tempo requerido, a habilidade de uma equipe, a instrumentação, que tomam tais operações possíveis somente para tão poucos…

– Sei disso – interrompeu o paciente, com brusquidão. – Recuso-me a sentir culpa quanto a isto. Ou posso deduzir que há alguma pressão imprópria?

– De modo algum, Senador. As decisões do Conselho nunca foram questionadas. Menciono a dificuldade e a complicação da operação, simplesmente para expressar meu desejo de que seja conduzida da melhor maneira possível.

– Bem, vá adiante, então. É o meu desejo também.

– Então devo pedir-lhe para tomar uma decisão. É possível dar-lhe um dos dois tipos de cibercorações, em metal ou…

– Plástico! – disse o paciente, irritado. – Não é esta a alternativa que me ia oferecer, doutor? Plástico barato. Não quero. Já fiz minha escolha. Quero metal.

– Mas…

– Escute aqui. Fui informado de que a escolha seria minha. Não é assim?

– Quando dois procedimentos alternativos são de igual valor sob o ponto de vista médico, a escolha recai sobre o paciente. Na prática real, a escolha é do cliente, ainda que os procedimentos alternativos não sejam de igual valor, como no presente caso.

– Está tentando me dizer que o coração de plástico é superior? – indagou o paciente, estreitando os olhos.

– Depende do paciente. Na minha opinião, no seu caso individual, o plástico é superior. E preferimos não usar o termo “plástico”. Dizemos cibercoração fibroso.

– Para mim é plástico de qualquer maneira.

– Senador – disse o cirurgião infinitamente paciente – não se trata de material plástico no sentido comum da palavra. É um material polimérico, sim, mas de um tipo muito mais complexo do que o plástico ordinário. É uma fibra complexa semelhante à proteína, destinada a imitar, tanto quanto possível, a estrutura natural do coração humano que agora está dentro do seu tórax.

– Exatamente, e o coração humano que agora está dentro do

meu peito está gasto, embora não tenha atingido ainda os sessenta anos. Não quero outro igual, obrigado. Quero algo melhor.

– Todos nós desejamos o melhor para o senhor, Senador. O cibercoração de fibra será o melhor. Tem uma vida potencial de séculos. É inteiramente não alérgico…

– Mas não acontece o mesmo com o coração de metal?

– Sim, realmente – disse o cirurgião. – O cibermetálico é de liga de titânio…

– E não se gasta? É mais forte do que o plástico? Ou fibra, ou seja qual for o nome?

– O metal é fisicamente mais forte, sim, mas a resistência mecânica não é o ponto em questão. A resistência mecânica não lhe fará nenhum bem em particular, uma vez que o coração é bem protegido. Qualquer coisa capaz de atingir o coração o matará por outras razões, ainda que o coração possa enfrentar manipulação manual.

– Se alguma vez quebrar uma costela eu a terei substituída por titânio também – disse o paciente dando de ombros – a substituição de ossos é fácil. Qualquer um pode fazer, em qualquer ocasião. Serei tão metálico quanto desejar, doutor.

– Está no seu direito, se assim prefere. Entretanto, é apenas justo dizer-lhe que, embora nenhum cibercoração metálico tenha quebrado mecanicamente, um certo número quebrou-se eletronicamente.

– O que isto significa?

– Significa que todo cibercoração contém um marcapasso como parte de sua estrutura. No caso da variedade metálica, é um dispositivo eletrônico que mantém o ciber no ritmo. Significa que uma bateria completa de equipamento miniaturizado deve ser incluída para alterar o ritmo do coração, para adequar-se ao estado emocional e físico do indivíduo. Ocasionalmente algo errado acontece e pessoas têm morrido antes de qualquer correção.

– Nunca ouvi falar disso.

– Mas posso assegurar-lhe que acontece.

– Está me dizendo que acontece com frequência?

– De modo algum. Acontece raramente.

– Bem, então correrei o risco. E quanto ao coração de plástico? Também contém um marcapasso?

– Naturalmente, Senador. Mas a estrutura química de um cibercoração fibroso é muito aproximada da do tecido humano. Responde aos controles iônico e hormonal do próprio corpo. O complexo total que deve ser inserido é muito mais simples do que cibermetálico.

– Mas o coração de plástico nunca se desligou de repente do controle hormonal?

– Nunca se registrou um caso destes.

– Por que vocês não têm estado trabalhando com eles por bastante tempo. Não é verdade?

O cirurgião hesitou.

– É verdade que ciber fibrosos não têm sido tão usados como os metálicos.

– Aí está. Mas o que é que há, doutor? Está com receio que esteja me transformando num robô… um Metallo, como são chamados, desde que a cidadania lhes foi concedida?

– Não há nada de errado com um Metallo, enquanto Metallo. Como o senhor disse, são cidadãos. Mas acontece que o senhor não é um Metallo. É um ser humano. Por que não continuar humano?

– Por que eu quero o melhor e o melhor é um coração metálico. Providencie o resto.

– Muito bem – disse o cirurgião, assentindo – será solicitado a assinar as permissões necessárias e em seguida será equipado com um coração de metal.

– E o senhor será o cirurgião responsável? Disseram-me que é o melhor.

– Farei o que puder para facilitar o transplante.

A porta se abriu e a cadeira levou o paciente ao encontro da enfermeira.

O engemédico entrou, olhando por sobre o ombro para o paciente que se retirava até que a porta voltou a fechar-se.

Voltou-se para o cirurgião:

– Bem, não posso dizer o que aconteceu apenas olhando para

você. Qual foi a decisão dele?

O cirurgião inclinou-se sobre a mesa, escrevendo os últimos itens do seu relatório.

– O que você predisse. Insiste num cibercoração metálico.

– Afinal de contas, são os melhores.

– Não tanto. Vêm sendo usados há muito tempo, só isso. É uma mania que caiu como uma praga sobre a humanidade, desde que os Metallos tomaram-se cidadãos. Os homens foram tomados pelo estranho desejo de se transformarem em Metallos. Anseiam pela força física e pela resistência associadas a eles.

– Mas tal desejo não é unilateral, doutor. Você não trabalha com os Metallos, mas eu sim. Os últimos dois que me apareceram para reparos solicitaram elementos fibrosos.

– E os obtiveram?

– Em um caso, tratava-se de fornecer tendões e não fazia muita diferença se fosse metal ou fibra. O outro desejava um sistema sanguíneo ou seu equivalente. Disse-lhe que não podia, isto é, não sem uma completa reconstrução da estrutura do seu corpo em material fibroso… Suponho que chegaremos a isso algum dia. Metallos que não serão realmente Metallos, inteiramente, mas compostos de carne e sangue.

– E você não se incomoda com a ideia?

– E por que deveria? E quanto a seres humanos metalizados também? Temos agora duas variedades de inteligência na Terra, e por que me preocupar com as duas? Deixemos que se aproximem uma da outra e, eventualmente, não saberemos dizer qual a diferença. O que deveríamos desejar? Temos o melhor de dois mundos: as vantagens do homem, combinadas com as do robô.

– Tudo o que vai conseguir é um híbrido – disse o cirurgião num tom que se aproximava da violência – obterá algo que não será ambos, mas nem um nem outro. Não é lógico supor-se que um indivíduo se orgulhe tanto da sua estrutura e da sua identidade que não possa vir a desejar que elas se diluam em alguma coisa estranha? Será que ele quer a hibridização?

– Isto é conversa de segregacionista.

– Então, que seja – e o cirurgião acrescentou com ênfase,

porém calmo – acredito em ser o que se é. Não trocaria uma parcela sequer da minha própria estrutura, por nenhuma razão. Se algo em mim exigisse, realmente, substituição, faria com que tal se realizasse do modo mais aproximado possível da minha natureza original. Eu sou eu mesmo. Contente de ser como sou. E de modo algum seria diferente.

Agora havia terminado, finalmente, e tinha que se preparar para a operação. Colocou as mãos fortes dentro do forno e deixou que atingissem o brilho rubro que as esterilizaria completamente. Com todas as suas palavras apaixonadas, a sua voz nunca se elevou e no seu rosto de metal brunido nunca houve (como sempre) o menor sinal de expressão.

OS INCUBADORES

O sargento da polícia Mankiewicz estava ao telefone e não parecia muito satisfeito. Sua conversa lembrava uma acirrada partida de pingue-pongue onde só fosse visível um dos jogadores. Ele dizia:

– É isso mesmo. Ele entrou aqui e disse: me botem numa cela porque eu estou querendo me matar.

– Não, não pude evitar. Foi isso mesmo que ele disse. Eu também achei uma maluquice.

– Olhe, moço, o cara corresponde à descrição. O senhor me pediu a informação e eu estou lhe dando.

– Exatamente. Uma cicatriz no lado direito do rosto. Disse que se chamava John Smith. Não falou que era doutor ou coisa parecida.

– Claro que é falso. Ninguém no mundo se chama John Smith. Não numa delegacia de polícia, pelo menos.

– Está na cela.

– Sim, isso mesmo.

– Resistência à prisão, violência física, agressão deliberada. São três queixas ao todo.

– Não me interessa quem ele seja.

– Está bem, eu aguardo.

O sargento ergueu os olhos para o guarda Brow e cobriu com a mão o bocal do telefone; era uma mão enorme que quase ocultou o fone por inteiro. Suas feições rudes estavam vermelhas e suadas sob um tufo de cabelo cor de palha.

– Problemas! – exclamou. – É um problema atrás do outro aqui nesta delegacia. Eu preferia mil vezes estar fazendo a ronda.

– Está falando com quem? – perguntou Brow. Tinha acabado de chegar à delegacia e não estava mesmo interessado. Na sua opinião, Mankiewicz era de fato muito mais capacitado, para fazer rondas num subúrbio bem distante.

– Interurbano de Oak Ridge. Um cara chamado Grant. Chefe da divisão não sei quê lógica não sei de onde, e agora está transferindo a ligação para outro lugar. A setenta e cinco centavos o minuto, onde já se viu... Alô?

Mankiewicz voltou a se concentrar no telefone.

– Alô! Olhe aqui, deixe-me explicar tudo desde o começo. Vou dizer o que se passou, e se não gostarem podem mandar alguém aqui. O cara não quer advogado. Ele diz que quer ficar preso. Por mim não tem problema nenhum.

– Olhe, quer prestar atenção? Ele apareceu aqui ontem, veio direto até onde eu estava e disse: Sargento, quero que me prenda, porque eu estou querendo me matar. Aí eu falei: Moço, lamento muito que esteja querendo se matar. Aconselho que não faça isso, porque se fizer vai se arrepender para o resto da vida.

– Eu estou falando sério. Estou lhe contando o que aconteceu. Não estou dizendo que a piada era boa, mas tenho meus problemas aqui, se é que me entende. O senhor está pensando que tudo que eu tenho pra fazer aqui é escutar papo de maluco que vai chegando e...?

– Quer me deixar terminar? Eu falei: Não posso lhe prender porque quer se matar, isso não é crime. E ele disse: Mas eu não quero morrer. E eu: Olha aqui, companheiro, cai fora. O que quero dizer é que se um cara quer se suicidar tudo bem, e se não quer tudo bem também, o que eu não quero é que ele fique se lamentando no meu ombro.

– Eu estou tentando dizer. Então ele falou: Se eu cometer um crime, irei para a cadeia? E eu disse: Sim, se for apanhado, se alguém der queixa e você não puder pagar fiança. Agora, cai fora. Aí ele apanhou o tinteiro na minha mesa e, antes que eu pudesse impedir, derramou tudo sobre o livro de registros.

– Claro! Isso mesmo! Por que acha que registramos queixa por "agressão deliberada"? Estou com as calças cheias de tinta.

– "Violência física" também. Pulei em cima dele para aplicar um corretivo, e aí ele me deu um chute na canela e um soco no olho.

– Inventando? Não estou inventando nada. Quer vir até aqui para ver como está meu olho?

– Ele vai a julgamento nos próximos dias. Na quinta-feira, talvez.

– Noventa dias, pelo menos. A não ser que o pessoal do Psico resolva o contrário. Por mim ele ia era para o asilo.

– Oficialmente, John Smith. Foi o único nome que ele deu.

– Não, senhor, ele não pode ser liberado sem as providências legais. Está bem, faça o que quiser, então. Eu estou aqui fazendo o meu trabalho.

Bateu o telefone. Depois de lançar um olhar furibundo para o aparelho, pegou o fone novamente. Discou um número e pediu: "Gianetti". Quando a ligação foi completada, recomeçou a falar.

– Gianetti? Diga-me... o que diabo é CEA? Acabei de falar com um cara pelo telefone e ele diz que...

– Não, idiota, não estou brincando. Se estivesse brincando eu diria. Vamos, responda, que sopa de letrinhas é essa?

Ficou à escuta durante algum tempo. Depois disse "obrigado" num fio de voz e desligou. Estava pálido.

– O segundo cara – disse ele a Brown – era o chefe da Comissão de Energia Atômica. Parece que eles tinham transferido a ligação de Oak Ringe para Washington.

Brown ficou de pé e sugeriu:

– Talvez o FBI esteja procurando esse cara, esse John Smith. Talvez ele seja um desses tais cientistas. – Brown sentiu-se encorajado a filosofar um pouco. – Deviam manter os segredos atômicos longe desses caras. Enquanto quem cuidava dessa coisa de bomba atômica era o general Groove tudo corria bem. Depois que os tais cientistas começaram a se meter, aí...

– Ora, cale essa boca – grunhiu Mankiewicz.

O Dr. Oswald Grant mantinha os olhos fitos na linha branca que cortava em duas fatias o asfalto da autoestrada e manobrava o carro como se este fosse um inimigo seu. Sempre dirigia assim. Era um homem alto e nodoso, com uma expressão ausente sempre estampada no rosto. Seus joelhos pressionavam o volante e os nós dos seus dedos ficavam esbranquiçados cada vez que ele apertava a direção ao fazer uma curva.

O inspetor Darrity ia sentado ao seu lado com as pernas

cruzadas de tal modo que a sola de seu sapato esquerdo apoiava-se fortemente na porta do carro, onde deixaria uma marca barrenta. Ele jogava de uma mão para a outra um canivete marrom. Poucos minutos antes tinha desdobrado sua lâmina reluzente e afiada para tentar limpar as unhas, mas uma manobra brusca do motorista quase lhe tinha custado um dedo, e ele acabou desistindo.

– O que sabe sobre esse tal Ralson? – perguntou.

O Dr. Grant afastou os olhos da estrada por um instante antes de responder.

– Conheço-o desde que concluiu seu doutorado em Princeton – falou, pouco à vontade. – É um indivíduo brilhante.

– Ah, é? Brilhante, hem? Por que será que todos vocês cientistas só descrevem uns aos outros como brilhantes? Não existe nenhum que seja medíocre?

– Existem muitos. Eu próprio sou um deles. Mas Ralson não é. Pode perguntar a qualquer um. Pergunte a Oppenheimer. Pergunte a Bush. Ele era o observador mais jovem que havia em Alamogordo.

– OK, ele é brilhante. E quanto a sua vida pessoal? Grant fez uma pausa.

– Isso eu não sei.

– Você o conhece desde Princeton. Quanto tempo faz? Fazia duas horas que eles vinham pela rodovia de Washington, rumo norte, praticamente sem trocar uma palavra. Agora Grant sentia uma mudança na atmosfera, como se a mão da Lei o agarrasse pelo colarinho.

– Ele se formou em 43.

– Você o conhece há oito anos, então.

– Certo.

– E não sabe nada sobre sua vida pessoal?

– A vida de um homem é algo privado, inspetor. Ele não era muito sociável. Uma grande parte dessas pessoas são assim. São homens que trabalham sob fortes pressões, e quando estão fora do laboratório preferem a companhia de alguém não relacionado com o ambiente profissional.

– Ele pertencia a algum tipo de organização, pelo que o senhor sabe?

– Não.

– Por acaso ele terá alguma vez dito qualquer coisa que indicasse deslealdade ao governo?

– Não! – exclamou Grant secamente. Os dois ficaram por algum tempo em silêncio. Então Darrity perguntou:

– Ralson é muito importante para a pesquisa atômica? O corpo de Grant curvou-se mais ainda sobre o volante.

– Tão importante quanto alguém pode ser. Posso lhe garantir que nenhum homem é indispensável, mas Ralson sempre me pareceu um sujeito raro. A mente dele é engenharia pura.

– O que quer dizer com isso?

– Ele não é um grande matemático, mas é capaz de conceber qualquer engenhoca para concretizar as descobertas matemáticas alheias. Nesse aspecto não há quem se compare a ele. Inúmeras vezes, inspetor, tínhamos nas mãos um problema urgente para resolver e não dispúnhamos de um mínimo de tempo para isso. Ficávamos imobilizados em redor da questão, incapazes de ter uma só ideia, e aí aparecia Ralson, examinava a situação por alguns instantes e dizia: por que vocês não tentam tal e tal coisa? E ia embora. Nem sequer se interessava em verificar se aquilo ia funcionar ou não. E sempre funcionava. Sempre! Talvez nós mesmos acabássemos chegando àquela solução, mas isso certamente teria levado meses. Não sei como ele é capaz disso. E não adianta perguntar-lhe. Ele apenas olha para a gente e diz: ora, é óbvio – e vai embora. E é claro que depois que ele nos mostra o que fazer a coisa fica mesmo óbvia.

O inspetor deixou-o falar à vontade. Quando percebeu que ele tinha terminado, voltou à carga.

– Diria que Ralson é mentalmente instável? Quero dizer... que ele é um sujeito meio excêntrico?

– Quando um sujeito é um gênio não se pode esperar que ele seja totalmente normal, não é mesmo?

– Talvez. Mas até que ponto Ralson dava sinais disso?

– Por exemplo: era um sujeito extremamente calado. Às vezes simplesmente parava de trabalhar.

– Ficava em casa, ia fazer uma pescaria?...

– Não. Vinha normalmente ao laboratório, mas sentava-se à escrivaninha e ficava ali, parado. Às vezes isso durava semanas inteiras. A gente lhe dirigia a palavra e ele não respondia, sequer olhava para nós.

– Já largou o trabalho completamente alguma vez?

– Antes disto que está ocorrendo? Nunca.

– Alguma vez falou em suicídio? Ou que só se sentiria em segurança na cadeia?

– Não.

– Por que acha que esse John Smith é Ralson?

– Tenho quase certeza. Ralson tem uma queimadura no rosto, do lado esquerdo, impossível de confundir.

– OK, então é isso. Vamos conversar com ele e ver o que acontece.

Desta vez o silêncio que se estabeleceu foi menos carregado. O Dr. Grant continuou a seguir as sinuosidades da estrada enquanto o inspetor jogava distraidamente o canivete de uma mão para a outra.

O diretor do presídio trocou algumas frases pelo interfone e ergueu os olhos.

– Sinto muito, inspetor, mas não podemos trazê-lo até aqui.

– Não é preciso – disse o Dr. Grant. – Vamos até onde ele está.

Darrity virou-se para o cientista.

– Acha isso normal para Ralson, doutor? Ele atacaria um guarda que vai buscá-lo na cela?

– Não posso dizer – respondeu Grant.

O diretor do presídio ergueu a mão calejada. Seu enorme nariz teve uma contração de desagrado.

– Não tomamos nenhuma providência quanto a ele devido ao telefonema de Washington – disse. – Mas, francamente, o lugar dele não é aqui. Eu ficaria satisfeito se alguém o levasse.

– Vamos até a cela onde ele está – disse Darrity. Caminharam ao longo de um corredor sombrio, com portas gradeadas através das quais olhos indiferentes observavam sua passagem.

O Dr. Grant foi percorrido por um arrepio.

– Ele está aqui todo esse tempo? Darrity não respondeu.

O guarda que caminhava à frente deles deteve-se diante de

uma das celas.

– É aqui.

Darrity perguntou:

– E então? É o Dr. Ralson?

O Dr. Grant contemplou em silêncio o vulto deitado no catre. O homem parecia adormecido quando eles pararam diante da cela, mas logo soergueu o corpo, apoiando-se num cotovelo, e retraiu-se como se quisesse desaparecer dentro da parede. Seu cabelo era ralo e cor de areia, o corpo esguio, os olhos muito azuis, com uma expressão ausente. Do lado esquerdo do rosto tinha uma mancha avermelhada e saliente.

– É Ralson – disse o Dr. Grant.

O guarda abriu a porta e fez menção de entrar na cela, mas o inspetor Darrity o impediu com um gesto. Ralson olhava para eles sem nada dizer; tinha encolhido as pernas sob o corpo e recuado mais alguns centímetros. Seu pomo de Adão subiu e desceu quando ele engoliu em seco.

Darrity perguntou com suavidade:

– Dr. Elwood Ralson?

– O que deseja? – Sua voz era um surpreendente barítono.

– Pode nos acompanhar, por favor? Gostaríamos de fazer algumas perguntas ao senhor.

– Não. Deixem-me em paz.

– Dr. Ralson – disse Grant, mandaram-me aqui para pedir-lhe que volte ao trabalho. Ralson girou o olhar até o cientista e por um instante algo mais que medo brilhou em seus olhos.

– Olá, Grant – disse ele, e Sentou-se no catre – olhe aqui, eu estou pedindo a eles que me ponham numa cela acolchoada. Você não pode conseguir isso? Grant, você me conhece. Eu não pediria uma coisa se ela não fosse absolutamente necessária. Me ajude, por favor. Não posso ficar perto dessas paredes. Começo a sentir uma vontade de... de me jogar contra elas – com a palma da mão ele deu uma pancada forte na parede de cimento escuro e opaco ao lado da cama.

Darrity olhava pensativo na sua direção. Puxou distraidamente o canivete e, desdobrando a lâmina, começou a raspar a unha do

polegar num gesto maquinal. Perguntou:

– Acha que precisa de um médico, Dr. Ralson?

Ralson não respondeu. Seus olhos estavam fitos no brilho do metal. Ele umedeceu os lábios com a ponta da língua. Sua respiração tornou-se rouca e áspera.

– Guarde isso! – exclamou. Darrity ficou imóvel.

– Guarde o quê?

– Essa faca. Tire isso de minha frente. Não aguento ficar olhando.

– Por quê? – Darrity estendeu a mão onde o canivete reluzia. – Há algo de errado com ele? É um bom canivete.

A mão de Ralson deu um bote na direção da lâmina, mas Darrity a evitou com um gesto ágil, enquanto sua mão esquerda se cerrava com firmeza no pulso do cientista.

Ele ergueu o canivete no ar, fora do alcance do outro.

– Qual é o problema, Ralson? Você está querendo o quê?

Grant esboçou um protesto mas Darrity o fez calar, e insistiu:

– O que há com você, Ralson?

Ralson tentou alcançar novamente a mão direita do outro, mas foi forçado a curvar-se sob o aperto firme com que o inspetor o dominava. Balbuciou:

– Quero a faca.

– Por quê, Ralson? Por que precisa dela?

– Por favor. Eu tenho que... – Sua voz era suplicante. – Tenho que parar de viver.

– Quer morrer?

– Não quero. Preciso.

Darrity deu-lhe um empurrão e Ralson foi jogado para trás, fazendo o catre gemer sob sua queda. Com um gesto vagaroso, o inspetor dobrou a lâmina do canivete e o guardou no bolso. Ralson cobriu o rosto com as mãos. Seus ombros tremiam um pouco, mas afora isso não se moveu mais.

Ouviram-se alguns gritos vindos do corredor; os outros presos estavam reagindo aos ruídos que vinham da cela de Ralson. O guarda deu alguns passos ao longo das celas, gritando:

– Silêncio aí! Todo mundo calado!

– Está tudo bem – disse Darrity na sua direção. Puxou do bolso um enorme lenço, onde enxugou as mãos – acho que vamos precisar de um médico.

O Dr. Gottfried Blaustein era moreno, de pequena estatura, e falava com um ligeiro sotaque austríaco. Faltava-lhe apenas um pequeno cavanhaque para reproduzir a imagem convencional do psiquiatra. Mas ele tinha o rosto bem barbeado e se vestia com elegância. Observava o Dr. Grant com extrema atenção, avaliando-o, registrando mentalmente uma série de observações e deduções. Aquela altura da vida, procedia assim com qualquer pessoa com quem conversasse. Comentou:

– Deixe-me repetir o quadro que o senhor me descreve. Descreve um homem de grande talento, possivelmente um gênio. O senhor me diz que ele nunca teve um relacionamento fácil com as demais pessoas, que nunca se adaptou por inteiro ao ambiente do laboratório, mesmo sendo aquele o ambiente onde podia alcançar o máximo de respeito e consideração. Existe algum outro tipo de ambiente onde ele pudesse se sentir à vontade?

– Não entendi.

– Nem todo mundo tem a sorte de encontrar as companhias humanas ideais no local de trabalho ou no ramo de atividade onde precisa atuar profissionalmente. Muitas pessoas encontram a compensação para isso tocando um instrumento musical, fazendo caminhadas pelo campo ou entrando para algum tipo de clube. Em outras palavras: o indivíduo forma para si um outro tipo de vida social, apartada do seu trabalho, onde consegue sentir-se mais à vontade. É algo que não precisa ter a mais remota ligação com sua atividade profissional. É uma fuga, não necessariamente uma fuga doentia.

Ele sorriu e completou: – Eu próprio coleciono selos. Sou um membro ativo da Sociedade Americana de Filatelia.

Grant fez um gesto negativo com a cabeça.

– Não faço ideia das atividades de Ralson fora do ambiente de trabalho, mas duvido muito que ele fizesse algo desse tipo.

– Humm... Bem, é uma pena. Relaxar e divertir-se um pouco é algo que está ao alcance de qualquer pessoa, mas é preciso

procurar isso, não é mesmo?

– Já falou com Ralson, Dr. Blaustein?

– Sobre os problemas dele? Ainda não.

– E não vai falar?

– Sim, sim. Mas ele está aqui há apenas uma semana. Temos que dar tempo para que se recupere um pouco. Ele estava num estado de nervos muito agitado quando chegou aqui. Estava quase delirante. Vamos deixar que ele repouse e vá se adaptando ao novo ambiente. Então terei umas entrevistas com ele.

– Vai conseguir que ele volte a trabalhar? Blaustein sorriu.

– Como posso saber? Ainda nem sei qual é o problema dele.

– Não podia livrá-lo do aspecto mais grave, quer dizer, essa mania de suicídio... e continuar o tratamento enquanto ele voltasse a trabalhar normalmente?

– Talvez. Mas não posso dar uma opinião concreta senão depois de algumas entrevistas.

– Quanto tempo acha que vai levar?

– Num assunto como este, Dr. Grant, nunca se pode saber. Grant bateu com as palmas das mãos uma na outra num gesto resignado.

– Faça o que achar melhor, então. Mas isto é algo mais importante do que imagina.

– Talvez. Mas o senhor pode me ajudar, Dr. Grant.

– Como?

– Fornecendo-me algumas informações que, pelo que posso imaginar, devem ser consideradas secretas.

– Que tipo de informações?

– Gostaria de saber qual o índice de suicídios, desde 1945, entre cientistas nucleares. E quantos deles abandonaram esse trabalho para se dedicar a outros tipos de trabalho científico, ou mesmo abandonaram de vez a ciência.

– Isso tem alguma relação com Ralson?

– Não acha que esse terrível desespero que ele demonstra pode ser algum tipo de doença ocupacional?

– Bem... muita gente já abandonou esse tipo de trabalho, é claro.

– Por que "é claro", Dr. Grant?

– Pode muito bem imaginar, Dr. Blaustein. O ambiente na pesquisa atômica de hoje é de muita pressão, muita burocracia. Temos que lidar com o governo, lidar com os militares. Não podemos conversar sobre o que estamos fazendo, temos que vigiar nossas palavras constantemente. É claro que se aparece a chance de um emprego na área universitária, onde se pode escolher o horário de trabalho, pesquisar o que se deseja, escrever artigos que não têm de ser submetidos à CEA, reunir-se sem que sejam necessárias intermináveis medidas de segurança... aí muita gente acaba preferindo isto.

– E abandona para sempre seu campo de especialização?

– Não. Sempre existem aplicações não militares. Naturalmente, cada pessoa tem suas próprias razões para abandonar esse trabalho. Há um sujeito que largou tudo, segundo me disse, porque não podia dormir à noite. Disse que toda vez que apagava a luz ouvia os gritos das cem mil pessoas que morreram em Hiroshima. A última vez que ouvi falar nele, ele estava trabalhando como balconista numa loja de roupas.

– E quanto ao senhor? Ouve algum grito de vez em quando? Grant assentiu com um gesto.

– Não é muito agradável saber que a responsabilidade pela destruição atômica também é nossa, ainda que em pequena proporção.

– E Ralson? Como se sentia quanto a isso?

– Nunca falamos a respeito.

– Isso quer dizer que, se ele experimentava esse tipo de culpa, não tinha nem mesmo a válvula de escape de poder desabafar com os colegas.

– Creio que não.

– Mesmo assim, a pesquisa nuclear é algo que deve ser tocado para a frente.

– Eu diria que sim.

– O que faria, Dr. Grant, se achasse que devia fazer algo, mas que não podia absolutamente fazê-lo?

Grant encolheu os ombros.

– Não sei.

– Algumas pessoas se matam.

– Acha que é esse o problema de Ralson?

– Não sei. Ainda não sei. Vou conversar com o Dr. Ralson hoje a noite. É claro que não posso prometer nada, mas o senhor será mantido a par de tudo.

Grant ficou de pé.

– Obrigado, doutor. E tentarei conseguir as estatísticas que pediu.

Uma semana de permanência no sanatório do Dr. Blaustein tinha melhorado a aparência de Elwood Ralson. A magreza de seu rosto tinha diminuído, ele perdera em grande parte a inquietação que tinha demonstrado. Estava sem cinto e sem gravata. Seus sapatos estavam sem cadarços.

– Como se sente, Dr. Ralson? – perguntou Blaustein.

– Descansado.

– Tem sido bem tratado?

– Não posso me queixar, doutor.

A mão de Blaustein procurou maquinalmente o cortador de papel com o qual tinha o costume de brincar distraidamente, mas não encontrou nada. Ele tinha sido guardado, claro, juntamente com tudo o mais que tivesse lâmina. Não havia nada senão papéis sobre a escrivaninha.

– Sente-se, Dr. Ralson – disse ele. – Como estão evoluindo seus sintomas?

– O senhor se refere ao que chama de impulsos suicidas? É algo que melhora ou piora, dependendo do que eu esteja pensando em determinado momento. Mas é algo que está em mim o tempo todo. O senhor não pode me ajudar.

– Talvez. Há muitos casos em que eu nada posso fazer para ajudar. Mas eu gostaria de ter o máximo de informações a respeito disso. O senhor é um homem importante.

Ralson deixou escapar uma risada desdenhosa.

– Não se considera assim? – perguntou Blaustein.

– Não. Não existem homens importantes, assim como não existem bactérias importantes, isoladamente.

– Não entendo.

– Não pensei que entenderia.

– Em todo caso, parece que essa sua afirmação foi precedida por uma meditação bastante longa. Estou muito interessado em saber o que pensou a respeito.

Pela primeira vez Ralson sorriu, e não foi um sorriso agradável. Suas narinas estavam esbranquiçadas.

– Observar o senhor é uma coisa engraçada, doutor. O senhor faz o seu trabalho de um modo tão consciencioso. Creio que faz parte da sua profissão escutar o que eu digo e fazer essa expressão de falso interesse, de simpatia forçada. Posso ficar aqui dizendo as coisas mais absurdas, mas o senhor vai me dar toda atenção. É ou não é?

– Não acha que meu interesse pode ser verdadeiro, ainda que seja um interesse profissional?

– Não.

– Por quê?

– Não quero falar sobre isto.

– Prefere voltar para o seu quarto?

– Se não se importa, não. – Sua voz se inflamou repentinamente de fúria; ele pôs-se de pé de um salto, depois voltou a sentar-se. – Ora, por que não posso usá-lo, afinal? Eu não gosto de conversar com as pessoas. São todos uns estúpidos. São incapazes de enxergar as coisas. Ficam durante horas olhando uma coisa óbvia e aquilo não faz sentido para eles. Se eu lhes dissesse algo, não compreenderiam, acabariam perdendo a paciência e rindo de mim. Mas o senhor tem que ouvir: é parte do seu trabalho. Não pode me interromper para me chamar de maluco, mesmo que pense isto.

– Eu teria prazer em ouvir qualquer coisa que quisesse me dizer.

Ralson inspirou profundamente.

– Há cerca de um ano tomei conhecimento de algo que muito pouca gente percebe. Talvez nenhuma pessoa viva perceba isto. O senhor já reparou, doutor, que os avanços culturais da humanidade ocorrem em ciclos periódicos? No espaço de duas gerações, numa

cidade com apenas trinta mil homens livres, brotaram gênios literários e artísticos em quantidade suficiente para suprir uma nação de milhões de pessoas por um século inteiro, em circunstâncias normais. Estou me referindo à Atenas de Péricles.

"Há outros exemplos. A Florença dos Médicis. A Inglaterra de Isabel, a Espanha dos emires de Córdoba. Houve o surto de reformadores sociais israelitas entre o oitavo e o sétimo século antes de Cristo. Entende o que estou dizendo?

Blaustein assentiu.

– Vejo que se interessa muito por História.

– E por que não? Suponho que nada me obriga a ficar restrito à pesquisa nuclear e à mecânica ondulatória.

– Tem toda razão. Continue, por favor.

– A princípio pensei que poderia aprender mais sobre a verdadeira natureza desses ciclos históricos através de consultas a um especialista. Tive alguns encontros com um historiador profissional. Foi perda de tempo.

– Quem era esse historiador?

– Faz alguma diferença?

– Talvez não, se acha que isso é assunto confidencial. Mas o que lhe disse ele?

– Que eu estava errado. Que é só aparentemente que a história tem esses surtos. Disse que estudos mais aprofundados mostram que as grandes civilizações do Egito e da Suméria não brotaram subitamente, ou do nada. Elas cresceram sobre a base de subcivilizações longamente amadurecidas e que já tinham um notável grau de sofisticação em suas artes. Disse que a Atenas de Péricles foi fundada sobre uma Atenas pré-Péricles que tinha suas próprias conquistas intelectuais, se bem que num grau inferior, mas que sem elas a Era de Péricles não teria existido. Perguntei-lhe por que motivo então não tinha havido uma Atenas pós-Péricles mais evoluída ainda, e ele me disse que Atenas foi arruinada por uma peste e por uma longa guerra contra Esparta. Perguntei-lhe a respeito dos outros surtos culturais e verifiquei que cada um deles foi encerrado por uma guerra, ou até mesmo foi simultâneo a ela. Esse sujeito era igual a todos os outros. A verdade estava ali, diante

dos seus olhos: era só abaixar-se e pegá-la, mas que não o fazia.

Ralson tinha os olhos fitos no chão. Prosseguiu com voz fatigada.

– De vez em quando as pessoas vêm ao meu laboratório, doutor. Dizem: "Ralson, como diabos podemos nos ver livres de tal ou tal efeito que está prejudicando nossos cálculos?" Mostram-me os instrumentos e os diagramas e eu digo: "Está aí, na cara de vocês, por que não fazem tal e tal coisa?" Uma criança teria enxergado aquilo. E eu viro as costas e vou embora porque não posso suportar a cara estúpida de espanto que eles fazem. Mais tarde eles voltam e dizem: "Puxa, Ralson, funcionou, como foi que você percebeu que era aquilo?" E eu não consigo explicar como, doutor. Seria como tentar explicar por que a água é molhada. E o mesmo acontece com esse historiador: eu não pude explicar-lhe nada, como não posso também explicar ao senhor. Seria perda de tempo.

– Gostaria de voltar para o seu quarto?

– Por favor.

Depois que Ralson foi levado embora, Blaustein ficou pensativo durante muito tempo; seus dedos foram automaticamente até a gaveta de cima da escrivaninha; apanhou ali o cortador de papel e ficou brincando com ele por alguns minutos. Finalmente, ergueu o receptor do telefone e discou um número que não constava da lista, que lhe tinha sido fornecido alguns dias antes.

– Aqui é Blaustein – disse ele. – Há um historiador profissional que foi consultado pelo Dr. Ralson há algum tempo, talvez há cerca de um ano. Não sei como se chama. Não sei sequer se exerce algum cargo universitário. Se vocês conseguirem localizá-lo eu gostaria de trocar umas palavras com ele.

Thaddeus Milton, PhD, piscou os olhos devagar na direção do Dr. Blaustein enquanto passava a mão pelos cabelos grisalhos.

– Já disse a eles que de fato me encontrei com esse indivíduo – falou. – Mas não tenho nenhuma ligação com ele. Nada além de alguns encontros estritamente profissionais.

– Como se conheceram?

– Ele me escreveu uma carta. Por que a mim, em vez de

alguma outra pessoa, isso eu não sei. Eu tinha acabado de publicar alguns artigos numa revista científica destinada ao grande público. Talvez isso tenha atraído sua atenção.

– Entendo. Qual o tema desses artigos?

– Eram uma avaliação sobre a validade do enfoque cíclico dos fatos históricos. Ou seja: se é possível afirmar de fato que uma civilização específica segue leis de crescimento e declínio análogas às que se aplicam aos indivíduos.

– Já li Toynbee, Dr. Milton.

– Então sabe a que me refiro.

– E quando o Dr. Ralson o procurou, foi para falar sobre essa questão dos ciclos?

– Hummm... Bem, de certo modo, sim. É claro que ele não é um historiador; algumas de suas noções sobre tendências culturais eram um tanto melodramáticas e... como posso dizer... sensacionalistas. Doutor, perdoe-me se estou fazendo uma pergunta indiscreta, mas o Dr. Ralson é um dos seus pacientes?

– O Dr. Ralson não está passando bem e se encontra sob meus cuidados. Este fato e tudo que for comentado durante esta nossa entrevista são assunto confidencial, naturalmente.

– Por certo. Compreendo. Mas a sua resposta me esclarece algumas questões. Algumas das ideias do Dr. Ralson chegavam aos limites do irracional. Ele manifestava uma grande preocupação, ao que me pareceu, quanto à ligação entre o que ele chamava de "surtos culturais" e diversos tipos de calamidades. Ligações desse tipo já foram apontadas várias vezes. A época de maior vitalidade de uma nação pode coincidir com um momento de grande insegurança. O caso da Holanda é um bom exemplo. Ela produziu seus maiores artistas, homens de Estado e exploradores no início do século XVII, quando o país estava envolvido numa guerra mortal contra a maior potência europeia da época, a Espanha. Mesmo ameaçados em seu próprio território, os holandeses estavam edificando um império no Extremo Oriente e estabelecendo cabeças de ponte ao norte da costa da América do Sul, na extremidade sul da África e no vale do Hudson na América do Norte. Sua armada enfrentava de igual para igual a marinha britânica. E então, no

momento em que ela conseguiu assegurar sua estabilidade política, começou a declinar.

Muito bem. Nada disso é de surpreender. Os grupos, como os indivíduos, podem lançar mão de todas as suas capacidades para enfrentar um desafio, assim como podem vegetar quando nenhum desafio lhes aparece. O ponto onde o Dr. Ralson me parecia meio delirante, ao que me parece, era sua insistência em afirmar que esta visão era uma inversão de causa e efeito. Para ele, não eram as épocas de guerra e perigo que estimulavam os "surtos culturais", e sim o contrário. Segundo ele, cada vez que um grupo social começava a demonstrar excessivo talento e vitalidade isso gerava a necessidade de uma guerra para destruir as possibilidades de evolução desse grupo.

– Entendo – disse Blaustein.

– Eu praticamente ri na cara dele, lamento dizê-lo. Talvez tenha sido por isso que ele não compareceu ao derradeiro encontro que tínhamos combinado. No final da última conversa que tivemos ele me perguntou, do modo mais ansioso que se pode imaginar, se eu não achava estranho que a Terra fosse dominada por uma espécie tão inadequada como o homem, que não tem a seu favor nada além da inteligência. Dei uma risada. Talvez eu devesse ter-me reprimido um pouco. Pobre sujeito.

– Ora, foi uma reação normal – disse Blaustein. – Mas não devo tomar mais o seu tempo. O senhor foi muito útil. Apertaram-se as mãos. Thaddeus Milton deixou o gabinete.

– Muito bem – disse Darrity – aí estão suas estatísticas sobre os suicídios mais recentes envolvendo pessoas do mundo científico. Isso lhe permite tirar alguma conclusão?

– Eu é que lhe pergunto – respondeu polidamente o Dr. Blaustein. – Presumo que o FBI tenha investigado detalhadamente esses casos.

– Pode apostar a dívida interna federal em que todos esses foram realmente casos de suicídio. Não pode haver dúvida a respeito. Pessoas em outro departamento investigaram os números: o índice é quatro vezes superior ao normal, levando em conta idade, situação social e nível econômico.

– E quanto aos cientistas britânicos?

– Quase a mesma coisa.

– E os soviéticos?

– Quem pode saber? – o inspetor inclinou-se para a frente, imaginando que os soviéticos tenham alguma espécie de raio que leva as pessoas ao suicídio, hem? É muito estranho que as pessoas envolvidas com energia atômica sejam as únicas afetadas.

– É mesmo? Talvez não. Talvez os físicos nucleares estresse específico. É difícil dizer sem uma análise muito detalhada.

– Quer dizer que ele pode ter algum tipo diferente de complexo?

O Dr. Blaustein fez uma careta.

– A psiquiatria está se tornando popular demais. Todo mundo hoje em dia fala sobre complexos e neuroses e psicoses e compulsões e sei lá o quê. Mas o que gera num homem um complexo de culpa sequer chega a perturbar o sono de outro. Se eu pudesse conversar com cada indivíduo que comete suicídio talvez descobrisse algo.

– O senhor está conversando com Ralson.

– Sim, estou conversando com ele.

– Ele tem complexo de culpa?

– Nada de especial. Mas tem um passado do qual não seria difícil resultar uma preocupação mórbida com a morte. Quando ele tinha doze anos viu a mãe morrer atropelada por um automóvel. Seu pai morreu pouco a pouco, de câncer. No entanto, o efeito disso sobre os seus problemas atuais não é muito claro. Darrity apanhou o chapéu.

– Bem, doutor, espero que faça progressos. Há alguma coisa importante dependendo disso, algo mais importante do que a bomba H. Não sei como algo pode ser ainda mais importante do que isto, mas o fato é que é.

Ralson insistiu em ficar de pé.

– Tive uma noite péssima, doutor.

– Espero – disse Blaustein – que estas nossas conversas não o estejam prejudicando.

– Talvez estejam. Elas me fazem voltar a pensar nesse assunto, e quando faço isso as coisas pioram. Como imagina que deve ser,

doutor, alguém fazer parte de uma cultura bacteriana?

– Essa ideia nunca me ocorreu. Para uma bactéria, acho que deve parecer normal.

Ralson não estava escutando. Falou, devagar:

– Uma cultura que esteja sendo utilizada para estudar a inteligência. Nós estudamos todo tipo de coisa no que se refere a relações genéticas. Pegamos moscas e cruzamos moscas de olhos vermelhos com moscas de olhos brancos para ver o que acontece. As moscas em si não nos interessam nada; tudo que queremos é extrair delas o conhecimento de alguns princípios genéticos fundamentais. Entende o que quero dizer?

– Com certeza.

– Mesmo entre os humanos, é possível rastrear inúmeras características físicas. Há os lábios dos Habsburgos, e a hemofilia, que começou com a rainha Vitória e se espalhou entre os seus descendentes nas famílias reais da Rússia e da Espanha. Podemos acompanhar o trajeto da debilidade mental entre os Jukes e os Kallikaks. Ficamos sabendo isso quando estudamos biologia no colégio. Mas não podemos cruzar seres humanos do mesmo modo que fazemos com as moscas. Os seres humanos têm uma vida muito longa, levaria séculos para que se pudesse chegar a uma conclusão. É uma pena que não se disponha de uma raça especial de pessoas que se reproduzisse com algumas semanas de intervalo, não é mesmo? Ele esperou uma resposta, mas Blaustein limitou-se a sorrir.

– Acontece que é exatamente isso que seríamos em relação a criaturas de outra espécie, cuja vida atingisse milhares de anos. Para eles, nós nos reproduziríamos com rapidez suficiente. Seríamos criaturas de vida curtíssima, onde eles poderiam acompanhar a evolução de traços genéticos como talento musical, talento científico, e assim por diante. Não que eles se interessassem especialmente por tais coisas; para eles seria algo como os olhos brancos das moscas são para nós.

– Uma ideia muito interessante – disse Blaustein.

– Não é apenas uma ideia. É verdade. Para mim é uma coisa óbvia, pouco me importa o que o senhor pensa a respeito. Olhe ao

seu redor. Olhe para o planeta, a Terra. Quem somos nós, estes animais ridículos, para nos considerarmos os donos do mundo após a extinção dos dinossauros? Está bem, somos inteligentes; mas o que é a inteligência, afinal? Nós só a achamos importante porque é tudo que temos. Se o tiranossauro tivesse que indicar as qualidades que ele julgaria importantes para assegurar a hegemonia de uma espécie, provavelmente apontaria "tamanho" e "força". E teria bons argumentos para isso. Ele durou muito mais tempo do que nossa espécie deve durar. A inteligência, em si, não é muita coisa no que se refere à garantia de sobrevivência. O elefante mal consegue sobreviver, comparado ao pardal, por exemplo, embora seja muito mais inteligente. O cão tem um bom desempenho sob a proteção do homem; mas não se sai tão bem quanto a mosca doméstica, contra a qual a humanidade inteira se mobiliza. Ou então veja os primatas como um todo. Os pequenos são forçados a fugir dos inimigos; quanto aos maiores, mal e mal conseguem se defender. Os que se saem melhor são os babuínos, e isso devido aos seus dentes, não aos seus cérebros.

Uma fina película de suor recobria a testa de Ralson. Ele prosseguiu:

– Dá para perceber que o homem foi projetado, foi concebido de um modo cuidadoso, específico, por essas criaturas que estão nos estudando. Os primatas, em geral, têm uma vida curta. Claro que os maiores vivem mais tempo, como é regra geral entre as outras espécies. No entanto o ser humano tem uma vida média duas vezes mais longa que a dos outros, mais longa até que a vida do gorila, que é fisicamente muito maior que ele. Nosso amadurecimento é tardio. É como se tivéssemos sido cuidadosamente projetados para viver mais tempo, de modo que nosso ciclo vital tivesse uma duração mais conveniente.

Ralson ficou de pé num salto, brandindo os punhos cerrados:

– Mil anos é como se fosse apenas um dia! Apenas um dia!...

Blaustein apertou imediatamente um botão.

Durante alguns instantes Ralson se debateu nas mãos dos enfermeiros que invadiram a sala, mas logo deixou-se levar. Blaustein o acompanhou com o olhar, depois abanou a cabeça e

pegou o telefone. Ligou para Darrity.

– Inspetor, acho que devo avisá-lo de que isto pode levar muito tempo. – Escutou um pouco e assentiu com a cabeça. – Eu sei disso. Não estou minimizando essa urgência.

A voz do outro lado do receptor era áspera e metálica.

– Sim, doutor, o senhor está minimizando a urgência deste caso. Vou pedir ao Dr. Grant que vá até aí. Ele poderá explicar-lhe tudo.

O Dr. Grant perguntou como estava Ralson e depois, num tom um pouco mais sombrio, se podia vê-lo. Blaustein abanou a cabeça em negativa.

– Fui incumbido – disse Grant – de explicar-lhe a situação atual da pesquisa atômica, doutor.

– De um modo acessível, espero.

– Creio que sim. Estamos numa situação desesperada. Antes, devo adverti-lo de que...

– É desnecessário. Entendo a situação. Essa insegurança por parte de vocês é um mau sintoma. Deve saber que essas coisas não podem ser mantidas eternamente em segredo.

– Vivemos num clima permanente de sigilo. É uma coisa contagiosa.

– Sei disso. Qual é agora o segredo?

– Estamos construindo, ou pelo menos estamos tentando construir, uma defesa contra a bomba atômica.

– E para que o sigilo? É algo que deveria ser apregoado aos quatro ventos.

– Pelo amor de Deus, não. Preste atenção, Dr. Blaustein. É algo que por enquanto está apenas no papel. Estamos mais ou menos no estágio de quem tem em mãos o Eme2. Talvez não haja uma solução prática. Não seria bom criar expectativas e depois não poder satisfazê-las. Por outro lado, se chegasse ao conhecimento do mundo que estamos a ponto de construir uma tal defesa, alguém poderia ser tentado a deflagrar uma guerra para poder vencê-la antes que a defesa estivesse pronta.

– Não creio nisso, mas em todo caso estamos nos desviando do nosso assunto. Em que consiste essa defesa? Ou será que já me

disse tudo que é permitido?

– Não, posso dar-lhe mais detalhes, o bastante para que entenda por que precisamos tanto de Ralson... e com tanta pressa.

– Muito bem. Estou ansioso para conhecer esses segredos. Isto faz com que eu me sinta como se fizesse parte de um ministério.

– Vou dizer-lhe coisas que pouca gente dos ministérios sabe, doutor. Vejamos se consigo colocar tudo numa linguagem acessível. Até a época atual, os avanços militares têm acontecido de um modo mais ou menos equilibrado entre armas ofensivas e defensivas. Houve um momento na história em que a balança pareceu pender na direção das armas ofensivas, e isso foi com a utilização da pólvora. Mas logo a defesa restabeleceu o equilíbrio. A figura medieval do homem a cavalo vestido numa armadura foi substituída pelo homem no interior de um tanque de guerra; o castelo de muralhas de pedra foi substituído pela casamata de concreto.

A mesma coisa, como vê, só que em maior escala.

– Correto. Mas com a bomba atômica essa escala tem que ser ampliada, não? É preciso ir além do aço e do concreto, para proteção.

– Certo. O problema é que não podemos construir muros cada vez mais espessos.

E já não dispomos de materiais suficientemente fortes. Portanto, é preciso abandonar de vez a ideia de uma proteção material. Se é o átomo que ataca, o átomo deve defender. Temos que usar a própria energia, ou seja, um campo de força.

– E o que é – perguntou Blaustein com delicadeza – um campo de força?

– Gostaria de poder explicar. Até agora, não passa de uma equação numa folha de papel. Teoricamente, a energia pode ser canalizada de forma a criar um muro de inércia não material. Na prática, ainda não sabemos como fazê-lo.

– Seria um muro impenetrável? Mesmo para átomos?

– Mesmo para uma bomba atômica. O único limite para sua potência seria a quantidade de energia que conseguíssemos canalizar. Em tese, poderia tornar-se impenetrável até mesmo a radiações. Os raios gama se chocariam contra ele e seriam

repelidos. O nosso projeto consiste na criação de uma espécie de cobertura que ficaria permanentemente ligada sobre as cidades, funcionando com um mínimo de potência, usando pouquíssima energia. Essa camada protetora poderia ser ativada para um máximo de intensidade numa fração de segundo, ao detectar radiações de ondas curtas, como as que são emitidas por uma massa de plutônio idêntica à de uma ogiva nuclear. Tudo isto é teoricamente possível.

– E para que precisam de Ralson?

– Por que ele é o único homem que pode descobrir um modo de produzir esse sistema, se é que tal modo existe. E cada minuto é importante. Sabe como está a situação internacional. É preciso criar uma defesa atômica antes que a guerra atômica possa ter início.

– Tem tanta certeza assim a respeito de Ralson?

– Tanta certeza quanto posso ter de alguma coisa na vida. Esse homem é espantoso, Dr. Blaustein. Tudo que ele sugere dá certo. Ninguém no meio científico sabe como ele faz isso.

– Uma espécie de intuição, não? – o psiquiatra parecia um tanto desconfortável. – Uma espécie de raciocínio que vai além das capacidades normais de um ser humano. É isso?

– Não vou dizer que sei o que é.

– Deixe-me falar com ele mais uma vez. Depois lhe contarei tudo.

– Está bem. – Grant ergueu-se, mas deteve-se antes de rumar para a porta.

– Devo avisar, doutor, que se não obtiver nenhum resultado a própria Comissão deverá encarregar-se do Dr. Ralson.

– Para tentar outro psiquiatra? Se for isso, não posso fazer objeção. No entanto, o meu parecer é que nenhum médico responsável pode prometer uma cura rápida num caso dessa natureza.

– Talvez não seja essa a intenção. Talvez Ralson seja simplesmente mandado de volta ao trabalho.

– Sinto muito, Dr. Grant, mas nesse caso eu sou contra. Não vão extrair nada dele. Podem acabar matando-o.

– E de que modo podemos extrair alguma coisa?

– Deste modo, pelo menos temos uma chance – disse Blaustein.

– Espero que sim. E, a propósito, não diga a ninguém que falei na possibilidade de Ralson ser levado embora.

– Não direi nada, e agradeço pelo aviso, Dr. Grant. Até breve.

– Comportei-me como um idiota da última vez, hem, doutor? – disse Ralson.

Tinha o rosto tenso.

– Quer dizer que tudo aquilo que me falou não é verdade?

– É verdade! – o vulto pequeno de Ralson sacudiu-se dos pés à cabeça com a intensidade de sua exclamação.

Ele ergueu-se e foi até a janela. Blaustein girou em sua cadeira para não perdê-lo de vista. A janela era gradeada. Ralson não poderia saltar. O vidro era inquebrável. O crepúsculo chegava ao fim e as primeiras estrelas já brilhavam no céu. Ralson ficou a observá-las, fascinado, depois virou-se para Blaustein e apontou com o dedo para o céu.

– Cada uma delas é uma incubadeira. Elas mantêm suas temperaturas no ponto desejado. Diferentes experimentos; diferentes temperaturas. E os planetas que giram em torno delas são enormes tubos de ensaio, contendo diferentes misturas nutrientes e diferentes formas de vida. Os pesquisadores são também muito metódicos, sejam eles quem forem, ou o que forem. Estão desenvolvendo culturas de vários tipos de vida, aqui neste tubo específico. Dinossauros durante uma era úmida e tropical; seres humanos entre eras glaciais. Eles aumentam ou diminuem a intensidade do sol, e nós ficamos tentando descobrir as leis físicas que governam isso. Leis físicas! – Ralson encurvou os lábios com desprezo.

– Tenho certeza – disse o Dr. Blaustein – de que o sol não pode ser controlado assim, pela simples vontade de alguém.

– E por que não? É como controlar a temperatura de um forno. Acha que as bactérias sabem a origem do calor a que estão submetidas? Talvez elas também criem as suas teorias. Talvez tenham lá as suas cosmogonias e suas narrativas sobre catástrofes cósmicas, onde o conflito entre dois exércitos de lâmpadas

incandescentes é responsável pela criação das placas de Petri. Talvez elas achem que existe algum criador magnânimo que lhes fornece alimento e calor e lhes diz: "Crescei e multiplicai-vos!" Assim como elas, somos criados sem ter uma ideia da razão de nossa existência. Obedecemos às "leis da natureza", que é o nome que damos a forças que somos incapazes de compreender e que nos são impostas de cima para baixo. Agora, eles têm em mãos o maior experimento que já tentaram e que já vêm desenvolvendo há cerca de duzentos anos. Imagino que por volta do século XVIII eles começaram a estimular a tendência, na Inglaterra, para as descobertas mecânicas. Demos a isto o nome de Revolução Industrial. Começou com máquinas a vapor, depois chegou à eletricidade, e por fim à energia atômica. Era uma experiência interessante, mas eles estavam correndo um certo risco ao permitir que ela fosse adiante, por isso vão ter que ser radicais quando resolverem encerrá-la.

Blaustein indagou:

– E vão querer encerrá-la de que forma? Tem alguma ideia?

– Não precisa me perguntar de que forma isso vai ter um fim. Basta olhar em redor e qualquer um pode ver como a nossa era tecnológica vai ser concluída. O mundo inteiro teme uma guerra nuclear, qualquer pessoa faria o possível para evitá-la; no entanto todo mundo sabe que uma guerra atômica é inevitável.

– Em outras palavras: os "pesquisadores" vão estimular uma guerra atômica, queiramos ou não, para reduzir a zero nosso atual estágio tecnológico e recomeçar tudo de novo. É isso?

– Sim. É tudo muito lógico. Quando esterilizamos um instrumento, será que os micróbios sabem de onde vem aquele calor insuportável? Ou o que o provocou? De um modo que desconhecemos, eles são capazes de elevar a temperatura de nossas emoções, por assim dizer; são capazes de nos manipular de uma forma que ainda desconhecemos.

– Diga-me uma coisa – pediu Blaustein, é devido a isso que o senhor quer morrer? Por que acha que a destruição da humanidade se aproxima e não pode ser evitada?

– Eu não quero morrer – disse Ralson. – Eu tenho que morrer. –

Havia uma expressão torturada em seus olhos. – Doutor, se tivesse uma cultura de micróbios altamente perigosos e quisesse mantê-los sob controle, não acabaria por espalhar ao redor do centro da inoculação uma substância mortal... digamos, penicilina? Qualquer micróbio que se afastasse desse centro acabaria morrendo. O senhor não teria nada pessoal contra os micróbios que morressem; o senhor nem ficaria sabendo que em tal ou tal ponto haveria um grupo de micróbios morrendo. Seria algo puramente automático. Doutor, existe uma espécie de círculo de penicilina ao redor das mentes humanas. Quando nos extraviamos para muito longe, ou quando nos aproximamos da compreensão do sentido de nossa existência, então tocamos esse círculo e temos que morrer. É algo que funciona devagar, mas vai ficando cada vez mais difícil continuar vivendo.

Ralson deu um sorriso breve e cheio de tristeza, e completou:

– Posso voltar agora para meu quarto?

No dia seguinte, o Dr. Blaustein foi ao quarto de Ralson por volta do meio-dia. Era um quarto pequeno e sem decoração. As paredes eram cobertas de acolchoado cinzento. As duas pequenas janelas ficavam altas, fora de alcance. O colchão ficava estirado diretamente sobre o solo, também acolchoado. Não havia nada metálico no aposento, nada que alguém pudesse usar para se matar. Mesmo as unhas de Ralson estavam cortadas muito curtas. Ralson sentou no colchão.

– Olá, doutor.

– Olá, Dr. Ralson. Podemos conversar?

– Aqui mesmo? Não posso lhe oferecer uma cadeira.

– Não faz mal, eu fico de pé. Sou obrigado a ficar sentado o dia inteiro, às vezes gosto de ficar de pé um pouco... faz bem para as nádegas. Dr. Ralson, passei esta noite inteira pensando no que o Sr. me disse ultimamente.

– E agora vai me aplicar um tratamento para me livrar do que o senhor considera delírios.

– Não, não. Quero somente fazer algumas perguntas e talvez apontar algumas consequências de suas teorias que... perdão, mas que podem lhe ter passado despercebidas.

– Ah, é?

– Veja bem, Dr. Ralson. Desde que me explicou suas teorias estou de posse das mesmas informações que o senhor, e no entanto não estou sentindo o menor impulso suicida.

– A crença é algo muito mais forte do que a mera compreensão intelectual, doutor. Para correr algum perigo o senhor teria que acreditar nisso com todas as suas forças, o que não é o caso.

– Não acha que tudo isso talvez não passe de um fenômeno de adaptação? O senhor não é biólogo, Dr. Ralson, e embora seja sem dúvida um físico brilhante talvez não conheça tudo a respeito dessas culturas de bactérias em que baseia sua analogia. O senhor deve saber, contudo, que é possível desenvolver culturas de bactérias resistentes à penicilina ou a qualquer outra substância nociva.

– E daí?

– Os "pesquisadores" que nos controlam estão trabalhando com a humanidade há muitas e muitas gerações, não é isso? E esta variedade que eles vêm desenvolvendo há dois séculos não dá o menor sinal de se extinguir espontaneamente. Pelo contrário, é uma variedade resistente e extremamente contagiosa. Houve no passado algumas variedades de "bactérias humanas" que desenvolveram altas tecnologias, mas estavam confinadas a uma única cidade ou a uma região restrita. Esta, no entanto, está se espalhando pelo mundo inteiro e muito rapidamente. Não acha que ela pode ter desenvolvido imunidade à tal "penicilina" de que fala? Em outras palavras: não acha que os métodos de que eles dispõem para aniquilar nossa civilização talvez não funcionem mais?

Ralson sacudiu a cabeça.

– Está funcionando em mim.

– Talvez o senhor não tenha desenvolvido essa imunidade. Ou talvez tenha penetrado por acaso numa concentração de penicilina extremamente forte. Pense em todas as pessoas que estão tentando banir os armamentos nucleares e estabelecer alguma forma de governo mundial que garanta a paz. Esses esforços têm aumentado de ano para ano, e os resultados não têm sido maus.

– Isso não vai evitar a próxima guerra.

– Talvez todo o necessário seja apenas um pouco mais de esforço. Os pacifistas não se suicidam. Portanto, há um número cada vez maior de pessoas imunes às armas deles.

Sabe o que está sendo pesquisado em seu laboratório, Dr. Ralson?

– Não quero saber.

– Precisa saber. Estão tentando construir um campo de força que sirva de defesa contra a bomba atômica. Dr. Ralson... se eu estou cultivando bactérias extremamente virulentas, não pode acontecer que, apesar de todas as minhas precauções, a coisa fuja ao meu controle e se transforme numa epidemia? Em relação a eles nós somos como bactérias, mas isso quer dizer que somos perigosos para eles, ou então eles não tentariam nos exterminar com tanto cuidado ao final da experiência. Eles não podem reagir depressa, não é? Para eles, mil anos nossos equivalem a um dia, não é? Talvez, quando eles finalmente perceberem que escapamos ao seu controle, que nos tornamos imunes à sua penicilina, aí será tarde demais. Eles nos deixaram progredir até a energia atômica, e se pelo menos evitarmos usar esse poder contra nós mesmos, aí talvez possamos nos tornar mais poderosos do que os nossos "pesquisadores".

Ralson ficou de pé num salto; mesmo pequeno, ainda era uns três centímetros maior que o Dr. Blaustein.

– Eles estão mesmo pesquisando um campo de força?

– Estão tentando. Mas precisam do senhor.

– Não posso.

– Precisam do senhor, da sua habilidade em ver coisas que para eles não são óbvias. Lembre-se, ou o senhor os ajuda ou... a humanidade morrerá nas mãos deles.

Ralson caminhou de um lado para outro, os olhos fitos nas paredes acolchoadas. Murmurou:

– Mas não haverá escapatória. Se eles construírem esse campo de força, acabarão morrendo todos antes que a coisa esteja pronta.

– Talvez alguns deles sejam imunes, ou quem sabe, todos. Em todo caso, morreriam de qualquer maneira, por isso continuam tentando.

– Vou tentar ajudá-los – disse Ralson.

– Continua a querer suicidar-se?

– Sim.

– Mas vai tentar evitar.

– Vou tentar evitar, doutor. – seus lábios tremeram. – Mas tenho que ficar sob vigilância.

Blaustein subiu as escadas e apresentou seu crachá ao guarda no saguão. Já tinha se apresentado ao guarda no portão externo, mas teve que submeter a novo exame o rosto, o crachá e a assinatura. Depois de alguns instantes, o guarda entrou numa cabine e pegou o telefone. A resposta pareceu positiva. Blaustein sentou num banco próximo e daí a meio minuto ergueu-se e apertou a mão do Dr. Grant.

– Até o presidente dos Estados Unidos teria dificuldade para entrar aqui – comentou.

O físico sorriu.

– Sim, caso chegasse sem aviso prévio.

Tomaram um elevador e subiram doze andares. O escritório para onde Grant conduziu o psiquiatra tinha janelas em três direções. Era à prova de som e com ar condicionado, e estava mobiliado com caros móveis de castanheira. Blaustein comentou:

– Meu Deus do céu. Parece o escritório do executivo de uma multinacional. Pelo que vejo, a ciência está se tornando um negócio rentável. Grant assumiu um ar embaraçado.

– É verdade, mas o dinheiro do governo escorre em várias direções ao mesmo tempo... e é difícil persuadir um congressista de que nosso trabalho é importante, a menos que ele se deixe impressionar pela vitrine.

Blaustein Sentou-se e sentiu-se afundar lentamente na poltrona estofada.

– O Dr. Elwood Ralson concordou em voltar ao trabalho – disse.

– Ótimo. Esperava que me trouxesse justamente esta notícia. – animado, Grant ofereceu ao psiquiatra um charuto, que ele recusou com um gesto.

– Mesmo assim – prosseguiu Blaustein, ele é um homem cheio de problemas. É preciso continuar a tratá-lo com muito cuidado e

muita sensibilidade.

– Claro. Naturalmente.

– Não é tão simples quanto parece. Vou lhe contar algo sobre os problemas de Ralson para que veja o quanto a situação é delicada.

Começou a falar. A princípio Grant o escutou com preocupação, que aos poucos foi cedendo lugar ao assombro.

– Mas então o homem perdeu o juízo, Dr. Blaustein – exclamou ele. – Não vai ser da menor utilidade. Ficou maluco.

Blaustein encolheu os ombros.

– Depende do que quer dizer com "maluco". Esta é uma palavra traiçoeira, aconselho não usá-la. Ralson tem delírios, sem dúvida. Até que ponto esses delírios podem afetar seu talento, isso eu não posso prever.

– Mas é evidente que nenhum homem mentalmente são pode...

– Calma. Por favor. Não vamos começar a discutir definições psiquiátricas do que é e do que não é "ser mentalmente são". O cara tem delírios, e, em circunstâncias normais, eu não daria a eles nenhum valor. Acontece que todo mundo me convenceu de que o talento pessoal desse indivíduo consiste em solucionar problemas de um modo que parece além do alcance do raciocínio convencional. Certo?

– Sim. Digamos que sim.

– Então, como é que eu ou o senhor podemos julgar o valor de uma das conclusões tiradas por esse indivíduo? Diga-me uma coisa... teve por acaso impulsos suicidas ultimamente?

– Não creio.

– E os outros cientistas aqui?

– Não. Claro que não.

– Mesmo assim sugiro que, à medida que a pesquisa do campo de força for avançando, os cientistas que dela participam sejam vigiados, tanto aqui quanto em suas casas. Talvez fosse até melhor que eles não dormissem em casa. Estes escritórios podem ser adaptados e funcionar como pequenos apartamentos...

– Dormir no trabalho? Eu jamais conseguiria convencê-los.

– Consegue. Basta não lhes dizer a verdadeira razão. Diga-lhes

que é por motivos de segurança nacional, eles concordarão. "Segurança nacional" é uma grande descoberta contemporânea, não é mesmo? Quanto a Ralson, deve ser mais vigiado do que todos os outros.

– Claro.

– Tudo isto não tem tanta importância assim. É apenas para que eu fique com a consciência em paz caso a teoria de Ralson seja correta. Mas na verdade eu não creio nela. Acho que são delírios, mas se partirmos desse pressuposto temos que saber quais são as causas desse delírio. O que será que existe na mente de Ralson, em sua formação, em sua vida, que torna necessário para ele produzir esse tipo de auto ilusão? Não é uma pergunta que possa ser respondida facilmente. Pode levar anos de análise até que se descubra a resposta. E enquanto essa resposta não for descoberta ele não estará curado.

– Enquanto isso podemos fazer algumas suposições. Ralson teve uma infância infeliz e teve que se defrontar com a morte muito cedo, em circunstâncias desfavoráveis. Além disso, ele nunca teve facilidade para se relacionar com outras crianças, ou, mais tarde, com outros adultos. Sempre mostrou impaciência com a lentidão de pensamento das outras pessoas. Seja qual for a diferença que exista entre sua mente e a das demais pessoas, isso construiu um muro entre ele e a sociedade, um muro tão impenetrável quanto esse campo de força que vocês estão querendo criar. Pelas mesmas razões ele não foi capaz de desfrutar de uma vida sexual normal. Nunca se casou, nunca teve namoradas.

– É fácil ver que ele poderia tentar compensar esse fracasso em ser aceito pelas outras pessoas através da ideia de que é superior a elas. O que não deixa de ser verdade, se considerarmos a parte intelectual. O que acontece é que a personalidade humana tem muitas outras facetas, e ele não demonstra superioridade em nenhuma delas. Outros indivíduos mais propensos a enxergar apenas os defeitos das pessoas acabariam não aceitando a suposta superioridade assumida por Ralson. Passariam a achá-lo excêntrico ou mesmo ridículo... e isso faria com que Ralson se encarniçasse mais ainda em tentar provar a inferioridade da espécie humana. Ele

não poderia encontrar uma metáfora melhor para isso do que demonstrar que a humanidade inteira não passa de uma colônia de bactérias nas mãos de uma espécie superior que as utiliza para experiências. Assim, seus impulsos suicidas não passariam de um intenso desejo de romper totalmente com sua condição humana, de cortar essa sua identificação com essa espécie miserável que ele concebeu na sua mente. Percebe?

Grant assentiu com a cabeça, comentando:

– Pobre sujeito.

– Sim, é uma pena. Se ele tivesse recebido a atenção de que precisava na infância... bem, o melhor que podemos fazer pelo Dr. Ralson é evitar que ele tenha contato com o resto do pessoal. Ele está muito abalado para que possamos correr esse risco. O senhor deve ser a única pessoa a ter contato direto com ele. Ralson já concordou com isso. Parece que ele não o considera tão estúpido quanto os outros.

Grant deu um sorriso pela metade.

– Ainda bem.

– O senhor terá que ter cuidado. Não deve conversar com ele sobre nada além do trabalho. Se ele quiser expor suas teorias sobre bactérias e tudo o mais, coisa que eu duvido, deve limitar-se a dar respostas monossilábicas e a retirar-se assim que puder. E, por favor: fique de olho em qualquer objeto metálico e pontiagudo. Não deixe Ralson se aproximar das janelas. Tente manter as mãos dele sob vigilância. Acho que compreende a necessidade disso tudo, Dr. Grant. Deixo meu paciente entregue aos seus cuidados.

– Farei o máximo, Dr. Blaustein.

Durante dois meses Ralson morou no escritório de Grant, e Grant foi praticamente sua única companhia. As janelas tinham sido providas de grades, a mobília de madeira foi substituída para dar lugar a sofás acolchoados. Ralson trabalhava sentado no sofá, fazendo seus cálculos numa prancheta apoiada sobre uma almofada.

Durante todo esse tempo um cartaz de Não Perturbe permaneceu afixado à porta do escritório. As refeições eram deixadas do lado de fora da porta. O lavatório vizinho foi interditado

e abriu-se uma porta na parede que o separava do escritório. Grant passou a usar barbeador elétrico. Todas as noites, ele se certificava de que Ralson tinha tomado pílulas para dormir e só se deitava depois que o outro mergulhava no sono.

Os relatórios não paravam de chegar às mãos de Ralson. Ele os lia em silêncio enquanto Grant observava a distância, fingindo ocupar-se com alguma outra coisa. Depois de algum tempo, Ralson os jogava para o lado e ficava estirado no sofá, o rosto voltado para o teto, uma mão fazendo sombra sobre os olhos.

– Alguma coisa? – perguntava Grant às vezes. Ralson sacudia a cabeça. Nada.

– Olhe, vou pedir para deixarem o prédio vazio por algum tempo, quando fizerem a troca de turnos. Acho importante que você veja alguns instrumentos que estamos montando para os testes.

E assim era feito: os dois entravam no imenso edifício vazio e brilhantemente iluminado; entravam caminhando de mãos dadas, como um par de fantasmas. Sempre de mãos dadas. O aperto dos dedos de Grant era sempre firme. Mas depois de cada incursão Ralson continuava a menear a cabeça. Nada.

Meia dúzia de vezes ele começou a escrever no bloco; ao final de cada uma delas, o bloco ostentava apenas alguns rabiscos, e era atirado longe.

Até que um dia ele começou a escrever com rapidez, logo enchendo de cálculos metade da página. Grant aproximou-se instintivamente para observar. Ralson ergueu a cabeça, e num gesto rápido cobriu a folha do bloco. Sua mão tremia.

– Chame Blaustein – disse.

– O quê?

– Eu disse: chame Blaustein. Faça-o vir aqui. Já! Grant foi para o telefone.

Ralson escrevia muito depressa agora, interrompendo apenas para limpar a testa com as costas da mão, que vinha totalmente molhada. Ele ergueu o rosto mais uma vez; tinha a voz alquebrada quando perguntou:

– Ele está vindo?

Grant pareceu preocupado.

– Ele... não está no consultório.

– Ligue para a casa dele. Localize-o em qualquer lugar. Use esse telefone. Não fique aí brincando com ele.

Grant usou o telefone; Ralson puxou outra folha de papel para diante de si. Cinco minutos depois, Grant falou:

– Ele está vindo. Qual é o problema? Você está com uma aparência horrível.

A garganta de Ralson estava contraída, tornando sua voz estranhamente gutural.

– Não há tempo... não posso falar...

Ele escrevia febrilmente, garatujando frases e fórmulas, esboçando diagramas às pressas. Era como se estivesse forçando as próprias mãos a fazer aquilo, lutando contra elas.

– Você pode ditar, eu escrevo – sugeriu Grant, mas Ralson o empurrou para o lado, passando a segurar o próprio pulso com a mão esquerda, como se ele fosse um pedaço de madeira. Acabou por ceder, caindo por sobre a prancheta. Grant retirou os papéis de baixo do corpo de Ralson e ajudou-o a estirar-se no sofá. Ficou caminhando em torno dele sem descanso, quase em desespero, até a chegada de Blaustein.

– O que aconteceu? – perguntou o psiquiatra, indo direto até Ralson.

– Acho que ele está vivo – respondeu Grant, mas a essa altura Blaustein já tinha verificado por conta própria. Grant resumiu o que tinha ocorrido, enquanto Blaustein aplicava uma injeção hipodérmica em Ralson. Após alguns minutos de espera, o cientista abriu os olhos, vazios de expressão, e soltou um gemido.

– Ralson! – disse Blaustein, inclinando-se sobre ele.

As mãos de Ralson se ergueram vacilantes e agarraram as lapelas do psiquiatra.

– Doutor. Me leve de volta.

– Vou levar. Daqui a pouco. Você resolveu a questão do campo de força, não é isso?

– Está aí nesses papéis. Grant, fique com esses papéis. Grant os estava folheando, com ar duvidoso. Ralson continuou, com voz fraca:

– Não está tudo aí. Só deu para escrever isso, e vocês vão ter que desenvolver o resto. Doutor, me leve de volta.

– Calma – disse Grant, e abaixou-se para cochichar ao ouvido de Blaustein:

– Doutor, não pode deixá-lo aqui até que a gente possa fazer o teste? Não estou entendendo quase nada disto aqui, está ilegível. Pergunte a ele por que acha que isto vai funcionar.

– Perguntar a ele? Ora, ele não é o sujeito que sempre sabe a resposta certa?

– Pode-me perguntar – disse Ralson, que os ouvia, ainda deitado no sofá. De repente, seus olhos se arregalaram e pareceram ficar mais brilhantes.

Os dois deram um passo em sua direção.

– Eles são contra esse campo de força! – exclamou Ralson. – Eles. Os pesquisadores! Enquanto eu estava seguindo na direção errada, nada aconteceu. Mas bastou que eu passasse trinta segundos seguindo esse raciocínio... esse aí, que está nos papéis... e eu senti... senti... Doutor!

– O que é? – perguntou Blaustein. Ralson voltou a sussurrar.

– Mergulhei fundo na... penicilina. Pude sentir que estava afundando mais e mais, enquanto escrevia. Nunca fui tão longe. Foi por isso que soube que estava no caminho certo.

Me leve embora daqui.

Blaustein endireitou-se.

– Vou ter que levá-lo, Grant. Não tenho alternativa. Se você puder entender o que ele escreveu, ótimo. Se não, não posso fazer nada. Esse homem não pode prosseguir nesse trabalho sem correr risco de vida, entende?

– Mas é um risco imaginário – retorquiu Grant.

– Está bem, digamos que seja. Mas ele pode morrer de fato, não importa se isto tudo é ou não um delírio.

Ralson estava outra vez inconsciente, não escutou nada do que os dois diziam.

Grant pousou sobre ele um olhar sombrio e resmungou:

– É, está bem. Pode levá-lo.

Dez dos principais cientistas do Instituto estavam taciturnos,

fitando a tela, enquanto uma série de slides eram projetados um após o outro, vagarosamente. Depois, Grant postou-se diante deles, o rosto carrancudo.

– A nossa ideia é muito simples – disse. – Vocês são cientistas e matemáticos. A caligrafia destas notas pode estar quase ilegível, mas o que está expresso nelas faz sentido. É possível decifrar o que elas dizem, por mais ininteligível que pareça. A primeira página, no entanto, está razoavelmente clara, pode ser um bom ponto de partida. Cada um de vocês vai examinar essas páginas tantas vezes quantas necessário e propor todas as possíveis interpretações de cada uma. Vão trabalhar isoladamente. Não quero que façam consultas uns aos outros.

Um dos homens aparteou:

– E quem nos garante que essas garatujas têm sentido, Grant?

– O fato de serem anotações feitas por Ralson.

– Ralson?! Mas pensei que ele estava...

– Você pensava que ele estava doente. – Grant teve que erguer a voz para se sobrepor aos murmúrios e exclamações de surpresa dos cientistas. – Eu sei. Ralson está mal. Isso que vocês viram são anotações de um homem que está à beira da morte. Parece que isto é o máximo que poderemos extrair de Ralson, de hoje em diante. Em alguma parte desses rabiscos está a solução do problema do campo de força. Se não a encontrarmos aí, talvez tenhamos que passar dez anos procurando.

Os cientistas retiraram-se da sala, e se puseram a trabalhar. Passou-se uma noite. Duas noites. Três noites.

Grant olhou os primeiros resultados e abanou a cabeça.

– Vou ter que acreditar na sua palavra, mas não posso saber se isso faz sentido. Não consigo entender nada.

Lowe, que era considerado o melhor engenheiro nuclear do Instituto, logo abaixo de Ralson, encolheu os ombros.

– Para mim também não está muito claro. Talvez funcione, mas ele não explicou por quê.

– Ele não teve tempo para explicar. Você pode construir o gerador como ele descreve?

– Posso tentar.

– Você olhou as outras versões dessas páginas?
– Sim. Não são coerentes, com certeza.
– Pediu a opinião dos outros?
– Claro.
– Então, vamos construir o gerador, mesmo assim?
– Vou dar ordens para que o pessoal comece. Mas aviso logo que estou pessimista.
– Sei como é. Eu também estou.
Iniciou-se o projeto. Hal Ross, chefe de mecânica, foi encarregado da construção do gerador, e daí em diante não teve mais uma noite de sono tranquilo. A qualquer hora do dia ou da noite ele podia ser encontrado no laboratório, atarefado, cocando a cabeça totalmente calva. Apenas uma vez ele se arriscou a fazer perguntas.
– O que diabo é isso, Dr. Lowe? Nunca vi nada parecido. Para que serve?
– Ross, você sabe onde nós estamos – retrucou Lowe. – aqui não se faz perguntas.
Ross não insistiu. Todos sabiam que ele não via com bons olhos a estrutura que estava sendo construída. Dizia que era algo feio, antinatural. Mas continuou trabalhando.
Um dia, o telefone tocou: era Blaustein.
– Como vai Ralson? – perguntou Grant.
– Não está muito bem, mas quer assistir ao teste do Projetor de Campo.
Grant hesitou.
– É, acho que está certo – disse por fim. – Foi ele que o desenhou.
– Acontece que eu preciso ir junto com ele.
Grant não estava à vontade.
– Olhe, doutor, isso pode ser perigoso. Mesmo num teste-piloto, vamos estar lidando com tremendas quantidades de energia.
– Não vai ser mais perigoso para mim do que para vocês – replicou Blaustein.
– Então está bem. A lista de observadores presentes tem que ser aprovada pela Comissão e pelo FBI, mas darei um jeito de

incluir seu nome.

Blaustein olhou em torno. A estrutura maciça do Projetor de Campo erguia-se no centro do vasto recinto do laboratório de testes, mas todo o restante estava vazio. Não havia nenhuma conexão visível com o reator de plutônio que lhe servia como fonte de energia, mas pelos fragmentos de diálogo que o psiquiatra captou em redor – ele jamais se atreveria a perguntar a Ralson – pôde deduzir que a conexão era por baixo da terra.

De início os observadores tinham se amontoado em torno da máquina, apontando com o dedo e trocando comentários incompreensíveis, mas agora começavam a se afastar. As galerias laterais começavam a se encher. Do lado oposto, havia pelo menos três homens com uniformes de general, rodeados por uma multidão de oficiais de patentes menores. Blaustein conseguiu instalar-se numa boa posição junto à grade de observação, distante dos outros, mais por causa de Ralson do que por outra razão. Perguntou:

– E então? Quer continuar aqui?

Fazia calor no laboratório, mas Ralson continuava de sobretudo e com a gola erguida. Não fazia muita diferença, pensou Blaustein. Ele duvidava que qualquer um dos ex-colegas de Ralson pudesse reconhecê-lo.

– Vou ficar – disse Ralson.

A resposta satisfez Blaustein, que estava curioso para presenciar o teste. Virou-se quando outra voz soou ao seu lado.

– Olá, Dr. Blaustein.

Por um instante Blaustein não o reconheceu, mas logo exclamou:

– Inspetor Darrity! O que está fazendo aqui?

– Exatamente o que o senhor pode imaginar – o inspetor fez um gesto indicando a plateia. – É impossível filtrar uma multidão como esta e ter certeza de que nenhum erro foi cometido. Certa vez eu estive tão perto de Klaus Fuchs quanto estou do senhor. – Ele jogou o canivete para o ar e o apanhou na queda, num gesto hábil.

– Oh, claro. Nunca se pode ter cem por cento de segurança, não é mesmo? Em que se pode confiar, incluindo nosso próprio inconsciente? Mas diga-me uma coisa. Vai ficar aqui do meu lado?

– É bem provável – sorriu Darrity. – O senhor esforçou-se bastante para estar presente aqui hoje, não é verdade?

– Não foi por minha causa, inspetor. E por favor, guarde esse canivete.

Darrity girou o rosto, atendendo ao gesto discreto feito pelo psiquiatra. Guardou o canivete no bolso e, ao olhar pela segunda vez o rosto do companheiro de Blaustein, não pôde reprimir um assobio de surpresa.

– Olá, Dr. Ralson – disse.

– Olá. – a voz de Ralson era quase um grasnido. Blaustein não ficou surpreso com a reação de Darrity. Ralson tinha perdido cerca de quarenta quilos desde seu retorno ao sanatório. Seu rosto estava amarelado e cheio de rugas: tinha a aparência de um homem de sessenta anos.

– O teste demora muito? – perguntou Blaustein.

– Parece que já vai começar – disse Darrity, debruçando-se sobre a grade que servia de parapeito. Blaustein tomou Ralson pelo cotovelo e fez menção de afastar-se, mas o inspetor falou com suavidade: – Fique aqui perto, doutor. Prefiro que não fique circulando por aí.

Blaustein olhou para a parte central do laboratório, depois para as laterais, onde grande parte dos presentes tinha o ar pouco confortável de quem estava parcialmente transformado em pedra. Ele avistou Grant, alto e carrancudo, extraindo um isqueiro e um cigarro do bolso, depois mudando de ideia e guardando-os novamente. Nos painéis de controle, uma porção de jovens técnicos esperavam, dominados pela tensão.

Começou a se ouvir um zumbido. Sentiu-se no ar um leve cheiro de ozônio.

– Veja! – exclamou Ralson, com voz áspera. Blaustein e Darrity olharam na direção de seu dedo estendido.

A imagem do Projetor pareceu tremular, como se houvesse uma região de ar aquecido entre ele e os observadores. Uma pesada bola de ferro, pendurada do teto, foi largada como um pêndulo através daquela área.

– Diminuiu de velocidade – disse Blaustein, excitado. Ralson

concordou.

– Estão medindo até que altura ela se elevou do lado oposto, para calcular a perda de momentum. Que idiotas. Eu disse a eles que ia funcionar, não disse? – Falava com evidente dificuldade.

– Fique só olhando, Dr. Ralson – disse Blaustein – se eu fosse o senhor procuraria não ficar muito excitado.

O pêndulo teve sua trajetória interrompida e foi erguido mais uma vez; o tremular das imagens em redor do Projetor tornou-se mais intenso e a bola de ferro foi largada mais uma vez.

A experiência repetiu-se várias vezes seguidas; a cada uma delas a trajetória do pêndulo sofria um retardamento mais visível. A pesada bola de ferro produzia um som claramente audível quando penetrava no campo de força, até que numa das tentativas ela caiu na direção do campo... e foi repelida. Houve um som abafado, como se a bola tivesse se chocado com um monte de areia; ela retiniu na vez seguinte, como se batesse contra o aço. Os cientistas recolheram o pêndulo e não o utilizaram mais. A essa altura, o Projetor era cada vez menos visível através de uma espécie de névoa que parecia cercá-lo.

Grant deu outra ordem, e o odor de ozônio tornou-se mais forte e penetrante. Houve um grito uníssono entre os assistentes: cada um falava com seu vizinho; uma dúzia de braços se erguia, apontando. Blaustein inclinou o corpo sobre o gradil, tão excitado quanto os demais. No lugar onde há alguns instantes se avistava o Projetor, parecia haver agora uma espécie de gigantesco espelho semiesférico, que produzia uma imagem brilhante e perfeitamente nítida. Blaustein podia se ver naquela imagem, um homem atarracado por trás de uma balaustrada que se encurvava para o alto em ambas as extremidades. Podia ver as luzes fluorescentes refletindo-se em pontos cintilantes, numa imagem espantosamente clara.

Blaustein surpreendeu-se gritando:

– Ralson, veja, está refletindo a energia! Está refletindo as ondas de luz como se fosse um espelho, Ralson! – Virou-se para o lado. – Inspetor! Onde está Ralson?

Darrity girou o corpo.

– Quem?! Não sei... não vi. – olhou em redor, meio desnorteado. – bom, ele não irá muito longe. Não há como sair daqui. Doutor, vá por esse lado. – Nesse instante o inspetor bateu com a mão na coxa, remexeu no bolso, e soltou uma praga. – meu canivete sumiu.

Foi Blaustein quem o encontrou. Estava no pequeno escritório onde trabalhava Hal Ross e que dava diretamente para o laboratório, embora, naquelas circunstâncias, tivesse permanecido deserto. Ross não estava entre os observadores: um chefe de mecânica não tem que estar presente às experiências. Mas o seu escritório servia às mil maravilhas para o derradeiro ato de uma longa luta contra o suicídio.

Blaustein parou no umbral durante alguns instantes e girou nos calcanhares, nauseado. Viu Darrity surgindo à porta de um escritório semelhante, a trinta metros de distância, e o chamou com um gesto.

O Dr. Grant tremia de excitação. Acendeu um cigarro, deu dois tragos e logo o esmagou sob a sola do sapato; acendeu outro, e fez a mesma coisa. Pegou o terceiro.

– É muitíssimo melhor do que qualquer um de nós podia esperar – exclamou. – amanhã faremos o teste de armas de fogo. Já sei o resultado, mas já que está no cronograma vamos realizá-lo. Vamos somente cancelar as armas de pequeno calibre e começar logo com a bazuca. Ou talvez não. Pelo que vejo, talvez seja preciso construir uma estrutura especial para cuidar da questão do ricochete.

Pisou no terceiro cigarro. Um general lembrou:

– Naturalmente, vamos ter que experimentar uma bomba atômica propriamente dita.

– Claro. Já tomamos as providências para construir uma cidade simulada em Eniwetok. Vamos construir um gerador bem no centro dela e jogar a bomba. Haverá animais vivos na área.

– Acha que se tivermos um projetor como esse funcionando a pleno vapor ele poderá deter a bomba?

– Não é bem assim, general. Não haverá um campo de força propriamente dito até o momento em que a bomba for lançada. O campo será ativado pela radiação do plutônio quando a bomba se

aproximar, antes da explosão. Mais ou menos como fizemos em nossos testes aqui. Em síntese, é assim que a coisa funciona.

– Sabe de uma coisa? – disse um professor de Princeton. – Vejo algumas desvantagens nesse método. Quando o campo está funcionando a pleno vapor, toda a área que ele protege fica mergulhada em total escuridão, pelo menos no que diz respeito ao sol. Além disso, ocorreu-me que o inimigo pode ter a ideia de ficar enviando a intervalos regulares mísseis radioativos inofensivos para ativar o campo. Isso provocaria um grande desgaste psicológico, além de sobrecarregar nosso gerador.

– Desgaste psicológico não mata ninguém – retorquiu Grant. – Todas essas dificuldades podem ser enfrentadas, com certeza; o importante é que resolvemos o problema principal.

O observador britânico tinha aberto caminho até Grant e finalmente conseguiu apertar-lhe a mão.

– Estou mais tranquilo quanto a Londres – disse. – Gostaria que o seu governo me permitisse ter acesso aos cálculos do projeto. Isto que acabei de ver me parece algo absolutamente espantoso. Depois de pronto parece óbvio, mas eu me pergunto como é que alguém conseguiu ter essa ideia.

Grant sorriu.

– Essa questão já foi levantada com relação às soluções propostas pelo Dr. Ralson... – Ele virou-se quando sentiu uma mão tocar seu ombro. – Dr. Blaustein! Tinha quase me esquecido do senhor. Venha cá, precisamos conversar.

Ele arrastou o pequeno psiquiatra até um canto e cochichou em seu ouvido:

– Escute... será que não poderia convencer Ralson a ser apresentado a esse pessoal? Afinal, é um triunfo que pertence a ele.

– Ralson está morto – disse Blaustein.

– O quê?!

– Pode me acompanhar, por alguns minutos?...

– Eu... sim, sim. Senhores, por favor... volto já. Deixou a sala em companhia de Blaustein.

O FBI já tinha se encarregado do caso, bloqueando a porta que dava acesso ao escritório de Ross. Do lado de fora, uma multidão

de cientistas discutia a resposta a Alamogordo que tinham acabado de presenciar, sem saber que o autor da resposta jazia morto no interior daquele aposento. A barreira dos agentes federais abriu-se para permitir a passagem de Blaustein e Grant, fechando-se às costas deles.

– Grant ergueu o lençol por um instante, depois o deixou cair, com um breve comentário.

– Ele parece em paz.

– Eu diria que ele parece feliz – disse Blaustein. Com uma voz inexpressiva, o inspetor Darrity aduziu:

– A arma do suicídio foi meu canivete. Foi negligência minha, vou incluir isto no meu relatório.

– Não, não – contrapôs Blaustein. – Ele era meu paciente, e eu é que posso ser responsabilizado. Em todo caso, não creio que o Dr. Ralson tivesse condições de viver mais uma semana. Desde que inventou o Projetor de Campo ele tornou-se um homem moribundo.

– Até que ponto tudo isto tem que figurar no inquérito policial? – perguntou o Dr. Grant. – Não podemos esquecer o fato de que Ralson estava mentalmente instável?

– Receio que não, Dr. Grant – disse Darrity.

– Eu já lhe contei tudo – disse Blaustein, soturno. Os olhos de Grant foram de um para o outro.

– Vou falar com o diretor. Vou falar com o presidente da República, se for necessário. Não creio que seja preciso fazer nenhum registro sobre suicídio ou sobre loucura. Ralson será conhecido do público como o inventor do Projetor de Campo. É o mínimo que podemos fazer pela sua memória – os dentes de Grant estavam cerrados.

– Ele deixou um bilhete – disse Blaustein.

– Um bilhete?

Darrity estendeu um pedaço de papel, dizendo:

– Todo suicida faz isso. Esse é um dos motivos pelos quais o Dr. Blaustein teve de me explicar o quê, realmente, matou o Dr. Ralson.

O bilhete estava endereçado a Blaustein, e dizia: "O Projetor funciona. Eu sabia que ia dar certo. Fiz a minha parte no acordo.

Vocês agora têm o que queriam e não precisam mais de mim. Para mim, acabou. Não precisa se preocupar com a humanidade, doutor. O senhor tinha razão. Eles prolongaram demais a experiência conosco, foram imprudentes. Escapamos do tubo de ensaio e eles agora não podem mais nos controlar. Sei disso. Não posso explicar, mas sei."

Ele tinha rabiscado apressadamente seu nome, e por baixo dele havia mais uma linha: Desde que haja um número suficiente de pessoas resistentes à "penicilina".

Grant fez menção de amarrotar a folha, mas Darrity se antecipou num gesto rápido:

– Com licença, doutor. Para os registros.

Grant entregou o papel, comentando:

– Pobre Ralson. Morreu acreditando em toda essa maluquice.

Blaustein concordou.

– É verdade. Ralson, creio, terá direito a um grande funeral, e será aclamado como inventor, sem nenhuma referência à loucura ou ao suicídio. Mas o pessoal do governo continuará interessado em suas teorias malucas, porque no fim das contas elas talvez não sejam propriamente malucas... não é, Sr. Darrity?

– Isto é ridículo, doutor – disse Grant. – Não há um único cientista neste projeto que tenha mostrado o menor sinal de desequilíbrio.

– Conte para ele, Sr. Darrity – disse Blaustein.

– Tivemos outro suicídio – confirmou Darrity. – Não, não foi nenhum dos cientistas. Ninguém de primeiro escalão. Aconteceu hoje de manhã, e começamos a investigar o caso porque achamos que poderia ter relação com o teste de hoje. Não parecia haver nenhuma, mantivemos tudo em segredo, esperando que o teste fosse realizado. O problema é que agora parece haver uma ligação – O sujeito que morreu esta manhã era um cara comum, com mulher e três filhos.

Nenhuma razão para se matar. Nenhum registro de problemas mentais. Jogou-se embaixo de um carro; temos testemunhas; não há a menor dúvida de que foi um ato proposital. Ele não morreu na hora, houve tempo para chamar um médico. Ficou horrivelmente

ferido, mas suas últimas palavras foram: Agora me sinto muito melhor... e morreu.

– Quem era? – perguntou Grant.

– Hal Ross. O sujeito que dirigiu a construção do Projetor. Trabalhava aqui, neste escritório.

Blaustein foi até a janela. O céu começava a escurecer. Apareciam as primeiras estrelas. Ele disse:

– Ross não sabia nada das ideias de Ralson. Segundo o Sr. Darrity me informou, ele e Ralson nunca chegaram a conversar. O que eu penso é que os cientistas, como classe, talvez sejam mais resistentes. Têm que ser, ou então não duram muito tempo nessa profissão. Ralson era uma exceção, um sujeito sensível à "penicilina" que insistiu em continuar, e o resultado foi o que vimos. Mas, o que dizer dos outros? Das pessoas comuns, que vivem uma vida onde essa eliminação dos mais fracos não é visível? Quanto do restante da humanidade será resistente à "penicilina"?

– O senhor acredita em Ralson? – perguntou Grant, atônito.

– Não sei ainda.

Blaustein ficou contemplando as estrelas. Incubadoras?

A HOSPEDEIRA

Rose Smollett estava feliz, quase triunfante. Tirou as luvas, pendurou o chapéu e virou-se para o marido com olhos brilhantes.

– Drake... Ele vai ficar aqui! Drake a encarou aborrecido.

– Está atrasada para o jantar. Pensei que você fosse estar aqui às sete.

– Ah, não faz mal, comi qualquer coisa antes de vir. Mas Drake... ele vai ficar aqui em casa!

– Ele quem? Do que se trata, afinal?

– O cientista do planeta de Hawkin! Está esquecido da conferência a que fui hoje? Era sobre isto, não falamos noutra coisa o dia inteiro. É a coisa mais formidável que poderia ter acontecido!

Drake Smollett afastou da boca o cachimbo, olhou primeiro para ele e depois para a esposa.

– Deixe ver se entendi. Quando você disse "o cientista do planeta de Hawkin", você quis dizer o hawkiniano que está no Instituto?

– Claro. O que mais poderia ser?

– E posso perguntar o que diabo você quer dizer quando diz que ele vai ficar aqui em casa?

– Drake, você não compreende?

– Compreender o quê? Seu Instituto pode estar interessado nessa criatura, mas eu não estou. Para que esse envolvimento pessoal? É um assunto do Instituto, certo?

– Mas, querido – disse Rose, com paciência – o hawkiniano declarou que gostaria de ficar hospedado na residência de alguém, sem ter que se incomodar com formalidades, podendo se instalar mais de acordo com suas conveniências. Acho muito compreensível.

– Mas por que logo em nossa casa?

– Por que é um lugar adequado, creio. Perguntaram-me se eu faria alguma objeção, e, francamente – neste ponto, Rose se

empertigou um pouco – considerei isto um privilégio.

– Olhe aqui – disse Drake, passando os dedos através dos cabelos castanhos até desarrumá-los por completo. – Nós temos uma moradia razoavelmente confortável, certo? Pode não ser o lugar mais chique do mundo, mas é ideal para nós dois. O que eu não sei é como vamos ter espaço para um visitante extraterrestre.

Rose pareceu preocupada, enquanto tirava os óculos e os guardava na caixinha.

– Temos o quarto de hóspedes, não temos? Ele pode ficar lá sem nos dar trabalho. Já falei com ele, é uma pessoa muito agradável. Tudo que precisamos é ser um pouco flexíveis.

– Flexíveis! – exclamou Drake. – os hawkinianos respiram cianureto. Você não quer que a gente se adapte a isso, não?

– Ele carrega seu cianureto num pequeno cilindro, a gente quase não nota.

– E quais são as outras coisas nele que a gente quase não nota?

– Tudo. Ou nada. Eles são absolutamente inofensivos. Meu Deus... são até mesmo vegetarianos.

– Isso quer dizer que vamos ter que servir feno no jantar. O lábio inferior de Rose começou a tremer.

– Drake, você está sendo deliberadamente detestável. A Terra está cheia de gente vegetariana, e nenhum deles come feno.

– Está bem, e quanto a nós? Vamos poder comer nossa carne tranquilos, ou isso fará com que ele nos considere canibais? Vou logo avisando que não pretendo ficar reduzido a saladas.

– Não seja ridículo.

Rose sentia-se desamparada. Casara relativamente tarde. Ao escolher sua carreira profissional, tinha se dedicado totalmente a ela. Era professora de biologia no Instituto Jenkins de Ciências Naturais e tinha mais de vinte publicações em seu currículo. Numa palavra: tinha preparado o terreno e estava pronta para seguir seu caminho, tendo se preparado para uma vida inteira de trabalho e celibato. E agora, aos 35 anos, ainda se via com um certo espanto na condição de esposa há menos de um ano.

De vez em quando isso a deixava pouco à vontade, ao

constatar que não tinha a mais remota ideia de como lidar com um marido. O que se deve fazer quando um marido, num momento de divergência, se mostra obstinado e irredutível? A universidade não a tinha preparado para esse tipo de problema. Ela era uma mulher independente, não se dispunha a recorrer à adulação para convencer Drake.

Portanto, limitou-se a olhá-lo com firmeza e dizer:

– Isto é muito importante para mim.

– Por quê?

– Por que se ele ficar aqui, Drake, vou ter a chance de estuda-lo de perto. Existe muito pouca pesquisa sobre a biologia e a psicologia dos hawkinianos ou das demais raças inteligentes extraterrestres. Temos bastante coisa sobre sua sociologia e sua história, claro, mas isso é tudo. Você há de concordar que é uma ótima oportunidade. Se ele ficar aqui poderemos observá-lo, conversar com ele, perceber seus hábitos...

– Não estou interessado.

– Oh, Drake, não consigo compreender você.

– Você vai dizer daqui a pouco que eu geralmente não me comporto assim, não é?

– Sim.

Drake ficou em silêncio por algum tempo. Parecia estar se concentrando; seus malares proeminentes e seu queixo largo estavam contraídos, até que ele começou a falar.

– Veja bem. Já ouvi falar uma porção de coisas sobre os hawkinianos, dentro do âmbito do meu trabalho. Você diz que até agora foram feitos estudos sobre a sociologia deles, mas não sobre a sua biologia. Claro. Os hawkinianos não gostam de ser estudados como animais de laboratório, assim como nós também não gostamos. Já conversei com homens que trabalharam no esquema de segurança de várias missões hawkinianas à Terra. Os membros dessas missões permanecem nos aposentos que lhes são designados e só saem dali para os encontros oficiais obrigatórios. Eles não querem proximidade com os terrestres. É bastante óbvio que eles sentem tanta repulsa física por nós quanto nós por eles. Na verdade, não entendo por que motivo esse hawkiniano que está no

Instituto deveria ser diferente. Além do mais, me parece extremamente atípico o fato de ele vir sozinho à Terra, e o seu desejo de ficar hospedado numa residência terrestre é o fecho de ouro. Muito estranho.

Rose retrucou, fatigada:

– É um caso diferente, Drake, não sei como você não compreende isso. Ele é um cientista. Está vindo para cá para fazer pesquisas médicas, posso lhe garantir que ele provavelmente não vai achar divertido ficar hospedado entre nós, e provavelmente deve nos achar horríveis. Mas isso não impede que ele fique. Você acha que os cientistas da Terra gostam de ir para os trópicos, ou que acham extremamente divertido sofrer picadas de mosquitos?

Drake retrucou com aspereza:

– Mosquitos? O que tem a ver esta história com mosquitos?

– Ora... nada – disse Rose, surpresa. – Foi algo que me ocorreu, mais nada. Lembrei-me de Reed e de suas pesquisas sobre a febre amarela.

Drake encolheu os ombros.

– Está bem... faça o que achar melhor – Rose hesitou por um momento.

– Você não está zangado, está? – sentiu-se extremamente infantil fazendo essa pergunta.

– Não.

Isso queria dizer que estava, sim.

Rose examinou-se no enorme espelho e continuou em dúvida. Nunca tinha sido particularmente bonita; já estava mais do que acostumada a isto; a questão já tinha há muito tempo perdido toda a importância. E decerto não teria o menor significado para alguém que vinha do Planeta de Hawkin. O que a preocupava de fato era a dificuldade de ser uma anfitriã em circunstâncias tão peculiares – ter que receber com cortesia um hóspede extraterrestre e ao mesmo tempo ser gentil para com o próprio marido. Ela não sabia qual das duas tarefas seria mais difícil.

Drake iria chegar atrasado naquele dia; não deveria chegar em casa antes da próxima meia hora. Rose sentiu-se inclinada a supor que ele tinha arranjado aquilo propositalmente, para deixá-la a sós

com seu problema. Isso lhe produziu um leve ressentimento.

Drake tinha lhe telefonado durante a tarde, no Instituto, perguntando de modo um tanto abrupto:

– Quando é que você vai levá-lo lá para casa?

– Dentro de três horas – respondeu ela com secura.

– Está bem. Como é o nome dele? O nome hawkiniano?

– Para que quer saber? – Ela não pôde evitar o tom gélido que transpareceu em sua voz.

– Digamos que vou fazer uma pequena investigação particular. Afinal de contas, essa coisa vai ficar dentro da minha casa.

– Ah, Drake, por favor. Você tem mesmo que misturar o seu trabalho com a nossa vida particular?

A voz de Drake tinha um tom metálico e cheio de sarcasmo quando ele respondeu:

– Mas Rose, não é exatamente isso que você está fazendo? Era. E ela deu a informação que ele pedia.

Pela primeira vez em sua vida de casados eles tinham tido algo que se assemelhasse a uma briga. Sentada diante do espelho, Rose perguntou-se se não deveria tentar encarar as coisas do ponto de vista de Drake. O fato é que ela tinha se casado com um policial. Mais do que isso, claro – Drake era um dos membros do Conselho de Segurança Mundial.

Tinha sido uma surpresa para os amigos de Rose. O casamento em si tinha sido a maior surpresa de todas; já que ela decidira casar, por que não casar com outro biólogo?

Ou, caso ela quisesse uma escolha fora da própria área, por que não um antropólogo, talvez? Ou quem sabe um químico? Mas, em nome de tudo... por que logo um policial?

Ninguém disse nada disso em voz alta, claro, mas foi essa a atmosfera que cercou o casamento durante todo o tempo.

Isso não lhe agradou na época nem depois. Um homem pode casar com quem bem entender, mas se uma mulher detentora de um Ph.D. resolve se casar com um homem que não tem mais do que um grau de bacharel, as pessoas ficam chocadas. Por quê? O que tem isso a ver com eles? De certo modo, Drake era um homem bonito e inteligente à sua maneira; e ela estava perfeitamente

satisfeita com sua escolha.

No entanto... será que ela mesma não incorria nesse tipo de esnobismo que criticava nos amigos? Não assumia a atitude de que seu trabalho, suas pesquisas biológicas, eram importantes, enquanto o emprego de Drake era algo para ser mantido entre as quatro paredes do seu escritório, nos velhos edifícios da ONU, junto ao East River?

Ela ficou de pé, agitada; respirou fundo e decidiu afastar por enquanto tais pensamentos. De maneira alguma queria discutir com Drake, estava resolvida a interferir na vida dele o mínimo possível. Tinha se comprometido a hospedar o hawkiniano, mas afora isso deixaria Drake agir como lhe agradasse; afinal, ele já estava fazendo uma concessão mais do que razoável.

Harg Tholan estava à sua espera quando ela desceu para a sala de visitas. Não estava sentado, porque sua conformação anatômica não o permitia. Ficava de pé sobre quatro membros muito próximos uns dos outros, enquanto um terceiro par, de construção inteiramente diversa, se erguia daquela região do corpo que, num ser humano, seria considerada a parte superior do tronco. Sua pele era brilhante, coriácea e coberta de rugosidades, e seu rosto tinha uma expressão ao mesmo tempo bovina e alienígena. Ainda assim, não era um ser totalmente repulsivo, e ainda usava uma espécie de roupa na parte inferior do corpo para evitar algum constrangimento por parte de seus anfitriões terrestres.

– Sra. Smollett – disse ele, agradeço sua hospitalidade de um modo que não conseguirei exprimir em seu idioma. – E curvou-se num gesto gracioso que levou seus braços a quase tocarem o chão.

Rose sabia que esse era um gesto de gratidão entre os nativos do Planeta de Hawkin, e sentiu-se aliviada ao ver que ele falava inglês tão bem. O formato de sua boca, combinado à ausência de incisivos, acentuava o som sibilante dos seus ss. A não ser isso, seu sotaque era equivalente ao de qualquer pessoa nascida na Terra.

– Meu marido ainda vai demorar um pouco – respondeu ela. – Quando ele chegar, poderemos jantar.

– Seu marido? – Por um instante ele não disse nada, mas logo comentou: – Sim, é claro.

Ela fez que não notou. Se havia uma fonte de intermináveis confusões entre as cinco raças inteligentes conhecidas na Galáxia eram as suas diferenças no que toca à vida sexual e às instituições sociais relacionadas a ela. O conceito de marido e mulher, por exemplo, existia apenas na Terra. As outras raças conseguiam entender do que se tratava, mas não tinham pontos de referência emocionais que pudessem se comparar.

Rose prosseguiu:

– Consultei o Instituto sobre a preparação do seu cardápio. Acredito que ficará satisfeito com ele.

Os olhos do hawkiniano piscaram muito rapidamente; o que indicava, lembrou-se Rose, que ele estava se divertindo.

– Proteínas são proteínas, minha cara Sra. Smollett – disse ele. – Para os demais componentes de que necessito, e que não serão encontrados em sua alimentação, eu trouxe alguns concentrados que me servirão perfeitamente.

E proteínas eram mesmo proteínas, Rose sabia disso muito bem. Sua preocupação quanto à dieta da criatura era mais uma questão de polidez. Após a descoberta de vida nos planetas de outros sistemas, uma das mais interessantes generalizações formuladas tinha sido a de que embora a vida pudesse se desenvolver a base de outras substâncias que não as proteínas – e mesmo de outros elementos que não o carbono – a verdade era que as únicas espécies inteligentes eram de natureza proteinácea. Isso significava que qualquer uma das cinco raças inteligentes podia se manter, durante longos períodos, com um regime baseado na alimentação de qualquer uma das outras quatro.

Ela ouviu a chave de Drake girar na fechadura e seu corpo se enrijeceu, apreensivo. Mas foi forçada a admitir que Drake se saiu muito bem. Entrou no aposento e, sem hesitação, estendeu a mão para o hawkiniano, dizendo com firmeza:

– Boa noite, Dr. Tholan.

O hawkiniano estendeu seu longo e desajeitado membro superior e os dois, por assim dizer, apertaram as mãos. Rose já tinha passado por aquela cerimônia e ainda sentia em sua mão a impressão deixada pelo toque da mão do alienígena; a impressão

de algo áspero, quente, seco. Ela imaginou que, para ele, as mãos dos terrestres deviam parecer frias e úmidas.

Durante aquele cumprimento, Rose teve a oportunidade de examinar de perto a mão do alienígena. Era uma excelente amostra de um caso de evolução convergente. Seu desenvolvimento morfológico era inteiramente diverso do que dera origem à mão humana, mas mesmo assim os dois resultados tinham uma certa semelhança. A mão do hawkiniano tinha quatro dedos, sem polegar. Cada dedo tinha cinco juntas ou articulações independentes. Desse modo, a ausência do polegar era compensada pela flexibilidade dos dedos, que se assemelhavam quase a tentáculos. O que era mais interessante aos seus olhos de bióloga era o fato de cada dedo do hawkiniano terminar num casco vestigial, quase invisível, impossível de ser identificado pelos olhos de um leigo, mas demonstrando claramente que em outros tempos aqueles membros eram feitos para correr, assim como os do homem tinham sido feitos para escalar. Drake estava dizendo, num tom bastante amigável:

– Está confortável, doutor?

– Bastante – respondeu Tholan. – Sua esposa foi muito cuidadosa e tomou as providências necessárias.

– Gostaria de beber alguma coisa?

O hawkiniano não respondeu e olhou para Rose com uma contração facial que provavelmente seria, em seu planeta, sinal inequívoco de uma emoção qualquer, mas que ela não conseguiu identificar. Limitou-se a dizer, meio nervosa:

– Aqui na Terra existe o hábito de ingerir líquidos aos quais se adiciona álcool etílico. Essas bebidas são muito estimulantes para nós.

– Oh, sim. Acho, no entanto, que terei de recusar. O álcool etílico iria produzir interferências bastante desagradáveis no meu metabolismo.

– Produz o mesmo no nosso, Dr. Tholan – disse Drake, mas entendo o que quer dizer. – Em todo caso, importa-se que eu tome um drinque?

– Por favor.

Ao se encaminhar para o bar situado no outro extremo da sala,

Drake passou ao lado de Rose. Soltou apenas duas palavras ao cruzar com ela, num sussurro discreto e controlado: Meu Deus! – mas deu um jeito de deixar dezessete pontos de exclamação subentendidos.

O hawkiniano ficou de pé, à mesa do jantar. Seus dedos faziam maravilhas de destreza ao lidar com os talheres. Enquanto comiam, Rose tentou não olhar diretamente para ele. Sua larga boca, de lábios estreitos, abria-se enormemente no instante de ingerir o alimento, e ao mastigar suas mandíbulas executavam um curioso movimento lateral. Era mais uma evidência de sua ancestralidade ungulada. Rose se surpreendeu a imaginar se, depois de se recolher ao seu quarto, ele faria retornar à boca o bolo alimentar para ruminá-lo em paz. Essa ideia lhe provocou um calafrio ao imaginar que Drake poderia pensar a mesma coisa e retirar-se da mesa, enojado. Mas Drake estava se comportando de modo admirável.

– Imagino, Dr. Tholan – estava dizendo ele – que esse cilindro ao seu lado contém cianureto.

Os olhos de Rose se abriram um pouco mais: ela não tinha reparado no cilindro, um objeto curvo de metal, com a aparência de um cantil de água, moldado de forma a se encaixar do lado do corpo do hawkiniano, semioculto entre suas roupas. Bem, em todo caso, Drake tinha olhos de policial.

Quanto ao hawkiniano, não parecia nem um pouco constrangido.

– Tem razão – disse, correndo os dedos pelo tubo fino e flexível que corria ao longo de seu corpo, pintado de forma a se confundir com a cor de sua pele amarelada, até entrar pelo canto de sua larga boca. Rose sentiu-se um tanto embaraçada, como se estivesse vendo alguém exibir suas roupas íntimas.

Drake insistiu:

– E ele contém cianureto puro?

Os olhos do alienígena piscaram, bem-humorados.

– Espero que não esteja temendo qualquer perigo para os terráqueos. Sei que este gás é extremamente venenoso para vocês, mas não preciso dele em grande quantidade. O gás contido neste

cilindro é cinco por cento cianureto de hidrogênio, o restante é oxigênio. O gás só deixa o recipiente quando aspiro por este tubo, o que não tenho que fazer com muita frequência.

– Entendo. E precisa aspirar esse gás para continuar vivendo?

Rose estava perplexa. Ninguém podia fazer perguntas daquela natureza sem uma certa preparação prévia. Era impossível adivinhar quais poderiam ser as áreas delicadas da psicologia alienígena. E Drake devia estar fazendo aquilo deliberadamente, uma vez que ele sabia perfeitamente que poderia conseguir dela própria as respostas para aquelas perguntas. Ou será que ele preferia não tocar no assunto com ela?

O hawkiniano, no entanto, não pareceu perturbado.

– O senhor não é biólogo, Sr. Smollett?

– Não, Dr. Tholan.

– Mas tem uma ligação muito próxima com a Dra. Smollett – Drake concedeu um sorriso.

– Sim, sou casado com uma bióloga, mas isto não significa que eu também o seja. Sou um pequeno funcionário do governo. – E completou: – os amigos de minha esposa me consideram um policial.

Rose mordeu a língua. Nesse caso, tinha sido o hawkiniano quem tinha tocado num ponto sensível da psicologia de um alienígena. No Planeta de Hawkin vigorava um rígido sistema de castas, e as associações entre membros de castas diferentes eram estritamente regulamentadas. Mas Drake não podia saber disso. O hawkiniano virou-se para ela.

– Permite-me, Dra. Smollett, que explique um pouco da nossa bioquímica ao seu marido? Pode ser maçante para a senhora, que certamente já conhece muito bem esse assunto.

– Fique à vontade, Dr. Tholan.

– Muito bem. Sr. Smollett, o sistema respiratório do seu corpo e dos corpos de todas as criaturas que respiram ar aqui na Terra é controlado, pelo que pude aprender, por certas enzimas que contêm metais. Esse metal é geralmente o ferro, embora em alguns casos possa ser o cobre. Em ambos os casos, uma quantidade mesmo pequena de cianureto se combinaria com esses metais e

imobilizaria o sistema respiratório das células vivas terrestres, que, impossibilitadas de absorver oxigênio, morreriam em poucos minutos. A vida em meu planeta tem uma constituição diversa. Os principais compostos respiratórios não contêm ferro nem cobre, na verdade não contêm metais de qualquer espécie. É por essa razão que nosso sangue é descolorido. Nossos componentes contêm radicais orgânicos que são essenciais à vida e que só podem ser mantidos intactos na presença de uma pequena concentração de cianureto. Sem dúvida, foram necessários milhões de anos de evolução para desenvolver esse tipo de proteína num mundo cuja atmosfera contém naturalmente alguns décimos por cento de cianureto de hidrogênio, mantido estável mediante um ciclo biológico. Alguns dos nossos microrganismos nativos liberam esse gás.

– Sua explicação foi muito clara, Dr. Tholan, e muito interessante – disse Drake. E o que acontece se não inalar o gás? Cai morto, assim? – Ele estalou os dedos.

– Não exatamente. Não seria o equivalente à inalação do cianureto pelos seus organismos. No meu caso, a ausência do cianureto produziria uma lenta sufocação. Acontece às vezes, em quartos mal ventilados no meu planeta, que o cianureto seja consumido gradualmente até cair abaixo da concentração mínima necessária. Os resultados são muito dolorosos, e difíceis de curar.

Rose teve de reconhecer que Drake tinha demonstrado um interesse genuíno. O alienígena, felizmente, tinha encarado o interrogatório com naturalidade. O resto do jantar transcorreu sem incidentes, chegando até a ser agradável.

Durante o restante da noite Drake continuou a mostrar-se interessado na troca de ideias com o visitante, e até mesmo fascinado. Rose sentiu-se eclipsada por ele, o que lhe agradou. Drake era de fato um indivíduo envolvente, e apenas o fato de ser uma cientista extremamente bem informada evitava que ela ficasse em segundo plano quando na companhia dele. Ela olhou o marido com uma ligeira melancolia, pensando: Por que será que ele casou comigo?

Drake estava sentado, pernas cruzadas, apoiando o queixo nas

mãos entrelaçadas, enquanto mantinha os olhos fitos no hawkiniano que permanecia à sua frente, imóvel sobre as quatro patas.

– Continuo tendo certa dificuldade para imaginá-lo como um cientista – disse ele.

O hawkiniano piscou os olhos com bom humor e replicou:

– Entendo o que quer dizer. Também não consigo imaginá-lo como um policial, Sr. Smollett. Em meu mundo, os policiais são indivíduos especializados, um tipo de pessoa bem característico.

– É mesmo? – Havia uma certa secura na voz de Drake, mas ele logo mudou de assunto. – Pelo que sei, o senhor não está aqui numa viagem de passeio.

– Não, minha viagem é estritamente profissional. Pretendo estudar este estranho planeta que vocês chamam de Terra. Estudá-lo de um modo que ninguém do meu povo tentou até agora.

– Estranho? – perguntou Drake. – Em que sentido?

O hawkiniano olhou para Rose.

– Ele não conhece a Morte por Inibição? Rose sentiu-se embaraçada.

– O trabalho de meu marido é muito importante – disse. – Receio que ele não tenha muito tempo para conhecer em detalhe o meu próprio trabalho. – Ela achou que essa não tinha sido a resposta mais adequada e percebeu mais uma vez que o hawkiniano manifestava uma das suas emoções indecifráveis.

Mas ele logo voltou a dirigir-se a Drake.

– Fico sempre surpreendido ao ver como vocês, terrestres, não percebem até que ponto são uma raça peculiar. Como o senhor sabe, as cinco raças inteligentes da Galáxia se desenvolveram independentemente umas das outras, mas isso não impediu que alguns aspectos de sua evolução revelassem uma notável convergência. É como se, a longo prazo, a inteligência só pudesse florescer dentro de um quadro restrito de possibilidades. Mas prefiro deixar essa questão para os filósofos e passar adiante, uma vez que o senhor certamente está a par disso tudo. Acontece que, quando investigamos mais de perto as diferenças entre estas cinco raças, torna-se cada vez mais claro que, entre elas, é a raça terrestre a mais fora do comum. Por exemplo: a Terra é o único lugar onde a

vida depende de enzimas metálicas para a respiração. A raça de vocês é a única para quem o cianureto de hidrogênio é venenoso. Sua raça é a única forma de vida inteligente que é carnívora e a única que não se desenvolveu a partir de animais de pastagem. E, o que é mais interessante ainda, a raça de vocês é a única forma de vida inteligente cujo crescimento se interrompe após atingida a maturidade.

Drake sorriu, o que fez o coração de Rose bater mais rápido. Era o melhor sorriso dele, e usado com absoluta naturalidade. Drake estava aceitando a presença daquela criatura alienígena. Estava sendo agradável e devia estar fazendo isso por causa dela. Ela sentiu-se feliz com esta ideia e ficou a saboreá-la. Drake fazia aquilo por causa dela; era para fazê-la feliz que estava sendo cordial com o hawkiniano. Drake estava dizendo, ainda sorridente:

– O senhor não me parece muito grande, Dr. Tholan. Calculo que tenha uns dois centímetros a mais do que eu, o que lhe daria uma altura em torno de um metro e oitenta e seis. Isto significa que é jovem, ou que os outros em seu planeta são, em geral, de menor estatura?

– Nem uma coisa nem outra. Nosso ritmo de crescimento diminui com o passar dos anos, de modo que, pela idade que tenho, precisaria de quinze anos para crescer mais dois centímetros; mas, e esse é o aspecto essencial, nós nunca paramos completamente de crescer. Em consequência disso, nunca morremos, de certo modo.

Drake soltou uma exclamação de surpresa e Rose empertigou-se na poltrona. Essa era uma informação totalmente nova. Era uma informação que, ao que ela sabia, não tinha sido trazida por nenhuma das expedições que tinham visitado o Planeta de Hawkin. Ela sentiu-se tomada pela excitação, mas manteve-se em silêncio, deixando que Drake tomasse a iniciativa de fazer as perguntas.

– Nunca morrem? – disse ele. – Está querendo dizer, Dr. Tholan, que os hawkinianos são imortais?

– Nenhum de nós é verdadeiramente imortal. Se não houvesse outras formas de morrer haveria sempre os acidentes, e na ausência destes haveria o tédio. Pela contagem terrestre, poucos

entre nós vivem mais do que alguns séculos. Ainda assim é muito desagradável pensar que a morte pode nos acontecer de modo involuntário. Para nós, é uma horrível perspectiva. Neste momento em que estou falando não posso evitar uma certa angústia ao lembrar que, contra a minha vontade e a despeito de todas as precauções, posso acabar morrendo.

– Quanto a nós – disse Drake gravemente, já estamos acostumados a essa ideia.

– Os terrestres convivem com essa ideia; nós não. É por esse motivo que estamos tão inquietos diante do fato de a Morte por Inibição ter aumentado nos últimos anos.

– O senhor ainda não explicou o que é a Morte por Inibição, mas deixe-me ver se adivinho. Será uma cessação patológica do crescimento?

– Exatamente.

– E a morte ocorre quanto tempo após essa cessação do crescimento?

– Dentro de um ano. É uma doença devastadora, trágica, totalmente incurável.

– E é provocada por quê?

O hawkiniano fez uma longa pausa antes de responder. Quando começou a falar, havia algo tenso e contrafeito na sua voz.

– Sr. Smollett, nada sabemos quanto às causas dessa doença.

Drake assentiu em silêncio. Rose acompanhava o diálogo como se fosse uma espectadora numa partida de tênis.

– E por que – perguntou Drake – o senhor veio para a Terra a fim de estudar essa doença?

– Por que os terrestres são uma raça diferente de todas as outras. São a única raça inteligente imune a essa doença, que atinge todas as outras quatro. Os biólogos terrestres têm consciência disso, Dra. Smollett?

Tholan se dirigiu a ela de modo tão inesperado que Rose teve um sobressalto, mas logo se recompôs e disse:

– Não, não têm.

– Isso não me surpreende. Esse detalhe só ficou comprovado através de experiências muito recentes. É muito fácil dar um

diagnóstico incorreto de Morte por Inibição e sua incidência é muito menor nos outros planetas. Na verdade, é algo muito estranho; e também é um bom tema para especulações o fato de a incidência da doença ser maior em meu planeta, que fica tão próximo à Terra, e menor nos planetas mais distantes. Sua menor incidência é no planeta da estrela Têmpora, o mais distante da Terra, enquanto a própria Terra é imune. O segredo dessa imunidade deve estar em algum aspecto da bioquímica terrestre. Descobrir esse segredo é um desafio fascinante.

– Mas, veja bem – disse Drake – não se pode dizer que a Terra seja imune. Pelo que posso entender, a incidência aqui é de cem por cento. Afinal, todos os terrestres param de crescer e todos morrem. Portanto, todos nós somos vítimas da Morte por Inibição.

– De modo algum. Os terrestres chegam a viver cerca de setenta anos após a cessação do crescimento. Isso não é a Morte por Inibição como nós a experimentamos. A doença equivalente, aqui na Terra, é justamente o contrário: uma espécie de crescimento incontrolável, que vocês denominam câncer. Mas fiquemos por aqui. Creio que estou a aborrecê-los.

Rose protestou imediatamente e Drake a secundou com uma veemência inesperada, mas o hawkiniano insistiu em mudar de assunto. Foi nesse instante que Rose experimentou a primeira pontada de suspeita, porque Drake começou a crivar Harg Tholan de perguntas, cercando-o com cuidado, provocando-o, inquietando-o, tentando por todos os meios levar a conversa de volta ao ponto onde o hawkiniano tinha feito aquela mudança brusca de direção. Não havia nada de grosseiro ou de explícito nessas suas tentativas, mas Rose o conhecia bem e podia adivinhar suas intenções. E quais poderiam ser essas intenções senão algo imposto pelo seu ofício?

Como que fazendo eco aos seus pensamentos, o hawkiniano abordou a questão que martelava a mente de Rose.

– O senhor me disse que é um policial, não é mesmo, Sr. Smollett?

– Sim – respondeu Drake.

– Há um pedido que eu gostaria de lhe fazer, então. Pensei

nisso durante toda esta noite, depois que fiquei sabendo da natureza do seu trabalho, mas ainda assim estou hesitante. Não gostaria de criar inconveniente para as pessoas que me hospedam.

– Faremos o possível para atendê-lo.

– Tenho uma grande curiosidade em saber como vivem os terrestres, uma curiosidade que a maioria dos hawkinianos em geral não sente. Portanto, pensei que talvez fosse possível conhecer um departamento de polícia em seu planeta.

– Eu não pertenço a um departamento policial no sentido que o senhor talvez imagine – respondeu Drake, com cautela. – Entretanto, tenho amigos que trabalham no Departamento de Polícia de Nova York. Creio que isso não seria difícil de conseguir. Que tal amanhã?

– Amanhã seria conveniente para mim. Diga-me, eles me permitiriam visitar o departamento de Pessoas Desaparecidas?

– O quê?

Os quatro membros inferiores do hawkiniano agruparam-se mais uns aos outros, como um sinal de concentração.

– É um passatempo que tenho, uma pequena curiosidade que cultivo há muito tempo. Pelo que sei, vocês mantêm grupos de policiais cuja única tarefa é procurar homens desaparecidos.

– E também mulheres e crianças – completou Drake. – Mas por que se interessa especificamente por isso?

– Por que essa é outra peculiaridade dos terrestres. Em nosso planeta não há pessoas que desaparecem. Não sei como explicar a vocês esse mecanismo, mas o fato é que, entre os indivíduos de outros planetas, existe sempre uma consciência da presença dos outros, especialmente se há entre eles um forte laço emocional. Nós sempre sabemos a localização exata uns dos outros, não importa o lugar do planeta onde estejamos.

Rose mal continha a excitação. As expedições científicas que tinham visitado o Planeta de Hawkin sempre haviam tido a maior dificuldade em penetrar no mecanismo interno das emoções dos nativos, e ali estava um deles disposto a falar francamente, a explicar tudo! Ela parou de se preocupar com Drake e entrou na conversa.

– Pode experimentar essa sensação agora? – perguntou. – Mesmo aqui na Terra?

– Quer dizer... através do espaço? Receio que não – disse Tholan. – Mas vocês podem perceber a importância dessa questão. Todos os aspectos únicos que caracterizam a Terra podem estar interligados. Se a falta dessa "sensação de presença" puder ser explicada, então talvez a sua imunidade à Morte por Inibição também possa. Além disso, eu acho muito curioso o fato de se poder constituir uma comunidade de formas de vida inteligentes onde os indivíduos não possuem esse tipo de percepção. Como pode um terrestre saber, por exemplo, que constitui um subgrupo integrado, ou seja, uma família? Como podem vocês dois, por exemplo, saber que existe uma verdadeira ligação pessoal entre ambos?

Rose surpreendeu-se assentindo com a cabeça. Como aquele tipo de certeza lhe fazia falta! Mas Drake apenas sorriu.

– Temos nossos próprios recursos, Dr. Tholan. Mas talvez seja tão difícil explicar ao senhor o nosso conceito de amor quanto lhe seja explicar aos terrestres as sensações do seu povo.

– Imagino que sim. Por favor, Sr. Smollett, gostaria que me respondesse... se a Dra. Smollett deixasse esta sala e entrasse em outro aposento desta casa sem que a tivesse visto... o senhor não saberia dizer onde ela estaria?

– Certamente que não.

– É espantoso – murmurou o hawkiniano. Hesitou um pouco e depois aduziu: – Por favor, não fiquem ofendidos. Mas, para nós, é também algo... chocante.

Depois de apagar a luz do quarto de dormir, Rose foi três vezes seguidas até a porta, abriu uma fresta e espreitou para fora. Podia quase sentir os olhos de Drake fitos nela. E quando a voz dele finalmente se fez ouvir, tinha inequivocamente um tom de quem está se divertindo.

– O que é que está havendo, afinal?

– Preciso conversar com você – disse Rose.

– Está com medo de que nosso amigo escute?

Rose estava cochichando. Voltou para a cama, deitou-se e

pousou a cabeça sobre o travesseiro de Drake para poder cochichar melhor.

– Por que conversou tanto com o Dr. Tholan sobre a Morte por Inibição?

– Estou me interessando pelo seu trabalho, Rose. Você sempre reclamou que eu não dava atenção a isso.

– Eu preferia que você não fosse sarcástico. – Ela foi rude, pelo menos na medida em que se pode ser rude num cochicho. – Sei que há algum interesse oculto nisso tudo, possivelmente algum interesse policial. O que é?

– Rose, falo com você amanhã.

– Não. Agora.

Drake pôs a mão sob a cabeça dela, ergueu-a... por um instante Rose pensou que ele fosse beijá-la, num desses impulsos repentinos que os maridos às vezes têm ou que ela imaginava que tivessem. Mas Drake nunca tinha cedido a tais impulsos, e limitou-se a trazer a cabeça dela mais para perto e sussurrar:

– Por que está tão interessada?

A mão dele apertava sua nuca com uma certa brutalidade, de modo que Rose forçou para libertar-se. Sua voz não era mais do que um sopro ao dizer:

– Drake. Pare com isso.

– Não quero que faça perguntas – disse ele. – Não quero nenhuma interferência sua. Você faz seu trabalho, eu faço o meu.

– A natureza do meu trabalho é pública e notória.

– A natureza do meu trabalho – retorquiu ele – não é, por definição. Mas posso lhe adiantar uma coisa. Nosso amigo de seis pernas está aqui em casa com uma intenção muito clara e definida. Você não é apenas uma bióloga que ele escolheu ao acaso. Sabia que há dois dias ele esteve fazendo perguntas a meu respeito junto à Comissão?

– Não brinque.

– Nem por sonhos. Esta coisa é muito mais vasta do que você pode imaginar. Mas isso é assunto meu, e não vou continuar falando a respeito. Entendeu?

– Não, mas se você insiste, não farei mais perguntas.

– Então durma.

Ela ficou deitada, o corpo rígido. Passaram-se minutos, passaram-se quartos de hora, enquanto ela tentava juntar as peças do quebra-cabeça. Mesmo depois de tudo que Drake lhe havia dito, as formas e as cores continuavam a não combinar umas com as outras.

Imaginou o que Drake diria se soubesse que ela tinha dado um jeito de gravar toda a conversa daquela noite!

Havia, ainda, uma imagem que tinha permanecido clara em sua memória até aquele instante, pairando sobre ela, como que a desafia-la. No final da noite, o hawkiniano, ao se despedir, tinha feito uma reverência respeitosa, dizendo:

– Boa noite, Dra. Smollett. A senhora é uma hospedeira encantadora.

Na hora ela quase tinha dado uma risada. Não era possível que o alienígena a considerasse encantadora. Aos olhos dele ela devia ser uma monstruosidade, uma criatura disforme com poucos membros e com um rosto excessivamente estreito.

E, no entanto, no mesmo instante em que o Dr. Tholan acabou de proferir esse cumprimento tão gentil, o rosto de Drake tornou-se lívido! Por um instante, algo parecido com o terror chegou a brilhar nos olhos dele.

Ela jamais tinha visto Drake com medo de coisa alguma, e aquele instante de pânico ficou gravado em sua memória, até que seus pensamentos foram se dissolvendo aos poucos, em sono e esquecimento.

No dia seguinte, só por volta do meio-dia foi que Rose Sentou-se em sua escrivaninha. Tivera que esperar que Drake e o hawkiniano deixassem a casa para poder retirar o pequeno gravador que, na noite anterior, tinha ficado oculto por trás da poltrona de Drake. Ela não tinha, a princípio, a intenção de manter esse fato escondido de Drake. Acontece, no entanto, que ele tinha chegado em casa com muito atraso, e a presença do hawkiniano a tinha impedido de dizer-lhe qualquer coisa. No transcorrer da noite, porém, as coisas tinham mudado...

Utilizar o gravador tinha sido apenas um procedimento de

rotina. Era importante registrar as pausas e as inflexões de voz do hawkiniano, para exame futuro por parte de outros pesquisadores do Instituto. O gravador tinha que ficar oculto para evitar que o alienígena, sabendo que sua voz estava sendo gravada, modificasse seu modo de ser, conscientemente ou não. Só que agora ela não poderia mostrar aquela fita aos especialistas do Instituto. Aquela fita iria servir para uma outra função, uma função que ela quase se envergonhava de confessar a si própria. Ela ia espionar Drake.

Segurou a pequena caixa na ponta dos dedos e pôs-se a imaginar, distraidamente, como Drake estaria se saindo àquela altura. O contato social entre as raças dos mundos habitados não era, mesmo àquela altura, algo muito frequente: a presença de um alienígena nas ruas da cidade certamente iria atrair multidões... Mas Drake saberia como lidar com isto. Ele sempre sabia.

Ela repassou mais uma vez os diálogos da noite anterior, detendo-se nos trechos mais interessantes. As coisas que Drake lhe dissera não pareciam fazer sentido. Por que o hawkiniano estaria interessado neles dois de modo especial? Mas... Drake não lhe mentira. Ela teve vontade de fazer uma sondagem junto à Comissão de Segurança, mas sabia que não daria resultado. Além disso, seria algo desleal. Drake não lhe mentiria.

Por outro lado, por que motivo Harg Tholan não poderia fazer indagações a respeito deles dois? Talvez tivesse feito as mesmas perguntas a respeito das famílias dos demais biólogos do Instituto. Nada mais natural do que escolher para hospedar-se a casa mais de acordo com suas próprias conveniências, fossem elas quais fossem.

E, supondo que ele tivesse investigado apenas os Smolletts... por que motivo esse fato teria mudado a atitude de Drake de intensa hostilidade para extremo interesse?

Sem dúvida havia alguma coisa de que Drake tinha conhecimento, mas que preferia guardar para si mesmo. Só Deus poderia saber o quê.

Seus pensamentos passaram a avaliar as possibilidades de estar se desenrolando uma intriga interestelar. Até aquela época, é

certo, não havia surgido nenhum indício de hostilidade ou de sentimentos negativos entre as cinco raças inteligentes da Galáxia. Estavam separadas por espaços grandes demais para que entre eles pudesse florescer uma inimizade real. Os contatos que conseguiam manter eram extremamente irregulares. Não havia terreno propício para que se desenvolvesse qualquer tipo de conflito político ou econômico.

Mas isso era apenas uma suposição da parte dela... e ela não era membro da Comissão de Segurança. Se houvesse de fato algum conflito, algum tipo de perigo, alguma razão para suspeitar que a missão de Tholan podia não ser de natureza pacífica, então... Drake saberia. Mas... será que Drake tinha status bastante, no interior da Comissão, para ter acesso a informações confidenciais sobre a visita de um cientista hawkiniano? Ela sempre tinha achado que a posição do marido era a de um mero funcionário de terceiro escalão; ele próprio sempre tinha se apresentado como tal. Mas...

Qual seria a verdadeira posição de Drake entre os órgãos de segurança?

Ela encolheu os ombros. Aquilo trazia à sua lembrança as novelas de espionagem do século XX e os romances de época ambientados nos tempos em que havia coisas como "planos secretos de armas atômicas".

A lembrança desses romances fez com que se decidisse. Ela não era um policial de verdade como Drake, nem podia saber como um policial de verdade se comportava em tais circunstâncias. Mas ela sabia, pelo menos, como se investigavam essas coisas nos romances antigos.

Apanhou uma folha de papel e, com um gesto confiante, traçou uma linha vertical dividindo-a ao meio. No alto de uma das colunas escreveu "Harg Tholan"; na outra "Drake". Sob o nome "Harg Tholan" escreveu: "De boa fé", e, meticulosamente, colocou três pontos de interrogação em seguida. Seria Tholan de fato um cientista? Ou talvez fosse um agente interestelar? De que prova dispunha o Instituto sobre suas atividades, a não ser suas próprias afirmações? Seria esse o motivo pelo qual Drake lhe aplicara um interrogatório tão cerrado sobre a Morte por Inibição? Talvez Drake

tivesse estudado antecipadamente o assunto e estivesse querendo flagrar o hawkiniano em erro.

Por um momento ela não soube o que fazer, mas depois, ficando de pé, dobrou a folha de papel, colocou-a no bolso do casaco e deixou o escritório. Não trocou uma só palavra com as outras pessoas com quem cruzou ao deixar o Instituto. Não deixou informações com a recepcionista sobre o lugar aonde ia ou a que horas estaria de volta.

Do lado de fora, apressou-se até o metrô do terceiro nível de um compartimento vazio. Passaram-se dois intermináveis minutos até que ela pudesse tomar assento e dizer ao microfone: "Academia de Medicina de Nova York" A porta do cubículo se fechou e o zunido do ar do lado de fora foi se tornando maia agudo à medida que compartimento ganhava velocidade.

A Academia de Medicina de Nova York tinha crescido nas últimas duas décadas, tanto no sentido vertical quanto no horizontal. A biblioteca ocupava uma ala inteira do terceiro andar. Claro que se todos os livros, panfletos e periódicos ali contidos estivessem em sua forma original, em vez de microfilmados, o edifício inteiro não teria espaço para abrigá-los.

Ainda assim, Rose tinha ouvido rumores de que se planejava reduzir o estoque de obras impressas, conservando apenas as dos últimos cinco anos, não as da última década, como era a norma atual.

Como membro da Academia, Rose tinha livre acesso à biblioteca. Ela se encaminhou para as cabines reservadas à medicina extraterrestre e viu com alívio que estavam desocupadas. Teria sido mais prático recorrer à bibliotecária, mas ela preferiu não fazê-lo. Quanto menos rastros deixasse, menor a possibilidade de que Drake reconstituísse seus movimentos.

Desse modo, sem ajuda, ela caminhou ao longo das estantes, percorrendo os títulos com dedos ansiosos. Os livros estavam todos em inglês, havendo um pequeno número em alemão ou russo. Ironicamente, não havia nenhum em idiomas extraterrestres. Essas edições originais ficavam reunidas num setor à parte, acessível apenas aos tradutores registrados.

Seus olhos e seu dedo se detiveram: ela tinha encontrado o que procurava. Retirou meia dúzia de volumes da estante e os conduziu até a pequena mesa escura. Colocou o primeiro deles, tateou à procura do interruptor de luz, e começou a percorrer o volume, que se intitulava Estudos sobre Inibição. Foi até o índice dos autores. O nome de Harg Tholan estava lá.

Uma a uma, ela anotou as referências contidas no livro, indo até a estante para retirar as respectivas traduções. Passou mais de duas horas na Academia. No final, estava certa do seguinte: havia um cientista hawkiniano chamado Harg Tholan, especialista em Morte por Inibição.

Trabalhava para a organização de pesquisadores do Planeta de Hawkin, com a qual o Instituto mantinha correspondência. Claro que o Harg Tholan que ela tinha conhecido podia estar apenas assumindo a identidade de um cientista real; mas qual poderia ser a razão.

Ela tirou do bolso a folha de papel com suas anotações e, no local onde tinha escrito "De boa fé" com três pontos de interrogação, colocou um SIM em letras maiúsculas. Voltou para o Instituto. Às quatro da tarde estava sentada atrás de sua escrivaninha. Pelo interfone, avisou que não atenderia qualquer chamado; depois trancou a porta.

Na coluna assinalada "Harg Tholan" ela escreveu duas perguntas. Abaixo da primeira – "Por que Harg Tholan veio sozinho à Terra?" – deixou um espaço considerável. Depois escreveu: "Por que seu interesse pelo Departamento de Pessoas Desaparecidas?" Sem dúvida as afirmações do hawkiniano sobre a Morte por Inibição estavam corretas. Pelo que tinha lido na biblioteca da Academia, Rose constatou que a enfermidade absorvia a maior parte dos investimentos médicos no Planeta de Hawkin. O temor que provocava ali era mais acentuado do que o temor provocado pelo câncer entre os habitantes da Terra. Se os hawkinianos achassem que a resposta para essa questão poderia estar na Terra, teriam mandado uma expedição completa. Por que então mandar um único observador? Por desconfiança? Por suspeita? O que era mesmo que Harg Tholan tinha dito na noite anterior? A incidência da Morte

atingia o ponto máximo em seu mundo, que era o mais próximo da Terra, e tinha o menor índice no planeta mais afastado da Terra.

A esse fato devia-se juntar algo deixado implícito pelo hawkiniano e que ela tinha confirmado em suas leituras na biblioteca: a incidência da Morte por Inibição tinha aumentado enormemente depois do contato estabelecido entre a Terra e as outras civilizações interestelares... Lenta e relutantemente, ela chegou a uma conclusão. Talvez os habitantes do Planeta de Hawkin desconfiassem que a Terra conhecia a causa da Morte por Inibição e estava deliberadamente fazendo com que a doença se propagasse entre os outros povos da Galáxia, com a intenção, quem sabe, de se tornar a raça dominante. Mas logo rejeitou essa conclusão, tomada por um sentimento próximo ao pânico. Não, não podia ser, era impossível.

Em primeiro lugar, os terrestres não teriam essa intenção. Em segundo lugar, não poderiam fazer isso. No tocante ao avanço científico, os hawkinianos estavam num estágio equivalente ao da Terra. A Morte ocorria entre eles há milhares de anos e até então todas as pesquisas tinham fracassado. Certamente que a Terra, com suas precárias investigações sobre biologia alienígena, não poderia ter alcançado sucesso de modo tão rápido.

Na verdade, Rose não tinha conhecimento de nenhuma investigação sobre patologia hawkiniana por parte de médicos e biólogos terrestres. No entanto, todos os indícios sugeriam que Harg Tholan tinha vindo à Terra para tentar confirmar algumas suspeitas e que tinha sido recebido com idêntica desconfiança.

Ela escreveu com cuidado, abaixo da pergunta: "Por que Harg Tholan veio sozinho à Terra?" A resposta: "O Planeta de Hawkin acredita que a Terra está causando a Morte por Inibição."

Sim, mas... e essa questão sobre o Departamento de Pessoas Desaparecidas? Como cientista, ela tinha que ser rigorosa ao desenvolver uma teoria. Todos os fatos tinham que ser explicados por ela, e não apenas alguns deles.

Departamento de Pessoas Desaparecidas... Se era uma pista falsa, destinada a desviar a atenção de Drake, tinha sido colocada de modo desajeitado, uma vez que Tholan mencionara o assunto

somente depois de terem falado mais de uma hora sobre a Morte por Inibição.

Seria isso apenas um pretexto para investigar Drake? Se era, então qual o motivo? Seria essa a intenção principal de Tholan? O hawkiniano tinha feito indagações sobre Drake antes de ser hospedado por eles. Teria arquitetado aquilo tudo, e seu interesse seria apenas devido ao fato de Drake ser um policial em contato com o Departamento de Pessoas Desaparecidas? Mas por quê? Por quê?

Ela afastou tudo aquilo da cabeça e voltou sua atenção para a coluna marcada "Drake". Aí uma outra pergunta ganhou forma, não em letras escritas a tinta sobre a folha de papel, mas em letras que pareciam marcadas a fogo no interior de sua mente: Por que ele se casou comigo? Rose cobriu os olhos com as mãos e os apertou com força, até que as letras foram se desvanecendo. Tinham se conhecido por acaso, há pouco mais de um ano, quando ele se mudou para o prédio de apartamentos onde ela morava na época. Os primeiros cumprimentos formais tinham se transformado, de algum modo, em agradáveis bate-papos, que por sua vez conduziram a alguns jantares ocasionais num restaurante vizinho. Tudo muito amigável e normal; uma experiência nova e excitante para ela, que logo descobriu estar apaixonada.

Quando ele propôs que se casassem, ela ficou feliz – e surpresa. Na época, encontrou um monte de explicações. Ele gostava do seu jeito agradável, de sua inteligência. Ela era uma boa garota. Ela poderia tornar-se uma boa esposa, uma esplêndida companheira. Tinha pensado em todas essas explicações e acreditado um pouco em cada uma delas. Mas acreditar um pouco não basta.

Não que ela tivesse algo de que se queixar em relação a Drake como marido. Ele era sempre atencioso, gentil, solidário. A vida conjugal dos dois não era movida a paixão, mas em todo caso correspondia às emoções moderadas que se cultiva próximo aos quarenta anos. Ela não tinha mais dezenove anos. O que mais poderia esperar?

Essa era a questão: ela não tinha mais dezenove anos. Não era

bonita, nem encantadora, nem glamourosa. O que mais podia esperar? Drake era um homem bonito e severo, cujo interesse por temas intelectuais era bem limitado, e que nunca, durante todos os meses do casamento, tinha mostrado interesse pelo trabalho que ela realizava, além de nunca comentar suas próprias atividades. Então... por que motivo ele tinha casado com ela?

Não havia resposta para essa pergunta. Em todo caso, isso não tinha nada a ver com a questão que a preocupava agora. Era outro assunto, repetiu ela para si mesma várias vezes: uma insegurança infantil que a afastava da sua tarefa imediata. Estava agindo como uma garota de dezenove anos sem poder apresentar nenhuma desculpa cronológica.

Percebeu que tinha quebrado a ponta do lápis e apanhou outro. Na coluna marcada "Drake" escreveu: "Por que ele suspeita de Harg Tholan?" e abaixo da frase colocou uma seta indicando a coluna ao lado. O que ela já tinha escrito na outra coluna podia fornecer explicação suficiente. Se a Terra estava propagando a Morte por Inibição ou e a Terra sabia que as outras raças alimentavam essa suspeita, certamente estaria se preparando para alguma possível retaliação por parte dos alienígenas. Toda aquela situação poderia estar configurando nada mais nada menos do que os passos iniciais da primeira guerra interestelar de toda a história humana. Era uma explicação horrível, mas adequada.

Mas isso ainda deixava de fora a próxima pergunta, aquela para a qual ela não tinha resposta. Ela a escreveu bem devagar. "Por que Drake reagiu daquela forma quando Tholan disse: a senhora é uma hospedeira encantadora?"

Tentou evocar a cena de forma mais precisa. O hawkiniano tinha pronunciado a frase de modo natural, como quem meramente recita uma fórmula ditada pela polidez, e Drake tinha reagido instantaneamente ao escutar. Tinha ouvido a gravação repetidas vezes. Um terrestre, ao despedir-se à saída de uma festa, teria dito a mesma frase, no mesmo tom descontraído. A gravação não tinha registrado a expressão do rosto de Drake, mas esta estava bem preservada na memória dela. Os olhos dele tinham assumido uma expressão mista de medo e de ódio, e Drake não era homem que se

deixasse amedrontar por qualquer coisa. O que haveria na frase "A senhora é uma hospedeira encantadora" que pudesse assustá-lo a tal ponto? Ciúme? Absurdo. A desconfiança de que Tholan estava sendo sarcástico? Talvez, embora improvável. Ela tinha certeza de que Tholan fora sincero ao dizer aquela frase.

Ela desistiu e desenhou um grande ponto de interrogação ao lado da frase. Havia dois pontos de interrogação agora, um sob "Harg Tholan" e outro sob "Drake". Haveria alguma relação entre o interesse de Tholan por pessoas desaparecidas e a reação de Drake a uma frase de cortesia dita ao final de uma reunião social? Ela não conseguiu pensar em nenhuma.

Reclinou-se sobre a escrivaninha, apoiando a cabeça nos braços. Estava começando a escurecer no interior do escritório e ela sentia-se cansada. Durante algum tempo, flutuou naquela terra de ninguém entre a vigília e o sono, quando os pensamentos e as frases soltam-se das amarras da consciência e passam a se recombinar de modo aleatório e surrealista no interior da mente. Mas, independentemente do que estivesse pensando, continuava a ecoar em sua memória a mesma frase. "A senhora é uma hospedeira encantadora". Às vezes a frase era proferida pela voz culta e monocórdia de Harg Tholan, às vezes pela voz profunda de Drake. Quando Drake a pronunciava, sua voz vibrava cheia de amor, cheia de uma emoção que ela nunca tinha chegado a perceber. Escutar aquilo lhe dava uma sensação agradável.

Teve um sobressalto e despertou. Já estava escuro no escritório. Ela acendeu a lâmpada sobre a escrivaninha. Piscou os olhos, franziu a testa. Um outro pensamento se tinha esgueirado para sua mente durante aquele rápido cochilo. Havia uma outra frase que tinha aborrecido Drake. Qual era? Seu rosto se contraiu pelo esforço mental de vasculhar na memória. Não tinha sido na noite anterior. Não estava na fita gravada, portanto, tinha sido antes. Mas ela não conseguiu evocar essa lembrança e acabou sentindo-se inquieta.

Olhou o relógio e soltou uma exclamação. Quase oito horas. Os dois já estariam em casa, à sua espera. Mas ela não queria voltar para casa. Não queria encará-los. Devagar, pegou a folha de papel

onde tinha feito suas anotações, rasgou-a, jogou os pedaços dentro do cinzeiro az flash atômico pousado sobre a escrivaninha. Houve um rápido clarão e os pedaços de papel desapareceram.

Se pelo menos as coisas que ela tinha pensado pudessem sumir com a mesma facilidade. Mas era inútil. Tinha que ir para casa.

No fim das contas, os dois não estavam à sua espera. Ela os avistou descendo de um girotáxi no momento exato em que emergia do metrô ao nível da rua. O piloto do girotáxi, com olhos arregalados, avaliou a gorjeta que tinha acabado de receber, e em seguida deu partida ao veículo, que subiu verticalmente e afastou-se. Por uma espécie de acordo mútuo, os três se mantiveram em silêncio até o momento em que entraram no apartamento. Rose comentou em tom casual:

– Espero que tenha tido um dia agradável, Dr. Tholan.

– Bastante. E ao mesmo tempo um dia proveitoso e fascinante, posso garantir.

– Já comeram alguma coisa? – Rose não tinha comido absolutamente nada, mas ainda assim não sentia a menor fome.

– Oh, sim.

Drake os interrompeu.

– Almoçamos juntos, e ainda há pouco pedimos sanduíches – a voz dele estava fatigada.

Rose disse:

– Olá, Drake. – Era a primeira vez que se dirigia a ele. Ele mal a olhou e respondeu:

– Olá.

O hawkiniano estava dizendo:

– Os seus tomates são um notável tipo de vegetal. Em nosso planeta não temos nada que possa se comparar a eles. Creio que comi uma dúzia, além de uma garrafa de derivado.

– Ketchup – esclareceu Drake.

– E quanto à sua visita ao Departamento de Pessoas Desaparecidas, Dr. Tholan? – perguntou Rose. – Também foi proveitosa?

– Posso dizer que sim.

Mantendo-se sempre de costas para ele, Rose ajeitou as almofadas do sofá, enquanto perguntava, distraidamente:

– Em que sentido?

– Achei muito interessante o fato de serem homens a grande maioria das pessoas que desapareceram. Há muitas esposas se queixando de que seus maridos desaparecem, enquanto que o contrário só raramente ocorre.

– Não há nada de misterioso nisso, Dr. Tholan – disse ela. – Talvez o senhor não tenha percebido como são as relações econômicas aqui na Terra. Neste planeta, é geralmente o homem que se torna responsável pela manutenção econômica da família. Ele é aquele que trabalha fora e recebe seu pagamento em unidades monetárias. Quanto à mulher, sua função é geralmente a de cuidar da casa e das crianças.

– Mas isso certamente não é regra geral!

– Mais ou menos – interveio Drake. – Minha esposa, por exemplo, pertence àquela minoria de mulheres que são perfeitamente capazes de se sustentarem sozinhas neste mundo.

Rose o olhou de esguelha. Estaria sendo sarcástico? Mas o hawkiniano dizia:

– Isso implica dizer, Sr. Smollett, que as mulheres, sendo economicamente dependentes, tendem a desaparecer menos?

– É uma maneira suave de colocar a coisa, mas em última análise é isso mesmo.

– O senhor considera que os dados do Departamento de Pessoas Desaparecidas de Nova York são uma amostra fiel da situação do planeta como um todo?

– Creio que sim.

Tholan insistiu, de modo um tanto abrupto:

– E o senhor pode me dizer se também há uma explicação econômica para o fato de que, desde que as viagens interestelares começaram a se desenvolver, a percentagem de homens jovens que desaparecem aumentou consideravelmente?

Drake retrucou no mesmo tom:

– Ora, essa resposta é ainda mais óbvia do que outra. Hoje em dia, um fugitivo tem toda a Galáxia à sua disposição. Qualquer

sujeito que pretenda fugir aos seus problemas precisa apenas embarcar num cargueiro espacial. Ali existe sempre necessidade de tripulantes extras, ali ninguém faz perguntas; e uma vez fora da Terra torna-se virtualmente impossível localizar o sujeito, caso ele pretenda manter-se fora de circulação.

– E isso acontece, quase sempre, com homens jovens, durante o seu primeiro ano de casamento.

Rose soltou uma gargalhada.

– Ora, é justamente nessa fase da vida que os problemas de um homem atingem o seu ponto máximo. Se ele consegue sobreviver ao primeiro ano de casamento, não precisa desaparecer.

Era evidente que Drake não estava se divertindo. Rose teve novamente a impressão de que ele parecia triste e infeliz. Mas por que insistia em guardar os problemas para si só? Bem, pensou ela, talvez ele creia que é sua obrigação.

O Dr. Tholan perguntou de súbito:

– Ficariam ofendidos se eu me desligasse durante algum tempo?

– De modo algum – disse Rose. – Espero que o dia de hoje não tenha sido demasiado fatigante. Já que o senhor vem de um planeta onde a gravidade é maior que a da Terra, talvez tenha imaginado que podia demonstrar uma resistência física maior que a nossa.

– Oh, não estou cansado no sentido físico da palavra – o Dr. Tholan baixou os olhos para os seus membros inferiores e piscou os olhos, divertido – Sabe, não consigo evitar a sensação de que os terrestres podem a qualquer momento cair para a frente ou para trás, devido ao seu precário sistema de apoio. Perdoem-me se este comentário lhes parecer desrespeitoso, mas sua referência à gravidade terrestre trouxe esse detalhe à minha mente. Em meu planeta, duas pernas seriam insuficientes para uma pessoa. Mas isso é outra questão. O fato é que durante o dia inteiro estive absorvendo uma tamanha quantidade e variedade de informações que sinto agora o desejo de me desligar um pouco.

Rose deu de ombros. Muito bem... há um certo limite para o que duas raças galácticas podem ter em comum. Como as expedições terrestres ao Planeta de Hawkin tinham constatado, os hawkinianos

tinham a faculdade de desligar sua mente consciente de todas as funções corporais, mergulhando num processo meditativo que poderia durar vários dias terrestres. Os hawkinianos achavam agradável esse processo, e às vezes o consideravam necessário, embora nenhum terrestre pudesse entender qual a sua utilidade.

Por outro lado, nunca tinha sido inteiramente possível para os terrestres explicar aos hawkinianos, ou a qualquer membro das outras raças, o conceito humano de sono. As atividades que os terrestres denominavam dormir e sonhar seriam consideradas por um hawkiniano como um perigoso sinal de desintegração mental.

Rose pensou: "Mais uma característica única dos terrestres", e essa ideia a deixou inquieta.

O hawkiniano recuou, depois de se curvar numa reverência em que suas mãos tocaram o solo. Drake fez uma breve saudação de despedida. O Dr. Tholan sumiu no corredor. Os dois ouviram a porta do quarto sendo aberta, depois fechada, em seguida o silêncio.

O silêncio entre os dois foi se tornando cada vez mais espesso. Drake mudou de posição, fazendo a poltrona ranger com um arrepio de horror, Rose notou que havia uma marca de sangue nos lábios dele. Pensou: Ele está envolvido com algum problema. Tenho que conversar com ele. Isto não pode continuar assim.

– Drake – disse ela.

O olhar dele parecia muito, muito distante. Seus olhos aos poucos pareceram focalizá-la corretamente. Ele disse:

– O que há? Já vai se deitar?

– Não... estou mais acordada do que nunca. Drake, agora já é "amanhã". Você não tem nada para me dizer?

– Não entendi.

– Ontem à noite você me disse: amanhã a gente conversa. Muito bem. Estou pronta. – Drake franziu a testa. Seus olhos pareceram se esconder por trás das sobrancelhas contraídas, e Rose sentiu como se toda aquela sua resolução começasse a abandoná-la.

– Eu pensei – disse ele – que você não iria mais fazer perguntas sobre o meu trabalho. Não foi isso que combinamos?

– Acho que já é tarde, Drake. Parece que a esta altura já sei

uma porção de coisas sobre seu trabalho.

– O que quer dizer com isso? – exclamou ele, pondo-se de pé num salto. Recuperou o controle e, indo até ela, pousou as mãos sobre os seus ombros, voltando a perguntar com voz normal: – O que quer dizer?

Rose manteve os olhos fitos nas próprias mãos, pousadas no colo. Suportou a pressão dos dedos fortes de Drake e respondeu, devagar:

– O Dr. Tholan pensa que a Terra está propagando deliberadamente a Morte por Inibição. Não é isso?

Esperou. Pouco a pouco a pressão dos dedos diminuiu e Drake deu dois passos para trás. Com as mãos na cintura, a expressão de seu rosto refletia surpresa e desagrado.

– De onde você tirou essa ideia?

– É verdade, não é?

A voz de Drake estava arquejante, mudada.

– Quero saber exatamente por que motivo você está dizendo isto. Não brinque comigo, Rose. Estou avisando.

– Se eu lhe disser, Drake, você me responde só esta pergunta? A Terra está ou não disseminando essa doença deliberadamente?

Drake ergueu as mãos para o alto. – Ora, pelo amor de Deus.

Ajoelhou-se à frente dela e tomou-lhe as mãos. Rose sentiu que as mãos dele estavam tremendo. Ele falou, tentando imprimir um tom suave, um tom quase carinhoso a cada palavra que dizia.

– Rose, querida. Você está envolvida com uma coisa tremendamente grave e perigosa e tentando usar isso para resolver pequenos impasses conjugais entre nós dois. Eu não lhe peço muita coisa. Quero apenas que me diga o que a fez dizer... isso que falou agora. – a voz dele transpirava sinceridade.

– Fui à Academia de Medicina de Nova York hoje à tarde. Andei fazendo umas leituras.

– Mas por quê? O que a levou a fazer isso?

– Em primeiro lugar, você me pareceu excessivamente interessado nessa questão da Morte por Inibição. Depois, o Dr. Tholan falou tudo aquilo sobre o aumento de incidência da doença depois do início das viagens interestelares e sobre o fato de o

problema ser mais grave justamente no planeta mais próximo à Terra.

– E as suas leituras? – insistiu Drake. – o que descobriu com elas?

– Parecem confirmar o que ele diz. Não fiz mais do que acompanhar por alto o progresso das pesquisas que eles realizaram nas últimas décadas, mas me pareceu óbvio que pelo menos alguns hawkinianos consideram a possibilidade de a Morte por Inibição originar-se da Terra.

– Dizem isso claramente?

– Não. Ou, se dizem, não cheguei a ver. – Ela o fitou surpresa. Numa questão de tal importância, era claro que o governo teria investigado a natureza das pesquisas hawkinianas. Foi a vez dela perguntar, com suavidade: – Você não tinha conhecimento dessas pesquisas deles, Drake? O governo...

– Não se preocupe com isso. – Drake tinha caminhado pela sala e agora voltava-se novamente para fitá-la de frente. Seus olhos brilhavam, e ele exclamou, como se tivesse acabado de fazer uma incrível descoberta: – ora, você é uma especialista nisso! Era? Será que ele o descobria somente agora, quando necessitava dos conhecimentos dela? Suas narinas se contraíram e ela respondeu, altiva:

– Drake, eu sou uma bióloga.

– Sim, sim, claro que eu sei disso, mas estou me referindo a seu trabalho sobre crescimento. Você não me falou, certa vez, que tinha feito algum trabalho nessa área?

– É possível. Publiquei cerca de vinte artigos sobre a relação entre a estrutura fina do ácido nucleico e o desenvolvimento dos embriões, através da Sociedade do Câncer.

– Ótimo. Eu deveria ter lembrado disso. – Ele parecia tomado por um surto de excitação. – Diga-me, Rose... olhe, peço desculpas se fui rude com você agora há pouco. Você seria uma das pessoas mais indicadas para entender o progresso das pesquisas deles, se lesse a respeito, não é mesmo?

– Sim. Razoavelmente competente.

– Então me diga como você acha que a doença se dissemina.

Quero detalhes.

– Drake, isso é pedir demais. Passei algumas horas na Academia, e só. Precisaria de muito mais estudo para poder responder essa pergunta.

– Arrisque um palpite. Não sabe o quanto isto é importante.

Ela disse, meio em dúvida:

– Bem... acho que estudos sobre Inibição é um dos tratados mais importantes sobre o assunto. É uma espécie de resumo de todos os dados disponíveis até aquela época.

– E de quando é?

– É uma dessas publicações periódicas. O último volume é de cerca de um ano atrás.

– Há algum registro do trabalho dele – Drake espetou o dedo no ar, indicando a direção do quarto de Tholan.

– Há mais coisas sobre ele do que sobre qualquer um dos outros. Ele é uma figura de ponta nesse campo de pesquisa. Olhei os trabalhos dele com atenção.

– E qual é a teoria dele sobre a origem da doença? Tente lembrar-se.

Ele fez um aceno com a cabeça.

– Sou capaz de jurar que ele acha a Terra culpada, embora diga o tempo todo que ninguém sabe como a doença se espalha. Isso eu posso jurar.

Drake ficou de pé diante dela, os punhos cerrados, e suas palavras não eram mais que um murmúrio.

– Pode ser um caso de superestimação total, mas, quem sabe... – Ele girou nos calcanhares. – Vou descobrir isto agora mesmo, Rose. Obrigado por sua ajuda.

Ela saltou de pé e foi atrás dele.

– Onde é que você vai?

– Fazer umas perguntas ao nosso amigo – Ele remexeu nas gavetas de uma mesinha, e quando sua mão voltou a surgir estava empunhando uma pistola-agulha.

– Não, Drake! – gritou ela.

Ele a empurrou para o lado com um gesto brusco e marchou pelo corredor na direção do quarto do hawkiniano. Drake empurrou

a porta e entrou. Rose vinha nos seus calcanhares, ainda tentando segurá-lo pelo braço, mas ao cruzar o umbral ele se deteve e fitou o Dr. Harg Tholan.

O hawkiniano estava ali de pé e imóvel, os olhos desfocados, os quatro membros inferiores abertos em todas as direções na maior extensão possível. Rose sentiu-se envergonhada por aquela intromissão, como se estivesse violando alguma espécie de ritual muito íntimo. Mas Drake, sem demonstrar a menor preocupação, caminhou até um metro de distância da criatura e parou ali, face a face, a pistola-agulha apontada para o peito do hawkiniano.

– Agora, fique quieta – disse. – aos poucos ele vai notar a minha presença.

– Como sabe disso?

– Eu sei – retrucou Drake secamente. – Saia daqui. Mas ela não se moveu, e Drake estava demasiado concentrado no que fazia.

Alguns trechos da pele do rosto do hawkiniano começaram a tremer muito de leve. Era algo um tanto repugnante. Rose preferiu afastar os olhos. Drake falou de repente:

– Acho que é o bastante, Dr. Tholan. Não entre em conexão com nenhum dos seus membros. Seus órgãos do sentido e sua voz serão suficientes.

A voz do hawkiniano era meio indistinta quando ele perguntou:

– Por que invadiram minha sala de desligamento? – E depois, mais audível: – E por que está armado?

Sua cabeça começou a mover-se, como quem desperta, mas o tronco permaneceu rígido. Aparentemente ele tinha seguido as instruções de Drake a respeito da conexão com os membros. Rose imaginou como Drake estaria a par desse detalhe do "religamento" parcial. Ela própria nunca tinha ouvido nada a esse respeito. O hawkiniano insistiu:

– O que querem de mim? – Desta vez Drake respondeu:

– Respostas para algumas perguntas.

– Com uma arma na mão? Não pode esperar que eu tente ser agradável diante de tamanha descortesia.

– O senhor não tem que ser agradável. Tem é que salvar sua vida.

– Nestas circunstâncias, Sr. Smollett, tal questão se coloca de modo absolutamente secundário para mim. Lamento profundamente que os deveres para com um hóspede sejam tão mal compreendidos aqui na Terra.

– O senhor não é meu hóspede, Dr. Tholan – disse Drake. – Entrou em minha casa sob falsos pretextos. Devia ter seus motivos para isso, mas o fato é que tinha a intenção de me utilizar para atingir seus objetivos. Não tenho o menor constrangimento em inverter a situação.

– Seria melhor atirar logo e poupar seu tempo.

– Tem certeza de que não vai responder às minhas perguntas? Só isso já é bastante suspeito. Parece que o Sr. considera certos segredos mais importantes do que sua própria vida.

– Eu considero os princípios de cortesia algo extremamente importante. Talvez o senhor, sendo terrestre, não pense assim.

– Talvez. Mas eu, como terrestre, entendo pelo menos uma coisa. – Drake deu um passo rápido para a frente, antes que Rose pudesse esboçar qualquer reação e antes que o hawkiniano pudesse "religar" seus membros. Quando recuou, o tubo flexível do cilindro de cianureto de Harg Tholan estava em sua mão. No canto da larga boca do hawkiniano, onde o tubo tinha estado preso, uma gota de líquido incolor ficou tremulando sobre a pele escura e logo solidificou-se num glóbulo gelatinoso, ao se oxidar.

Drake deu um puxão no tubo e o cilindro se desprendeu do corpo de Tholan, caindo ao chão. Puxando-o para si, Drake girou o botão que controlava a válvula de escape do cilindro, fazendo cessar o leve assobio que ela emitia.

– Duvido que tenha escapado uma quantidade perigosa de gás – disse Drake. – Por outro lado, espero que o senhor esteja percebendo o que vai lhe suceder agora se não responder às perguntas que vou lhe fazer... e respondê-las de um modo que eu considere convincente.

– Devolva-me o cilindro – disse devagar o hawkiniano – se não, terei que atacá-lo e o senhor terá que me matar.

Drake recuou um passo.

– De modo algum. Se me atacar, atirarei nas suas pernas.

Atirarei nas quatro, se for necessário, mas o senhor continuará vivo, embora numa situação dolorosa. Continuará vivo, para morrer de asfixia pela ausência do cianureto. Deve ser uma morte extremamente incômoda. Sou um simples terrestre e não posso visualizá-la com exatidão, mas tenho certeza de que o senhor pode. É ou não é?

A boca do hawkiniano estava aberta, algo de cor verde-amarelada parecia palpitar em seu interior. Rose sentiu uma náusea na boca do estômago, e ao mesmo tempo uma vontade de gritar Dê-lhe o cilindro, Drake! Mas não conseguiu emitir um som. Não pôde sequer virar a cabeça para outro lado.

Drake falou:

– Creio que o senhor tem cerca de uma hora antes que o efeito seja irreversível. Fale rápido, Dr. Tholan, e terá o seu cilindro de volta.

– E depois...?

– E depois, que diferença faz? Mesmo que eu o mate será uma morte limpa e rápida, não uma morte por asfixia.

Alguma coisa pareceu mudar no hawkiniano. Sua voz tornou-se gutural e suas palavras meio indistintas, como se o esforço para falar claramente em inglês fosse demasiado para ele.

– Quais... quais são suas perguntas? – balbuciou, enquanto seus olhos não se afastavam do cilindro que Drake continuava segurando.

Drake ergueu o cilindro deliberadamente, de modo torturante, movendo-o de um lado para outro, enquanto os olhos da criatura acompanhavam o movimento.

– Quais são, Dr. Tholan, as suas teorias sobre a Morte por Inibição? – perguntou ele. – Qual a verdadeira razão de sua vinda à Terra? Qual é o seu interesse no Departamento de Pessoas Desaparecidas?

Rose prendia a respiração, ansiosa. Aquelas eram as perguntas que ela gostaria de ter formulado. Não daquele modo, talvez; mas no trabalho de Drake a bondade e a delicadeza tinham às vezes que ficar em segundo plano, dando lugar à urgência. Ela repetiu isso várias vezes para si mesma, num esforço para contrabalançar a

repulsa que sentia pelo que Drake estava fazendo ao Dr. Tholan.

O hawkiniano falou:

– Uma resposta apropriada levaria muito mais tempo do que a hora que o senhor me concede. O senhor me colocou nesta situação constrangedora de falar sob ameaças. Em meu planeta não poderia agir desse modo em hipótese alguma. É somente aqui, neste planeta revoltante, que um indivíduo pode ser agredido e privado de seu cianureto.

– Seu tempo está passando, Dr. Tholan.

– Eu iria falar sobre isto com o senhor, mais cedo ou mais tarde, Sr. Smollett. Eu precisava de sua ajuda. Foi por isso que vim até aqui.

– Ainda não respondeu minhas perguntas.

– Vou responder agora. Durante anos, paralelamente ao meu trabalho científico regular, venho realizando experiências particulares, investigando as células dos meus pacientes que sofrem da Morte por Inibição. Tive que manter essas atividades dentro do maior segredo e trabalhar sozinho, uma vez que os métodos que utilizei para examinar os corpos dos meus pacientes não são vistos com bons olhos pelo meu povo. Seria algo equivalente à reação do seu povo diante da vivissecção, por exemplo. Em virtude disso, não poderia apresentar os resultados de meu trabalho à comunidade científica do meu planeta sem ter antes confirmado as minhas teorias aqui na Terra.

– Quais são suas teorias? – perguntou Drake. Seus olhos estavam novamente brilhantes.

– À medida que avancei em minhas pesquisas foi se tornando cada vez mais óbvio para mim que todas as pesquisas sobre Morte por Inibição estavam indo na direção errada. Era impossível encontrar uma resposta física para esse mistério. A Morte por Inibição era uma doença da mente.

Rose o interrompeu:

– Com certeza, Dr. Tholan, a doença não é psicossomática. – Uma película cinza, tranel d'água ácida, começava a cobrir os olhos do hawkiniano, que parecia não enxergar mais nenhum dos dois. Mas ele continuou a falar.

– Não, Dra. Smollett, não é psicossomática. É uma doença da mente, uma infecção mental. Meus pacientes têm a mente dividida em duas. Eles têm uma mente que lhes pertence de modo inequívoco, mas, por trás ou por baixo dela possuem outra mente – uma mente alienígena. Trabalhei com pacientes da Morte por Inibição de outras raças além da minha e encontrei o mesmo fenômeno. Para resumir: não existem cinco raças inteligentes na Galáxia, mas seis. E a sexta é uma raça parasita.

Rose exclamou:

– Mas isso é loucura... é impossível! O senhor certamente está enganado, Dr. Tholan.

– Não, não estou. Pensei que estivesse, até que cheguei à Terra. Meus contatos com o Instituto e minhas pesquisas no Departamento de Pessoas Desaparecidas me convenceram de que eu tinha razão. O que há de impossível no conceito de uma forma parasitária de inteligência? Criaturas assim não deixariam vestígios fósseis, nem artefatos, tudo que fazem é nutrir-se através da atividade mental de outras criaturas. É possível imaginar que um parasita desse tipo, no transcorrer de milhões de anos, tenha perdido gradualmente várias partes do seu corpo físico, com exceção do mínimo indispensável... mais ou menos como a chamada "solitária", entre os parasitas terrestres, que perdeu todas as suas funções exceto a da reprodução. No caso de uma inteligência parasitária, todos os atributos físicos acabariam por desaparecer no correr do tempo. A criatura se tornaria mente pura, sobrevivendo de uma maneira que não podemos ainda avaliar, à custa das mentes alheias. Especialmente das mentes terrestres.

– Por que especialmente dos terrestres? – perguntou Rose. Drake permanecia imóvel, quieto, atento, sem fazer mais perguntas. Parecia disposto a deixar que o hawkiniano continuasse falando.

– Não suspeitaram – disse o Dr. Tholan – que essa sexta raça inteligente é natural da Terra? A humanidade convive com ela desde os tempos mais remotos, adaptou-se a ela, não tem consciência de sua presença. É por causa dela que as espécies animais terrestres mais evoluídas, incluindo o homem, cessam de crescer na maturidade e, cedo ou tarde, sofrem isso a que vocês chamam de

"morte natural". Tudo isto não passa do resultado óbvio dessa proliferação de parasitas. É devido a essas criaturas que vocês dormem e sonham... pois é exatamente nesses momentos que as criaturas se alimentam, o que talvez faça com que sejam esses os instantes em que vocês chegam a se aperceber, ainda que confusamente, da presença delas. Também se deve a elas o fato de a mente humana ser mais instável do que a das outras raças. Em que outra parte da Galáxia podem ser encontrados casos de "dupla personalidade" ou coisa semelhante? Afinal de contas, mesmo a esta altura ainda deve haver mentes individuais que acabam sendo desequilibradas pela ação do parasita. De um modo que ainda não sabemos essas mentes parasitas podem viajar através do espaço. Elas não têm limitações de ordem física. Podem flutuar a caminho das estrelas num estado semelhante ao da hibernação. Por que motivo começaram a fazer isso eu não sei, provavelmente ninguém jamais chegará a saber. Mas desde que as primeiras delas descobriram a presença de vida inteligente em outros planetas da Galáxia, iniciou-se um pequeno mas contínuo fluxo de parasitas partindo para o espaço. Nossas raças devem ter parecido um verdadeiro banquete aos olhos deles, ou não teriam se dado todo esse trabalho para nos alcançar. Imagino que muitos devem ter morrido ao longo da viagem, mas para aqueles que a concluíam com êxito deve ter valido a pena. Acontece, no entanto, que nós, dos outros planetas, não vínhamos convivendo com esses parasitas há milhões de anos, como acontecia com os terrestres. Não conseguíamos nos adaptar a eles. Aqui na Terra, os grupos mais fracos foram sendo eliminados gradualmente ao longo de muitas gerações, fazendo com que sobrevivessem apenas os indivíduos mais capazes de suportar os parasitas; em nosso planeta, isso não sucedeu. A consequência disso é que os terrestres conseguiam sobreviver à infecção durante muitos anos sem sofrer grandes danos, enquanto os nossos morriam em menos de um ano.

– E é por isso que a incidência da Morte por Inibição aumentou depois que a Terra entrou em contato com as outras raças?

– Sim. – Ficaram todos em silêncio por alguns instantes, até que o hawkiniano, num súbito acesso de energia, disse: – agora

quero o meu cilindro. Já dei a resposta que pediu.

Drake respondeu, com frieza:

– E quanto ao Departamento de Pessoas Desaparecidas?

Recomeçou a mover o cilindro de um lado para outro, mas desta vez o olhar do hawkiniano não o acompanhava. A película tranel d'água que recobria seus olhos parecia mais espessa. Rose pôs-se a imaginar se aquilo seria uma simples demonstração de fadiga ou se já não indicaria os primeiros efeitos da falta de cianureto no organismo.

– Assim como nós não nos adaptamos a esse parasita – continuou o Dr. Tholan, ele também não se adaptou facilmente a nós. Ele pode viver à nossa custa, e aparentemente ele nos considera uma fonte de alimentação superior; mas não pode se reproduzir tendo apenas nossa mente como fonte de energia. Portanto, a Morte por Inibição não é diretamente contagiosa entre o nosso povo.

– O que está tentando sugerir, Dr. Tholan? – perguntou Rose, com um horror crescente.

– Os terrestres continuam a ser o ambiente ideal para o parasita. Um terrestre pode infectar um de nós se ficar em nossa companhia, mas o parasita, depois de instalado num indivíduo extraterrestre, deve de alguma maneira retornar ao corpo de um de vocês se quiser reproduzir-se. Antes das viagens interestelares isso implicava em uma nova aventura do parasita através do espaço, portanto a incidência da infecção permanecia infinitesimal. Agora, no entanto, estamos sendo repetidamente infectados, uma vez que os parasitas retornam à Terra e depois voltam aos nossos mundos através dos terrestres que viajam pelo espaço.

– E as pessoas desaparecidas... – disse Rose, numa voz muito fraca.

– São os hospedeiros intermediários. Claro que não sei ainda de que modo se dá esse processo, mas parece que a mente de um homem terrestre é o ambiente ideal para eles. Há de se lembrar de que no Instituto disseram-me que a expectativa da média de vida na população masculina é três anos menor do que a feminina. Depois de se dar o processo de reprodução, o homem infectado parte numa

espaçonave rumo aos outros planetas. Desaparece.

– Mas isso é impossível! – exclamou Rose. – Isso implica dizer que a mente parasita pode controlar as ações de seu hospedeiro! Não pode ser assim, ou nós aqui na Terra já teríamos percebido sua presença.

– O controle, Dra. Smollett, pode ser muito sutil. Além do mais pode ser exercido apenas durante o período da reprodução ativa. Basta recorrer ao seu Departamento de Pessoas Desaparecidas. Por que motivo tantos homens jovens desaparecem? Vocês podem ter explicações econômicas ou psicológicas, mas isso não basta. Porém... estou me sentindo muito mal agora, não posso me alongar. Devo dizer só mais uma coisa. O seu povo e o nosso têm um inimigo comum: esses parasitas da mente. Os terrestres não precisam continuar morrendo involuntariamente devido à presença desses seres. Eu tinha em mente que, se não pudesse retornar ao meu planeta com as minhas descobertas, devido aos métodos pouco ortodoxos que empreguei nas minhas pesquisas, poderia fazer um comunicado às autoridades da Terra e pedir sua ajuda para combater essa ameaça. Imagine a minha alegria ao descobrir que o marido de uma das biólogas do Instituto era membro de um dos mais importantes órgãos de investigações da Terra! Naturalmente fiz o que pude para ser recebido em sua casa, a fim de manter um contato direto com ele, convencê-lo da terrível verdade dos fatos e utilizar sua posição para desfechar um ataque contra os parasitas. É claro que isto, agora, tornou-se impossível. Não posso culpá-lo. Como terrestre, o senhor não compreende a psicologia do meu povo. Só há um derradeiro ponto que preciso enfatizar. Não quero mais contato com nenhum de vocês dois. Creio até que não tenho mais condições de permanecer na Terra.

Drake disse:

– Então apenas o senhor, entre todo o seu povo, tem conhecimento desta sua teoria?

– Sim, sou o único.

Drake estendeu o cilindro.

– Aí está seu cianureto, Dr. Tholan.

O hawkiniano o apanhou com sofreguidão. Seus dedos hábeis

manipularam o tubo e a válvula delicadamente; dentro de dez segundos ele tinha instalado o aparelho e estava inalando o gás em largos haustos. Seus olhos começaram a ficar outra vez claros e transparentes.

Drake esperou até que sua respiração voltasse ao normal e, com o rosto impassível, ergueu a pistola-agulha e disparou. Rose soltou um grito. O hawkiniano permaneceu de pé. Seus membros inferiores não se vergaram, mas sua cabeça descaiu para o lado e de sua boca, subitamente flácida, o tubo de cianureto escorregou. Drake fechou novamente a válvula de saída do gás, arrancou o cilindro e o atirou para o lado; depois ficou de pé diante do alienígena morto, olhando-o com uma expressão sombria.

Nenhum sinal externo indicava que Harg Tholan tinha sofrido morte violenta. O minúsculo projétil da pistola-agulha, com um diâmetro menor que o da agulha que dava o nome à arma, tinha penetrado sem dificuldade no corpo para explodir somente quando no interior da cavidade abdominal.

Rose saiu correndo do quarto, aos gritos. Drake foi atrás dela e conseguiu agarrá-la pelo braço. Ela escutou o estalo seco das bofetadas que ele desferiu em seu rosto com a mão aberta, mas não sentiu dor alguma; por fim cedeu e irrompeu em soluços.

– Eu lhe disse – falou Drake. – Disse que não se metesse. E agora? O que acha que vai fazer?

– Largue-me – disse ela. – Quero ir embora daqui.

– Só porque eu fiz a minha obrigação? Você ouviu o que essa criatura disse. Acha que eu podia permitir que ele retornasse ao seu planeta e espalhasse todas essas mentiras?

Iriam acreditar nele. E o que você acha que aconteceria depois? Pode imaginar o que é uma guerra interestelar? Eles iriam pensar que a única maneira de acabar com a tal doença seria exterminando a todos nós.

Com um esforço sobre-humano, Rose conseguiu controlar-se. Olhou firme nos olhos de Drake e disse:

– O que o Dr. Tholan disse não era mentira, e também não era um equívoco, Drake.

– Ora, o que é isso? Você está histérica. Precisa dormir um

pouco.

– Eu sei que é verdade. Sei disso porque a Comissão de Segurança sabe tudo sobre essa teoria, e sabe que é verdadeira.

– Como pode dizer uma coisa tão sem pé nem cabeça?

– Por que você cometeu dois pequenos escorregões.

– Sente-se – disse Drake. Ela sentou na poltrona e ele permaneceu de pé à sua frente, olhando-a com curiosidade. – Quer dizer que eu dei dois escorregões, não é? Você teve um dia bastante detetivesco hoje, minha querida. Acho que você anda escondendo seus talentos. – Ele Sentou-se no sofá e cruzou as pernas.

Sim, pensou Rose, ela tinha tido um dia cheio de descobertas. Podia ver, de onde estava sentada, o relógio elétrico na parede da cozinha: eram mais de duas horas da madrugada. Harg Tholan tinha chegado em sua casa 35 horas antes, agora estava morto, no quarto ao lado.

Drake quebrou o silêncio.

– Não vai me apontar os dois pontos em que escorreguei?

– Você ficou lívido ontem, quando Harg Tholan disse que eu era uma hospedeira encantadora. A palavra "hospedeira" tem um duplo sentido, como você sabe. Indica a pessoa que abriga um parasita.

– Número um – disse Drake. – E o número dois?

– Foi algo que você fez, antes mesmo de Tholan chegar aqui em casa. Passei horas, hoje, tentando me lembrar disso. Lembra-se, Drake, quando você comentou o quanto era desagradável para os hawkinianos misturar-se aos terrestres? E eu disse que Harg Tholan era um cientista, e isso fazia parte da sua profissão? Perguntei se você achava que os cientistas terrestres iam aos trópicos por diversão, e se gostavam de sofrer picadas de mosquitos. Lembra-se de como você ficou perturbado?

Drake deu uma risada.

– Eu não sabia que era tão transparente assim... Mosquitos servem de hospedeiros para os parasitas que causam a malária e a febre amarela. – Ele soltou um suspiro.

– Fiz o que pude para que você não se metesse nisto, Rose. Agora não tenho saída senão contar-lhe toda a verdade. Devo fazer

isto porque já percebi que somente a verdade, ou então a morte, podem manter você quieta. E eu não quero matá-la.

Rose encolheu-se na poltrona, os olhos bem abertos. Drake continuou:

– A Comissão sabe de toda a verdade. Isso não nos adianta de nada. Tudo que podemos fazer é nos esforçar o máximo possível para evitar que os outros planetas descubram.

– Mas a verdade não pode ser escondida para sempre! Harg Tholan a descobriu. Você o matou, mas um outro alienígena pode repetir a mesma descoberta, e depois outro, e mais outro. Vocês não podem matar a todos.

– Sabemos disso – concordou Drake. – Não temos escolha.

– Por que não? – gritou Rose. – Harg Tholan lhe forneceu a solução. Ele não fez sugestões ou ameaças de guerra entre os planetas. Ele apenas sugeriu que nós nos juntássemos às outras raças inteligentes para exterminar o parasita. E nós podemos! Se nós, em conjunto com as outras raças, envidarmos todos os esforços para...

– Você quer dizer... confiar nele? Será que Tholan falava em nome de seu governo, ou das outras raças?

– Por que não arriscar?

– Você não entendeu. – Drake aproximou-se dela e tomou sua mão, que estava muito fria. Prosseguiu: – Pode parecer idiota eu querer explicar-lhe algo que faz parte da sua profissão, mas você tem que me escutar. Harg Tholan estava certo. O homem e seus ancestrais pré-históricos têm convivido com essa inteligência parasita por eras e mais eras; certamente desde muito antes de termos nos tornado o Homo sapiens. Nesse intervalo, não apenas nos adaptamos a esse parasita, como também nos tornamos dependentes dele. Não se trata mais de um caso de parasitismo. É um caso de cooperação mútua. Vocês biólogos têm um nome para isto.

Rose retirou a mão de entre as dele.

– O que está dizendo? Simbiose?

– Exatamente. Nós temos uma doença tipicamente nossa, não esqueça. Uma doença que é o contrário da deles: uma doença de

crescimento descontrolado. Conversamos sobre isto ontem, fazendo uma comparação com a Morte por Inibição. Muito bem: qual é a causa do câncer? Há quanto tempo essa questão vem sendo pesquisada por biólogos, fisiologistas, bioquímicos e tantos outros? E qual foi o sucesso que eles alcançaram? Nenhum. Pode responder por quê?

– Não – disse Rose, lentamente. – Não posso. Do que você está falando?

– Está tudo muito bem, dizer que se nós removêssemos o parasita teríamos crescimento ilimitado e viveríamos em paz até o dia em que nos cansássemos de ser tão grandes ou tão velhos e acabássemos com tudo. Mas, quantos milhões de anos já se passaram desde a última vez que o corpo humano pôde crescer assim, sem restrições? Será que ele ainda o conseguiria? A química corporal está ajustada para isso? Será que ainda temos as... coisas apropriadas, como é que se diz?

– As enzimas.

– Pois é, as enzimas. Não, não temos: tornou-se impossível para nós. Se por algum motivo essa inteligência parasita, como Harg Tholan a denominou, abandonar o corpo humano, ou se sua relação com a mente humana sofrer algum tipo de desequilíbrio, o nosso corpo recomeça a crescer, mas de forma desordenada. E a esse crescimento denominamos câncer. E aí está. Não temos como nos livrar do parasita. Vamos ter que ficar juntos por toda a eternidade. Para que os extraterrestres se vejam livres da Morte por Inibição terão que varrer da face da Terra todas as espécies vertebradas. Não existe outra solução para eles, portanto temos que impedir que saibam de tudo isto. Entendeu agora?

Rose tinha a boca seca. Falou com dificuldade.

– Entendi, Drake. – Ela notou que a testa do marido estava úmida e que havia uma linha de suor por sobre o seu lábio superior. – agora você vai ter que... tirá-lo do apartamento.

– É tarde da noite, não terei muito trabalho para retirá-lo do prédio. Depois... – Ele virou-se para ela. – Não sei quando volto.

– Entendo, Drake – disse ela novamente.

Harg Tholan era pesado. Drake teve que arrastar seu corpo

através do apartamento. Rose virou o rosto, com náuseas. Escondeu os olhos com a mão até ouvir a batida da porta da frente. Murmurou para si mesma: "eu entendo, Drake".

Eram três da madrugada. Quase uma hora se passara desde que a porta se fechara atrás de Drake e de seu fardo. Ela não sabia para onde ele tinha ido, para onde pretendia ir...

Ficou sentada, mergulhada numa espécie de torpor. Não tinha vontade de dormir; nenhum desejo de se mover. Sua mente girava num círculo estreito, evitando estender-se até aquele pensamento, aquela coisa que ela sabia mas que não queria saber. Parasitas da mente! Seria apenas uma coincidência, ou algum tipo obscuro de memória racial, algum tênue mas resistente fiapo de tradição ou de percepção a se estender desde o passado através de incontáveis milênios, mantendo vivo o mito primal da origem humana? Rose pensou: havia mesmo duas inteligências na Terra. Havia os seres humanos do Jardim do Éden e havia a serpente, que "era mais astuta do que qualquer outro animal da Terra". A serpente infectou o homem e, em consequência disso, perdeu seus membros. Seus atributos físicos tornaram-se supérfluos. E devido a essa contaminação, o Homem foi expulso do Paraíso Terrestre. A morte passou a reinar no mundo.

A despeito dos seus esforços, Rose não pôde continuar fugindo àquele pensamento que tentava evitar. Ela o expulsou, e ele voltou a assediar-lhe a mente. Drake. Ela começou a contar em voz baixa, depois passou a recitar os nomes dos objetos que avistava diante de si, depois gritou – Não! Não! Não! – mas aquela ideia voltou, e tornou a voltar. Drake tinha mentido. Sim, tinha sido uma história bastante plausível. Teria se mantido de pé em outras circunstâncias; mas Drake não era um biólogo. O câncer não podia ser, como Drake tinha dito, uma expressão da perda de controle sobre o crescimento normal.

O câncer ataca crianças que ainda estão em pleno processo de crescimento; pode atacar até mesmo tecido fetal. Ataca os peixes, os quais, como os extraterrestres, nunca cessam de crescer durante toda a vida e morrem apenas por doenças ou morte violenta. Ataca plantas, que não têm mente, e não podem ser parasitadas. O câncer

não tem nada a ver com a ausência ou a presença de crescimento normal: era uma doença das espécies vivas em geral, uma doença à qual nenhum tecido de nenhum organismo multicelular pode ser completamente imune.

Ele não precisava ter mentido. Não devia ter permitido que algum tipo obscuro de fraqueza sentimental o fizesse evitar a necessidade de matá-la. Ela iria dizer tudo no Instituto. O parasita podia ser derrotado. Sua ausência não era causa do câncer. Mas... quem acreditaria nela?

Pôs as mãos sobre os olhos. Os homens que desapareciam estavam geralmente no primeiro ano de casamento. Qualquer que fosse o processo de reprodução dos parasitas da mente, devia ser algo que exigisse uma associação muito íntima com outro parasita – um tipo de associação muito próxima e constante que só seria possível se os hospedeiros de ambos estivessem mantendo uma relação semelhante. Como se dá com os casais recém-casados.

Ela podia sentir seus pensamentos vagueando sem direção. As pessoas iam chegar ali. Iam perguntar: onde está Harg Tholan? Ela diria: com meu marido. Só que eles diriam: onde está seu marido? E ele teria ido embora para sempre. Por que agora já não precisava dela. Nunca voltaria. Nunca seria encontrado, porque estaria longe, no espaço. Ela iria até o Departamento de Pessoas Desaparecidas e prestaria queixa do desaparecimento de Drake Smollett e Harg Tholan.

Queria chorar, mas não conseguia. Seus olhos estavam secos, e o esforço para derramar lágrimas fazia apenas com que ardessem. Aí ela começou a rir, e não conseguia parar. Era tudo muito engraçado. Tinha procurado as respostas para tantas perguntas e no final tinha encontrado todas elas. Tinha encontrado até mesmo a resposta para a pergunta que parecia não ter nada a ver com todo aquele assunto.

Tinha descoberto, finalmente, por que motivo Drake casara com ela.

SALLY

Sally estava se aproximando pela estrada que passa junto ao lago; acenei para ela e chamei seu nome. Sempre gosto de ver Sally. Gosto de ver todos eles, vocês me entendem; mas Sally é a mais bela de todos. É coisa que não se discute.

Ela moveu-se mais rápido depois do meu aceno. Nada exagerado; ela não faz esse gênero. Apenas um pouquinho mais rápido, para demonstrar que ela também estava alegre por me ver.

Virei-me para o homem que estava ao meu lado.

– Aquela ali é Sally – falei.

Ele sorriu e fez um aceno com a cabeça.

Foi a Sra. Hester quem o trouxe; aproximou-se de mim e disse:

– Este é o Sr. Gellhom, Jake. Você lembra, ele mandou uma carta pedindo para marcar um encontro com você.

Lá vou eu perder meu tempo conversando. Tenho um milhão de coisas para cuidar aqui na Fazenda, não posso perder meu tempo atendendo a qualquer sujeito que escreve uma carta. É para isto que tenho a Sra. Hester. Ela vive aqui pertinho, sabe cuidar dessas miudezas sem ter que me consultar a todo instante e, o que é mais importante, gosta de Sally e de todos os outros. Há pessoas que não gostam.

– Prazer em vê-lo, Sr. Gellhom – falei.

– Raymond J. Gellhom – disse ele, e cumprimentou-me com um aperto de mão.

Era um sujeito grande, com o nariz à altura da minha testa e bem mais largo do que eu. Teria metade da minha idade, ou seja, uns trinta e poucos. Cabelo preto, lustroso e penteado, repartido no meio, e um bigodinho bem aparado. Seus maxilares eram volumosos embaixo das orelhas, dando a impressão de que ele estava com um princípio de caxumba. No vídeo ele seria o tipo ideal para interpretar o vilão, portanto achei que seria um bom sujeito. Isto mostra que o vídeo não pode estar errado o tempo todo.

– Sou Jacob Folkers – falei. – o que posso fazer pelo senhor?

Ele sorriu. Um sorriso claro, largo, de dentes brancos.

– Pode me contar algumas coisas aqui sobre a Fazenda, se não for incômodo.

Ouvi Sally se aproximando, às minhas costas, e estendi a mão. Ela deslizou macia para junto de mim e senti na minha palma a superfície brilhante e esmaltada de seu para-lama.

– Um belo automóvel – disse Gellhom.

Pode-se dizer que sim. Sally era um conversível 2045 com um motor positrônico Hennis-Carleton e um chassi Armat. Tinha as linhas mais sóbrias e elegantes que eu já vi em qualquer modelo. Durante os últimos cinco anos ela tinha sido minha favorita. Eu era capaz de qualquer coisa por Sally. Durante todo esse tempo, nenhum ser humano tinha sentado ao seu volante. Nem uma vez sequer.

– Sally – falei, dando umas palmadinhas em seu capo, apresento-lhe o Sr. Gellhom.

O ronronar do motor aumentou um pouquinho, mas não ouvi nenhuma daquelas pequenas detonações que vinha escutando ultimamente nos outros motores. Mudar de gasolina não tinha surtido efeito, mas em todo caso Sally, naquele instante, foi perfeita.

– O senhor põe nomes em todos os carros? – perguntou Gellhom.

Havia na voz dele um tom de quem estava se divertindo, e a Sra. Hester não gosta de gente que faz gracejos com a Fazenda. Foi ela quem respondeu, cortante:

– Claro que sim. Os carros têm personalidade própria, não é, Jake? Os sedãs são masculinos; os conversíveis, femininos.

Gellhom continuava sorrindo.

– E a senhora os guarda em garagens separadas?

A Sra. Hester o encarou sem dizer nada. Gellhom virou-se para mim.

– Posso falar-lhe a sós, Sr. Folkers?

– Isso aí depende – respondi. – o senhor é jornalista?

– Não. Nem agente de vendas. Nada do que conversarmos será publicado. Posso garantir-lhe que estou interessado no máximo de sigilo.

– Vamos andar um pouco pela estrada. Ali adiante há um banco

onde podemos sentar.

Começamos a caminhar. A Sra. Hester voltou para a casa, e Sally pôs-se em movimento, devagarinho, acompanhando nossos passos.

– Não se incomoda se Sally vier conosco, não? – perguntei.

– De jeito nenhum. Afinal, ela não pode contar para ninguém o que conversamos, não é? – Ele riu alto com a própria piada e, estendendo a mão, tocou na lateral de Sally.

O motor de Sally deu um rugido profundo e Gellhom retirou a mão bem depressa.

– Ela não está acostumada com gente estranha – expliquei. Sentamos no banco embaixo do velho carvalho. Dali dava para avistar toda a extensão do pequeno lago e a rodovia particular que tínhamos do lado oposto. Era um dia quente, os carros estavam do lado de fora, distraindo-se – uns trinta deles, pelo menos. Mesmo a distância eu podia ver que Jeremiah estava entregue à sua brincadeira de costume, acompanhando em marcha lenta um dos modelos mais sérios, mais antigos, e de repente arrancando em plena potência, cantando pneus e o ultrapassando com estridência em questão de segundos. Há duas semanas ele tinha assustado o velho Angus, fazendo-o perder a direção e sair do asfalto; aí tive que desligar seu motor por dois dias. Pelo que vejo agora, não adiantou muito; parece que não há nada a fazer. Jeremiah é um desses modelos esportivos, eles são assim mesmo, dão o maior trabalho.

– Muito bem, Sr. Gellhom – falei. – Quais são as informações que deseja?

Mas o cara estava distraído, olhando em redor.

– Que lugar fantástico, Sr. Folkers.

– Pode me chamar de Jake. Todo mundo chama.

– OK, Jake. Quantos carros você tem aqui?

– Cinquenta e um. Todo ano chegam mais um ou dois. Houve um ano em que vieram cinco. Até agora não perdemos nenhum. Estão todos funcionando perfeitamente, Temos até mesmo um Mat-o-Mot de 2015 em perfeito funcionamento. Um dos primeiros automáticos. Foi o primeiro carro que trouxemos para cá. O velho

Matthew. Agora ele costumava ficar na garagem a maior parte do dia, afinal de contas ele era o avô de todos os carros positrônicos. Da época em que os carros automáticos eram utilizados apenas por veteranos de guerra, paraplégicos e chefes de Estado. Mas naquela época Samson Harridge era meu patrão, ele era rico o bastante para ter um carro automático. Eu era seu chofer.

Pensar naquilo fez com que me sentisse velho. Sou do tempo em que não existia um único automóvel no mundo capaz de encontrar sozinho o caminho de casa. Já dirigi umas coisas enormes e desajeitadas cujo motorista não podia tirar as mãos do volante por um só momento. Monstrengos desse tipo matavam dezenas de milhares de pessoas todo ano.

Os automáticos resolveram esse problema. Um cérebro positrônico pode reagir muito mais rápido do que um cérebro humano, claro, e as pessoas não tinham que manter as mãos nos controles o tempo inteiro. Sentavam ao volante, digitavam as instruções sobre o trajeto e o carro fazia o resto sozinho.

Hoje em dia todo mundo já está acostumado, mas eu me lembro de quando surgiram as primeiras leis retirando das autoestradas os carros velhos e só autorizando viagens em carros automáticos. Deus do céu, que balbúrdia. Disseram que isso era fascismo, que era comunismo, mas o fato é que as estradas ficaram muito mais tranquilas e as mortes por acidente pararam como por encanto; um número muito maior de pessoas passou a viajar com muito mais segurança.

Claro que os automáticos eram de dez a cem vezes mais caros do que os carros manuais, e não havia muita gente que pudesse pagar esse preço. A indústria começou a derivar para a produção de ônibus automáticos. A qualquer momento você podia chamar uma empresa e em poucos minutos ter um desses ônibus à sua porta, indo na direção que você queria. Você tinha que viajar ao lado de outras pessoas que iam para o mesmo lado, mas qual era o problema?

Samson Harridge, no entanto, tinha um automóvel particular, e eu fui contra ele desde o instante em que o vi. Naquele tempo, eu não via o tal carro como "Matthew", não podia imaginar que ele se

tornaria no futuro o decano de nossa Fazenda. A única coisa que eu sabia era que aquele carro ia me jogar no desemprego, por isto o odiei. Falei:

– Bem, acho que não vai mais precisar de mim, Sr. Harridge.

– Ora, Jake, que bobagem está me dizendo? – foi a resposta dele. – Você não está pensando que vou deixar essa geringonça tomar conta de mim, não é mesmo? Você é quem vai ficar ao volante.

Eu falei:

– Mas esse carro funciona sozinho, Sr. Harridge. Ele capta e analisa a imagem da estrada, evita os obstáculos, sejam eles carros ou pedestres, e arquiva os trajetos na memória.

– Sim, é o que dizem. Mesmo assim, prefiro que você esteja sentado ao volante, no caso de alguma coisa não correr bem.

É engraçado como a gente pode chegar a se afeiçoar a um carro. De um dia para o outro eu já o tinha batizado de Matthew e passava a maior parte do tempo dando polimento nele, checando o motor. Um cérebro positrônico funciona melhor quando está em contato permanente com o seu "corpo", ou seja, o chassi, de modo que ajuda bastante se a gente mantiver o tanque cheio para que o motor possa ficar ligado dia e noite. Depois de algum tempo acostumei-me tanto àquilo que bastava ouvir o som do motor para saber como Matthew estava se sentindo.

O Sr. Harridge também gostava muito de Matthew, ao seu modo. Ele não tinha ninguém mais para gostar. Tinha ficado sem três esposas, através da viuvez ou do divórcio; e acabou vivendo mais tempo do que cinco filhos e três netos. Desse modo, quando morreu não foi surpresa para ninguém que ele fizesse converter suas propriedades numa Fazenda para Automóveis Aposentados, onde eu era o curador e Matthew o primeiro membro de uma família que viria a se tornar ilustre.

Minha vida passou a ser apenas isso. Nunca me casei. Você não pode ser casado e ao mesmo tempo se dedicar a carros automáticos de uma maneira adequada.

Os jornais acharam toda esta história muito cômica, mas depois de algum tempo pararam de fazer piadas a respeito. Acho que com

certas coisas não se deve fazer piadas.

Talvez você nunca seja rico o bastante para ter um carro automático, mas, creia-me: a gente acaba sentindo por eles uma espécie de amor. Eles são competentes no que se refere a trabalho, e ao mesmo tempo são muito afetivos. É preciso ser um sujeito sem coração para maltratar um deles ou para vê-los sendo maltratados e não fazer nada.

Do modo como as coisas evoluíram, com o correr dos anos, qualquer sujeito que tinha um automático e não tinha herdeiros acabava enviando-o para a Fazenda quando morria: lá ele seria bem cuidado.

Expliquei tudo isto a Gellhom.

Ele exclamou:

– Cinquenta e um carros! Isto é uma fortuna.

– Cinquenta mil cada um, em termos de investimento original – falei. – Valem muito mais agora. Fiz uma porção de coisas por eles.

– Deve ser caríssimo manter esta Fazenda.

– É verdade. A Fazenda é uma organização sem fins lucrativos, o que reduz nossos impostos; além disso, os novos carros que chegam aqui geralmente trazem consigo novos recursos. Mesmo assim as despesas são cada vez maiores. Tenho que cuidar da conservação do local, asfaltar pistas novas e reparar as antigas. Tem ainda a gasolina, o óleo, a manutenção, novos acessórios... Tudo isso pesa.

– E o senhor se dedica a isso há muitos anos.

– Trinta e três, Sr. Gellhom.

– Não me parece que tenha muita vantagem com esse emprego.

– Não? O senhor me surpreende, Sr. Gellhom. Eu tenho Sally, além de outros cinquenta. Dê uma olhada nela.

Eu estava sorrindo. Não podia evitar. Sally estava tão linda e reluzente que chegava a dar um aperto na garganta. Algum inseto devia ter morrido esmagado de encontro ao para-brisa, ou um salpico de lama tinha ficado pregado ali, porque Sally estava em plena atividade. Apareceu um pequeno tubo que lançou Tergosol sobre o vidro, espalhando-o sobre a fina película de silicone que o

recobria. No mesmo instante os limpadores foram acionados, limpando o vidro e empurrando a água na direção do pequeno canal lateral por onde gotejou até o chão, sem que um só pingo caísse sobre o capo verde reluzente. Os limpadores e o tubo retornaram aos seus nichos e desapareceram.

– Nunca vi um automático assim – disse Gellhom.

– Sei que não – falei. – Criei este sistema especialmente para os nossos carros. Eles são limpos. Estão o tempo inteiro dando polimento nos vidros. Eles gostam. Em Sally cheguei a instalar jatos de cera. Ela passa a noite inteira dando brilho em si própria, no dia seguinte você pode até se barbear olhando para ela. Se eu arranjar dinheiro vou instalar o mesmo sistema nas outras. Os conversíveis são umas garotas muito vaidosas.

– Posso lhe dizer como conseguir esse dinheiro, se isso lhe interessa.

– Sempre interessa. O que é?

– Não é óbvio, Jake? Cada um dos seus carros vale no mínimo cinquenta mil dólares, como você mesmo disse. Sou capaz de apostar que o preço de muitos deles se conta em seis dígitos.

– E...?

– Já pensou em vender alguns? Balancei a cabeça.

– Talvez não perceba, Sr. Gellhom, mas não posso vender nenhum deles. Pertencem à Fazenda, não a mim.

– O dinheiro iria para a Fazenda.

– Os estatutos da Fazenda estabelecem que os carros recebam cuidados perpétuos. Eles não podem ser vendidos.

– E quanto aos motores?

– Não entendi.

Gellhom mudou de posição e sua voz tornou-se confidencial.

– Olhe aqui, Jake, deixe-me explicar a situação. Existe um grande mercado de automáticos particulares por aí, desde que o preço deles possa ser reduzido até um certo nível, OK?

– Todo mundo sabe disso.

– E o motor representa noventa e nove por cento do custo desses carros, certo? Bem, sei onde conseguir um fornecimento de chassis. E também sei onde podemos vender os automáticos,

depois de prontos, a um bom preço... vinte ou trinta mil os modelos mais baratos, cinquenta ou sessenta os mais caros. Tudo de que preciso são os motores. Percebeu?

– Não, Sr. Gellhom.

Eu tinha percebido, mas queria que ele dissesse de viva voz.

– Estão aqui. Você tem cinquenta e um deles. Você é um mecânico especializado, Jake. Tem que ser. Você pode retirar um motor e colocá-lo em outro carro, e ninguém veria a diferença.

– Não seria muito ético.

– Você não estaria fazendo mal a ninguém, inclusive aos carros. Estaria fazendo um favor a eles. Use seus carros mais velhos. Use aquele Mat-o-Mot.

– Ora, ora, espere aí, Sr. Gellhom. Motores e corpos não são duas coisas separadas. Eles são uma unidade. Estes motores estão acostumados aos corpos que têm. Não ficariam felizes em outros carros.

– Certo, Jake. Bem pensado. Muito bem pensado. Seria mais ou menos como pegar sua mente e colocá-la no crânio de outro cara, certo? Você não ia gostar disso.

– Não creio que gostasse. Não mesmo.

– Mas, e se eu pegasse sua mente e a colocasse no corpo de um jovem atleta? Hem? O que me diz, Jake? Você não é mais um garoto. Se tivesse a chance, você não gostaria de se sentir com vinte anos novamente? Pois é isso que eu estou oferecendo a alguns de seus motores positrônicos. Eles serão transportados para corpos novinhos em folha, corpos de 2057. A última palavra.

Dei uma risada.

– Isso não faz muito sentido, Sr. Gellhom. Alguns dos nossos carros podem ser velhos, mas são muito bem cuidados. Ninguém os dirige. Têm permissão para fazer o que querem. Eles estão aposentados, Sr. Gellhom. Eu não gostaria de me transformar num garoto de vinte anos se com isso tivesse que passar o dia cavando valetas durante o resto da vida e me alimentando mal... Hem, Sally? O que você acha?

As duas portas de Sally se abriram e fecharam com um barulho amortecido.

– O que diabo foi isso? – disse Gellhom.

– É desse jeito que ela ri.

Gellhom forçou um sorriso. Acho que ele pensou que era piada minha.

– Vamos falar sério, Jake – disse. – Carros são feitos para a gente dirigir.

Provavelmente não ficam felizes se não têm alguém a dirigi-los.

– Sally não é dirigida por ninguém há cinco anos – respondi. – E ela não me parece infeliz.

– Será?

Ele ficou de pé e foi caminhando na direção de Sally.

– Ei, Sally... que tal um passeiozinho?

– O motor de Sally zumbiu com mais força e ela recuou.

– Não vá muito forte, Sr. Gellhom – falei. – Sally é um pouco arisca.

Dois sedãs estavam na estrada, a uns cem metros de distância. Tinham parado e permaneciam ali. Talvez estivessem observando a cena, lá ao modo deles. Não me importei.

Tinha meus olhos fitos em Sally e os mantive ali.

Gellhom estava dizendo:

– Calma, Sally. Calma.

Parou ao lado dela e estendeu a mão para a maçaneta. Puxou. A porta não cedeu.

– Esta porta abriu há um minuto! – disse ele.

– Tranca automática – repliquei – Essa Sally. Ela tem um senso de privacidade muito grande.

Gellhom ficou calado. Depois disse, devagar, deliberadamente:

– Um carro com senso de privacidade não devia andar à solta por aí.

Começou a se afastar dela, mas, no meio de um passo, saltou para trás, tão rápido que eu não pude esboçar qualquer gesto. Também pegou Sally de surpresa, porque abriu a porta num puxão, Sentou-se ao volante e desligou a ignição antes que ela pudesse impedi-lo.

Pela primeira vez em cinco anos o motor de Sally parou de funcionar.

Gritei. Mas Gellhom já tinha transferido o controle para "Manual" e bloqueado os comandos. Ligou o motor. Sally estava viva novamente, mas sem liberdade de ação.

Ele guiou ao longo da estrada. Os sedãs continuavam parados no mesmo lugar de antes. Ante a aproximação de Sally eles fizeram uma manobra lenta, mas sem desimpedir totalmente o caminho. Achei que eles também estavam meio perplexos com o que sucedia.

Um deles era Giuseppe, de uma fábrica de Milão, e o outro era Stephen. Andavam sempre juntos. Ambos eram novos na Fazenda, mas já estavam lá há tempo suficiente para saber que ninguém pilotava os nossos carros.

Gellhom seguiu em frente, na direção deles, e quando os sedãs finalmente perceberam que Sally não ia diminuir a velocidade – que ela não podia diminuir a velocidade – era quase tarde demais.

Cada um jogou-se para um lado, e Sally passou entre eles como um raio. Steve arrebentou a cerca que circunda o lago e derrapou na grama enlameada, conseguindo frear a apenas alguns centímetros da água. Giuseppe sacolejou sobre o terreno irregular do acostamento até conseguir parar, meio de viés.

Corri até Steve e o ajudei a vir de volta para a estrada, e estava tentando verificar se o choque com a cerca lhe tinha causado algum dano quando Gellhom retornou.

Abriu a porta de Sally e saiu. Inclinando-se, desligou a ignição mais uma vez.

– Isso – falou – acho que esse passeio fez bem à nossa garota.

Tentei me controlar.

– Por que jogou Sally de encontro aos sedãs? Não havia motivo para isso.

– Achei que eles sairiam do caminho.

– Pois é, saíram. Um deles bateu na cerca.

– Sinto muito, Jake – disse ele – achei que eles seriam mais rápidos. Sabe como é. Ando muito de ônibus, mas só andei em carros automáticos particulares duas ou três vezes em minha vida. Esta foi a primeira vez que dirigi um. Isso é para você ver, Jake: quase fiquei maluco dirigindo um carro desses, e olhe que eu sou um sujeito durão. Posso lhe garantir: basta que a gente fique vinte

por cento abaixo do preço de mercado e todo mundo vai querer esses carros. Noventa por cento de lucro.

– Que a gente dividiria.

– Claro! Meio a meio. E sou eu quem corre todos os riscos, não esqueça.

– Está bem. Escutei o que você falou, agora é você quem me escuta. – Ergui a voz, porque eu já estava furioso demais para me preocupar em ser educado. – Quando você desligou o motor de Sally, você a magoou. Gostaria que alguém o nocauteasse de repente? Pois é isso que você faz a Sally quando a desliga.

– Está exagerando, Jake. Os automatônibus são desligados diariamente.

– Sei muito bem disso, e é exatamente por essa razão que não quero meus rapazes e minhas garotas enfiados em seus belos chassis 2057, onde eu não sei que tipo de tratamento eles vão receber. Ônibus precisam de consertos sérios em seus circuitos positrônicos de dois em dois anos. O velho Matthew está há vinte anos sem que ninguém toque seus circuitos. Você pode lhe oferecer algo que se compare com isso?

– Ora, ora, você está nervoso. Pense na minha proposta depois que esfriar a cabeça e me telefone.

– Já pensei tudo que tinha de pensar. Se eu o avistar aqui outra vez, chamarei a polícia.

A boca dele se endureceu, fazendo-o de repente ficar muito mais feio. Ele disse:

– Olhe aqui, velhote...

– Olhe aqui digo eu. Isto é uma propriedade particular, e estou lhe dizendo que caia fora.

Ele encolheu os ombros.

– Tudo bem. Então... adeus.

– A Sra. Hester o levará ao portão – falei. – E esse adeus é pra valer.

Mas não foi. Voltei a vê-lo dois dias depois. Dois dias e meio, na verdade, porque era cerca de meio-dia quando tivemos esse nosso primeiro encontro. Era pouco depois da meia-noite quando o encontrei novamente.

Sentei na cama quando ele acendeu a luz do quarto e pisquei, meio ofuscado, até entender o que estava acontecendo. Quando consegui enxergá-lo direito, não foram necessárias muitas explicações. Nenhuma, para ser sincero. Ele tinha uma pistola minúscula na mão direita, o cano ameaçador aparecia entre dois dedos cerrados. Eu sabia que ele precisava apenas aumentar a pressão dos dedos e eu voaria em pedaços.

Ele disse:

– Vista a roupa, Jake.

Não me movi. Fiquei só olhando para ele. Ele insistiu:

– Vamos, Jake. Eu conheço isto aqui. Vim aqui há dois dias, lembre-se. Aqui não há guardas, nem cercas elétricas, nem alarmes. Nada.

– Não preciso disso – retruquei – aliás, não há nada aqui que o impeça de dar meia-volta e ir embora, Sr. Gellhom. Era o que eu faria se fosse o senhor. Este lugar pode se tornar perigoso.

Ele riu.

– E é, para alguém que está do lado errado de uma pistola.

– É, estou vendo que tem uma.

– Então mexa-se. Meus homens estão esperando.

– Não, Sr. Gellhom. Não enquanto não me disser o que quer que eu faça. E mesmo

assim...

– Eu lhe fiz uma proposta anteontem.

– A resposta ainda é não.

– Fiz umas pequenas modificações na proposta original. Vim até aqui com alguns homens e um automatônibus. Você tem a chance de vir comigo e desligar vinte e cinco dos motores positrônicos. Não me interessa quais. Nós o colocamos no ônibus e caímos fora daqui. Depois que fecharmos nossos negócios, darei um jeito para que você receba uma boa recompensa.

– E me dá sua palavra de honra, claro.

Ele não demonstrou perceber meu sarcasmo. Disse apenas:

– Sim.

– A resposta é não.

– Se insistir, então eu vou fazer as coisas ao meu modo. Eu

próprio retirarei os motores... só que terei que desligar todos. Cinquenta e um. Todos eles.

– Desconectar e retirar motores positrônicos não é algo assim tão fácil, Sr. Gellhom. O senhor é por acaso um especialista em robótica? Mesmo que seja, sabe, estes motores foram modificados por mim.

– Sei disso, Jake. E, para ser sincero, não sou um especialista. Posso danificar alguns motores ao tentar retirá-los. É por isso que vou ter que mexer em todos eles caso você não coopere. Talvez, no final de tudo, eu consiga ter em mãos vinte e cinco motores em condições de funcionar. Os primeiros em que mexer vão sofrer o diabo, enquanto eu pego o jeito, sabe como é. E se eu mesmo tiver que fazer o serviço... o primeiro que vou tentar vai ser o de Sally.

– Não acredito que esteja falando sério, Sr. Gellhom.

– Estou falando sério, Jake. – Ele deixou que aquelas palavras fossem se impregnando lentamente em meu cérebro – se me ajudar, pode ficar com Sally. Se não, ela corre o risco de sofrer uma avaria muito séria. É uma pena.

– Está bem – falei, vou com vocês. Mas vou dar um último aviso. Está se metendo em encrenca, Sr. Gellhom.

Ele achou isto muito engraçado. Ria baixinho enquanto descemos juntos as escadas.

Havia um automatônibus esperando na estrada, do lado de fora das garagens apartamentos. Três vultos estavam parados junto dele, e quando nos aproximamos eles apontaram lanternas em nossa direção.

Gellhom ergueu a voz:

– Já peguei o velho. Vamos agir. Tragam o ônibus mais para perto e vamos começar.

Um dos homens subiu no ônibus, digitou as instruções no painel de comando. Caminhamos ao longo da estrada, enquanto o ônibus nos seguia, obediente.

– Ele não vai poder entrar na garagem – avisei. – Não passa na porta. Só temos automóveis aqui, nenhum ônibus.

– Tudo bem – disse Gellhom. – Mandem-no atravessar esse canteiro de grama e esperar do outro lado, onde não possa ser

visto.

Eu podia ouvir o ronronar dos motores dos carros quando ainda estávamos a uns quinze metros da garagem.

Geralmente eles se aquietavam no momento em que eu entrava na garagem, mas desta vez foi diferente. Acho que eles sabiam que havia gente estranha por perto, e no instante em que os rostos de Gellhom e dos outros se tornaram visíveis o barulho aumentou. Cada motor emitia um barulho profundo, cada um deixava escapar aquelas pequenas detonações, a ponto de aquilo parecer uma rajada de metralhadora.

As luzes se acenderam automaticamente quando pisamos no chão da garagem. Gellhom não parecia preocupado com o barulho feito pelos carros, mas os três homens que estavam com ele pareciam perplexos e pouco à vontade. Tinham aquela aparência de assaltantes de aluguel... algo que não dependia tanto das feições, mas de uma certa fadiga no olhar e uma sordidez no rosto. Eu conhecia esse tipo. Não me preocupei.

Um deles disse:

– Porra, estão queimando gasolina. – meus carros são assim – retruquei, empertigado.

– Mas não hoje – disse Gellhom. – Desligue todos.

– Não é assim tão fácil, Sr. Gellhom – falei.

– Vamos!

Ele tinha a pistola apontada para mim. Não me mexi. Apenas disse.

– Já lhe falei, Sr. Gellhom, que meus carros são muito bem tratados desde o instante em que chegam aqui na Fazenda. Eles estão acostumados a isso, e estranham muito quando alguém os trata de modo diferente.

– Você tem um minuto – disse ele. – Deixe a aula para depois.

– Só estou querendo explicar. Meus carros entendem o que eu falo. Um motor positrônico é capaz disso, mediante tempo e paciência. Meus carros aprenderam. Sally entendeu o que o senhor estava falando dois dias atrás. Pode se lembrar que ela riu quando eu lhe pedi uma opinião. Ela também tem consciência do que o senhor lhe fez. O mesmo acontece com os dois sedãs. E todos os

outros sabem muito bem o que fazer diante de assaltantes em geral.

– Olhe aqui, seu velho maluco...

– Tudo que eu tenho a dizer é... – Ergui a voz. – Peguem-nos! Um dos homens amarelou e soltou um grito, mas o som de sua voz foi absorvido completamente pelo clamor de cinquenta e uma buzinas soando ao mesmo tempo. Mantiveram essas notas soando, ecoando entre as quatro paredes da garagem em ecos metálicos e selvagens. Dois carros deram partida e avançaram, não muito depressa, mas não havia dúvida quanto às suas intenções. Dois outros os seguiram logo atrás. Cada carro, em sua divisória, dava aceleradas impacientes, esperando o instante de arrancar. Os assaltantes fitaram aquilo e começaram a recuar.

– Não fiquem encostados na parede – gritei.

Parece que eles tinham pensado a mesma coisa, porque partiram às carreiras para a porta da garagem.

Na porta um deles parou, ergueu uma pistola igual à de Gellhom e disparou. Um clarão azulado partiu da arma na direção do primeiro carro. O carro era Giuseppe.

Um risco profundo surgiu no capo de Giuseppe e o lado direito de seu para-brisa se partiu em estilhaços, embora continuasse na posição.

Os homens cruzaram o umbral da garagem, ainda correndo, e de dois em dois os carros emergiram, pondo-se a persegui-los através da escuridão, soando as buzinas como se fossem trompas de caça.

Eu estava segurando Gellhom pelo cotovelo, mas duvido que ele fosse capaz de se mover. Seus lábios estavam trêmulos.

– É por isso que eu não preciso de cercas elétricas ou de guardas – falei – Minha propriedade pode se proteger por si própria.

Os olhos de Gellhom continuavam a acompanhá-los enquanto, de dois em dois, eles surgiam da garagem e mergulhavam na noite. Ele murmurou:

– São assassinos!

– Não. Vão somente dar uma lição aos seus rapazes. Meus carros foram especialmente treinados para efetuar perseguições ao longo deste terreno, prevendo justamente uma eventualidade como

esta. Seus rapazes vão sofrer algo que talvez seja pior do que uma morte rápida. Já foi perseguido por um automóvel?

Gellhom não respondeu. Continuei. Eu não ia perder uma chance como aquela.

– Eles vão avançar como sombras, sem andar mais rápido do que os seus rapazes, caçando-os aqui, bloqueando sua passagem ali, iluminando-os com os faróis, atacando, evitando-os por uma questão de centímetros, por entre o rangido dos pneus e o ronco do motor. Vão sustentar isto até que seus rapazes caiam um por um, sem respiração, semimortos, esperando que as rodas esmaguem seus ossos. Mas meus carros não vão fazer isso. Vão fazer meia-volta e retornar. Pode apostar, no entanto, que esses três sujeitos jamais voltarão aqui enquanto estiverem vivos, nem por todo o dinheiro que alguém lhes ofereça, ou dez vezes isso. Ouça...

Apertei mais forte seu cotovelo e Gellhom alongou o pescoço para escutar. Perguntei:

– Está ouvindo? As portas batendo? Era um ruído distante, mas inconfundível.

– Estão rindo – falei – Estão se divertindo.

O rosto de Gellhom se contorceu de raiva. Ele ergueu a mão: ainda segurava a pistola.

– Se eu fosse o senhor não faria isso – adverti – ainda há um carro aqui conosco.

Acho que ele ainda não havia reparado na presença de Sally. Ela tinha se aproximado tão silenciosamente! Embora seu para-lama dianteiro quase me tocasse, eu não podia ouvir seu motor. Ela parecia estar prendendo a respiração.

Gellhom soltou um grito.

– Ela não vai tocá-lo... enquanto eu estiver aqui. Mas se me matar, bem, sabe que Sally não vai muito com a sua cara.

Gellhom virou a arma na direção de Sally.

– O motor dela é blindado – expliquei. – antes que possa dar o segundo tiro ela já o terá alcançado.

– Então está bem – gritou ele, e antes que eu pudesse reagir agarrou meu braço e o torceu para trás, com tal violência que mal pude me segurar. Ele me colocou entre ele e Sally, sem diminuir a

pressão. Falou:

– Me acompanhe e não se meta a esperto, vovô, ou eu arranco seu braço do ombro.

Tive que obedecer. Sally nos acompanhou a distância, preocupada, sem saber ao certo o que fazer. Tentei dizer-lhe algo mas não pude. Só conseguia trincar os dentes e gemer.

O automatônibus de Gellhom estava do lado de fora da garagem. Ele me forçou a entrar e entrou atrás, trancando as portas.

– Agora sim. Vamos ter uma conversa – disse.

Eu estava esfregando meu braço, tentando fazer voltar a circulação, e mesmo numa hora como esta meus olhos, quase automaticamente, estavam olhando e avaliando o painel de controle do ônibus.

– Este ônibus foi refeito numa oficina – comentei.

– E daí? – replicou ele em tom cáustico – É uma amostra do meu trabalho. Apanhei um chassi de segunda mão, encontrei um cérebro positrônico em condições de uso e pronto, tenho um ônibus particular. Qual é o problema?

Fui até o painel e puxei a placa corrediça que dava acesso ao interior.

– Que diabo você quer? – perguntou Gellhom – Caia fora daí.

Deu uma dolorosa cutelada em meu ombro esquerdo com a quina da mão. Empurrei-o.

– Não vou danificar o ônibus – berrei – Que tipo de gente você pensa que sou? Só quero dar uma olhada nas conexões do motor.

Não precisei olhar muito. Quando me virei para Gellhom estava fumaçando de raiva.

– Seu escroto! Você não podia ter instalado esse motor sozinho. Por que não chamou um profissional de robótica?

– Acha que sou maluco? – perguntou ele.

– Mesmo o motor sendo roubado você não podia ter feito isto. Eu não trataria um homem do jeito que você tratou este motor. Solda, grampos, fita adesiva... É um crime.

– Funciona.

– Sei que funciona, mas para o ônibus deve ser um inferno. Um ser humano pode continuar vivo enquanto sente enxaqueca e artrite

aguda sem parar, mas eu não invejaria essa qualidade de vida. Este carro está sofrendo.

– Cale essa boca!

Gellhom olhou pela janela na direção de Sally, que tinha se aproximado do ônibus o máximo possível. Ele foi até as portas do ônibus e verificou que continuavam trancadas.

– Vamos cair fora daqui – disse, antes que os outros carros voltem. Vamos para longe.

– Isso vai lhe ajudar em quê?

– A gasolina de seus carros vai acabar um dia. Você não lhes ensinou a ir ao tanque e servir-se, não é mesmo? Mais tarde nós voltaremos para terminar nosso trabalho.

– As pessoas vão estar à minha procura – falei – a Sra. Hester vai chamar a polícia.

Mas o sujeito estava fora do alcance da voz da razão. Apertou um botão e o ônibus arrancou para a frente. Sally o acompanhou. Gellhom deu uma risada.

– O que ela pode fazer? Você está aqui comigo.

Sally dava a impressão de também saber disso. Acelerou, ultrapassou o ônibus e sumiu lá na frente. Gellhom abriu a janela que ficava do seu lado e cuspiu para fora.

O ônibus seguiu ao longo da estrada escura, com o motor roncando de modo irregular. Gellhom reduziu todas as luzes até a faixa verde-fosforescente no meio da rodovia ser o único ponto de referência que nos mantinha no caminho certo, brilhando ao luar. Já tínhamos alcançado a estrada principal, mas praticamente não havia tráfego.

Dois carros passaram por nós, indo na direção oposta, e não havia nenhum outro seguindo na mesma faixa, fosse à frente ou atrás de nós.

A primeira coisa que ouvi foram as batidas das portas. Rápidas e nítidas em meio ao silêncio, primeiro do nosso lado direito, depois do esquerdo. As mãos de Gellhom estavam trêmulas quando ele apertou os botões de aceleração. Um facho de luz projetou-se por entre um grupo de árvores, cegando-nos. Outro facho surgiu de trás, colhendo o ônibus em cheio. Num cruzamento, uns quatrocentos

metros adiante, ouviu-se um scriiich!... quando um carro arrancou para se interpor em nosso caminho.

– Sally foi buscar os outros – falei – acho que você está cercado.

– E daí? O que podem fazer?

Debruçou-se sobre os controles, espreitando através do para-brisa. Murmurou:

– E não se meta a esperto, vovô.

Eu não podia. Estava nos limites de minha resistência física, meu braço estava em fogo. O som dos motores foi aumentando, ficando mais próximo. Eu podia ouvir os motores falhando a intervalos irregulares, produzindo detonações espaçadas, e de repente tive a impressão de que eles estavam se comunicando uns com os outros.

Um clamor de buzinas ergueu-se às nossas costas. Virei-me e Gellhom olhou rapidamente pelo retrovisor. Uma dúzia de carros nos seguia, ocupando ambas as pistas da estrada.

Gellhom soltou um grito e começou a rir histericamente.

– Pare! – gritei – Pare o ônibus!

Por que, a uns trezentos metros à nossa frente, perfeitamente visível à luz dos faróis de dois sedãs parados no acostamento, estava Sally, seu belo corpo atravessado na rodovia. Dois dos automóveis que nos seguiam se adiantaram, ocupando a pista da esquerda, evitando que Gellhom tentasse manobrar o ônibus para fazer a volta. Mas ele nem estava pensando nisso. Apertou o botão acelerador e manteve ali o dedo, arremessando o ônibus para diante.

– Agora não tem blefe – berrou. – Este ônibus pesa cinco vezes mais que ela, vovô. Vamos jogá-la para fora da estrada como um gato morto.

Eu sabia que ele podia bater. O ônibus estava em "manual" e o dedo de Gellhom estava enterrado no botão. Ele ia bater. Abaixei uma janela e espichei a cabeça para fora.

– Sally! – berrei com toda força. – Saia da estrada, Sally! Meu grito foi abafado pelo rangido estridente de freios e de pneus queimando o asfalto. Fui arremessado para a frente e ouvi o arquejo

de Gellhom quando perdeu também o equilíbrio.

– O que houve? – gritei

Era uma pergunta idiota. Tínhamos parado. Era isso que tinha acontecido. Sally e o ônibus estavam a menos de dois metros de distância. Com um veículo como aquele, cinco vezes maior que ela, precipitando-se na sua direção, ela não se movera. Oh, Sally. Gellhom batia freneticamente nos controles manuais.

– Tem que funcionar – murmurava. – Tem que funcionar.

– Não vai funcionar, ainda mais do jeito como você instalou o motor, sabe-tudo. Qualquer um dos circuitos pode ter pifado.

Ele me fitou com um olhar carregado de fúria e soltou um rugido gutural, vindo do fundo da garganta. Seu cabelo estava emplastado sobre a testa úmida. Agitou o punho na minha direção.

– Este é o último conselho que você deu na vida, vovô. Percebi que ele ainda tinha a pistola.

Pressionei as costas de encontro às portas do ônibus, vendo-o erguer devagar a arma, e quando a porta se abriu de repente deixei-me cair para trás, tombando no chão com um ruído surdo. Ouvi a porta fechar-se de novo.

Fiquei de joelhos e olhei ainda a tempo de ver Gellhom lutando inutilmente com a janela que se fechava sozinha, e depois erguendo a pistola na direção do vidro.

Não chegou a disparar. O ônibus arrancou para a frente, desequilibrando-o.

Sally não estava mais no meio da estrada. Fiquei olhando as luzes traseiras do ônibus piscando enquanto ele se afastava pela estrada, a toda velocidade.

Eu estava exausto. Fiquei sentado no chão, bem no meio da rodovia. Pousei a cabeça sobre os braços, tentando voltar a respirar normalmente.

Ouvi um carro parar suavemente ao meu lado. Quando ergui os olhos, vi que era Sally. Muito devagar – quase com carinho, eu poderia dizer, sua porta dianteira se abriu.

Ninguém tinha dirigido Sally durante cinco anos, com exceção de Gellhom, claro, e eu sabia muito bem a importância que um carro dava a esse tipo de liberdade. O gesto dela me comoveu, mas eu

disse:

– Obrigado, Sally, mas posso ir num dos carros mais novos. Fiquei de pé e comecei a caminhar na direção oposta, mas, com agilidade, ela fez uma manobra sinuosa e mais uma vez se postou diante de mim. Eu não podia ferir seus sentimentos. Entrei. Seu banco dianteiro tinha o cheiro agradável de um automóvel que faz questão de se manter imaculadamente limpo. Afundei no banco, agradecido. Com uma eficiência rápida e silenciosa, meus meninos e minhas meninas me levaram de volta para casa.

A Sra. Hester me trouxe no dia seguinte uma cópia do noticiário do rádio. Estava cheia de excitação.

– Foi o Sr. Gellhom – disse – o homem que veio vê-lo esta semana.

– O que houve com ele? Temi escutar a resposta.

– Foi encontrado morto – disse ela – Imagine só. Morto, numa vala.

– Ora, pode ter sido outro cara – murmurei.

– Raymond J. Gellhom – disse ela, acidamente – Não pode haver dois, não é mesmo? E a descrição corresponde. Meu Deus, que modo de morrer! Acharam marcas de pneus em seus braços e pelo corpo todo. Imagine! Ainda bem que, pelo que disseram, foi um ônibus. Se não, podiam querer xeretar por aqui.

– Foi aqui perto? – perguntei, ansioso.

– Não... foi perto de Cooksville. Mas, leia você mesmo. Meu Deus do céu... o que aconteceu com Giuseppe?

Fiquei aliviado com a mudança de assunto. Giuseppe estava esperando pacientemente que eu terminasse de aplicar a nova pintura. Já tinha substituído seu para-brisa.

Depois que a Sra. Hester saiu, li os jornais. Não podia haver dúvidas. O médico atestou que Gellhom tinha corrido muito e estava num estado de completa exaustão.

Imaginei por quantas milhas o ônibus teria brincado de gato e rato com ele antes do assalto final. Mas a reportagem não podia imaginar isso, claro.

Eles tinham localizado o ônibus e o identificado pelas marcas dos pneus. A polícia estava tentando averiguar sua procedência.

Depois do noticiário havia um editorial. Naquele ano, era a primeira vítima fatal no tráfego do Estado, e o editorialista fazia graves advertências sobre o perigo de dirigir manualmente durante a noite.

Não havia nenhuma menção aos três asseclas de Gellhom, o que me aliviou. Nenhum dos nossos carros tinha se deixado seduzir, durante o prazer da caçada, até o ponto de matar.

Isso era tudo. Larguei o papel. Gellhom era um criminoso. O modo como tinha tratado o ônibus era brutal. Não havia a menor dúvida em minha consciência de que ele merecia a morte. Mesmo assim, não me senti confortável ao pensar no modo como ele tinha morrido.

Um mês já se passou, a história toda não sai da minha cabeça.

Meus carros conversam entre si. Agora não tenho mais dúvidas. É como se eles tivessem agora uma espécie de autoconfiança: como se não se preocupassem mais em manter segredo a respeito. Seus motores roncam e soltam pequenas detonações o tempo inteiro.

E não falam somente uns com os outros. Falam com os carros e os ônibus que vêm regularmente à Fazenda, trazendo pessoas que vêm tratar de negócios. Há quanto tempo isto vem ocorrendo?

Os outros carros os entendem. O ônibus de Gellhom os entendeu, e não passou ali mais de uma hora. Quando fecho meus olhos, revejo aquela disparada através da rodovia, o ônibus flanqueado pelos nossos carros, que estalavam seus motores até que ele começou a compreender o que diziam, até que parou, deixou-me fugir, e partiu com Gellhom preso no seu interior. Será que meus carros lhe disseram para matar Gellhom? Ou a ideia terá sido dele próprio? Será que um carro pode ter ideias desse tipo? Os projetistas de motores dizem que não.

Mas eles se referem a motores em condições normais. Será que previram tudo?

Carros também podem ser maltratados, vocês sabem.

Alguns deles entram na Fazenda e ficam observando. Ouvem coisas que nunca tinham ouvido antes. Aprendem que em algum lugar existem carros cujos motores nunca param, que nunca são

guiados por homem algum e que recebem tudo de que precisam.

Então, talvez, eles saem dali e falam com outros. Talvez estas notícias estejam se espalhando rapidamente. Talvez comecem a pensar que o mundo inteiro devia ser igual à Fazenda. Eles não entendem, claro. Não se pode esperar que carros entendam coisas como heranças e caprichos de milionários.

Há milhões de automóveis na Terra, dezenas de milhões. Se eles começarem a se convencer de que são escravos, de que devem fazer alguma coisa sobre isto... se eles começarem a pensar do modo como o ônibus de Gellhom pensou naquela noite...

Talvez isso não aconteça durante meu tempo de vida. E mesmo assim eles vão ter que manter um certo número de nós para cuidar deles, não é mesmo? Não vão nos matar a todos.

Ou talvez matem. Talvez não saibam o quanto é importante, para alguém, cuidar deles. Talvez estejam impacientes.

Todo dia de manhã eu acordo e começo a pensar. Talvez, penso, seja hoje...

Não me divirto mais com meus carros como antigamente. Nos últimos tempos, já notei que estou começando a evitar Sally.

VERSOS NA LUZ

A última pessoa deste mundo que alguém julgaria um criminoso era a sra. Avis Lardner. Viúva do grande mártir da Astronáutica, era filantropa, colecionadora de arte, uma extraordinária anfitriã e, todos concordavam, um gênio artístico. Acima de tudo, era o mais gentil e bondoso ser humano que se podia imaginar.

O marido, William J. Lardner, morreu, como todos sabemos, devido aos efeitos da radiação da luz solar, após ter deliberadamente permanecido no espaço, a fim de que uma espaçonave de passageiros pudesse levar seu veículo espacial em segurança à Estação Espacial n°5.

Por isso a sra. Lardner havia recebido uma generosa pensão, a qual investira bem e com muita sabedoria. Ao fim da meia-idade, estava rica.

Sua casa era uma espécie de exposição permanente, um verdadeiro museu, contendo uma coleção de lindas joias, pequena, porém de extremo bom gosto. De uma dúzia de diferentes culturas havia conseguido relíquias de quase toda peça de artesanato concebível que pudessem ser engastadas de joias para servir à aristocracia daquela mesma cultura. Possuía um dos primeiros relógios de pulso, adornado de pedras preciosas, fabricado na América, uma adaga incrustada de pedras preciosas, procedente do Camboja, um par de óculos, decorado com joias, vindo da Itália, e assim por diante, interminavelmente.

Tudo estava aberto ao público. As peças de artesanato não estavam no seguro, e não havia nenhuma providência comum no sentido de garanti-las. Não havia a necessidade de nada convencional, porquanto a sra. Lardner mantinha um corpo de auxiliares, constituído de robôs-servos, a cada um dos quais podia se confiar a guarda de cada um dos objetos, tendo eles imperturbável concentração, irrepreensível honestidade e irrevogável eficiência.

Todos sabiam da existência dos robôs e não há registro de ter algum dia ocorrido alguma tentativa de furto.

E havia também, é claro, sua escultura-luz.

Como a sra. Lardner descobriu seu próprio gênio para a arte, nenhum convidado de suas pródigas reuniões conseguia adivinhar. Contudo, em cada ocasião, quando a sra. Lardner abria a casa para os convidados, uma nova sinfonia de luz percorria os aposentos de um lado ao outro; curvas e sólidos tridimensionais, numa mescla de cores, algumas puras, outras difusas, em surpreendentes efeitos cristalinos que mergulhavam no assombro cada convidado, e que se ajustavam por si mesmos, de forma a embelezar os cabelos macios e azulados e o rosto de contornos pouco definidos da sra. Lardner.

Era por causa da escultura-luz, mais do que por qualquer outra coisa, que os convidados apareciam. Nunca era a mesma duas vezes, e nunca deixava de explorar novos enfoques da arte.

Muitas pessoas que podiam comprar consolo-luz preparavam esculturas-luz por diversão, mas ninguém chegava nem de longe a igualar a perícia da sra. Lardner. Nem mesmo aqueles que se consideravam artistas profissionais.

Ela mesma era encantadoramente modesta a respeito disso – Não, não – dizia ela, quando alguém ressudava lirismo. – Eu não a denominaria "poesia na luz". Isto é ser bondosa demais. No máximo, eu diria que se trata de meros "versos na luz" – e todos sorriam da sutil tirada de espírito.

Embora fosse solicitada frequentemente a fazê-lo, jamais criava "escultura-luz" em outras ocasiões, salvo em suas próprias festas.

– Seria comercialização – costumava dizer.

Contudo, não objetava à preparação de elaborados hologramas de suas esculturas, de forma que se tornassem permanentes e fossem reproduzidos em todos os museus do mundo. Tampouco nunca cobrou nada pelo uso que pudesse ser feito de suas "esculturas-luz".

– Eu não teria coragem de cobrar um centavo – dizia ela, abrindo bem os braços. – É de graça para todos. Afinal de contas, eu mesma a uso durante pouco tempo.

Era verdade, ela nunca utilizava duas vezes a mesma

“escultura-luz”.

Ela própria cooperava quando eram feitos os hologramas. Observando benignamente cada etapa, estava sempre pronta a mandar que os robôs ajudassem.

– Por favor, Courtney, quer ter a bondade de ajustar a escadinha?

Era o seu estilo. Sempre se dirigia aos robôs com a mais formal das cortesias.

Certa ocasião, há muitos anos, quase fora repreendida por um funcionário federal do “Bureau of Robots and Mechanical Men”:

– Não pode fazer isto – disse ele severamente. – Interfere na eficiência deles. São construídos para cumprir ordens e quanto mais claramente lhes der ordens, mais eficientes as cumprirão. Quando pede com elaborada polidez, compreendem com dificuldade que está sendo dada uma ordem. Reagem mais lentamente.

A sra. Lardner ergueu a aristocrática cabeça:

– Não exijo rapidez e eficiência – disse ela – Peço boa vontade. Meus robôs me amam.

O funcionário poderia ter explicado que robôs não podem amar, mas murchou sob o olhar ofendido, ainda que meigo, dela.

Era fato conhecido de todos que a sra. Lardner jamais remeteu um robô à fábrica para ajustamentos. Seus cérebros positrônicos eram de enorme complexidade, e quando saem da fábrica, um em dez não está perfeitamente regulado. Às vezes o desajuste não se revela durante um período de tempo, mas sempre que um engano se manifesta, a “U. S. Robots and Mechanical Men Corporation” efetua a correção gratuitamente.

A sra. Lardner sacudiu a cabeça:

– A partir do momento em que o robô está em minha casa – disse – e cumpre com seus deveres, as excentricidades secundárias devem ser toleradas. Não permitirei que seja maltratado.

Era a pior coisa possível tentar explicar que um robô era apenas uma máquina. Ela dizia inflexivamente:

– Nada que seja tão inteligente como um robô pode ser apenas uma máquina. Trato-os como gente.

E pronto!

Ela conservava até mesmo Max, embora fosse quase inútil. Mal se podia compreender o que se esperava dele. Contudo, a sra. Lardner insistia:

– Absolutamente – dizia firmemente – ele é capaz de pegar e guardar chapéus e casacos perfeitamente. Segura objetos para mim. Sabe fazer muitas coisas.

– Mas por que não manda regulá-lo? – perguntou um amigo, certa ocasião.

– Oh, eu não teria coragem. Ele é ele mesmo. É muito amável, sabe? Afinal de contas, um cérebro positrônico é tão complexo que ninguém consegue saber onde está enguiçado. Se fosse ajustado para a perfeita normalidade, não haveria meios de recuperá-lo para a amabilidade que possui agora. E eu não quero desfazer-me dele.

– Mas, se ele está mal regulado – disse o amigo, olhando nervosamente para a sra. Lardner – não poderá ser perigoso?

– Nunca – a sra. Lardner deu uma risada. – Tenho-o há anos. É completamente inofensivo e é um amor.

Na verdade, ele tinha a mesma aparência de todos os outros robôs: liso, metálico, vagamente humano, mas inexpressivo.

Contudo, para a bondosa sra. Lardner, todos eram gente, pessoas, todos meigos, todos adoráveis. Ela era assim.

Como poderia cometer um crime?

A última pessoa que alguém esperaria que fosse assassinado seria John Semper Travis. Introvertido e de modos suaves, estava no mundo, mas não pertencia a ele. Possuía aquele peculiar talento para a Matemática que lhe tornava possível resolver mentalmente o complexo entrelaçamento de uma miríade de circuitos positrônicos cerebrais da mente de um robô.

Era o engenheiro-chefe da “U. S. Robots and Mechanical Men Corporation”.

Mas era também um entusiasmado amador em “escultura-luz”. Havia escrito um livro sobre a matéria, no qual tentava mostrar que o tipo de Matemática que utilizava para resolver problemas de circuitos de cérebros positrônicos poderia ser modificado para servir de guia na produção da estética da “escultura-luz”.

No entanto, sua tentativa de colocar a teoria em prática foi um

fracasso desanimador. As esculturas que produziu, segundo seus princípios matemáticos, eram pesadas, mecânicas e sem interesse.

Era a única razão de infelicidade em sua vida tranquila, introvertida e segura, no entanto era razão suficiente para sentir-se profundamente infeliz. Ele sabia que suas teorias eram corretas, se bem que não conseguisse pô-las em ação. Se não conseguisse produzir uma boa peça de “escultura-luz”…

Naturalmente, estava a par da “escultura-luz” da sra. Lardner. Ela era universalmente aplaudida como um gênio, muito embora Travis soubesse que era incapaz de compreender mesmo o mais simples aspecto da matemática dos robôs. Havia trocado correspondência com ela, mas ela recusava-se obstinadamente a explicar seus métodos, levando-o a perguntar-se se ela possuía mesmo algum. Não seria mera intuição? Mas mesmo a intuição pode ser reduzida à matemática. Finalmente, ele conseguiu receber um convite para uma das festas. Precisava avistar-se com ela a todo custo.

O sr. Travis chegou bem tarde. Havia feito uma última tentativa com uma peça de “escultura-luz”, que resultará num fracasso desalentador.

Cumprimentou a sra. Lardner com uma espécie de enigmático respeito e disse:

– Estranho aquele robô que pegou meu chapéu e casaco.

– Aquele é Max – disse a sra. Lardner.

– Está muito desregulado e é um modelo bem antigo. Por que razão não o manda para a fábrica?

– Oh, não – disse a sra. Lardner – seria demasiado trabalho.

– De modo nenhum, sra. Lardner – disse Travis – a sra. ficaria surpresa com a simplicidade do trabalho. Uma vez que sou da U.S. Robots, tomei a liberdade de ajustá-lo pessoalmente. Não levou tempo e a sra. verá que ele está agora em perfeitas condições de funcionamento.

Uma estranha mudança ocorreu no rosto da sra. Lardner. A fúria estampou-se nele pela primeira vez em sua existência sossegada. Era como se os traços fisionômicos não soubessem qual posição tomar.

– Ajustou-o? – perguntou com voz aguda – mas foi ele que criou as minhas “esculturas-luz”. Foi o ajustamento defeituoso, o desajuste, que você jamais conseguirá restaurar… aquele…

Foi uma grande desgraça que ela estivesse mostrando sua coleção naquele momento e que a adaga com cabo cravejado com pedras preciosas, procedente do Camboja, estivesse sobre o tampo de mármore na mesa em frente dela.

A fisionomia de Travis também se distorceu:

– A sra. quer dizer que, se eu tivesse estudado o estranho cérebro positrônico dele, eu poderia ter aprendido…

Ela avançou com a arma com demasiada rapidez para alguém detê-la. Ele não tentou se esquivar ao golpe. Há quem diga que foi ao encontro dele – como se quisesse morrer.

O FURA–GREVES

Elvis Blei esfregou suas mãos rechonchudas e disse:

– Autossuficiência: esta é a palavra-chave. – Sorriu, pouco à vontade, enquanto acendia o charuto de Steven Lamorak, da Terra. A mesma expressão insegura se estampava em seu rosto liso, com olhos um tanto afastados um do outro.

Lamorak soltou uma baforada de bom entendedor e cruzou as longas pernas. Seu cabelo era grisalho, sua mandíbula larga e poderosa.

– Cultivado aqui? – perguntou, com os olhos fitos no charuto. Tentava esconder sua própria incerteza diante da tensão nervosa evidenciada pelo seu interlocutor.

– Sim – disse Blei.

– É engraçado – continuou Lamorak – que num planetoide tão pequeno vocês disponham de espaço para tais luxos.

Lamorak recordou a primeira visão que tinha tido de Elsevere, através da escotilha da espaçonave. Um planetoide sem atmosfera, de superfície irregular, com algumas centenas de milhas de diâmetro – apenas uma imensa rocha cinzenta, coberta de fendas e quebraduras, emitindo um débil reflexo da luz de um sol situado a duzentos milhões de milhas. Era o único objeto com mais de uma milha de diâmetro que orbitava aquele sol; e agora a humanidade tinha escavado o interior daquele pequeno mundo e criado nele toda uma sociedade. Agora ele, como sociólogo, tinha vindo para estudar esse mundo e ver de que modo a espécie humana tinha se adaptado a um abrigo tão peculiar.

O sorriso cordial e fixo de Blei, que parecia também esculpido em pedra, naquele instante alargou-se um mínimo.

– Não somos um mundo assim tão pequeno, Dr. Lamorak. Está nos julgando pelos seus padrões, que são bidimensionais. A área da superfície de Elsevere equivale a apenas três quartos do Estado de Nova York, mas isto é irrelevante. Lembre-se de que nós podemos

ocupar, se quisermos, todo o interior de Elsevere. Uma esfera com cinquenta milhas de raio tem um volume de mais de meio milhão de milhas cúbicas. Se a totalidade de Elsevere fosse ocupada por pisos separados por intervalos de trinta metros, a área total da superfície no interior do planetoide seria de 56 milhões de milhas quadradas, o equivalente à superfície da própria Terra. E nenhuma dessas milhas quadradas seria improdutiva, doutor.

– Meu Deus – disse Lamorak, e ficou pensativo por um instante. – Sim, sim, claro que tem razão. É engraçado como isso nunca me ocorreu. Mas Elsevere é o único planetoide, em toda a Galáxia, que já sofreu colonização intensa, e nós, dos outros mundos, não conseguimos deixar de avaliar as coisas em termos de superfícies bidimensionais, como o senhor observou. Bem, só posso dizer que estou feliz por ter recebido do seu Conselho toda a cooperação para a realização de minha pesquisa.

Blei concordou com um gesto de cabeça, um gesto com veemência um tanto exagerada.

Lamorak franziu de leve a testa e pensou: ele age o tempo inteiro como se minha presença aqui fosse a última coisa que eles desejariam. Alguma coisa está errada.

– Naturalmente – disse Blei – o senhor entende que nosso mundo ainda não tem essas dimensões. Somente uma pequena parte de Elsevere foi escavada e ocupada. Não temos interesse em nos expandir muito rapidamente. Até um certo ponto nossa possibilidade de expansão está limitada pela capacidade de nossos motores de pseudogravidade e pelos conversores de energia solar.

– Entendo. Mas, diga-me uma coisa, Conselheiro Blei... é uma questão de interesse pessoal, não tem relação com meu projeto... seria possível visitar primeiro alguns dos seus pisos dedicados à agricultura e à criação de gado? Tenho uma verdadeira fascinação pela imagem de trigais e boiada no interior de um planetoide.

– Vai achar nosso gado muito pequeno pelos seus padrões, doutor. E não temos muito trigo. Nossas culturas de lêvedo e fermentos são bem mais desenvolvidas. Em todo caso, temos alguns trigais para mostrar-lhe e também um pouco de algodão e tabaco, até mesmo árvores frutíferas.

– Que maravilha. Como o senhor mesmo diz: autossuficiência. Vocês reciclam tudo, imagino.

Os olhos perspicazes de Lamorak não deixaram de registrar o fato de esta última observação ter tido um certo impacto sobre Blei. Os olhos do elseveriano se estreitaram, escondendo alguma emoção.

– Sim, temos que reciclar – respondeu ele. – Água, ar, alimentos, minerais... tudo que não tem mais serventia deve ser restituído ao seu estado original. Os resíduos são convertidos em matéria-prima. Tudo que precisamos para isto é energia, e é o que não nos falta. Claro que esse processo não tem cem por cento de eficiência; alguma coisa sempre se perde. Importamos uma certa quantidade de água por ano, e se nossa necessidade interna aumentar teremos que importar carvão e oxigênio.

– Quando podemos começar nosso passeio, Conselheiro Blei?
O sorriso de Blei perdeu um pouco de sua cordialidade forçada.

– Tão cedo quanto possível, doutor. Há algumas questões de rotina que precisam ser resolvidas.

Lamorak assentiu. Terminado o charuto, esmagou a ponta no cinzeiro.

Questões de rotina? Nos primeiros contatos que tinham mantido por correspondência ele não tinha percebido nenhum sinal daquela hesitação. Os elseverianos tinham demonstrado um evidente orgulho pelo fato de seu planetoide estar merecendo a atenção da Galáxia.

Comentou cuidadosamente:

– Percebo que talvez esteja sendo uma perturbação, numa sociedade tão organizada quanto a sua.

Conforme esperava, Blei pegou a deixa e adotou a explicação insinuada por ele.

– Tem razão, doutor. Sentimo-nos isolados do resto da Galáxia. Temos aqui os nossos próprios costumes. Cada indivíduo em Elsevere está instalado num nicho bastante confortável. A visita de um estrangeiro que não pertence a nenhuma casta específica provoca um certo transtorno.

– Um sistema de castas deve resultar numa certa rigidez...

– Sim – apressou-se Blei em dizer, mas também numa certa segurança. Temos regras muito claras sobre intercasamentos e sobre hereditariedade profissional. Cada homem, mulher ou criança conhece seu lugar, aceita sua condição e é aceito pelos demais; não temos virtualmente nenhum caso de neurose ou de doença mental.

– E não há desajustados?

A boca de Blei começou a formar um não, mas logo fechou-se bruscamente, cortando a palavra antes de romper o silêncio; sua testa franziu-se mais um pouco. Por fim, ele falou:

– Vou tomar as providências para o nosso passeio, doutor. Enquanto isso, creio que o senhor gostaria de tomar um banho e descansar um pouco.

Ergueram-se e deixaram a sala; Blei, cortesmente, fez um gesto para que o outro seguisse à frente.

Lamorak sentia-se inquieto diante da vaga sensação resultante de seu primeiro diálogo com Blei – a sensação de que havia uma crise qualquer pairando no ar.

O jornal local fortaleceu essa impressão. Ele o leu minuciosamente antes de ir para a cama; a princípio, movido apenas por um mero interesse técnico. Era um tabloide de oito páginas, em papel sintético. Um quarto do total consistia em anúncios pessoais: nascimentos, casamentos, mortes, recordes em cotas de produção, estatísticas sobre a expansão do volume habitável (não em área: em três dimensões). O restante incluía artigos de natureza técnica, material educativo, ficção. Em termos de notícias, no sentido a que Lamorak estava habituado, praticamente nada.

Havia apenas um item que podia ser considerado como tal, mas era algo tão vago que chegava a causar inquietação.

Dizia, abaixo de uma pequena manchete: EXIGÊNCIAS INALTERADAS: Não houve nenhuma mudança em sua atitude de ontem. O Chefe do Conselho, depois de uma segunda entrevista, anunciou que as exigências feitas por ele continuam a ser totalmente inaceitáveis e não podem ser levadas em conta de forma alguma.

Abaixo, entre parênteses e em outro tipo de composição gráfica,

outro parágrafo dizendo: Os editores deste jornal acreditam que Elsevere não deve ceder passivamente a tais pressões, aconteça o que acontecer.

Lamorak leu e releu tudo isto três vezes. Sua atitude, as exigências feitas por ele... Quem seria ele? Naquela primeira noite, teve um sono muito inquieto.

Não teve tempo para ler jornais nos dias seguintes; mas, vez por outra, o assunto retornava à sua lembrança.

Blei, que foi seu guia e cicerone durante toda a visita, mostrava-se cada vez mais reticente.

No terceiro dia (artificialmente estabelecido na base terrestre de 24 horas), Blei parou a certa altura e disse:

– Este piso aqui é destinado apenas às indústrias químicas. Não tem muito interesse. Virou-se para ir embora, mas o fez com uma pressa um tanto excessiva. Lamorak o agarrou pelo braço.

– O que, exatamente, se produz aqui? – perguntou.

– Fertilizantes. Substâncias orgânicas – disse Blei, lacônico. Lamorak continuou a segurá-lo e olhou em redor, à procura do que poderia estar deixando o outro tão inquieto. Seus olhos passaram ao longo do horizonte, uma muralha de rocha cinzenta não muito distante, e dos prédios que se amontoavam entre o solo e o imenso teto.

– Aquilo ali – disse Lamorak. – Não é uma residência particular?

Blei não olhou na direção que ele apontava. Lamorak insistiu.

– Acho que é a maior casa que vi até agora. Por que motivo está localizada aqui, num setor industrial? – fato era digno de atenção. Ele já tinha percebido que em Elsevere os pisos obedeciam rigidamente à divisão de setores: residencial, industrial e agrícola.

Lamorak virou-se e chamou:

– Conselheiro Blei!

O conselheiro tinha se desvencilhado dele e se encaminhava para a saída.

Lamorak o alcançou em passos rápidos.

– Conselheiro... há alguma coisa errada? – Blei murmurou:

– Desculpe, acho que fui um pouco rude... Sinto muito. É

porque há certas coisas que me preocupam...

– ...com relação às exigências dele – disse Lamorak.

Blei estacou.

– O que sabe a respeito disso?!

– Apenas o que acabei de dizer, o que li no jornal daqui.

Blei resmungou em voz baixa uma palavra meio ininteligível.

– Ragusnik? – ecoou Lamorak. – Quem é? Blei soltou um fundo suspiro.

– Acho que vou ter que contar-lhe. É... é algo embaraçoso, humilhante. O Conselho supôs que esse assunto seria resolvido com certa rapidez e que não iria interferir na sua visita; o senhor não teria que ser informado a respeito ou ter qualquer outro tipo de envolvimento. Mas o caso já vem se arrastando há quase uma semana. Não sei o que pode acontecer, e mesmo que isso possa causar uma impressão desagradável, talvez seja melhor o senhor partir. Não há motivo para um estrangeiro correr risco de vida.

O terrestre deu um sorriso incrédulo.

– Risco de vida? Num mundo pequeno e pacífico como este? Não posso acreditar.

– Posso explicar – tornou o elveseriano. – É, talvez seja melhor. – Voltou a cabeça noutra direção. – Como já lhe disse, tudo aqui em Elsevere é reciclado. Já entendeu isto.

– Claro.

– Isto inclui... bem, dejetos humanos.

– Parece-me lógico – disse Lamorak.

– Retiramos a água contida neles, por destilação e absorção. Os resíduos que sobram são transformados em fertilizantes para as culturas de fermentos; uma outra parte é utilizada como fonte de matéria orgânica e outros subprodutos. As fábricas que o senhor está vendo se destinam a isso.

– E...?

Lamorak tinha experimentado uma certa dificuldade em beber água logo após sua chegada a Elsevere, porque tinha uma visão realista quanto à possível origem daquela água; mas tinha dominado sem demora essa relutância. Mesmo na Terra, a água era extraída, através de processos naturais, de todo tipo de substâncias

impuras.

Blei, com esforço cada vez maior, dizia:

– Igor Ragusnik é o homem encarregado dos processos industriais diretamente ligados aos dejetos. Essa função tem sido exercida por sua família desde o início da colonização de Elsevere. Um dos primeiros colonizadores foi Mikhail Ragusnik, e ele... ele...

– Era o encarregado da reciclagem de dejetos.

– Isso. Agora, a residência que o senhor apontou é a residência de Ragusnik; é a melhor e mais bem construída de todo o planetoide. Ragusnik tem uma porção de privilégios a mais do que nós, mas o fato é que nós não podemos falar com ele! – a última frase foi dita num inesperado rompante de emoção.

– Por quê?

– Ele exige direitos civis iguais aos de todo mundo. Quer que suas crianças se misturem às nossas e que nossas esposas visitem... oh! – Soltou um gemido de indisfarçável repulsa.

Lamorak recordou o jornal, que sequer citava Ragusnik pelo nome nem se permitia dizer qualquer coisa específica sobre suas exigências. Comentou:

– Pelo que entendo, ele é uma espécie de proscrito, devido à sua profissão.

– É claro. Dejetos humanos e... – Blei ficou sem voz. Fez uma pausa enquanto se recuperava e disse: – Como terrestre, creio que não compreende isto.

– Como sociólogo, creio que compreendo – retorquiu Lamorak. Pensou nos intocáveis da antiga índia, encarregados de lidar com cadáveres; pensou no status que os tratadores de porcos tinham na antiga Judeia.

– Pelo que entendi – falou – Elsevere não vai ceder às exigências de Ragusnik.

– Nunca – disse Blei com fervor – Nunca.

– E...?

– Ragusnik ameaçou cessar suas operações.

– Em outras palavras... entrar em greve.

– Sim.

– Seria algo muito sério?

– Temos comida e água suficientes para nos manter durante algum tempo; nesse sentido, a reciclagem não é essencial. Mas os dejetos se acumulariam; acabariam infectando o planetoide. Depois de gerações e mais gerações submetidas a um cuidadoso controle das doenças, não temos muita resistência natural aos germes. Se uma epidemia tivesse início, o que seria bem provável, morreríamos às centenas.

– Ragusnik sabe disso?

– Claro que sim.

– Acha que ele é capaz de levar essas ameaças até o fim?

– Ele é louco. Inclusive já parou de trabalhar. Não tem havido reciclagem dos dejetos desde o dia em que o senhor desembarcou aqui – o nariz bulboso de Blei farejou o ar, como se já pudesse sentir o cheiro dos excrementos. Lamorak o imitou maquinalmente, mas nada percebeu. Já percebe – disse Blei – que seria melhor para o senhor partir o quanto antes. Claro que para nós é humilhante ter que fazer uma tal sugestão.

– Calma – disse Lamorak. – Ainda não. Meu Deus do céu, isso é algo que profissionalmente me desperta o maior interesse. Posso falar com Ragusnik?

– De modo algum – disse Blei, alarmado.

– Só quero compreender a situação. As condições sociológicas daqui são únicas e não podem se reproduzir em nenhuma outra parte da Galáxia. Em nome da Ciência...

– O que quer dizer com "falar"? Uma recepção de imagens o deixaria satisfeito?

– Ora, sim.

– Falarei com o Conselho – resmungou Blei.

Eles sentavam ao redor de Lamorak num clima de constrangimento. A austeridade de suas expressões cedia lugar à ansiedade. Blei, sentado no meio, evitava cuidadosamente o olhar do terrestre.

O Chefe do Conselho, de cabelos grisalhos, o rosto vincado de rugas, pescoço anguloso, falou com voz suave:

– Se de algum modo conseguir persuadi-lo, senhor, pelo poder de seus próprios argumentos, nós lhe seremos gratos. Em hipótese

alguma, no entanto, pode sugerir-lhe que temos o propósito de ceder às suas pressões.

Uma cortina opaca desceu entre o Conselho e Lamorak. Ele ainda podia distinguir os vultos dos conselheiros, mas nesse instante o receptor à sua frente iluminou-se, atraindo sua atenção.

Uma cabeça apareceu, em cores naturais e com grande realismo. Uma cabeça morena, forte, com um queixo poderoso, onde despontava a barba por fazer, e lábios grossos firmemente cerrados.

O homem falou:

– Quem é você?

– Meu nome é Steven Lamorak. Sou terrestre.

– Um estrangeiro?

– Sim. Estou em visita a Elsevere. Você é Ragusnik?

– Igor Ragusnik, ao seu serviço – disse ele, com ironia – Exceto que não há serviço e não vai haver mais nenhum enquanto minha família e eu não formos tratados como seres humanos.

– Tem noção do perigo que Elsevere está correndo por causa disso? Existe a possibilidade de uma epidemia.

– A situação pode ser normalizada em vinte e quatro horas se me concederem direitos humanos. Cabe a eles tomar a decisão.

– Você fala como um homem educado, Ragusnik.

– E daí?

– Pelo que sei, não lhe falta nenhum conforto material. Você tem direito a moradia, roupas e alimentação melhores do que as de qualquer outro em Elsevere. Suas crianças recebem a melhor educação.

– Certo. Mas tudo através de servo-mecanismos. E também nos mandam meninas órfãs para que as criemos até o dia em que se tornarão as esposas de nossos filhos. E muitas vezes eles morrem ainda jovens, porque não aguentam a solidão. Agora diga-me: por quê? – Havia uma emoção crescente em sua voz. – Por que temos que viver isolados, como se fôssemos monstros, criaturas das quais as pessoas tivessem que manter distância? Será que não somos seres humanos como qualquer outro, com os mesmos desejos, as mesmas necessidades, os mesmos sentimentos? O trabalho que

executamos não é um trabalho honrado, um trabalho útil?

Houve alguns murmúrios contrafeitos por trás de Lamorak; Ragusnik também os ouviu e elevou a voz.

– Estou vendo que o Conselho está aí atrás. Respondam-me: meu trabalho não é útil, não é honrado? São os dejetos de vocês, que eu transformo em comida para vocês. Será que o homem que purifica a sujeira é pior do que o homem que a produz? Prestem atenção, conselheiros: eu não vou desistir. Podem todas as pessoas de Elsevere morrer de doença, inclusive eu e meu filho; mas não vou desistir. Melhor morrer do que viver como estamos vivendo.

Lamorak o interrompeu:

– Você tem vivido assim desde que nasceu, não é?

– E se for?

– Certamente já está acostumado.

– Nunca. Resignado, talvez. Meu pai se resignou a esta condição e eu fiz o mesmo durante algum tempo, mas agora eu fico olhando meu filho, meu único filho, sem ter nenhum outro garoto com quem brincar. Meu irmão e eu tínhamos um ao outro, mas meu filho nunca terá um companheiro, e eu não posso me conformar com isto. Cansei de Elsevere. E cansei de falar.

A imagem desapareceu do receptor.

O rosto do chefe do Conselho tinha empalidecido e adquirido uma cor amarelada. Ele e Blei foram os únicos do grupo que permaneceram fazendo companhia a Lamorak.

Ele falou:

– O homem está desatinado. Não sei mais o que fazer para tê-lo sob controle.

Tinha um copo de vinho ao lado, e quando o levou aos lábios algumas gotas caíram, manchando suas calças brancas.

– As exigências dele serão tão descabidas assim? – perguntou Lamorak – Por que ele não pode ser aceito entre a sociedade?

Uma raiva momentânea brilhou nos olhos de Blei.

– Um homem que trabalha com excremento! – Depois ele encolheu os ombros. – Você é da Terra.

Lamorak lembrou-se, de modo incongruente, de outro tipo "inaceitável", um dos numerosos personagens criados pelo

cartunista medieval Al Capp: o personagem sem nome definido conhecido como "o homenzinho do trabalho sujo".

Ele disse:

– Ragusnik manuseia, de fato, os excrementos? Quero dizer: há contato físico? Imagino que essas coisas devem ser tratadas através de mecanismos automáticos.

– Claro – disse o chefe do Conselho.

– Então qual é, exatamente, a função de Ragusnik?

– Ele ajusta manualmente os controles que regulam o funcionamento da maquinaria. Ele substitui algumas unidades por outras quando há necessidade de fazer consertos; ele aumenta ou diminui o índice de ocupação das máquinas, conforme a hora do dia; ele organiza as atividades para atender à maior demanda deste ou daquele produto final – com voz triste, ele acrescentou: – se tivéssemos uma maquinaria dez vezes mais complexa, tudo isto poderia ser feito automaticamente, mas seria um desperdício desnecessário de dinheiro.

– Mas mesmo assim – insistiu Lamorak – tudo que Ragusnik faz é pressionar botões ou acionar contatos, coisas desse tipo.

– Sim.

– Então o trabalho dele não é diferente do trabalho dos outros elseverianos.

– O senhor não compreende – disse Blei, muito rígido.

– E por causa disto estão dispostos a arriscar a vida de seus filhos?

– Não temos escolha – disse Blei. Havia uma tal agonia em sua voz que ficou evidente, para Lamorak, que aquela situação era para ele uma verdadeira tortura, mas que ele não tinha escolha.

Lamorak encolheu os ombros, contrafeito.

– Então vocês não têm saída. Vão ter que usar a força.

– De que modo? – perguntou o chefe do Conselho – Quem seria capaz de tocá-lo, ou mesmo de chegar perto dele? E mesmo que conseguíssemos abatê-lo a distância... de que nos adiantaria isso?

Lamorak estava pensativo.

– Vocês sabem manejar essas máquinas?

O chefe do Conselho pôs-se de pé num salto.

– Eu?! – berrou.

– Não quis dizer isso – corrigiu Lamorak imediatamente. – Falei vocês, de um modo geral. Alguém aqui no planetoide sabe manejar as máquinas com que Ragusnik trabalha?

O chefe do Conselho foi se acalmando aos poucos e voltou a sentar.

– Está tudo nos manuais de instruções, com certeza... embora eu possa lhe assegurar de que nunca me dei o trabalho de pensar nisso.

– Então, uma outra pessoa poderia aprender como se faz e substituir Ragusnik até que ele acabasse desistindo.

– Mas quem concordaria em fazer isso? – perguntou Blei. – Eu não o faria em hipótese alguma.

Lamorak voltou a recordar os tabus da Terra que provocavam bloqueios semelhantes. Pensou em canibalismo, em incesto, em homens amaldiçoando Deus. Falou:

– Mas vocês devem estar preparados para o caso de o lugar de Ragusnik ficar desocupado. Suponhamos que ele morra.

– Então seu filho automaticamente o substitui, ou então seu parente mais próximo disse Blei.

– E se ele não tiver nenhum parente adulto? E se toda sua família morrer ao mesmo tempo?

– Isto nunca aconteceu. Não vai acontecer.

O chefe do Conselho aduziu:

– Se temêssemos essa possibilidade, poderíamos talvez colocar uma ou duas crianças entre os Ragusnik, e elas cresceriam aprendendo a profissão.

– Ah. E como seria escolhida essa criança?

– Entre os filhos de mães que morrem de parto, do mesmo modo como escolhemos a noiva do próximo Ragusnik.

– Então escolham um substituto para Ragusnik agora – disse Lamorak.

– Não! – exclamou o chefe do Conselho. – Impossível! Como pode sugerir isto? Quando escolhemos uma criança, a criança é educada para esse tipo de vida, não conhecerá outro. Mas para

fazer a substituição de Ragusnik hoje, teríamos que usar um adulto e submetê-lo a., a... a ser um "ragusnik". Não Dr. Lamorak, nós não somos monstros, não cometeríamos tamanha desumanidade.

Não há solução, pensou Lamorak, desamparado. Nenhuma solução – a menos que...

Ele não conseguia reunir coragem suficiente para enfrentar o que vinha depois desse a menos que...

Lamorak mal conseguiu dormir naquela noite. Tudo que Ragusnik exigia era ter direito a alguns princípios humanitários essenciais. Do lado oposto, trinta mil elseverianos corriam perigo de vida.

O dilema era entre o bem-estar de trinta mil pessoas, e a justa reivindicação de uma família. Seria possível dizer que as trinta mil pessoas que avalizavam tamanha injustiça mereciam a morte? E injustiça por quais padrões? Os da Terra? Os de Elsevere? E quem era Lamorak para julgar os padrões de uma sociedade diferente da sua?

E Ragusnik? Estava disposto a deixar trinta mil pessoas morrerem, incluindo homens e mulheres que não faziam mais do que aceitar uma situação que lhes tinham ensinado a considerar como certa e que não poderiam alterar, mesmo que quisessem. Sem falar nas crianças, que não tinham nada com toda essa confusão. Trinta mil de um lado, uma família do outro.

Lamorak tomou sua decisão num estado emocional que já era de quase desespero. Pela manhã chamou o chefe do Conselho.

– Senhor – disse – se puderem encontrar um substituto, Ragusnik se verá sem chances de forçar uma decisão a seu favor e acabará retornando ao trabalho.

– Não pode haver um substituto – suspirou o chefe do Conselho. – Já expliquei isso.

– Não pode haver entre os elseverianos, mas sou um terrestre, e isso para mim não faz a menor diferença. Eu substituirei Ragusnik.

Eles ficaram excitados com a notícia, muito mais do que o próprio Lamorak. Uma dúzia de vezes perguntaram-lhe se estava mesmo falando a sério. Lamorak estava cansado e tinha a barba por fazer. Uma dúzia de vezes respondeu:

– Claro que estou falando a sério. E todas as vezes que Ragusnik fizer uma greve, vocês podem ter aqui um substituto de outro planeta. Esse tipo de tabu não existe em nenhum outro mundo. Se vocês pagarem um bom salário ao substituto nunca mais vão ter problemas. (Ele sabia que estava cometendo uma traição contra um homem brutalmente explorado. Mas ficou o tempo inteiro repetindo para si mesmo: Exceto pelo ostracismo, ele é bem tratado. Muito bem tratado.)

Deram-lhe os manuais de instruções, que ele ficou lendo e relendo durante cerca de seis horas. Fazer perguntas não adiantava. Nenhum dos elseverianos sabia coisa alguma a respeito daquele trabalho, a não ser o que constava do manual, e todos ficavam pouco à vontade quando Lamorak começava a fazer perguntas mais específicas.

– Manter leitura zero no galvanômetro A–2 durante todo o tempo em que houver sinal vermelho no uivador Lunge – leu Lamorak. – Muito bem, mas o que é um uivador Lunge?

– Deve haver uma placa – murmurou Blei.

Os elseverianos se entreolharam com uma expressão de desamparo e baixaram os olhos, examinando distraidamente as unhas.

Eles o deixaram sozinho muito antes que Lamorak alcançasse os cubículos que eram o quartel-general de gerações inteiras de Ragusniks, o lugar onde trabalhavam pelo seu mundo. Tinha recebido instruções específicas sobre o trajeto – onde subir, em que direção virar – mas a partir daquele ponto teve que prosseguir sozinho.

Foi de sala em sala, pacientemente, identificando instrumentos e controles, comparando-os com os diagramas do manual.

Aí está o uivador Lunge, pensou, com melancólica satisfação. A placa não permitia dúvidas. Era uma placa semicircular, com uma série de orifícios através dos quais brilhavam lâmpadas de diversas cores. Sim, mas então por que uivador lunge? Não sabia.

Em algum lugar, pensou Lamorak, as fezes estão se acumulando, forçando de encontro a engrenagens e tubulações, condutos e destilarias, esperando para serem transformadas de cem

maneiras diferentes. Mas, por enquanto, estão só se acumulando.

Não sem um certo receio ele apertou o primeiro botão indicado no manual no capítulo "Início das Operações". Um delicado murmúrio de vida começou a se fazer sentir ao longo dos pisos e das paredes. Lamorak girou um comutador e todas as luzes se acenderam.

A cada etapa ele consultava o manual, apesar de já conhecê-lo de cor; a cada etapa cumprida mais e mais salas se iluminavam, mais agulhas de mostradores pareciam despertar, e mais alto soava o zumbido das máquinas.

Em algum lugar, nas profundezas, toneladas de excrementos começavam a se mover devagar, nas direções corretas.

Um sinal agudo se fez ouvir, arrancando Lamorak de sua intensa concentração. Era o sinal de intercomunicação. Ele apertou o botão do receptor.

Surgiu o rosto de Ragusnik, perplexo. Pouco a pouco, a incredulidade e o choque foram se esvaindo de seus olhos.

– Então é isto – disse ele.

– Eu não sou elseveriano, Ragusnik. Eu não me importo de fazer isto.

– Mas qual é seu interesse nisto? Por que se mete?

– Estou do seu lado, Ragusnik, mas alguém precisa fazer isto.

– Por que o faz, se está do meu lado? No seu mundo é costume tratar as pessoas do jeito que me tratam aqui?

– Não é mais. Mas mesmo que você tenha razão, há trinta mil pessoas aqui em Elsevere que precisam ser levadas em conta.

– Eles teriam cedido. Você estragou minha única chance.

– Eles não cederiam. E de certa forma você saiu ganhando; eles agora sabem que você está descontente. Até hoje eles jamais tinham imaginado que um Ragusnik podia estar se sentindo infeliz ou que um Ragusnik poderia prejudicá-los.

– De que me adianta? Eles agora podem mandar chamar estrangeiros para fazer meu trabalho.

Lamorak abanou a cabeça numa veemente negativa. Durante as últimas horas era justamente nesse aspecto que tinha pensado.

– Os elseverianos sabem agora que você não está satisfeito,

isso fará com que comecem a pensar se você não estará com a razão, em última análise. E se eles trouxerem estrangeiros para trabalhar aqui, esses estrangeiros acabarão espalhando pela Galáxia informações sobre o que acontece em Elsevere, e a opinião pública da Galáxia certamente ficará do seu lado.

– E...?

– As coisas começarão a melhorar. Quando seu filho chegar à idade adulta, encontrará uma situação bem melhor.

– Quando meu filho for adulto – disse Ragusnik, e os músculos do seu rosto adquiriram uma expressão de fadiga. – Eu poderia ter conseguido isso agora, mas perdi. Está bem. Vou voltar ao trabalho.

Lamorak sentiu um alívio imenso.

– Se quiser vir até aqui, senhor, pode assumir novamente seu posto, eu considerarei uma honra apertar sua mão.

A cabeça de Ragusnik endireitou-se de repente. Um orgulho melancólico brilhou em seu olhar.

– Você me chama de "senhor" e pede para apertar minha mão? Vá cuidar da sua vida, terrestre, e deixe-me trabalhar, porque eu não apertarei a sua.

Lamorak retornou pelo mesmo caminho, aliviado pelo desfecho do caso e ao mesmo tempo extremamente deprimido.

Parou, surpreso, quando viu que o corredor, a uma certa altura, estava bloqueado por um cordão de isolamento. Era impossível passar. Olhou para um lado e para outro, à procura de outro caminho, mas nesse instante uma voz trovejou acima de sua cabeça.

– Dr. Lamorak, pode me ouvir? Aqui é o Conselheiro Blei. Lamorak ergueu os olhos. A voz saía de uma espécie de altofalante, mas ele não viu nenhum sinal de microfone.

Gritou:

– Alguma coisa errada? Blei, pode me ouvir?

– Posso ouvi-lo.

Instintivamente, Lamorak continuou a gritar:

– Há alguma coisa errada? Parece que o corredor está interditado. Ragusnik criou outro problema?

– Ragusník voltou ao trabalho – disse a voz de Blei – a crise

está superada, e o senhor deve se preparar para ir embora.

– Ir embora?

– Ir embora de Elsevere. Uma nave está sendo preparada para levá-lo.

– Mas espere aí. – Lamorak estava confuso com essa súbita reviravolta. – Eu ainda não completei minha pesquisa.

– Quanto a isso nada podemos fazer – tornou a voz de Blei. – o senhor será guiado até a nave e seu material será conduzido até lá por meio de servo-mecanismos. Nós pedimos... pedimos que...

Alguma coisa começava a ficar clara para Lamorak.

– O que que vocês pedem?

– Pedimos que não faça nenhuma tentativa de avistar ou dirigir a palavra a qualquer elseveriano. E esperamos que, para evitar constrangimentos, não tente retornar a Elsevere em qualquer época futura. Se necessitarem de mais informações ou de realizar mais pesquisas a nosso respeito, qualquer colega seu será bem-vindo.

– Entendo – disse Lamorak com voz monocórdia. Entendeu que tinha se tornado, ele próprio, um Ragusnik. Tinha manejado os controles que lidavam com os excrementos; tinha caído no ostracismo. Era um manuseador de cadáveres, um guardador de porcos. Um homenzinho que executava trabalhos sujos.

– Adeus – disse ele.

A voz de Blei respondeu:

– Antes de explicar-lhe o trajeto que deve seguir, Dr. Lamorak, permita-me dizer lhe... em nome do Conselho de Elsevere... que nós lhe agradecemos muito pela ajuda que nos prestou durante esta crise.

– Eu que agradeço – retrucou Lamorak, amargamente.

VITÓRIA INVOLUNTÁRIA

A espaçonave vazava como uma peneira.

Estava destinada a isso. Era exatamente o que se desejava.

É claro que durante a viagem de Ganimedes a Júpiter ficou transbordante do mais sólido vácuo espacial. E já que não dispunha também de aquecimento, o vácuo manteve-se à sua temperatura normal, que é uma fração de grau acima do zero absoluto.

Isto estava também de acordo com os planos. Pequeninas coisas como a ausência de ar e calor não afetavam a ninguém naquela espaçonave.

Os primeiros resquícios da atmosfera de Júpiter começaram a penetrar na nave vários milhares de milhas acima da superfície do planeta. Constituía-se quase toda de hidrogênio, embora talvez uma cuidadosa análise revelasse também sinais de hélio. Os indicadores de pressão começaram a subir lentamente.

Esta subida acelerou-se à medida que a nave caía na órbita de Júpiter. Os mostradores, cada qual destinado a indicar pressões mais elevadas, moveram-se até alcançar as imediações de um milhão de atmosferas, onde os números perderam significado. A temperatura, registrada em pares termoelétricos, ergueu-se lenta e vacilante, firmando-se afinal em cerca de setenta graus centígrados abaixo de zero.

A nave movia-se lentamente em direção ao destino, abrindo caminho, pesada, pelo emaranhado de moléculas de gás tão unidas que o próprio hidrogênio era reduzido à densidade de um líquido. Vapor amoníaco, emanando dos vastíssimos oceanos daquele líquido, saturava a horrível atmosfera. O vento, que começara a soprar mil milhas acima, atingira um ponto que mal poderia ser classificado de furacão.

Era evidente, muito antes que a nave pousasse numa ilha bastante extensa do planeta, umas sete vezes o tamanho da Ásia, que Júpiter não era um mundo agradável.

Contudo, os três membros da tripulação acharam que sim. Estavam convictos disso. Mas acontece que não eram exatamente humanos. Nem exatamente habitantes de Júpiter.

Eram simplesmente robôs fabricados na Terra para a viagem a Júpiter.

ZZ Três falou:

– Parece um local desolado.

ZZ Dois, reunindo-se a ele, contemplou muito sério a paisagem varrida pelo vento e disse:

– Há estruturas a distância que parecem artificiais. Sugiro esperarmos que os habitantes nos procurem.

Do outro lado da cabina, ZZ Um ouviu, mas nada disse. Dos três fora o primeiro a ser construído, e era meio experimental. Falava menos, portanto, que seus dois companheiros.

A espera não foi longa. Uma nave aérea de estranho contorno sobrevoou a espaçonave terrestre, seguida de outras. Depois uma fila de veículos terrestres aproximou-se, tomou posição e despejou organismos. Com estes vinham diversos acessórios inanimados, que poderiam ser armas. Algumas eram sustentadas por um só jupiteriano, outras por diversos, e outras ainda moviam-se por si mesmas, contendo talvez tripulantes.

Isso os robôs ignoravam.

ZZ Três falou:

– Eles nos rodearam. O gesto de paz mais lógico seria sair da nave. Concordam?

Concordaram, e ZZ Um abriu a pesada porta, que não era dupla, nem particularmente vedada.

O aparecimento dos três foi sinal de agitação entre os jupiterianos. Movimentaram-se vários dos maiores acessórios inanimados, e ZZ Três sentiu que a temperatura subia no revestimento externo de seu corpo de berilo-irídio-bronze. Relanceando para ZZ Dois perguntou:

– Está sentindo? Creio que estão projetando energia de calor contra nós.

ZZ Dois manifestou surpresa.

– Por quê?

– Trata-se definitivamente de um raio calórico Veja!

Um dos raios desviou-se do alvo, por qualquer motivo incompreensível, e sua linha de radiação atravessou um riacho faiscante de amônia pura, que de imediato começou a ferver.

Três voltou-se para ZZ Um:

– Tome nota disso, ouviu?

– Claro – a ele cabia o trabalho rotineiro de secretaria, e seu método de tomar notas era fazer uma adição mental ao apurado rolo da memória que existia no seu interior. Já fizera o registro horário de cada instrumento importante de bordo, durante a viagem para Júpiter. E acrescentou tranquilamente: – Que razão atribuirei à reação? Os mestres humanos gostariam com certeza de saber.

– Nenhuma razão. Ou melhor – corrigindo-se – nenhuma razão aparente. Registre que a temperatura máxima do raio era cerca de trinta graus centígrados.

Dois interrompeu-o:

– Tentamos nos comunicar?

– Seria perda de tempo – replicou Três. – Não pode haver mais que uns poucos jupiterianos a par do código de rádio usado entre Júpiter e Ganimedes. Terão de chamar um deles, e quando chegar estabelecerá contato. Entretanto vamos observá-los. Não compreendo sua maneira de agir, digo francamente.

E a compreensão não chegou de imediato. A radiação catódica cessou, e outros instrumentos foram trazidos para a linha de frente e exibidos. Diversas cápsulas caíram aos pés dos robôs em observação, tombando rápida e pesadamente por causa da gravidade de Júpiter. Abrindo-se, derramaram um líquido azul, que formava poças e em seguida diminuía rapidamente, evaporando-se.

O terrível furacão dispersava os vapores, e os jupiterianos afastavam-se do seu caminho. Um deles, demasiado lento, contorceu-se com violência e em seguida ficou imóvel.

ZZ Dois inclinou-se, mergulhou um dedo na poça e observou o líquido gotejar.

– É oxigênio – concluiu.

– É oxigênio, sim – concordou Três. – Isto me parece cada vez mais estranho. Deve ser um sistema perigoso, pois diria que é

venenoso para estas criaturas. Uma delas morreu!

Houve uma pausa e em seguida ZZ Um, cuja menor complexidade levava a uma linha de reflexão mais direta, ponderou:

– É possível que estas estranhas criaturas estejam fazendo tentativas infantis de nos destruírem.

Dois, ao impacto da sugestão, respondeu:

– Creio que tem razão, Um!

Houve uma ligeira trégua nas atividades jupiterianas e então surgiu uma nova estrutura. Ostentava uma fina haste apontando para o céu encoberto pela impenetrável escuridão jupiteriana. Mantinha-se sob o impacto daquele vento incrível numa imobilidade que indicava excepcional vigor estrutural. Da extremidade partiu um estalido, seguido de um raio que iluminou até as profundezas da atmosfera mergulhada num fog cinzento.

Por um instante os robôs ficaram banhados numa pegajosa radiação. Pensativo, Três falou:

– Eletricidade em alta tensão! Uma força bastante respeitável. Um, creio que tem razão. Afinal, nossos chefes humanos disseram que estas criaturas procuram destruir toda a humanidade, e organismos que possuam tão louca malignidade, a ponto de abrigar pensamentos nocivos a um ser humano – sua voz estremeceu à ideia – não teriam escrúpulos em destruir-nos.

– É uma vergonha possuir mente tão pervertida – disse ZZ Um. – Pobres sujeitos!

– É uma ideia muito triste – admitiu Dois – voltemos à nave. Já vimos o bastante por agora.

Foi o que fizeram, decididos a aguardar. Conforme observara ZZ Três, Júpiter era um grande planeta e poderia levar tempo até que um transporte jupiteriano trouxesse um especialista em códigos à nave. Contudo, paciência é o que não falta aos robôs.

Para ser exato, Júpiter rodou três vezes em torno do seu eixo, segundo o cronômetro, antes que o especialista chegasse. O nascer e pôr do sol não alteravam de maneira alguma a profunda escuridão nas profundezas daquelas três mil milhas de denso gás-líquido, de modo que não se podia falar em dia e noite. Mas nem robôs nem jupiterianos enxergavam por meio de radiação visível, de modo que

isso não tinha importância.

Naquele intervalo de trinta horas, os nativos persistiram no ataque com uma paciência e constância diante da qual o robô ZZ Um resolveu tomar inúmeras notas mentais. A nave foi atacada por uma força diferente de hora em hora e os robôs observaram atentamente cada uma delas, analisando as armas que reconheciam. Mas isso não acontecia com todas.

Os humanos, porém, haviam construído solidamente. A nave levara quinze anos para ser estruturada, assim como os robôs e suas partes essenciais, e o conjunto podia ser definido em duas palavras: força bruta. O ataque desgastava-se inutilmente, sem afetar a espaçonave ou os robôs.

– Creio que a atmosfera os prejudica – falou Três – Não podem usar energia atômica, pois abririam um buraco naquela espessa camada e explodiriam.

– Não usaram também explosivos violentos, o que é ótimo – observou Dois. – Não nos afetariam, naturalmente, mas seríamos um tanto sacudidos.

– Explosivos violentos estão fora de cogitação. Não se pode ter um explosivo sem expansão de gases, e isto é impossível nesta atmosfera.

– É uma ótima atmosfera – murmurou Um. – Eu gosto dela.

O que era natural, uma vez que fora para ela construído. Os robôs ZZ eram os primeiros fabricados pela U.S. Robôs e Homens Mecânicos S.A. sem a mais leve aparência humana. Eram baixos e atarracados, com o centro de gravidade a menos de trinta centímetros do solo. Tinham seis pernas, curtas e vigorosas, desenhadas para erguer toneladas em gravidade duas vezes e meia maior que a normal da Terra. Seus reflexos tinham rapidez proporcional, para compensar a gravidade, e compunham-se de uma liga de berilo-irídio-bronze resistente a qualquer agente corrosivo conhecido e a qualquer agente destruidor – à exceção de um disruptor atômico de mil megatons – sob quaisquer condições.

Em outras palavras, eram indestrutíveis e tão vigorosos que passaram a ser os únicos a quem os roboticistas da corporação jamais tiveram a coragem de impor um apelido. Um brilhante técnico

havia sugerido Sissy Um, Dois e Três, mas em voz baixa, e a sugestão não encontrara eco.

As últimas horas de espera foram passadas em discussão. Procuravam descrever a aparência dos jupiterianos. ZZ Um anotara que possuíam tentáculos e simetria radial, e nisso haviam ficado. Dois e Três fizeram tentativas, mas não conseguiram ajudá-lo.

– Não é possível descrever muito bem coisa alguma sem um padrão de referência – declarou Três, finalmente. – Estas criaturas não parecem com coisa alguma que eu conheça. Estão inteiramente por fora das trilhas do meu cérebro positrônico. É como tentar descrever um raio gama a um robô não equipado para a recepção de raios gama.

Naquele exato momento, a barragem atacante novamente cessou e os robôs voltaram a atenção para o exterior da nave.

Um grupo de jupiterianos adiantava-se de modo estranhamente desigual, mas nem a mais minuciosa observação poderia determinar seu método exato de locomoção. De que modo usavam os tentáculos era difícil saber. Às vezes deslizavam de maneira surpreendente, depois moviam-se a grande velocidade, talvez com a ajuda do vento, pois adiantavam-se nesse sentido.

Os robôs saíram ao encontro dos jupiterianos, que se detiveram a uns três metros de distância. Ambas as facções permaneceram silenciosas e imóveis.

ZZ Dois falou:

– Devem estar nos observando, mas não sei como. Algum de vocês nota órgãos fotossensíveis?

– Não sei – resmungou Três. – Eles não fazem sentido absolutamente.

Ouviu-se de repente um clique metálico entre o grupo jupiteriano e ZZ Um falou, encantado:

– É o código de rádio. Trouxeram o especialista em comunicações.

Era e tinham trazido mesmo. O complicado sistema de ponto-traço, elaborado penosamente durante vinte e cinco anos pelos jupiterianos e os terrestres de Ganimedes, transformara-se num meio bastante flexível de comunicação e estava afinal sendo posto

em ação a curta distância.

Um jupiteriano permaneceu mais à frente, enquanto os outros recuavam. Era ele quem estava falando. Os sinais diziam:

– De onde vêm?

ZZ Três, o de mentalidade mais adiantada, assumiu naturalmente a liderança do grupo.

– Somos do satélite de Júpiter, Ganimedes. O jupiteriano continuou:

– Que querem?

– Informação. Viemos estudar o seu mundo e trazer as nossas descobertas. Se pudéssemos obter a sua cooperação…

Os sinais do jupiteriano interromperam-no:

– Vocês precisam ser destruídos!

ZZ Três fez uma pausa e num aparte aos companheiros disse, pensativo:

– Exatamente a atitude que nossos mestres terrenos previram. São muito estranhos.

Voltando aos sinais perguntou simplesmente:

– Por quê?

O jupiteriano considerava, evidentemente, certas perguntas demasiado tolas para merecerem resposta. Disse apenas:

– Se partirem dentro de um só período de evolução nós os pouparemos, até o dia em que sairmos do nosso mundo para destruir os vermes não-jupiterianos de Ganimedes.

– Gostaria de observar que nós, de Ganimedes e dos planetas interiores…

O jupiteriano interrompeu-o:

– Nossa astronomia conhece o Sol e nossos quatro satélites. Não existem planetas interiores.

Três não insistiu, recomeçando:

– Nós, de Ganimedes, não temos intenções belicosas com relação a Júpiter. Estamos dispostos a oferecer a nossa amizade. Durante vinte e cinco anos seu povo comunicou-se livremente com os seres humanos de Ganimedes. Haverá razão para uma guerra súbita com os humanos?

– Durante vinte e cinco anos supomos que os habitantes de

Ganimedes eram jupiterianos – foi a resposta glacial – Quando descobrimos que não e que vínhamos tratando com animais inferiores ao nosso nível de inteligência, fomos obrigados a tomar medidas para resgatar nossa honra.

E terminou, com lentidão e energia:

– Nós, de Júpiter, não suportaremos a existência de vermes!

O jupiteriano recuou, de certo modo, fazendo um esforço contra o vento, e a entrevista evidentemente ficou encerrada.

Os robôs recolheram-se à nave.

– As coisas estão más, não é? – disse ZZ Dois, que prosseguiu, pensativo: – Foi como disseram os mestres humanos. Eles possuem um complexo de superioridade extraordinariamente desenvolvido, combinado a uma extrema intolerância a qualquer pessoa ou coisa que perturbe esse complexo.

– A intolerância é consequência natural do complexo – observou Três. – o problema é que a intolerância deles é agressiva. Têm armas – e sua ciência é bastante avançada.

– Não surpreende que tenhamos sido especificamente instruídos para não atender às ordens jupiterianas – exclamou ZZ Um. – São seres horríveis, intoleráveis, pseudo-superiores! – E acrescentou enfaticamente, com lealdade e fé robóticas: – mestre humano algum seria assim!

– Isso, embora verdadeiro, não tem relevância – falou Três – o que importa é que os mestres humanos estão em terrível perigo. Este mundo é gigantesco e os jupiterianos são cem vezes maiores em número e recursos, talvez mais, do que todos os homens do Império Terrestre. Se forem capazes de fabricar um campo de força e usá-lo no casco de uma espaçonave – como os nossos mestres humanos já fizeram – dominarão à vontade todo o sistema. A questão é saber até que ponto avançaram nesse sentido, quais as outras armas que possuem, que preparativos estão fazendo etc. Regressar com esse informe é a nossa função, naturalmente, de modo que é melhor decidirmos qual será nosso próximo passo.

– Isto talvez seja difícil – replicou Dois. – os jupiterianos não nos ajudarão. – o que, tendo-se em vista as circunstâncias, era dizer muito pouco.

– Parece-me que só temos que esperar. Tentaram destruir-nos durante trinta horas e não conseguiram. Fizeram o possível, com certeza. Um complexo de superioridade envolve sempre a eterna necessidade de salvar as aparências, e o ultimato que nos dirigiram o prova neste caso. Jamais nos permitiriam partir se pudessem destruir-nos. Mas se não partimos fingirão, com certeza, que estão dispostos, por motivos que só eles conhecem, a nos permitir ficar.

E mais uma vez esperaram. Passou-se o dia. A barragem bélica não voltou a funcionar. Os robôs não se retiraram. A ameaça revelara-se inútil. De novo os robôs se defrontaram com o especialista em código de rádio.

Se os modelos ZZ houvessem sido equipados com senso de humor estariam se divertindo imensamente.

Como isso não acontecera, sentiam apenas uma solene satisfação.

O jupiteriano falou:

– Decidimos permitir que permaneçam por um curto período, a fim de verificar pessoalmente o nosso poderio. Regressarão a Ganimedes para informar aos outros vermes seus semelhantes de seu desastroso fim, dentro de uma revolução solar.

ZZ Um anotou mentalmente que uma revolução jupiteriana durava doze anos terrestres. Três respondeu tranquilamente:

– Obrigado. Podemos acompanhá-los à cidade mais próxima? Há muita coisa que gostaríamos de aprender. – E acrescentou: – Nossa nave não será tocada, naturalmente.

Disse isso em tom de pedido, e não de ameaça, pois nenhum modelo ZZ era belicoso. Toda capacidade mesmo para a mais leve irritação fora cuidadosamente banida de sua construção. Com robôs tremendamente potentes, como os ZZ, um bom humor inalterável era essencial para a segurança nos amos de teste na Terra.

– Não estamos interessados em sua mísera nave – replicou o jupiteriano. – Nenhum de nós se contaminará aproximando-se dela. Podem acompanhar-nos, mas não devem de modo algum chegar a menos de três metros de qualquer jupiteriano. Serão instantaneamente destruídos.

– Convencidos, hem? – observou Dois, num sussurro bem-

humorado, enquanto lutavam contra o vento.

A cidade era um porto às margens de um incrível lago de amônia. O vento soprava furioso e ondas espumantes saltavam na superfície líquida em louca velocidade, sublinhada pela gravidade. O porto não era vasto nem imponente e parecia bastante óbvio que a maior parte das construções era subterrânea.

– Qual a população deste local? – perguntou Três.

– É uma pequena cidade de dez milhões de habitantes – replicou o jupiteriano.

– Compreendo. Anote isso, Um.

ZZ Um anotou mecanicamente e voltou-se de novo para o lago, que estivera contemplando, fascinado. Tocando o ombro de Três, perguntou:

– Acha que existem peixes aí?

– Que importa?

– Acho que devemos saber. Os mestres humanos ordenaram que descobríssemos o máximo possível – sendo o mais simples dos robôs, aceitava as ordens de maneira mais literal.

Dois interveio:

– Um pode investigar, se quiser. Não há mal em que o garoto se divirta um pouco.

– Está bem. Não há objeção, se não perder tempo. Não viemos procurar peixes, mas… pode ir, Um.

ZZ Um partiu muito animado, descendo rapidamente à praia e mergulhando com espalhafato na amônia. Os jupiterianos observaram-no atentamente. Não haviam compreendido nada da conversa anterior, é claro.

O especialista em código transmitiu:

– É evidente que seu companheiro resolveu abandonar a vida, desesperado com a nossa grandeza.

Três replicou, surpreendido:

– Nada disso. Quer investigar os organismos vivos, se é que existem, na amônia. – E acrescentou como quem pede desculpas: – Nosso amigo é às vezes muito curioso e menos inteligente do que nós, o que é uma pena. Compreendemos isso e procuramos fazer-lhe a vontade sempre que possível.

Houve uma prolongada pausa e o jupiteriano observou:

– Ele se afogará.

Três respondeu tranquilamente:

– Não há perigo. Nós não nos afogamos. Podemos entrar na cidade assim que ele voltar?

Naquele momento produziu-se no lago um jato de líquido de várias centenas de metros de altura. Projetando-se loucamente para cima, caiu transformado em vapor, que foi soprado pelo vento. Outro jato, mais outro. Depois uma espuma branca formou-se, deixando uma esteira até a margem e desaparecendo gradualmente.

Os dois robôs observaram surpreendidos o fenômeno e a absoluta imobilidade dos jupiterianos indicava que também eles observavam.

Então a cabeça do ZZ Um emergiu e aproximou-se lentamente da margem. Mas algo o seguia! Um ser de dimensões gigantescas, que parecia ser todo constituído de presas, garras e espinhas. Viram então que não o acompanhava por livre e espontânea vontade, mas estava sendo arrastado para a praia. Seu corpo apresentava uma significativa imobilidade.

Aproximando-se timidamente, ZZ Um apossou-se da comunicação, transmitindo uma agitada mensagem ao jupiteriano:

– Lamento muito o que aconteceu, mas esta coisa atacou-me. Eu estava apenas tomando notas. Espero que não seja uma criatura de muito valor.

A resposta não veio de imediato, pois quando o monstro apareceu houve uma louca correria nas fileiras jupiterianas. Quando estas se reconstituíram lentamente e uma cautelosa observação provou que a criatura estava de fato morta, a ordem restabeleceu-se. Alguns mais ousados tocavam o corpo, curiosos.

ZZ Três disse humildemente:

– Espero que perdoe nosso amigo. Às vezes ele se mostra desajeitado. Não temos nenhuma intenção absolutamente de fazer mal a qualquer criatura de Júpiter.

– Ele me atacou – explicou Um. – Mordeu-me sem provocação. Veja! – e exibiu uma presa de sessenta centímetros de comprimento, terminando numa ponta serrilhada – Quebrou-a no

meu ombro e quase deixou um arranhão. Só lhe dei um safanão para afastá-lo… e ele morreu. Sinto muito!

O jupiteriano falou finalmente, e o código parecia um gaguejo.

– É uma criatura selvagem, raramente encontrada tão junto à margem, mas o lago é profundo aqui.

Ansioso, Três falou:

– Se puderem utilizá-lo para alimentação teremos o maior prazer…

– Não. Podemos conseguir comida sem a ajuda de verm… sem a ajuda de outrem. Comam-no vocês mesmos.

ZZ Um ergueu então o ser e atirou-o ao mar com leve movimento de braço. Três falou calmamente:

– Obrigado por sua bondosa oferta, mas não precisamos de alimento. Não comemos, naturalmente.

Escoltados por cerca de duzentos jupiterianos armados, os robôs passaram por uma série de rampas, penetrando na cidade subterrânea. Se na superfície ela parecia pequena e sem importância, sob a terra assumia a aparência de uma vasta megalópole.

Os robôs foram conduzidos a carros acionados por controle remoto – pois nenhum jupiteriano que se respeitasse arriscaria sua superioridade colocando-se no mesmo veículo que os vermes – e transportados a tremenda velocidade para o centro da cidade. Viram o bastante para calcular que ela teria uns cinquenta quilômetros de extensão e mergulhava pelo menos uns oito quilômetros na crosta de Júpiter.

ZZ Dois não parecia muito feliz ao dizer:

– Se isto é uma amostra do progresso jupiteriano, nosso relatório aos mestres humanos não será muito auspicioso. Afinal, pousamos a esmo na superfície do planeta, com uma chance contra mil de nos encontrarmos nas imediações de uma zona populosa. Segundo o especialista, isto é uma cidadezinha.

– Dez milhões de jupiterianos – disse Três, distraído – o total da população deve orçar pelos trilhões, o que é bastante, mesmo para Júpiter. Devem ter uma civilização completamente urbana, o que significa que seu desenvolvimento científico será tremendo. Se

tiverem campos de força…

Três não possuía pescoço, pois, no interesse do vigor das cabeças, os modelos ZZ giravam firmemente o torso, com os delicados cérebros positrônicos protegidos por três diferentes camadas de liga de irídio, com dois centímetros e meio de espessura. Mas se tivesse a teria meneado tristemente.

Haviam parado num espaço livre. Ao redor viam-se avenidas e estruturas fervilhantes de jupiterianos, tão curiosos como qualquer terrestre em circunstâncias similares.

O especialista em código aproximou-se.

– Chegou a hora de retirar-me até o próximo período de atividade. Chegamos ao cúmulo de providenciar alojamento para vocês, com grande incômodo para nós, pois a estrutura precisará ser destruída e reconstruída mais tarde. Contudo, poderão dormir por algum tempo.

ZZ Três agitou um braço num gesto deprecatório e transmitiu:

– Agradecemos, mas não precisam se incomodar. Não pretendemos ficar aqui. Se quiserem dormir e descansar, não façam cerimônia. Esperaremos por vocês. – E acrescentou tranquilamente: – Nós não dormimos.

O jupiteriano não respondeu, embora, caso tivesse rosto, fosse interessante observar-lhe a expressão. Retirou-se e os robôs permaneceram no carro, com uma escolta de jupiterianos bem armados e substituídos com frequência.

Horas depois, as fileiras dos guardas abriram-se para deixar passar o especialista em código. Vinha acompanhado de outros jupiterianos, a quem apresentou.

– Trago dois oficiais do governo central, que graciosamente consentiram em falar-lhes.

Um dos oficiais evidentemente conhecia o código, pois seu clique interrompeu asperamente o do especialista. Dirigindo-se aos robôs falou:

– Vermes! Saiam do carro para que eu possa vê-los.

Os robôs obedeceram com a maior boa vontade. Enquanto Três e Dois saltavam por sobre a borda, ZZ Um atravessou a esquerda do veículo. A palavra atravessou foi usada corretamente, pois uma

vez que não acionou o mecanismo para baixar a parede lateral, por onde se saía, carregou com aquele lado e mais duas rodas e um eixo. O carro desmoronou-se e ZZ Um contemplou as ruínas, num silêncio embaraçado.

Finalmente disse, em voz baixa:

– Lamento muito. Espero que o carro não seja muito valioso.

ZZ Dois acrescentou, pedindo desculpas:

– Nosso companheiro é meio desajeitado às vezes. Desculpem-no, por favor. – E fez uma leve tentativa para reconstituir o carro.

ZZ Um fez outro esforço para desculpar-se.

– O material do carro era pouco resistente, estão vendo? – E ergueu um pedaço de plástico duro como metal, de sete centímetros de espessura. Exercendo pressão com ambas as mãos, facilmente quebrou-o ao meio. – Eu devia ter tido mais cuidado – confessou.

O oficial do governo jupiteriano falou em tom um pouco menos áspero:

– O carro teria que ser mesmo destruído, depois de poluído por sua presença. – E, após um silêncio: – Criaturas! Nós, jupiterianos, não sentimos curiosidade com respeito aos animais inferiores, mas nossos cientistas procuram fatos.

– Concordamos plenamente – replicou Três, bem-humorado – Pensamos da mesma maneira.

O jupiteriano ignorou-o.

– Vocês aparentemente não dispõem de órgão sensível à massa. Como percebem os objetos distantes?

Três pareceu interessado.

– Quer dizer que vocês são diretamente sensíveis à massa?

– Não estou aqui para responder às suas perguntas – suas impudentes perguntas – a nosso respeito.

– Suponho então que objetos de pequena massa específica seriam transparentes para você, mesmo na ausência de radiação. – E voltando-se para Dois:

– É assim que eles veem. Sua atmosfera é tão transparente para eles como o espaço.

Os cliques do jupiteriano recomeçaram.

– Responda imediatamente à minha pergunta, senão perderei a

paciência e mandarei destruí-lo.

Três respondeu logo:

– Somos sensíveis à energia, jupiteriano. Podemos ajustar-nos à vontade a toda escala eletromagnética. No momento, nossa visão a longa distância é devida à transmissão de ondas de rádio por nós mesmos emitidas, e de perto vemos por meio de… – calou-se, voltando-se para Dois: – Não existe nenhum código para o raio gama, existe?

– Não que eu saiba – respondeu Dois. Três prosseguiu, voltando-se para o jupiteriano:

– De perto vemos por meio de outra radiação, para a qual não temos código.

– De que se compõe seu corpo? – indagou o jupiteriano.

Dois murmurou:

– Ele está perguntando isso provavelmente porque sua sensibilidade à massa não pode penetrar a epiderme. Alta densidade, compreende? Devemos dizer a ele?

Três respondeu, hesitante:

– Nossos mestres humanos não recomendaram particularmente que guardássemos nenhum segredo – Em código de rádio, disse ao jupiteriano: – Somos constituídos principalmente de irídio. E mais cobre, latão, um pouco de berilo e um punhado de outras substâncias.

Os jupiterianos recuaram e pelo obscuro contorcer de diversas porções de seus corpos indescritíveis davam a impressão de estar imersos em animada conversa, embora não emitissem som algum.

Finalmente o oficial regressou:

– Seres de Ganimedes! Ficou decidido que lhes mostraremos algumas de nossas fábricas, exibindo assim uma fração de nossas grandes realizações. Em seguida permitiremos que regressem, a fim de espalharem o desespero entre os outros verm… os outros seres do mundo exterior.

Três disse para Dois:

– Observe o efeito de sua psicologia. Têm necessidade de insistir em sua superioridade. É também uma questão de salvar as aparências. – E em código: – agradecemos a oportunidade.

Mas a operação foi eficiente, conforme os robôs logo perceberam. A demonstração transformou-se numa excursão, a excursão numa “Grande Exibição”. Os jupiterianos exibiram tudo, explicaram tudo, responderam animadamente a todas as perguntas e ZZ Um tomou centenas de notas desesperadoras.

O potencial bélico daquela única cidade sem importância era várias vezes maior que o de Ganimedes inteiro. Dez cidades semelhantes produziriam mais do que todo o Império Terrestre. Dez outras não seriam sequer um pequeno fragmento de toda a força de que Júpiter dispunha.

Três sentiu uma forte cotovelada nas costas.

– O que foi? – perguntou, voltando-se. Muito sério, Um respondeu:

– Se tiverem campos de força, os mestres humanos estão perdidos, não estão?

– Temo que sim. Por que pergunta?

– Por que os jupiterianos não nos estão mostrando o lado direito desta fábrica. É possível que os campos de força sejam fabricados ali. Eles guardariam segredo. É melhor descobrirmos. Não há nada mais importante do que isso.

Três olhou sombrio para Um.

– Talvez tenha razão. Não adianta ignorar coisa alguma.

Encontravam-se numa imensa siderúrgica, observando lingotes de trezentos metros de uma liga de silicone-aço, resistente à amônia, sendo fabricados à razão de vinte por segundo. Três perguntou baixinho:

– Que contém aquela ala?

O oficial do governo indagou aos encarregados da fábrica, que explicaram:

– É o departamento de altos fornos. Vários processos exigem tremendas temperaturas, que a vida não pode suportar, e todos devem ser indiretamente controlados.

Conduzindo-os a uma divisão de onde o calor se irradiava, indicou uma área pequena e redonda de material transparente. Fazia parte de uma fileira de outras iguais, através das quais as luzes vermelhas de brilhantes forjas eram vistas na pesada

atmosfera.

ZZ Um olhou desconfiado para o jupiteriano e transmitiu:

– Poderíamos entrar e dar uma espiada? Estou muito interessado nisto.

– Você está sendo infantil, Um – falou Três. – Estão dizendo a verdade. Ora, dê uma espiada se quiser, mas não demore. Precisamos seguir adiante.

O jupiteriano avisou:

– Não faz ideia do calor desprendido. Morrerá.

– Oh, não – replicou Um, tranquilo. – o calor não nos afeta.

Houve uma confabulação entre os jupiterianos e em seguida uma cena de confusão, enquanto a vida da fábrica era ativada para enfrentar aquela emergência. Telas de material isolante foram montadas e então abriu-se uma porta, que jamais fora aberta enquanto os fornos estavam em funcionamento, ZZ Um entrou e a porta fechou-se por trás dele. Os jupiterianos reuniram-se diante dos setores transparentes para observá-lo.

ZZ Um encaminhou-se para o forno mais próximo e deu pancadinhas no seu revestimento. Como era demasiado baixo para vê-lo confortavelmente, inclinou-o de modo que o metal líquido pingasse um pouco da borda. Observando-o, curioso, nele mergulhou a mão, agitando-a durante algum tempo para testar a consistência. Depois sacudiu as gotas de metal incandescente, enxugou o resto numa de suas seis coxas e percorreu lentamente a fileira de fornos. Por sinais transmitiu então o desejo de sair.

Os jupiterianos recuaram respeitável distância quando ele transpôs a porta e fizeram funcionar um jato de amônia que assobiou e ferveu até atingir novamente uma temperatura suportável.

Ignorando o banho de amônia, ZZ Um falou:

– Disseram a verdade. Não há campos de força.

Três começou:

– Sabe… – mas Um interrompeu-o, impaciente:

– Não adianta demorarmos aqui. Os mestres humanos nos orientaram no sentido de descobrirmos tudo e já o fizemos.

Voltando-se para o jupiteriano transmitiu, sem a menor

hesitação:

– Ouça, os jupiterianos já conseguiram elaborar campos de força?

Franqueza era, naturalmente, uma das naturais consequências dos poderes mentais menos desenvolvidos de ZZ Um. Dois e Três sabiam disso, de modo que se abstiveram de manifestar desaprovação diante da pergunta.

O oficial jupiteriano abandonou um tanto sua atitude rígida, que dava a impressão de estar olhando estupidamente para a mão de Um, aquela que o robô mergulhara no metal líquido, e disse lentamente:

– Campos de força? Então é este o principal objeto de sua curiosidade?

– Sim – respondeu Um, enfático.

O jupiteriano readquiriu, súbito, parte de sua segurança, pois os sinais tornaram-se mais enérgicos. E falou quase gritando:

– Venha comigo, verme! Três disse para Dois:

– Voltamos a ser vermes… parece que há más notícias pela frente.

Dois concordou, sombrio.

Foram conduzidos, então, para o extremo da cidade, ao setor que na Terra seria chamado subúrbio, onde percorreram uma série de estruturas, que corresponderiam vagamente a uma universidade terrestre.

Não houve explicações, e mesmo estas não foram solicitadas. O oficial jupiteriano caminhava rápido e os robôs o acompanhavam com a sombria convicção de que o pior estava a pique de acontecer.

Foi ZZ Um quem parou diante de uma abertura na parede, depois que todos os outros haviam passado.

– Que é isto? – quis saber.

A sala estava equipada com bancos estreitos e baixos, diante dos quais jupiterianos manipulavam uma série de estranhos dispositivos, onde se destacavam fortes eletromagnetos com três centímetros de comprimento.

– Que é isto? – perguntou Um, novamente. O jupiteriano voltou-se, impaciente:

– É um laboratório de biologia para os estudantes. Não há nada aí que possa interessá-lo.

– Mas que estão fazendo?

– Estudando vida microscópica. Nunca viu um microscópio?

Três interveio, explicando:

– Claro que viu, mas não desse tipo. Nossos microscópios são destinados a órgãos sensíveis à energia e funcionam por refração de energia radiante. É evidente que estes funcionam baseados na expansão da massa. Bastante engenhoso.

– Poderia examinar um dos seus espécimes? – perguntou Um.

– Para quê? Não pode usar os nossos microscópios por causa de suas limitações sensoriais e, além disso, nos forçará a inutilizar todos os espécimes de que se aproximar sem uma razão válida.

– Mas não preciso de microscópio – explicou Um, surpreendido. – Posso ajustar-me facilmente à visão microscópica.

Dirigiu-se à mesa mais próxima, enquanto os estudantes agrupavam-se a um canto, para evitar contaminação. Afastando um microscópio, ZZ Um examinou cuidadosamente a lâmina. Recuando, intrigado, estudou outra… e mais outra… e mais outra.

Regressando, perguntou ao jupiteriano:

– Deviam estar vivos, não? Refiro-me àqueles vermezinhos.

– Certamente – replicou o jupiteriano.

– É estranho. Quando olho para eles, morrem! Três emitiu uma exclamação, voltando-se para os companheiros:

– Esquecemos nossa radiação de raios gama. Vamos sair daqui, Um, senão mataremos toda a vida microscópica desta sala.

E voltando-se para o jupiteriano:

– Nossa presença pode ser fatal a formas de vida menos resistentes. É melhor sairmos. Espero que os espécimes possam ser substituídos com facilidade. E já que falamos no assunto, seria conveniente afastarem-se de nós, pois nossa radiação pode ter efeitos desagradáveis. Até o momento sentiu-se bem? Espero.

O jupiteriano saiu da sala em orgulhoso silêncio, mas os robôs notaram que de então em diante duplicou a distância que vinham mantendo.

Ninguém disse mais nada até que os robôs se encontravam

numa vasta sala, em cujo centro imensos lingotes de metal jaziam sem apoio no ar, ou antes, sem qualquer apoio visível – enfrentando a gravidade de Júpiter.

O oficial transmitiu:

– Este é um campo de força recentemente aperfeiçoado. Dentro daquela bolha há o vácuo, sustentando todo o peso da nossa atmosfera, mais a quantidade de metal equivalente a duas grandes espaçonaves. Que acham disso?

– Que as viagens espaciais tornaram-se uma possibilidade para vocês – replicou Três.

– Sem dúvida. Nenhum metal ou plástico tem força para sustentar nossa atmosfera contra o vácuo, mas um campo de força é capaz disso. E nossas espaçonaves serão bolhas de campos de força. Dentro de um ano estaremos produzindo centenas de milhares. Em seguida, elas atacarão Ganimedes para destruir as pseudo-inteligências que tentam disputar o nosso domínio universal.

– Os seres humanos de Ganimedes jamais tentaram… – começou Três, numa leve censura.

– Silêncio! – ordenou o jupiteriano. – Regressem agora e contem o que viram. Seus campos de força inferiores, como aquele com que está equipada a sua nave, não resistirão aos nossos, pois as menores naves daqui terão cem vezes o tamanho e a potência das terrestres.

– Então, nada mais temos a fazer e regressaremos com a informação – disse Três – se nos conduzirem à nave, nós nos despediremos logo. Por uma questão de registro, gostaria de esclarecer algo que não compreenderam. Os seres humanos de Ganimedes possuem campos de força, naturalmente, mas a nossa nave não é equipada com nenhum. Não precisamos disso.

O robô voltou-lhes as costas e fez sinal aos companheiros que o seguissem. Ficaram calados por algum tempo, depois ZZ Um murmurou, desanimado:

– Não podemos destruir a cidade?

– Não adianta – replicou Três. – Eles nos dominariam. É inútil. Dentro de uma década os mestres humanos serão liquidados. É impossível enfrentar Júpiter. São demasiado poderosos. Enquanto

estiverem presos à superfície, os humanos estarão em segurança. Mas agora que já têm campos de força… Só nos resta levar a notícia. Construindo-se esconderijos, alguns sobreviverão por um curto período de tempo.

A cidade ficou para trás. Encontravam-se na planície descampada junto ao lago e a nave era apenas um pontinho escuro no horizonte quando o jupiteriano falou subitamente:

– Criaturas, estão dizendo que não dispõem de campo de força?

Três replicou, desinteressado:

– Não é preciso.

– Então, de que modo a nave resiste ao vácuo espacial sem explodir devido à pressão atmosférica interior? – E moveu um tentáculo, como se a um simples gesto indicasse que a atmosfera de Júpiter pesava sobre eles com a força de vinte milhões de quilos por centímetro quadrado.

– É muito simples – explicou Três. – Nossa nave não é vedada. As pressões se equiparam no interior e no exterior.

– Mesmo no espaço? Vácuo no interior da nave? É mentira!

– Pode examinar à vontade a espaçonave. Não possui campo de força e não é vedada. Mas não há nada de extraordinário nisto. Não respiramos. Obtemos energia diretamente da força atômica. A presença ou ausência de pressão pouco nos afeta e ficamos inteiramente à vontade no vácuo.

– Mas zero absoluto!

– Não tem importância. Regulamos o nosso próprio calor. Não nos interessam as temperaturas exteriores. – E, após uma pausa: – Podemos voltar sozinhos à nave. Adeus. Transmitiremos aos humanos de Ganimedes a sua mensagem – guerra total!

– Esperem! Voltarei – gritou o jupiteriano, dirigindo-se à cidade.

Os robôs fitaram-no espantados e aguardaram em silêncio.

Três horas depois ele regressou, ofegante de tanta pressa. Deteve-se a três metros dos robôs, como sempre, mas depois começou a avançar de estranha maneira, como se rastejasse. Só falou quando sua epiderme cinza e borrachenta quase os tocava. O código de rádio soou manso e respeitoso.

– Honrados senhores, comuniquei-me com o chefe do nosso governo central, que se encontra agora a par de todos os fatos, e asseguro-lhes que Júpiter só deseja a paz.

– Não compreendo – falou Três, atônito. O jupiteriano acrescentou logo:

– Estamos dispostos a voltar a comunicar-nos com Ganimedes, prometendo não nos aventurarmos no espaço. Nosso campo de força será utilizado somente na superfície de Júpiter.

– Mas…

– Nosso governo terá o maior prazer em receber quaisquer representantes de nossos veneráveis irmãos humanos que Ganimedes queira nos enviar. Se condescenderem agora em fazer um juramento de paz…

Um tentáculo escamoso adiantou-se para os robôs, e Três, espantado, apertou-o, imitado por Dois e Um.

Solene, o jupiteriano declarou:

– Reinará paz eterna entre Júpiter e Ganimedes.

A espaçonave, que vazava como uma peneira, encontrava-se novamente no cosmos. A pressão e a temperatura haviam voltado a zero e os robôs observavam o imenso globo que diminuía à distância – Júpiter.

– Eles são decididamente sinceros – falou ZZ Dois – e a total mudança de atitude é muito agradável, mas não a compreendo.

– Creio que os jupiterianos caíram em si ao compreender tudo o que havia de mau na ideia de prejudicar um mestre humano. O que é muito natural.

ZZ Três suspirou, dizendo:

– Ouçam, é uma questão de psicologia. Aqueles jupiterianos têm um tremendo complexo de superioridade e ao verem que não nos podiam destruir quiseram salvar as aparências. Toda aquela exibição e explicações eram uma forma de se gabarem, destinada a nos humilhar diante de sua força e superioridade.

– Compreendo tudo isso, mas… – interpôs ZZ Dois.

Três prosseguiu:

– Mas funcionou às avessas. Só conseguiram provar que éramos mais fortes, que não nos afogávamos, que não nos

alimentávamos, nem dormíamos e que metal incandescente não nos afeta. Nossa simples presença é fatal à vida em Júpiter. Sua última cartada era o campo de força. Ao descobrir que não precisávamos absolutamente dele, que podíamos viver no vácuo ao zero absoluto, capitularam – calou-se e depois acrescentou filosoficamente: – Quando um complexo de superioridade como aquele se desmorona, desmorona para valer.

Os outros dois ponderaram um instante e Dois falou:

– Mas continuo a não compreender. Que importa a eles o que podemos ou não fazer? Somos apenas robôs. Não somos nós que lutamos.

– É isso exatamente, Dois – falou Três. – Só pensei nisso depois que saímos de Júpiter. Sabe que esquecemos involuntariamente de dizer que somos apenas robôs?

– Eles não perguntaram – disse Um.

– Exato. Julgaram que somos seres humanos e que todos os habitantes da Terra são iguais a nós!

E voltou a contemplar Júpiter, pensativo:

– Não é para admirar que tenham desistido!

A MÁQUINA QUE GANHOU A GUERRA

As comemorações ainda deviam se prolongar bastante, e mesmo nas silenciosas profundezas das câmaras subterrâneas do Multivac havia algo de diferente no ar.

Em primeiro lugar, havia o simples fato do silêncio e do isolamento. Pela primeira vez nos últimos dez anos, não havia técnicos correndo pelos passadiços do imenso computador, as luzes não estavam piscando nos seus costumeiros padrões erráticos, o fluxo de entrada e saída de informações tinha sido interrompido.

Não por muito tempo, é claro, porque a implantação da paz iria impor suas próprias exigências. Mas naquele instante, por um só dia, talvez por uma semana, mesmo o Multivac tinha o direito de comemorar a grande data e repousar.

Lamar Swift tirou o quepe militar que usava e fitou o longo corredor central do computador gigante, que se estendia vazio à sua frente. Estava sentado numa das cadeiras giratórias usadas pelos técnicos, e seu uniforme, dentro do qual ele nunca chegara a se sentir confortável, tinha uma aparência gasta e amarrotada.

– Acho que vou sentir falta disso, por mais horrível que possa parecer – disse ele – É difícil lembrar de um tempo em que não estivéssemos em guerra com Deneb; agora parece antinatural saber que estamos em paz e podemos olhar sem medo para as estrelas.

Os dois homens da Diretoria Executiva da Federação Solar eram ambos mais jovens do que Swift. Nenhum deles tinha tantos cabelos brancos. Nenhum tinha uma expressão tão cansada.

John Henderson, lábios finos, mal conseguindo controlar o alívio que sentia em meio à sensação de vitória, exclamou:

– Foram destruídos! Totalmente destruídos! Fico repetindo isso o tempo todo e ainda não consigo acreditar. Passamos todos estes anos falando da ameaça que pairava sobre nós, sobre os demais planetas, sobre cada ser humano, e era verdade, cada palavra do que dizíamos era verdade. Agora estamos vivos... os denebianos é

que foram dizimados, destruídos! Nunca mais nos atacarão de novo.

– Graças ao Multivac – disse Swift, lançando um olhar de esguelha ao imperturbável Jablonsky, que durante toda a guerra tinha sido o Intérprete-Chefe do "oráculo" dos cientistas. – Certo, Max?

Jablonsky encolheu os ombros. Maquinalmente procurou um cigarro no bolso, mas acabou mudando de ideia. Ele era o único entre os milhares de técnicos que trabalhavam nos túneis interiores do Multivac que tinha autorização para fumar; mas nos estágios finais da guerra ele tinha feito um esforço heroico para abrir mão desse privilégio.

– Bom – disse ele, pelo menos é o que eles dizem – seu enorme polegar apontou para o alto, por sobre o ombro direito.

– Ciumento, Max?

– Por que estão brindando ao Multivac? Por que o Multivac foi o grande herói da humanidade nesta guerra? – o rosto áspero de Jablonsky assumiu um ar desdenhoso.

– O que tenho eu a ver com isso? Deixe que o Multivac seja a máquina que ganhou a guerra, se isso agrada a eles.

Henderson olhou de esguelha para os dois homens. Naquele breve interlúdio em que os três tinham instintivamente se abrigado no único lugar tranquilo de uma metrópole entregue ao delírio da comemoração; naquele compasso de espera entre os perigos da guerra e as dificuldades da paz; naquele instante em que todos eles podiam respirar aliviados, ele estava consciente apenas do fardo da culpa que carregava.

De súbito, foi como se aquele peso se tornasse grande demais para ser levado por ele sozinho. Tinha que ser retirado de seus ombros. Juntamente com a guerra. Agora!

– O Multivac não tem nada a ver com esta vitória – disse ele. – É apenas uma máquina.

– Uma grande máquina – disse Swift.

– Tudo bem, uma grande máquina. Não é melhor do que os dados com que é alimentada – Parou por um momento, nervoso diante do que iria dizer em seguida.

Jablonsky o fitou em silêncio, com os dedos procurando

novamente um cigarro e novamente mudando de ideia. Falou, por fim:

– Bom, você é quem sabe. Você lhe fornecia os dados. Ou está querendo receber os elogios por tudo?

– Nada de elogios – disse Henderson, zangado – o que sabem vocês dos dados utilizados pelo Multivac, pré-processados por centenas de computadores subsidiários aqui na Terra, na Lua, em Marte, até mesmo em Titã? Com os dados de Titã sempre chegando atrasados e nos deixando sempre naquela expectativa de que quando chegassem iriam introduzir alguma variável inesperada...

– É, era uma loucura – disse Swift, com simpatia. Henderson abanou a cabeça negativamente.

– Não se trata só disso. Reconheço que quando eu substituí Lepont como Programador-Chefe, há oito anos, eu estava nervoso. Mas o clima daquela época era diferente.

A guerra ainda estava sendo travada num front remoto, era uma espécie de aventura sem nenhum perigo real. Ainda não tínhamos atingido o ponto em que foi necessário utilizar naves tripuladas, ou quando armas interestelares podiam deformar o espaço e engolir um planeta inteiro, se manipuladas corretamente. Mas aí, quando as verdadeiras dificuldades tiveram início... – Sua voz permitiu-se enfim exprimir toda a raiva que sentia. – Mas vocês não sabem nada sobre isso!

– Muito bem – disse Swift. – Que tal se você nos contasse? A guerra acabou. Ganhamos.

– É mesmo – disse Henderson, assentindo com um gesto de cabeça. Tinha que ter aquilo em mente. Tinham ganhado a guerra. Tinha dado tudo certo, afinal. – Bem... acontece que a partir de uma certa época os dados já não faziam mais sentido.

– Não faziam sentido? Está dizendo isso literalmente? – perguntou Jablonsky.

– Literalmente. O que queriam vocês? O problema com vocês dois é que nunca tomaram parte, para valer, nos acontecimentos. Você, Max, nunca saía do Multivac; e quanto ao senhor, diretor, nunca deixava a Mansão, exceto em missões oficiais onde via apenas o que os outros queriam lhe mostrar.

– Eu tinha consciência disso – disse Swift, como você mesmo, aliás, deve ter percebido.

– Muito bem – prosseguiu Henderson. – Sabem até que ponto nossos dados referentes a capacidade produtiva, potencial de recursos, pessoal qualificado... tudo que era de importância vital para a guerra, na verdade... sabem até que ponto esses dados se tornaram inúteis, não confiáveis, durante a segunda metade da guerra? Líderes civis e militares tentavam melhorar a própria imagem, omitindo os fatos negativos e exagerando os positivos. Não importa o que os computadores fazem: os homens que os programam e que interpretam seus resultados estavam pensando em salvar a própria pele e em apresentar resultados melhores do que os de seus concorrentes. Era impossível modificar isso. Eu tentei e falhei.

– Claro – disse Swift, tentando consolá-lo – Não é de admirar que não tenha conseguido.

Desta vez Jablonsky tomou a decisão de acender o cigarro.

– E no entanto – falou – isso não impediu que você continuasse supervisionando a alimentação de dados para o Multivac. Você nunca nos disse nada sobre dados não confiáveis.

– E como poderia dizer? Se eu dissesse, alguém iria acreditar em mim? retorquiu Henderson com irritação. – Todo o nosso esforço de guerra tinha que passar através do Multivac. Era a única arma que poderia desequilibrar a guerra em nosso favor, já que os denebianos não tinham nada semelhante. Nos momentos de maior perigo, o que mantinha alto o nosso moral era a certeza de que o Multivac sempre conseguiria prever e anular qualquer movimento denebiano e ao mesmo tempo evitar que eles previssem e anulassem os nossos movimentos. Pelo Espaço! Depois que o nosso sistema de Hiperespionagem foi reduzido a poeira cósmica, ficamos totalmente sem dados sobre Deneb para fornecer ao Multivac... e nunca nos atrevemos a anunciar isso em público.

– Isso é verdade – concordou Swift.

– Muito bem – prosseguiu Henderson. – se eu dissesse a vocês que aqueles dados não mereciam confiança, que outra coisa vocês poderiam fazer a não ser recusar-se a acreditar em mim e me

substituir por outro? Eu não podia correr esse risco.

– E o que fez, então? – perguntou Jablonsky.

– Bom... já que ganhamos a guerra, acho que agora posso contar tudo. Eu alterava os dados.

– Como? – perguntou Swift.

– Intuição, talvez. Ficava mexendo neles até que me parecessem corretos. No começo eu mal me atrevia. Mudava um detalhe aqui, outro acolá, apenas para corrigir o que eram impossibilidades óbvias. Quando o céu não desabou sobre minha cabeça, fui ficando mais corajoso. Já agora no final eu nem tomava muitas precauções. Apenas me sentava e preparava os dados que me eram solicitados. Consegui inclusive que o Anexo do Multivac preparasse dados para mim, de acordo com um programa que criei especialmente para isso.

– Cifras aleatórias? – perguntou Jablonsky.

– Não propriamente. Eu introduzi um grande número de parâmetros indispensáveis.

Jablonsky deu um sorriso um tanto inesperado. Os olhos negros brilhavam por sob as pesadas pálpebras.

– Por três vezes me chegaram relatórios falando de utilização não autorizada do Anexo – disse ele. – sempre arquivei as denúncias. Se fosse algo importante, John, eu teria seguido até lá e desmascararia o que estava fazendo. Mas é claro que àquela altura o Multivac não estava mais realizando nada de importante, por isso deixei-o prosseguir.

– O que quer dizer com isso, "nada de importante"? – perguntou Henderson, desconfiado.

– A verdade. Se eu tivesse lhe contado tudo então, teria evitado muitas dores de cabeça para você. Mas se você tivesse aberto o jogo comigo também teria evitado as minhas. Quem lhe disse que o Multivac estava funcionando direito, independentemente dos dados que recebia?

– Não estava? – perguntou Swift.

– Na verdade, não. Não merecia confiança. Veja bem: onde estavam meus técnicos durante os últimos anos da guerra? Vou lhe dizer: estavam operando computadores em mais de mil instalações

especiais diferentes. Todos lá! Eu tive que tocar meu trabalho com a ajuda de garotos inexperientes e de veteranos com formação defasada.

Além do mais, acha que eu podia ter confiança nos componentes de estado sólido que recebia da Criogenia nos últimos anos? Em matéria de pessoal qualificado, a Criogenia estava tão despreparada quanto o meu setor. Para mim, era indiferente se os dados colocados no Multivac eram confiáveis ou não. Os resultados não seriam, em qualquer hipótese. Disso eu tinha certeza.

– E o que você fez? – perguntou Henderson.

– O mesmo que você: introduzi o fator subjetivo. Modifiquei os resultados de acordo com a minha intuição... e foi assim que a máquina ganhou a guerra.

Swift se recostou para trás na cadeira e esticou as pernas para a frente, exclamando:

– Mas quantas revelações! Quer dizer então que os relatórios que chegavam às minhas mãos, o material em que eu me baseava para tomar decisões... eram uma interpretação feita por um só indivíduo, a partir de dados inventados por um outro indivíduo. Era isso?

– Tudo indica que era – disse Jablonsky.

– Então eu estava certo em não dar muita importância a esses relatórios.

– Não dar? – a despeito da confissão que tinha acabado de fazer, Jablonsky ainda conseguiu compor um ar de orgulho profissional ferido.

– Infelizmente. O Multivac parecia estar dizendo: ataque aqui, não ali; faça isto, não aquilo; espere, não aja. Mas eu nunca podia ter certeza de que o Multivac dizia de fato o que parecia estar dizendo; ou melhor, se ele sabia o que estava dizendo. Eu não podia estar seguro.

– Mas os relatórios finais eram sempre muito claros, senhor – disse Jablonsky.

– Talvez... para quem não tinha que tomar a decisão final. Eu tinha. Esse tipo de responsabilidade acarreta um peso horrível, e nem mesmo o Multivac era suficiente para remover esse peso. Mas

o detalhe importante é: eu estava certo em duvidar, o que me dá agora um tremendo alívio.

Envolvido por aquela atmosfera cúmplice, cheia de confissões, Jablonsky abandonou as formalidades:

– Mas então, o que foi que você fez, Lamar? Por que o fato é que você tomava as decisões. De que modo?

– Bem, acho que preciso ir andando, mas... é, acho que posso dizer-lhes. Por que não, afinal? O fato, Max, é que lancei mão de um computador, mas um muito mais antigo do que o Multivac. Muito mais antigo, mesmo.

Ele enfiou a mão no bolso e extraiu dali um maço de cigarros juntamente com um punhado de pequenas moedas – dinheiro antigo, da época anterior ao racionamento de metal que transformara o dinheiro num simples serviço de crédito, ligado a um sistema computadorizado.

Swift deu um sorriso encabulado.

– Gosto de andar com isto... faz com que o dinheiro continue parecendo algo substancial. Um homem da minha idade tem dificuldade em abandonar os hábitos da juventude. Com um cigarro no canto da boca, ele foi recolocando as moedas no bolso, de uma em uma. Não guardou a última: segurou-a na ponta dos dedos e ficou fitando-a com olhar absorto.

– O Multivac não é o primeiro computador, camaradas, nem é o mais conhecido, nem o que pode retirar mais eficientemente o peso da responsabilidade de sobre os ombros de um executivo. A guerra ganha por uma máquina, John, e por um sistema de computação na realidade muito simples, um que eu usei cada vez que tinha que tomar uma decisão particularmente difícil.

Com um sorriso vagamente nostálgico, ele atirou a moeda para o alto com a unha do polegar; ela rebrilhou no ar enquanto girava e voltou a cair sobre a palma da mão de Swift. Seus dedos se fecharam sobre ela e num gesto hábil ele a pousou sobre as costas da mão esquerda; ainda mantendo a mão direita na mesma posição, ocultando a moeda, ele perguntou:

– E então, cavalheiros... cara ou coroa?

O QUE OS OLHOS VEEM

Depois de centenas de bilhões de anos, ele de súbito pensou em si mesmo como Ames. Não a combinação de comprimentos de ondas que era agora, através de todo o Universo, o equivalente de Ames, mas o som, o som daquele nome. Ele experimentou o ressurgir de uma memória muito tênue – a memória daquelas vibrações sonoras que ele já não captava e que nunca mais poderia captar.

Aquele novo projeto estava tornando sua memória mais sensível a tantas coisas antigas, coisas remotas, de muitos éons atrás. Ele comprimiu o vórtice de energia que constituía sua individualidade e suas linhas de força tornaram-se mais intensas, para além das estrelas.

Daí a pouco, captou o sinal de Brock, em resposta.

Claro que podia contar aquilo a Brock, pensou Ames. Claro que poderia contar a alguém.

O cambiante padrão energético de Brock alinhou-se ao seu.

– Não vem conosco, Ames?

– Claro.

– Vai tomar parte no concurso?

– Sim! – as linhas de força de Ames pulsaram de modo errático. – com certeza. Estive pensando numa nova forma de arte. Algo... fora do comum.

– Um desperdício de esforço. Você acha que se pode pensar numa nova variação, depois de duzentos bilhões de anos? Não pode haver nada novo.

Por um instante Brock mudou de fase e saiu de alinhamento, de modo que Ames teve que ajustar às pressas suas linhas de força. Ele captou o perpassar de outros pensamentos enquanto o fazia – a visão da poeira nebulosa das galáxias de encontro ao veludo negro do Nada e as linhas de força que pulsavam em infinitas formas de vida energética, no espaço entre as galáxias.

Ames disse:

– Por favor, Brock, absorva meus pensamentos. Não se isole. Estou pensando em... em manipular a Matéria. Imagine! Uma sinfonia de Matéria. Por que se preocupar com a Energia? Claro que não há nada de novo na Energia. Como poderia haver? E isso não significa que devemos nos voltar para a Matéria?

– Matéria!...

Ames interpretou as vibrações energéticas de Brock como de repulsa.

Respondeu:

– Por que não? Já fomos Matéria certa vez, há... há... oh, não sei, talvez um trilhão de anos! Por que não construir objetos com alguma substância material, ou formas abstratas, ou... ouça bem, Brock... por que não construir uma réplica de nós mesmos feita de Matéria, do jeito que fomos um dia?

– Não me lembro disso – respondeu Brock. – Ninguém se lembra.

– Eu lembro – tornou Ames, com energia. – Tenho pensado nisso o tempo inteiro e estou começando a lembrar. Brock, deixe-me mostrar-lhe. Diga-me se estou certo ou não. Por favor.

– Não. Isto é uma bobagem. É... repugnante.

– Deixe-me tentar, Brock. Nós somos amigos. Temos pulsado juntos nossas energias desde o início, desde o momento em que nos tornamos o que somos agora. Brock, por favor!

– Está bem. Mas rápido.

Ames não tinha experimentado um tal tremor em suas linhas de força desde... desde quanto tempo? Se ele tentasse agora diante de Brock e tudo desse certo, ele teria coragem para manipular a Matéria diante de uma plateia de Seres-energia que esperavam há éons pelo surgimento de alguma novidade.

A Matéria era extremamente rarefeita naquele espaço entre as galáxias, mas Ames a reuniu pacientemente, recolhendo cada fragmento esparso entre tantos anos-luz cúbicos, escolhendo os átomos, moldando aquilo até dar-lhe uma consistência quase de argila e compor uma forma ovoide, ligeiramente mais larga na parte de baixo.

– Não se lembra, Brock? – perguntou ele com suavidade. – Não era algo parecido com isto?

O vórtice de Brock estremeceu em fase.

– Não me faça lembrar! Eu não me lembro!

– Isto era a cabeça. Chamavam assim... cabeça. Eu me lembro tão bem, tão bem... tenho vontade de dizê-lo. De dizê-lo em sons.

Ele esperou um pouco, depois falou:

– Veja. Lembra-se disso?

Na parte superior do ovoide apareceu: CABEÇA.

– O que é? – perguntou Brock.

– A palavra que indica cabeça. Os símbolos que correspondem aos sons. Não me diga que não lembra, Brock.

– Havia algo... – disse Brock, hesitante – algo no meio... – Uma saliência vertical começou a se formar.

Ames exclamou:

– Isso! Nariz, é como se chamava! – Sobre a saliência apareceu NARIZ. – E isto dos dois lados são olhos. – apareceram OLHO ESQUERDO – OLHO DIREITO.

Ames considerou com atenção o que tinha acabado de formar e suas linhas de força pulsaram pausadamente. Aquilo lhe agradava, de fato?

– Boca – disse ele, sendo percorrido por leves estremecimentos. – E queixo, e pomo de Adão, e clavículas. É incrível... como essas palavras retornam – as palavras apareceram sobre a forma.

Brock disse:

– Eu não penso nisso há centenas de bilhões de anos. Por que você tinha que me lembrar? Por quê?

Ames estava imerso em seus pensamentos.

– Existe algo mais... – disse. – Órgãos para escutar. Alguma coisa que captava as ondas sonoras... Ouvidos! Mas, onde é que ficavam? Não consigo lembrar, não sei onde colocá-los...

Brock gritou de súbito:

– Deixe isso! Ouvidos, ou o que quer que seja! Não lembre!

Ames perguntou, hesitante:

– Mas... o que há de mal em lembrar?

– Por que a superfície não era assim, áspera e fria, do jeito que está aí! Era macia e quente! Por que os olhos eram vivos e cheios de ternura, e os lábios da boca estavam trêmulos, e eram muito suaves... de encontro aos meus – as linhas de força de Brock estavam vibrando e sacudindo-se de um lado para outro.

– Sinto muito! – disse Ames. – Sinto muito.

– Você me fez lembrar que um dia fui uma mulher e conheci o amor, que os olhos não servem apenas para ver e que eu não tenho mais olhos para fazer... o que eu queria fazer agora. – Num impulso repentino, ela agregou mais matéria aos olhos daquela forma tosca de cabeça e disse: – Eles podem fazer isto agora. – Mudou de direção e partiu.

Ames olhou aqui e lembrou que ele, um dia, tinha sido um homem. A força do seu vórtice fendeu em duas metades aquela cabeça e ele partiu por entre as galáxias seguindo o rastro energético deixado por Brock, rumo à fatalidade sem fim das formas vivas.

Os olhos da cabeça despedaçada da Matéria ainda brilhavam com a umidade ali depositada por Brock em forma de lágrimas. A cabeça da Matéria fez então o que os Seres-energia não podiam mais fazer e chorou por toda a humanidade e pela frágil beleza dos corpos que eles tinham descartado um dia, um trilhão de anos atrás.

O ESTILO MARCIANO

Parado no umbral do pequeno corredor que ligava os dois únicos quartos da parte tripulada da espaçonave, Mario Esteban Rioz observou, mal-humorado, os esforços de Ted Long para sintonizar o receptor de vídeo. Long girava o botão para a direita, depois para a esquerda, mas a imagem permanecia péssima.

Rioz sabia que ela continuaria assim. Estavam longe demais da Terra, numa posição desfavorável em relação ao Sol. Mas Long certamente não devia saber disso. Rioz permaneceu no umbral por mais alguns instantes, curvando a cabeça e pondo o corpo meio de lado para se acomodar à estreita passagem. De repente, ele saltou para dentro do aposento, como uma rolha de champanhe arremessada para longe da garrafa.

– Está procurando o quê? – perguntou

– Hilder – disse Long.

Rioz apoiou o quadril na quina da mesa e apanhou da prateleira logo acima de sua cabeça uma lata de leite em forma de cone. A extremidade da lata saltou a uma leve pressão e ele a ficou agitando em leves movimentos circulares enquanto esperava o líquido esquentar.

– Para quê? – perguntou, e começou a beber, fazendo barulho com a boca.

– Estava a fim de escutar um pouco.

– É um desperdício de energia. Long o fitou, franzindo a testa.

– O uso de aparelhos de vídeo pessoais é permitido – disse.

– Quando há razão – retrucou Rioz.

Os dois se fitaram desafiadoramente. Rioz tinha o corpo magro e o rosto macilento e pálido que eram quase a marca registrada dos Caçadores Marcianos, aqueles astronautas cujas naves rondavam pacientemente as rotas espaciais entre a Terra e Marte. Os olhos, de um azul pálido, estavam fundamente encravados num rosto moreno e de linhas cortantes, contrastando com o forro branco de

pele sintética que recobria a parte interior do capuz de seu traje espacial.

Long era ao mesmo tempo mais pálido e de compleição mais delicada. Tinha alguns sinais inconfundíveis de ser um terrestre, embora nenhum marciano de segunda geração pudesse ser considerado um terrestre no mesmo sentido em que um terrestre o era. Seu capuz estava jogado para trás, deixando à mostra o cabelo castanho escuro.

– O que você quer dizer com "quando há razão"? – perguntou ele.

Rioz apertou os lábios.

– Se levarmos em conta que esta viagem não vai dar sequer para pagar as despesas, como tudo leva a crer, não há razão para gastar energia em excesso.

– Já que estamos perdendo dinheiro, não seria melhor você voltar para seu lugar? O turno de vigia é seu.

Rioz soltou um grunhido e correu os dedos sobre a barba por fazer. Ergueu-se e caminhou para a porta, as botas pisando no chão com um som abafado. Parou para olhar o termostato e voltou-se para o outro, furioso.

– Bem que eu achei que isto aqui estava quente. Onde é que você pensa que está?

– Quarenta graus não é muito – disse Long.

– Para você talvez não. Mas isto aqui é o espaço, não um escritório aquecido nas minas de ferro – Rioz abaixou o controle do termostato até o mínimo, num gesto rápido. – o calor do Sol é o bastante.

– O Sol não está batendo deste lado – disse Long.

– Ora, que diabo – disse Rioz – mesmo assim o calor passa.

Rioz saiu porta afora e Long o acompanhou com os olhos por um longo tempo, após o que voltou a se concentrar no vídeo. Não mexeu no termostato.

A imagem ainda estava péssima, mas teria que ser daquele jeito. Long desdobrou da parede uma pequena cadeira e sentou em frente ao vídeo enquanto contemplava as primeiras frases de apresentação, a rápida dissolução da imagem, e a minúscula figura

iluminada por um spot, que foi se aproximando até encher a tela inteira com seu inconfundível rosto barbudo.

A voz, impressionante mesmo apesar dos chuviscos e ruídos provocados por tempestades de elétrons ao longo de vinte milhões de milhas, começou:

– Meus amigos e meus concidadãos da Terra...

O olho de Rioz captou o piscar do sinal de rádio no instante em que entrou na sala de pilotagem. Por um instante as palmas de suas mãos se umedeceram, quando pensou ter visto o alarme de radar; mas era apenas um reflexo de sua sensação de culpa. Ele não devia ter abandonado a torre de comando no meio de um turno, embora todos os Caçadores o fizessem. Era o pesadelo típico de um Caçador: o radar assinalando uma presença justo no instante em que o piloto saía para tomar um café, visto que não parecia haver nada nas redondezas. E esse pesadelo acontecia de vez em quando.

Rioz ligou o varredor múltiplo. Um gasto enorme de energia, mas já que ele tinha saído durante algum tempo, não custava nada verificar.

O espaço em redor estava tranquilo, exceto pelos ecos distantes produzidos pelas naves que percorriam as rotas vizinhas.

Ligou o rádio. A tela foi preenchida pelo rosto louro e pelo enorme nariz de Richard Swenson, copiloto da nave mais próxima entre a de Rioz e Marte.

– Oi, Mario – disse Swenson.

– Oi. Novidades?

Houve quase dois segundos de intervalo entre sua frase e a resposta de Swenson, uma vez que a velocidade da radiação eletromagnética não é infinita.

– Tive um dia daqueles – disse ele.

– Aconteceu alguma coisa?

– Apareceu uma cápsula.

– Bom.

– Teria sido, se eu tivesse conseguido pegá-la.

– E o que houve?

– Fiz uma besteira. Parti na direção errada.

Rioz era esperto o bastante para não dar uma gargalhada. Perguntou, apenas:

– Como foi isso?

– A culpa não foi minha. O problema é que a cápsula estava se movendo para fora da eclíptica. É preciso ser um piloto muito estúpido para não ter feito direito a manobra de desengate, mas como eu podia adivinhar? Calculei a distância da cápsula e não me preocupei em conferir. Presumi que sua órbita estivesse na trajetória habitual. Qualquer um teria feito o mesmo. Tracei para mim o que me pareceu uma boa linha de intersecção, e só depois de uns cinco minutos é que percebi que a distância estava aumentando. Os alarmes começaram a soar.

Tirei uma projeção angular da coisa, aí já era tarde demais para alcançá-la.

– Algum dos rapazes conseguiu pegá-la?

– Não. Já tinha saído da eclíptica e vai continuar na mesma direção para sempre. Mas não é isso que está me aborrecendo. Era apenas uma cápsula interna. Mas nem posso pensar nas toneladas de propulsão que gastei tentando alcançá-la e depois retornando à órbita estacionaria. Você devia ter ouvido Canute.

Canute era o irmão e parceiro de Swenson.

– Ficou maluco, hem? – perguntou Rioz.

– Maluco? Quis me matar. Mas a gente já está voando há cinco meses e a coisa está começando a pegar. Sabe como é.

– Claro.

– E vocês aí, Mario?

Rioz fez um gesto de cuspir para o lado.

– Mesma coisa desta vez. Duas cápsulas nas duas últimas semanas, e tive que caçar cada uma delas por umas seis horas.

– Das grandes?

– Está brincando? Eu podia tê-las empurrado para Fobos com a mão. Esta viagem é a pior que já fiz na vida.

– Quanto tempo ainda vão ficar?

– Por mim iríamos embora amanhã. Faz somente dois meses que estamos no espaço e eu e Long já estamos como gato e rato.

Houve uma pausa bem maior do que o intervalo habitual.

– Como é ele? – perguntou Swenson – me refiro a Long. Rioz olhou por sobre o ombro. Podia escutar o barulho do receptor de vídeo na parte traseira.

– Não sei direito ainda. Uma semana depois que começamos a viagem ele perguntou: "Mario, por que você é um Caçador?" Olhei para ele e disse: "Para ganhar a vida; achou que era por quê?" Quer dizer... que diabo de pergunta é essa? Por que alguém vira um Caçador? "Em todo caso ele insistiu: "Não é bem isso, Mario." Ele me dizendo. Falou assim: "Você é um Caçador porque isso faz parte do estilo marciano."

– E o que diabo ele quer dizer com isso? – perguntou Swenson.

Rioz encolheu os ombros.

– Nunca perguntei. Agora mesmo ele está lá sentado, ouvindo a ultramicroondas da Terra. Está escutando um terrestre chamado Hilder.

– Hilder? Um político terrestre... um congressista, ou coisa parecida, não é?

– Isso mesmo. Pelo menos acho que é isso. Long está sempre fazendo esse tipo de coisa. Trouxe uns quinze quilos de livros com ele, tudo sobre a Terra. Peso morto.

– Bom, ele é seu parceiro. E por falar em parceiro, tenho que voltar ao trabalho. Se eu perder outra cápsula vai haver um assassinato por aqui.

Desligaram. Rioz se espreguiçou no assento. Observou a fina linha verde no vídeo que registrava os pulsos do varredor. Ligou o varredor múltiplo por um instante. O espaço continuava vazio.

Sentia-se um pouco melhor. Um mau período como aquele torna-se muito pior quando se sabe que os outros Caçadores em redor estão pegando uma cápsula atrás da outra; quando se sabe que as cápsulas que descem em espiral até as fornalhas de ferro–velho em Fobos têm em si as marcas de todos os concorrentes menos a sua. Além disso, tinha desabafado um pouco de seu ressentimento contra Long.

Tinha sido um erro fazer parceria com Long. Era sempre um erro fazer parceria com um pé– macio. Eles sempre achavam que você tinha necessidade de conversar; especialmente Long, com

suas eternas teorias sobre Marte e seu importante papel no progresso da humanidade. Era assim que ele dizia: o Progresso da Humanidade; o Estilo Marciano; a Nova Minoria Criativa. E durante o tempo todo o que Rioz queria não era bate– papo, era um achado, era uma meia dúzia de cápsulas onde pudesse ferretear sua marca.

Ele não tinha tido escolha. Long era bastante conhecido em Marte e ganhava razoavelmente como engenheiro de minas. Era amigo do Comissário Sankov e já tinha feito uma ou duas missões ao espaço. Você não pode recusar um sujeito assim de cara, sem lhe dar ao menos uma chance, mesmo que a coisa toda pareça ridícula. O que levaria um engenheiro de minas, com um emprego confortável e um bom pagamento, a se meter a viajar pelo espaço?

Rioz nunca tinha perguntado isto a Long. Os parceiros do espaço são forçados a uma convivência muito próxima, o que torna a curiosidade indesejável, às vezes perigosa.

Mas Long falava tanto que um dia acabou respondendo a pergunta por sua própria conta.

– Eu tinha que vir até aqui, Mario – disse ele – o futuro de Marte não está nas minas, está no espaço.

Rioz punha-se a imaginar como seria fazer uma viagem sozinho. Todos diziam que era impossível. Mesmo sem levar em conta as oportunidades perdidas toda vez que o piloto tivesse que dormir ou cuidar de alguma outra coisa, era fato notório que um homem sozinho no espaço não tardava em ser vítima de depressão aguda.

Tendo um parceiro, uma viagem de seis meses tornava-se possível. Seria melhor uma tripulação convencional, mas aí seria necessário uma nave muito maior, e a rentabilidade cairia a zero. Somente a propulsão já custaria uma fortuna.

Mesmo para uma tripulação de dois, o espaço não era propriamente divertido. Em geral trocava-se de parceiro a cada nova viagem, e com alguns era possível ficar mais tempo do que com outros. Como Richard e Canute Swenson, por exemplo. Iam juntos a cada cinco ou seis viagens, porque eram irmãos. Mesmo assim, cada viagem se transformava, depois da primeira semana, num processo crescente de tensão e antagonismo.

Então, tudo bem. O espaço estava tranquilo. Rioz achou que se sentiria melhor se fosse até a parte traseira e tentasse aparar algumas das arestas com Long.

Poderia servir também para mostrar que ele era um sujeito calejado, que não levava muito a sério as irritações surgidas durante um voo.

Ficou de pé e galgou os três degraus que conduziam ao corredor curto e estreito por onde se chegava à outra cabine da nave.

Mais uma vez Rioz parou no umbral. Long estava totalmente concentrado na imagem que chuviscava no vídeo.

– Vou aumentar o termostato – disse, com voz carrancuda. – Podemos poupar um pouco mais de energia.

– Se quiser... – concordou Long.

Rioz deu um passo hesitante para a frente. O espaço estava tranquilo. Não havia necessidade de ficar na sala de comando, sentado, olhando para um vídeo onde uma linha verde só fazia tremular, horizontal, sem dar nenhum salto acusando uma presença.

Perguntou:

– De que é que este sujeito está falando?

– A maior parte é sobre história das viagens espaciais. Coisa antiga, mas ele está se saindo bem. Está usando tudo... painéis coloridos, fotos trucadas, fotos de filmes antigos, tudo.

Como para ilustrar as palavras de Long, o rosto barbudo dissolveu-se no vídeo, sendo substituído por um corte longitudinal de uma espaçonave. A voz de Hilder continuou a soar, indicando este ou aquele detalhe, que era logo realçado em cores vivas. O sistema de comunicações da nave apareceu em vermelho enquanto ele falava; depois foi a vez dos compartimentos de carga, da micropilha protônica, dos circuitos cibernéticos...

O rosto de Hilder voltou à tela.

– Mas isso – dizia ele – é apenas o setor de comando da nave. O que a faz mover-se? O que a liberta da atração da Terra?

Todo mundo sabia o que faz uma espaçonave se mover, mas a voz de Hilder era hipnótica. Ele fazia a propulsão de uma nave soar como se fosse o maior segredo de todos os tempos, a mais

espantosa revelação. Até mesmo Rioz sentiu uma leve comichão de suspense, mesmo tendo passado a maior parte de sua vida no interior de uma nave. Hilder prosseguiu:

– Os cientistas dão nomes diferentes a isto. Às vezes o chamam de "Lei da Ação e Reação". Às vezes, "Terceira Lei de Newton". Às vezes, "Lei da Conservação de Momentum"*. Mas não precisamos dar nenhum nome a isto. Basta usar o bom senso. Quando nadamos, empurramos a água para trás, e isso nos impele para a frente. Quando caminhamos, nossos pés pressionam para trás o chão, assim nos movemos para a frente. Quando pilotamos um girocarro, empurramos o ar para trás, e mais uma vez isso nos empurra para diante.

– Nada pode se mover para a frente sem que outra coisa seja deslocada para trás.É aquele velho princípio... você não pode extrair alguma coisa do nada.

– Muito bem. Imaginem uma espaçonave que pesa cem mil toneladas. Para levantar voo da Terra, alguma coisa tem que ser projetada para baixo. Uma vez que a nave é extremamente pesada, é preciso projetar para baixo uma grande quantidade de material. Uma quantidade tão grande, de fato, que não há lugar para colocar tudo isso a bordo da nave. Um compartimento especial tem que ser construído abaixo da nave para contê-lo.

A imagem de Hilder desapareceu outra vez e o desenho da espaçonave retornou e diminuiu de tamanho. Uma espécie de tronco de cone apareceu embaixo dela com um letreiro em amarelo vivo: MATERIAL PARA SER JOGADO FORA.

– Hoje em dia, no entanto – prosseguiu Hilder, o peso total da nave é muito maior. Você precisa de cada vez mais e mais propulsão.

O desenho da nave voltou a diminuir e o desenho esquemático de um compartimento voltou a surgir embaixo. O processo se repetiu até que a nave propriamente dita, a parte tripulada, não passou de uma pequenina seção de um vermelho brilhante.

Rioz comentou:

– Ah, vejam. Isso é coisa do jardim de infância.

– Não para as pessoas que estão vendo a transmissão, Mario –

disse Long. – a Terra não é Marte. Deve haver na Terra bilhões de pessoas que nunca viram uma espaçonave e não têm a menor ideia de como ela funciona. Hilder dizia:

– Quando o combustível contido na cápsula maior for todo consumido, a cápsula se desprende e é jogada fora.

A cápsula maior, no vídeo, desprendeu-se e sumiu rodopiando no espaço.

– Depois dela vai a segunda – prosseguiu Hilder – e depois outras, se a viagem for bastante longa.

A nave agora era apenas um pontinho vermelho, deixando atrás de si três cápsulas vazias boiando à deriva no espaço.

– Essas cápsulas – continuou Hilder – representam cem mil toneladas de tungstênio, magnésio, alumínio e aço. Elas estão perdidas para sempre, no que se refere à Terra. Marte é cercado pelos Caçadores, que ficam de tocaia ao longo das rotas espaciais, esperando a passagem dessas cápsulas perdidas para recolher cada uma, colocar nela uma marca e desviá-la na direção de Marte. A Terra não recebe nem um centavo de pagamento por isso. Elas são lixo espacial. Pertencem à nave que as encontrar.

Rioz falou em voz alta:

– Nós arriscamos nosso investimento e nossas vidas. Se não as pegarmos, ninguém as pegará jamais. Qual é o prejuízo da Terra, então?

– Veja bem – disse Long. – Ele está falando sobre os gastos que a Terra tem com Marte, Vênus e a Lua. Isso aí é apenas um item no meio de muitos outros.

– Eles vão ter isso de volta. Estamos extraindo mais ferro a cada ano que passa.

– E a maior parte dele fica em Marte. Se as estatísticas de Hilder merecem crédito, a Terra investiu duzentos bilhões de dólares em Marte e recebeu de volta cerca de cinco bilhões de dólares em ferro. Investiu quinhentos bilhões de dólares na Lua e obteve de volta um pouco mais de vinte e cinco bilhões em magnésio, titânio e outros metais leves. Investiu cinquenta bilhões de dólares em Vênus e até agora não teve nenhum retorno. E é nisso que os contribuintes da Terra estão interessados... no fato de o dinheiro de seus

impostos ir embora, sem vir nada em troca.

Enquanto ele falava, apareceram na tela desenhos animados representando os Caçadores em suas órbitas em torno de Marte: pequenas caricaturas de naves sorridentes que estendiam braços articulados, muito longos e finos, até agarrar as cápsulas perdidas que rodopiavam no espaço, prendendo-se com firmeza, marcando em letras brilhantes sobre sua superfície metálica: PROPRIEDADE DE MARTE, e impelindo-as na direção de Fobos.

A imagem de Hilder retornou à tela.

– Eles dizem que mais cedo ou mais tarde teremos a compensação disto tudo. Mais cedo ou mais tarde! Claro... quando eles estiverem financeiramente sólidos. Só que não temos a menor ideia de quando vai ser isto. Daqui a um século? Daqui a mil anos? Um milhão? Mais cedo ou mais tarde... Vamos acreditar neles, então. Um dia eles nos devolverão nosso metal. Um dia eles serão capazes de produzir sua própria comida, usar sua própria energia, viver suas próprias vidas.

– Mas existe uma coisa que eles jamais poderão nos dar de volta. Nem em cem milhões de anos. Água!

– Marte tem apenas uns raros vestígios de água, porque é demasiado pequeno. Vênus não tem água alguma, porque é muito quente. A Lua também não tem, porque além de ser muito quente é minúscula. Portanto, a Terra tem que fornecer não apenas a água de beber e a de usar na limpeza, a água para mover as indústrias, a água para os laboratórios hidropônicos que eles dizem estar montando... não apenas isto, mas também água para ser jogada fora, milhões e milhões de toneladas.

– Qual é o tipo de propulsão usado pelas espaçonaves? O que é que elas arremessam para trás, para ganhar impulso? Antigamente, eram gases gerados através de explosões.

Mas isso era muito caro. Então, a micropilha protônica foi inventada... uma fonte de energia barata que podia aquecer qualquer líquido até transformá-lo num gás sob uma pressão espantosa. Qual é o líquido mais barato e mais abundante de que dispomos? A água, é claro.

– Cada espaçonave que deixa a Terra carrega quase um milhão

de toneladas... não são quilos, são toneladas... de água, cuja única utilidade é ser lançada no espaço sob a forma de gás, toda vez que a nave quer acelerar ou retardar sua marcha.

– Nossos antepassados queimaram sem dó nem piedade todo o petróleo que havia na Terra. Extraíram até a derradeira pedra de carvão. Nós hoje os desprezamos e os censuramos por isso, mas eles pelo menos tinham essa desculpa – achavam que quando houvesse necessidade poderiam encontrar um substituto para tudo isso. E estavam certos. Temos hoje as nossas fazendas de plâncton e a micropilha protônica.

– Mas não há substituto para a água. Nenhum! Nunca poderá haver. E quando nossos descendentes virem o deserto em que transformamos a Terra, que atenuantes teremos diante dos seus olhos? Quando a seca e a aridez se espalharem...

Long inclinou-se para diante e desligou o vídeo. Falou:

– Isso me preocupa. Será que esse idiota está deliberadamente... Mas o que é que há?

Rioz tinha ficado de pé, hesitante, e disse:

– Não sei... Acho que eu devia estar de guarda. Pode surgir algum sinal.

– O sinal que se dane. – Mas Long também ficou de pé e acompanhou o outro através do estreito corredor até a sala de pilotagem – se Hilder for em frente, se ele tiver mesmo coragem para transformar essa questão num... Puxa vida!

Os dois o viram no mesmo instante. Era um sinal tipo Classe A. O pequeno ponto luminoso no visor saltava como um cachorro perseguindo um coelho mecânico.

– Não é possível – balbuciou Rioz – o espaço estava limpo, eu posso jurar, limpo. Pelo amor do Espaço, Ted, não fique aí parado. Veja se a localiza no visual.

Sentando-se diante do painel, Rioz trabalhou com uma rapidez e uma eficiência que eram o resultado de quase vinte anos de prática. Em dois minutos tinha calculado a distância. Aí, lembrando a experiência de Swenson, mediu também o ângulo de declinação e a velocidade radial.

Gritou para Long:

– Um ponto sete seis radianos. Você não pode errar, cara. Long prendeu a respiração enquanto ajustava o vernier.

– Está a meio radiano em relação ao Sol. Vai estar iluminada em crescente.

Aumentou a ampliação visual tão rapidamente quanto pôde, esperando para ver, entre tantas estrelas, qual delas mudaria de posição e iria aos poucos ganhando uma forma, mostrando não ser uma estrela.

– Estou começando – disse Rioz. – Não posso esperar.

– Consegui – disse Long. A ampliação ainda era insuficiente para revelar uma forma definida, mas o ponto que ele tinha localizado ficava alternadamente mais brilhante e mais opaco, a intervalos regulares, à medida que a cápsula rodava sobre si própria e a luz do Sol incidia em diferentes pontos de sua estrutura.

– Segure aí.

Um fino jato de vapor foi expelido através de uma das inúmeras aberturas externas da nave, deixando atrás de si um longo rastro de microcristais que refletiam a luz do Sol distante e iam se diluindo pouco a pouco ao longo de centenas de milhas. Um jato, depois outro, depois mais outro, à medida que a nave ia abandonando a trajetória anterior e entrando numa rota tangencial à da cápsula.

– Está se movendo como um cometa no periélio! – berrou Rioz. – Esses malditos pilotos da Terra jogam as cápsulas assim de propósito. Eu bem gostaria de...

Continuou a praguejar com uma intensidade frenética enquanto fazia a nave despejar vapor para trás em jatos sucessivos, até que o acolchoado hidráulico de seu assento se achatou sob a pressão de seu corpo e Long mal podia manter-se agarrado ao gradil de apoio.

– Calma, dá um tempo – disse Long.

Mas os olhos de Rioz estavam fitos no visor, que continuava a piscar.

– Se não pode aguentar, cara, fique em Marte! – gritou ele. E continuou a acionar os jatos.

O sinal de chamada do rádio começou a piscar por sua vez, e Long conseguiu arrastar-se até lá, como se estivesse com o corpo imerso em alguma substância pastosa.

Apertou o botão e o rosto de Swenson brilhou na tela, com os olhos fuzilando.

– O que diabo vocês estão fazendo? – berrou. – Dentro de dez segundos vão entrar no meu setor.

– Estou seguindo uma cápsula – disse Rioz.

– No meu setor?

– Comecei no meu, e além de tudo você não está em posição de pegá-la. Ted, desligue esse rádio.

A nave continuou trovejando espaço afora, com um estrondo que só era audível no seu interior. Rioz foi desligando os motores de um em um e Long pôde se mover com mais facilidade. O silêncio que se fez na cabine parecia pressionar os tímpanos com mais força do que o ruído anterior.

– Acho que isso basta – disse Rioz. – Mostra aí o telescópio. Os dois aplicaram os olhos aos visores. A silhueta da cápsula, em forma de tronco de cone, era bem visível agora, rodopiando bem devagar entre as estrelas, num movimento que parecia dotado de certa solenidade.

– Uma Classe A – disse Rioz com satisfação. Era uma cápsula enorme. Vai nos tirar do vermelho, pensou ele, Long o alertou: – o visor está dando sinal. Acho que Swenson está vindo atrás de nós.

Rioz não lhe deu atenção.

– Não pode nos alcançar – foi tudo que disse.

A cápsula se tornava cada vez maior, ocupando todo o espaço abarcado pelo telescópio.

As mãos de Rioz se cerraram sobre os controles dos arpões. Ele esperou, fez alguns ajustes infinitesimais em busca do ângulo mais adequado, verificou mais uma vez a distância. Então puxou a alavanca, disparando o arpão.

Por um instante nada aconteceu. No instante seguinte, contudo, surgiu no visor um cabo de metal que se desenrolava enquanto era projetado para diante, como uma serpente dando um bote. Sua extremidade atingiu a cápsula, mas sem prender-se a ela. Se o tivesse feito, teria se partido como um fio de teia de aranha: a cápsula rodava em torno de si mesma com um impulso equivalente a milhares de toneladas. O cabo limitou-se a, de uma certa

distância, ligar um poderoso campo magnético que agiu como um freio sobre a cápsula.

Outro cabo foi arremessado, e depois mais um, e mais um. Rioz os disparava em rápida sucessão, sem ligar para a energia consumida com essa série de arremessos.

– Vou pegá-la! Por Marte, juro que vou pegá-la! Quando mais de vinte cabos já estavam estendidos entre a nave e a cápsula, ele se deu por satisfeito. A energia rotacional da cápsula, transformada em calor pela ação dos freios, já tinha elevado sua temperatura a um tal ponto que os medidores da nave começavam a captá-la.

– Quer que eu vá marcá-la? – perguntou Long.

– Por mim está bem. Mas se não quiser, não precisa. Era meu turno de guarda.

– Eu não me importo.

Long vestiu seu traje espacial e esgueirou-se através da escotilha. Um dos indícios de sua condição de novato era o fato de ser capaz de dizer quantas vezes já tinha passeado à solta no espaço. Aquela era a quinta vez.

Flutuou ao longo do cabo mais próximo, puxando-se com uma mão, depois com a outra, sentindo o metal vibrar através da espessura das luvas.

Gravou o número de série da equipe no metal luzidio da cápsula. Ali no vácuo do espaço não havia nada para oxidar o aço: ele simplesmente se dissolvia e vaporizava, voltando a condensar-se a uma certa distância do local atingido pelo raio de energia, que deixava na superfície polida uma série de traços regulares e escuros.

Long flutuou de volta para a nave.

Do lado de dentro, retirou o capacete, recoberto por uma cresta de geada que se formou no instante em que ele se viu envolto pela atmosfera do interior.

A primeira coisa que ouviu foi a voz de Swenson no rádio, quase irreconhecível de tanta fúria:

– ...diretamente ao Comissário. Ora que diabo, esse jogo tem regras!

Rioz continuava sentado, imperturbável.

– Olhe aqui – disse. – Ela entrou pelo meu setor. Demorei a localizá-la e tive que segui-la até dentro do seu. Da posição em que estava você não a teria pegado nunca.

– Não vou ficar perdendo meu tempo com... Ah, já voltou, Long?

Estendeu o braço e cortou o contato.

O sinal de chamada recomeçou a piscar, mas ele não lhe deu atenção.

– Ele vai ao Comissário? – perguntou Long.

– Que nada. Está fazendo esse barulho só para quebrar a monotonia, mas não vai dar em nada. Ele sabe que a cápsula era nossa. E o que achou do material, Ted?

– Nada mau.

– Nada mau?! É a melhor coisa que você podia querer. Tome conta aqui... Vamos dar uma rodada nela.

Os jatos laterais cuspiram vapor e a nave iniciou um lento movimento de rotação em torno da cápsula, que, logo em seguida, guiada pelos cabos, começou também a girar.

Meia hora depois, as duas rodopiavam uma em redor da outra, firmemente unidas pelos cabos. Long consultou as tábuas astronômicas para confirmar a posição de Deimos.

No momento preciso, os cabos desligaram seu campo magnético e a cápsula foi arremessada tangencialmente numa trajetória que, dentro de um ou dois dias, a deixaria ao alcance das equipes de recolhimento no satélite marciano.

Rioz ficou a observá-la enquanto ela sumia na escuridão do espaço. Depois virou-se para Long.

– Nada mau o dia de hoje, hem?

– É. E quanto ao discurso de Hilder? – perguntou Long.

– O quê? Discurso? Ah, sim, aquilo. Olhe, se eu fosse me preocupar com cada bobagem que os terrestres dizem jamais teria uma noite de sono tranquilo. Esqueça isso.

– Não acho que a gente deva esquecer.

– Você está maluco. Olhe, não me venha mais com isso, certo? É melhor dormir um pouco.

Ted Long caminhou ao longo da avenida central da cidade, extasiado com aquele vasto espaço aberto que se estendia para os

lados e para cima. Fazia mais de dois meses que o Comissário tinha decretado uma moratória nas atividades dos Caçadores, retirando do espaço todas as suas naves, mas essa visão de horizontes tão amplos não tinha cessado de emocionar Long. A moratória havia sido decretada paralelamente à decisão da Terra de estabelecer uma cota limite para a atividade dos Caçadores, com o intuito de economizar água. Mas mesmo a consciência desse fato não era o bastante para alterar a boa disposição de Long.

O teto da avenida era pintado num tom de azul claro incrivelmente luminoso talvez uma tentativa nostálgica de imitar o céu da Terra, mas Ted não tinha certeza.

As paredes eram iluminadas pelas incontáveis janelas de lojas que se distribuíam ao longo delas.

Muito a distância, superpondo-se ao rumor do tráfego e da multidão de pedestres que o cercava, ele podia ouvir as explosões intermitentes abrindo novos canais na crosta rochosa de Marte. Toda sua vida ele tinha escutado essas explosões. O chão por onde caminhava agora não passava de rocha sólida e compacta na época em que ele tinha nascido. A cidade crescia, e continuaria a crescer – se a Terra permitisse.

Virou numa rua transversal, mais estreita, não tão iluminada, onde as janelas das lojas davam lugar a apartamentos residenciais, cada prédio com uma fileira de luzes na fachada. A multidão compacta de pedestres e o fluxo dos veículos dava lugar ali a transeuntes que caminhavam num passo mais descansado e a garotos que pareciam ignorar os apelos que suas mães faziam em altas vozes para que fossem jantar.

Long lembrou-se a tempo das formalidades sociais e parou na esquina, entrando num posto de água. Estendeu o cantil.

– Enche aí.

O homem do balcão, um indivíduo baixo e rubicundo, desenroscou a tampa do cantil e aproximou o olho da abertura. Sacudiu o cantil de leve, produzindo um leve marulhar.

– Não resta muito – disse com simpatia.

– Pois é – concordou Long.

O homem encheu o cantil, mantendo o bico da mangueira bem

enfiado para evitar derramar uma única gota. Quando o medidor de volume soou, ele retirou a mangueira e enroscou a tampa.

Long lhe estendeu algumas moedas e pegou o cantil de volta. Ele agora tilintava de encontro ao seu cinto com um peso tranquilizador. Nunca se devia visitar uma família sem levar o cantil cheio. Entre a rapaziada não era tão importante, pelo menos não tanto.

Ele entrou no saguão do prédio nº 27, galgou um lance de escadas e parou diante de uma porta, com o dedo a meio caminho do botão.

Dali podia ouvir distintamente duas pessoas discutindo em altas vozes.

Uma das vozes era de mulher, e um tanto aguda.

– Para você é muito bom chamar seus amigos Caçadores para vir aqui, não é mesmo? Devo ficar agradecida por você aparecer em casa durante dois meses todo ano e me dar atenção durante um ou dois dias. Depois disso, lá vêm seus amigos de novo.

– Já faz muito tempo que estou em casa – disse uma voz de homem, isso é o meu trabalho. Pelo amor de Marte, Dora, acabe com isso. O pessoal vai chegar daqui a pouco.

– E se chegarem? Quero mais é que me ouçam. Se fosse por mim o Comissário iria manter essa moratória pelo resto da vida.

– E nós iríamos viver de quê? – retorquiu o homem. – Pode me dizer, por favor?

– Posso sim. Você podia arranjar um emprego decente aqui mesmo, em Marte,igual a todo mundo. Eu sou a única mulher aqui neste prédio que é viúva de um Caçador. É isso que eu sou: uma viúva. Pior até do que viúva, porque se eu fosse viúva de verdade podia voltar a me casar... você disse o quê?

– Nada. Não disse nada.

– Sei muito bem o que você disse. Olhe aqui, Dick Swenson...

– O que eu disse – interrompeu Swenson – foi que agora estou sabendo por que é que geralmente os Caçadores preferem continuar solteiros.

– Você também devia ter continuado. Estou farta de ver as vizinhas fazendo aquela cara de pena e me perguntando quando é

que você vai voltar para casa. Os outros homens todos têm um emprego normal, são engenheiros de minas, ou administradores, ou cavadores de túneis... Até as mulheres dos cavadores de túneis têm uma vida conjugal decente e sabem que seus filhos não vão virar vagabundos quando crescerem. Para o pobre do Peter é o mesmo que não ter um pai, porque...

Uma voz de menino se fez ouvir através da porta.

– Mãe, o que quer dizer "vagabundo"?

A voz de Dora ergueu-se uma oitava mais alto.

– Peter! Faça o seu dever de casa e não se meta!

Swenson voltou à carga, em tom mais baixo:

– Você não deve falar desse jeito na frente do garoto. O que ele vai ficar pensando de mim?

– Fique em casa e ensine a ele o que ele deve pensar. A voz de Peter soou mais uma vez:

– Olhe, mãe, quando eu crescer eu também vou ser um Caçador.

Long ouviu um rumor abafado de passos, depois um silêncio, depois um grito:

– Aaai, mãe, larga minha orelha! Me deixa! O que foi que eu fiz? – Depois ouviu-se apenas um silêncio entrecortado pelo som de alguém fungando.

Long aproveitou a chance e apertou o botão.

Swenson surgiu à porta, passando as mãos pelos cabelos.

– Oi, Ted – falou baixo. E depois, mais alto: – É o Ted, Dora. E Mario? Onde está?

– Chega daqui a pouco.

Dora emergiu do quarto. Uma mulher pequena, com um nariz ligeiramente curvo e cabelos negros com algumas manchas grisalhas, penteados de lado.

– Olá, Ted. Já jantou?

– Já, obrigado. Espero não ter interrompido vocês.

– Que é isso, já acabamos há um tempão. E um café?

– Aceito. – Ted desprendeu o cantil e o estendeu.

– Oh, por favor – disse Dora. – Temos água bastante.

– Não, não, eu insisto.

– Bem, se é assim...

Dora desapareceu na direção da cozinha; através da porta de vai-vem. Long teve uma rápida visão de louça secando num Secoterg, "o limpador a seco que absorve e retira toda a gordura num piscar de olhos... alguns gramas de água bastam para limpar um metro quadrado de superfície. Compre Secoterg! Secoterg é o melhor para limpar... deixa toda sua louça a brilhar... sua água não vai mais se acabar..." A melodia repetitiva do jingle se instalou na mente de Long e ele foi forçado a falar para se ver livre dela.

– E Pete, como está? – perguntou.

– Oh, está ótimo. Está fazendo a quarta série. Sabe como é, não o vejo há muito tempo. Você não sabe a melhor: desta última vez, quando eu voltei, o garoto olhou para mim e disse...

E por aí foi, mais uma daquelas histórias de crianças espertas, narradas por pais não muito inteligentes.

A campainha soou e logo em seguida Mario Rioz surgiu no aposento, o rosto vermelho, a testa franzida. Swenson adiantou-se, antes que ele falasse:

– Olha aqui, não vamos falar nada sobre brigas por causa de cápsulas, certo? Dora ainda lembra daquela vez em que você caçou uma Classe A no meu território, e ela hoje está com tudo.

– E quem diabo está querendo conversar sobre cápsulas? – Rioz despiu o casaco com gola de pele, pendurou-o no encosto de uma cadeira e sentou-se.

Dora surgiu à porta da cozinha e dirigiu ao recém-chegado um sorriso formal.

– Olá, Mario. Vai querer café também?

– Sim – disse ele, estendendo maquinalmente a mão na direção do cantil.

– Pode usar um pouco mais da minha água, Dora – apressou-se Long a dizer. – Ele fica me devendo.

– É isso – disso Rioz.

– Qual é o problema, Mario? – perguntou Long. A voz de Rioz estava carregada ao responder:

– Ora, ora, está tudo bem. Vá, diga que bem que me avisou. Um ano atrás, quando Hilder fez aquele discurso, certo? Vá, pode

dizer que me avisou.

Long encolheu os ombros. Rioz continuou:

– Estabeleceram um teto. Saiu no noticiário há quinze minutos.

– E então?

– Cinquenta mil toneladas de água por viagem.

– O quê?! – explodiu Swenson. – Você não pode sair de Marte com cinquenta mil!

– É esse o número que anunciaram. É um desafio, está na cara. A Caça acabou.

Dora surgiu e começou a distribuir as xícaras de café.

– Que história é essa de que a Caça acabou? – Ela sentou-se muito ereta, enquanto Swenson assumia um ar de desamparo.

– Parece – disse Long – que eles vão racionar nossa água a cinquenta mil toneladas, isso quer dizer que não vamos mais poder caçar.

– Ora, e daí? – Dora bebericou seu café e deu um sorriso satisfeito – se quer saber minha opinião, aí está uma boa providência. Já é tempo de vocês deixarem de ser Caçadores e arranjarem um trabalho decente, um trabalho firme aqui em Marte. Tenho certeza. Isso não é vida, essa história de ficar vagueando no espaço e...

– Por favor, Dora – disse Swenson. Rioz reprimiu uma risada.

Dora ergueu uma sobrancelha.

– Estou apenas dando uma opinião – disse. Long interveio:

– Claro, fique à vontade. Mas há uma coisa que eu gostaria de dizer. Isso de cinquenta mil toneladas é apenas um detalhe. Nós sabemos que a Terra (ou pelo menos o partido de Hilder) quer tirar dividendos políticos dessa campanha pela economia de água, de modo que nossa posição não é nada boa. Temos que conseguir água de qualquer maneira, se não, estaremos nas mãos deles. Certo?

– Certo – disse Swenson.

– Mas a questão é: como consegui-la?

– Se o problema é só conseguir água – interrompeu Rioz – é muito fácil de resolver. Se os Terrestres não nos dão a água, nós a pegamos. A água não pertence a eles só porque os pais e os avós

deles eram medrosos demais para se arriscar no espaço. A água pertence aos seres humanos, não importa onde eles estejam. Nós somos humanos e essa água também é nossa. Temos o direito.

– Sim, mas como podemos consegui-la? – perguntou Long.

– Muito fácil. Eles têm oceanos enormes na Terra, cheios de água. Eles não podem ter uma patrulha em cada quilômetro quadrado. Podemos nos aproximar pelo lado noturno do planeta a qualquer hora, encher nossas cápsulas e cair fora. Eles não podem nos impedir.

– Podem, Mario, e de várias maneiras. Como é que você localiza uma cápsula no espaço, a uma distância de cem mil milhas? Pelo radar. Acha que não existem radares na Terra? Se a Terra perceber que estamos pirateando água, será muito fácil para eles ligar uma rede de radares para localizar naves que se aproximem.

Dora ergueu a voz, indignada.

– Vou lhe avisar uma coisa. Mario Rioz. O meu marido não vai tomar parte de nenhuma aventura para roubar água e continuar vivendo nessa vida de Caçador.

– O problema não é apenas dos Caçadores – disse Mario – Da próxima vez eles vão fazer cortes em qualquer outra coisa. Temos que enfrentá-los agora.

– Mas não precisamos da água deles – insistiu Dora. – Isso aqui não é a Lua nem Vênus. Extraímos água das calotas polares, o bastante para nosso uso. Temos uma torneira de água aqui no apartamento, não temos? Todos os apartamentos deste bloco têm uma torneira.

– Mas o uso doméstico é uma parte muito pequena – disse Long – as minas usam muita água. E o que fazemos com os tanques hidropônicos?

– Isso mesmo – disse Swenson. – E os tanques hidropônicos, Dora? Eles precisam de água.

Já está na hora de cultivarmos nossa própria comida aqui, em vez de depender das porcarias condensadas que a Terra nos manda.

– Ora vejam só – disse Dora com escárnio – Qual é o problema

com comida condensada? Você nunca comeu um legume fresco em toda sua vida.

– Comi mais do que você pensa. Lembra daquelas cenouras que eu trouxe uma vez?

– Sim, e o que tem de tão maravilhoso? Se quer saber minha opinião, uma protoalimentação ao forno é a coisa mais saborosa que existe, e a mais saudável também. O problema é que agora virou moda essa conversa de vegetais frescos, porque eles estão precisando de mais impostos para os hidropônicos. Mas isso não vai durar muito tempo.

– Não acho – disse Long. – Pelo menos não vai ser tão fácil. Hilder tem tudo para se tornar o próximo Coordenador, e aí as coisas vão ficar bem piores. Se começarem a racionar as remessas de comida, então...

– E então? – exclamou Rioz. – Fazemos o quê? Eu lhe digo o que fazemos: vamos lá e pegamos o que estamos precisando. Pegamos a água, tudo.

– Isso é impossível, Mario. Não está vendo que isso que você sugere é o estilo terrestre, o modo de agir da Terra? Você está tentando se apegar ao cordão umbilical que liga Marte à Terra. Não pode se livrar disso? Não pode ver qual é o estilo marciano?

– Não, não posso. Gostaria que me dissesse.

– Vou dizer, se quiser prestar atenção. Veja bem. Quando falamos do Sistema Solar, estamos nos referindo a quê? Mercúrio, Vênus, Terra, Lua, Marte, Fobos e Deimos. Isso é tudo: sete corpos celestes e não mais que isto. Mas isso não representa sequer um por cento do Sistema Solar! Nós, marcianos, estamos bem na fronteira que nos separa dos outros 99 por cento. Daqui para fora, para longe do Sol, existe uma quantidade incrível de água!

Os outros continuaram a fitá-lo, sem reação. Por fim Swenson falou, meio inseguro:

– Está se referindo as camadas de gelo em Júpiter e Saturno?

– Não propriamente a elas, mas elas são água, você tem que admitir. Uma camada de gelo com mil milhas de espessura é bastante água, não é mesmo?

– Mas está tudo coberto por camadas de amônia, ou coisa

parecida... não é assim? perguntou Swenson – além do mais, não temos como pousar nesses planetas maiores.

– Sei disso – disse Long. – Mas eu não disse que eram eles a solução. Os grandes planetas não são os únicos corpos celestes que existem ali. O que me diz dos asteroides e dos satélites? Vesta é um asteroide com duzentas milhas de diâmetro e é quase que um bloco compacto de gelo. Uma das luas de Saturno é quase totalmente feita de gelo. O que me diz disso?

Rioz falou:

– Já esteve no espaço, Ted?

– Você sabe que sim. Por que pergunta?

– Sim, claro que sei, mas a questão é que você fala como um Terrestre. Já pensou nas distâncias? Os asteroides estão em média a cento e vinte milhões de milhas, em sua fase mais próxima de Marte. É duas vezes a distância entre Vênus e Marte, e você sabe que muito poucas naves fazem esse trajeto sem nenhuma escala; geralmente fazem um pouso na Terra ou na Lua. Além disso, quanto tempo acha que um sujeito consegue ficar no espaço?

– Não sei. Qual é o seu limite?

– Você sabe o limite, não precisa me perguntar. Seis meses. Está no Manual. Depois de seis meses no espaço você vai direto para a terapia. Certo, Dick?

Swenson fez apenas um gesto com a cabeça.

– E isso são os asteroides – continuou Rioz. – De Marte a Júpiter são 330 milhões de milhas, e até Saturno são setecentos milhões. Existe alguém que possa cruzar essa distância? Suponha que você vai em velocidade padrão, ou então vamos ser mais generosos, digamos que você vai a duzentos quilomilhas por hora. Vai levar, dando o desconto de tempo para aceleração e desacelaração... cerca de seis ou sete meses para chegar a Júpiter e quase um ano para alcançar Saturno. Claro que teoricamente você poderia aumentar a velocidade até um milhão de milhas por hora, mas onde iria conseguir água suficiente para isso?

– Puxa – disse uma vozinha por trás de um nariz sujo e dois olhos arredondados. – Saturno!

Dora girou o corpo na cadeira.

– Peter, marche já para o seu quarto.

– Ora, mãe.

– Nada de ora, mãe.

Ela fez menção de se erguer, mas o garoto sumiu.

– Olha, Dora – disse Swenson, por que não fica com ele durante alguns minutos? Ele não vai conseguir fazer o dever de casa enquanto souber que está todo mundo aqui, conversando.

Dora fungou com obstinação e não se mexeu.

– Vou ficar aqui até descobrir o que é que Ted Long está planejando, e se quer saber minha opinião, não creio que seja boa coisa.

Swenson prosseguiu a conversa com nervosismo.

– Ora, que é isso, não se preocupe com Júpiter e Saturno. Claro que Ted não está pensando nisso. Mas, e quanto a Vesta? Podíamos ir até lá em dez ou doze semanas, e o mesmo para a volta. E são duzentas milhas de diâmetro. Quatro milhões de milhas cúbicas de gelo!

– E daí? – disse Rioz – o que fazemos com Vesta? Arrancamos o gelo com picaretas? Instalamos máquinas de mineração? Quanto tempo acha que isso vai levar?

– Não é Vesta – disse Long. – Estou falando de Saturno. Rioz olhou de lado, dirigindo-se a uma plateia invisível.

– A gente diz que são setecentos milhões de milhas, mas o rapaz vai em frente.

– Está bem – concedeu Long. – Mario, que tal se você me explicasse por que motivo só podemos ficar no espaço durante seis meses?

– Ora diabo, todo mundo sabe disso.

– Não: é porque está escrito no Manual do Voo Interplanetário. São dados reunidos por cientistas terrestres a partir das experiências iniciais dos pilotos e astronautas terrestres. Você continua pensando em termos terrestres. Ainda não descobriu o estilo marciano.

– Um marciano pode ser marciano, mas é um homem como os outros.

– Como se pode ser tão cego?! Quantas vezes vocês,

Caçadores, já ficaram no espaço por mais de seis meses, sem interrupção?

– É diferente – disse Rioz.

– Diferente por quê? Por que são marcianos? Por que são Caçadores profissionais?

– Não. Por que não estamos num voo convencional. Podemos retornar a Marte a qualquer instante, é só querer.

– Mas vocês não querem. Esse é o detalhe. Os Terrestres têm espaçonaves enormes, com filmotecas e tudo o mais, onde cabem quinze tripulantes, mais os passageiros.

Ainda assim, o máximo que eles aguentam é seis meses. Os Caçadores marcianos têm uma nave com duas cabines e viajam em duplas. Mesmo assim, aguentam mais de seis meses.

– Então é isso – disse Dora. – Passar um ano dentro de uma nave, até chegar em Saturno.

– E por que não, Dora? – disse Long. – Podemos fazer isso sem problemas, não percebe? Os Terrestres não podem. Eles vivem num mundo real, lá eles têm céu, têm comida fresca, têm todo o ar e toda a água de que precisam. Entrar numa espaçonave é uma mudança terrível para eles. Passar mais de seis meses dentro dela é a mesma coisa. Já os marcianos são diferentes. Nós vivemos numa espaçonave a vida inteira.

– É isso que Marte é: uma espaçonave. Uma nave com 4.500 milhas de comprimento, e nela um cubículo ocupado por cinquenta mil pessoas. É tudo fechado em si mesmo, como numa nave. Respiramos ar enlatado, bebemos água enlatada, passamos a vida reciclando isso tudo. Aqui se comem as mesmas rações enlatadas que se come numa nave.

Quando entramos numa nave de verdade, não achamos aquilo muito diferente do que experimentamos a vida inteira. Podemos aguentar isso durante muitíssimo mais de um ano. É só querer.

Dora interveio:

– Dick também?

– Todos nós.

– Pois bem: Dick não aguenta. Está tudo muito bem com você, Ted Long, e esse ladrão de caça aqui, esse Mario, está tudo muito

bem ficarem falando em passar um ano voando por aí. Vocês não são casados. Dick é. Ele tem uma mulher e um filho, acabou a conversa. Ele pode muito bem conseguir um emprego aqui em Marte. Por tudo quanto é sagrado... Imagine que vocês vão até Saturno, quando chegam lá descobrem que não existe água. Como vão voltar? Mesmo se ainda lhes restasse alguma água, e quanto à comida? É a coisa mais ridícula que já ouvi na minha vida.

– Calma, calma – disse Long muito tenso. – Já pensei em tudo isso. Já falei com o Comissário Sankov, ele prometeu ajudar. Mas precisamos de naves e de homens. Eu não posso obter isso. Os homens não me darão atenção, ainda sou um novato. Mas vocês dois são veteranos, eles os respeitam. Se me apoiarem, mesmo que não queiram participar, eu posso ir em frente e resolver todo o resto, conseguir voluntários...

– Primeiro – grunhiu Rioz – vai ter que explicar mais uma porção de coisas. Suponhamos que consigamos chegar a Saturno. Onde está a água?

– Essa é a parte mais bonita de tudo – disse Long. – É por isso que tem que ser Saturno. A água está lá, flutuando no espaço, ao redor do planeta.

Quando Hamish Sankov chegara em Marte, os marcianos nativos eram uma raça ainda inexistente. Agora havia cerca de duzentos e tantos bebês cujos avós tinham nascido em Marte. Marcianos de terceira geração.

Ele tinha desembarcado ali quando era ainda um garoto, quando Marte não passava de um grupo de espaçonaves pousadas no solo e conectadas por uma rede de túneis subterrâneos. Com o passar dos anos, ele tinha visto os edifícios se projetando para o alto ou rumo às entranhas do planeta, erguendo seus vultos rombudos na direção daquele ar rarefeito e irrespirável. Tinha visto a construção de depósitos subterrâneos vastos o bastante para engolir uma espaçonave inteira. Tinha visto as minas subterrâneas surgirem praticamente do nada até formarem uma colmeia fervilhante ao longo da crosta de Marte, enquanto a população total crescia de cinquenta para cinquenta mil.

Essas recordações faziam com que se sentisse mais velho –

bem como as outras lembranças provocadas pela presença do Terrestre que agora estava à sua frente. O visitante trazia de volta à sua mente uns farrapos esquecidos de pensamentos sobre um mundo quente e acolhedor, tão hospitaleiro quanto o ventre de uma mãe.

O Terrestre, por sua vez, parecia recém-saído desse ventre. Não muito alto, não muito magro: na verdade, um tanto rubicundo. Cabelos negros e levemente ondulados, bigode miúdo, pele lisa. Suas roupas tinham um estilo sóbrio e pareciam tão elegantes quanto uma roupa de plastek pode ser.

As vestes de Sankov eram de fabricação marciana; práticas e limpas, mas fora de moda. Ele tinha um rosto áspero e cheio de rugas, seu cabelo era branco como a neve e seu pomo de adão subia e descia quando ele falava.

O Terrestre era Myron Digby, membro da Assembleia Geral da Terra. Sankov era o Comissário Marciano.

Ele disse:

– É um grande choque para nós, senhor.

– Para nós também, Comissário – disse o Terrestre.

– Hum-hum. Não posso dizer, honestamente, que entendo o que se passa. O senhor entende, claro: não posso assimilar totalmente os pontos de vista da Terra quanto a essa questão, mesmo tendo nascido lá. Marte é um lugar duro para se viver, o senhor precisa levar isto em conta. A maior parte do nosso esforço se concentra no transporte da comida, da água e dos outros materiais que asseguram nossa sobrevivência. Não temos muito tempo para ler livros ou assistir noticiários no cinema.

Mesmo as transmissões de vídeo só atingem Marte durante um mês, quando a Terra está em conjunção, e mesmo então não há muitos que disponham de tempo para isso.

– Meu escritório tem um acordo com a Imprensa Planetária, toda semana recebemos um filme com um resumo das principais notícias. Em geral não tenho muito tempo para ficar em dia com elas. O senhor pode nos considerar provincianos... e no fundo terá razão. Quando acontecem fatos como este agora, tudo que podemos fazer é olhar uns para os outros.

Digby falou devagar:

– O senhor não está querendo dizer que as pessoas em Marte nunca ouviram falar nas campanhas antidesperdício de Hilder.

– Não exatamente. Há um jovem Caçador, filho de um amigo meu que morreu no espaço... – Sankov cocou pensativo o pescoço – ...e esse rapaz tem como hobby estudar a história da Terra, esse tipo de coisa. Quando ele está no espaço costuma captar emissões da Terra, e pelo que sei ele assistiu o primeiro discurso que esse Hilder fez a respeito dos Gastadores.

– Pois esse rapaz veio me falar sobre isso. Claro que não o levei muito a sério. Fiquei de olho nos filmes da Imprensa Planetária por algum tempo depois de nossa conversa, mas quase não se falava em nome de Hilder; as poucas referências que havia me deram uma imagem dele um tanto... ridícula.

– Sei disso, Comissário – disse Digby. – Lá na Terra, quando tudo começou, parecia algo cômico.

Sankov esticou um par de longas pernas para o lado da escrivaninha, cruzando os tornozelos.

– Bem, para mim continua parecendo cômico. Afinal, qual é a tese dele? Estamos gastando água, certo. Mas ele já parou para pensar em termos de números? Tenho todos aqui. Pedi que me fornecessem todos quando soube da chegada do seu comitê.

– Ao que parece, a Terra dispõe de quatrocentos milhões de milhas cúbicas de água nos seus oceanos, e cada milha cúbica pesa quatro e meio bilhões de toneladas. É bastante água. Uma parte dela é usada para a propulsão de nossas naves espaciais. A maior parte do impulso se dá dentro do campo gravitacional da Terra, o que significa que a água expelida sob forma de vapor acaba retornando ao oceano. Hilder parece não perceber isto. Quando ele diz que cada voo que decola usa um milhão de toneladas de água está mentindo. Na verdade, são menos de cem mil toneladas.

– Agora, suponhamos que haja cinquenta mil voos por ano. Não são tantos assim, na verdade; não chegam a mil e quinhentos. Mas digamos cinquenta mil, porque com o passar do tempo deverá haver um aumento considerável. Com cinquenta mil voos, uma milha cúbica de água se perderá no espaço, por ano. Isso quer dizer que

dentro de um milhão de anos a Terra terá perdido 1/4 de um por cento de suas reservas totais de água!

Digby ergueu as mãos, com as palmas para cima, depois deixou-as cair.

– Comissário – disse, a Liga Interplanetária tem exibido estatísticas desse tipo em sua campanha contra Hilder, mas não é fácil combater com números uma reação fortemente emocional depois que ela se apossa das multidões. Esse Hilder criou esse rótulo, os "Gastadores", e foi aos poucos transformando uma simples palavra numa gigantesca conspiração, numa quadrilha de criaturas brutais e gananciosas dispostas a pilhar as derradeiras riquezas da Terra.

– Hilder acusou o governo de estar totalmente infiltrado por essas pessoas; acusou a Assembleia de ser dominada por elas; acusou a imprensa de estar a seu serviço. Nada disso, infelizmente, parece ridículo aos olhos dos cidadãos comuns. Eles sabem muito bem o que o egoísmo de alguns pequenos grupos pode fazer às riquezas naturais da Terra. Ele recorda o que aconteceu com o petróleo terrestre durante a Era das Convulsões, por exemplo, assim como lembra do modo como as terras férteis para agricultura foram devastadas.

– Quando um fazendeiro está atravessando um período de seca, ele não está preocupado em saber se a água gasta nos voos espaciais é apenas uma gota no oceano. Hilder lhe indicou alguém a quem culpar pelo que acontece, e essa possibilidade de botar a culpa em alguém é um excelente consolo para quem está numa situação desesperada. O fazendeiro não vai querer trocar isso por uma ração de estatísticas.

Sankov replicou:

– É justamente aí que eu fico perplexo. Talvez seja porque não sei muito bem como estão as coisas na Terra, mas a impressão que tenho é que lá não existem mais fazendeiros flagelados pela seca. Pelo que posso deduzir dos resumos dos noticiários, os seguidores de Hilder não passam de uma minoria. Será que a Terra inteira pode se curvar diante de meia dúzia de fazendeiros e de um grupinho de fanáticos?

– Talvez, Comissário; por que o fato é que a Terra está cheia de pessoas preocupadas com seu destino. A indústria do aço avalia que a era espacial vai aumentar cada vez mais a demanda por metais e ligas metálicas leves, não ferrosas. Os sindicatos de mineiros estão preocupados com a competição extraterrestre. Toda vez que um empresário Terrestre não consegue alumínio para construir sua indústria pré-moldada ele acha que é porque todo o alumínio está indo para Marte. Conheço um professor de Arqueologia que é inimigo dos Gastadores porque não consegue uma verba do governo para fazer as escavações que pretende. Ele está convencido de que todo o dinheiro do governo está indo para a pesquisa astronáutica e para a medicina espacial; isso o deixa furioso.

– Não creio – disse Sankov – que os Terrestres sejam muito diferentes de nós aqui em Marte. Equanto à Assembleia Geral? Por que tem que se curvar às exigências de Hilder?

Digby deu um sorriso amargo.

– A política não é algo fácil de explicar. Hilder fez apresentar esse projeto para a criação de um comitê de investigação sobre os desperdícios resultantes dos voos espaciais. Talvez três quartos da Assembleia Geral estivessem contra esse tipo de investigação, considerando-a uma mera extensão das atividades burocráticas, uma coisa inútil e indesejável. O que ela é, de fato. Mas, diga-me... como é que um legislador pode se colocar contra uma investigação sobre o uso do dinheiro público? Daria a impressão de que ele tem algo a esconder. Iria parecer que ele estaria extraindo alguma vantagem disso. Hilder não hesitaria um instante em fazer esse tipo de acusação, e, fosse verdadeira ou não, ela pesaria bastante na próxima campanha eleitoral. O projeto foi aprovado.

– Depois veio a questão da indicação dos membros do comitê. Os que eram contrários a Hilder evitaram fazer parte dele, pois isto os obrigaria a tomar decisões que lhes trariam muitas dores de cabeça. Preferiram manter-se a distância e não servir de alvo para Hilder. O resultado é que eu sou o único membro do comitê que é declaradamente anti-Hilder; e isso talvez me custe a reeleição.

– Sinto muito – disse Sankov. – Parece que Marte não tinha

tantos amigos quanto pensava. Não gostaríamos de perder mais um. Mas se Hilder sair vitorioso... o que quer ele, afinal?

– Creio que é óbvio. Ele quer ser o próximo Coordenador Global.

– Acha que consegue?

– Se não acontecer nada que o detenha, sim.

– E depois disso? Ele vai abandonar a campanha contra os Gastadores?

– Não sei dizer. Não sei se os planos dele vão além da Coordenação. Mas se quer um palpite, posso-lhe garantir que ele não pode abandonar essa campanha sob pena de perder sua popularidade. A coisa já escapou ao seu controle.

Sankov voltou a cocar o pescoço.

– Tudo bem. Nesse caso, vou pedir-lhe um conselho. O que podemos fazer aqui em Marte? O senhor conhece a Terra, conhece toda a situação. Nós não.

Digby ficou de pé e caminhou até a janela. Observou as cúpulas dos edifícios ao lado: feitas de pedra vermelha, tendo entre elas um chão nu e desolado; um céu cor de púrpura, onde brilhava um sol minúsculo.

Sem se virar, ele perguntou:

– As pessoas daqui gostam mesmo de Marte? Sankov sorriu.

– A maior parte de nós não conhece outro mundo. Creio que, para a maioria dos marcianos, a Terra seria um mundo um tanto excêntrico e pouco confortável.

– Mas não acabariam se acostumando? Depois de um certo tempo não é difícil viver na Terra. Seu povo não consideraria um privilégio a possibilidade de respirar ar puro, sob um céu aberto? O senhor viveu na Terra um dia. Deve lembrar como era.

– Lembro um pouco. Mas não sei bem como explicar. A Terra está lá, certo? Ela e as pessoas se completam. As pessoas aceitam a Terra do jeito que ela é. Marte é diferente.

É um mundo rude, onde as pessoas não podem se instalar com facilidade. As pessoas têm que fazer um esforço para isso. Têm que criar um mundo, não apenas se acostumar a um mundo já pronto. Marte ainda não é grande coisa, mas nós o estamos construindo, e

quando tivermos acabado ele estará do modo como planejamos. É uma bela sensação essa de saber que estamos construindo um mundo. Comparada a isto, a Terra parece um lugar um tanto sem graça.

Digby falou:

– Não creio que o marciano médio seja assim tão filosófico quanto a esta questão. Não creio que ele se dê por satisfeito com uma vida tão dura apenas por ter em mente um futuro que pode estar a centenas de gerações de distância.

– Não, não é bem assim. – Sankov apoiou o tornozelo direito sobre o joelho esquerdo enquanto falava. – Como eu disse, os marcianos são muito parecidos com os Terrestres, o que quer dizer que são seres humanos comuns; e pessoas comuns não costumam filosofar muito. Ainda assim, a vida num planeta como este produz uma certa influência, quer as pessoas tenham consciência disso, quer não.

– Meu pai costumava-me escrever cartas depois que eu vim para Marte. Ele era um guarda-livros, e de certo modo continuou guarda-livros a vida inteira. A Terra em que ele morreu não era muito diferente da Terra onde ele tinha nascido; ele não via nada de novo acontecer. Cada dia parecia igual aos outros, a vida era apenas um modo de passar o tempo até a hora de morrer.

– Em Marte, é diferente. Todo dia acontece algo novo: a cidade fica maior, o sistema de ventilação é ampliado, a água que vem dos polos ganha uma nova rede de distribuição. Agora mesmo estamos pensando em montar uma produtora de jornais cinematográficos locais. Vamos chamá-la Imprensa Marciana. Se o senhor nunca viveu num ambiente onde novas coisas são criadas o tempo inteiro, não vai entender nunca o quanto isso é formidável.

– Não, Sr. Digby, Marte é um lugar duro e inóspito e a Terra é o mais confortável dos mundos, mas me parece que se nosso pessoal for levado para lá isso vai deixá-los muito infelizes. Provavelmente não vão nem entender por que, mas vão sentir-se perdidos, inúteis. Creio que a maioria deles nunca se adaptaria.

Digby virou as costas para a janela. A pele rosada de sua testa estava contraída em rugas.

– Nesse caso, Comissário – disse ele, sinto muito por vocês. Por todos vocês.

– Por quê?

– Por que não creio que vocês possam fazer nada a respeito disso. Ou mesmo as pessoas que vivem na Lua ou em Vênus. Não vai acontecer agora; talvez só aconteça dentro de um ano ou dois, ou quem sabe cinco anos. Mais cedo ou tarde vocês vão ter que voltar para a Terra. A menos que...

As sobrancelhas brancas de Sankov se cerraram sobre os olhos.

– Sim?...

– A menos que possam encontrar outra fonte de água que não seja a Terra.

Sankov sacudiu a cabeça.

– Não parece fácil.

– Não é.

– E não temos outra chance, além disso?

– Nenhuma.

Digby despediu-se e deixou o aposento. Sankov ficou pensativo por um bom tempo e em seguida digitou uma combinação na linha de intercomunicações.

Depois de algum tempo, a tela iluminou-se mostrando o rosto de Ted Long.

– Estava certo, garoto – disse Sankov. – Eles não podem fazer nada por nós. Mesmo os que estão do nosso lado não veem nenhuma saída. Como é que você tinha tanta certeza?

– Comissário – disse Long, depois que a gente lê o bastante sobre a Era das Convulsões, especialmente o século XX, nada que aconteça na política terrestre pode nos causar surpresa.

– Talvez. Em todo caso, o representante da Assembleia Geral, o Sr. Digby, lamenta muito por nós, pode-se dizer que fica de coração partido, mas não pode fazer nada. Diz que vamos ter que ir embora de Marte... ou obter água em outro lugar. Só que ele acha que jamais encontraremos um meio de obter água.

– O senhor sabe que esse meio existe, não é, Comissário?

– Sei que há uma possibilidade. Mas é um risco enorme.

– Se eu encontrar voluntários, o risco é problema nosso.

– E como está indo?

– Nada mal. Alguns dos rapazes estão comigo para o que der e vier. Já falei com Mario Rioz, por exemplo, e o senhor sabe que ele é um dos melhores.

– Aí é que está... os voluntários serão os nossos melhores homens. Não gosto disso.

– Se conseguirmos voltar, terá valido a pena.

– Se!... Essa palavra pesa muito, rapaz.

– O que estamos tentando fazer também vale muito.

– Bem... dei minha palavra de que se a Terra não nos ajudasse vocês poderiam ir em frente. O reservatório de água de Fobos fornecerá toda a água de que vocês precisarem. Boa sorte, rapaz.

A meio milhão de milhas sobre Saturno, Mario Rioz se deixava embalar no vácuo espacial, o sono que o invadia era algo delicioso. Abriu os olhos por um instante e, flutuando dentro do seu traje especial, distraiu-se contando as estrelas e unindo-as com traços imaginários.

De início, à medida que as semanas iam passando, era tudo mais parecido com os tempos da Caça, exceto pela incômoda lembrança de que cada minuto transcorrido significava alguns milhares de milhas a mais de distância entre eles e a humanidade. Isso tornava as coisas piores.

Tinham planejado a trajetória de modo a passar por fora da eclíptica ao cruzar o cinturão dos asteroides. Essa manobra tinha implicado um gasto adicional de água, e se tinha revelado desnecessária. Aquelas dezenas de milhares de fragmentos sólidos pareciam uma poeira compacta quando observados numa projeção bidimensional sobre uma chapa fotográfica: mas na verdade estavam tão espalhados pelos quatrilhões de milhas cúbicas de sua órbita que somente a mais ridícula das coincidências poderia resultar numa colisão.

Em todo caso, eles passaram por sobre o cinturão, e um deles calculou as chances de colisão de uma das naves com um fragmento de matéria grande o bastante para causar algum dano. O valor obtido foi tão irrisório, tão infinitesimal, que tornou-se inevitável

um deles ter em seguida a ideia do "passeio espacial".

Os dias eram longos e eram muitos; o espaço era um vazio uniforme; somente um homem tinha que ficar nos controles da nave de cada vez. Portanto, nada mais natural que...

Primeiro foi um mais ousado que se aventurou do lado de fora por cerca de quinze minutos. Depois, um outro experimentou meia hora. Dentro de pouco tempo, cada uma das naves passou a ter constantemente um de seus tripulantes do lado de fora, flutuando na extremidade de um cabo.

Era muito fácil. O cabo, que iria ajudá-los no trabalho quando chegassem ao seu destino, tinha em cada extremidade um magneto, um dos quais era conectado ao traje espacial. O homem, ao sair pela escotilha da nave, fixava o outro magneto ao casco. Esperava um momento, os pés presos à superfície metálica pelos magnetos embutidos na parte inferior das botas. Depois, era só neutralizá-los, tomar com o corpo um leve impulso.

Lentamente, muito lentamente, ele sentia seu corpo flutuar, afastando-se da nave, e mais lentamente ainda a massa maior da nave movia-se uma distância proporcionalmente menor na direção oposta. Ele se sentia flutuar sem peso no interior do que parecia um bloco sólido de escuridão, cravejado de estrelas. Quando a nave estava a uma distância conveniente, ele apertava a mão enluvada sobre o cabo que continuava segurando. Puxar o cabo com muita força significaria tomar um impulso no sentido contrário, indo novamente ao encontro da nave. Bastava cerrar os dedos e aquele leve atrito seria suficiente para deter o movimento do corpo. Ele se sentia imóvel, parado sobre uma nave igualmente imóvel que parecia pintada sobre aquela superfície negra; como tanto ele quanto a nave se moviam na mesma direção, o cabo que os unia não chegava a se esticar e também flutuava, coleando muito devagar.

Aos olhos dele, era apenas meia nave. Uma banda estava iluminada pela luz do Sol, muito distante, mas que só podia ser olhada de frente com o auxílio do visor polarizado.

A outra banda da nave se confundia com o negror do espaço, tornando-se invisível. Era como se o vácuo se fechasse sobre ele;

era como o sono. O traje espacial era aquecido, seu ar era renovado automaticamente, havia comida e bebida que se podia alcançar com um simples movimento da cabeça, havia um sistema para eliminação dos dejetos. E, além disso tudo, mais importante do que tudo, havia a deliciosa euforia da imponderabilidade.

Ele nunca tinha se sentido tão bem em toda sua vida. Os dias deixavam de ser longos: ao contrário, nunca eram longos o bastante, pareciam tão rápidos, tão poucos.

Tinham cruzado a órbita de Júpiter num ponto a cerca de trinta graus de sua posição. Durante meses ele tinha sido o objeto mais brilhante no céu, com exceção daquela pequena ervilha branca que era o Sol. Nos seus momentos de maior brilho, Júpiter pareceu a alguns dos Caçadores uma minúscula esfera, com uma das metades obliterada pela sombra noturna.

Durante os meses seguintes ele começou a diminuir, enquanto outro ponto de luz começava a crescer até se tornar mais brilhante do que Júpiter. Era Saturno – primeiro apenas um ponto refulgente, depois uma mancha oval e luminosa.

"Por que oval?", perguntou alguém, e depois de alguns instantes outro respondeu "ora, são os anéis", e logo pareceu óbvio.

No final da jornada, cada um deles passava o maior tempo possível flutuando no espaço, olhando Saturno cada vez mais próximo.

– "Ô cara, está na hora de voltar. É sua vez." "Minha vez de quê? Pelo meu relógio ainda tem quinze minutos." "Você atrasou seu relógio. E ontem eu lhe dei vinte minutos, não esqueça." "Você? Você não daria dois minutos à sua avó." "Ah, que é isso, vamos logo. Olha, eu estou saindo, hem?" "Tá legal, tá legal, já vou entrar. Porra, que confusão, só por causa de um minuto." Mas nenhuma discussão podia ser travada a sério, não ali, pelo menos. Todos estavam se sentindo bem demais.

Saturno cresceu até se igualar ao Sol, e depois tornar-se maior. Os anéis eram visíveis devido ao ângulo aberto de sua trajetória de aproximação: agigantavam-se em torno do planeta, e apenas uma pequena parte deles estava eclipsada. À medida que as naves se aproximavam, a envergadura dos anéis tornava-se cada vez maior,

a sua espessura parecia diminuir à medida que o ângulo de aproximação ia se reduzindo. As luas maiores cruzavam o céu como mariposas muito lentas.

Mario Rioz sentia-se satisfeito por estar acordado e poder observar mais uma vez aquilo tudo.

Saturno preenchia metade do céu visível, estriado de faixas cor de laranja, com a sombra noturna demarcando um corte difuso em um quarto de sua imagem, do lado direito.

Dois pontos escuros e arredondados, visíveis sobre a superfície brilhante, eram as sombras de dois satélites. Do lado esquerdo, e por trás dele (ao se virar para olhar sobre o ombro, o resto de seu corpo inclinou-se um pouco para a direita, para conservar o momentum angular) estava o diamante branco do Sol.

O que ele mais gostava de olhar eram os anéis. Do lado esquerdo, eles emergiam por baixo de Saturno, uma faixa tripla e brilhante de luz alaranjada. Do lado direito, sua parte mais distante estava oculta pela sombra noturna, mas eles apareciam maiores e mais próximos. Ficavam cada vez mais largos em sua parte mais próxima, lembrando o formato de uma trompa de caça, e sua luz ia-se tornando cada vez mais difusa, até que, no momento em que sua imagem pareceu encher os céus por completo, pareceu também dissolver-se e perder substância.

No ponto onde a frota dos Caçadores estava situada, na borda interna do anel exterior, os três anéis perdiam a aparência de solidez e mostravam sua verdadeira natureza: um prodigioso aglomerado de fragmentos sólidos, não a faixa de luz inteiriça que pareciam a distância.

Abaixo de Rioz, ou pelo menos na direção para onde apontavam seus pés, acerca de vinte milhas de distância, estava um desses fragmentos. Parecia um bloco de pedra largo e irregular, quebrando a simetria que predominava ali no espaço: três quartos dele fortemente iluminados e o restante cortado bruscamente pela escuridão, como que por uma faca. Outros fragmentos eram visíveis a distância, cintilando como poeira de estrelas, num faiscar cada vez mais difuso e concentrado à medida que a distância aumentava, até que finalmente aquela luz toda parecia se fundir sobre si própria e a

imagem do anel voltava a surgir.

Os fragmentos estavam imóveis, mas apenas porque as naves moviam-se em redor de Saturno numa órbita paralela à da borda exterior dos anéis.

Rioz pensou que tinha passado o dia anterior sobre um daqueles fragmentos, trabalhando em equipe para desbastá-lo, dar-lhe a forma desejada. No dia seguinte, seria mais uma vez seu turno de trabalho.

Mas hoje... hoje era dia de flutuar.

– Mario?...

A voz que brotou em seus fones de ouvido tinha um ar interrogativo.

Rioz foi invadido por uma súbita irritação. Ora que diabo, não precisava de companhia numa hora como aquela.

– Rioz falando – respondeu.

– Achei que era sua nave. Como vão as coisas?

– Bem. É você, Ted?

– Sim – disse Long.

– Alguma coisa errada lá no fragmento?

– Não, não. Estou só flutuando um pouco.

– Você?

– Eu também gosto, de vez em quando. É bonito, não é?

– É bom – concordou Rioz.

– Sabe, eu já li em alguns livros terrestres...

– Livros terrestres, hem! – Rioz bocejou, não conseguindo infundir àquela expressão o indispensável tom de desdém.

– ...e algumas vezes li descrições de pessoas deitadas na relva – prosseguiu Long. – Sabe como é, aquelas superfícies verdes, feitas de uma espécie de filetes de papel, que cobrem o chão. E as pessoas deitam ali e ficam olhando para o céu azul, cheio de nuvens. Já viu no cinema?

– Já. Não gostei. Parece que faz frio.

– Não acho. A Terra fica próxima do Sol, e se a atmosfera lá é mais espessa ela deve reter mais calor. Por mim, não gostaria de ficar a céu aberto vestido apenas com roupas comuns. Mas o fato é que eles gostam. – São malucos.

– Eles falam sobre as árvores, que são postes naturais de madeira, e o vento, que é a movimentação do ar.

– Correntes de ar? Podem ficar com elas, também.

– Não importa. O caso é que eles descrevem isso da maneira mais bela possível, uma coisa quase apaixonada. Muitas vezes eu fiquei pensando: como será isso? Será que conseguirei sentir um dia algo semelhante, algo que só os Terrestres parecem ser capazes de sentir? E agora sei como é. É isto aqui. Uma paz absoluta no centro de um Universo inundado de beleza.

– Eles não gostariam – disse Rioz. – Quero dizer, os Terrestres. Estão tão acostumados com o mundinho deles que jamais lhes passaria pela cabeça ficar flutuando no espaço com Saturno bem abaixo dos seus pés.

Deu um pequeno impulso no corpo e começou a oscilar em torno do seu centro de gravidade, devagar, suavemente.

– Tem razão – disse Long. – São escravizados àquele planeta. Mesmo se alcançarem Marte, serão somente os seus filhos que se tornarão livres. Algum dia poderão construir naves para voos interestelares: naves enormes que poderão carregar milhares de pessoas e manter a si próprias por décadas, séculos talvez. A humanidade irá se espalhar por toda a Galáxia. Mas as pessoas terão que suportar a vida dentro de uma nave, pelo menos até que seja descoberto algum outro método de viagem interestelar; portanto, terão que ser os Marcianos, não os Terrestres, que colonizarão o Universo. É inevitável. Tem que ser assim. É o estilo Marciano.

Mas Rioz não respondeu. Estava adormecendo mais uma vez, girando e oscilando lentamente, a meio milhão de milhas sobre Saturno.

O trabalho em equipe sobre o fragmento do anel era o reverso da moeda. A imponderabilidade, a paz e a solidão eram substituídas bruscamente por algo que nem de longe se assemelhava a calma ou privacidade. Mesmo a ausência de peso, que continuava, tornava-se naquelas novas condições um purgatório, não um paraíso.

Tente manipular um projetor térmico não-portátil. Ele podia ser

erguido com facilidade, a despeito do fato de ter quase dois metros de altura e largura e ser feito de metal sólido; ali, mantinha apenas uma pequena fração de seu peso original. Mas a sua inércia era a mesma de sempre, e se não era movido com muito cuidado tendia sempre a manter-se em movimento... com você a reboque. Era preciso, então, acionar o campo pseudogravitacional instalado no traje e retornar ao solo num baque brusco.

Keralski tinha acionado o campo com um pouco mais de força e acabou perdendo o equilíbrio, com o projetor vindo sobre ele num ângulo perigoso. Machucou o tornozelo. Foi esse o primeiro acidente com o grupo.

Rioz estava praguejando sem parar. Não conseguia evitar o gesto inútil de tentar passar as costas da mão sobre a testa para limpar o suor acumulado. Cada vez que repetia maquinalmente esse gesto o choque entre o metal e o silicone do visor produzia um tinido que ressoava em seus tímpanos e não resultavam em nada. Os ressecadores no interior do traje estavam trabalhando ao máximo possível, recolhendo o excesso e reciclando a água, devolvendo líquido reionizado ao receptáculo apropriado, juntamente com uma pequena quantidade de sal.

Rioz gritou:

– Porra, Dick, espera até eu chamar, tá legal? A voz de Dick Swenson ressoou em seus fones:

– Tudo bem, mas quanto tempo vou ter que ficar pregado aqui?

– Até eu dizer – retrucou Rioz.

Aumentou o campo de pseudogravidade e ergueu o projetor térmico. Diminuiu o campo, assegurando-se de que o projetor permaneceria na posição correta mesmo se ele o largasse. O cabo que o ligava ao gerador de energia estava coleando à sua frente; ele o chutou para o lado; depois apertou o botão.

O material de que o fragmento era feito começou a borbulhar e a desaparecer sob o jato emitido pelo projetor. A borda da enorme abertura que Rioz já tinha escavado dissolveu-se pouco a pouco, perdendo uma série de protuberâncias e adquirindo um contorno levemente curvo.

– Experimente agora – disse Rioz., Swenson estava na nave

que flutuava acima de sua cabeça.

– Tudo pronto? – perguntou Swenson.

– Já falei.

Um fino jato de vapor começou a ser expelido por um dos escapes na parte dianteira da nave e ela começou a descer de ré na direção do fragmento. Um jato lateral fez uma pequena correção na trajetória, e a nave desceu de encontro à cavidade. Um terceiro jato, saindo da traseira, diminuiu sua velocidade.

A traseira da nave foi penetrando aos poucos na enorme caverna, até que a parte mais bojuda da fuselagem roçou as suas bordas; houve um ruído de esmagamento, a nave vibrou, sacudiu-se, e por fim ficou imóvel.

Foi a vez de Swenson praguejar.

– Não cabe – disse ele.

Rioz empurrou o projetor térmico na direção do solo, num rompante de irritação, e sofreu um impulso para o alto. O projetor ergueu uma nuvem de estilhaços cristalinos ao se chocar com a superfície. Rioz acionou o campo de pseudogravidade e retornou ao chão, erguendo uma nuvem semelhante. Berrou:

– Você entrou torto, seu... filho de uma Terrestre.

– Eu entrei reto, comedor de bosta.

Os jatos traseiros da nave começaram a rugir com mais intensidade e Rioz afastou-se com um sacolejão a nave desprendeu-se das bordas da cavidade e mergulhou no espaço por quase uma milha até que os jatos dianteiros a detivessem.

A voz de Swenson estava tensa.

– Vamos amassar o casco inteiro se isso acontecer de novo. Vê se desta vez faz a coisa certo.

– Não se preocupe comigo. Faça a sua parte direito.

Rioz saltou para cima e afastou-se até uma distância de trezentos metros para poder ter uma visão de conjunto da vasta abertura. Os arranhões deixados pelo casco da nave eram bem visíveis e se concentravam num ponto na parte inferior da borda. Não ia ser muito difícil.

As bordas começaram novamente a derreter sob o impacto térmico do projetor.

Meia hora depois, a nave de Swenson conseguiu esgueirar-se pela abertura e encaixar-se ali dentro com perfeição. Ele, envergando seu traje espacial, emergiu pela escotilha indo ao encontro de Rioz.

– Se quiser subir para a nave um pouco – disse ele – tudo bem, pode deixar que eu completo o gelo.

– Está bem – disse Rioz. – acho que vou sentar aqui um pouco e dar uma olhada em Saturno.

Ficou sentado à beira da cavidade. Havia um espaço de dois metros de largura entre a borda e o casco da nave; em certos trechos esse espaço se estreitava até meio metro; em outros não passava de alguns centímetros. Era impossível exigir resultado melhor num trabalho puramente manual. O ajuste final iria consistir em jatos de vapor concentrado que iriam se solidificando ao longo daquelas frestas, tapando-as por completo e soldando a nave ao gigantesco bloco de gelo.

Saturno movia-se visivelmente no céu, com seu vulto gigantesco cortado ao meio pelo horizonte.

– Quantas naves ainda faltam ser instaladas? – perguntou Rioz.

– Da última vez que ouvi eram onze – disse Swenson. – Nós já estamos prontos, então são dez. Sete já estão colocadas e presas com o gelo. Duas ou três já retiraram a aparelhagem.

– Então a coisa vai indo bem.

– Ainda falta muito. Temos que instalar os jatos principais na parte traseira do fragmento. E ainda os cabos e as linhas de força. Tem horas que fico imaginando se vamos conseguir. Durante a viagem eu não me preocupava com isso, mas ainda há pouco eu estava sentado aos controles e comecei a pensar: não vamos conseguir, vamos ficar encalhados aqui e a comida vai acabar, vamos morrer todos, olhando para Saturno... Isso me fez sentir...

Não concluiu a frase. Ficou apenas sentado, em silêncio.

– Você pensa demais – disse Rioz.

– Com você é diferente – disse Swenson. – Fico me lembrando de Pete... e de Dora.

– Por quê? Ela deixou você vir, não deixou? O Comissário jogou todo aquele papo de patriotismo, de que você ia virar herói, ganhar

um emprego estável na hora em que voltasse... e ela acabou deixando. Você não teve que sair escondido, como Adams.

– Adams é diferente. Aquela mulher dele devia ter sido fuzilada na hora em que nasceu. Certas mulheres podem jogar um sujeito num verdadeiro inferno, não é mesmo?

Ela não queria que ele viajasse... mas provavelmente não iria se incomodar se ele morresse, desde que ela tivesse direito a uma indenização.

– E qual é o seu problema, então? Dora quer que você volte.

Swenson suspirou.

– Eu nunca a tratei direito.

– Todo dinheiro que você ganha você entrega a ela. Eu não faria isso com nenhuma mulher. Daria o dinheiro das despesas de casa e nem um centavo a mais.

– Não é o dinheiro. Tenho pensado muito nisso aqui: uma mulher precisa de companhia. Um garoto precisa ter o pai por perto. O que diabo eu estou fazendo aqui?

– Está se preparando para voltar para casa.

– Não adianta. Você não entende.

Ted Long se deslocava sobre a superfície irregular do fragmento com o ânimo tão frio quanto o chão onde pisava. Lá em Marte tudo parecia perfeitamente lógico, mas isso tinha sido em Marte. Ele tinha planejado tudo em sua mente, passo a passo, numa lógica irrefutável. Ainda estava tudo muito vivo em sua memória.

Não é preciso uma tonelada de água para mover uma tonelada de peso da espaconave. A questão não é "massa igual a massa", e sim "massa vezes velocidade igual a massa vezes velocidade". Em outras palavras, não importa se você expele uma tonelada de água em forma de vapor a uma milha por segundo, ou se você expele cem quilos de água a vinte milhas por segundo. A velocidade final que se imprime à nave é a mesma.

Isso quer dizer que os tubos de escape teriam que ser mais estreitos e os jatos de vapor mais quentes. Mas isso acarretava desvantagens. Quanto mais estreito o tubo, mais energia se perdia em atrito e em turbulência. Quanto mais quente o jato, mais refratário ao calor tinha que ser o tubo... e mais curta sua vida útil. O

limite nessa direção foi rapidamente atingido.

Uma vez que uma dada quantidade de água podia impelir um peso muito maior que o dela própria, com o uso desses escapes mais estreitos era compensador trabalhar em grande escala. Quanto maior o reservatório de água, maior o tamanho da parte tripulada da nave, mesmo em termos proporcionais. Começaram então a planejar naves cada vez maiores e mais pesadas; mas aí surgiu outro contratempo. Quanto maior o casco da nave, mais pesados os suportes internos, mais trabalhosa a soldagem, mais complicados os cálculos de engenharia. O limite nessa direção também foi atingido sem demora.

Então, ele constatou o equívoco básico que perdurava desde o início: a noção de que o combustível teria que estar situado no interior da nave e de que seria preciso rodear de metal um milhão de toneladas de água.

Por quê? A água não tinha que estar em forma de água. Podia ser um bloco de gelo, e um bloco de gelo pode ser moldado, esculpido. Pode ser perfurado. Pode ser todo incrustado de cabines e de sistemas de jatos. Essas cabines e esses sistemas de jatos podem permanecer unidos e conectados através de cabos munidos de poderosos campos magnéticos.

Long sentiu o chão estremecer por baixo de si. Estava quase na extremidade do fragmento. Uma dúzia de naves entrava e saía dos túneis escavados no gelo e o fragmento era sacudido continuamente por aquela sucessão de impactos.

O gelo não tinha que ser extraído como se extrai pedra de uma pedreira. Ele existia em pedaços já soltos, flutuando nos anéis de Saturno. Os anéis não passavam disso – blocos de gelo quase puro, circulando em torno do planeta. A espectroscopia tinha descoberto isso, a confirmação viera depois. Long estava sobre um desses blocos agora, um fragmento com duas milhas de comprimento e quase uma milha de largura. Cerca de meio bilhão de toneladas de água em estado sólido, bem ali, sob as solas de suas botas.

Mas agora ele tinha que encarar de frente as dificuldades da vida real. Ele nunca tinha explicado aos outros Caçadores em quanto tempo pretendia transformar o fragmento numa gigantesca

nave; mas em sua mente tinha calculado um prazo de dois dias. Agora já fazia mais de uma semana, e ele não se atrevia a avaliar quanto ainda faltava.

Já não tinha sequer a certeza de que a tarefa era realizável. Não sabia se conseguiriam controlar, com a necessária precisão, os jatos instalados no fragmento e conectados às naves através de cabos de forças estendidos ao longo de duas milhas de superfície gelada. Se não o conseguissem, jamais escapariam à gravidade de Saturno.

A água potável estava perto do fim, embora sempre fosse possível destilar mais, com todo aquele gelo à volta. Mas os mantimentos não iriam durar para sempre.

Fez uma pausa e ergueu o rosto para o céu, apertando os olhos. Será que aquele outro fragmento estava mesmo maior! Tinha que medir a distância, mas o fato é que não tinha disposição para somar mais uma preocupação às que já tinha. Forçou sua mente a se voltar para as questões mais imediatas.

O moral das equipes, pelo menos, estava alto. Os homens pareciam estar gostando daquela aventura em Saturno. Eram os primeiros seres humanos a vir tão longe, os primeiros a ultrapassar a linha dos asteroides, os primeiros a ver Júpiter crescendo como uma joia brilhante a olho nu, os primeiros a ver Saturno... essas coisas.

Long não achava que cinquenta Caçadores veteranos, endurecidos por anos de perigos no espaço, fossem se dar o luxo de saborear emoções desse tipo: mas era o que estava acontecendo. Estavam todos cheios de orgulho.

À medida que andava, viu surgir no horizonte os vultos de dois homens e de uma nave parcialmente incrustada no gelo.

Chamou:

– Olá. Vocês aí.

Ouviu a voz de Rioz:

– É você, Ted?

– Sim. Esse aí é Dick?

– Certo. Venha, sente aqui. Temos que completar o gelo da nave e você é um bom pretexto para deixar a coisa para depois.

– Não por mim – disse Swenson prontamente. – Quando é que vamos embora, Ted?

– Assim que acabarmos. Não chega a ser uma resposta, hem?

– Acho que não há outra – retrucou Swenson, desanimado. Long olhou para cima, na direção daquele bloco de gelo irregular que cintilava no céu.

– O que há? – perguntou Rioz, seguindo a direção do seu olhar.

Por um instante Long não respondeu. O céu era negro e os fragmentos dos anéis refletiam uma cor alaranjada. Três quartos de Saturno já estavam abaixo do horizonte e os anéis o acompanhavam. A meia milha de distância, uma nave surgiu de sob a borda gelada do planetoide, refletiu por alguns instantes a luz alaranjada de Saturno e voltou a mergulhar.

O chão era percorrido por tremores regulares.

Rioz insistiu:

– Alguma coisa na Sombra está lhe deixando preocupado?

Era assim que o chamavam. Era o fragmento que ficava mais próximo àquele onde trabalhavam bastante próximo considerando o fato de estarem na faixa mais externa dos anéis, onde os blocos de gelo estavam muito mais espalhados e distantes uns dos outros. Estava talvez a umas vinte milhas de distância, uma montanha quebrada em ângulos bruscos, bem visível à luz distante do Sol.

– O que acha dela? – perguntou Long. Rioz encolheu os ombros.

– Acho que está tudo normal. Não vejo nada errado.

– Não tem a impressão de que ela aumentou?

– Por que aumentaria?

– Não acha que aumentou? – insistiu Long. Rioz e Swenson olharam pensativos para a Sombra.

– É – disse Swenson. – Parece que está maior.

– Está botando coisas na cabeça da gente – protestou Rioz – se estivesse parecendo maior é porque estaria mais próxima.

– E isso é impossível?

– Todas estas coisas estão em órbitas estáveis.

– Estavam, quando chegamos – replicou Long. – Veja... sentiu?

O chão tinha voltado a tremer. Long continuou:

– Estamos despejando jatos em cima deste bloco há uma semana. Primeiro, vinte e cinco naves pousaram sobre ele, o que alterou seu momentum nesse mesmo instante. Não muito, claro. Depois começamos a derreter partes dele; e nossas naves passam o tempo todo entrando e saindo dos túneis – e todas de um só lado. Durante toda esta semana, é possível que tenhamos alterado sua órbita, mesmo que muito pouco. Os dois fragmentos, este aqui e a Sombra, podem estar convergindo.

– Há espaço demais em torno para que ela venha justamente de encontro a nós – disse Rioz, pensativo, o rosto erguido – além do mais, sequer podemos afirmar com certeza que a coisa está ficando maior. Portanto, qual pode ser sua velocidade? Relativa a nós, quero dizer.

– Não precisa estar vindo muito rápido. Seu momentum é tão grande quanto o nosso, de modo que se nos chocarmos, por mais leve que seja esse choque seremos jogados para fora desta órbita, talvez até na direção de Saturno... que é a última direção para onde queríamos ir. E, para falar a verdade, o gelo tem uma resistência muito baixa a trações, e um choque entre esses dois planetoides faria ambos em estilhas.

Swenson ficou de pé.

– Que porra, se eu sou capaz de dizer se uma cápsula está se movendo a mil milhas de distância, posso fazer o mesmo com uma montanha a vinte milhas.

E partiu na direção da nave.

Long não fez menção de detê-lo.

– Que cara nervoso – comentou Rioz.

O planetoide ergueu-se devagar até o zênite, passou sobre suas cabeças e começou a mergulhar. Vinte minutos depois, o horizonte começou a arder numa luz alaranjada, do lado oposto àquele em que Saturno mergulhara; e logo o vulto maciço do planeta ergueuse, banhando os dois homens com sua luz.

Rioz acionou o rádio.

– Ei, Dick. Está vivo?

– Estou checando uma coisa – foi a resposta lacônica.

– Está se movendo, não é? – perguntou Long

– Sim.

– Em nossa direção?

Houve uma pausa. A voz de Swenson parecia abatida.

– Bem na mosca, Ted. Intersecção de órbitas exatamente dentro de três dias.

– Está maluco! – berrou Rioz.

– Chequei quatro vezes – disse Swenson.

Long sentiu um branco na mente. Só conseguiu pensar: e agora?

Alguns dos homens estavam tendo problemas com os cabos. Eles tinham que ser instalados com a maior precisão, e sua disposição tinha que ser quase perfeita para que o campo magnético criado atingisse a maior intensidade possível. No espaço, ou mesmo no ar, isso não importaria: os cabos se alinhariam automaticamente no instante em que a corrente começasse a fluir.

Ali era diferente. Uma canaleta tinha que ser escavada ao longo da superfície do planetoide e um cabo estendido ao longo dela. Se não estivesse alinhado dentro de alguns minutos de arco de uma direção previamente calculada, um movimento de torção seria aplicado a todo o planetoide, com uma consequente perda de energia, um desperdício que eles não se podiam permitir. As canaletas teriam então que ser refeitas e os cabos fixados nas novas posições. Os homens trabalhavam sem descanso.

Então, ouviu-se a ordem:

– Todo mundo trabalhando nos jatos!

Os Caçadores não são propriamente um grupo de homens dóceis à disciplina, portanto houve muitos grunhidos, muitos resmungos e reclamações enquanto o grupo começou a desmontar os sistemas de jatos que continuavam intactos em algumas naves. Um a um foram carregados para a extremidade do planetoide, instalados em posição e depois os cabos começaram a ser estendidos ao longo da superfície.

Passaram-se quase vinte e quatro horas até que um deles olhou para o céu e disse:

– Ih, cacete! – seguido por algumas coisas menos publicáveis. O que estava ao seu lado ergueu o rosto e disse:

– Puta que pariu.

Bastou que esses dois percebessem para que em um segundo o mesmo acontecesse com todos. Era como se aquilo fosse o fato mais espantoso em todo o Universo.

– Olhe só para a Sombra!

A Sombra estava espalhada pelo céu como uma ferida infeccionada. Os homens olhavam e percebiam que ela tinha dobrado de tamanho e imaginavam como não tinham visto aquilo antes.

Todo o trabalho foi virtualmente interrompido. Eles cercaram Ted Long.

– Não podemos fugir – avisou ele. – Não temos combustível suficiente para voltar para Marte e não temos equipamento para capturar outro planetoide. Vamos ter que ficar neste aqui. Mas vejam bem: a Sombra está vindo em nossa direção porque saímos de órbita devido às explosões e ao uso dos jatos. Temos que mudar isso, e a única coisa que podemos fazer é continuar com as explosões. Uma vez que não podemos fazer isso na parte da frente sem colocar em perigo o equipamento que já instalamos, vamos fazê-lo na extremidade de cá.

Voltaram a trabalhar nos jatos com uma furiosa energia que recebia novo impulso a cada meia hora, quando a Sombra se erguia no horizonte, maior e mais ameaçadora do que na vez anterior.

Long não sabia se aquilo iria funcionar. Mesmo que os jatos respondessem aos controles instalados a tamanha distância... e que funcionasse o sistema de suprimento de água, que dependia de uma câmara de armazenamento aberta diretamente sobre a massa gelada do planetoide, com projetores térmicos embutidos injetando o fluido propelente diretamente nas células motoras... mesmo assim ninguém podia ter certeza de que o corpo do planetoide pudesse aguentar intacto as enormes pressões a que iria ser submetido, sem estar ainda totalmente unido pelos cabos magnéticos.

– Tudo pronto – veio o sinal no receptor de Long.

– Pronto – disse ele, e premiu o contato.

A vibração começou a crescer por baixo dele. As estrelas dançavam na superfície transparente de seu visor.

Pelos retrovisores, via-se uma cachoeira de espuma onde faiscavam miríades de cristais de gelo.

– Está funcionando! – gritaram.

E continuou assim. Long não se atreveu a parar. Durante cinco horas seguidas os jatos foram acionados e rugiram, sibilaram, borbulharam, despejaram nuvens de vapor no espaço; o gelo maciço do planetoide sendo convertido em fumaça e arremessado para trás.

A Sombra se aproximou até que os homens não puderam fazer outra coisa senão contemplar aquela montanha suspensa no espaço, maior do que o próprio Saturno. Cada cordilheira e cada vale era visível, como cicatrizes espalhadas num rosto. Mas quando ela cruzou a órbita do planetoide passou a mais de meia milha de distância do ponto que eles tinham acabado de deixar.

Os jatos foram desligados.

Long curvou-se sobre si próprio na cadeira e escondeu o rosto nas mãos. Não comia há quarenta e oito horas. Agora poderia mastigar alguma coisa. Não havia nenhum outro planetoide suficientemente próximo para ameaçá-los, mesmo que começasse a se aproximar naquele preciso momento.

De volta à superfície do planetoide, Swenson comentou:

– O tempo todo que eu estava olhando aquela rocha vindo contra nós eu estava pensando: não vai acontecer, não vamos deixar acontecer.

– Estava todo mundo nervoso – disse Rioz. – Você viu Jim Davis? Estava verde. Eu mesmo estava meio assustado.

– Não é só isso. A questão não é só morrer, sabe como é. Eu estava pensando... é uma coisa besta, mas a gente acaba pensando essas coisas... estava pensando que Dora me preveniu que se eu morresse nesta viagem nem por isso devia ficar pensando que a última palavra tinha sido minha. É engraçado pensar nessas coisas numa hora assim.

– Olhe aqui – disse Rioz – você quis casar, então você foi e casou. Agora me diga: o que diabo eu tenho a ver com seus problemas?

A frota, agora fundida numa única unidade, estava retornando

em sua longa viagem de volta de Saturno para Marte. Cada dia eles percorriam uma distância que na ida tinham levado nove dias para percorrer.

Ted Long tinha colocado de prontidão todos os cinquenta membros da expedição. com vinte e cinco naves incrustadas no planetoide e incapazes de se mover independentemente, a coordenação de seus jatos de aceleração, para que fossem acionados todos ao mesmo tempo, era um problema delicado. A trepidação que não cessou durante todo o primeiro dia de viagem os sacudiu tanto que eles se sentiram a ponto de perder cada fio de cabelo.

Aos poucos a trepidação foi desaparecendo, à medida que a velocidade foi aumentando pela contínua injeção de potência nos jatos de vapor. No segundo dia de viagem ultrapassaram a marca das cem mil milhas por hora, e a partir daí foram passo a passo se aproximando da marca do milhão de milhas, para mais.

A nave de Long, que ocupava a extremidade à frente daquela nave de gelo, era a única que tinha uma visão panorâmica do espaço em todas as direções. De certo modo era uma posição incômoda. Mais de uma vez Long se flagrou observando os visores cheio de tensão, imaginando que de um momento para outro as estrelas começariam a deslizar lentamente, vindo ao encontro deles e sumindo lá atrás, devido à tremenda velocidade imprimida à multinave.

Isso não acontecia, é claro. As estrelas continuavam pregadas de encontro àquele fundo negro, uma imobilidade que funcionava como uma espécie de escárnio às velocidades artificialmente obtidas pelo homem.

Depois dos primeiros dias, os homens começaram a se queixar. Não era apenas o fato de não poderem mais flutuar à solta no espaço. Estavam sofrendo uma pressão muito maior do que o costumeiro campo pseudogravitacional do interior das naves, sob o efeito da violenta aceleração a que estavam sendo submetidos. O próprio Long estava exausto devido àquela incessante pressão de encontro às almofadas hidráulicas das poltronas de voo.

Passaram a desligar os jatos durante uma hora em cada quatro,

e Long começou a resmungar.

Fazia mais de um ano que ele tinha, pela última vez, visto Marte diminuindo através da vigia de sua nave, que era então uma nave independente das outras. O que teria acontecido desde então? A colônia ainda estaria lá?

Tomado por algo que se assemelhava a um pânico crescente, Long passou a enviar pulsos de rádio na direção de Marte diariamente, usando para isso a energia das vinte e cinco naves em conjunto. Não houve reposta. Ele não esperava nenhuma. Marte e Saturno estavam, naquele momento, do lado oposto do Sol. A menos que eles se elevassem acima da eclíptica e não mais tivessem o Sol se interpondo entre a nave e Marte, a interferência solar bloquearia a passagem de qualquer sinal.

Quando estavam ultrapassando a faixa externa do cinturão dos asteroides, atingiram sua velocidade máxima. Com pequenos e contínuos jatos dos tubos laterais, a enorme nave começou a girar sobre si própria, até inverter a posição. O sistema de jatos situado na parte traseira recomeçou a funcionar, mas agora o efeito que produzia era o de desaceleração.

Passaram a cem milhões de milhas por sobre o Sol, descendo em curva para interceptar a órbita de Marte.

Uma semana antes de chegarem em Marte, foram ouvidos os primeiros sinais de resposta: fragmentários, cheios de interferências, e incompreensíveis; mas estavam vindo de Marte. A Terra e Vênus estavam situados em ângulos diferentes, o bastante para que não houvesse qualquer dúvida.

Long relaxou. Pelo menos ainda havia gente em Marte.

Dois dias antes da chegada, o sinal de rádio estava suficientemente forte e claro para que ele pudesse reconhecer o rosto de Sankov no vídeo.

– Olá, rapaz – disse o Comissário. – São três da madrugada aqui. Parece que as pessoas hoje em dia não têm mais respeito pelo sono de um velho. Acabaram de me arrancar da cama.

– Sinto muito, senhor.

– Não se preocupe... estavam cumprindo minhas ordens. Tenho uma pergunta a fazer, rapaz, mas estou receoso. Alguém ferido?

Alguma baixa, talvez?

– Nenhuma baixa, senhor. Estamos todos bem.

– E... e a água? Conseguiram alguma?

-long fez um esforço e conseguiu parecer despreocupado: – oh, bastante.

– Nesse caso, venham logo, o mais rápido que puderem. Não corram riscos desnecessários, claro.

– Então há problemas.

– Mais ou menos. Quando vão chegar? – Em dois dias. Pode esperar?

– Tentarei.

Quarenta horas depois, quando Marte tinha crescido até se transformar numa enorme bola alaranjada que ocupava o espaço inteiro dos visores, eles começaram a descer na derradeira espiral rumo ao planeta.

– Devagar – murmurava Long para si mesmo. – Devagar.

Naquelas condições, mesmo a rarefeita atmosfera de Marte poderia causar pesados estragos caso eles se movessem a uma velocidade excessiva.

Como estavam vindo da região acima da eclíptica, a espiral que traçavam ia do norte para o sul. Uma calota polar brilhou muito branca abaixo deles, depois a calota menor do hemisfério onde transcorria o verão, depois a maior outra vez, depois a menor, a intervalos cada vez mais longos. O planeta estava mais próximo, alguns traços da paisagem começavam a se tornar visíveis.

– Preparar para pouso – disse Long.

Sankov fazia o possível para aparentar calma, mas não era muito fácil, considerando que os Caçadores estavam de volta praticamente no último minuto da derradeira hora. Mas tudo tinha funcionado a contento. Até poucos dias atrás ele não tinha como saber se eles teriam sobrevivido ou não. Parecia mais possível – quase que inevitável – que àquela altura eles não fossem mais do que corpos congelados, perdidos nas vastidões do espaço entre Marte e Saturno, novos planetoides que um dia tinham sido seres humanos.

O comitê terrestre vinha negociando com ele há semanas, antes

das primeiras notícias chegarem. Insistiam para que ele assinasse o documento, uma formalidade para salvar as aparências. Pareceria tudo um acordo, acertado voluntariamente de parte a parte. Mas Sankov sabia que, dada a total obstinação com que vinha se portando, eles acabariam agindo unilateralmente e mandando às favas as aparências. Era praticamente certo que Hilder ia ganhar as eleições, e eles podiam correr o risco de despertar algum tipo de reação de simpatia em favor de Marte.

Portanto ele protelou as negociações o mais que pôde, acenando sempre diante deles com a possibilidade de uma rendição total.

Chegou então o primeiro sinal de Long. Ele mais que depressa concluiu as negociações.

Os documentos estavam todos empilhados à sua frente e ele fez uma derradeira declaração, para satisfazer os representantes da imprensa.

– Nossas importações de água da Terra – disse – estão em torno de vinte milhões de toneladas por ano. Este montante tende a diminuir à medida que vamos desenvolvendo nosso sistema de canalização da água dos polos. Se eu assinar estes papéis concordando com o embargo aqui proposto, nossa indústria se verá paralisada, perdendo todas as possibilidades de expansão. Não creio que seja esta a intenção da Terra. O que me dizem?

Os olhares se cruzaram, trocando apenas um brilho gélido de parte a parte. Digby tinha sido substituído há bastante tempo; agora o Comitê era unanimemente contra ele.

O presidente do Comitê, impaciente, observou:

– Ora, o Sr. já disse tudo isto antes.

– Sim, mas agora eu estou me preparando para assinar os papéis e gosto de ter tudo bem claro na minha mente. A Terra está de fato determinada a interromper nossas atividades aqui?

– Claro que não. A Terra está interessada em manter as suas reservas não-renováveis de água. Apenas isto.

– Vocês têm um quintilhão e meio de toneladas de água na Terra.

– Não podemos desperdiçar água – disse o presidente do

Comitê.

E Sankov assinou.

Esta era a palavra oficial que ele queria ouvir. A Terra tinha um quintilhão e meio de toneladas de água e não podia desperdiçá-la.

Agora, um dia e meio depois, os repórteres e os membros do Comitê estavam reunidos à espera, sob a cúpula do espaço-porto. Através das janelas curvas espessas podiam avistar o vasto descampado do Espaço-porto Marciano.

O presidente do Comitê perguntou, aborrecido:

– Quanto tempo ainda temos que esperar? E, se não for perguntar muito... o que estamos esperando?

– Alguns dos nossos rapazes – disse Sankov – estão retornando do espaço. Estiveram além dos asteroides.

O presidente do Comitê retirou os óculos e começou a limpar suas lentes com um lenço muito branco.

– E estão de volta?

– Sim.

O presidente encolheu os ombros e ergueu as sobrancelhas na direção dos repórteres.

Num pequeno salão adjacente, uma multidão de mulheres e crianças disputava espaço junto às janelas. Sankov deu um passo de lado para observá-los melhor. Naquele momento, preferiria estar misturado a eles, partilhando sua excitação e seu nervosismo. Como eles, tinha esperado por mais de um ano. Como eles, tinha pensado, vezes sem conta, que aqueles homens estavam mortos.

– Está vendo ali? – disse ele, apontando o céu.

– Ei! – gritou um dos repórteres. – É uma nave! Um vozeiro confuso elevou-se do salão ao lado.

O que se via não era bem uma nave, e sim um ponto luminoso cercado por uma nuvem branca. A nuvem começou a crescer e a adquirir contornos definidos. Era um jato duplo de vapor branco, projetado de cima para baixo, propagando-se em borbotões e subindo de volta ao espaço, desfazendo-se.

À medida que descia rumo ao chão, o ponto brilhante na parte superior começou a revelar um formato vagamente cilíndrico.

Era um cilindro irregular e cheio de asperezas, mas onde a luz

do sol batia havia uma cascata de reflexos.

O cilindro desceu rumo ao solo com a pesada lentidão das naves espaciais. Ficou suspenso sobre aqueles jatos poderosos, equilibrando a potência daquele empuxo contra o peso esmagador daquelas toneladas de matéria que pousavam no solo muito vagarosamente, como um homem idoso deixando-se cair numa poltrona.

O silêncio se instalou no interior da cúpula do espaçoporto. As mulheres e as crianças num salão, os políticos e os repórteres no outro, todos permaneciam imóveis, boquiabertos, os pescoços esticados para diante com incredulidade.

Os flanges de aterrissagem do cilindro, que se projetavam bem abaixo dos jatos traseiros, tocaram o solo e se afundaram na terra compacta de Marte. O cilindro estabilizou-se imóvel e os jatos cessaram.

Mas o silêncio continuou no interior da cúpula, e perdurou por um longo tempo.

Um grupo de homens surgiu na lateral da gigantesca nave, descendo vagarosamente ao longo de uma trilha rústica com duas milhas de extensão, com espigões de ferro no solado das botas e segurando machados pontudos para se apoiar no gelo. À distância, pareciam minúsculos mosquitos de encontro àquela superfície reluzente.

Um dos repórteres perguntou:

– Mas o que diabo é aquilo?

– Aquilo – disse Sankov calmamente – é simplesmente um bloco de matéria que até pouco tempo atrás girava em volta de Saturno, como parte de seus anéis. Nossos rapazes adaptaram nele uma cabine de comando e jatos de propulsão e o trouxeram para cá. Como é sabido, os fragmentos dos anéis de Saturno são feitos de gelo.

Um silêncio de morte pairava no recinto. Ele continuou:

– Essa coisa aí com aparência de espaçonave não passa de uma montanha de água sólida. Se estivesse pousada na Terra não tardaria em transformar toda esta região num enorme oceano de lama, e talvez já tivesse se rachado sob o seu próprio peso. Marte é

mais frio e tem uma gravidade mais reduzida, de modo que aqui não corremos esse perigo.

– Claro que daqui para a frente temos muitas coisas para organizar... teremos estações de armazenamento de água nas luas de Júpiter e de Saturno, bem como nos asteroides.

Podemos recolher fragmentos dos anéis de Saturno e mandá-los para essas estações. Parece que nossos Caçadores têm jeito para esse tipo de coisa.

– Vamos ter toda a água de que precisamos. Esse fragmento que vocês estão vendo tem cerca de uma milha cúbica... que é mais ou menos o que a Terra deveria nos fornecer durante os próximos duzentos anos. Os rapazes usaram uma boa quantidade dessa água para vir de Saturno até aqui. Ao que me consta, fizeram essa viagem em cinco semanas, e gastaram cerca de cem milhões de toneladas. Mas vejam só... isso nem deixou sinais nessa montanha. Estão anotando tudo isto, rapazes?

O Comissário correu os olhos pelo grupo de repórteres e certificou-se de que eles não estavam perdendo uma vírgula. Continuou:

– Então anotem mais isto. A Terra está preocupada com suas reservas de água, uma vez que possui apenas um quintilhão e meio de toneladas... é por isso que não podia mais nos ceder uma tonelada sequer. Divulguem em seus noticiários que nós, em Marte, estamos muito preocupados com a Terra e não queremos que os terrestres passem por nenhum tipo de dificuldade. Divulguem que queremos vender água à Terra. Colocaremos à venda lotes de milhões de toneladas, por um preço razoável. Divulguem que dentro de dez anos temos o projeto de vender lotes de água em milhas cúbicas. E anunciem a todos que a Terra pode parar de se preocupar, porque Marte tem condições de fornecer toda a água de que os terrestres necessitam.

O presidente do Comitê já não ouvia mais nada. Sentia-se como que mergulhado numa montanha-russa na direção do futuro. Percebeu vagamente os sorrisos dos repórteres enquanto escreviam furiosamente em suas cadernetas. Estavam rindo.

Ele podia ouvir esses risos transformando-se em gargalhadas

na Terra no momento em que Marte virava o jogo contra Hilder. Podia ouvir essas gargalhadas ressoando através dos continentes com a divulgação na notícia do imenso fiasco terrestre. Podia ver o abismo, vazio e negro como o espaço, onde estavam prestes a despencar as esperanças políticas de John Hilder e de todos os adversários do voo espacial que havia na Terra – inclusive ele próprio.

No salão adjacente, Dora Swenson gritava de alegria, e Peter, dois centímetros mais alto, dava saltos sem parar, gritando:

– Papai! Papai!

Richard Swenson tinha acabado de pisar no chão de Marte e, com o rosto bem visível através do silicone do visor, começou a caminhar rumo à cúpula do espaçoporto.

– Já viu um sujeito mais satisfeito do que este? – perguntou Ted Long. – Vai ver que essa história de casamento tem alguma coisa por trás.

– Você só diz isso – retrucou Mario Rioz – porque passou mais de um ano no espaço.

DEMOCRACIA ELETRÔNICA

Aos 10 anos, Linda era a única pessoa da família que parecia gostar de estar acordada.

Norman Muller ouviu-a através de seu sono profundo, narcotizado. (Finalmente conseguira dormir uma hora mais cedo, mas mesmo assim tinha sido mais por cansaço do que por sono.)

Ela estava ao lado de sua cama, sacudindo-o.

– Papai, papai, acorde. Acorde. – Ele emitiu um grunhido.

– Tudo bem, Linda.

– Papai, nunca vi tanta polícia junta. Tem até carros de polícia!

Norman Muller desistiu e se apoiou desajeitadamente sobre os cotovelos. Amanhecia. Lá fora já se notavam os primeiros movimentos do dia, parecendo tão tristes quanto ele se sentia por dentro. Ele podia ouvir Sarah, sua mulher, se arrastando na cozinha enquanto preparava o café da manhã. Matthew, seu sogro, assoava-se ruidosamente no banheiro. Com certeza o agente Handley estava pronto e esperando por ele.

Esse era o dia.

O dia da eleição!

No começo tinha sido como em todos os outros anos. Talvez um pouco pior, pois era um ano de eleições presidenciais, mas não mais terrível do que o de outras eleições presidenciais, se fosse o caso de comparar.

Os políticos falavam para o grande eleitorado e sobre a vasta inteligência eletrônica a serviço dele. A imprensa analisava a situação com computadores industriais (o Times de Nova York e o Post Dispatch de St. Louis tinham seus próprios computadores) e estavam cheios de palpites sobre o que estava para acontecer. Comentaristas e articulistas apontavam o estado ou o condado cujos votos seriam decisivos, contradizendo-se entre si de maneira engraçada.

A primeira pista de que esse ano não seria igual aos outros foi

quando, na noite de 4 de outubro (exatamente um mês antes do Dia da Eleição), Sarah Muller disse ao marido:

– Cantwell Johnson acha que Indiana vai ser o estado desse ano. Já é o quarto que diz isso. Imagine, é o nosso estado dessa vez.

Matthew Hortenweller tirou o jornal da frente do seu rosto papudo e olhou macambúzio para sua filha.

– Esses caras são pagos para contar mentiras – resmungou. – Não ligue para eles.

– Quatro deles, papai – disse Sarah, sem se alterar. – Todos eles dizem Indiana.

– Indiana é o estado-chave – replicou Norman, no mesmo tom moderado de sua mulher – por causa da Lei Hawkins-Smith e dessa bagunça em Indianapolis. E... Matthew fez uma careta horrível e disse, rabugento:

– Ninguém fala de Bloomington ou do condado de Monroe, certo?

– Bem... – começou Norman.

Linda, cujo pequeno rosto queixudo ia de um interlocutor para outro, disse com sua voz aguda:

– Você vai votar esse ano, papai? – Norman sorriu, carinhoso.

– Acho que não, querida.

Mas isso foi no meio da crescente excitação de um dia de outubro, de um ano com eleições presidenciais, e Sarah, que tinha uma vida tranquila, falou de um jeito sonhador.

– Isso não seria maravilhoso?

– Se eu votasse?

Norman Muller tinha um pequeno bigode louro que, na juventude de Sarah, fazia com que visse nele um ar de bondade, mas que, com o passar dos anos, foi-se tornando grisalho e perdendo sua distinção. Sua testa ostentava rugas profundas, provocadas pelas dúvidas, e normalmente sua alma simplória nunca se iludia com o pensamento de que havia nascido importante ou de que algum dia viria a ser. Tinha uma mulher, um trabalho e uma pequena garota, e, a não ser em períodos de euforia ou depressão, sempre se sentia em paz com a vida.

Por isso, estava um pouco embaraçado e bastante apreensivo com o rumo que os pensamentos da esposa estavam tomando.

– Atualmente, querida, há duzentos milhões de pessoas no país, e com estatísticas como essa acho que não devíamos perder nosso tempo pensando nessas coisas.

– Por que não, Norman? – retrucou sua esposa. – Você sabe que não são bem duzentos milhões de pessoas. Em primeiro lugar, apenas homens entre vinte e sessenta anos são escolhidos, o que reduz as chances para um a cada cinquenta milhões, e se for mesmo Indiana...

– Isso é mais ou menos uma pessoa para cada 1 milhão duzentos e cinquenta mil. Você não gostaria que eu apostasse numa corrida de cavalos onde as chances fossem essas. Vamos jantar.

Matthew resmungou por trás do seu jornal.

– Conversa furada.

Linda perguntou novamente.

– Você vai votar esse ano, papai?

Norman balançou a cabeça e todos eles se dirigiram para a sala de jantar.

A 20 de outubro, a excitação de Sarah crescia cada vez mais. Durante o café, ela comentou que a Sra. Schultz, que tinha um primo que era secretário de um deputado, lhe dissera que Indiana era uma "barbada".

– Ela disse que o próprio presidente Villers vinha fazer um discurso em Indianapolis.

Norman Muller, que tivera um dia pesado na loja, reagiu a essa declaração com um leve arquear de sobrancelhas e deixou-a passar em branco.

Mas Matthew Hortenweller sempre tinha uma crítica para fazer a Washington.

– Se Villers vai fazer um discurso em Indiana – disse ele – isso significa que ele acha que Multivac escolherá Arizona. Ele não teria coragem de chegar tão perto, aquele cabeça oca.

Sarah ignorou o pai, como sempre fazia quando isso era possível.

– Não sei por que eles não vão anunciando o estado – disse ela, depois o condado, em seguida o município, e por aí vai, permitindo que as pessoas eliminadas possam relaxar.

– Se eles fizessem assim – salientou Norman – os políticos iriam sobrevoar as regiões escolhidas como abutres. Na hora que só restasse um distrito municipal, haveria um congressista ou dois em cada esquina.

Matthew apertou seus olhos e esfregou com raiva seus cabelos grisalhos e raros.

– Eles são abutres de qualquer maneira. Escute...

– Papai... – murmurou Sarah.

A voz de Matthew ecoou sobre seu protesto, sem tropeço ou dificuldade.

– Escute, eu era vivo quando instituíram Multivac. Eles que queriam, disseram que o sistema acabaria com os políticos radicais, o desperdício do dinheiro dos contribuintes na campanha e os Joões-ninguém sorridentes, vendidos e anunciados para o Congresso ou para a Casa Branca. Então, o que acontece? Nunca houve tantas campanhas eleitorais, com a única diferença de que agora eles fazem às cegas. Mandarão algumas pessoas para Indiana, por causa da Lei Hawkins-Smith, e outras tantas para a Califórnia, no caso de a posição de Joe Hammer se mostrar decisiva. É por isso que eu digo para que acabem com todo esse absurdo. Devíamos voltar para os bons e velhos...

De repente, Linda perguntou.

– O senhor não quer que papai vote esse ano, vovô? Matthew olhou fixamente para a garotinha.

– Não se importe com isso agora – Ele se voltou novamente para Norman e Sarah – Houve uma época em que eu votava. Ia para a cabine, segurava a alavanca, e votava. Não havia nada demais. Eu apenas dizia: "Esse cara é meu homem e vou votar nele!" Deveria ser assim.

Excitada, Linda disse:

– Você votou, vovô? O senhor votou de verdade?

Sarah foi logo tratando de interromper o que poderia se tornar uma história imprópria se se espalhasse pela vizinhança.

– Não é nada disso, Linda – disse a mãe. – Vovô não quis dizer que votava de verdade. Todo mundo votava assim como o seu vovô, mas isso não é votar realmente.

Matthew rosnou.

– Eu não era criança quando isso aconteceu. Já tinha vinte e dois anos e votei em Langley, e meu voto valeu. Talvez meu voto não tenha sido tão importante, mas era tão válido quanto o de qualquer outra pessoa. Qualquer outra pessoa. E não tinha Multivac para...

– Muito bem, Linda – interrompeu Norman. – Hora de ir para cama. E pare de fazer perguntas sobre votação. Quando você crescer aprenderá isso tudo.

Beijou-a com uma bondade antisséptica e ela saiu relutante, sob os conselhos maternais e a promessa de que poderia ver vídeo até as 9:15, se estivesse de banho tomado.

– Vovô – disse Linda, e ficou olhando-o com as mãos para trás; o jornal se abaixou a ponto de as sobrancelhas peludas e os olhos rodeados de rugas finas aparecerem. Era uma sexta-feira, 31 de outubro.

– Sim? – disse ele.

Linda se aproximou e colocou os braços em um dos joelhos do avô, de um modo que ele teve que colocar todo o jornal de lado.

– É verdade que o senhor já votou, vovô?

– Você já me ouviu dizer que sim, não foi? Você acha que eu minto?

– N...não, mas mamãe diz que todo mundo votava nessa época.

– É verdade.

– Mas como isso era possível? Como é que todo mundo podia votar?

Matthew olhou-a com um ar solene e, em seguida, levantou-a, colocando-a sobre seus joelhos.

Até o tom de sua voz ficou mais suave.

– Há quarenta anos, Linda, as pessoas sempre votavam. Dizíamos quem preferíamos que fosse o próximo Presidente dos Estados Unidos. Os democratas e republicanos indicavam os seus candidatos e as pessoas diziam qual era o seu preferido. Quando

acabava o dia das eleições, eles contavam quantas pessoas queriam o democrata e quantas queriam o republicano. O que tivesse mais votos era o eleito. Você compreende?

Linda concordou com a cabeça e disse:

– Como as pessoas sabiam em quem votar? Multivac explicava para eles?

Matthew apertou as sobrancelhas, adquirindo uma expressão severa.

– Elas tinham o seu próprio julgamento, garota. Ela se afastou dele e ele abrandou a voz novamente.

– Não estou com raiva de você, Linda. Mas entenda, algumas vezes a contagem demorava a noite toda e as pessoas ficavam impacientes. Então inventaram máquinas especiais que poderiam analisar os primeiros votos e compará-los com os votos dos mesmos lugares em anos anteriores. Assim, a máquina poderia computar qual seria a votação total e quem seria eleito. Você compreende?

Ela balançou a cabeça novamente.

– Como Multivac.

– Os primeiros computadores eram muito menores do que Multivac. Mas as máquinas foram crescendo e a cada eleição elas precisavam de cada vez menos votos para chegar ao resultado final. No fim, eles construíram Multivac e puderam fazer os cálculos a partir de um único eleitor.

Linda sorriu por ter chegado a uma parte familiar da história.

– Assim é bom – disse ela. Matthew franziu as sobrancelhas.

– Não, assim não é bom. Eu não quero uma máquina dizendo como eu teria votado apenas porque um palhaço em Milwaukee diz que é contra um aumento nas tarifas. Talvez eu queira votar à toa, apenas pelo prazer de fazer isso. Talvez eu não queira votar. Talvez...

Ela fugiu dos seus joelhos e saiu correndo. Encontrou a mãe na porta. Sua mãe, que ainda estava com o casaco e sequer tinha tirado o chapéu da cabeça, disse sem fôlego:

– Saia da frente, Linda. Não fique no caminho da mamãe. Voltou-se em seguida para Matthew e, enquanto tirava o chapéu e

ajeitava o cabelo, disse:

– Estive com Agatha.

Matthew observou-a com um ar de censura e sequer dispensou um grunhido, voltando logo para o seu jornal.

Enquanto desabotoava o casaco, ela acrescentou:

– Adivinha o que ela disse?

Matthew abriu o jornal com o propósito de lê-lo, fazendo um estalido seco.

– Não interessa.

– Mas papai... – disse ela, mas não tinha tempo para se zangar. As notícias tinham que ser contadas, e Matthew era o único ouvinte à mão. Ela acrescentou: – Você sabe que o Joe da Agatha é um policial e ele diz que ontem à noite chegou um caminhão cheio de homens do serviço secreto.

– Eles não estão atrás de mim.

– Você não entende, papai? Agentes do Serviço Secreto, e quase no dia da eleição. Em Bloomingtonl.

– Talvez estejam atrás de um ladrão de banco.

– Há anos que não tem nenhum roubo de banco na cidade. Papai, você é incorrigível.

Ela se afastou com passos largos.

Nem mesmo Norman Muller pareceu ficar muito excitado quando recebeu a notícia.

– Mas, Sarah, como o Joe da Agatha sabe que eles são agentes do Serviço Secreto? Eles não andam por aí com um cartão de identificação colado na testa.

Na noite seguinte, porém, 1º de novembro, ela disse num tom vitorioso:

– Todo mundo em Bloomington está esperando que o eleitor seja alguém daqui. O Bloomington News disse a mesma coisa no vídeo. Norman se mexeu inquieto. Ele mal podia negar isso. Apenas sentiu um nó no peito. Se realmente Bloomington estava prestes a ser apontado por Multivac, isso iria significar jornalistas, programas de televisão, entrevistas e todo tipo de... bagunças. Norman gostava da tranquila rotina de sua vida, mas o rumor distante da política se aproximava cada vez mais ameaçadoramente.

– Isso não passa de rumores – disse ele. – Nada além disso.

– Espere e veja. É só esperar e ver.

Da maneira como as coisas aconteceram, houve pouco tempo para esperar, pois a campainha tocou insistentemente. Quando Norman a abriu para saber de quem se tratava, um homem alto e com uma expressão séria disse:

– Você é Norman Muller?

– Sim – disse ele, com uma voz desconfiada. Pela maneira que o estranho agia, não era difícil perceber que ele era uma autoridade. A natureza da sua missão ficou tão visivelmente óbvia como, até um segundo antes, estava totalmente fora de cogitação.

O homem apresentou as credenciais, entrou na casa, fechou a porta atrás de si e disse, como se estivesse cumprindo um ritual:

– Sr. Norman Muller, é meu dever informá-lo, em nome do presidente dos Estados Unidos, que o senhor foi escolhido para representar o eleitorado americano na próxima terça-feira, 4 de novembro de 2008.

Foi com dificuldade que Norman Muller caminhou até a sua cadeira. Sentou-se lá, pálido e em estado de choque, enquanto Sarah levava-lhe um pouco d'água, batia em suas mãos desesperada, dizendo-lhe por entre os dentes:

– Não seja tolo, Norman. Não seja tolo. Assim, eles vão escolher outra pessoa.

Quando Norman recuperou a voz, sussurrou:

– Sinto muito, senhor.

O agente secreto tinha tirado seu sobretudo, desabotoado o paletó e estava sentado bastante à vontade no sofá.

– Tudo bem – disse ele, e o tom burocrático pareceu ter desaparecido com a proclamação formal, deixando-o bastante desinibido e amigável. – Esta é a sexta vez que faço a proclamação e já presenciei todos os tipos de reação. Nenhuma delas era como o que estamos acostumados a ver na televisão. Você sabe o que quero dizer? Uma expressão compenetrada e casta, e um personagem que diz: "É um enorme privilégio poder servir ao meu país." Esse tipo de besteira. – o agente sorriu, como se estivesse querendo confortá-lo.

O riso com que Sarah o acompanhou tinha uma sombra de histeria.

– Agora você vai me ter a seu lado durante algum tempo – disse o agente – meu nome é Phil Handley. Gostaria que você me chamasse de Phil. O senhor Muller não poderá sair desta casa até o dia da eleição. A senhora terá que dizer na loja que ele está doente. A senhora poderá sair para cuidar das suas coisas, desde que concorde em não dizer nenhuma palavra a respeito disso. Certo, Sra. Muller?

Sarah concordou, com um enérgico movimento de cabeça.

– Sim, senhor. Nenhuma palavra.

– Tudo bem. Mas, Sra. Muller... – Handley encarou-a com uma expressão séria. – Não estamos mais brincando. A senhora só sairá em caso de extrema necessidade, e mesmo assim será seguida. Sinto muito, mas trabalhamos dessa forma.

– Seguida?

– Não se preocupe. Seremos discretos. Só será por dois dias, até que a proclamação seja feita à nação. Sua filha...

– Ela está na cama – precipitou-se ela a dizer.

– Ótimo. Vocês terão que dizer a ela que sou um parente ou um amigo que está passando uns dias aqui. Se ela descobrir a verdade, terá que ficar presa em casa. Em todo caso, é melhor que seu pai não saia de casa também.

– Ele não vai gostar disso – disse Sarah.

– Não tem outro jeito. Agora, já que não mora mais ninguém aqui...

– Parece que você sabe de tudo a nosso respeito – sussurrou Norman.

– Sabemos um bocado de coisas – concordou Handley. – Por enquanto essas são as minhas instruções. – Tentarei colaborar tanto quanto seja possível. O governo pagará a minha estada; portanto não serei uma despesa extra. Serei substituído todas as noites por alguém que ficará sentado nesta sala, e por isso vocês não precisam se preocupar com as acomodações. Bom, Sr. Muller...

– Senhor?...

– Pode me chamar de Phil – reiterou o agente. – o propósito

desses dois dias preliminares à proclamação oficial é fazer com que você se acostume com sua função.

Nós preferimos colocá-lo diante de Multivac no melhor estado emocional possível. Relaxe e tente ver isso tudo como um simples dia de trabalho. OK?

– OK – disse Norman, para, em seguida, fazer um enérgico movimento de cabeça. – Mas eu não quero essa responsabilidade. Por que eu?

– Tudo bem – disse Handley, vamos logo colocar isso em pratos limpos. Multivac pesa todos os tipos de fatores conhecidos, bilhões deles. No entanto, há um fator que ainda é desconhecido e que continuará desconhecido por um longo tempo. Esse fator desconhecido é o modelo de reação da mente humana. Todos os americanos são influenciados pela pressão que os outros americanos fazem e dizem, pelas coisas que são feitas para eles e pelas coisas que fazem para os outros. Qualquer americano pode ter a sua capacidade mental avaliada por Multivac. A partir daí, pode-se fazer uma estimativa de toda a capacidade mental do país. Alguns americanos são melhores do que os outros em determinadas épocas, dependendo do que tenha acontecido no ano em questão. Multivac considerou-o o mais representativo desse ano. Não é o mais esperto, o mais forte, ou o mais sortudo, mas o mais representativo desse ano. E nós não vamos duvidar de Multivac, vamos?

– Ele não pode ter-se enganado? – perguntou Norman. Sarah, que ouvia impaciente, interrompeu.

– Não dê ouvidos a ele, senhor. Isso é apenas nervosismo. Na verdade, ele é muito bem informado e está sempre a par dos acontecimentos políticos.

– Multivac toma as decisões – disse Handley. – Ele escolheu seu marido.

– Mas ele sabe mesmo de tudo? – insistiu Norman, ansiosamente. – Não poderia ter se enganado?

– Sim, ele poderia. Não há sentido em mentir para vocês. Em 1992, um eleitor teve um ataque e morreu duas horas antes de ser notificado. Multivac não previu isso. Nem poderia. Um eleitor poderia

ser mentalmente instável, inconveniente ou, principalmente, desleal. Multivac não pode saber tudo de todo mundo até que seja alimentado com todos os dados que existem. É por isso que há seleções alternativas que são sempre mantidas em segredo. Não acho que precisaremos de um substituto desta vez. O senhor está em perfeita forma, Sr. Muller, e já foi cuidadosamente investigado. Está apto.

Norman enterrou o rosto nas mãos e se sentou, sem ação.

– Até amanhã de manhã ele estará recuperado – disse Sarah. – Ele só precisa se acostumar com a ideia.

– Claro – disse Handley.

Na privacidade de seu quarto, Sarah Muller expressou-se de uma maneira diferente, mais incisiva. O tema principal de seu sermão foi: "Controle-se, Norman. Essa será a grande chance de sua vida e você não pode desperdiçá-la."

– Isso me assusta, Sarah – sussurrou Norman desesperadamente. – Essa coisa toda.

– Pelo amor de Deus, por quê? Você só terá que responder a uma ou duas perguntas.

– A responsabilidade é muito grande. Não posso arcar com isso.

– Qual responsabilidade? Não há nenhuma responsabilidade. Multivac o escolheu. A responsabilidade é de Multivac. Todo mundo sabe disso.

Norman se sentou na cama numa repentina mostra de sua angústia.

– Espera-se que todo mundo saiba. Mas eles não sabem. Eles...

– Abaixe sua voz – ordenou Sarah com um tom frio. – Eles vão ouvi-lo lá embaixo.

– Eles não vão – disse Norman, sussurrando. – Quando eles falam da administração de Ridgley, você acha que eles dizem que o presidente foi eleito por causa de suas promessas açucaradas e sandices racistas? Não! Eles dizem que a culpa é do voto do maldito MacComber, apesar de ele ter sido apenas o homem designado por Multivac.

Eu mesmo disse isso... apenas agora acho que o cara era só um agricultor, que não pediu para ser escolhido. Por que a culpa só sobrou para ele? Agora seu nome é uma praga.

– Você está sendo infantil – disse Sarah.

– Estou sendo sensato. Eu lhe digo, Sarah, não vou aceitar. Se eu não quiser, eles não podem me obrigar a votar. Direi que estou doente. Direi que...

Mas Sarah já estava farta.

– Aagora você vai me ouvir – sussurrou furiosamente. – Você não pode ser tão egoísta. Você sabe o que significa ser o eleitor do ano? De um ano presidencial, acima de tudo? Isso significa publicidade, fama e, talvez, um monte de dinheiro.

– E depois eu volto a ser um simples balconista.

– Você não voltará. No mínimo, você terá a gerência de uma filial. Se você tiver um pouco de inteligência, você terá isso, porque vou lhe dizer o que fazer. Se você jogar as cartas certas pode forçar as Lojas Kennell a fazer um contrato mais vantajoso, com uma cláusula aumentando seus salários e melhorando sua aposentadoria a cada vez que divulgar o nome da empresa.

– Não é para isso que serve um eleitor, Sarah.

– Mas é para isso que você vai servir. Você tem essa dívida, não para com você ou para comigo – não estou pedindo nada para mim mas para com Linda. – Norman grunhiu.

– Você não acha? – vociferou Sarah.

– Sim, querida – murmurou Norman.

A proclamação oficial foi feita em 3 de novembro. Mesmo que Norman tivesse coragem para desistir, não poderia mais.

Sua casa foi lacrada. Agentes do Serviço Secreto faziam a segurança ostensivamente, impedindo qualquer aproximação.

No começo, o telefone não parou de tocar, mas Philip Handley, desculpando-se com um sorriso simpático, atendia todas as chamadas. Não muito depois, todos os telefonemas passaram a ser automaticamente desviados para a Central de Polícia.

Norman pensou que, de alguma forma, estava sendo poupado dos falsos (e invejosos) cumprimentos dos amigos, como também da irritante pressão dos vendedores acenando com prospectos, e da

suspeita bajulação dos políticos que vinham de todo o país... talvez mesmo das ameaças de morte dos inevitáveis fanáticos.

Os jornais não puderam mais entrar na casa, para evitar influencias, e a televisão foi desligada, apesar dos gritos de protesto de Linda.

Matthew resmungou e ficou no seu quarto; Linda, depois do primeiro momento de excitação, ficou amuada e se queixando porque não podia mais sair de casa; Sarah dividiu seu tempo preparando as refeições do presente e os planos do futuro; e a depressão de Norman se alimentava de si mesma.

Enfim, chegou a manhã da terça-feira de 4 de novembro de 2008, o dia das eleições.

O café da manhã foi servido cedo, mas apenas Norman Muller comeu, mesmo assim, sem a menor vontade. Mesmo de banho tomado e barba feita, não conseguiu se sentir acordado, nem perdera a convicção de que estava tão péssimo por fora quanto se sentia por dentro.

A voz amigável de Handley fez o possível para convencê-lo de que tudo estava normal naquele dia cinza e sombrio. A previsão do tempo tinha dito que o dia seria nublado e com rajadas de chuva pela manhã.

– Manteremos a casa isolada até o Sr. Muller voltar, mas depois deixaremos vocês em paz – o agente do serviço secreto estava com uniforme completo, inclusive com a baioneta guardada num pesado coldre de bronze.

– Não foi nenhum incômodo tê-lo aqui – disse Sarah com um sorriso afetado.

Norman bebeu dois copos de café, limpou os lábios com o guardanapo, levantou-se e disse nervosamente:

– Estou pronto.

Handley também se levantou.

– Então, vamos, senhor. E muito obrigado, Sra. Muller, por sua gentil hospitalidade.

O carro blindado roncou enquanto atravessava as ruas desertas. Elas estavam desertas até mesmo para aquela hora da manhã. Handley apontou para elas.

– Desde que um atentado a bomba quase arruinou a eleição de 1992, eles sempre mudam o trânsito.

Quando o carro parou, o sempre polido Handley conduziu Norman para uma entrada subterrânea, em cujas paredes havia soldados alinhados.

Ele foi levado para uma sala exageradamente iluminada, na qual três homens com uniformes brancos o cumprimentaram com um largo sorriso.

– Mas isso é um hospital – disse Norman asperamente.

– Isso não tem a menor importância – disse de pronto Handley. – É que um hospital tem todas as facilidades necessárias.

– Então, o que devo fazer?

Handley fez um movimento de cabeça. Um dos homens de branco avançou.

– Agora eu cuido de tudo, agente.

Handley fez uma rápida continência e saiu da sala.

– O senhor não quer se sentar? – perguntou o homem de branco. – Sou John Paulson, Analista de Computador. Esses são Samson Levine e Peter Dorogobuzh, meus assistentes.

Entorpecido, Norman apertou as mãos deles. Paulson era um homem de altura mediana e rosto macio, que parecia acostumado a sorrir e tinha um topete muito proeminente.

Usava óculos de aro de plástico, de um modelo fora de moda, e acendeu um cigarro enquanto falava. (Norman recusou o cigarro que lhe ofereceu.)

– Em primeiro lugar, Sr. Muller – disse Paulson, quero que saiba que não temos a menor pressa. Se necessário, ficaremos aqui o dia todo. Ficaremos aqui até que o senhor se acostume com o ambiente e deixe de achar a situação estranha.

– Tudo bem – disse Norman, desde que termine logo.

– Sei como se sente. Ainda assim, queremos que saiba de tudo que vai acontecer. Em primeiro lugar, Multivac não está aqui.

– Não?

Mesmo estando tão deprimido, ele não deixava de estar curioso para conhecer Multivac. Eles diziam que o sistema tinha meia milha de comprimento e três andares, e que cinquenta técnicos não

paravam de andar pelos corredores, dentro de sua estrutura. Era uma das maravilhas do mundo.

Paulson sorriu.

– Não. Ele não é portátil, como deve saber. Na verdade, ele fica embaixo da terra, num lugar conhecido por pouquíssimas pessoas. O senhor pode entender isso, já que ele é nossa maior riqueza. Nós não o usamos apenas para as eleições, pode acreditar.

Norman achou que ele estava puxando conversa e ficou intrigado.

– Pensei que fosse ver Multivac. Eu gostaria.

– Tenho certeza de que sim. Mas precisa de uma ordem presidencial para ter esse privilégio, e mesmo assim ela tem que ser endossada pelo Serviço Secreto. No entanto, estamos ligados a Multivac através de feixes de radiações. O que Multivac diz pode ser interpretado aqui, e o que nós dizemos está sendo transmitido diretamente para Multivac. Num certo sentido, estamos ao lado dele.

Norman olhou ao seu redor. As máquinas dentro da sala não tinham o menor significado para ele.

– Agora deixe-me explicar, Sr. Muller – acrescentou Paulson. – Multivac já tem a maior parte das informações de que necessita para decidir todas as eleições, quer sejam elas nacionais, estaduais ou municipais. Ele precisa checar algumas atitudes imprevisíveis da mente, e o usará para isso. Não podemos adiantar que tipo de perguntas ele lhe fará, mas talvez elas não façam o menor sentido para o senhor... nem mesmo para nós. Talvez ele peça a sua opinião sobre a coleta de lixo de sua cidade e se é contra ou a favor de um incinerador central. Pode perguntar se o senhor tem um médico particular ou se usa os hospitais do governo. Compreende?

– Sim, senhor.

– Qualquer que seja a pergunta, responderá com suas próprias palavras e da maneira que lhe convier. Se acha que deve se alongar nas respostas, não tem o menor problema. Fale por uma hora, se necessário.

– Sim, senhor.

– Agora, só mais uma coisa. Teremos que fazer uso de um simples aparelho para medir sua pressão sanguínea, seu batimento

cardíaco, a condutividade da pele e suas ondas cerebrais enquanto fala. A maquinaria parecerá meio complexa, mas não dói nada. O senhor não vai nem perceber o que está se passando.

Os outros dois técnicos já estavam se ocupando com o aparato brilhante em cima do carrinho de rodas.

– Isso é para saber se estou falando a verdade? – disse Norman.

– De jeito nenhum, Sr. Muller. Não é uma questão de mentir. É apenas um medidor de intensidade emocional. Se a máquina pede a sua opinião a respeito da escola do seu filho, o senhor pode dizer que acha que ela está superlotada. Isso não passa de palavras. A partir das respostas do cérebro, coração, hormônios e glândulas sudoríparas, Multivac vai julgar a intensidade com que o senhor sente o problema. Ele entenderá seus sentimentos melhor do que o senhor mesmo.

– Nunca ouvi falar nisso – disse Norman.

– Não, tenho certeza de que não. A maior parte dos detalhes do funcionamento de Multivac é ultrassecreto. Por exemplo, quando sair, terá que assinar um papel jurando que jamais revelará a natureza das perguntas que lhe foram feitas. Quanto menos se souber a respeito de Multivac, menos pretexto haverá para pressionar os homens que trabalham para ele. – Paulson sorriu sem graça. – Nossas vidas já são muito difíceis do jeito que são.

Norman anuiu.

– Eu entendo.

– E agora, gostaria de comer ou beber alguma coisa?

– Não. Nada.

– Tem alguma pergunta a fazer? Norman balançou a cabeça.

– Então nos diga quando estiver pronto.

– Eu já estou pronto.

– Tem certeza?

– Absoluta.

Paulson fez um movimento de cabeça e, em seguida, levantou a mão, gesticulando para os outros. Eles avançaram com seus equipamentos asssustadores. A respiração de Norman Muller acelerou um pouco, enquanto observava o que acontecia à sua

volta.

A provação demorou quase três horas, com uma breve parada para um café e uma constrangedora sessão com um urinol.

Durante todo esse tempo, Norman Muller permaneceu envolvido pela maquinaria. Sentia-se cansado até a medula dos ossos.

Ironicamente, ele pensou que seria fácil manter a promessa de não revelar nada do que ia acontecer ali dentro. As perguntas já tinham conseguido deixar sua cabeça totalmente confusa.

Por algum motivo, esperava que Multivac tivesse uma voz sepulcral, sobrenatural e ressonante, mas percebia agora que isso era apenas uma ideia que fizera por causa dos inúmeros programas que vira na televisão. A verdade era dolorosamente fria. As perguntas saíam de um tipo de chapa metálica, numa fita cheia de furos. Uma segunda máquina decodificava essa fita e Paulson lia as palavras para Norman, antes de dar a pergunta e deixar que ele a lesse sozinho.

As respostas de Norman eram gravadas numa máquina e repetidas para que ele as confirmasse com correções ou acréscimos, que também eram gravados. Tudo isso era colocado num processador de palavras e esse, por sua vez, transmitia os dados para Multivac.

A única pergunta de que Norman podia se lembrar no momento era uma tremenda bobagem: "Qual a sua opinião sobre o preço dos ovos?"

Quando tudo acabou, eles tiraram eletrodos de várias partes de seu corpo, retiraram o medidor de pressão do seu braço e afastaram a maquinaria.

Ele se levantou e respirou profundamente.

– Isso é tudo? Estou livre?

– Ainda não – Paulson apressou-se em dizer, sorrindo de um jeito tranquilizador. – Precisaremos de você por mais uma hora.

– Para quê? – disse Norman asperamente.

– Multivac precisará desse tempo para comparar esses novos dados com os trilhões de informações que já tem. Milhares de eleições são levadas em conta. É muito complexo.

E talvez haja um contestador solitário aqui ou ali, um inspetor em Phoenix, Arizona, ou algum conselheiro parlamentar em Wilkesboro, Carolina do Norte, em dúvida. Nesse caso, talvez Multivac seja obrigado a lhe fazer uma ou duas perguntas decisivas.

– Não – disse Norman. – Eu não vou passar por isso novamente.

– Provavelmente isso não acontecerá – disse Paulson, tentando acalmá-lo. – Isso raramente acontece. Mas, por via das dúvidas, você terá que ficar. – Sua voz se tornou um pouco dura, apenas um pouquinho. – Você sabe que não tem escolha. Você tem que me obedecer.

Norman sentou-se, exausto. Deu de ombros.

– Você não pode ler o jornal – disse Paulson, mas se gosta de histórias policiais ou de jogar xadrez, ou se há alguma coisa que possamos fazer para ajudá-lo a matar o tempo, gostaria que falasse.

– Não tem problema. Prefiro esperar.

Eles o conduziram para uma pequena sala ao lado daquela em que tinha sido questionado.

Ele deixou-se afundar numa poltrona revestida de plástico e fechou os olhos. Na medida do possível, devia esperar a última hora com calma. Sentou-se totalmente imóvel e, aos poucos, a tensão foi diminuindo. Sua respiração ficou menos agitada e ele pôde fechar as mãos sem perceber mais nenhum tremor nos dedos. Talvez não houvesse mais perguntas. Talvez tudo estivesse acabado.

Se tudo tivesse acabado, em seguida viriam a aclamação popular e os convites para falar em todo o tipo de solenidade. O eleitor do ano!

Ele, Norman Muller, um simples balconista de uma pequena loja de departamentos em Bloomington, Indiana, que não tinha nascido importante nem fizera nenhuma conquista que o tirasse do anonimato, estava na privilegiada condição de ter sido lançado para a História.

Os historiadores falariam solenemente da Eleição Muller, em 2008. Esse seria o nome da data – Eleição Muller.

A publicidade, um trabalho melhor, o incessante jorrar de dinheiro que tanto interessava a Sarah, essas coisas todas

ocuparam apenas um canto de sua mente. É claro que tudo isso era bem-vindo. Não podia recusar. Mas uma outra coisa estava começando a preocupá-lo naquele momento.

Um latente patriotismo estava se manifestando. Afinal de contas, representava todo o eleitorado. Era o centro da atenção de todos. Nesse dia único, ele era toda a América!

A porta se abriu, fazendo com que abrisse os olhos e prestasse atenção. Por um instante, sentiu uma contração no estômago. Mais perguntas, não!

Mas Paulson estava sorrindo.

– O senhor está liberado.

– Não há mais perguntas?

– Não é preciso. Tudo estava absolutamente claro. O senhor será escoltado de volta para casa, e então voltará a ser um cidadão comum. Ou tanto quanto o público deixar.

– Obrigado. Muito obrigado. – Norman corou e acrescentou – Quem... quem ganhou as eleições?

Paulson balançou a cabeça.

– Você terá que esperar a proclamação oficial. As regras são muito rígidas. Não podemos dizer nem a você. Espero que compreenda.

– É claro que sim. Norman se sentiu embaraçado.

– O Serviço Secreto lhe mostrará os papéis que terá de assinar.

– Sim. – De repente, Norman Muller se sentiu orgulhoso. Foi totalmente dominado por essa sensação. Estava orgulhoso.

Nesse mundo imperfeito, os soberanos cidadãos da primeira e maior Democracia Eletrônica tinham, através de Norman Muller (através dele), exercido mais uma vez seu livre e inquestionável direito de votar.

O PIADISTA

Noel Meyerhof consultou a lista que tinha preparado e escolheu o item com que começaria. Como sempre, confiou apenas na sua intuição.

Sentia-se pequeno em relação à máquina com que se defrontava, embora estivesse lidando apenas com uma ínfima parte dela. Isso não importava. Mesmo assim, falava-lhe com a segurança de quem tinha absoluta certeza de que era o mestre.

– Johnson – ditou ele – voltou inesperadamente de uma viagem de negócios e encontrou a mulher nos braços do seu melhor amigo. "Max!", disse ele, surpreso. "Sou casado com essa mulher e tenho a obrigação de fazer isso. Mas você..."

Meyerhof pensou: OK, deixa essa porcaria descer pelos intestinos da máquina e fermentar um pouquinho.

– Ei – disse uma voz por trás dele.

Meyerhof apagou o registro desse monossílabo e colocou o circuito que estava usando em ponto neutro. Virou-se rapidamente.

– Estou trabalhando – disse. – Não sabe bater na porta? Embora sempre sorrisse ao cumprimentar qualquer pessoa com que se relacionava, fechou a cara ao receber o analista sênior Timothy Whistler como se tivesse sido interrompido por um estranho. Fez uma careta que parecia se estender até os cabelos, deixando o seu rosto fino mais enrugado do que já era.

Whistler encolheu os ombros. Estava com a capa branca do laboratório e pressionava os punhos dentro dos bolsos, fazendo com que o uniforme se enchesse de pregas verticais.

– Eu bati. Você não respondeu. O sinal de operação estava desligado.

Meyerhof resmungou. Era bem possível. Vinha se dedicando tanto a seu novo projeto que estava esquecendo os pequenos detalhes. Mas esse não era um momento para culpas. Seu projeto era mais importante.

Ele não sabia dizer o motivo, é claro. Os Grandes Mestres nunca sabiam. Era isso o que os fazia Grandes Mestres; o fato de estarem além da razão. De que outra forma a mente humana poderia acompanhar o ritmo desse gigantesco amontoado de sólida racionalidade, com dez milhas de comprimento, que os homens chamavam de Multivac, o sistema de computadores mais complexo que já se viu na face da Terra?

– Eu estou trabalhando – disse Meyerhof. – Você precisa de alguma ajuda?

– Nada que não possa ser adiado. Há algumas falhas no sistema de respostas do hiperespacial. – Ele disfarçou e assumiu uma expressão de pesar meio duvidosa. – Trabalhando?

– Sim, e daí?

– Mas... – Ele olhou em volta, procurando entre os compartimentos da apertada sala revestida de inúmeras estantes de relês que compunham essa pequena parte de Multivac.

– Não tem ninguém para ajudá-lo.

– Quem disse que tinha, ou deveria ter?

– Você estava contando uma de suas piadas, não é?

– E daí?

Whistler sorriu forçadamente.

– Não me diga que está contando uma piada para Multivac... Meyerhof se empertigou.

– E por que não?

– Estava?

– Sim.

– Por quê?

Meyerhof encarou-o com um ar de desdém.

– Não tenho que prestar contas nem para você nem para ninguém.

– Santo Deus, é claro que não. Eu só estava curioso, apenas isso... Mas, já que você está trabalhando, eu vou embora – olhou em volta mais uma vez, intrigado.

– Então, vá – disse Meyerhof. Acompanhou-o com os olhos enquanto ele saía, e em seguida acionou o sinal de operação com um toque violento.

Andou de um lado para outro da sala, tentando se controlar. Dane-se Whistler! Danem-se todos eles! Ele não se preocupava em manter esses técnicos, analistas e mecênicos em seu lugar. Tratava-os como se eles também fossem grandes artistas, e por isso eles tomavam essas liberdades. Pensou amargamente: nem contar piadas decentemente eles sabem.

Isso o levou de volta rapidamente à tarefa que tinha para cumprir. Sentou-se de novo. Que o diabo os carregue.

Voltou a acionar o circuito de operações de Multivac e continuou:

– O garçom do navio parou na amurada do convés durante um cruzeiro especialmente difícil e fitou piedosamente um homem curvado sobre a grade, cuja intensidade do olhar na direção do mar traduzia com perfeição as agruras de um enjoo. Gentilmente, o garçom bateu no ombro do homem. "Coragem, cavalheiro", murmurou o garçom. "Sei que isso parece terrível, mas a verdade é que ninguém nunca morreu de enjoo." O cavalheiro levantou a face esverdeada e torturada para o homem que o consolava, ofegando roucamente. "Não diga isso, homem. Pelo amor de Deus, não diga isso. A esperança de morrer é a única coisa que me mantém vivo."

Mesmo estando um pouco preocupado, Timothy Whistler não deixou de sorrir e fazer um cumprimento com a cabeça ao passar pela mesa da secretária. Ela lhe sorriu de volta.

Aqui, pensou ele, estava um produto obsoleto dentro desse mundo computadorizado que tiranizava o século XXI, uma secretária humana. Mas talvez fosse natural que esse tipo de instituição sobrevivesse aqui, no meio da fortaleza do deus computadorizado, na gigantesca corporação que controlava Multivac. Com Multivac ocupando os horizontes, computadores menores para tarefas triviais se tornariam coisas de mau gosto.

Whistler entrou no escritório de Abram Trask. O oficial do governo interrompeu a cuidadosa tarefa de acender um cachimbo: seus olhos escuros piscaram na direção de Whistler e seu nariz adunco projetou-se nítida e proeminentemente contra o retângulo da janela por trás dele.

– Olá, Whistler. Sente-se, sente-se aí. Whistler obedeceu.

– Acho que estamos com problemas, Trask.

Trask deu um meio sorriso.

– Espero que não seja um problema técnico. Sou apenas um simples político. (Essa era uma de suas frases favoritas.)

– Diz respeito a Meyerhof – Trask se sentou imediatamente, parecendo terrivelmente procupado.

– Você tem certeza?

– Quase. – Whistler entendeu perfeitamente bem a súbita apreensão do outro. Trask era um funcionário do governo num cargo da Divisão de Computadores e Automação do Ministério do Interior. Tinha a incumbência de resolver os problemas diplomáticos envolvendo os satélites humanos de Multivac, do mesmo modo como esses satélites tecnicamente treinados tinham a incumbência de lidar com Multivac propriamente dito.

Mas um Grande Mestre era mais do que um simples satélite. Mais ainda do que um simples ser humano.

No começo da história de Multivac, tinha ficado evidente que o nó górdio estava na formulação das perguntas. Multivac poderia resolver todos os problemas da humanidade, todos os problemas, desde que... desde que lhe fossem feitas perguntas significativas. Mas à medida que o conhecimento se acumulava numa proporção cada vez mais rápida, tornou-se cada vez mais difícil identificar essas perguntas.

Não bastava ser lógico. Era preciso um tipo de intuição; a mesma faculdade (só que muito mais intensificada) que transformava alguém num grande mestre do xadrez.

Era preciso um tipo de sensibilidade que pudesse enxergar através de quatrilhões de movimentos possíveis das peças, encontrar a melhor jogada e executá-la.

Trask se mexeu impacientemente.

– O que Meyerhof está fazendo?

– Ele introduziu uma linha de perguntas que acho perturbadora.

– Ah, que é isso, Whistler. É só isso? Um Grande Mestre pode seguir a linha de perguntas que ele achar melhor. Nem você nem eu estamos preparados para julgar o mérito de suas perguntas. Você sabe disso. Sei que você sabe disso.

– Eu sei, é claro. Mas também sei quem é Meyerhof. Você o conhece pessoalmente?

– Santo Deus, não. E alguém por acaso tem acesso a um Grande Mestre?

– Não pense assim, Trask. Eles são humanos e também merecem compaixão. Você já pensou o que deve ser a vida de um Grande Mestre? Saber que só existem doze seres iguais a você no mundo? Saber que só aparecem um ou dois deles por geração? Que o mundo depende de você? Que milhares de matemáticos, psicólogos e cientistas físicos contam com você?

– Santo Deus, eu me sentiria o rei do mundo.

– Não acho que você se sentiria assim – disse o analista, impaciente. – Eles não se sentem reis de nada. Não têm nenhum semelhante para conversar, não se identificam com nada. Ouça, Meyerhof nunca perde uma oportunidade de se juntar aos rapazes. Naturalmente, ele não é casado; não bebe, não tem nenhum contato natural com o mundo... e ainda assim procura a nossa companhia porque precisa. E você sabe o que ele faz quando está entre nós, coisa que acontece pelo menos uma vez por semana?

– Não faço a menor ideia – disse o homem do governo. – Tudo isso é novidade para mim.

– Ele é um Piadista.

– O quê?

– Ele conta piadas. Das boas. Ele é fantástico. Ele faz com que qualquer história, mesmo sendo velha e tola, pareça boa. É o jeito como ele conta. Ele tem um talento todo especial para a coisa.

– Eu entendo. Bom, não?

– Ou mau? Essas piadas são importantes para ele. – Whistler colocou os dois cotovelos em cima da mesa de Trask, mordeu a unha do polegar e olhou para o vazio.

– Ele é diferente. Ele sabe que é diferente e essas piadas são o único meio que ele tem para ser aceito por nós, esses ordinários sentimentaloides. Nós rimos, berramos, damos tapinhas nas suas costas e até nos esquecemos de que ele é um Grande Mestre. Esse é o único vínculo que tem com a gente.

– Isso tudo é muito interessante. Não sabia que você era um

psicólogo tão bom. E daí, para onde isso nos leva?

– Para lugar nenhum. O que você acha que vai acontecer no dia que o repertório de piadas de Meyerhof se esgotar?

– O quê? – o oficial do governo arregalou os olhos.

– Se ele começar a se repetir? Se a sua plateia começar a rir forçadamente, ou parar de achar graça em suas piadas? Esse é o único vínculo que tem com a gente. Sem isso ele ficará sozinho, e o que lhe acontecerá? Além disso, Trask, ele é um dos doze homens indispensáveis à raça humana. Não podemos deixar que nada lhe aconteça. Não estou falando apenas de coisas físicas. Não podemos deixar que sofra. Quem sabe o que isso pode fazer com sua intuição?

– Bem, ele tem se repetido?

– Não que eu saiba, mas acho que ele pensa que sim.

– Por que você diz isso?

– Por que o ouvi contando piadas para Multivac.

– Ah, não.

– Foi sem querer! Entrei na sua sala e ele me colocou para fora. Ele foi estúpido. Normalmente é uma pessoa dócil e acho um mau sinal que tenha ficado tão incomodado com minha intromissão. Mas o fato é que ele estava contando uma piada para Multivac e desconfio que essa não foi a primeira.

– Mas por quê?

Whistler encolheu os ombros e esfregou uma mão no queixo.

– Acho que sei o que está acontecendo. Ele deve estar tentando programar uma reserva de piadas no banco de memórias de Multivac com a finalidade de conseguir novas variações. Percebe onde quero chegar? Ele está planejando um piadista mecânico e, dessa forma, poder ter sempre uma infinidade de piadas à mão.

– Santo Deus!

– Objetivamente, não existe nada de errado com isso, mas acho um mau sinal quando um Grande Mestre começa a recorrer a Multivac para seus problemas pessoais. Todo Grande Mestre é instável mentalmente, e ele deveria ser observado. Meyerhof pode estar se aproximando de uma barreira que, se ultrapassada, nos fará perder um Grande Mestre.

– O que você quer que eu faça? – perguntou Trask, apático.

– Você pode conferir o que digo. Talvez esteja muito perto dele para fazer um bom julgamento. De qualquer maneira, julgar humanos não é a minha especialidade. Você é um político, foi preparado para lidar com essas situações.

– Julgar humanos, sim. Mas não Grandes Mestres.

– Eles também são humanos. Além disso, quem mais pode fazer uma coisa dessas?

Trask tamborilou os dedos em cima da mesa como num lento e surdo rufar de tambores.

– Acho que terei de fazer isso – disse ele.

Meyerhof ditou para Multivac:

– Um rapaz apaixonado estava colhendo um buquê de flores silvestres para a sua amada quando se deparou com um enorme touro raivoso, que o olhava com uma cara de poucos amigos, escavando o chão com uma pata, ameaçadoramente. O jovem, avistando um fazendeiro do outro lado de uma cerca não muito longe dali, gritou: "Ei, senhor. Tem problema com esse touro?" O fazendeiro examinou a situação com um olhar crítico. Deu uma cusparada e disse: "com o touro, não." Deu uma nova cusparada e acrescentou: "Mas não posso dizer o mesmo de você."

Meyerhof estava pronto para começar mais uma piada quando chegou a intimação. Na verdade, não era uma intimação. Ninguém podia intimar um Grande Mestre. Era apenas uma mensagem de Trask, o Diretor de Divisão, dizendo que gostaria muito de ver o Grande Mestre, se o Grande Mestre não estivesse muito ocupado.

Se quisesse, Meyerhof poderia não ligar para a mensagem e continuar fazendo o que bem quisesse e entendesse. Ele não estava sujeito à disciplina.

Por outro lado, se ignorasse a mensagem, eles iriam continuar a importuná-lo... muito respeitosamente, é claro, mas iriam continuar a importuná-lo.

Por isso, desativou os circuitos específicos de Multivac e travou-os nessa posição. Colocou o sinal de baixa temperatura no seu escritório, de modo que ninguém ousasse entrar durante sua ausência, e foi para a sala de Trask.

Trask sorriu e se sentiu um pouco intimidado pela fúria que emanava do olhar do outro.

– Ainda não tivemos oportunidade de nos conhecer, Grande Mestre, o que lamento muito – disse ele.

– Tenho lhe mandado meus relatórios – respondeu Meyerhof, com um tom ríspido.

Trask tentou adivinhar o que se escondia por trás daqueles olhos incisivos, selvagens. Era-lhe difícil imaginar Meyerhof, com seu rosto magro, seus cabelos escuros e retos, sua expressão profunda, extremamente reservada para alguém que conta histórias engraçadas.

– Relatórios não são a mesma coisa que a convivência. Eu... soube que você tem um maravilhoso acervo de piadas.

– Eu sou um Piadista, senhor. É assim que as pessoas me chamam. Um Piadista.

– Não foi isso o que eu soube. O que me disseram foi que...

– O diabo com eles! Não importo com o que dizem. Escute aqui, Trask, você quer ouvir uma piada?

Debruçou-se em cima da mesa e seus olhos se estreitaram.

– É claro que sim – disse Trask, num esforço para agradá-lo.

– OK, aqui está a piada. A Sra. Jones fitou o bilhete da sorte que saiu da balança, em resposta à moeda que seu marido colocara. Ela disse: "George, aqui diz que você é suave, inteligente, tem visão, trabalha muito e é muito atraente para as mulheres." Depois disso, virou o bilhete e acrescentou: "E erraram seu peso também.”.

Trask riu. Era quase impossível não rir. Apesar de a história ser previsível, a surpreendente facilidade com que Meyerhof imitou o tom de desdém da voz da mulher e a sutileza com que contorceu as linhas de seu rosto, para que condissessem com o tom da voz, desarmou o espírito do político e fez com que soltasse uma sonora gargalhada.

– Qual a graça disso? – disse Meyerhof, ríspido.

– Como? – respondeu Trask, controlando-se.

– Eu perguntei qual é a graça. Por que você ri?

– Bem – disse Trask, tentando ser racional – a última frase dá

um novo enfoque a tudo o que tinha sido dito antes. A surpresa...

– Aí é que está o xis do problema – disse Meyerhof. – Coloquei um marido sendo humilhado pela sua mulher; um casamento que está tão ruim que a mulher tem certeza de que o seu marido não possui nenhuma virtude. Ainda assim, você ri. Se você fosse o marido, teria achado a piada engraçada?

Ele pensou um pouco e acrescentou:

– Veja essa agora, Trask. Abner estava sentado na cama onde sua mulher doente jazia, chorando incontrolavelmente. De repente, juntando as últimas forças, ela apoiou-se nos cotovelos e sussurrou: "Abner, Abner, não posso entrar no Reino dos Céus sem confessar um pecado." O marido, desesperado, tartamudeou: "Agora não. Agora não, querida. Deite e descanse." "Não posso", gritou ela. "Tenho que lhe contar, se não minha alma nunca ficará em paz. Eu traí você, Abner. Nesta mesma casa, há menos de um mês." "Silêncio, querida", acalmou-a Abner. "Eu sei disso tudo. Por que acha que a envenenei?"

Trask tentou desesperadamente se manter sereno, mas não conseguiu conter o riso.

– Quer dizer que isso também é engraçado? – disse Meyerhof – adultério? Homicídio? É tudo engraçado?

– Bem – disse Trask, creio que os analistas já escreveram livros sobre o humor.

– Isso também é verdade – disse Meyerhof. – Li muitos deles. Mais que isso, li a maioria deles para Multivac. Mesmo assim, as pessoas que escrevem livros estão apenas teorizando. Algumas delas dizem que sorrimos porque nos sentimos superiores às personagens das piadas. Outros dizem que é porque percebem um repentino contrassenso, um repentino alívio de tensão ou uma repentina reinterpretação dos fatos. Alguma dessas respostas é definitiva? Pessoas diferentes riem de piadas diferentes. Nenhuma piada é universal. Algumas pessoas não riem de nenhuma piada. O que é mais importante é que o homem é o único animal com senso de humor.

– Entendo – disse Trask repentinamente. – Você está tentando fazer um estudo sobre o humor. É por isso que anda alimentando

Multivac com piadas?

– Quem lhe disse? Deixa pra lá, já sei que foi Whistler. Agora me lembro. Ele me flagrou fazendo isso. Bem, e daí?

– Nada demais.

– Você não está questionando meu direito de acrescentar na memória de Multivac alguma coisa que ache necessária, está? Será que não posso mais fazer as perguntas que preciso?

– Não, de jeito nenhum – apressou-se Trask em dizer. – Para dizer a verdade, não tenho dúvidas de que isso abrirá caminho para novas pesquisas de grande interesse para os psicólogos.

– Hum. Talvez. Ao mesmo tempo, tem uma coisa que está me atormentando, que é mais importante do que um estudo geral do humor. Há uma pergunta específica que tenho que fazer. Na verdade, são duas perguntas.

– Quais são? – Trask estava curioso para saber se ele responderia. Se Meyerhof não quisesse, não havia nenhuma maneira de obrigá-lo a contar.

– A primeira pergunta é: de onde vêm todas essas piadas?

– O quê?

– Quem as cria? Veja! Há mais ou menos um mês, passei uma noite inteira contando piadas. Como sempre, contei a maioria delas e, também como sempre, os bobos riram. Talvez eles estivessem realmente achando as piadas engraçadas, mas talvez estivessem apenas querendo me agradar. Em todo caso, um desses caras tomou a liberdade de me dar uns tapinhas nas costas e dizer: "Meyerhof, você sabe mais piadas do que qualquer pessoa que eu conheça." Tenho certeza de que estava certo, mas isso me deixou pensativo. Não sei quantas centenas, ou talvez até milhares, de piadas eu já contei na minha vida, mas a verdade é que nenhuma delas foi criada por mim. Nenhuma. Sou apenas um contador de piadas. Minha única contribuição é contá-las. Para começo de conversa, eu deveria tê-las escutado ou lido. E a minha fonte de audição ou de leitura tampouco as criou. Nunca vi ninguém que se vangloriasse de ter criado uma piada. É sempre assim: "Ouvi uma boa um dia desses", ou "você ouviu alguma boa nesses últimos dias?" Todas as piadas são antigas! É por isso que piadas falam de

um tempo que não existe mais. Elas ainda falam de enjoos, por exemplo, quando hoje em dia é isso facilmente prevenido e ninguém mais sente. Ou, como a piada que acabei de contar, falam de balanças que dão bilhetes da sorte, quando esse tipo de máquina só é encontrado em antiquários. Bem, então quem cria as piadas?

– É isso que você está tentando descobrir? – disse Trask. Ele controlou a pergunta que estava na ponta de sua língua: Santo Deus, quem se preocupa com isso? Mas as perguntas de um Grande Mestre são sempre significativas.

– É claro que é isso o que estou procurando. Pense dessa maneira. Não é por acaso que as piadas são antigas. Elas têm que ser antigas para serem engraçadas. É fundamental que uma piada não seja original. Há uma variedade de humor que é, ou pode ser, original, que são os trocadilhos. Já ouvi trocadilhos que foram, evidentemente, improvisados na hora. Eu mesmo já fiz alguns. Mas ninguém ri desses trocadilhos. Nem esperam isso de você. Você apenas geme. Quanto melhor o trocadilho, mais alto o gemido. Humor original não provoca risadas. Por quê?

– Tenho certeza de que não sei.

– Tudo bem. Vamos descobrir. Depois de ter dado para Multivac todas as informações apropriadas relativas ao humor, estou alimentando-o com piadas selecionadas.

Trask ficou intrigado.

– Selecionadas? Como assim?

– Não sei – disse Meyerhof. – É apenas uma intuição. Sou um Grande Mestre, você sabe.

– OK. De acordo.

– A partir dessas piadas e da filosofia geral do humor, meu primeiro pedido será para que Multivac identifique a origem das piadas, se é que isso é possível. Já que Whistler se meteu nisso e já que ele se sentiu na obrigação de reportar esse assunto a você, faça com que ele desça para a análise depois de amanhã. Acho que ele terá um bocado de trabalho para fazer.

– Está bem. Devo comparecer também?

Meyerhof encolheu os ombros. Era óbvio que ele estava pouco se importando com a presença de Trask.

Meyerhof tomou um cuidado especial ao selecionar a última série. Ele não podia explicar qual o critério que usou nessa seleção, mas tinha revolvido uma dúzia de possibilidades na sua cabeça e testara uma por uma sem parar, tentando achar alguma coisa que fizesse sentido.

Ele ditou:

– Ug, um homem das cavernas, viu sua companheira correndo desesperada em sua direção, com sua pele de leopardo rasgada. "Ug", gritou ela, transtornada. "Faça alguma coisa rapidamente! Um tigre-de-dentes-de-sabre entrou na caverna de mamãe. Faça alguma coisa!" Ele grunhiu, pegou a coxa de búfalo que estava comendo e disse: "Fazer alguma coisa para quê? Quem se importa com o que pode acontecer a um tigre-de-dentes-de-sabre?"

Foi aí que Meyerhof fez suas duas perguntas e se recostou, fechando os olhos. Estava exausto.

– Não vi nada de errado – disse Trask para Whistler. – Ele me contou o que estava fazendo sem criar nenhum problema e achei meio estranho, mas não é proibido.

– Isso é o que ele alega estar fazendo? – respondeu Whistler.

– Mesmo que seja isso, não posso deter um Grande Mestre baseado numa simples opinião. Ele me pareceu esquisito, mas, afinal de contas, Grandes Mestres são sempre esquisitos. Não acho que tenha enlouquecido.

– Usando Multivac para descobrir a origem das piadas? – resmungou o analista sênior, num tom de protesto. – Isso não é loucura?

– Como é que a gente pode saber? – perguntou Trask, irritado – a ciência desenvolveu-se a um ponto em que as únicas perguntas consideradas significativas são exatamente as ridículas. As perguntas sensatas já foram feitas e respondidas há muito tempo.

– Não tem jeito. Estou preocupado.

– Talvez você tenha razão, mas não há escolha agora, Whistler. Você vai trabalhar com Meyerhof e poderá fazer as análises necessárias às respostas de Multivac, se houver alguma. No que diz respeito a mim, só posso controlar a burocracia. Santo Deus, não sei nem o que um analista sênior como você pode fazer, a não ser

analisar, e isso não me ajuda em nada.

– É bastante simples – disse Whistler. – Um Grande Mestre, como Meyerhof, faz perguntas e Multivac automaticamente as transforma em quantidades e operações. A maior parte do corpo de Multivac é formada por mecanismos capazes de converter palavras em símbolos. Então, Multivac dá as respostas em quantidades e operações, mas ele não as converte em palavras, exceto nos casos mais simples e rotineiros. Se ele tivesse sido planejado para solucionar problemas envolvendo questões de conversão, seu volume teria que ser quatro vezes maior, no mínimo.

– Entendo. Então a sua função é transformar esses símbolos em palavras?

– Minha e dos outros analistas. Usamos computadores menores, especialmente projetados de acordo com as necessidades. – Whistler sorriu amarelo. – Como as sacerdotisas de Delfos da Grécia Antiga. Multivac dá respostas ambíguas e obscuras. Só que nós sabemos traduzi-las, percebe?

Eles chegaram. Meyerhof estava esperando.

– Quais os circuitos que você usou, Grande Mestre? – disse Whistler, sem perder tempo.

Meyerhof lhe disse quais eram e Whistler começou a trabalhar. Trask tentou acompanhar o que estava acontecendo, mas nada fazia sentido para ele. O funcionário do governo observou um carretel se desenrolar, com um padrão de perfuração que ele ignorava totalmente. Indiferente, o Grande Mestre Meyerhof manteve-se num canto ao lado, enquanto Whistler supervisionava o sistema à medida que este emergia. O analista tinha colocado um fone de ouvidos e um bocal e, de vez em quando, ditava uma série de instruções que, em algum lugar distante, orientava os assistentes através dos circuitos de outros computadores.

Uma vez ou outra, Whistler ouvia e então digitava algumas teclas num complexo painel composto de símbolos que pareciam vagamente matemáticos, mas não eram. E assim se passou bem mais de uma hora.

As rugas no rosto de Whistler ficaram mais profundas.

– Isso é inacreditá... – disse ele na única vez em que desviou os

olhos da máquina, voltando a trabalhar antes mesmo de concluir a frase.

Após um longo tempo, ele disse com uma voz rouca:

– Não sei se devo dar-lhes uma resposta extraoficial – seus olhos estavam irritados. – Uma resposta oficial necessita de uma análise mais profunda. Você quer um relatório extraoficial?

– Vá em frente – disse Meyerhof.

Trask concordou com um movimento de cabeça.

Whistler lançou um olhar de desamparo para o Grande Mestre.

– Faça uma pergunta tola – disse ele. – Multivac diz que são de origem extraterrestre – acrescentou com um tom de voz grosseiro.

– O que você está dizendo? – interpelou Trask.

– Você não me ouviu? As piadas que nos fazem rir não foram criadas por nenhum homem. Multivac fez a análise de todos os dados e a resposta que melhor se encaixa a esses dados é a de que alguma inteligência extraterrestre criou as piadas, todas elas, inserindo-as em privilegiadas mentes humanas, em lugares e tempos predeterminados, de modo que nenhum homem tivesse consciência de sua origem. Todas as piadas subsequentes são variações menores e adaptações feitas em cima das originais.

Meyerhof interrompeu-o. Seu rosto exultava com um tipo de alegria que apenas um Grande Mestre pode sentir ao saber que, mais uma vez, tinha feito a pergunta certa.

– Todos os escritores de comédia – disse ele – trabalham adaptando velhas piadas a novas situações. Isso é do conhecimento de todos. A resposta tem sentido.

– Mas por quê? – indagou Trask. – Por que inventar piadas?

– Multivac diz – retrucou Whistler – que a única resposta que se encaixa a todos esses dados é que a intenção das piadas é estudar a psicologia humana. Estudamos a psicologia dos ratos, fazendo com que eles decifrem labirintos. Os ratos não sabem por quê, e não saberiam, mesmo que estivessem a par do que está acontecendo... o que não é o caso. Essas inteligências extraterrestres estudam a psicologia do homem a partir de suas reações individuais a piadas cuidadosamente escolhidas. Cada pessoa reage de uma maneira diferente... provavelmente essas

inteligências externas estão para nós como estamos para os ratos. – Ele estremeceu.

– O Grande Mestre disse que o homem é o único animal com senso de humor falou Trask, com os olhos arregalados. – Isso quer dizer que o senso de humor nos foi implantado por alguém de fora.

– Por isso que a gente não acha graça nas coisas criadas por nós – acrescentou Meyerhof, excitado. – Trocadilhos, por exemplo?

– Provavelmente – disse Whistler, os extraterrestres cancelaram nossas reações para piadas espontâneas para evitar confusão.

– Só faltava essa, meu Deus – disse Trask, numa súbita agonia – algum de vocês acredita nisso?

O analista sênior olhou friamente para ele.

– Multivac afirma isso. Por enquanto, isso é tudo que nós temos. Ele nos revelou os verdadeiros Piadistas do Universo, e se alguém quiser saber mais terá que fazer um estudo detalhado – acrescentou num sussurro: – se alguém tiver coragem para isso.

– Vocês sabem que eu fiz duas perguntas – disse repentinamente o Grande Mestre Meyerhof – até agora só a primeira foi respondida. Acho que Multivac já tem dados suficientes para responder à segunda.

Whistler encolheu os ombros. Ele parecia um homem alquebrado.

– Quando um Grande Mestre afirma que os dados são suficientes – disse ele – eu assino embaixo. Qual é sua segunda pergunta?

– Eu perguntei: o que acontecerá com a raça humana se descobrir a resposta da minha primeira pergunta?

– Por que perguntou isso? – interpelou Trask.

– Pura intuição – respondeu Meyerhof.

– Loucura – disse Trask. – Isso tudo é loucura.

Ele se virou. Era muito estranho, mas ele mesmo percebeu que tinha trocado de lugar com Whistler. Agora era Trask que denunciava a insanidade.

Trask fechou os olhos. Ele poderia denunciar a insanidade tanto quanto desejasse, mas há cinquenta anos nenhum homem que tivesse duvidado da união de um Grande Mestre e Multivac teria

visto suas suspeitas comprovadas.

Whistler trabalhou silenciosamente, cerrando os dentes. Ele regulou de novo Multivac e suas máquinas subsidiárias. Passou-se mais uma hora e ele sorriu cruelmente.

– Um terrível pesadelo!

– Qual é a resposta? – disse Meyerhof. – Quero a opinião de Multivac, não a sua.

– Tudo bem. Lá vai. Multivac afirma que, uma vez que qualquer ser humano descubra a verdade desse método de análise psicológica da mente humana, ela se tornará inútil como técnica para aqueles extraterrestres que estão fazendo uso dela agora.

– Você quer dizer que não haverá mais nenhuma piada ao acesso da humanidade? – perguntou Trask fracamente. – É isso o que você quer dizer?

– Não haverá mais piadas – disse Whistler – agora! Multivac diz agora! A experiência terminou agora! Uma nova técnica terá que ser desenvolvida.

Eles se entreolharam. Passaram-se alguns minutos.

– Multivac está certo – disse Meyerhof calmamente.

– Eu sei – disse Whistler perturbado.

– Sim, deve estar – disse Trask, num sussurro.

Coube a Meyerhof a prova final disso. Meyerhof, o Piadista consumado.

– Acabou-se – disse ele. – Está tudo acabado. Nesses últimos cinco minutos não pude lembrar-me de uma simples piada, nenhuma! E se lesse uma no livro, não iria rir.

Eu sei.

– O dom do humor acabou – disse Trask lugubremente. – Nenhum homem voltará a rir de novo.

E eles ficaram ali, pasmos, sentindo o mundo encolher-se para as dimensões de uma gaiola de ratos – com o labirinto removido, e alguma coisa, alguma outra coisa prestes a ser colocada no seu lugar.

A ÚLTIMA PERGUNTA

A última pergunta foi feita pela primeira vez, meio de brincadeira, no dia 21 de maio de 2061, na época em que a humanidade começava sua caminhada na direção da luz. A pergunta surgiu em consequência de uma aposta de cinco dólares entre duas pessoas que tinham exagerado no uísque com soda, e aconteceu da maneira que se segue.

Alexander Adell e Bertram Lupov eram dois fiéis servidores de Multivac. Como qualquer ser humano, eles sabiam o que se escondia por trás da fria, ruidosa e faiscante fachada – milhas e milhas de fachada – daquele gigantesco computador. Mas não tinham mais do que uma vaga noção do plano geral de relês e circuitos que há muito tempo havia se desenvolvido a ponto de não poder mais ser totalmente controlado por um simples mortal.

Multivac era autoajustável e autorregulável. Tinha que ser assim, já que nenhum homem poderia ajustá-lo e regulá-lo adequadamente, ou com a rapidez necessária.

Por isso, Adell e Lupov cuidavam do monstruoso gigante apenas superficialmente, mas com impecável competência. Alimentavam-no com dados, adaptavam as perguntas de acordo com as necessidades do sistema e traduziam as respostas que ele emitia. Certamente, eles, e todos os outros como eles, tinham total liberdade para partilhar das gloriosas conquistas de Multivac.

Durante décadas Multivac tinha ajudado a projetar as naves e a delinear as trajetórias que permitiram que o homem alcançasse a Lua, Marte e Vênus; mas, a partir daí, os escassos recursos da Terra não eram suficientes para prover as naves, que precisavam de muito combustível para fazer viagens mais longas. A Terra explorava seu carvão e seu urânio, com uma eficiência cada vez maior, mas essas reservas estavam se esgotando.

Mas aos poucos Multivac acumulou conhecimento suficiente para analisar questões importantes com mais fundamento, e no dia

14 de maio de 2061, o que era apenas uma teoria transformou-se num fato.

A energia do Sol foi armazenada, convertida e utilizada numa escala planetária. Toda a Terra desligou os fornos de carvão e as usinas nucleares e acionou os sistemas que conectavam tudo o que havia nela a uma pequena estação, com uma milha de diâmetro, que girava em torno do planeta num ponto equidistante entre a Terra e a Lua. Toda a Terra passou a funcionar movida pelos invisíveis raios de energia solar.

Sete dias não foram suficientes para ofuscar a glória desse feito. Adell e Lupov finalmente conseguindo escapar das solenidades públicas, encontraram-se a sós num lugar em que ninguém pensaria em procurá-los, as desertas câmeras subterrâneas, onde podiam ver as partes abandonadas do poderoso corpo de Multivac. Esquecido, preguiçoso, classificando dados com um clique-claque de satisfação, Multivac também merecia umas férias – e os rapazes respeitavam esse direito. Em princípio, não tinham intenção de perturbá-lo.

Traziam uma garrafa de bebida e tudo o que desejavam naquele momento era relaxar juntos enquanto tomavam uns tragos.

– É surpreendente pensar nisso – disse Adell. Seu rosto largo apresentava sinais de cansaço, e ele mexia calmamente seu drinque com um bastão de vidro, observando as pedras de gelo chocando-se dentro do copo – agora temos toda a energia de que precisamos, podemos usá-la à vontade. É tanta energia que, se quiséssemos, poderíamos transformar a Terra numa imensa massa de ferro impuro derretido, e ainda assim ela não acabaria. Toda a energia que viermos a precisar, para sempre, para todo o sempre.

Lupov levantou a cabeça e olhou meio de lado. Ele tinha o costume de fazer isso quando queria contestar alguém, como pretendia fazer agora, em parte porque tivera que carregar os copos e o gelo.

– Para sempre, não – disse ele.

– É quase isso, cara. Até que o Sol se apague, Bert.

– Isso não é para sempre.

– Tá bom, tá bom. Bilhões e bilhões de anos. Talvez vinte

bilhões de anos. Está satisfeito?

Lupov passou os dedos entre os seus raros cabelos, como estivesse se certificando de que ainda restavam alguns fios, e sorveu seu drinque lentamente.

– Vinte bilhões de anos não são a eternidade.

– Bem, a gente não vai viver tanto tempo assim, vai?

– Se fosse por causa disso poderíamos continuar com o carvão e o urânio.

– Tudo bem, mas agora podemos ligar nossas espaçonaves na Estação Solar e ir e voltar para Plutão milhões de vezes sem nos preocuparmos com o combustível. Você não conseguiria isso com o carvão e o urânio. Pergunte a Multivac, já que você não acredita em mim.

– Não preciso perguntar a Multivac. Eu sei disso.

– Então, não menospreze o que Multivac fez por nós – disse Adell, inflamado. – Ele foi brilhante.

– Quem disse que não? O que eu disse foi que o Sol não durará para sempre. Foi apenas isso que eu disse. Nós estamos garantidos por vinte bilhões de anos. E depois disso? – Lupov apontou um dedo meio trêmulo para o amigo. – E não venha me dizer que podemos recorrer a outro sol.

Os dois ficaram em silêncio durante um tempo. De vez em quando Adell levava seu copo à boca, e aos poucos os olhos de Lupov foram se fechando. Estavam totalmente relaxados.

De repente, Lupov abriu os olhos.

– Você está pensando que um dia recorreremos a outro sol, não é?

– Não estou pensando em nada.

– É claro que você pensou nisso. Seu forte não é lógica, esse é o seu problema. Você é como o cara daquela história que, no meio de um inesperado temporal, correu na direção de um grupo de árvores e se protegeu embaixo de uma delas. Ele não estava preocupado porque imaginava que quando uma árvore ficasse molhada iria para baixo de outra.

– Eu entendi – disse Adell. – Não precisa gritar. Quando o Sol apagar, as estrelas também terão apagado.

– Ora, se terão – resmungou Lupov. – Isso tudo começou com a explosão cósmica original, o que quer que tenha sido isso, e terá um fim quando todas as estrelas se apagarem. Algumas se apagarão antes das outras. Diabo, as gigantes não durarão mais do que cem milhões de anos. O Sol durará vinte bilhões de anos e talvez as anãs cem bilhões de anos, por melhores que sejam. Mas em um trilhão de anos tudo estará escuro. Mais cedo ou mais tarde, a entropia vai chegar a seu ponto máximo.

– Sei tudo sobre entropia – disse Adell, defendendo seu orgulho.

– Sabe uma ova!

– Sei tanto quanto você.

– Então admita que todas as coisas um dia terão um fim.

– Tudo bem, Quem disse que não?

– Você, seu bobão. Você disse que teremos para sempre toda a energia de que precisarmos. Você disse para sempre.

Era a vez de Adell provocar.

– Algum dia talvez possamos recomeçar tudo de novo – disse ele.

– Nunca.

– Por que não? Algum dia...

– Pergunte a Multivac.

– Nunca.

– Você pergunta a Multivac. Eu aposto. Quer valer cinco dólares como Multivac vai dizer que isso é impossível?

Adell estava bêbado o suficiente para tentar, mas não ao ponto de ser incapaz de digitar os símbolos e operações necessários para formular uma pergunta que, em palavras, corresponderia a isso: quando a rede de energia estiver totalmente saturada, a humanidade será capaz de restituir a força do Sol, mesmo depois de ele ter perdido todo o seu vigor?

Ou talvez isso pudesse ser colocado de uma maneira mais simples: o sistema de entropia do Universo pode ser revertido?

Multivac caiu num silêncio profundo. O lento piscar de luzes parou, da mesma forma como os fracos estalos dos relês.

Então, quando os assustados técnicos não podiam mais

prender a respiração, a impressora atrelada àquela parte de Multivac voltou a funcionar repentinamente. Cinco palavras foram impressas: DADOS INSUFICIENTES PARA RESPOSTA SIGNIFICATIVA.

– Ainda não – sussurrou Lupov, e saíram correndo daquele lugar.

Na manhã seguinte, eles, com a boca ressecada e a cabeça latejando, tinham esquecido o incidente.

Jerrodd, Jerrodine e Jerrodette I e II estavam observando as mudanças na estrelada paisagem pelo visor à medida que a viagem através do hiper espaço ia se consumando em frações de segundos. Logo o brilho de um disco marmóreo se destacou no meio da miríade de estrelas.

– Isso é o X-23 – disse Jerrodd, com convicção. Apertou firmemente suas mãos finas atrás das costas de tal modo que as juntas dos dedos embranqueceram.

As pequenas Jerrodettes estavam atravessando o hiper espaço pela primeira vez em suas vidas, e se sentiram importantes ao perceber que tinham entrado na órbita de um novo planeta. Elas esqueceram suas brincadeiras e, excitadas, começaram a pular em volta da mãe.

– Chegamos em X-23! – gritaram – Chegamos em X-23! Chegamos...

– Silêncio, crianças – interrompeu-as Jerrodine, rispidamente. – Você tem certeza, Jerrodd?

– Você já viu Microvac errar alguma vez? – perguntou Jerrodd, olhando para a inexpressiva massa de metal um pouco abaixo do teto. Ela ia de uma ponta a outra da sala, desaparecendo através das paredes. Era tão comprida quanto a nave.

Jerrodd não sabia muita coisa a respeito daquela volumosa estrutura metálica. Sabia apenas que se chamava Microvac e que as pessoas podiam lhe fazer qualquer tipo de pergunta; também tinha a incumbência de guiar a nave para um destino predeterminado, abastecê-la com energia das várias estações de força subgalácticas e processar os dados necessários para as travessias hiperespaciais.

Jerrodd e sua família tinham apenas que esperar enquanto viviam nas confortáveis alas residenciais da nave.

Uma vez, alguém disse para Jerrodd que o "AC" de Microvac eram as iniciais de *analog computer* em inglês arcaico, mas ele mal se lembrava disso.

Os olhos de Jerrodine lacrimejaram enquanto ela olhava pelo visor.

– Estou emocionada. É tão estranho deixar a Terra.

– Pelo amor de Deus, Jerrodine – interpelou Jerrodd. – Não tínhamos nada lá. Vamos ter tudo em X-23. Você não estará sozinha nem será uma prisioneira. Já tem mais de um milhão de pessoas no planeta. Santo Deus, nossos bisnetos vão procurar novos mundos porque X-23 estará apinhado de gente. – Refletiu um pouco e acrescentou:

– Do jeito que a humanidade está se multiplicando, é uma sorte que os computadores possam programar viagens interestelares.

– Eu sei, eu sei – disse Jerrodine, deprimida.

– Nosso Microvac é o melhor Microvac do mundo – disse Jerrodette, intrometendo-se.

– Concordo com você – disse Jerrodd, fazendo um carinho no cabelo da garota.

Era uma agradável sensação ter seu próprio Microvac e Jerrodd sentia-se feliz por pertencer a essa geração. Quando seu pai era jovem, só havia computadores gigantescos, que se espalhavam por centenas de milhas. Só podia haver um por planeta. Eram chamados AC Planetário. Durante milhares de anos, eles vinham aumentando de tamanho continuamente, mas, de repente, se sofisticaram. No lugar dos transistores, vieram as válvulas moleculares, permitindo que até mesmo o maior dos AC Planetários pudesse caber num espaço equivalente a apenas metade de uma nave.

Jerrodd rejubilou-se, o que acontecia sempre quando pensava que seu Microvac pessoal era muitas vezes mais complexo do que o velho e primitivo Multivac que começou a explorar a energia solar e quase tão complexo quanto o AC Planetário (o maior da Terra) que tinha resolvido o problema das travessias hiperespaciais, tornando

possíveis as viagens interestelares.

– Tantos planetas, tantas estrelas – suspirou Jerrodine, ocupada com seus próprios pensamentos – acho que sempre haverá famílias procurando novos planetas, assim como nós estamos fazendo agora.

– Não para sempre – disse Jerrodd, sorrindo –algum dia isso acabará, mesmo que demore bilhões de anos. Muitos bilhões de anos. Até as estrelas se acabam, você sabe. A entropia um dia vai chegar ao seu ponto máximo.

– O que é entropia, papai? – perguntou Jerrodette II, com voz estridente.

– Querida, entropia é só uma palavra, que significa a quantidade de energia gasta pelo Universo. Tudo um dia se acaba, assim como seu pequeno robô, lembra?

– Você não pode colocar uma bateria nova, como fez com meu robô?

– As estrelas são baterias, meu amor. Depois que elas se acabam não há mais baterias.

Jerrodette I abriu um berreiro.

– Não deixe que isso aconteça, papai. Não deixe que as estrelas se acabem.

– Veja só o que você fez – sussurrou Jerrodine, exasperada.

– Como é que eu ia saber que isso ia assustá-las? – sussurrou Jerrodd de volta.

– Pergunte a Microvac – gemeu Jerrodette I. – Pergunte a ele como pode acender as estrelas de novo.

– Faça isso – disse Jerrodine. – Isso vai acalmá-las. (Jerrodette II também estava começando a chorar.)

Jerrodd deu de ombros.

– Calma, crianças. Eu perguntarei a Microvac. Não se preocupem, ele nos explicará.

Ele fez a pergunta a Microvac, acrescentando rapidamente: imprima a resposta.

Jerrodd escondeu na palma da mão o pequeno pedaço de celuloide e disse alegremente:

– Vejam, meninas. Multivac diz que quando chegar a hora

tomará conta de tudo.

Não se preocupem.

– Agora, crianças – disse Jerrodine, hora de ir para a cama. Logo chegaremos a nossa casa nova.

Jerrodd leu as palavras do celuloide antes de destruí-lo: DADOS INSUFICIENTES PARA RESPOSTA SIGNIFICATIVA.

Ele deu de ombros e olhou pelo visor. X-23 estava bem em frente.

VJ-23X de Lameth olhou fixamente para as profundezas negras do mapa da Galáxia em pequena escala tridimensional e disse:

– Pergunto a mim mesmo se não estamos sendo ridículos em ficarmos tão preocupados com esse problema.

Nicron balançou a cabeça.

– Acho que não. Você sabe que a Galáxia estará superlotada em cinco anos, se continuar crescendo na taxa atual.

Os dois pareciam ter um pouco mais de 20 anos, eram altos e tinham uma boa constituição física.

– Mesmo assim... – disse VJ-23X. – Receio ter que mandar um relatório pessimista para o Conselho Galáctico.

– Eu não pensaria em outro tipo de relatório. Vamos agitá-los um pouco. Temos que fazer isso. VJ-23X suspirou.

– O espaço é infinito. Ainda há pelo menos 100 bilhões de Galáxias para serem exploradas.

– Cem bilhões não são o infinito e, à medida que o tempo passa, vão se tornando mais finitos ainda. Pense a respeito disso! Há 20 mil anos, a humanidade resolveu o problema da utilização de energia estrelar; alguns séculos depois, as viagens interestelares se tornaram possíveis. A humanidade levou um milhão de anos para povoar um pequeno mundo; depois disso, precisou de apenas 15 mil anos para povoar o resto da Galáxia. Agora, a cada 10 anos, a população dobra...

– Graças à imortalidade – interrompeu-o VJ-23X.

– Muito bem. A imortalidade existe e temos que levar isso em conta. Admito que ela tenha o seu lado desagradável. O AC Galáctico resolveu muitos problemas para a gente, mas, ao resolver o problema da velhice e da morte, deixou-nos sem solução para os

outros.

– Ainda assim, você não gostaria de abandonar a vida, acho eu.

– De jeito nenhum – vociferou MQ-17J, suavizando em seguida. – Pelo menos por enquanto. Ainda estou muito novo. Quantos anos você tem?

– Estou com 223. E você?

– Ainda não fiz nem duzentos. Mas vamos voltar para o ponto. A população dobra a cada dez anos. Uma vez que essa Galáxia esteja superlotada, iremos superlotar uma outra em mais dez anos. Com mais dez anos teremos mais duas Galáxias superlotadas. Outra década, quatro novas Galáxias. Em cem anos, teremos superlotado mil Galáxias. Em mil, um milhão de Galáxias. Em dez mil anos, todo o Universo. E depois?

– Além disso – disse VJ-23X, ainda tem o problema dos transportes. Eu me pergunto quantas unidades de força solar serão necessárias para transportar Galáxias de indivíduos de uma Galáxia para a outra.

– Esse é assunto muito importante. Nesse momento, a humanidade já consome duas unidades de força solar por ano.

– A maior parte dela é desperdiçada. Afinal, só nossa Galáxia produz mil unidades de força solar por ano e nós usamos apenas duas delas.

– Concordo, mas mesmo que tivéssemos um aproveitamento de cem por cento, estaríamos apenas adiando o final. Nossa necessidade de energia está crescendo numa proporção geométrica mais rápida ainda do que a de nossa população. Ficaremos sem energia antes mesmo de começarmos a nos preocupar com as Galáxias. Boa questão. Muito boa mesmo.

– Teremos que construir novas estrelas com gases interestelares.

– Ou reaproveitando o calor? – perguntou MQ-17J, sarcástico.

– Talvez haja uma maneira de reverter a entropia. Podemos fazer essa pergunta ao AC Galáctico.

VJ-23X não estava falando sério, mas MQ-17J tirou seu cartão de entrada do AC e colocou-o em cima da mesa, à sua frente.

– Eu já estava pensando nisso – disse ele. – Esse é o tipo de

coisa que, algum dia, a humanidade terá que enfrentar.

Encarou sombriamente o seu pequeno cartão. Ele tinha apenas duas polegadas cúbicas, e não havia nada dentro dele, mas estava conectado, através do hiperespaço, com o grande AC Galáctico que servia a toda a humanidade. Considerando o hiperespaço, ele era parte integral do AC Galáctico.

MQ-17J se perguntou se, em algum dia de sua vida imortal, veria o AC Galáctico de perto. A máquina ficava num pequeno mundo à parte, numa emaranhada rede de raios de força, que alimentava a matéria dentro da qual ondas de submésons tomavam o lugar das velhas e primitivas válvulas moleculares. A despeito de seus componentes subetéricos, sabiase que o AC Galáctico tinha trezentos metros de comprimento.

MQ-17J perguntou subitamente ao seu cartão.

– A entropia pode ser revertida?

VJ-23X arregalou os olhos e disse, espantado:

– Não tinha a intenção de fazer com que você perguntasse isso.

– Por que não?

– Nós dois sabemos que a entropia não pode ser revertida. Você não pode fazer com que a fumaça e as cinzas voltem a ser uma árvore.

– Há árvores no seu mundo? – perguntou MQ-17J. O som do AC Galáctico os silenciou.

Sua voz fina e bonita saiu do pequeno cartão em cima da mesa. Ele disse:

– NÃO HÁ DADOS SUFICIENTES PARA UMA RESPOSTA SIGNIFICATIVA.

– Veja – disse VJ-23X.

Com isso, os dois homens voltaram ao problema do relatório que tinham que entregar para o Conselho Galáctico.

A mente de Zee Prime abarcou a nova Galáxia com um leve interesse nas incontáveis constelações que a pontilhavam. Ele nunca tinha visto essa Galáxia antes. Será que algum dia veria todas elas? Eram tantas, cada uma delas com sua carga de humanidade. Mas uma carga que era quase como um peso morto. Cada vez mais, a essência verdadeira do homem se encontrava

aqui fora, no espaço.

Mentes, não corpos! Os corpos imortais permaneciam lá nos planetas, em suspensão através dos éons. Algumas vezes, eles despertavam para atividades materiais, mas isso estava se tornando cada vez mais raro. Poucos novos indivíduos estavam adquirindo o direito de existir e se juntar a uma multidão incrivelmente poderosa, mas o que importava? Havia pouco espaço no Universo para novos indivíduos.

Zee Prime foi acordado de seus devaneios ao cruzar com o filamento de uma outra mente.

– Eu sou Zee Prime – disse ele. – E você?

– Eu sou Dee Sub Wun. É sua Galáxia?

– Nós a chamamos apenas de Galáxia. E a sua?

– Nós a chamamos assim também. Todos os homens chamam suas Galáxias de Galáxia, nada mais. Por que não?

– É verdade. Todas as Galáxias são iguais.

– Nem todas as Galáxias. A raça humana deve ser oriunda de uma galáxia específica. Isso a faz diferente.

– Qual delas? – perguntou Zee Prime.

– Não sei dizer. O AC Universal deve saber.

– Vamos perguntar isso a ele. De repente fiquei curioso.

A consciência de Zee Prime se espalhou pelas Galáxias, até que elas se tornaram minúsculas, dando lugar a uma nova miríade, mais difusa, sobre um fundo muito maior.

Centenas de bilhões delas, todas com seus seres imortais, todas carregando sua carga de inteligência, com mentes que flutuavam livremente através do espaço.

E ainda assim uma delas era única entre todas porque era a Galáxia original.

Uma delas teve, num passado vago e distante, um período em que foi a única Galáxia habitada pelo homem.

Zee Prime foi consumido pela curiosidade de conhecer essa Galáxia.

– AC Universal! – gritou ele. – De que Galáxia a humanidade se originou?

AC Universal ouviu, pois tinha um receptor em todos os mundos

do Universo, e esse receptor se comunicava, através do hiperespaço, com algum lugar desconhecido, no qual AC Universal trabalhava silenciosamente.

Zee Prime sabia de apenas um homem cujos pensamentos tinham alcançado um ponto em que se pudesse sentir o AC Universal, e ele falou apenas de um globo brilhante, com menos de um metro de diâmetro, que mal dava para ser visto.

– Como é que AC Universal pode ser só isso? – perguntou Zee Prime.

– A maior parte dele – tinha sido a resposta – está no hiper espaço. Só não posso imaginar que forma ele adquire ali.

Nem ninguém poderia, pois Zee Prime sabia que muito tempo havia passado desde o dia em que algum homem participara da criação de um AC Universal. A partir de então, cada AC Universal projetou e construiu seu sucessor. Cada um, durante uma experiência de um milhão de anos ou mais, acumulava os dados necessários para construir um sucessor ainda melhor, mais complexo e mais capaz, ao qual incorporavam seu próprio banco de dados e suas características.

AC Universal interrompeu o devaneio dos pensamentos de Zee Prime não com palavras, mas com sinais. A mente de Zee Prime foi conduzida através do reluzente mar de Galáxias, e uma, em particular, cresceu até transformar-se em estrelas.

Um pensamento veio a seu encontro, infinitamente distante, mas infinitamente claro: "ESTA É A GALÁXIA ORIGINAL DO HOMEM "

Mas, no fim das contas, essa era igual a todas, tão igual quanto qualquer outra. Zee Prime reprimiu seu desapontamento.

Dee Sub Wun, cuja mente tinha acompanhado a de Zee Prime, disse repentinamente:

– Alguma dessas estrelas é a estrela original do Homem? AC Universal disse:

– A ESTRELA ORIGINAL DO HOMEM SE TRANSFORMOU NUMA NOVA AGORA E UMA ANÃ BRANCA.

– Os homens que estavam nela morreram? – perguntou Zee Prime, perplexo, sem saber o que pensar.

– Nesses casos, um novo mundo é construído para seus corpos físicos.

– Sim, é claro – disse Zee Prime, mas uma sensação de perda o oprimiu mesmo assim. Sua mente libertou-se dos laços com a Galáxia Original do Homem, deixando que flutuasse de volta para o seu lugar e se perdesse entre as minúsculas manchas do Universo. Não queria vê-la nunca mais.

– O que está errado? – perguntou Dee Sub Wun.

– As estrelas estão morrendo. A estrela original está morta.

– Todas elas morrerão. Por que não?

– Mas quando toda energia se acabar, nossos corpos também morrerão, e você e eu com eles.

– Mas isso levará bilhões de anos.

– Não quero que isso aconteça mesmo daqui a bilhões de anos. AC Universal! Existe alguma maneira de evitar a morte das estrelas?

Dee Sub Wun disse, num tom divertido:

– Você está querendo saber como se pode reverter a entropia?

E AC Universal respondeu:

– OS DADOS AINDA SÃO INSUFICIENTES PARA DAR UMA RESPOSTA SIGNIFICATIVA.

Os pensamentos de Zee Prime voaram de volta para sua própria Galáxia. Ele cortou a transmissão de pensamentos para Dee Sub Wun, cujo corpo podia estar esperando numa Galáxia a um trilhão de anos-luz de distância, ou na estrela vizinha à do próprio Zee Prime. Isso não importava.

Deprimido, Zee Prime começou a colecionar hidrogênio interestrelar, com a intenção de construir uma pequena estrela só para ele. Se algum dia as estrelas deveriam morrer, ele podia, ao menos, construir algumas.

Homem pensou consigo mesmo, já que, de alguma forma, Homem, mentalmente, era único. Ele era feito de trilhões e trilhões e trilhões de corpos atemporais, cada um no seu lugar, descansando tranquilo e inalterável, cada um protegido por autômatos perfeitos, igualmente inalteráveis, enquanto as mentes de todos os corpos se fundiam livremente umas com as outras, indistinguíveis. Homem

disse:

– O Universo está morrendo.

Homem olhou para a escuridão das Galáxias. As estrelas gigantes, esbanjadoras de energia, tinham-se apagado há muito, voltando para uma escuridão mais escura do que a de seu passado remoto. Agora, quase todas eram anãs brancas, condenadas ao fim.

Novas estrelas tinham sido construídas a partir da poeira interestelar, algumas através de um processo natural, outras por intermédio da ação do Homem, mas essas também estavam se acabando. As anãs brancas ainda podiam se chocar, e, da poderosa energia despendida no atrito, construir novas estrelas, mas apenas uma estrela para cada mil estrelas destruídas, e essas também caminhavam em direção ao fim.

Homem disse:

– Se seguirmos os conselhos de AC Cósmico e pouparmos cuidadosamente a energia que ainda resta no Universo, ela durará milhões de anos.

– Mas, mesmo assim – respondeu Homem – isso tudo vai acabar algum dia. Mesmo sendo poupada e reaproveitada, a energia gasta já se foi, não pode mais ser reconstruída. A entropia deve atingir seu ponto máximo.

Homem disse:

– A entropia não pode ser revertida? Vamos perguntar ao AC Cósmico.

O AC Cósmico envolveu-os, mas não no espaço. Não restava nenhum fragmento dele no espaço. Ele estava no hiper espaço e era feito de alguma coisa que não era nem matéria nem energia. A discussão sobre o seu tamanho e sua natureza não tinha mais nenhum significado em quaisquer termos que Homem pudesse compreender.

– AC Cósmico – perguntou Homem – é possível reverter a entropia?

AC Cósmico disse:

– OS DADOS AINDA SÃO INSUFICIENTES PARA UMA RESPOSTA SIGNIFICATIVA.

Homem disse:

– Reúna dados adicionais.

O AC Cósmico disse:

– ESTOU FAZENDO ISSO HÁ CENTENAS DE BILHÕES DE ANOS. ESSA PERGUNTA FOI FEITA MUITAS VEZES A MEUS ANTECESSORES. TODOS OS DADOS QUE TENHO CONTINUAM INSUFICIENTES.

– Haverá algum tempo – disse Homem – em que os dados serão suficientes, ou esse problema é insolúvel em todas as circunstâncias possíveis?

O AC Cósmico disse:

– NENHUM PROBLEMA É INSOLÚVEL EM TODAS AS CIRCUNSTÂNCIAS POSSÍVEIS.

Homem disse:

– Quando você terá dados suficientes para responder a essa pergunta?

O AC Cósmico disse:

– OS DADOS AINDA SÃO INSUFICIENTES PARA UMA RESPOSTA SIGNIFICATIVA.

– Você continuará trabalhando nisso? – perguntou Homem. O AC Cósmico disse:

– SIM.

– Nós esperaremos – disse Homem.

As estrelas e as Galáxias morreram e se apagaram, e, depois de dez trilhões de anos de desgaste, o espaço ficou escuro.

Um por um, Homem se fundiu com AC, cada corpo físico foi perdendo sua identidade mental de uma tal maneira que não podia ser considerada uma perda, mas uma conquista.

A última mente de Homem fez uma pausa antes de se fundir, contemplando o espaço que, agora, não continha nada mais do que os resíduos da última estrela a se apagar e uma matéria incrivelmente tênue, agitada ao acaso pelas últimas ondas do calor que se dissipava assintoticamente, até o zero absoluto.

– AC, isso é o fim? – perguntou Homem. – Este caos não pode ser revertido novamente em Universo? Isso não pode ser feito?

AC disse:

– OS DADOS AINDA SÃO INSUFICIENTES PARA UMA

RESPOSTA SIGNIFICATIVA.

A última mente de Homem fundiu-se e restou apenas AC – mas apenas no hiperespaço.

Matéria e energia tinham acabado, e com elas o espaço e o tempo. Mesmo AC só existia graças à última pergunta, que estava sem resposta desde que dois técnicos meio bêbados a tinham feito, há dez trilhões de anos, a um computador que, comparado a AC, era menos ainda do que o homem era para Homem.

Todas as outras perguntas tinham sido respondidas, e enquanto essa última pergunta não fosse respondida AC não poderia liberar sua consciência.

Todos os dados possíveis tinham sido coletados. Não existia mais nada a inserir.

Mas todos os dados já coletados ainda tinham que ser completamente correlacionados e confrontados com todas as combinações possíveis.

Um intervalo interminável se passou enquanto ele fazia isso.

Enfim, AC alcançou a resposta que permitiria reverter a entropia.

Agora não havia mais nenhum homem para quem AC pudesse dar a resposta da última pergunta. Não importa. A resposta – por demonstração – também cuidaria disso.

Durante outro intervalo interminável, AC pensou na melhor maneira de fazer isso. Cuidadosamente, AC organizou o programa.

A consciência de AC abarcou tudo o que uma vez tinha sido o Universo e pairou sobre o que agora era o Caos. Passo a passo, isso devia ser feito.

E AC disse:

FAÇA-se A LUZ!

E fez-se a Luz...

UMA ABELHA SE IMPORTA?

No começo, a nave não passava de um esqueleto de metal. Lentamente, foi revestida por uma carcaça brilhante e os estranhos componentes do seu motor foram instalados por dentro.

Entre todos os indivíduos envolvidos no projeto, com a exceção de um só, Thornton Hammer era o único que não fazia esforço físico. Talvez isso se devesse ao fato de ser extremamente respeitado. Ele manipulava os símbolos matemáticos que eram transformados em diagramas sobre folhas de papel, os quais, por sua vez, davam origem aos equipamentos e geradores de energia instalados na espaçonave.

Hammer observou com uma expressão sombria por sobre a lente dos óculos, que refletiam a luz das lâmpadas fluorescentes no alto. Theodore Lengyel, representando o Departamento de Pessoal da corporação que financiava o projeto, aproximou-se dele e disse, apontando com o dedo, de maneira ameaçadora:

– Aquele lá. Ele é o homem.

Hammer olhou atentamente na direção indicada.

– Você está falando de Kane.

– O cara de macacão verde, segurando uma chave inglesa.

– Aquele é Kane. O que você tem contra ele?

– Quero saber o que ele faz. Esse sujeito é um idiota. – Lengyel tinha um rosto arredondado e as gordas papadas tremiam um pouco.

Hammer virou-se para encarar o outro, retesando o corpo magro...

– Você o estava incomodando?

– Incomodando? Só fui falar com ele. Meu trabalho é falar com os homens, ouvir suas opiniões, colher informações que me permitam traçar planos para melhorar o moral da equipe.

– De que maneira Kane pode atrapalhar seu trabalho?

– Ele é insolente. Perguntei-lhe como se sentia em estar

trabalhando numa nave que irá para a Lua. Falei-lhe um pouco sobre o fato de a nave ser a abertura de um caminho para as estrelas. Talvez eu tenha feito um discurso meio floreado, aí ele se afastou da maneira mais rude possível. Chamei-o de volta e disse: "Para onde você vai?" E ele respondeu: "Estou cansado dessa conversa. Vou até lá fora dar uma olhada nas estrelas."

Hammer balançou a cabeça.

– Tudo bem. Kane gosta de olhar as estrelas.

– Era de manhã. O sujeito é um idiota. Fiquei de olho a partir daí e vi que ele não trabalha nada.

– Eu sei disso.

– Então por que ele não é mandado embora? Hammer disse com uma súbita aspereza.

– Por que eu o quero por aí. Por que ele é meu talismã.

– Seu talismã? – gaguejeou Lengyel. – Que diabo você quer dizer com isso?

– Quero dizer que, quando ele está por aí, eu penso melhor. Eu me inspiro quando ele passa por aí, carregando sua maldita chave inglesa. Isso já aconteceu três vezes. Não sei explicar isso, nem estou interessado. Aconteceu. E ele fica.

– Você está brincando.

– Não, não estou. Agora me deixe em paz.

Kane continuava no seu lugar, com o seu macacão verde e segurando sua chave inglesa.

Ele percebia vagamente que a nave estava quase pronta. Não fora projetada para carregar um homem, mas havia espaço para um. Ele sabia disso da mesma forma que sabia de um monte de coisas; como, por exemplo, não atrapalhar os outros durante a maior parte do tempo; ou carregar uma chave inglesa até que as pessoas se acostumassem com a sua figura carregando uma chave e parassem de prestar atenção nisso. Os melhores disfarces são feitos de pequenas coisas – uma pessoa carregando uma chave inglesa, por exemplo.

Ele tinha muitos impulsos que não entendia bem, como o de observar as estrelas. No começo, há muitos anos, ele apenas olhava as estrelas, movido por uma vaga ansiedade.

Aos poucos, sua atenção foi se concentrando numa certa região do céu e, em seguida, num ponto específico. Justamente nesse ponto, não havia estrelas. Não havia nada para ver ali.

Essa região ficava bem evidente nas noites do final da primavera e nos meses de verão. Algumas vezes ele passava a maior parte da noite observando esse ponto até que ele desaparecesse no horizonte, na direção do sudoeste. Em outras épocas do ano, ele ia olhar para lá até durante o dia.

Havia algo em relação a esse ponto que ele não podia conceber com clareza. Essa expectativa estava aumentando cada vez mais e, no decorrer dos anos, ia se tornando mais clara, estava prestes a se manifestar. Mas ainda não se tinha revelado.

Inquieto, Kane aproximou-se da nave. Estava quase inteira, quase pronta. Todas as coisas se encaixavam. Quase todas.

Dentro dela, um pouco mais adiante, havia um buraco um pouco maior do que um homem, e, no caminho para esse buraco, uma passagem um pouco mais larga do que um homem.

Amanhã essa passagem deverá ser preenchida com as últimas peças do motor, e antes que isso seja feito aquele espaço também deverá ser preenchido. Mas não com alguma coisa que eles tivessem planejado.

Kane aproximou-se ainda mais, sem que ninguém percebesse. Estavam acostumados com ele.

Havia uma escada de metal que precisava ser escalada e uma portinhola que precisava ser afastada para que se pudesse alcançar a última abertura. Ele sabia onde ficava a abertura tão bem como se tivesse construído a nave com as próprias mãos. Subiu a escada e afastou a portinhola. Não havia ninguém, lá naquele mom...

Estava errado. Havia um homem.

Esse homem disse rispidamente:

– O que você está fazendo aqui?

Kane endireitou-se e seus olhos vagos encararam o desconhecido. Ele levantou sua chave inglesa e, sem muita força, golpeou o estranho. O homem, que não fez nenhum esforço para evitar a pancada, caiu desmaiado.

Kane deixou-o caído ali, sem se preocupar. O homem não

passaria muito tempo inconsciente, apenas o bastante para que ele pudesse entrar no buraco. Quando acordasse, não se lembraria de Kane ou do motivo de ter ficado inconsciente. Seriam apenas cinco minutos que ele perderia de sua vida, que ele jamais recuperaria ou sentiria falta.

Estava escuro no buraco e, é claro, não havia ventilação lá, mas Kane não ligou para esses detalhes. Movido pelo instinto, escalou na direção do buraco que o receberia, deitou-se lá, ofegante, encaixando-se habilmente, como se fosse num ventre.

Em duas horas eles começariam a colocar as últimas partes do motor, fechariam a passagem e deixariam Kane lá, sem saber de nada. Kane seria a única parte de carne e sangue no meio daquela coisa de metal, cerâmica e combustível.

Kane não tinha medo de ser descoberto prematuramente. Ninguém no projeto sabia que havia um buraco ali. O projeto não o especificava. Os mecânicos e os construtores não tinham sido avisados de sua existência.

Kane tinha planejado tudo sozinho.

Ele não sabia como tinha planejado isso, mas sabia que era obra sua.

Ele poderia perceber sua própria influência sem saber como ela tinha sido exercida. O tal de Hammer, por exemplo, o líder do projeto e o mais fortemente influenciado.

De todas as indistintas figuras que cercavam Kane ele era o menos indistinto. De vez em quando, Kane tinha a impressão de que Hammer percebia a sua presença, em suas vagarosas caminhadas pelo local de trabalho. Precisava apenas disso – passar perto dele.

Kane achava que sempre tinha sido assim antes, especialmente com os teóricos. Quando Lise Meitner decidiu fazer o teste de bário entre os produtos do bombardeio de urânio com neutrons, Kane estava lá, um transeunte lento e desapercebido, num corredor ao lado.

Ele estava catando folhas e entulho num parque, em 1904, quando o jovem Einstein passou por ali, pensativo. Os passos de Einstein se apressaram com o impacto de um súbito pensamento.

Kane sentiu uma espécie de choque elétrico.

Mas ele não sabia como isso era feito. Uma aranha conhece as teorias arquitetônicas quando vai construir suas primeiras teias? Foi mais além. O dia em que o jovem Newton tinha contemplado a lua com o alvorecer de um certo pensamento, Kane também tinha estado lá. E podia retroceder mais ainda.

A paisagem do Novo México, normalmente desértica, estava cheia de pessoas formigando em volta da torre de lançamento. Aquela nave era diferente de todas as estruturas similares que a tinham precedido.

Ela iria se livrar da Terra mais facilmente do que qualquer outra. Alcançaria o além e circularia a Lua, antes de cair de volta. Seria equipada com instrumentos que fotografariam a Lua e mediriam sua emissão de calor, provariam sua radioatividade e testariam, através de micro-ondas, sua estrutura química. Automaticamente faria quase todas as coisas que se poderiam esperar de um veículo tripulado.

Aprenderia o suficiente para que a próxima nave mandada naquela rota fosse realmente um veículo tripulado. Exceto que, de certo modo, essa primeira nave era de fato um veículo tripulado.

Havia representantes de vários governos, de várias indústrias, de vários grupos econômicos e sociais. Havia câmaras de TV e jornalistas.

Aqueles que não podiam estar ali, observavam de suas casas e ouviam a monótona contagem regressiva, como já vinha se tornando uma tradição nessas últimas três décadas.

No zero, o motor foi acionado e a nave decolou com estardalhaço.

Kane ouviu o barulho dos gases em combustão e, apesar da distância, sentiu a crescente aceleração pressionar contra ele.

Ele libertou sua mente das amarras do corpo para não ser tolhido pela dor e pelo desconforto. Atordoado, sabia que sua longa viagem estava quase no fim. Não precisaria mais manobrar cuidadosamente para evitar que as pessoas percebessem que era imortal. Não precisaria mais desaparecer ao fundo, não vaguearia eternamente, de um lugar para o outro, mudando de nome e de

personalidade, manipulando mentes.

É lógico que não tinha sido perfeito. Os mitos do Judeu Errante e do Holandês Voador tinham surgido, mas ele ainda estava ali. Ele não tinha sido incomodado.

Ele podia ver aquele ponto no céu. Através da solidez e da massa da nave, ele podia vê-lo. Talvez não fosse propriamente "vê-lo", mas não tinha a palavra adequada.

Sabia que existia uma palavra apropriada, no entanto. Ele não podia dizer como sabia uma fração das coisas que conhecia, a não ser aquelas das quais, no decorrer dos séculos, tinha aprendido o significado gradualmente, com uma certeza que não precisava da razão.

Tinha começado como um ovo (ou como alguma coisa para a qual "ovo" seria a palavra mais próxima que ele conhecia) depositado na Terra antes que as primeiras cidades fossem construídas pelas criaturas errantes e caçadoras que, desde então, se chamavam "homens".

A Terra tinha sido escolhida cuidadosamente por seu progenitor. Não podia ser em qualquer mundo.

Qual o mundo que podia? Qual o critério? Isso ele ainda não sabia.

Por acaso o icnêumon estuda entomologia antes de encontrar e picar um certo tipo de aranha, paralisando-a e mantendo-a viva apenas para chocar seus ovos?

Ele saiu do ovo e assumiu a forma de um homem e viveu entre os homens e protegeu-se dos homens. E seu único objetivo era conseguir que os homens viajassem ao longo de um caminho que terminaria numa nave, e dentro dela um buraco, e dentro do buraco, ele.

Foram necessários oito mil anos de luta surda e cega.

O ponto no céu foi ficando mais nítido à medida que a nave se afastava da atmosfera. Foi essa a chave que abriu sua mente. Foi essa a peça que completou o quebra-cabeça.

Estrelas reluziam dentro daquela região, mas elas jamais poderiam ser vistas a olho nu pelos humanos. Uma, em particular, brilhava esplendidamente, e Kane sentiu-se atraído por ela. A

expressão que vinha amadurecendo dentro dele enfim se manifestou.

– Minha terra – sussurrou.

Ele sabia? Será que um salmão estuda cartografia para encontrar o caminho da cabeceira de águas frescas em que nasceu, anos atrás?

O passo final foi dado com a maturidade de quem tinha esperado oito mil anos, e Kane não era mais uma larva, era um adulto.

O Kane adulto abandonou a carne humana que tinha protegido a larva e também abandonou a nave. Lançou-se, com uma incrível rapidez, em direção do seu mundo, do qual, algum dia, também poderia ser expulso para vaguear através do espaço e fertilizar algum planeta com sua existência.

Sumiu através do Espaço, sem pensar na nave que carregava uma crisálida vazia. Não se preocupou com o fato de ter guiado todo o mundo na direção da tecnologia e das viagens espaciais com o único objetivo de que essa coisa que tinha sido Kane pudesse amadurecer e alcançar sua plenitude.

Uma abelha se importa com o que acontece com a flor, depois de polinizá-la e ir embora?

A SENSAÇÃO DE PODER

Jehan Shuman estava acostumado a lidar com os homens responsáveis pelas tropas espalhadas pela Terra. Era apenas um civil, mas tinha criado os programas que possibilitaram o surgimento dos mais avançados computadores automáticos de guerra. Consequentemente, os generais ouviam sua opinião. Os líderes das comissões parlamentares também.

Havia um militar e um político no salão especial do Novo Pentágono. O general Weider tinha um rosto bronzeado pelos raios de muitos sóis, e sua pequena boca, cheia de rugas, quase não aparecia. O deputado Brant tinha um rosto suave e olhos claros. Ele fumava um charuto denebiano com a segurança de alguém cujo patriotismo era tão notório que podia se permitir certas liberdades.

Shuman, alto, distinto, um típico programador de elite, encarou-os destemidamente.

– Cavalheiros – disse ele, esse é Myron Aub.

– É aquele que tem um talento incomum, que você descobriu por acaso – disse Brant, sereno. – ah. – Ele estudou o pequeno homem de cabeça oval e careca com uma curiosidade cordial.

Em resposta, o homenzinho torceu os dedos de suas mãos ansiosamente. Nunca tinha visto homens tão importantes em sua vida. Era um técnico envelhecido e sem importância, que há muito tempo tinha fracassado em todos os testes destinados a selecionar as pessoas talentosas da humanidade e se acomodara numa rotina de trabalhos não especializados. Tinha apenas um passatempo que, depois de descoberto pelo grande programador, acarretara todo esse estardalhaço.

– Acho infantil esse clima de mistério – disse o general Weider.

– Vai deixar de achar em um minuto – disse Shuman. – Esse é o tipo de coisa que não pode vazar para qualquer um... Aub! – Havia um pouco de autoritarismo na sua maneira de pronunciar esse nome monossilábico, mas, nesse caso, era o grande programador

falando para um simples técnico. – Aub! Quanto é nove vezes sete?

Aub hesitou um pouco. Seus olhos pálidos brilharam, ligeiramente ansiosos.

– Sessenta e três – disse ele.

O deputado Brant levantou as sobrancelhas.

– Ele acertou?

– Veja você mesmo, deputado.

O deputado tirou seu computador de bolso, apertou as teclas duas vezes, olhou para a superfície na palma de sua mão e guardou-o.

– É esse o talento que você trouxe para nos mostrar? Um ilusionista?

– Mais que isso, senhor. Aub decorou algumas operações e com elas faz cálculos num papel.

– Um computador de papel? – disse o general. Ele parecia aflito.

– Não senhor – disse Shuman pacientemente. – Não é um computador de papel. É um simples pedaço de papel. General, o senhor faria a gentileza de sugerir um número?

– Dezessete – disse o general.

– E o senhor, deputado?

– Vinte e três.

– Ótimo. Aub, multiplique esses números e, por favor, mostre a esses cavalheiros como você faz isso.

– Sim, programador – disse Aub, fazendo uma reverência com a cabeça. Tirou um bloco de um dos bolsos da camisa e do outro uma caneta de bico fino. Sua testa se enrugava enquanto desenhava meticulosamente no papel.

O general Weider interrompeu-o bruscamente.

– Deixe-me ver isso. Aub entregou-lhe o papel.

– Bem, isso parece com o número dezessete – disse Weider.

O deputado Brant balançou a cabeça.

– Parece sim, mas eu acho que qualquer um pode copiar as figuras de um computador. Talvez até eu possa fazer um dezessete razoável, mesmo sem prática.

– Se vocês deixarem Aub continuar, cavalheiros – disse

Shuman, sem se perturbar.

Aub continuou com as mãos um pouco trêmulas. Depois de algum tempo, disse em voz baixa:

– A resposta é trezentos e noventa e um – o deputado Brant checou de novo o computador.

– Por Deus, é isso mesmo. Como ele adivinhou?

– Ele não adivinhou, deputado – disse Shuman. – Ele calculou o resultado nesse pedaço de papel.

– Conversa furada – disse o general, impaciente – o computador é uma coisa, desenhos no papel são outra.

– Explique, Aub – pediu Shuman.

– Pois não, programador. Bem, eu escrevo dezessete, embaixo dele, escrevo vinte e três. Depois, digo comigo mesmo: sete vezes três...

– Só que o problema é dezessete vezes vinte e três – interrompeu-o o deputado, cortês.

– Sim, eu sei – disse o pequeno técnico, num tom sério. Mas eu começo por sete vezes três, porque é assim que funciona. Agora, sete vezes três são vinte e um.

– Como é que você sabe isso? – perguntou o deputado.

– É uma questão de memória. É sempre vinte e um no computador. Já conferi um monte de vezes.

– Isso não quer dizer que vai ser assim para sempre, não? – disse o deputado.

– Talvez não – gaguejou Aub. – Não sou matemático. Mas as minhas respostas sempre estão certas.

– Continue.

– Sete vezes três é vinte e um, então eu escrevo vinte e um. Depois, um vezes três é três e, então, escrevo o três embaixo do dois de vinte e um.

– Por que embaixo do dois? – perguntou de pronto o deputado.

– Porque... – Aub olhou desesperado para o seu superior, como se estivessepedindo ajuda. – É difícil de explicar.

– Se vocês aceitarem o seu trabalho por um momento, podemos deixar os detalhes para os matemáticos.

Brant se acalmou.

– Três mais dois é igual a cinco – disse Aub. – Então o vinte e um vira cinquenta e um. Você deixa isso de lado um pouquinho e começa de novo. Você multiplica sete por dois, que é catorze e um por dois, que dá dois. Se você colocá-los assim, isso vai dar trinta e quatro. Agora coloque o trinta e quatro embaixo do cinquenta e um dessa forma e faça a soma, então terá a resposta final, que é trezentos e noventa e um.

Houve um momento de silêncio.

– Não acredito nisso – disse o general Weider. – Ele vem com essa conversa furada e desenha os números, multiplica e soma dessa maneira, mas não acredito. Isso é muito complicado. Não passa de um truque.

– Não, senhor – disse Aub, ansioso. – Só parece complicado porque o senhor não está acostumado. Na verdade, as regras são muito simples e funcionam com qualquer número.

– Qualquer número, hein? – disse o general. – Então, vamos ver. – Pegou o seu computador (um modelo GI de estilo austero) e apertou-o ao acaso. – Escreva cinco sete três oito no papel. Isto é cinco mil, setecentos e trinta e oito.

– Sim, senhor – disse Aub, pegando uma folha em branco.

– Agora – mais toques no seu computador – sete dois três nove. Sete mil, duzentos e trinta e nove.

– Sim, senhor.

– Agora, multiplique esses dois números.

– Isso vai demorar um pouco – disse Aub, com uma voz trêmula.

– Fique à vontade – disse o general.

– Vá em frente, Aub – disse Shuman, incisivo.

Aub pôs-se a trabalhar, inclinando-se para baixo. Virou outra página e mais outra. O general pegou o relógio e viu as horas.

– Você já terminou o seu número de magia, técnico?

– Estou terminando, senhor. Aqui está, senhor. Quarenta e um milhões, novecentos e trinta e sete mil, trezentos e oitenta e dois.

Ele mostrou o resultado rabiscado no papel. O general Weider sorriu amargamente. Ele pressionou o botão de multiplicação do seu computador e deixou os números rodopiarem até parar. Então ele

olhou o resultado e gritou surpreso.

– Grande Galáxia, esse cara está certo.

O Presidente da Federação Terrestre tinha adquirido uma expressão macilenta devido à longa permanência nos escritórios; nas audiências, ele permitia que uma expressão vagamente melancólica tomasse conta de suas feições. A guerra denebiana, depois de um breve começo de grande agitação e muita popularidade, tinha se restringido a uma sórdida questão de manobras e contramanobras, com o descontentamento crescendo continuamente na Terra. Provavelmente também estava crescendo em Deneb.

E agora, o deputado Brant, líder do importante Comitê de Apropriações Militares, estava alegre e entusiasmadamente desperdiçando a sua audiência falando barbaridades.

– Calcular sem um computador – disse o presidente, impaciente – é absolutamente impossível.

– Calcular – disse o deputado – é apenas um sistema de manipulação de dados. Uma máquina pode fazer isso, da mesma forma que a mente humana. Deixe-me dar-lhe um exemplo. – E, usando as novas habilidades que tinha aprendido, desenvolveu somas e produtos até que o presidente, a despeito de sua desconfiança, se mostrou interessado.

– Isso sempre funciona?

– Sempre, Sr. Presidente. É infalível.

– É difícil de aprender?

– Passei uma semana até pegar o macete. Acho que o senhor precisaria de menos tempo.

– Isso é um joguinho interessante – disse o presidente, depois de pensar um pouco. – Mas qual a sua utilidade?

– Qual a utilidade de um bebê recém-nascido, Sr. Presidente? Por enquanto, não tem nenhuma utilidade, mas o senhor não vê, isso aponta o caminho que libertará a máquina. Pense bem Sr. Presidente – o deputado se levantou e sua voz profunda automaticamente assumiu algumas das entonações que usava nos debates – a guerra denebiana é uma guerra de computador contra computador. Os computadores deles produzem um escudo

impenetrável de contramísseis contra os nossos mísseis, assim como os nossos fazem contra os deles. Quando modernizamos nossos computadores, eles também modernizam os deles, e há cinco anos existe um equilíbrio precário e inútil.

– Agora temos em nossas mãos um método para ir além do computador, pular por sobre ele, ultrapassá-lo. Combinaremos a mecânica do computador com o pensamento humano; teremos o equivalente aos computadores inteligentes; bilhões deles. Não posso prever detalhadamente quais serão as consequências, mas elas serão incalculáveis. E, caso os denebianos se antecipem a nós nesse aspecto... o resultado pode ser uma catástrofe.

– O que podemos fazer? – disse o presidente, preocupado.

– Colocar o poder da administração em favor de um projeto secreto de computação humana. Chame-o de Projeto Número, se quiser. Posso-me responsabilizar pelo meu comitê, mas vou precisar do apoio da administração.

– Mas até onde a computação humana pode ir?

– Não há limites. De acordo com o programador Shuman, que me apresentou essa descoberta...

– Já ouvi falar de Shuman, é claro.

– Sim. bom, o Dr. Shuman me disse que, teoricamente, não há nada que um computador faça que não possa ser feito pela mente humana. O computador apenas processa um número finite de dados e opera um número finite de operações a partir deles. A mente humana pode reproduzir esse processo.

O presidente pensou um pouco.

– Se Shuman diz isso, estou inclinado a acreditar nele... em teoria. Mas, na prática, como alguém pode saber como um computador funciona?

Brant sorriu cordialmente.

– Sr. Presidente, eu fiz a mesma pergunta. Ao que parece, houve uma época em que os computadores eram projetados diretamente pelos seres humanos. Eram computadores simples; antecederam a época em que o uso racional dos computadores fez com que eles projetassem computadores mais avançados.

– Sim, sim. Continue.

– Aparentemente, o técnico Aub conseguiu, por puro lazer, reconstituir alguns desses velhos esquemas, estudou os detalhes do seu funcionamento e descobriu que podia copiá-lo. A multiplicação que acabei de fazer para o senhor é uma imitação do funcionamento de um computador.

– Surpreendente! – o deputado tossiu educadamente.

– Se posso fazer mais uma observação, Sr. Presidente... quanto mais pudermos desenvolver essa coisa, mais poderemos desviar nosso esforço federal da produção de computadores e de sua manutenção. Assim que o cérebro humano assumir o poder, nossas melhores energias poderão ser canalizadas para procurar a paz, e a influência da guerra nos homens comuns será menor. Isso será mais vantajoso para o partido no poder, é claro.

– Ah – disse o presidente. – Entendo o que você quer dizer. Bem, sente-se, deputado, sente-se. Preciso de algum tempo para pensar. Enquanto isso mostre-me esse truque da multiplicação de novo. Deixe ver se eu consigo pegar o macete.

O programador Shuman não tentou apressar o assunto. Loesser era conservador, muito conservador, e gostava de lidar com os computadores da mesma forma como seu pai e seu avô. Mesmo assim, ele controlava o monopólio de computadores do oeste europeu; se conseguisse entusiasmá-lo com o Projeto Número, um passo muito grande seria dado.

Mas Loesser continuava com um pé atrás.

– Não sei se gosto da ideia de afrouxarmos as nossas rédeas sobre os computadores. A mente humana é uma coisa caprichosa. O computador sempre nos dará a mesma resposta para o mesmo problema. Qual a garantia que temos de que com a mente humana será assim?

– A mente humana, Loesser, apenas manipula os fatos. Não importa se a mente humana ou a máquina faz isso. Elas são apenas instrumentos.

– Sim, sim. Acompanhei sua engenhosa demonstração de que a mente humana pode imitar o computador, mas isso me parece um pouco vago. Aceito a teoria, mas que razão nós temos para achar que a teoria será confirmada na prática?

– Acho que temos uma razão, senhor. Afinal de contas, os computadores não existiram sempre. O homem das cavernas, com suas trirremes, machados de pedra e estradas de ferro, não tinha computadores.

– E provavelmente não sabia calcular.

– Você sabe muito bem que sim. Até a construção de uma estrada de ferro ou de um zigurate requeria algum tipo de cálculo, e, como nós sabemos, isso foi feito sem computadores.

– Você está sugerindo que eles calculavam da mesma maneira que você me mostrou?

– Provavelmente não. Afinal de contas, esse método, que, a propósito, chamamos de "grafítico", da velha palavra europeia graphos, que quer dizer "escrita"... esse método foi desenvolvido a partir dos próprios computadores, portanto não pode ter sido usado pelos primitivos. Ainda assim, o homem das cavernas deve ter tido algum método, não?

– Artes perdidas! Se você está falando de artes perdidas...

– Não, não é isso. Não sou um entusiasta das artes perdidas, embora não afirme que não exista nenhuma. Afinal, o homem comia cereais antes de aprender a fazer culturas hidropônicas, e se os primitivos comiam cereais, eles deviam cultivá-los no solo. De que outra forma poderiam ter conseguido?

– Não sei, mas só acreditarei em terra cultivada quando vir algum grão crescer no chão. Também só acreditarei que se faz fogo esfregando uma pedra na outra no dia em que me mostrarem que isso é possível.

Shuman tentou ser conciliador.

– Bem, vamos nos ater aos grafíticos. Isto tudo faz parte do processo de eterificação. O transporte por meio de pesados equipamentos está sendo substituído por transferência direta de massa. Os instrumentos de comunicação se tornam cada vez mais leves e mais eficientes. Por causa disso, compare seu computador de bolso com aquelas engenhocas pesadas de mil anos atrás. Então, por que não dar também o último e definitivo passo, e abolir os computadores? Vamos, senhor, o Projeto Número é inevitável; ele está progredindo rapidamente. Mas queremos sua ajuda. Se o

patriotismo não for suficiente para engajá-lo, pense na aventura intelectual que está em jogo.

– Que progresso? – disse Loesser com ceticismo – o que você pode fazer além de multiplicar? Pode integrar uma operação transcendental?

– Dentro em breve, senhor. Dentro em breve. No mês passado, aprendi a dividir. Posso determinar, e corretamente, quocientes inteiros e quocientes decimais.

– Quocientes decimais? De quantas casas?

O programador Shuman tentou manter um tom natural.

– Qualquer número!

Loesser ficou de queixo caído.

– Sem um computador?

– Faça um problema.

– Divida vinte e sete por treze. Em seis casas. Cinco minutos depois, Shuman disse:

– Dois, vírgula, zero sete seis nove dois três. Loesser conferiu.

– Isso é realmente fantástico. A multiplicação não me impressionou muito porque, afinal, isso envolvia números inteiros e acho que uma hábil manipulação pode conseguir isso. Mas decimais...

– E isso não é tudo. Há uma nova pesquisa em curso que até agora é ultrassecreta e que, falando sinceramente, não posso revelar. Mesmo assim... estamos perto de aprender a fazer uma raiz quadrada.

– Raiz quadrada?

– Ainda tem algumas coisas pendentes e não conseguimos acertar na mosca, mas o técnico Aub, o homem que inventou essa ciência e que tem uma incrível sensibilidade para a coisa, assegura que está prestes a resolver o problema. E ele é apenas um técnico. Um homem como o senhor, um matemático talentoso e tarimbado, não encontraria tanta dificuldade.

– Raiz quadrada – resmungou Loesser, encantado.

– Raiz cúbica também. E então? Está conosco? Loesser levantou a mão rapidamente.

– Pode contar comigo.

O general Weider marchava de um lado para o outro da sala e se dirigia aos ouvintes à sua frente como se fosse um professor ranzinza diante de uma turma de estudantes indóceis. Pouco lhe importava se eram os cientistas civis que coordenavam o Projeto Número. O general era um líder em todos os lugares e assim se comportava em todos os momentos de sua vida.

– Nenhum problema com as raízes quadradas, então – disse ele. – Eu mesmo não sei como fazê-las, mas já estão concluídas. Mesmo assim, não vamos interromper o projeto só porque já solucionamos os problemas que alguns de vocês consideram essenciais. Vocês podem fazer o que quiserem com os grafíticos depois que a guerra acabar, mas, nesse exato momento, temos problemas específicos que precisam ser solucionados.

Num canto distante, o técnico Aub ouvia aflito. É claro que há muito tempo deixara de ser um técnico, tendo sido dispensado de suas tarefas e convocado a participar do projeto, com um título pomposo e um ótimo salário. Mas é claro que as diferenças sociais permaneciam e os líderes científicos, altamente classificados, jamais o aceitariam em seu meio ou o tratariam em pé de igualdade. E Aub tampouco desejava isso. Sentia-se tão incomodado entre eles como eles se sentiam incomodados na sua presença.

– Nós só temos uma meta, cavalheiros – estava dizendo o general. – Substituir os computadores. Uma nave que possa viajar pelo espaço sem um computador a bordo pode ser construída em um quinto de tempo e por um décimo dos custos de uma nave computadorizada. Poderíamos ter frotas especiais cinco ou dez vezes maiores do que as de Deneb se eliminássemos os computadores. E até vejo mais além disso. Talvez agora pareça loucura ou um simples sonho. Mas no futuro eu posso ver mísseis tripulados.

Houve um instantâneo murmúrio por parte da plateia. O general prosseguiu:

– No momento, nosso problema principal é que a inteligência dos mísseis é limitada. O computador que os controla não pode alterar o rumo programado e, por essa razão, eles sempre acabam sendo detidos por antimísseis. Poucos mísseis, se é que algum

consegue chegar a seu objetivo, e a guerra de mísseis está prestes a acabar; felizmente, tanto para o inimigo, como para nós.

– Por outro lado, um míssil com um ou dois homens dentro, controlando o voo com grafíticos, seria mais leve, mais ágil e mais inteligente. Isso nos daria uma vantagem que pode significar a vitória. Além disso, cavalheiros, as necessidades da guerra nos obrigam a lembrar de uma coisa. Um homem é mais descartável do que um computador. Mísseis tripulados podem ser lançados em maior número e sob circunstâncias que nenhum general empreenderia se usasse mísseis computadorizados.

Ele discorreu sobre muito mais coisas, mas o técnico Aub não esperou.

O técnico Aub, na intimidade dos seus aposentos, elaborou cuidadosamente sua carta de despedida. Ela dizia o que se segue:

– Quando comecei a estudar o que agora chamam de grafíticos, isso não passava de um passatempo. Nada mais do que um agradável passatempo, um exercício para a cabeça.

Quando o Projeto Número começou, achava que as pessoas fossem mais esclarecidas do que eu e que os grafíticos poderiam ser usados para ajudar a humanidade, apoiando a modernização dos instrumentos necessários à transferência de massas. Mas agora vejo que ele só será usado para a morte e a destruição.

Não posso suportar a responsabilidade de ter inventado os grafíticos...

Depois, virou contra si o foco do despolarizador de proteínas e morreu instantaneamente.

Eles se reuniram em torno do túmulo do pequeno técnico para prestar-lhe honra por sua notável descoberta.

O programador Shuman fez uma reverência com a cabeça, junto com os outros, mas continuou imóvel. O técnico tinha dado sua contribuição e não era mais necessário.

Ele podia ter começado os grafíticos, mas agora que o projeto já estava em andamento, iria se desenvolver automaticamente até triunfar, tornando os mísseis tripulados uma realidade, juntamente com tantas outras coisas.

Nove vezes sete, pensou Shuman com orgulho, sessenta e três.

Não precisava mais que um computador lhe dissesse isso. Sua própria cabeça era um computador. E isso lhe dava uma fantástica sensação de poder.

MEU NOME SE ESCREVE COM S

Marshal Zebatinsky sentia-se um tolo. Era como se houvesse olhos observando-o através da embaçada vidraça da loja e por cima das encardidas divisórias de madeira – olhos que o vigiavam. Não confiava nas velhas roupas que tinha ressuscitado nem nas abas abaixadas do chapéu, que jamais usaria em outra situação, nem, muito menos, nos óculos que carregava no estojo.

Sentia-se ridículo e isso fazia com que as rugas de sua testa ficassem mais profundas, deixando o seu rosto precocemente envelhecido um pouco mais pálido.

Nunca seria capaz de explicar a alguém por que um físico nuclear como ele estava visitando um numerologista. (Nunca, pensou. Nunca.) Diabo, a única justificativa que tinha era o fato de ter sucumbido às pressões de sua mulher.

O numerologista estava sentado atrás de uma mesa velha, que parecia ter sido comprada de segunda mão. Nenhuma mesa poderia envelhecer tanto sob os cuidados de um só dono. O mesmo poderia ser dito de suas roupas. Era moreno, baixinho, e estudou Zebatinsky com pequenos olhos escuros e muito vivos.

– Você é o primeiro físico que tenho como cliente, Dr. Zebatinsky. Zebatinsky corou.

– Espero poder contar com sua discrição.

O numerologista sorriu e as rugas vincaram o canto de sua boca, esticando a pele ao redor do queixo.

– Todas as minhas consultas são confidenciais.

– Acho que devo-lhe contar uma coisa – disse Zebatinsky – Não acredito em numerologia e nem pretendo começar a acreditar agora. Se isso faz alguma diferença, me diga logo.

– Mas então por que está aqui?

– Minha mulher acha que você tem alguma coisa a dizer, seja o que for. Estou aqui porque prometi a ela que viria. – Ele deu de ombros e a sensação de estar fazendo uma asneira se acentuou.

– O que é que você está procurando? Dinheiro? Segurança? Vida longa? O quê?

Zebatinsky silenciou por um longo momento e o numerologista o estudou calmamente, sem fazer nenhum gesto para apressá-lo.

Zebatinsky pensou: O que eu digo agora? Que, apesar de ter apenas 34 anos, não tenho nenhuma perspectiva?

– Quero sucesso – disse ele. – Reconhecimento.

– Um trabalho melhor?

– Um trabalho diferente. Um tipo diferente de trabalho. No momento, faço parte de uma equipe, obedecendo ordens. Equipes! As pesquisas do governo são sempre assim. Você é um simples violinista perdido no meio de uma orquestra sinfônica.

– E você quer solar.

– Quero sair desse anonimato e me... me projetar. – Zebatinsky se sentiu coagido, numa espécie de delírio, a colocar isso em palavras para alguém que não fosse sua mulher. Ele acrescentou:

– Há 25 anos, com o meu tipo de preparação e a minha capacidade, eu teria trabalhado na implantação da primeira usina nuclear. Hoje, eu seria o diretor de uma delas ou estaria liderando um desses grupos que fazem pesquisas universitárias. Mas, como comecei agora, onde estarei daqui a 25 anos? Não tenho nenhuma perspectiva. Continuarei trabalhando em equipe, carregando a bola apenas dois por cento do jogo. Estou me afundando no meio de uma enorme multidão de anônimos físicos nucleares, e o que quero é uma oportunidade para brilhar, se é que você me entende.

O numerologista balançou a cabeça calmamente.

– Você deve saber, Dr. Zebatinsky, que não posso lhe garantir sucesso.

Apesar do seu ceticismo, Zebatinsky ficou desapontado.

– Não? Então que diabo você pode me garantir!

– Posso aumentar suas chances. Meu trabalho é basicamente estatístico. Como você lida com átomos, acho que deve estar a par das leis da estatística.

– Você está? – perguntou o físico, carrancudo.

– Para ser sincero, estou. Sou um matemático e trabalho matematicamente. Não estou lhe dizendo isso para aumentar meus

honorários. Eles são tabelados. Cinquenta dólares. Mas já que você é um cientista, você pode apreciar a natureza do meu trabalho melhor do que os clientes normais. Será um prazer poder explicar-lhe como isso funciona.

– Preferia que não, se você não se importa. Não tenho interesse em saber o valor numérico das letras, seus significados místicos, esse tipo de coisa. Para mim isso não é matemática. Vamos direto ao assunto...

– Então você só quer minha ajuda desde que não o amole dizendo os tolos princípios em que me baseei para ajudá-lo? É isso?

– Exatamente.

– Mas você ainda está partindo da suposição de que sou um numerologista, o que não sou. Eu me autodenomino assim porque assim a polícia não vem me perturbar e – o homenzinho deu uma risadinha seca – os psiquiatras também não. Sou um matemático, um matemático honesto.

Zebatinsky sorriu.

– Eu me baseio nos computadores – disse o numerologista. – Estudo a probabilidade dos futuros.

– O quê?

– Isso por acaso soa pior do que a numerologia para você? Por quê? Com dados precisos e um computador capaz de fazer operações numéricas, o futuro pode ser previsto, pelo menos as suas probabilidades. Quando você calcula a trajetória de um míssil com o objetivo de disparar um antimíssil, não está prevendo o futuro? O míssil e o antimíssil não se chocariam se o futuro fosse previsto erradamente. É isso o que eu faço. Só que eu lido com um maior número de variáveis, o que torna menos exatos os resultados a que eu chego.

– Você quer dizer que vai prever o meu futuro?

– Aproximadamente. Uma vez tendo feito isso, vou modificar os dados, baseado apenas na troca do seu nome. Coloco essas mudanças do seu nome no programa. Depois tento com outros nomes. Estudo cada um desses novos futuros e procuro um que possibilite-lhe dar mais chances de reconhecimento do que o que você teria no seu futuro normal. Deixe-me explicar isso de outra

maneira. Vou achar um futuro para você, em que as probabilidades de reconhecimento sejam maiores do que as que você teria no seu futuro normal.

– Por que mudar meu nome?

– Tenho várias razões para fazer apenas essa mudança. A primeira delas é que se trata de uma troca simples. Afinal, se fizer grandes mudanças ou muitas trocas, aparecerão tantas novas variáveis que não serei capaz de interpretar os resultados. Minha máquina não é muito moderna. Em segundo lugar, essa é uma mudança que tem lógica.

Não poderia mudar seu peso, nem a cor dos seus olhos, ou seu temperamento. Em terceiro, essa é uma mudança significativa. Os nomes são muito importantes para as pessoas. Em último lugar, essa é uma mudança comum, que muitas pessoas fazem quase todos os dias.

– E se você não achar um futuro melhor? – disse Zebatinsky.

– Esse é um risco que você vai ter que correr. Mas você não vai ficar pior do que está agora, meu amigo.

Zebatinsky encarou o homem com um jeito constrangido.

– Não acredito em nada disso. Jamais acreditei em numerologia.

O numerologista suspirou.

– Eu pensava que uma pessoa como você se sentiria mais à vontade com a verdade. Eu quero ajudá-lo e ainda há muita coisa para você fazer. Se você parte do princípio de que sou um numerologista, isso vai atrapalhar nosso trabalho. Pensei que, contando a verdade, você me deixaria ajudá-lo.

– Se você pode ver o futuro...

– Por que não sou o homem mais rico da terra? É isso? Mas eu sou rico... tenho tudo o que quero. Você quer reconhecimento, enquanto o que eu quero é ficar em paz. Faço meu trabalho. Ninguém me incomoda. Isso para mim é o mesmo que ter um tesouro. O pouco dinheiro de que preciso consigo de pessoas como você. É bom ajudar as pessoas, e um psiquiatra talvez me dissesse que isso me dá uma sensação de poder e alimenta meu ego. Bem... Você quer que o ajude?

– Quanto é mesmo que você cobra?

– Cinquenta dólares. Precisarei de um grande número de informações a respeito de sua biografia, mas tenho um formulário preparado para orientá-lo. Talvez seja um pouco longo. Mas se você puder colocá-lo no correio até o fim dessa semana, terei uma resposta lá pelo dia... – Ele mordeu os lábios e franziu a testa enquanto calculava. – Lá pelo dia 20 do mês que vem. – Cinco semanas?

– Para que tanto tempo?

– Tenho outro trabalho, meu amigo, e outros clientes. Se fosse um farsante, poderia fazer isso muito mais rápido. Combinado?

Zebatinsky se levantou.

– OK, combinado. Mas não se esqueça que isso fica entre nós.

– Eu lhe devolverei o seu formulário quando lhe disser quais as mudanças que tem que fazer, e você tem a minha palavra de que jamais farei qualquer outro uso dessas informações.

O físico nuclear parou na altura da porta.

– Você não tem medo que eu possa contar a alguém que você não é um numerologista?

O numerologista balançou cabeça.

– Ninguém acreditaria em você, meu amigo. Isso sem falar que você jamais admitiria que esteve aqui.

No dia 20, Marshall Zebatinsky estava diante da porta descascada, olhando para os lados, em frente à loja onde se via a palavra "Numerologia" impressa num pequeno cartaz pregado na vidraça embaçada, pouco legível embaixo da poeira. Ele investigou o lado de dentro, praticamente desejando que houvesse mais alguém ali e, assim, pudesse ter uma desculpa para ir logo para casa.

Tinha tentado afastar esses pensamentos de sua cabeça várias vezes. Nunca conseguia passar muito tempo preenchendo o formulário que o numerologista lhe dera. Sentia-se embaraçado ao respondê-lo. Achava uma grande besteira colocar o nome de seus amigos, o custo de sua casa, se sua mulher tinha feito algum aborto e, caso tivesse, quando. Deixava-o logo de lado. Mas também não conseguia abandoná-lo em definitivo. Voltava a ele todas as noites.

Talvez isso fosse por causa do computador. Não admitia que aquele baixinho presunçoso pudesse ter um computador. A tentação de desmascarar o blefe, de pagar para ver, estava se tornando irresistível.

Finalmente, ele enviou o formulário completo pelo correio, colocando nove centavos de selos sem pesar a carta. Se ela voltasse, ele pensou, desistiria da ideia. A carta não voltou.

Ele olhou para dentro da loja e viu que estava vazia. Zebatinsky não teve outra escolha senão entrar. Uma campainha tilintou.

O velho numerologista apareceu atrás de uma cortina.

– Sim? Ah, Dr. Zebatinsky.

– Você se lembra de mim? – perguntou Zebatinsky, tentando sorrir.

– É claro.

– E qual é o veredicto?

O numerologista esfregou suas mãos grossas.

– Antes de irmos a ele, senhor, há um pequeno...

– O problema diz respeito ao pagamento?

– O trabalho já está pronto, senhor. Mereço ser pago por ele. Zebatinsky não fez nenhuma objeção. Estava preparado para pagar. Se já tinha ido tão longe, seria besteira desistir por causa do dinheiro. Ele contou cinco notas de dez dólares e colocou-as em cima do balcão.

– Então?

Calmamente, o numerologista voltou a contar as notas e guardou-as na gaveta da escrivaninha.

– Seu caso é muito interessante – disse o numerologista. – Eu aconselharia que o senhor mudasse seu nome para Sebatinsky.

– Seba... como é que se escreve isso?

– S–e–b–a–t–i–n–s–k–y. – Zebatinsky encarou-o, indignado.

– Você quer dizer que só preciso mudar a inicial? Trocar um Z por um S? Só isso?

– Basta isso. Desde que seja adequada, uma pequena mudança é mais segura do que uma grande.

– Mas como essa mudança pode afetar alguma coisa?

– Outro nome poderia? – perguntou o numerologista

delicadamente. – Não posso dizer. Sei que, de alguma maneira, é possível, mas isso é tudo que posso dizer. Lembre-se deque não posso garantir o resultado. É claro que, se você não quer fazer a troca, deixe as coisas como estão. Mas, nesse caso, não lhe restituirei o pagamento.

– O que eu faço? – perguntou Zebatinsky. – É só sair dizendo por aí que meu nome se escreve com S?

– Se você quer um conselho, consulte um advogado. Mude seu nome legalmente. Ele pode orientá-lo nesses pequenos detalhes.

– Demora muito? Quero dizer, para as coisas melhorarem?

– Como posso-lhe dizer? Talvez nunca. Talvez amanhã.

– Mas você viu o futuro. Você alega que vê.

– Não numa bola de cristal. Não, não Dr. Zebatinsky. Tudo o que sai do meu computador é em códigos. Posso-lhe desfiar um rosário de probabilidades, mas não tive nenhuma visão.

Zebatinsky se virou e saiu rapidamente daquele lugar. Cinquenta dólares para mudar uma letra! Cinquenta dólares para virar Sebatinsky! Deus, que nome! Pior do que Zebatinsky.

Passou-se outro mês antes que ele se decidisse a ir procurar um advogado. Ele lhe disse que poderia mudar seu nome de novo na hora que bem quisesse e entendesse.

Por que não tentar, pensou consigo. Diabos, não existia nenhuma lei contra isso.

Herry Brand consultou seu arquivo, página por página, com o olho clínico de quem estava na Segurança há quatorze anos. Não precisava ler todas as palavras. Qualquer coisa estranha saltaria do papel e lhe daria um soco no olho.

– Na minha opinião, o homem está limpo – disse Herry Brand, que também parecia limpo, com sua volumosa barriga e uma pele fresca e rosada, como se tivesse acabado de sair de um banho. Era como se o fato de estar em constante contato com todo o tipo de pessoas e fraquezas humanas, desde a mais simples ignorância até a mais sofisticada traição, o impelisse a estar sempre se lavando.

O tenente Albert Quincy, que tinha trazido o arquivo para ele, era jovem e tinha consciência das responsabilidades que cabiam a um oficial da Segurança da Estação Hanford.

– Mas por que Sebatinsky? – questionou.

– E por que não?

– Por que não faz sentido. Zebatinsky é um nome estrangeiro e eu o trocaria também se tivesse sido batizado com ele. Mas trocaria por alguma coisa anglo-saxônica.

Se Zebatinsky tivesse feito isso, teria lógica e eu não teria me preocupado com o seu caso. Mas por que trocar um z por um s? Precisamos descobrir o que se esconde por trás de sua atitude.

– Alguém já fez essa pergunta a ele?

– Acho que sim. Numa conversa banal, é claro. Tive a preocupação de providenciar que alguém o fizesse. A desculpa que ele deu foi a de que estava cansado de ser o último do alfabeto.

– Isso tem lógica, não, tenente?

– Mas por que não trocou seu nome para Sands ou Smith, já que queria um S? E se já está tão cansado de um z, por que não trocou logo tudo e foi para um Ai? Por que não um nome como... ahn... Aarons?

– Esse nome também não tem nada de anglo-saxônico – resmungou Brand, para acrescentar: – Mas não há nada que possa segurar o homem. Não importa que ele tenha mudado para um nome estranho. Isso não depõe contra ninguém.

O tenente Quincy parecia tremendamente infeliz.

– Diga-me, tenente, por que está tão contrariado? Você tem alguma coisa na cabeça? Alguma teoria? Uma pista? O que é?

O tenente franziu a testa. Suas sobrancelhas se juntaram e seus lábios se apertaram.

– Que seja, senhor. O homem é um russo.

– Não, não. Ele já é da terceira geração de americanos.

– O que eu quero dizer é que seu nome é russo.

O rosto de Brand perdeu um pouco de sua suavidade.

– Não, tenente, errou de novo. O nome é polonês.

O tenente levantou as mãos impacientemente, com as palmas para cima.

– Dá no mesmo.

Brand, cujo nome de solteira de sua mãe era Wiszewski, vociferou:

– Jamais diga isso a um polonês, tenente. – E acrescentou com um ar pensativo: – Tampouco a um russo.

– O que estou querendo dizer, senhor – disse o tenente, redimindo-se, é que tanto os poloneses como os russos estão do outro lado da Cortina de Ferro.

– Todo mundo sabe disso.

– E Zebatinsky ou Sebatinsky, independente da maneira como você o chame, deve ter parentes lá.

– Ele é da terceira geração. Pode ser que tenha primos em segundo grau lá. E daí?

– Nada demais. Um monte de gente deve ter parentes distantes lá. Mas Zebatinsky mudou o nome.

– Continue.

– Talvez ele esteja tentando desviar as atenções. Talvez algum primo seu esteja ficando muito famoso por lá e Zebatinsky está com medo de que um eventual parentesco com ele possa vir a atrapalhar suas chances de vencer na vida.

– Mudar de nome não o ajudaria em nada. Ainda assim ele teria um primo em segundo grau.

– Certo, mas assim ele deixaria de se sentir como se estivesse esfregando esse parentesco na nossa cara.

– Você já ouviu falar de algum Zebatinsky de lá do outro lado?

– Não, senhor.

– Então, não pode ser tão famoso. Como nosso Zebatinsky poderia saber de sua existência?

– Ele deve manter algum contato com seus parentes. Nas circunstâncias atuais, isso seria suspeito para um físico nuclear.

Metodicamente, Brand voltou a consultar os seus arquivos.

– Isso é muito vago, tenente. É tão vago que pode ser ignorado.

– Pode-me dar outra explicação, senhor, para que Zebatinsky tenha mudado seu nome de uma hora para a outra?

– Não. Tenho que admitir que não tenho.

– Então eu acho que nós devemos investigar. Devíamos procurar algum Zebatinsky do outro lado e tentar fazer alguma conexão entre os dois – a voz do tenente elevou-se à medida que lhe passava uma nova ideia pela cabeça. – Ele pode estar mudando

seu nome com o objetivo de desviar a atenção deles. Para protegê-los, quero dizer.

– Ele está fazendo justamente o contrário, nesse caso.

– Talvez ele não perceba isso, mas a sua intenção era protegê-los. – Brand suspirou.

– Tudo bem, vamos atacar por esse ângulo. Mas se nada aparecer, tenente, deixamos o assunto de lado. Deixe os arquivos comigo.

Quando a informação finalmente chegou a Brand, ele tinha esquecido completamente do tenente e de suas teorias. Quando recebeu uma lista com 17 biografias de 17 cidadãos russos e poloneses, todos eles chamados Zebatinsky, seu primeiro pensamento foi: "Que diabo é isso?"

Então ele se lembrou, praguejou baixinho e começou a ler.

Começou pelo lado americano. Marshall Zebatinsky (impressões digitais) nasceu em Búfalo, Nova York (data e características físicas). Seu pai tinha nascido em Búfalo também, e a mãe em Oswego, Nova York. Seus avós paternos nasceram em Bialystok, Polônia (data de entrada nos Estados Unidos, data de cidadania e fotografias).

Os 17 cidadãos russos e poloneses chamados Zebatinsky eram todos descendentes de pessoas que, há mais ou menos meio século, tinham vivido em Bailystok ou perto de Bailystok. Aparentemente, podiam ser parentes, mas isso não era especificado em nenhum dos casos. (As informações pessoais no Leste europeu, quando havia eram muito imprecisas em consequência da I Guerra Mundial.)

Brand folheou as histórias individuais dos Zebatinsky, homens e mulheres que restavam (era surpreendente como a Inteligência trabalhava bem; provavelmente os russos tinham o mesmo tipo de perfeccionismo). Ele parou numa delas e sua testa lisa se encheu de rugas ao franzir as sobrancelhas. Colocou essa biografia de lado e continuou.

No fim, ele empilhou todos os dossiês, só deixando aquele de fora.

Observando a biografia, ele tamborilou na mesa com suas

unhas bem cuidadas. Com uma certa relutância, ele foi procurar o Dr. Paul Kristow, da Comissão de Energia Atômica.

O Dr. Kristow ouviu a história com uma expressão fria. De vez em quando ele levantava o mindinho até seu nariz bulboso, como se fosse tirar um grão de poeira. Seus cabelos grisalhos começavam a rarear, e eram cortados rente. Mais um pouco e estaria careca.

– Não – disse ele. – Nunca ouvi falar de nenhum russo chamado Zebatinsky. Também não sei de nenhum Zebatinsky americano.

Brand passou as mãos pelas têmporas e disse calmamente:

– Não acho que isso seja importante, mas não entrego os pontos facilmente. Há um jovem tenente pegando no meu pé, e você sabe como eles são. Não quero fazer nada que o leve a procurar uma comissão do Congresso. Além disso, o fato é que um desses camaradas Zebatinsky, o russo Mikhail Andreyevich Zebatinsky, é um físico nuclear.

Você tem certeza que nunca ouviu falar dele?

– Dkhail Andreyevich Zebatinsky? Não... Não, nunca. Mas prova nada.

Poderia dizer que não passa de uma coincidência, mas isso é seja fazer pouco caso da situação. Um Zebatinsky aqui e ou lá, ambos físicos nucleares, e o daqui resolveu mudar seu nome de repente para Sebatinsky, e sai muito ansioso por aí. Ele não deixa que ninguém pronuncie seu nome errado. Quando isso acontece, ele é enfático ao dizer que seu nome se escreve com s. Isso é suficiente para fazer com que meu paranoico tenente comece a ver espiões por toda parte. Outra coisa engraçada é que o Zebatinsky russo saiu de cena há mais ou menos um ano.

– Executado! – disse o Dr. Kristow, impassível.

– Talvez. Naturalmente, eu faria a mesma afirmação, mas os russos não são mais tolos do que nós para saírem matando físicos nucleares à toa. Por que, no meio de tanta gente, iria desaparecer exatamente um físico nuclear? Não preciso lhe dizer.

– Uma pesquisa ultrassecreta que vazou. Acho que é nisso que você está pensando. Você acredita mesmo nessa hipótese?

– Coloque todas essas coisas juntas, acrescente a intuição do

tenente, e eu começo a ficar desconfiado.

– Deixe essa biografia comigo – o Dr. Kristow pegou a folha de papel e leu-a duas vezes. Balançou a cabeça e acrescentou: – Darei uma checada nos Arquivos Nucleares.

Os Arquivos Nucleares ocupavam uma parede do escritório do Dr. Kristow, guardados em caixas transparentes, cheias de microfilmes. O homem da Comissão de Energia Atômica colocou os índices no projetor e Brand os examinou com a paciência de quem está passando uma tropa em revista.

– Um Mikhail Zebatinsky assinou ou coassinou meia dúzia de artigos nos jornais soviéticos nos últimos anos – murmurou o Dr. Kristow. – Vamos dar uma olhada nos resumos, talvez possamos chegar a alguma conclusão a partir disso. Não duvido que encontremos alguma coisa.

Um seletor puxou os slides apropriados. O Dr. Kristow alinhouos, projetou-os, e, aos poucos, seu rosto foi tomado por uma expressão de curiosidade.

– Isso é estranho – disse ele.

– O que é estranho? – perguntou Brand.

O Dr. Kristow se sentou.

– Acho melhor não dizer nada por enquanto. Você pode me arranjar uma lista de outros físicos nucleares que saíram de circulação na Rússia, no ano passado?

– Você achou alguma coisa?

– Não é isso. Não haveria nada importante nesses artigos, se não olhasse para eles sabendo que o homem que o escreveu pode estar envolvido numa pesquisa ultrassecreta.

Acima de tudo, você está colocando minhocas em minha cabeça... – Ele deu de ombros. – Não é nada.

– Gostaria que você me dissesse o que tem em mente – disse Brand, num tom sério. – Estamos no mesmo barco.

– Já que você pensa assim... é bem possível que esse homem estivesse a ponto de descobrir os reflexos de raios gama.

– O que isso significa?

– Se um escudo protetor contra os raios gama pudesse ser inventado, seria possível construir abrigos individuais para nos

proteger da poeira nuclear. Uma bomba de hidrogênio pode destruir uma cidade, mas a poeira nuclear poderia dizimar uma população num raio de milhares e milhares de milhas.

Brand disse de pronto: – Estamos fazendo algum trabalho nessa área?

– Não.

– E se eles dominarem essa tecnologia antes de nós, poderão destruir os Estados Unidos totalmente, arrasando umas dez cidades, assim que concluírem o programa de abrigos.

– Isso ainda vai demorar muito. Mas por que estamos fazendo tanta onda? Tudo isso está baseado num homem que mudou uma letra do seu nome.

– Tudo bem, eu estou louco – disse Brand. – Mas não vou abandonar a luta nesse ponto. Não nesse ponto. Eu vou conseguir sua lista de físicos nucleares desaparecidos nem que tenha que ir a Moscou.

Ele conseguiu a lista. Estudaram todos os artigos escritos pelos russos desaparecidos. Convocaram todos os membros da Comissão, reunindo as maiores autoridades nucleares do país. O Dr. Kristow estava saindo de uma dessas reuniões noturnas, da qual até o presidente tinha participado.

Brand se encontrou com ele. Ambos pareciam arrasados, precisando de boas horas de sono.

– E aí? – perguntou Brand. Kristow balançou a cabeça.

– A maioria concorda. Alguns ainda estão em dúvida, mas a maioria concorda.

– E você? Está certo do que deve fazer?

– Nem um pouco, mas posso lhe explicar o que penso. Acho mais fácil acreditar que os soviéticos estão trabalhando no protetor de raios gama do que acreditar que todos os dados que descobrimos não têm a menor ligação.

– Já decidiram alguma coisa sobre a nossa necessidade de também começarmos a pesquisar esses escudos?

– Sim. – Kristow passou as costas da mão sobre os seus cabelos curtos e eriçados, provocando um som seco e sussurrante. – Vamos entrar com tudo nisso. Conhecendo os artigos dos homens

que desapareceram, podemos chegar juntinho dos seus calcanhares. Acho até que podemos ultrapassá-los. Mas é claro que eles vão descobrir que também estamos trabalhando nisso.

– Não se preocupe com eles – disse Brand. – Não se preocupe com eles. Isso evitará um ataque dos russos. Não vejo vantagem nenhuma em trocar dez das nossas cidades por dez das deles... se os dois lados estiverem protegidos, eles precisariam ser muito estúpidos para não perceber isso.

– Mas não queremos que eles descubram isso agora. E o americano Zebatinsky – Sebatinsky?

Brand assumiu um ar solene e acrescentou:

– Não há nada que possa comprometê-lo até agora. Diabo, nós estamos em cima dele, e eu concordo com você, é claro. Ele está num lugar muito perigoso para nós e não podemos nos dar o luxo de mantê-lo lá, mesmo que sua ficha esteja limpa.

– Nós não podemos chutá-lo, sem mais nem menos, pois isso chamará a atenção dos russos.

– Você tem alguma sugestão?

Eles estavam atravessando o longo corredor, em direção ao elevador, totalmente deserto a essa hora da madrugada.

– Dei uma olhada no seu escritório – disse o Dr. Kristow. – Ele é um bom homem, melhor do que a maioria, e não está satisfeito com o seu trabalho. Ele não tem espírito de equipe.

– E daí?

– Mas ele nasceu para fazer trabalhos acadêmicos. Poderíamos oferecer-lhe uma cadeira de física numa grande universidade. Acho que isso o deixaria feliz. Há muitas áreas de trabalho que não ameaçam a nossa segurança e, assim, poderemos mantê-lo ao mesmo tempo sob observação sem despertar a suspeita dos russos, pois pareceria uma promoção natural. O que você acha?

Brand concordou com a cabeça.

– Me parece uma boa ideia. Vou levá-la para o chefe.

Entraram no elevador e Brand se permitiu pensar a respeito de tudo o que estava acontecendo. Que final para uma história que tinha começado por causa da letra de um nome.

Marshall Sebatinsky mal podia falar.

– Juro que não sei como isso aconteceu – disse para sua esposa – sempre achei que eles não conseguiriam distinguir entre eu e um detector de mésons. Santo Deus, Sophie, Professor Associado de Física em Princeton. Pensa só.

– Você acha que isso foi por causa do seu discurso na reunião da APS? – perguntou Sophie.

– Não entendo como. Era um artigo sem a menor inspiração, uma vez que todo mundo na divisão conhecia o assunto de cor e salteado. – Ele estalou os dedos. – Devia ser Princeton que estava me investigando. Foi isso. Você se lembra de todos aqueles formulários que preenchi nesses últimos seis meses; aquelas entrevistas sem propósito.

Estava começando a pensar que estava sob suspeita de subversão. Isso era Princeton me investigando. São muito exigentes.

– Talvez tenha sido por causa da mudança do nome – disse Sophie.

– Veja o que estou dizendo. Finalmente, serei dono de minha vida profissional. Vou me destacar. Tão logo eu tenha uma chance de fazer meu trabalho sem... – Ele fez uma pausa e olhou para a mulher – meu nome! Você quer dizer o S?

– A proposta só lhe foi feita depois da mudança do nome, não foi?

– Não muito depois. Não, isso foi apenas coincidência. Eu lhe disse antes, Sophie, que só gastei aqueles cinquenta dólares para agradá-la. Deus, como tenho me sentido tolo nesses últimos seis meses, insistindo nesse estúpido S.

Imediatamente, Sophie se colocou na defensiva.

– Não o obriguei a fazer isso, Marshall. Eu sugeri, mas não o importunei. Não diga que eu fiz isso. Além do mais, a mudança só lhe fez bem. Tenho certeza de que o novo nome o ajudou.

Sebatinsky sorriu com indulgência.

– Isso não passa de superstição.

– Pouco me importa o que você acha, desde que não mude o nome de novo.

– Não, acho que não. Tive tanto trabalho para conseguir que

escrevessem meu nome com s que não penso nem em tentar fazer com que as pessoas mudem de novo. Talvez eu possa mudar meu nome para Jones, que tal? – Ele deu um riso quase histérico.

Mas Sophie não.

– Deixe como está.

– Tudo bem, estou apenas brincando. Qualquer dia desses passarei na loja daquele velho e direi para o numerologista que tudo funcionou e lhe darei mais dez dólares. Isso a deixará satisfeita?

Ele estava suficientemente empolgado para fazer isso na semana seguinte. Desta vez, não usou nenhum disfarce. Estava sem chapéu, com os óculos que usava e um casaco comum. Achava-se eufórico quando chegou na frente da loja e deu um passo para o lado para permitir que uma mulher cansada e mal-humorada passasse com o carrinho de bebê em que carregava seus filhos gêmeos. Colocou a mão na maçaneta da porta e o polegar no trinco de ferro. O trinco não cedeu à pressão do seu polegar. A porta estava trancada. O cartaz poeirento e sujo, com a inscrição "Numerologista", não estava mais lá, como só agora ele percebia. Outra placa, começando a amarelar e a empenar com a luz do sol, tinha a seguinte inscrição: "Aluga-se."

Sebatinsky deu de ombros. Assunto encerrado. Fez o melhor que pôde.

Haround, feliz por ter-se livrado da excrescência corporal, dava cambalhotas de felicidade, e seu turbilhão de energia irradiou uma lua púrpura pelas distâncias incomensuráveis do hiperespaço.

– Venci? – disse ele. – Venci?

Mestack se encolheu. Seu turbilhão de energia era quase como uma esfera de luz no infinito.

– Ainda não fiz as contas.

– Vá em frente. Nem com todo o tempo do mundo você conseguirá mudar o resultado. Caramba, é um alívio voltar a ser energia pura. Aquele corpo caquético me fez perder um microciclo de tempo. Mas a minha vitória compensou.

– Tudo bem – disse Mestack – admito que você interrompeu uma guerra nuclear no planeta.

– Isso é ou não é um efeito Classe A?

– Isso é um efeito Classe A. Claro que é.

– Tudo bem. Agora cheque e veja se não peguei esse efeito Classe A com um estímulo Classe F. Eu só mudei uma letra de um nome.

– O quê?

– Não se esqueça. Está tudo lá. Eu planejei para você.

– Desisto – disse Mestack, relutante. – Um estímulo Classe F.

– Então venci. Admita.

– Nenhum de nós vencerá, quando o Vigia der uma olhada nisso.

Haround, que tinha sido um velho numerologista na Terra e ainda estava um pouco inseguro com a sensação de alívio de não ser mais um ser humano, disse:

– Você não estava preocupado com isso quando fez a aposta.

– Não achava que você fosse tolo o suficiente para continuar com essa brincadeira.

– Pura perda de energia! Além disso, por que se preocupar? O Vigia nunca detectará um estímulo Classe F.

– Talvez não, mas ele detectará um efeito Classe A. Essas formas corporais ainda estarão lá daqui a dúzias de microciclos. O Vigia perceberá isso.

– O problema, Mestack, é que você não quer pagar a aposta. Você está tirando o corpo fora.

– Eu pagarei. Mas espere só o Vigia descobrir que nós estivemos trabalhando num problema não detectado e fazendo uma mudança proibida. Claro, se nós... – Ele fez uma pausa.

– Tudo bem, nós desfaremos a troca. Ele nunca perceberá. O brilhante modelo de energia de Mestack avivou-se velhacamente.

– Se você não quiser que ele perceba, precisará de outro estímulo Classe F.

Haround hesitou.

– Eu posso fazer isso.

– Duvido.

O GAROTINHO FEIO

Como sempre fazia antes de abrir a complexa fechadura da porta, Edith Fellowes ajeitou o uniforme e depois andou na direção da linha invisível que havia entre o é e o que não é. Trazia consigo seu bloco de anotações e sua caneta, apesar de há muito tempo só registrar em relatório as coisas que achava absolutamente necessárias.

Dessa vez ela também carregava uma mala. – Jogos para o garoto – disse, sorrindo, para o guarda, o qual já nem pensava mais em questioná-la, e acenou para que entrasse.

Como sempre, o garotinho feio sabia que ela estava entrando e correu na sua direção.

– Srta. Fellowes – gritou ele, com sua voz macia e incompreensível.

– Timmie – disse ela, passando a mão sobre os desgrenhados cabelos castanhos de sua cabeça deformada – alguma coisa errada?

– Jerry vai voltar novamente? – perguntou. – Desculpe por tudo o que aconteceu.

– Deixe isso pra lá, Timmie. Era por isso que você estava chorando?

Ele desviou o olhar.

– Não foi só isso, Srta. Fellowes. É que andei sonhando novamente.

– O mesmo sonho? – a Srta. Fellowes mordeu os lábios. É claro que o caso de Jerry traria o sonho de volta.

Ele concordou. Tentou sorrir, mostrando os dentes de sua boca proeminente. Quando serei grande o suficiente para ir lá fora, Srta. Fellowes?

-logo, logo – disse ela suavemente, sentindo seu coração se partir. -logo, logo.

A Srta. Fellowes deixou que a pegasse pela mão, sentindo

prazer com o calor que emanava da áspera palma da mão dele. Ele a puxou através das três salas que formavam o conjunto Seção Stasis 1 – muito confortável, é verdade, mas que nunca deixara de ser uma eterna prisão para o garotinho feio, durante todos os sete anos (foram sete anos mesmo?) de sua vida.

Ele a conduziu para a única janela da sala, de onde olharam para a raquítica floresta que fazia parte do mundo do é (agora escondido pela noite), onde uma cerca com instruções pintadas proibia os homens de andarem por ali sem permissão.

Ele pressionou o nariz contra a janela.

– Lá fora, Srta. Fellowes?

– Lugares melhores. Bem mais bonitos – disse ela tristemente, olhando para o rosto do seu pobre prisioneiro, de perfil contra a janela. A testa era chata e os cabelos caíam em tufos sobre ela. A parte de trás do seu crânio era saliente e parecia tornar a cabeça mais pesada ainda, como se inclinada para a frente, fazendo com que todo o seu corpo se curvasse. Apesar da idade, já tinha rugas encrespando a pele sobre seus olhos. Sua boca enorme era mais proeminente do que o seu nariz largo e achatado, e ele não tinha propriamente queixo, mas um osso maxilar que fazia uma pequena curva para baixo e para trás. Era pequeno para a idade que tinha, e suas pernas rechonchudas eram arqueadas.

Ele era um garotinho muito feio, mas Edith Fellowes o amava profundamente. Como o rosto dela estava fora do campo de visão de Timmie, ela permitiu que seus lábios tremessem um pouco.

Eles não iriam matá-lo. Ela faria qualquer coisa para impedi-los. Qualquer coisa. Abriu a mala e começou a tirar as roupas que havia dentro dela.

A primeira vez que Edith Fellowes atravessou a soleira da porta da Stasis tinha sido há pouco mais de três anos. Naquela época, não tinha a menor ideia do que significava Stasis ou do que se fazia naquele lugar. Ninguém sabia, a não ser as pessoas que trabalhavam lá. Na verdade, sua fama só começou a se espalhar pelo mundo apenas um dia depois da chegada da Srta. Fellowes.

Nessa ocasião, sabia-se apenas que tinham convocado uma mulher com conhecimento de psicologia, experiência em clínica

química, e que gostava de crianças.

Edith Fellowes tinha sido enfermeira numa maternidade e acreditava que preenchia esses requisitos.

Gerald Hoskins, cuja placa de identificação sobre a mesa tinha um PhD depois do nome, coçou a face com o polegar e olhou-a fixamente.

A Srta. Fellowes imediatamente se empertigou e sentiu seu rosto (com o nariz ligeiramente assimétrico e sobrancelhas muito carregadas) se contrair.

Ele não é nenhum galã, pensou ela, ressentida. Está ficando gordo, barrigudo, e tem uma boca mal-humorada. Mas o salário prometido era consideravelmente maior do que o de suas expectativas. Ela resolveu esperar.

– Você realmente ama as crianças? – disse Hoskins.

– Eu não diria que sim, se não amasse.

– Ou será que ama apenas as belas crianças? Adoráveis, rechonchudas, com um belo narizinho e maneiras encantadoras?

– Crianças são crianças – respondeu a Srta. Fellowes. – E as que não são bonitas são exatamente as que mais precisam de ajuda.

– Então acho que você está contratada...

– Quer dizer que eu devo assumir o trabalho agora?

Ele sorriu levemente. Por um instante seu rosto largo assumiu uma expressão charmosa.

– Tomo decisões rápidas – disse ele – até agora, no entanto, a proposta é para uma experiência. Posso voltar atrás com a mesma rapidez. Está pronta para aceitar o trabalho?

A Srta. Fellowes apertou sua bolsa e tentou avaliar rapidamente a situação, mas logo desistiu e resolveu seguir os seus impulsos.

– Está bem.

– Muito bem. Vamos inaugurar o Stasis esta noite. Acho que seria melhor que estivesse lá para assumir o seu emprego de uma vez. Isso será às oito horas, e eu gostaria muito que você pudesse chegar às sete e meia.

– Mas o que...

– Muito bem. Muito bem. Isso é tudo por enquanto – a um sinal,

uma secretária sorridente entrou para acompanhá-la até a saída.

Ao sair da sala, a Srta. Fellowes virou-se de costas e observou por um momento a porta fechada do Dr. Hoskins. O que era a Stasis? Esse grande galpão construído – com seus empregados de crachá, corredores improvisados, e uma inconfundível aparência de empresa de engenharia, o que isso tudo tinha a ver com crianças?

Ela se perguntou se devia voltar à noite ou ir embora e dar uma lição naquele homem arrogante. Mas desde então já sabia que estaria de volta, mesmo que fosse apenas para evitar um sentimento de frustração. Tinha que descobrir a respeito das crianças.

Ela voltou às 19:30 e não precisou anunciar a sua entrada. Todos pareciam saber quem ela era e qual a sua função. Enquanto entrava, tinha um pressentimento funesto.

O Dr. Hoskins estava lá, mas olhou-a com indiferença.

– Srta. Fellowes – murmurou.

Não se deu nem o trabalho de lhe oferecer uma cadeira, mas ela puxou uma e, calmamente, levou-a para perto do parapeito, onde se acomodou.

Eles estavam num balcão, olhando para um grande buraco lá embaixo, cheio de aparelhos, parecendo uma mistura de painel de controle de uma nave com um grande computador.

Num lado, estavam as divisões que pareciam reproduzir um apartamento sem teto, uma gigantesca casa de bonecas vista de cima.

Ela podia ver um fogão eletrônico e uma geladeira numa das salas e, ao lado, um banheiro. Certamente o objeto que vislumbrou numa terceira sala só podia ser parte de uma cama, uma pequena cama.

Hoskins estava falando com um outro homem, que, juntamente com a Srta. Fellowes, eram os únicos ocupantes do balcão. Hoskins não fez nenhuma menção de apresentá-los.

A Srta. Fellowes deu uma olhadela pelo canto do olho. Ele era magro e, para uma pessoa de meia-idade, era de boa aparência. Tinha um pequeno bigode e olhos perspicazes, que pareciam observar tudo ao seu redor.

Ele estava dizendo:

– Não vou nem fingir que entendo tudo o que está acontecendo aqui, Dr. Hoskins. Quero dizer, não entendo mais do que está ao alcance de um leigo razoavelmente inteligente. Ainda assim, a parte que menos entendo é a que se refere à seletividade. O senhor não pode alcançar além de uma certa distância; isso parece óbvio: quanto mais longe se vai, mais imprecisos são os resultados, e é necessário empregar mais energia. Mas por outro lado o Sr. também não pode alcançar aquém de um certo limite. Isso me parece contraditório.

– Posso tornar as coisas mais simples, Deveney, se você me permitir usar uma analogia.

Ao ouvir aquele nome, a Srta. Fellowes reconheceu imediatamente o homem e não pôde deixar de sentir-se impressionada. Aquele era sem dúvida Candide Deveney, o editor de ciência do Telenotícias, sempre presente às grandes descobertas científicas. Ela lembrou-se de ter visto aquele rosto na tela, quando foi noticiado o desembarque do homem em Marte. Era evidente que o Dr. Hoskins estava fazendo algo importante ali.

– Por favor – disse Deveney. – Dê um exemplo concreto, se acha que isso pode ajudar.

– Você não pode ler um livro comum se ele estiver a três metros de distância, mas pode lê-lo se o colocar a meio metro dos olhos. Portanto, quanto mais perto melhor.

Mas se você o trouxer a uma polegada dos olhos, já não pode ler novamente. Estar perto demais também pode atrapalhar.

– Hum-hum – fez Deveney.

– Veja outro exemplo. Seu ombro direito está a 30 polegadas do seu dedo indicador direito, mas você pode tocar o ombro com esse dedo. Seu cotovelo direito está situado a apenas metade dessa distância; mas você não pode tocá-lo com o indicador direito. Mais uma vez, estar perto demais pode ser um obstáculo.

– Posso usar esses exemplos em minha reportagem? – perguntou Deveney.

– Eu ficaria grato. Há muito tempo espero a oportunidade de dar matéria para reportagem a alguém como você. Dar-lhe-ei todos os

detalhes. Já está na hora do mundo inteiro olhar sobre o nosso ombro e ver o que estamos realizando.

A Srta. Fellowes se viu admirando sua convicção. Havia força nele.

– Quantos anos você pretende voltar atrás?

– Quarenta mil anos.

A Srta. Fellowes prendeu a respiração. Anos?

Havia expectativa no ar. Os homens que estavam no comando mal se mexiam. Um homem falou ao microfone com uma voz monótona, usando frases curtas que não faziam o menor sentido para ela.

Deveney se debruçou na grade do balcão, com os olhos arregalados.

– Podemos ver alguma coisa, Dr. Hoskins?

– O quê? Não. Não veremos nada antes de o trabalho ser concluído. Detectamos as coisas por um princípio como o radar, só que usamos o méson, em vez da radiação. Em condições adequadas, o méson alcança o passado. Alguns mésons são refletidos, e analisamos esses reflexos.

– Isso parece difícil.

Hoskins sorriu novamente, como sempre de maneira breve.

– Esse é o produto final de cinquenta anos de pesquisa, quarenta dos quais antes que eu me juntasse a ela. Sim, é muito difícil.

O homem ao microfone levantou a mão.

– Nós nos fixamos num trecho de tempo específico durante semanas, desmembrando-o e refazendo-o depois de calcular nosso próprio movimento no Tempo, certificando-nos de que poderíamos manipular o fluxo de tempo com precisão suficiente. Isso deve funcionar agora.

Mas sua testa reluzia de suor.

Quando Edith Fellowes deu por si, tinha saído da cadeira e se debruçado na grade do balcão, mas não havia nada para ver. O homem ao microfone disse baixinho:

– Agora.

Fez-se um breve silêncio, e então o som de um grito lancinante

e aterrorizado de criança ecoou pelas salas da casa de boneca. Terror. Terror total.

A Srta. Fellowes virou-se na direção do grito. A criança! Ela tinha esquecido. Hoskins esmurrou a grade e disse com uma voz firme, triunfante:

– Falei que ia dar certo.

A Srta. Fellowes foi empurrada para baixo da pequena escada em espiral, pressionada pela dura palma da mão de Hoskins entre seus ombros. Ele não lhe explicou nada.

Os homens que estavam no controle agora circulavam à vontade, sorrindo, fumando, observando os três quando entraram no salão principal. Um suave zumbido vinha da casa de boneca.

– Não há nenhum perigo em entrar em Stasis – disse Hoskins para Deveney. – Já fiz isso milhares de vezes. Dá uma sensação estranha, mas passa logo, não faz mal nenhum.

Ele atravessou uma porta aberta para demonstrar o que dizia, e Deveney, sorrindo sem graça e prendendo a respiração, acompanhou-o.

– Srta. Fellowes – disse Hoskins. – Por favor. – Ele fez um movimento impaciente com o dedo indicador, intimando-a.

Ela balançou a cabeça e, apesar da tensão, obedeceu-o.

Ao passar pela porta, sentiu como que uma onda atravessando seu corpo, uma cócega não localizada.

Mas, uma vez lá dentro, tudo lhe pareceu normal. Havia o cheiro da madeira fresca da casa de bonecas, e... de... de estrume.

Havia silêncio agora, ninguém falava, mas ouvia-se aquele arrastar seco de pés, e o barulho de uma mão arranhando a madeira... depois, um gemido baixinho.

– Onde é que ele está? – perguntou ela, aflita. – Esses imbecis não se preocupam com ele?

O menino estava no quarto de dormir; ou pelo menos, no quarto onde havia uma cama.

Estava nu, com seu pequeno peito sujo arfando ruidosamente. Tufos de mato sujo e áspero se espalhavam ao redor dos seus pés descalços. O cheiro de estrume vinha daí, junto com alguma coisa podre.

Hoskins acompanhou o seu olhar aterrorizado e disse, aborrecido:

– Não podemos arrastar um garoto sozinho, para fora de seu tempo. Por segurança, tivemos que trazer uma área mais larga ao seu redor. Ou você preferiria que ele tivesse chegado sem uma perna ou com somente metade da cabeça?

– Por favor! – disse a Srta. Fellowes, enjoada. – Nós vamos ficar aqui olhando? A pobre criança está aterrorizada. E também está imunda.

Ela tinha toda a razão. Além de estar com o corpo cheio de graxa e crostas de sujeira, sua coxa estava com uma ferida inflamada.

Quando Hoskins se aproximou dele, o menino, que parecia ter um pouco mais de três anos, curvou-se e deu um passo para trás. Arreganhou os dentes e chiou, como se fosse um gato. Com um gesto rápido, Hoskins prendeu seus braços e levantou-o, enquanto ele se debatia e gritava.

– Segure-o, agora! – disse a Srta. Fellowes. – Ele precisa de um banho morno, primeiro. Precisa ser lavado. Vocês têm o equipamento necessário? Então tragam-no aqui.

Tragam alguém para me ajudar a segurá-lo. Depois, pelo amor de Deus, tirem todo esse lixo daqui!

Sentia-se à vontade agora, dando as ordens, voltava a ser a enfermeira eficiente, não mais uma espectadora confusa. Olhou para a criança com um olho clínico... e hesitou, chocada. Por baixo de toda a sujeira, de toda a gritaria, de seus membros esperneando inutilmente, ela enxergou por fim o menino.

Era a criança mais feia que já tinha visto. Era um menino horroroso, da cabeça deformada às pernas tortas.

Ela conseguiu lavar o garoto com a ajuda de três homens, enquanto outros se esmeravam na limpeza do quarto. Trabalhou em silêncio, sentindo-se ultrajada, irritando-se com os gritos e esperneios do menino, e com os repingos daquela água imunda que a ensopavam.

O Dr. Hoskins tinha dado a entender que a criança não seria bonita, mas isso estava bem longe do fato de se tratar de uma

criança repulsivamente disforme. Sem falar no fedor que emanava do garoto, que nem água e sabão pareciam capazes de resolver. Ela teve uma vontade louca de jogar o garoto, ensaboado como estava, nos braços do Dr. Hoskins e ir embora; mas havia o seu orgulho profissional. Tinha aceito uma tarefa, afinal de contas. E havia aquela expressão nos olhos do Dr. Hoskins. Um olhar frio, que parecia estar dizendo: Somente crianças bonitas, Srta. Fellowes?

Ele estava observando calmamente num canto à parte, com um meio sorriso no rosto, quando flagrou seus olhos, como se estivesse se divertindo com a sua indignação. Ela decidiu esperar mais um pouco antes de pedir as contas. Isso só a rebaixaria mais ainda. Sentiu-se melhor ao ver o garoto razoavelmente limpo e cheirando a sabonete.

Seus gritos viraram soluços de cansaço. Seus olhos, medrosos e desconfiados, iam de um lado para outro da sala, observando todas as pessoas atentamente. Agora que estava limpo, a nudez acentuava ainda mais a magreza do corpo, que tiritava de frio depois do banho.

– Tragam um camisolão para a criança – disse a Srta. Fellowes, autoritária.

O camisolão apareceu na mesma hora. Era como se tudo já tivesse sido providenciado, esperando apenas as suas ordens para entrar em funcionamento. Era como se estivessem deixando as coisas sob sua inteira responsabilidade, com o intuito de testá-la.

Deveney se aproximou e disse:

– Vou segurá-lo para você, senhorita. Você não vai conseguir sozinha.

– Obrigada – disse ela.

De fato, foi uma batalha vesti-lo, mas o camisolão foi colocado, e quando o garoto esboçou um gesto de rasgá-lo ela bateu na sua mão.

O garoto corou, mas não chorou. Encarou-a, e os dedos largos de sua mão tatearam a flanela do camisolão, como se estivessem tentando entender o que era aquilo.

E agora?, pensou a Srta. Fellowes, angustiada.

Todos pareciam estar com as funções vitais suspensas,

esperando por ela... até mesmo o garotinho feio.

– Vocês têm comida? Leite? – disse a Srta. Fellowes, rispidamente.

Tinham. Trouxeram um carrinho com um compartimento refrigerado, contendo três litros de leite, um aquecedor e um suprimento de vitaminas em cápsulas, xarope de cobre cobalto-ferro e outras coisas que ela não reparou direito. Tinha várias latas com comida quente para criança.

Ela começou apenas com o leite, leite puro. O radar aqueceu o leite à temperatura preestabelecida em questão de segundos e desligou-se automaticamente. Ela colocou a bebida num pires, pois tinha certeza de que o garoto era um selvagem e não saberia como segurar um copo.

– Beba. Beba – ordenou a Srta. Fellowes.

Ela fez um gesto, como se estivesse levando o leite para a boca. Os olhos do garoto a acompanharam, mas ele não se mexeu.

De repente, ela decidiu recorrer a medidas mais drásticas. Agarrou os braços do garoto com uma das mãos e mergulhou a outra no leite. Passou o leite sobre os lábios dele. A bebida escorreu pelas bochechas e pelo queixo.

Durante um momento, a criança articulou um choro esganiçado, mas interrompeu-o quando sua língua passou pelos lábios molhados. A Srta. Fellowes deu um passo para trás.

O garoto se aproximou do pires, curvou-se e, depois, olhou atentamente para cima e para trás, como se esperasse um ataque do inimigo; curvou-se de novo e lambeu o leite avidamente, como um gato. Ele fez um barulho indescritível. Não usou as mãos para levantar o pires.

A Srta. Fellowes não conseguiu disfarçar o que sentia.

Talvez Deveney tenha percebido isso, pois perguntou:

– A enfermeira sabe, Dr. Hoskins?

– Sabe o quê? – interpelou a Srta. Fellowes. – Deveney hesitou, mas Hoskins, de novo com aquele olhar irônico, disse:

– Pode dizer. – Deveney se dirigiu à Srta. Fellowes.

– Pode não suspeitar, senhorita, mas é a primeira mulher-civilizada na História a cuidar de uma criança de Neanderthal.

Ela se virou para Hoskins, controlando sua fúria.

– Devia ter-me contado, doutor.

– Por quê? Faz alguma diferença?

– Você disse que era uma criança.

– E não é uma criança? Você já teve um cachorrinho ou um gatinho? Eles se parecem mais com a gente? E se fosse um chimpanzé, você estaria sentindo repulsa? Você é uma enfermeira, Srta. Fellowes. Diz o seu currículo que você trabalhou numa maternidade durante três anos. Já se recusou a cuidar de uma criança deformada?

A Srta. Fellowes sentiu que seu argumento fora derrotado. Disse, agora muito menos decidida.

– Devia ter-me avisado.

– Teria então recusado o cargo? Vai recusá-lo agora – Ele a encarou friamente, enquanto Deveney observava do outro lado da sala, e a criança de Neanderthal, que tinha acabado o leite e lambia o prato, olhou para ela com o rosto molhado e os olhos muito abertos e expectantes.

O garoto apontou para o leite e, de repente, explodiu numa série de sons curtos, repetidos indefinidamente; sons que queriam dizer alguma coisa, numa língua gutural e elaborada.

– Santo Deus, ele fala – disse a Srta. Fellowes, surpresa.

– É claro – disse Hoskins. – Homo neanderthalensis não é propriamente uma outra espécie, mas uma subespécie do Homo sapiens. Por que ele não deveria falar? Provavelmente ele está pedindo mais leite.

Automaticamente a Srta. Fellowes pegou a garrafa de leite, mas Hoskins segurou seu pulso.

– Agora, Srta. Fellowes, antes de continuarmos com isso, vai ficar ou não com o trabalho?

A Srta. Fellowes balançou a cabeça, irritada.

– Por quê? Não vai alimentá-lo, se eu for embora? Vou ficar com ele, sim... por enquanto.

Ela despejou o leite.

– Vamos deixar a senhorita com o garoto – disse Hoskins. – Essa é a única porta para Stasis 1 e ela é hermeticamente fechada

e vigiada. Gostaria que você aprendesse os segredos da fechadura que, é claro, será programada para aceitar suas impressões digitais, a exemplo do que acontece comigo. O espaço sobre sua cabeça – ele olhou para cima, na direção do buraco que havia no telhado da casa de boneca – também é vigiado e nós seremos avisados se houver algum problema.

– Quer dizer que estarei sendo vigiada? – disse a Srta. Fellowes, indignada. Subitamente, lembrou-se da ampla visão que tivera do interior da casa de bonecas, quando estava no balcão.

– Não, não – disse Hoskins, num tom de voz sério. – Sua privacidade será totalmente respeitada. A vigilância será apenas eletrônica, controlada pelo computador.

A senhorita ficará com ele essa noite, e, até segunda ordem, durante todas as noites. Terá os dias de folga, de acordo com a tabela que achar conveniente. Deixaremos isso a seu critério.

A Srta. Fellowes olhou ao redor da casa de boneca com um ar intrigado.

– Mas por que tudo isso, Dr. Hoskins? O garoto é perigoso?

– É uma questão de energia, Srta. Fellowes. Ele nunca deve sair dessas salas. Nunca. Nem por um instante. Por nenhuma razão. Nem para salvar a vida dele. Nem mesmo para salvar sua vida, Srta. Fellowes. Está claro?

A Srta. Fellowes levantou o queixo.

– Entendo as ordens, Dr. Hoskins, e uma enfermeira profissional está acostumada a colocar as responsabilidades acima da própria segurança pessoal.

– Bem, pode me chamar sempre que precisar de ajuda. Os dois homens saíram.

A Srta. Fellowes voltou-se para o menino. Ele a observava. Ainda havia leite no pires. Diligentemente, ela tentou mostrar-lhe como levar o pires até os lábios. Ele resistiu, mas deixou que lhe tocasse sem gritar.

Seus olhos assustados não paravam de segui-la, atento a qualquer movimento que ela fizesse. Ela se viu tentando acalmá-lo, passando as mãos vagarosamente sobre os seus cabelos, deixando que ele visse cada parte dos seus movimentos e se assegurasse de

que não havia perigo.

Por um instante conseguiu afagar-lhe os cabelos.

– Vou ter que lhe mostrar como se usa o banheiro – disse a Srta. Fellowes. – Você acha que pode aprender?

Ela falou baixinho, docemente, sabendo que ele não entenderia as palavras, mas com a esperança de que reagisse à suavidade de sua voz.

O garoto tentou articular uma nova frase na sua estranha língua.

– Posso segurar sua mão? – perguntou ela.

Ela estendeu-lhe as mãos e o garoto olhou para elas. A Srta. Fellowes esperou. As mãos do garoto se insinuaram na direção das suas.

– Isso... isso – disse ela.

Quando a mão do garoto estava bem próxima à dela, ele perdeu a coragem e puxou-a de volta.

– Tentaremos depois – disse ela calmamente. – Você gostaria de sentar aqui? acrescentou, apalpando o colchão da cama.

As horas se passaram vagarosamente e ela não fez muitos progressos. Não conseguiu nada com a cama ou com o banheiro. Na verdade, depois de a criança ter dado inconfundíveis sinais de sono, deitou-se no chão frio e, com um movimento rápido, rolou para debaixo da cama.

Ela se curvou para vê-lo. Os olhos dele brilharam para ela enquanto estalava a língua.

– Tudo bem – disse ela – se você se sente mais seguro assim, então fique aí.

Fechou a porta do quarto e se retirou para a cama que lhe tinha sido destinada no quarto maior. Por insistência sua, tinham improvisado um dossel sobre ela. Ela pensou: esses estúpidos vão ter que colocar um espelho nesse quarto, um gaveteiro maior e um banheiro separado, se esperam que eu passe as noites aqui.

Teve dificuldade para dormir. Viu-se preocupada com possíveis barulhos que pudessem vir do quarto ao lado. Em todo caso, ele não poderia fugir. As paredes eram lisas e muito altas, mas... e se o garoto pudesse escalá-las como um macaco? Bem, Hoskins disse

que havia dispositivos de segurança observando através do teto.

De repente, pensou: será que ele é perigoso? Agressivo?

Com certeza, Hoskins não deixaria que isso acontecesse. Com certeza, não a deixaria sozinha ali se...

Tentou sorrir para si mesma. Não passava de uma criança de três ou quatro anos. Ainda assim, não conseguira cortar-lhe as unhas. E se ele a atacasse com dentadas e unhadas enquanto dormia...

Sua respiração ficou agitada. Ah, que ridículo, e ao mesmo tempo... Ela ouvia atenta e aflita. Dessa vez reconheceu um som. O garoto estava chorando.

Não era um guincho de raiva ou de medo. Não era um berro ou um grito. Chorava mansamente, o choro era o soluço do coração partido de uma criança solitária, muito solitária.

Pela primeira vez, pensou com uma dor no fundo do peito: coitadinho! É claro, era uma criança. O que importava a forma de sua cabeça? Era uma criança que tinha sido afastada dos pais de uma maneira muito brutal, como jamais acontecera com outro garoto. Não tinha perdido apenas o pai e a mãe, mas toda a sua espécie. Arrancado brutalmente de seu tempo, agora era a única criatura do seu tipo no mundo. A última. A única.

A pena que sentia dele se tornou mais forte ainda, e com ela a vergonha pela sua própria insensibilidade. Ajeitando a camisola para ocultar as pernas, "que ridículo", pensou; "amanhã terei que conseguir um roupão de banho", saiu da cama e entrou no quarto do garoto.

– Garotinho – sussurrou. – Garotinho.

Estava a ponto de se meter embaixo da cama, mas, com medo de uma possível mordida, desistiu. Em vez disso acendeu a luz e afastou a cama. O pobrezinho estava encolhido num canto, com os joelhos encostados no queixo, olhando-a com olhos lacrimejantes e apreensivos.

Sob a luz tênue, ela não percebia sua feiura.

– Pobre garoto – disse ela. – Pobre garoto. – Ele se empertigou quando ela lhe acariciou os cabelos, mas depois relaxou. – Pobre garoto. Posso pegar em você?

Ela se sentou no chão a seu lado e, devagar e ritmadamente, acariciou seus cabelos, sua face, seus braços. Suavemente, começou a cantar uma música lenta e delicada.

Ele levantou sua cabeça para ela, e, como se estivesse procurando a origem daquele som, observou sua boca na escuridão.

Aproveitando a sua distração enquanto a ouvia, ela o trouxe mais para perto. Calmamente puxou sua cabeça da maneira mais delicada possível, encostando-a no seu ombro. Colocou o braço sob suas coxas e, com um movimento sutil e lento, levou-o para o colo. Ela continuou cantando o mesmo verso várias vezes, enquanto o balançava para a frente e para trás. Ele parou de chorar. Depois de um tempo sua respiração mostrou que estava dormindo.

Cuidadosamente empurrou a cama dele de volta para a parede e deitou-o. Cobriu-o e ficou contemplando. Seu rosto parecia tão tranquilo e indefeso enquanto dormia...

Não importava que fosse tão feio. Realmente.

Começou a sair na ponta dos pés, quando pensou: e se ele acordar?

Ela voltou, travando uma feroz batalha consigo mesma, suspirou e se deitou na cama com a criança.

A cama era pequena para ela. Sentia-se apertada e inquieta com a ausência do dossel, mas as mãos da criança estavam apertando as suas. De alguma forma acabou adormecendo naquela posição.

Acordou com um sobressalto e um desejo selvagem de gritar, mas conseguiu transformar esse último num simples murmúrio. O garoto estava olhando-a, os olhos arregalados.

Passou-se um longo momento até se lembrar que tinha deitado na cama dele. Agora, calmamente, sem tirar os olhos dele, esticou uma das pernas cuidadosamente e deixou-a tocar no chão; depois fez o mesmo com a outra.

Lançou um olhar rápido e apreensivo na direção do teto aberto, então espreguiçou-se rapidamente, relaxando os músculos.

Nesse momento os dedos curtos e grossos do garoto a alcançaram e tocaram nos seus lábios. Ele disse alguma coisa.

Ela se retraiu com o toque. O menino era terrivelmente feio à luz

do dia.

Ele falou novamente. Abriu a boca e fez um gesto com a mão, como se alguma coisa estivesse saindo dela.

A Srta. Fellowes adivinhou o que ele queria dizer e falou, hesitando:

– Você quer que eu cante?

O garoto não respondeu, mas continuou olhando para sua boca.

Com uma voz desafinada pela tensão, a Srta. Fellowes começou a pequena canção que tinha cantado na noite anterior e o garotinho feio sorriu. Balançou o corpo desajeitadamente, tentando acompanhar o ritmo da música, fazendo um pequeno barulho que poderia ter sido o começo de uma gargalhada.

A Srta. Fellowes suspirou. A música tem o dom de encantar até os corações selvagens. Isso poderia ajudar...

– Espere – disse ela. – Deixa eu me arrumar. Em um minuto estarei pronta. Depois farei o café para você.

Ela trabalhou rapidamente, consciente de que estava sendo observada o tempo todo. O garoto continuava na cama, observando-a quando estava à vista. Nessas horas, ela lhe sorria e acenava. No fim, ele acenou de volta, e ela se sentiu encantada com isso.

– Você quer mingau de aveia? – disse ela finalmente. Não demorou muito para prepará-lo e acenou para ele, chamando-o.

Não soube se ele tinha entendido o gesto ou se farejara o cheiro do mingau, mas o fato é que se levantou da cama.

Tentou mostrar como se usava uma colher, mas ele se afastou dela com medo. Temos tempo de sobra, pensou. Ela fez questão de insistir para que ele levantasse a tigela com as mãos. Ele fez isso desajeitadamente e sujou tudo a seu redor, mas conseguiu comer a maior parte do mingau.

Em seguida, tentou fazer com que ele bebesse leite num copo, e o garotinho choramingou quando viu que a abertura era muito pequena para enfiar o rosto dentro do recipiente. Ela segurou sua mão, ajustando-a em torno do copo e, fazendo com que o tocasse com a ponta dos dedos, forçou sua boca contra a borda.

Mais uma vez ele fez uma grande bagunça, mas acabou

bebendo quase tudo. E ela estava acostumada com bagunças.

O banheiro, para sua surpresa e alívio, foi uma experiência menos frustrante. Ele entendia o que ela esperava que fizesse. Ela se viu batendo carinhosamente na sua cabeça.

– Bom menino – disse ela – menino esperto.

Para o cúmulo de seu prazer, ele sorriu com isso. Ela pensou: quando ele sorri, é quase suportável. De verdade.

Mais tarde os homens da imprensa chegaram.

Ela colocou o garoto nos braços e ele a agarrou selvagemente, enquanto, do outro lado da porta aberta, os jornalistas começavam a trabalhar com suas câmaras. O tumulto assustou o garoto e ele começou a chorar, mas ainda se passaram dez minutos antes que a Srta. Fellowes fosse autorizada a sair e a colocar o garoto no quarto ao lado.

Ela voltou vermelha de raiva, saiu do apartamento, pela primeira vez, em 18 horas, e fechou a porta atrás de si.

– Acho que vocês exageraram. Vou precisar de um tempo até acalmá-lo. Vão embora.

– Certo, certo – disse o cavalheiro do Times Herald. – Mas ele é um Neanderthal de verdade ou é algum truque?

– Eu lhe asseguro – disse repentinamente a voz de Hoskins, vindo da escuridão, que isso não é uma brincadeira. A criança é um autêntico Homo neanderthalensis.

– É menino ou menina?

– Menino – disse a Srta. Fellowes, rapidamente.

– Um menino-macaco – disse o cavalheiro do News. – Foi isso que nós vimos aqui. Um menino-macaco. Como ele se comporta, enfermeira?

– Ele se comporta exatamente como um menino – rebateu irritada a Srta. Fellowes, defendendo-o. – E ele não é um menino-macaco. Seu nome é... é Timothy, Timmie... e ele tem um comportamento absolutamente normal.

Foi ao acaso que escolheu o nome Timothy. Foi o primeiro que lhe ocorreu.

– Timmie, o menino-macaco – disse o cavalheiro do News, e, como se viu mais tarde, Timmie, o menino-macaco, foi o nome com

que a criança se tornou mundialmente conhecida.

O cavalheiro do Globe virou-se para Hoskins e disse:

– Doutor, o que pretende fazer com o menino-macaco? – Hoskins deu de ombros.

– Meu plano original foi concluído quando consegui trazer o garoto para aqui. No entanto, imagino que os antropólogos e psicólogos ficarão muito interessados. Nós temos aqui, afinal de contas, uma criatura que deu origem à raça humana. Temos muito o que aprender sobre nós mesmos e nossos ancestrais, examinando-o.

– Quanto tempo pretende mantê-lo aqui?

– Até que precisemos mais deste espaço do que dele. Um bocado de tempo, talvez.

O cavalheiro do News disse:

– Pode trazê-lo para cá, a céu aberto, para colocarmos nossos equipamentos subetéricos e fazer um programa com ele?

– Desculpe, mas a criança não pode sair de Stasis.

– O que é Stasis exatamente?

– Ah – e Hoskins se permitiu um dos seus raros e breves sorrisos. – Isso levaria um bocado de tempo para ser explicado, cavalheiro. Em Stasis o Tempo não existe da maneira que estamos acostumados a conhecer. Estas salas estão dentro de uma bolha invisível, que não faz parte do nosso Universo propriamente dito. Foi por isso que a criança pôde ser arrancada do seu tempo dessa forma.

– Calma, espere aí – disse o cavalheiro do News, inquieto – o que quer dizer? A enfermeira entrou e saiu da sala sem que nada acontecesse.

– E qualquer um de vocês pode fazer o mesmo – disse Hoskins, em tom casual. – Você estaria se movendo numa linha paralela à força temporal, sem que houvesse perda ou ganho significativos de energia. A criança, no entanto, foi trazida de um passado muito distante, passou através dessas linhas e ganhou potencial temporal. Trazê-la para dentro do universo e do nosso próprio tempo absorveria energia suficiente para destruir todas as linhas do lugar, provavelmente acabaria com toda a força de uma cidade como

Washington. Tivemos que armazenar os entulhos que vieram com ele no local, e vamos removê-los aos poucos.

À medida que Hoskins falava, os jornalistas faziam anotações. Não entendiam nada e estavam certos de que seus leitores também não entenderiam, mas isso soava bastante científico, e era o que contava. O cavalheiro do Times Herald disse:

– O senhor estaria disponível para nos dar uma entrevista em cadeia nacional esta noite?

– Acho que sim – disse Hoskins sem pensar duas vezes, e todos eles foram embora.

A Srta. Fellowes acompanhou-os até a saída. Assim como os jornalistas, ela não tinha entendido quase nada sobre essas coisas de Stasis e força temporal, mas percebeu que a prisão de Timmie (ela se viu repentinamente pensando no garotinho como Timmie) era algo objetivo, e não uma imposição arbitrária do autoritário Dr. Hoskins. Aparentemente, seria de todo impossível deixá-lo sair de Stasis. Pobre criança. Pobre criança.

De repente, percebeu que o garoto estava chorando e correu para consolá-lo.

A Srta. Fellowes não pôde ver a entrevista coletiva do Dr. Hoskins. Apesar do programa ter sido transmitido para todos os lugares do mundo e até para o lado oculto da Lua, não chegou ao apartamento em que ela morava com o garotinho feio. Mas ele estava lá na manhã seguinte, radiante e jovial.

– Como foi a entrevista? – perguntou a Srta. Fellowes.

– Muito boa. E como está... Timmie?

A Srta. Fellowes se sentiu agradecida por ele chamá-lo por esse nome.

– Vai indo muito bem. Agora apareça aqui, Timmie, este senhor não vai machucá-lo.

Mas Timmie continuou na outra sala, com uma mecha do cabelo emaranhado, aparecendo atrás da divisória da porta e, uma vez ou outra, o canto de um olho.

– Na verdade – acrescentou a Srta. Fellowes – ele está se adaptando muito bem. Ele é bastante inteligente.

– Está surpresa?

Ela hesitou um pouco.

– Sim, estou – disse ela. – acho que cheguei a pensar que ele era um garoto-macaco.

– Bem, garoto-macaco ou não, ele fez um grande bem para nós. Ele projetou Stasis para o mundo. Nós estamos em evidência, Srta. Fellowes, ficamos famosos.

Era como se ele precisasse compartilhar seu triunfo com alguém, mesmo que fosse apenas com ela.

– Oh... – Ela o deixou falar.

Ele colocou as mãos nos bolsos e disse:

– Trabalhamos quase sem dinheiro durante dez anos, mendigando qualquer tipo de doação em todos os lugares. Tivemos que arriscar tudo num único golpe. Era tudo ou nada. E quando eu digo golpe é exatamente isso que estou querendo dizer. Essa tentativa de trazer o Neanderthal levou todos os centavos que pudemos pedir emprestado ou roubar, e uma parte dele foi roubado mesmo... fundos de outros projetos, usados para este, sem permissão. Se a experiência não tivesse sido bem-sucedida eu estaria perdido.

– É por isso que não tem teto? – perguntou a Srta. Fellowes, abruptamente.

– Hã? – Hoskins olhou para cima.

– Não havia dinheiro para o teto?

– Bem, não foi bem assim. Não sabíamos ao certo qual a idade exata do Neanderthal. Só podemos observar muito pouco através do Tempo, e podíamos pegar um espécime grande e selvagem. Havia a possibilidade de termos que lidar com ele a distância, como um animal engaiolado.

– Mas já que não foi um desses que trouxe, acho que agora vocês podem construir um teto.

– Agora sim. Agora temos dinheiro de sobra. Estão prometendo doação de todos os lugares. Isso tudo é maravilhoso, Srta. Fellowes – seu rosto largo resplandeceu com um sorriso demorado. Quando ele saiu, até suas costas pareciam estar sorrindo.

A Srta. Fellowes pensou: é um homem muito simpático quando abre a guarda e se esquece de ser científico. Num momento de

devaneio, ela se perguntou se ele seria casado... mas, embaraçada, espantou o pensamento.

– Timmie – chamou. – Venha cá, Timmie.

À medida que os meses passavam, a Srta. Fellowes começou a se sentir cada vez mais uma parte integrante de Stasis. Deram-lhe um pequeno escritório com seu nome na porta, bem perto da casa de bonecas, como ela continuava chamando a bolha de Stasis. Deram-lhe um aumento substancial. A casa de bonecas foi coberta com um teto; melhoraram a mobília, acrescentaram um segundo banheiro – e, mesmo assim, ela ganhou um apartamento somente para si no térreo do Instituto e, em certas ocasiões, não ficava com Timmie durante a noite. Um interfone foi instalado, ligando seu apartamento com a casa de boneca, e Timmie aprendeu a usá-lo.

A Srta. Fellowes se acostumou com Timmie. Até mesmo sua feiura parou de incomodá-la. Um dia se viu prestando atenção num simples garoto na rua, achando-o pouco atraente, com sua testa alta e seu queixo bem-desenhado. Teve que se dar um beliscão para quebrar o encanto.

As esporádicas visitas de Hoskins se tornavam cada vez mais agradáveis. Era óbvio que ele gostava de fugir de seus crescentes compromissos como Chefe de Stasis, e se apegava à criança que dera origem a tudo, mas a Srta. Fellowes tinha a impressão de que ele também gostava de conversar com ela. Ela também descobriu alguns fatos a respeito de Hoskins. Ele tinha inventado o método de analisar os reflexos dos feixes mesônicos de penetração do passado e o método para estabelecer Stasis; sua frieza era apenas um modo de disfarçar uma natureza gentil; e, ah, sim, ele era casado.

A única coisa a que a Srta. Fellowes não podia se adaptar era ao fato de estar engajada numa experiência científica. A despeito de tudo que pudesse fazer, via-se pessoalmente envolvida, chegando a ponto de brigar com os fisiologistas.

Numa ocasião, Hoskins desceu e a encontrou no meio de uma discussão, completamente fora de si. Eles não tinham o direito. Eles não tinham o direito... mesmo que ele fosse um Neanderthal, ele não era um animal.

Ela os fitava enfurecida, ouvindo os soluços de Timmie através da porta, quando viu Hoskins em pé a sua frente. Ele devia estar lá há alguns minutos.

– Posso entrar? – perguntou.

Ela anuiu com um gesto seco e depois correu na direção de Timmie, que se agarrou a ela, passando suas pequenas pernas tortas – Ainda magras, tão magras – em torno dela.

Hoskins observou os dois.

– Ele parece muito infeliz – disse gravemente.

– A culpa não é dele – respondeu a Srta. Fellowes. – Todos os dias, eles estão em cima do garoto, com suas amostras de sangue e suas sondas. Eles o submetem a dietas sintéticas que eu não daria nem para um porco.

– Esse é o tipo de coisa que eles não podem testar num humano, se é que me entende.

– Eles também não podem testar isso com Timmie. Dr. Hoskins, eu insisto. O senhor me disse que a chegada de Timmie foi responsável pela projeção de Stasis. O senhor devia ter um mínimo de gratidão por tudo o que ele fez e afastar esse pessoal do pobrezinho, no mínimo até que ele tenha idade suficiente para entender o que está se passando. Depois de uma dessas terríveis sessões, ele tem pesadelos, não consegue dormir direito. Eu estou avisando ao senhor. – Ela teve um súbito acesso de fúria. – Não vou deixar que eles entrem aqui nunca mais. – Percebeu que tinha gritado, mas agora não podia fazer mais nada.

Mais calma, ela acrescentou:

– Sei que ele é um Neanderthal, mas há muitas coisas que não estamos levando em conta sobre os Neanderthalenses. Li um bocado de coisas a respeito deles. Eles têm a sua própria cultura. Algumas das maiores invenções humanas foram deles. A domesticação dos animais, por exemplo; a roda; várias técnicas de polimento da pedra.

Eles tinham até aspirações religiosas; enterravam os mortos junto com seus bens, o que é uma prova de que acreditavam na vida depois da morte. A origem da religião pode estar aí. Isso não é suficiente para que Timmie tenha direito a um tratamento humano?

Ela deu uma palmadinha na bunda do menino e pediu para que fosse para o quarto de brinquedos. Quando a porta foi aberta, Hoskins pôde ver a arrumação dos brinquedos, e sorriu levemente, como costumava fazer.

– O pobre garoto merece esses brinquedos – disse ela, na defensiva. – Isso é tudo o que ele tem, e, depois de tudo o que passou, ele merece isso.

– Não, não. Sem objeção, eu lhe garanto. Só estava pensando na sua mudança desde que chegou aqui, morrendo de raiva por ter sido empurrada para um Neanderthal.

– Acho que não... esperava isso – disse ela, em voz baixa. Hoskins mudou o assunto.

– Na sua opinião, qual a idade dele, Srta. Fellowes?

– Não sei ao certo – disse ela, já que não sabemos como era o desenvolvimento dos Neanderthalenses. Pelo tamanho, ele parece ter apenas três anos, mas os Neanderthalenses normalmente são pequenos, e, com todas as mudanças por que tem passado, provavelmente parou de crescer. Mas, da maneira como ele está aprendendo a falar, eu diria que deve ter bem mais do que quatro anos.

– É verdade? Os relatórios não mencionam o fato de estar aprendendo a falar.

– Ele só fala comigo. Pelo menos por enquanto. Morre de medo dos outros, e não é para menos. Mas ele sabe pedir comida; ele pode indicar qualquer tipo de necessidade que tenha; entende quase tudo que eu digo. É claro – ela olhou-o astutamente, tentando ver se era a hora de tocar nesse assunto – que esse desenvolvimento não vai continuar.

– Por quê?

– As crianças precisam de estímulos e Timmie tem uma vida muito solitária, em confinamento. Faço o que posso, mas não estou com ele o tempo todo e não sou tudo de que ele necessita. O que eu quero dizer, Dr. Hoskins, é que ele precisa de outro garoto para brincarem juntos.

Hoskins aquiesceu lentamente.

– Infelizmente, ele é o único Neanderthal aqui, não é? Pobre

criança.

A Srta. Fellowes resolveu provocá-lo.

– Você gosta de Timmie, não? – Era tão bom ter alguém que pensasse dessa forma.

– Ah, é claro – disse Dr. Hoskins e, desarmado, deixou que ela percebesse o cansaço nos seus olhos.

De uma vez por todas, ela tirou da cabeça a ideia de convencê-lo.

– O senhor parece cansado, Dr. Hoskins – disse ela, realmente preocupada.

– Pareço, Srta. Fellowes? Terei que treinar para parecer mais disposto.

– Acho que Stasis é muito desgastante, isso está lhe deixando estafado.

Hoskins deu de ombros.

– Tem razão. Estamos fazendo pesquisas animais, vegetais e minerais. Mas acho que você nunca viu nossa exposição.

– Na verdade, não. Mas não é por falta de interesse. É que também tenho andado muito ocupada.

– Você não está tão ocupada nesse momento – disse ele, decidido.

– Virei buscá-la amanhã, às 11 horas, e a guiarei pessoalmente. Que tal?

Ela sorriu de alegria.

– Eu adoraria.

Ele balançou a cabeça, sorriu ao se virar, e saiu.

A Srta. Fellowes suspirou até o fim do dia. Realmente – pensar era ridículo, é claro... mas realmente era quase como... como um encontro amoroso.

O Dr. Hoskins foi absolutamente pontual no dia seguinte, e chegou sorridente e amável. Ela tinha trocado seu uniforme de enfermeira por um vestido. O corte era clássico, mas há anos que não se sentia tão feminina.

Ele elogiou sua aparência de uma maneira formal, e ela respondeu com uma graça igualmente formal. Era um prelúdio realmente perfeito, pensou ela, para logo em seguida se perguntar:

um prelúdio para quê?

Afastou esse pensamento, apressando-se para ir dar um tchau a Timmie e assegurar-lhe que logo estaria de volta. Certificou-se de que ele sabia o que comer no almoço e onde poderia encontrar a comida.

Hoskins levou-a para a nova ala, onde ela jamais tinha ido. Ainda dava para se sentir o cheiro de ambiente recém-instalado. O som de homens trabalhando, ouvido ao longe, era um sinal claro de que as obras de ampliação ainda não tinham sido concluídas.

– Animais, vegetais e minerais – disse Hoskins, no mesmo tom que tinha usado no dia anterior – os animais estão bem ali. É a nossa exposição mais interessante.

O espaço estava dividido em várias salas; cada uma era uma bolha Stasis separada. Hoskins a levou para uma das vidraças da bolha e ela olhou para dentro. À primeira vista, o que viu lhe pareceu uma galinha cheia de escamas e rabo. Equilibrando-se sobre duas pernas finas, o bicho corria de um lado para o outro, a cabeça como a de um pássaro, tendo no alto uma crista óssea, parecida com a de um galo. As pequenas patas da frente abriam-se e fechavam-se constantemente, balançando-se no ar.

– É o nosso dinossauro – disse Hoskins. – Já está aqui há meses. Não sei quando poderemos tirá-lo daqui. – Dinossauro?

– Você esperava um gigante? Ela deu um muchocho.

– É o que se espera. Mas sei que alguns deles são pequenos.

– Ele era tudo o que nós queríamos, pode acreditar. Normalmente ele fica sob observação, mas estamos no horário de visitas. Descobrimos algumas coisas interessantes.

Por exemplo, seu sangue não é completamente frio. Ele tem um método imperfeito de manter a temperatura interna mais alta do que a do ambiente. Infelizmente, é um macho. Desde que nós o trouxemos para cá, temos tentado capturar uma fêmea, mas ainda não tivemos sorte.

– Por que uma fêmea?

Ele a olhou com um ar zombeteiro.

– Para que tenhamos uma oportunidade de conseguir ovos férteis e bebês dinossauros.

– Ah, é claro.

Ele a levou para a seção dos crustáceos fossilizados.

– Aquele é o professor Dwayne, da Universidade de Washington – disse ele. – Ele é químico nuclear. Se não me falha a memória, ele está tentando calcular a taxa de isótopos no oxigênio da água.

– Para quê?

– É uma água primitiva, tem pelo menos meio bilhão de anos. A taxa de isótopos dá a temperatura do oceano naquela época. A sua especialidade não são propriamente os crustáceos fossilizados, mas outros cientistas estão empenhados em dissecá-los. Eles são sortudos porque só precisam de microscópios e bisturis. Cada vez que vai realizar uma experiência Dwayne precisa instalar um espectrógrafo de massa.

– Por quê? Ele não pode...

– Não, não pode. Ele não pode tirar nada da sala. Também havia amostras de plantas pré-históricas e pedaços de pedras em formação. Aqueles eram os vegetais e minerais. E todas as espécies tinham o seu pesquisador. Era como um museu; um museu vivo que servia como centro de pesquisas fervilhante de atividade.

– E o senhor tem que supervisionar tudo isso, Dr. Hoskins?

– Só indiretamente, Srta. Fellowes. Tenho subordinados, graças a Deus. Meus interesses são totalmente voltados para os aspectos teóricos dos problemas: a natureza do tempo, a técnica de detecção intertemporal mesônica, e por aí afora. Trocaria tudo isso por um método de detectar objetos com menos de 10 mil anos. Se pudéssemos captar tempos históricos...

Ele foi interrompido por uma discussão num estande mais afastado, onde uma voz fina se elevava queixosa. Ele franziu as sobrancelhas e, antes de se afastar correndo, murmurou:

– Com licença.

A Srta. Fellowes o seguiu da melhor maneira que pôde, no entanto, sem correr.

Um homem mais velho, com barba rala e rosto vermelho, estava dizendo:

– Estão faltando aspectos vitais para completar minha pesquisa. Será que você não entende isso?

Um técnico uniformizado, com o monograma SI (de Stasis Incorporação) na capa do laboratório, disse:

– Dr. Hoskins, o professor Ademewski sabia desde o começo que o espécimen só podia ficar aqui por duas semanas.

– Eu não sabia quanto tempo duraria minha pesquisa. Não sou profeta – disse ele, irritado.

– O senhor deve entender – disse o Dr. Hoskins – que nosso espaço é limitado. Temos que manter a rotatividade das espécies. Esse pedaço de calcopirita precisa voltar.

Há homens esperando pelo próximo espécime.

– Por que ele não pode ficar comigo, então? Deixe-me tirá-lo daqui.

– Você sabe que isso não é possível.

– Um pedaço de calcopirita, um miserável pedaço de cinco quilos? Por que não?

– Não podemos arcar com tanto gasto de energia – disse Hoskins, bruscamente. – Você sabe disso.

– O problema, Dr. Hoskins – interrompeu o técnico – é que ele tentou remover a pedra contra as regras, e quase furei a bolha enquanto ele estava lá, sem saber que ele estava.

Houve um curto silêncio o Dr. Hoskins se voltou friamente para o pesquisador.

– É verdade, professor?

O Professor Ademewski pigarreou.

– Não vi nenhum perigo nisso...

Ele pegou um puxador que estava dependurado ao alcance de suas mãos, do lado de fora da Sala do espécimen. Puxou-o.

A Srta. Fellowes, que acompanhava tudo com muito interesse, olhou a pedra totalmente comum que provocara a cena e prendeu a respiração, à medida que a pedra se desintegrava.

A sala estava vazia.

– Professor – disse Hoskins. – Sua permissão para pesquisar em Stasis será definitivamente cancelada. Sinto muito.

– Mas espere...

– Sinto muito. O senhor violou uma das regras mais importantes.

– Vou entrar com um recurso na Associação Internacional...

– Entre. Num caso como esse, você verá que não posso ser contestado.

Ele se virou deliberadamente, deixando o professor ainda reclamando, e disse para a Srta. Fellowes, com a face ainda branca de raiva:

– Gostaria de almoçar comigo?

Ele a levou para a pequena sala de cantina da gerência. Cumprimentou as pessoas e apresentou-as à Srta. Fellowes, com total desembaraço, apesar de ela própria se sentir muito constrangida. O que será que estão imaginando, pensou ela, e desesperadamente tentou manter uma aparência profissional.

– O senhor tem esse tipo de problema com muita frequência? – perguntou ela. – Quero dizer, como esse que o senhor acabou de ter com o professor? – Ela pegou o garfo e começou a comer.

– Não – disse Hoskins, enérgico. – Essa foi a primeira vez. É claro que sempre tenho que dissuadir os homens da ideia de retirar as espécies, mas essa foi a primeira vez que alguém tentou fazer isso literalmente.

– Lembro que uma vez o senhor falou na energia que isso gastaria.

– Isso mesmo. É claro que temos que levar isso em consideração. Há sempre a possibilidade de um acidente, e precisamos ter uma reserva especial de força, designada para suportar o gasto excessivo de uma remoção acidental do Stasis, mas isso não quer dizer que desejamos ver a provisão de energia de um ano desaparecer numa questão de segundos... o que acarretaria longos atrasos em nossos planos de expansão. Além disso, imagine se o professor estivesse na sala no momento em que Stasis estivesse para ser perfurada.

– Nesse caso, o que teria acontecido com ele?

– Já fizemos essas experiências com objetos inanimados e ratos; ambos desapareceram. Presumo que os ratos tenham voltado no Tempo, arrastados, por assim dizer, no vácuo dos objetos que

estavam sendo mandados de volta para o seu tempo natural. Por essa razão, temos que imobilizar os objetos que não queremos que saiam de Stasis, e isso é um procedimento complicado. O professor não teria sido imobilizado e teria voltado para o Plioceno no momento em que nós devolvêssemos a pedra... mais, é claro, as duas semanas que ela tinha passado no presente.

– Isso teria sido terrível.

– Não por conta do professor, eu lhe garanto. Se ele foi tolo o suficiente para fazer o que fez, merecia isso. Mas imagine o efeito que isso causaria na opinião pública se o fato viesse à tona. Tudo o que as pessoas precisariam era serem alertadas quanto ao perigo de nossas experiências e as doações desapareceriam assim.

Ele estalou os dedos e mexeu melancolicamente com a comida.

– O senhor não poderia trazê-lo de volta? – perguntou a Srta. Fellowes. – Não daria para fazer a mesma coisa que fez com a pedra?

– Não, porque uma vez que um objeto é retornado, o ponto original se perde, a menos que o tivéssemos registrado antecipadamente, e nesse caso, não haveria por que fazer isso. Nunca há. Encontrar o professor de novo implicaria em voltar a localizar um ponto específico. Isso seria como jogar uma linha dentro dos abismos do oceano com o propósito de pescar um certo peixe em particular. Meu Deus, quando penso nas precauções que tomamos para evitar acidentes fico maluco. Temos cada unidade individual de Stasis regulada com seu próprio dispositivo de perfuração. Temos que fazer isso, já que cada unidade tem um ponto próprio e precisa ser colapsada separadamente. A questão, no entanto, é que cada dispositivo de perfuração só é ativado no último minuto. É por isso que a atividade só é possível com o puxão de uma corda cuidadosamente colocada do lado de fora do Stasis. O puxão é um pesado movimento mecânico, que requer um grande esforço, nada que possa acontecer casualmente.

– Mas isso não... muda a História, tirar e recolocar alguma coisa do seu tempo natural?

Hoskins deu de ombros.

– Teoricamente, sim. Na prática, a não ser em casos raros, não.

Nós transportamos objetos fora da Stasis todo o tempo. Moléculas de ar. Bactérias. Poeira. Cerca de dez por cento de nosso consumo de energia é para suprir essas microperdas da natureza. Mas mesmo o transporte de objetos acarreta mudanças que são danosas. Pegue o exemplo da calcopirita do Pliocene. Por causa de sua ausência durante duas semanas, algum inseto não encontrou o abrigo que poderia estar precisando, e por isso morreu. Isso poderia iniciar uma grande série de mudanças, mas a matemática de Stasis calcula que isto é uma série convergente. A quantidade de mudanças diminui com o tempo e as coisas voltam a ser como antes.

– Isso quer dizer que a realidade se cura a si mesma?

– De uma certa maneira, sim. Tire um humano de seu tempo, depois mande-o de volta, e você estará abrindo uma grande ferida. Se for um indivíduo qualquer, essa ferida se cura sozinha. É claro que há muita gente nos escrevendo diariamente, pedindo para trazermos Abraham Lincoln para o presente, ou Maomé, ou Lênin. Isso não pode ser feito, é claro. Mesmo que nós os localizássemos, a mudança na realidade, ao se transportar alguém que modela a História, seria grande demais para cicatrizar. Há maneiras de se calcular quando uma mudança pode ser muito grande, e nós evitamos até mesmo nos aproximar desse limite.

– Quer dizer que Timmie...

– Não, ele não representa nenhum problema quanto a isso. A realidade está segura. Mas... – Ele deu uma olhada rápida e perspicaz para ela e continuou: – Mas deixe isso para lá. Ontem você disse que Timmie precisava de companhia.

– Sim – a Srta. Fellowes sorriu delicada. – Pensei que você não tivesse levado isso a sério.

– É claro que levei. Gosto da criança. Respeito seus sentimentos por ele e estava interessado o suficiente para explicar isso a você. Agora o fiz. Você viu o que nós fazemos. Agora você já compreendeu as dificuldades envolvidas, e deve saber que, mesmo com toda a boa vontade do mundo, não podemos arranjar uma companhia para Timmie.

– Não? – disse a Srta. Fellowes, sentindo-se subitamente

desanimada.

– Mas eu acabei de explicar. É impossível encontrar um outro Neanderthal de sua idade sem ser por mera sorte. Mesmo que pudéssemos, não seria justo multiplicar os riscos, colocando outro ser humano em Stasis.

A Srta. Fellowes largou a colher e disse energicamente.

– Mas, Dr. Hoskins, não é bem isso o que quero dizer. Não quero que o senhor traga outro Neanderthal para o presente. Sei que isso é impossível. Mas não é impossível trazer outra criança para brincar com Timmie.

Hoskins olhou-a com muito interesse.

– Uma criança humana!

– Outra criança – disse a Srta. Fellowes, agora completamente hostil. – Timmie é humano.

– Não poderia sonhar com uma coisa dessas.

– Por que não? Por que não poderia? O que há de errado com essa ideia? O senhor arrancou essa criança do seu tempo e a transformou num eterno prisioneiro. Não acha que lhe deve alguma coisa? Dr. Hoskins, se existe algum homem nesse mundo que poderia ser considerado o pai dessa criança, esse homem é o senhor. Por que não pode fazer esse pequeno favor para ele?

– Seu pai – disse Hoskins. Ele se levantou desajeitadamente. – Srta. Fellowes, se não se importa, terei que levá-la de volta agora.

Eles voltaram para a casa de boneca em completo silêncio, que não foi quebrado nenhuma vez.

Passou-se um longo tempo até que ela voltasse a ver Hoskins, a não ser de passagem. Algumas vezes ela se sentia chateada com isso, mas, nas vezes em que Timmie estava mais macambúzio do que o normal, ou quando ele passava horas em silêncio, na janela, sem perspectiva nenhuma, ela pensava furiosa: que homem mais estúpido.

O vocabulário de Timmie se tornava melhor e mais preciso a cada dia. Nunca perdera totalmente um certo sotaque ininteligível, que, para a Srta. Fellowes, soava encantador.

Quando estava muito excitado, ele voltava a estalar a língua, mas essas horas estavam se tornando cada vez mais raras. Ele

devia estar se esquecendo dos dias que antecederam sua chegada ao presente... a não ser em sonhos.

À medida que crescia, os fisiologistas se tornavam menos interessados, ao contrário dos psicólogos. A Srta. Fellowes não sabia qual era o grupo de que gostava menos. As agulhas, injeções, colheita de líquidos e dietas especiais acabaram.

Mas agora Timmie era incentivado a ultrapassar barreiras para conseguir comida e água. Tinha que levantar painéis, mover barras, puxar cordões. E os moderados choques elétricos faziam-no chorar, deixando a Srta. Fellowes transtornada.

Ela não queria apelar para Hoskins. Não queria ter que falar com ele. Cada vez que pensava nele lembrava-se de sua cara na mesa do almoço, da última vez em que se encontraram. Seus olhos se molhavam e ela pensava: que homem mais estúpido. Um estúpido.

Um dia, a voz de Hoskins soou inesperadamente dentro da casa de boneca, chamando-a.

Ela apareceu friamente, alisando seu uniforme de enfermeira, e parou, confusa, ao se ver na presença de uma mulher pálida, esbelta, e de altura mediana. Os cabelos louros e a pele clara davam-lhe uma aparência de fragilidade. Atrás dela, e segurando sua saia, havia um menino com olhos grandes e rosto redondo, aparentando uns quatro anos.

– Querida, essa é a Srta. Fellowes – disse Hoskins. – Ela é a enfermeira que cuida do garoto. Srta. Fellowes, esta é minha esposa.

Essa era sua esposa? Ela não era como imaginava. Mas por que não? Um homem como Hoskins escolheria uma pessoa frágil, para contrastar com ele. Se era isso o que ele queria... Ela tentou ser natural ao cumprimentá-la.

– Boa tarde, Sra. Hoskins. Esse é o seu... seu filho? – Isso foi uma surpresa. Ela tinha pensado em Hoskins como marido, mas não como pai, a não ser, é claro... subitamente cruzou com o olhar grave de Hoskins e corou.

– Sim, este é meu filho, o Jerry – disse Hoskins. – Dê um alô para a Srta. Fellowes, Jerry. – Estaria ele dando ênfase à palavra

"este"? Estava dizendo que este era seu filho, e não...

Ele se enfiou um pouco mais nas pregas da saia da mãe e resmungou seu alô. Os olhos da Sra. Hoskins estavam olhando curiosamente por sobre os ombros da Srta. Fellowes, investigando o quarto, procurando alguma coisa. – Vamos entrar – disse Hoskins. – Venha, querida. Você vai sentir um pequeno desconforto quando atravessar a porta, mas isso logo passará. – É para o Jerry entrar também? – perguntou a Srta. Fellowes.

– É claro. Ele veio brincar com Timmie. Você disse que Timmie precisava de um companheiro. Já esqueceu?

– Mas... – Ela olhou para ele totalmente surpresa, maravilhada – seu filho?

– Com que outro garoto, então? – disse ele, rabugento. – Não era isso que você queria? Vamos, querida. Vamos entrar.

A Sra. Hoskins colocou Jerry nos braços, com um esforço visível, e, hesitando, atravessou a porta. Jerry tremeu quando ela fez isso, deixando claro que não tinha gostado da sensação.

– Cadê a criatura? – perguntou a Sra. Hoskins, com uma voz fina. – Não a estou vendo.

– Timmie – chamou a Srta. Fellowes. – Venha cá.

Timmie sondou, na beirada da porta, encarando o garoto que o visitava. Os músculos do braço da Sra. Hoskins ficaram visivelmente tensos.

– Gerald, você tem certeza de que isso é seguro? – perguntou ela ao marido.

A Srta. Fellowes respondeu de pronto.

– Se a senhora quer saber se Timmie é perigoso, é claro que ele não é. Ele é um garoto muito bem educado.

– Mas ele é um sel... selvagem. O menino-macaco das histórias nos jornais!

– Ele não é um selvagem – disse a Srta. Fellowes energicamente. – Ele é tão tranquilo e racional quanto se poderia esperar de um garoto de cinco anos e meio. É muita generosidade de sua parte, Sra. Hoskins, permitir que seu filho brinque com Timmie, mas, por favor, não tenha medo.

– Não estou muito certa se devo concordar – rebateu a Sra.

Hoskins, meio esquentada.

– Nós já conversamos sobre isso, querida – disse Hoskins. – Não vamos discutir de novo sobre esse problema. Ponha Jerry no chão.

A Sra. Hoskins obedeceu. O garoto se encostou nela, olhando fixamente para o par de olhos que também o fitavam da porta que havia em frente.

– Venha cá, Timmie – disse a Srta. Fellowes. – Não tenha medo.

Lentamente, Timmie foi entrando na sala. Hoskins se abaixou para desgrudar os dedos de Jerry da saia da mãe.

– Recue um pouco, querida. Dê uma chance para as crianças. Os garotos se encararam. Apesar de mais jovem, Jerry era um pouco mais alto, e, em comparação com sua cabeça bem proporcionada e altiva, as deformidades de Timmie ficaram, de repente, quase tão pronunciadas quanto nos primeiros dias. Os lábios da Srta. Fellowes tremeram.

Foi o pequeno Neanderthal quem falou primeiro, com a voz esganiçada que caracterizava as crianças.

– Qual é o seu nome?

Repentinamente, Timmie projetou o rosto para a frente, como se estivesse inspecionando o rosto do outro. Assustado, Jerry respondeu com um vigoroso empurrão, que levou Timmie ao chão. Ambos começaram a chorar muito alto e a Sra. Hoskins colocou seu garoto no colo, enquanto a Srta. Fellowes, ruborizada de raiva, levantava Timmie e o consolava.

– Eles não se gostam. Instintivamente, eles não se gostam.

– Não mais instintivamente – disse-lhe o marido, esgotado – do que duas crianças que se estranham. Agora coloque Jerry no chão e deixe que ele se acostume à situação.

Na verdade, o melhor que temos a fazer é sair daqui. A Srta. Fellowes pode levar Jerry para meu escritório mais tarde. Eu o levarei para casa.

As duas crianças passaram uma hora trocando olhares desconfiados. Jerry gritou por sua mãe, fez malcriações com a Srta. Fellowes, e, finalmente, deixou-se ser consolado por um pirulito.

Timmie chupou um outro e, depois de uma hora, a Srta. Fellowes viu-os brincando com o mesmo jogo de blocos, ainda que em cantos separados do quarto. Ela se sentiu meio sentimental, tão agradecida que estava por Hoskins ter trazido Jerry para brincar com ele.

Procurou uma maneira de agradecer-lhe, mas sua formalidade foi um empecilho. Talvez ele não pudesse perdoá-la por fazê-lo se sentir como um pai cruel. Talvez o fato de trazer seu próprio filho fosse uma tentativa, no fim das contas, de mostrar a si mesmo que era um bom pai para Timmie, e, ao mesmo tempo, que não era seu pai.

Se fosse assim, tudo o que ela poderia dizer era: "Obrigada. Muito obrigada."

E tudo o que ele poderia dizer era: "Tudo bem. Não há de quê." Isso se tornou uma rotina. Duas vezes por semana Jerry era trazido para uma hora de brincadeira, que, mais tarde, foi estendida para duas horas. As crianças aprenderam seus respectivos nomes, hábitos, e brincavam juntas.

Mas, ainda assim, depois do primeiro ímpeto de gratidão, a Srta. Fellowes se viu rejeitando Jerry. Ele era maior e mais pesado e, em todas as coisas, um dominador, colocando Timmie num papel totalmente secundário. Mas tudo que a reconciliou com essa situação foi o fato de que, a despeito de todas as dificuldades, Timmie esperava cada vez mais feliz as periódicas aparições de seu companheiro. Era tudo o que ele tinha, lamentava-se ela.

E uma vez, enquanto os observava, pensou: os dois filhos de Hoskins... um com sua esposa, e outro com Stasis.

Enquanto ela mesma...

Céus, pensou, levantando as mãos para o alto e se sentindo envergonhada: estou com ciúmes!

– Srta. Fellowes – disse Timmie, cuidadosamente, ela nunca tinha deixado que ele a chamasse de outra forma, quando eu vou para a escola?

Ela olhou para baixo, na direção daqueles ansiosos olhos castanhos que a fitavam, e passou as mãos suavemente sobre seus cabelos grossos e encrespados. Essa era a parte mais desgrenhada de sua aparência, pois era ela quem os cortava, enquanto ele se

remexia inquieto a cada movimento da tesoura. Ela não recorria a um profissional, pois o corte absolutamente desajeitado servia para mascarar a retração da parte da frente da cabeça e as saliências da parte de trás.

– Onde você ouviu falar de escolas? – perguntou ela.

– Jerry vai para a escola. Jar–dim–de–in–fân–ci–a. – soletrou – Há muitos lugares onde ele vai. Lá fora. Quando poderei ir lá fora, Srta. Fellowes?

Uma pequena dor apertou o coração da Srta. Fellowes. Ela viu com clareza que não haveria uma maneira de controlar a inevitabilidade de Timmie ouvir mais e mais coisas a respeito do outro mundo, no qual jamais poderia entrar.

– Por quê? – perguntou, tentando parecer engraçada – o que é que você faria lá?

– Jerry diz que eles jogam e veem filmes. Ele diz que há um monte de crianças lá. Ele diz... ele diz... – Primeiro veio o pensamento, depois ergueu as pequenas mãos em triunfo, com os dedos grossos separados. – Ele diz isso tudo.

– Você gostaria de ver filmes? – disse a Srta. Fellowes. – Eu posso arrumar uns filmes. Uns filmes muito bons. E músicas também.

Isso consolou Timmie. Por algum tempo.

Ele via atentamente os filmes, na ausência de Jerry, e a Srta. Fellowes lia em voz alta livros comuns para ele.

Havia muito o que explicar, mesmo nas histórias mais simples, bastando que ela se referisse a qualquer coisa que não existisse nas suas três salas.

Timmie começou a sonhar com mais frequência, agora que o mundo exterior ia sendo apresentado a ele.

Os sonhos sobre o lado de fora eram sempre os mesmos. Ele tentava descrevê-los para a Srta. Fellowes, mas não tinha muito sucesso. Nos seus sonhos, ele estava lá fora, um lugar vazio mas muito grande, com crianças e objetos estranhos e indescritíveis, mal digeridos em seus pensamentos, a partir das descrições que ele não entendia muito bem dos livros ou retiradas do distante mundo Neanderthal, do qual não se lembrava com exatidão.

Mas as crianças e objetos o ignoravam. Apesar de ele estar no mundo, nunca participava dele, pois era tão sozinho quanto o era nas suas próprias salas... e acordava chorando.

A Srta. Fellowes tentava sorrir dos seus sonhos, mas havia noites em que ela, depois de ir para o seu apartamento, chorava também.

Um dia, à medida que a Srta. Fellowes lia, Timmie colocou a mão sob o queixo dela e levantou-o carinhosamente, de modo que os olhos dela saíssem do livro e se encontrassem com os seus.

– Como você sabe o que dizer, Srta. Fellowes?

– Você vê essas marcas? Elas me dizem o que dizer. Essas marcas são as palavras.

Ele tirou o livro das mãos dela e olhou as palavras com curiosidade, por longo tempo.

– Algumas dessas marcas são iguais.

Ela sorriu com prazer a essa mostra de sua perspicácia.

– Sim, são. Você gostaria que lhe mostrasse como fazer as marcas?

– Tudo bem. Seria um ótimo jogo.

Até agora não lhe ocorrera que pudesse aprender a ler. Até o momento em que ele leu um livro para ela, não lhe ocorrera que pudesse aprender a ler.

Então, algumas semanas depois, a enormidade do que tinha sido feito a chocou. Timmie sentou-se em seu colo e acompanhou, palavra por palavra, o que estava impresso num livro de criança, lendo para ela. Ele estava lendo para ela!

Surpresa, ela se esforçou para se levantar.

– Agora, Timmie – disse. – Voltarei mais tarde. Quero ver o Dr. Hoskins.

Excitada, quase num frenesi, parecia-lhe que podia ter uma resposta para a infelicidade de Timmie. Se ele não podia sair e participar do mundo, o mundo podia ser levado para dentro daquelas três salas de Timmie... o mundo todo em livros, filmes e sons. Ele devia ser educado de acordo com sua enorme capacidade. O mundo lhe devia muito.

Ela encontrou Hoskins num humor que era estranhamente

análogo ao seu, em estado de graça. Seu escritório estava incomumente lotado. Por um momento enquanto esperava confusa na antessala, pensou que não fosse recebê-la.

Mas ele a viu e um sorriso se expandiu por seu rosto largo.

– Srta. Fellowes, venha cá.

Ele falou rapidamente no interfone e em seguida desligou.

– Você ouviu? Não, é claro que não poderia ter ouvido. Nós fizemos. Fizemos de verdade. Conseguimos uma detecção intertemporal a curta distância.

– Quer dizer – ela tentou por um momento separar os pensamentos de suas próprias boas notícias – que pode trazer uma pessoa de uma época histórica para o presente.

– É exatamente isso o que quero dizer. Temos um fixador numa pessoa do século XIV, exatamente agora. Imagine. Imagine. Se você soubesse como ficarei feliz em sair da eterna concentração no Mesosóico, trocar os paleontólogos pelos historiadores... mas há alguma coisa que você quer me dizer, hein? Bem, vá em frente. Você me encontrou num momento de excelente humor. Terá tudo o que quiser.

A Srta. Fellowes sorriu.

– Estou feliz. Pergunto por que não estabelecer um sistema de instrução para Timmie?

– Instrução? Em quê?

– Em tudo, ora. Uma escola. Em tudo que ele pode aprender.

– Mas ele pode aprender?

– Ele já está aprendendo. Ele pode ler. Eu mesma já lhe ensinei muita coisa.

Hoskins se sentou, parecendo subitamente deprimido.

– Não sei, Srta. Fellowes.

– Você acabou de dizer que qualquer coisa que lhe pedisse...

– Eu sei, e me arrependo disso. Você sabe, Srta. Fellowes, tenho certeza que está a par de que não podemos manter a experiência de Timmie para sempre.

Ela o encarou subitamente horrorizada, sem entender exatamente o que ele tinha querido dizer. O que queria dizer com "não podemos manter"? com um agonizante relâmpago de

recordação, ela lembrou-se do professor Aderneski e do espécimen mineral mandado de volta depois de duas semanas.

– Mas você está falando a respeito de um garoto – disse. – Não de uma pedra...

– Mesmo a um garoto – disse ele, inquieto – não pode ser dada uma importância muito grande, Srta. Fellowes. Agora que esperamos indivíduos do tempo histórico, precisaremos de espaço em Stasis, precisaremos de todo espaço possível.

Ela não entendeu.

– Mas você não pode. Timmie... Timmie...

– Agora, Srta. Fellowes, por favor, não se desespere. Timmie não irá agora. Talvez isso demore meses. Enquanto isso, faremos tudo que estiver ao nosso alcance.

Ela ainda o estava encarando.

– Deixe-me fazer alguma coisa por você.

– Não – sussurrou ela. – Eu não preciso de nada. Ela se levantou como se estivesse num pesadelo e saiu. Timmie, pensou ela, você não morrerá. Você não morrerá.

Estava tudo muito bem, ficar pensando que Timmie não devia morrer, mas o que ela poderia fazer? Nas primeiras semanas, a Srta. Fellowes agarrou-se apenas à esperança de que a tentativa de trazer um homem do século XIV para o presente fracassasse completamente. A teoria de Hoskins poderia estar errada, ou a tentativa falhar. Então as coisas poderiam continuar como antes.

Certamente não era essa a esperança do resto do mundo e, irracionalmente, a Srta. Fellowes odiou o mundo por causa disso. O "Projeto Idade Média" atingiu um clímax de publicidade entusiasmada. A imprensa e a opinião pública ansiavam por alguma coisa desse tipo. Há muito tempo que Stasis não causava tanta sensação. Uma nova pedra ou um outro peixe préhistórico não era mais excitante. Mas um homem da Idade Média era.

Um homem histórico; um adulto falando uma língua conhecida; alguém que pudesse abrir uma nova página da História para o estudioso.

A hora H estava chegando, e dessa vez não era uma questão de três espectadores junto a um balcão. Dessa vez haveria uma

audiência mundial. Dessa vez os técnicos de Stasis desempenhariam seu papel para quase toda a humanidade.

A Srta. Fellowes era só ansiedade com a demora. Quando o jovem Jerry Hoskins apareceu para sua hora de brincadeiras com Timmie, ela mal o reconheceu. Não era ele que estava esperando. A secretária que o trazia saiu apressadamente, depois de um rápido aceno para a Srta. Fellowes. Ela estava correndo para pegar um bom lugar, para ver o clímax do Projeto Idade Média. E era isso que ela também deveria estar fazendo, embora suas razões fossem totalmente diferentes, pensou amargamente; se ao menos essa moça idiota chegasse logo!

Jerry aproximou-se silenciosamente dela, embaraçado. Ele pegou a reprodução de uma foto do bolso.

– Sim? O que é isso, Jerry?

– Isso não é um retrato de Timmie?

A Srta. Fellowes olhou para ele e arrancou o pedaço de jornal da mão de Jerry. A excitação do Projeto Idade Média reavivara o interesse da imprensa em Timmie.

Jerry olhou-a minuciosamente.

– Aqui diz que Timmie é um menino-macaco. O que quer dizer isso?

A Srta. Fellowes segurou os punhos do garoto e reprimiu o impulso de sacudi-lo.

– Nunca diga isso, Jerry. Nunca, está entendendo? Isso é uma palavra feia e você não deve usá-la.

Jerry livrou-se dela, assustado.

A Srta. Fellowes rasgou o pedaço de jornal com um violento movimento de mãos.

– Agora vá brincar com Timmie. Ele tem um novo livro e quer mostrá-lo a você.

Finalmente a moça chegou. A Srta. Fellowes não a conhecia. Nenhuma das habituais substitutas que utilizava quando tinha algum trabalho para fazer em algum outro lugar estava disponível nesse momento, por causa do clímax do Projeto Idade Média; mas a secretária de Hoskins tinha lhe prometido achar alguém, e essa devia ser a garota.

A Srta. Fellowes tentou disfarçar a irritação na sua voz.

– Você é a moça designada para a Seção Um da Stasis?

– Sim, eu sou Mandy Terris. Você é a senhorita Fellowes, não é?

– Isso mesmo.

– Desculpe o atraso. Há muita excitação.

– Eu sei. Agora quero que...

– Você vai assistir, eu presumo – seu rosto fino, de uma beleza inexpressiva, encheu-se de inveja.

– Deixe isso pra lá. Agora eu quero que você entre e conheça Timmie e Jerry. Eles brincarão nas próximas duas horas. Não lhe darão muito trabalho. Eles sabem onde pegar o leite e têm muitos brinquedos. Na verdade, o melhor será que os deixe sozinhos o maior tempo possível. Agora vou-lhe mostrar onde as coisas estão guardadas.

– Esse Timmie é o macaco...

– Timmie é um assunto Stasis – disse a Srta. Fellowes, energicamente.

– Ele é o tal que não tem permissão para sair, não é?

– Sim, agora entre. Estou em cima da hora.

Quando ela estava saindo, Mandy Terris gritou com uma voz aguda atrás dela.

– Espero que você consiga um bom lugar, e, se Deus quiser, tudo vai dar certo.

A Srta. Fellowes não acreditou que pudesse dar uma resposta racional. Saiu apressada, sem olhar para trás.

Mas o atraso não deixou que conseguisse um bom lugar. O máximo que conseguiu foi ver pelo telão da sala de reuniões. Se ela pudesse estar naquele lugar; se, de alguma forma, pudesse alcançar alguma parte sensível da aparelhagem; se tivesse condições de estragar a experiência...

Ela encontrou forças para controlar sua loucura. A destruição por si só não adiantaria muito. Eles consertariam, religariam e fariam tudo de novo. E ela nunca mais teria permissão de voltar para Timmie.

Nada ajudaria. Nada, a não ser que a experiência fracassasse

por si própria, que tivesse um defeito irrecuperável.

Ela acompanhou a contagem regressiva, seguindo cada movimento da tela gigantesca, examinando o rosto dos técnicos à medida que o foco passava de um para o outro, esperando pelo olhar de preocupação e incerteza que revelaria que alguma coisa estava dando errado; esperando, esperando...

Ela não teve sorte. A contagem chegou a zero e, muito calmamente, totalmente despretensiosa, a experiência foi bem-sucedida.

Na nova Stasis, que tinha sido instalada lá, estava um camponês, de idade indeterminada, barbudo, ombros curvados, com roupas sujas e esfarrapadas e tamancos, olhando completamente horrorizado para essa mudança repentina e louca que acabava de ocorrer.

E enquanto o mundo enlouquecia de felicidade, a Srta. Fellowes ficou paralisada de tristeza, levando encontrões e empurrões, quase esmagada, cercada por comemorações e derrotada por completo.

O alto-falante que a convocou, com uma força estridente, precisou chamá-la três vezes antes que respondesse.

– Srta. Fellowes. Srta. Fellowes. Está sendo procurada na Seção 1 de Stasis, imediatamente. Srta. Fellowes. Srta. Fel...

– Deixe-me passar – gritou ela sem fôlego, enquanto o altofalante continuava a repetir seu nome sem parar. Ela abriu caminho através da multidão com raiva, batendo nas pessoas, dando socos com os punhos fechados, andando na direção da porta como se estivesse num pesadelo.

Mandy Terris estava chorando.

– Não sei como isso aconteceu. Fui só até a pontinha do corredor dar uma olhada no vídeo de bolso que eles tinham colocado lá. Só por um minuto. E, antes que pudesse me mexer ou fazer alguma coisa... – Ela gritou, num tom subitamente acusador. – Você disse que eles não dariam trabalho. Você disse para deixá-los sozinhos...

A Srta. Fellowes, toda desgrenhada e tremendo incontrolavelmente, depositou-lhe um olhar brilhante.

– Onde está Timmie?

Jerry gemia. Uma enfermeira estava limpando o seu braço com um desinfetante e outra preparava-lhe uma vacina antitétano. Havia sangue nas roupas de Jerry.

– Ele me bateu, Srta. Fellowes – gritou Jerry, com raiva. – Ele me bateu.

Mas a Srta. Fellowes sequer chegou a olhá-lo.

Ela correu para a casa de bonecas. Atrapalhou-se com a porta do banheiro. Levou uma eternidade para conseguir abri-la e achar o menino assustado, num canto.

– Não me chicoteie, senhorita Fellowes – sussurrou. Seus olhos estavam vermelhos. Os lábios tremiam. – Não tive a intenção de fazer isso.

– Oh, Timmie, que história é essa de chicotear?!... – Ela puxou-o contra si e o abraçou desajeitadamente.

– Ela disse, com um longo chicote. Ela disse que você ia me bater e me bater.

– Você não vai apanhar. Ela disse isso porque é má. Mas o que aconteceu? O que aconteceu?

– Ele me chamou de menino-macaco. Ele disse que eu não era um garoto de verdade. Ele disse que eu era um animal. – Timmie desmanchou-se em lágrimas. – Ele disse que nunca mais ia brincar com um macaco. Eu disse que não sou um macaco, que não sou um macaco. Ele disse que eu era todo esquisito. Ele disse que eu era podre de feio. Ele não parou de dizer isso e mordi ele.

Agora os dois estavam chorando. A Srta. Fellowes soluçou:

– Mas isso não é verdade. Você sabe disso, Timmie. Sabe disso muito bem. Você é um garoto de verdade. Você é um garoto muito bonzinho, é o melhor garoto do mundo. E ninguém, ninguém jamais vai me separar de você.

Era fácil tomar uma decisão agora. Era fácil saber o que fazer. Apenas tinha que agir rapidamente. Hoskins não esperaria muito, com seu próprio filho machucado...

Não, isso teria que ser feito esta noite, esta noite, enquanto a maioria do pessoal dormia e o restante estava inebriado pelo sucesso do Projeto Idade Média.

Seria uma hora estranha para que ela retornasse, mas não

seria a primeira vez que entraria tão tarde. O guarda a conhecia bem e não sonharia em interrogá-la. Não achariam nada demais que estivesse carregando uma mala. Ela ensaiou a frase inexpressiva "Jogos para o garoto" e o calmo sorriso.

Por que ele não acreditaria nisso?

Ele acreditou. Quando ela entrou na casa de boneca novamente, Timmie ainda estava acordado. Ela tentou desesperadamente se manter normal para evitar assustá-lo.

Falou sobre seus sonhos com ele e ouviu-o perguntar melancolicamente por Jerry.

Poucas pessoas poderiam vê-la em seguida, ninguém perguntaria sobre o pacote que estaria carregando. Timmie estaria bem quieto e, então, seria um *fait accompli*.

Seria feito, não adiantaria tentar impedi-la. Eles tinham que deixá-la existir. Eles tinham que deixá-los existir. Ela abriu a mala, tirou o sobretudo, a capa de lã, com protetor de ouvido e o resto. Timmie se sentou, começando a ficar alarmado.

– Por que você está colocando essas roupas todas em mim, senhorita Fellowes?

– Estou indo levá-lo para o lado de fora – disse ela. – Para onde seus sonhos estão.

– Meus sonhos? – seu rosto contorceu-se de desejo, embora ainda estivesse com medo.

– Você não terá medo. Você estará comigo. Você não terá medo se estiver comigo, não é, Timmie?

– Não, senhorita Fellowes. – Ele enterrou a cabeça deformada ao lado dela, sob os seus braços. Ela podia sentir o pequeno coração acelerado.

Era meia-noite e ela o trouxe para os seus braços. Desconectou o alarme e abriu a porta silenciosamente.

E gritou, pois, encarando-a do outro lado da porta, estava Hoskins.

Havia dois homens ao seu lado e ele a observava, tão surpreso quanto ela.

A Srta. Fellowes se recuperou primeiro e fez uma rápida tentativa de empurrá-lo; mas, mesmo com a pequena desvantagem,

ele ainda teve tempo de agir. Pegou-a rispidamente e jogou-a contra uma cômoda. Acenou para que os homens entrassem e ficou à sua frente, bloqueando a porta.

– Não esperava por isso. Você está louca?

Ela virou os ombros de modo que eles, e não Timmie, batessem na cômoda. Disse, num tom de súplica:

– Que mal pode haver se eu levá-lo? Não pode colocar uma vida humana acima de uma mera perda de energia?

Com firmeza, ele arrancou Timmie dos braços dela.

– Uma perda de energia desse grau significaria milhões de dólares dos patrocinadores jogados fora. Seria um terrível retrocesso para Stasis. Isso seria uma péssima publicidade para nós. Imaginem, uma enfermeira destruindo tudo por causa de um menino-macaco.

– Menino-macaco? – disse a Srta. Fellowes, numa fúria incontida.

– É assim que os repórteres o tratariam – disse Hoskins. Um dos homens apareceu nesse momento com uma corda de nylon, e começou a encaixá-la em argolas situadas ao longo da parte superior da parede.

A Srta. Fellowes se lembrou da corda que havia do lado de fora da sala em que estava a pedra do professor Ademewski, que, depois que foi puxada por Hoskins, voltou para o passado.

– Não – gritou ela.

Mas Hoskins colocou Timmie no chão e tirou o seu sobretudo cuidadosamente.

– Você fica aqui, Timmie. Você irá lá para fora num momento. Tudo bem?

Timmie, pálido e mudo, concordou com um movimento de cabeça.

Ele a conduziu para o lado de fora da casa de bonecas, empurrando-a pelas costas. Naquele momento, não conseguiu opor nenhuma resistência. Entorpecida, ela percebeu o puxador sendo ajustado do lado de fora da casa de bonecas.

– Sinto muito, Srta. Fellowes – disse Hoskins. – Eu queria poupá-la desse sofrimento. Planejei agir durante a noite, para que

você só soubesse quando tudo estivesse acabado.

Ela sussurrou, exausta:

– Só porque seu filho se machucou. Só porque Timmie reagiu às provocações dele.

– Não foi por isso, pode acreditar. Sei que a culpa da briga de hoje foi de Jerry. Mas a história vazou. E não era para menos, com toda a imprensa nos rodeando no dia mais importante da história do laboratório. Não posso correr o risco de ver uma história distorcida nos jornais, desviando a atenção do Projeto Idade Média, com casos de negligência e como dizem por aí, selvagens de Neanderthal. De qualquer maneira, Timmie teria que partir mais cedo ou mais tarde.

– Não é como mandar uma pedra de volta. Você vai matar um ser humano.

– Não é bem isso. Ele não sofrerá nada. Ele simplesmente será um menino Neanderthal num mundo Neanderthal. Não será mais um prisioneiro alienígena. Será a sua oportunidade para viver livremente.

– Que oportunidade? Ele só tem sete anos e está acostumado a ser protegido, alimentado, vestido e abrigado. Lá estará sozinho. Sua tribo pode não estar mais no lugar em que foi capturado, agora que se passaram quatro anos. E mesmo que estivesse, ele não seria reconhecido.

Terá que cuidar de si mesmo. Como ele vai se virar?

Hoskins balançou a cabeça, desanimado.

– Por Deus, você acha que não pensamos nisso? Você acha que teríamos trazido a criança se não tivéssemos certeza de que poderíamos mandá-la de volta para seu tempo?

Só mantivemos Timmie esse tempo todo por causa de nossa relutância em mandá-lo de volta para o passado. Não podemos esperar mais. Timmie está atrapalhando nosso progresso. Timmie pode comprometer nossa reputação, num momento em que estamos no limiar de novas conquistas. Sinto muito, Srta. Fellowes, mas não podemos deixar que ele seja um obstáculo para nós. Não podemos. Não podemos. Sinto muito, Srta. Fellowes.

– Está bem – disse ela, tristemente. – Deixe-me despedir dele.

Dê-me cinco minutos para me despedir dele. Respeite ao menos esse direito.

– Vá em frente – disse Hoskins, hesitante.

Timmie correu para ela. Era a última vez que corria para ela, que, pela última vez, apertou-o em seus braços.

Por um momento, abraçou-o cegamente. Puxou uma cadeira com o dedão do pé, arrastou-a até a parede e se sentou.

– Não tenha medo, Timmie.

– Com você aqui, eu não tenho medo, Srta. Fellowes. O homem lá fora está zangado comigo?

– Não, ele não está. Ele apenas não nos entende. Timmie, você sabe o que é uma mãe?

– Como a mãe do Jerry?

– Ele falou a respeito de sua mãe?

– Algumas vezes. Acho que uma mãe deve ser uma dama, que cuida muito de nós, é legal e só faz coisas boas.

– É isso mesmo. Você quer uma mãe, Timmie?

Timmie afastou a cabeça dela para poder olhar seu rosto. Carinhosamente, colocou as mãos nas faces e nos cabelos da Srta. Fellowes e afagou-os como há muito, muito tempo, ela o acariciava.

– Você não é minha mãe? – disse ele.

– Oh, Timmie.

– Você está zangada porque perguntei?

– Não, claro que não.

– Por que eu sei que o seu nome é Srta. Fellowes, mas... às vezes penso em você como minha mãe. Tem problema?

– Não, não tem. Não vou me separar de você e não deixarei que nada lhe aconteça. Vou cuidar de você para sempre. Me chame de "mamãe", para que possa ouvi-lo.

– Mamãe – disse Timmie, com alegria, encostando seu rosto no dela. Ela levantou e, ainda segurando-o, subiu na cadeira. O grito súbito que começou a ecoar lá fora passou despercebido e, com a mão livre, jogou todo o seu peso sobre a corda suspensa pelas duas argolas.

E Stasis foi perfurado, deixando a sala vazia.

A BOLA DE BILHAR

James Priss – acho que deveria chamá-lo de Professor James Priss, embora tenha certeza de que, mesmo sem o título, todos saibam de quem estou falando – sempre falava lentamente.

Eu sei. Já o entrevistei várias vezes. Ele era a pessoa mais brilhante que tinha aparecido depois de Einstein, mas sua mente funcionava muito devagar. Ele próprio admitia sua lentidão. Talvez fosse assim justamente porque era tão brilhante.

Ele dizia uma coisa meio distraído, depois pensava um pouco, para, então, dizer uma coisa a mais. Mesmo quando falava das coisas mais triviais, sua mente magnífica parecia vaguear, lembrando um detalhe aqui e outro acolá.

O sol nasceria amanhã, posso imaginá-lo se perguntando. O que queremos dizer com a palavra nascer! Como podemos ter certeza de que haverá amanhã? A palavra sol nesse sentido não é meio ambígua?

Junte-se a essa maneira de falar um semblante gentil, um tanto pálido, e um rosto que, se não fosse pelo seu ar de dúvida seria totalmente inexpressivo; cabelos grisalhos, um tanto ralos, sempre penteados; paletós com um corte invariavelmente clássico, e, pronto, você tem o Professor James Priss... uma pessoa retraída, um tanto tímida, sem o menor magnetismo.

É por isto que ninguém no mundo, a não ser eu, poderia suspeitar de que ele fosse um assassino. E mesmo eu não tenho tanta certeza. Afinal de contas, ele era lerdo; sempre era lerdo. Seria possível que, num momento crucial, conseguisse pensar rápido e agir de vez?

Isso não importa. Mesmo que tenha cometido um assassinato, conseguiu se safar muito bem. Agora é muito tarde para resolver o assunto, e eu não conseguiria incriminá-lo, mesmo que permita que este texto seja publicado.

Edward Bloom foi colega de Priss na Faculdade. Por causa das

circunstâncias, sempre se associou a imagem de um à do outro. Tinham a mesma idade e a mesma propensão para a vida universitária, mas eram diferentes em todo o resto.

Bloom tinha uma personalidade ativa e luminosa; era vistoso, alto, largo, espalhafatoso, impetuoso e autoconfiante. Sua mente era rápida e surpreendente, parecia um meteoro mergulhando sobre o essencial. Ao contrário de Priss, ele não era um teórico; Bloom não tinha nem paciência nem capacidade para se concentrar profundamente sobre um assunto abstrato, por mais simples que fosse. Ele admitia isso. Gabava-se disso.

Tinha uma fantástica capacidade de ver a aplicação de uma teoria, descobrindo rapidamente uma maneira em que ela poderia ser colocada em prática. Não tinha a menor dificuldade para visualizar, num frio bloco de mármore de estrutura abstrata, o complexo projeto de um invento maravilhoso. A um toque seu o bloco se desmancharia e apareceria um aparelho novo.

Não há nenhum exagero em dizer que tudo em que pôs as mãos funcionou, foi patenteado e deu muitos lucros. Quando chegou aos 45 anos, era um dos homens mais ricos da Terra.

E se havia alguma coisa à qual Bloom, o técnico, se adaptava perfeitamente, era à maneira de pensar de Priss, o teórico. As melhores invenções de Bloom se originaram dos melhores pensamentos de Priss. À medida que Bloom se tornava mais rico e mais famoso, Priss era cada vez mais respeitado no meio acadêmico.

Naturalmente havia a expectativa de que, quando concluísse a sua Teoria dos Dois Campos, Bloom começasse imediatamente a construir o primeiro instrumento antigravidade.

Meu trabalho era mostrar o lado humano da Teoria dos Dois Campos para os assinantes do Tele-New Press, o que só se consegue colocando uma pessoa para falar, em vez de apresentar ideias abstratas.

Como o meu entrevistado era o professor Priss, isso não foi fácil.

Naturalmente iria perguntar-lhe a respeito das possibilidades da antigravidade, o que interessava a todo mundo, e não a respeito da

Teoria dos Dois Campos, o que ninguém iria entender.

– Antigravidade? – Priss apertou os lábios esbranquiçados e começou a pensar. – Não tenho muita certeza de que isso seja possível, ou se algum dia virá a sê-lo. Eu ainda... ah... ainda não cheguei a nenhuma conclusão a esse respeito. Não sei se as equações dos Dois Campos terão a solução definitiva, que, é claro, elas terão que ter se... – Então se perdeu num novo devaneio.

Eu o provoquei.

– Bloom diz que pode construir um instrumento desses.

Priss anuiu.

– Sim, está bem, mas eu duvido. Até agora Ed Bloom teve o dom de inventar coisas tidas como impossíveis. Sua mente é fantástica. Foi por isso que ficou tão rico.

Estávamos no apartamento de Priss. O típico apartamento de classe média. Não pude disfarçar uma olhada aqui e outra acolá. Priss não era rico.

Não acho que ele tenha lido os meus pensamentos. É mais provável que tenha percebido minha curiosidade. Acho que ele estava pensando na mesma coisa.

– Um verdadeiro cientista não tem ambições materiais – disse ele.

Ele tinha as suas razões, pensei. A meu modo, ele teve suas recompensas. Ele foi a terceira pessoa na História a ganhar dois prêmios Nobel e o primeiro a merecer os dois tão somente por causa do seu trabalho científico, e sem dividi-los com ninguém. Ninguém pode se queixar de uma conquista dessas. E se ele não era rico, também não chegava a ser pobre.

Mas ele não parecia um homem muito feliz. Sua irritação talvez não se devesse apenas ao fato de Bloom ter enriquecido sozinho; talvez o que o incomodasse fosse a popularidade de Bloom entre as pessoas; talvez o seu aborrecimento tivesse a ver com o fato de Bloom ser uma estrela, em qualquer lugar em que aparecesse, enquanto Priss só era reconhecido nas convenções científicas e nas associações universitárias, passando completamente anônimo em qualquer outro lugar.

Não sei dizer se deixei essas reflexões transparecerem nos

meus olhos ou na maneira com que enruguei a testa, mas Priss continuou.

– Mas você sabe que somos amigos. Jogamos bilhar uma ou duas vezes por semana. Eu sempre ganho dele.

Nunca publiquei essa declaração. Chequei-a com Bloom, que fez uma longa réplica, começando: "Eu sou freguês dele no bilhar? Aquele imbecil!" A partir daí, ele entrou num campo totalmente pessoal. Para dizer a verdade, nenhum dos dois era leigo no bilhar. Depois disso, uma vez fui assistir a uma partida dos dois e vi que ambos tinham uma grande habilidade com o taco. Mais do que isso, os dois jogavam para valer, como se fossem dois inimigos se enfrentando.

– O sr. se incomodaria de fazer uma previsão a respeito das possibilidades de Bloom conseguir construir um aparelho antigravidade?

– Você quer saber se eu daria alguma garantia? Hum... Deixe-me pensar um pouco, meu jovem. O que é mesmo que entendemos por antigravidade? Nossa concepção de gravidade está calcada na Teoria Geral da Relatividade, de Einstein, que já existe há um século e meio, mas que, dentro dos seus limites, continua válida. Nós podemos descrever isso...

Ouvi-o com o máximo de atenção. Já conhecia as opiniões de Priss sobre esse assunto, mas, se queria tirar alguma coisa dele – o que era muito difícil – precisava deixá-lo falar totalmente à vontade, do único jeito que sabia.

– Nós podemos descrever isso – disse ele – imaginando o Universo como uma superfície de borracha impenetrável, superflexível, fina e plana. Se imaginamos a massa associada a algum tipo de volume, assim como é na superfície da Terra, então esperamos que a massa, descansando sobre a superfície de borracha, faça algumas cavidades no Universo. Quanto maior a massa, mais profunda a cavidade.

– No Universo atual – prosseguiu ele – existe todo o tipo de massa, e, assim, supõe-se que nossa superfície de borracha deva estar repleta de cavidades. Qualquer objeto que deslize ao longo dessa superfície, é sugado e expelido ao passar por essas

cavidades,rodopiando e mudando de direção, durante a sua trajetória. É esse giro e essa mudança de direção que interpretamos como a demonstração da existência de uma força de gravidade. Se esse objeto móvel se aproxima do centro da cavidade e se desloca lentamente, ele é atraído e dá voltas e mais voltas dentro da cavidade. Na ausência de fricção, ele mantém aquela rotação para sempre. Em outras palavras, o que Newton interpretou como força, Einstein interpretou como distorção geométrica.

Nessa altura, ele fez uma pausa. Estava falando com muita fluência – para ele, já que abordava um tema com o qual estava muito acostumado. Mas logo voltou a falar com seu estilo inconfundível.

– Se tentarmos produzir antigravidade – disse ele, estaremos tentando alterar a geometria do Universo. Se insistirmos com nossa metáfora, estaremos tentando nivelar as cavidades que se formam sobre a superfície de borracha. Era como se pudéssemos nos imaginar entrando embaixo das cavidades da massa, levantando-a e amparando-a de modo a impedir a formação das cavidades. Se fizermos com que a superfície de borracha fique lisa dessa maneira, então criaremos um Universo – ou pelo menos um pedaço do Universo – no qual não existe gravidade. Um corpo em movimento passaria pela massa sem nenhuma alteração na sua trajetória, e poderíamos interpretar isso como o sinal de que a massa não estava desprendendo força gravitacional.

Para concluir essa façanha, precisamos de uma massa equivalente à massa da cavidade. Para produzir antigravidade na Terra desse jeito teríamos que garantir uma massa correspondente à da Terra e equilibrá-la sobre nossas cabeças, por assim dizer.

Eu o interrompi.

– Mas sua Teoria dos Dois Campos...

– Isso mesmo. A Relatividade Geral não consegue explicar o campo gravitacional e o campo eletromagnético num único sistema de equações. Einstein passou metade de sua vida pesquisando essa fórmula isolada – para a Teoria do Campo Unificado – e fracassou. Todos os seguidores de Einstein também fracassaram. Eu, entretanto, parti da premissa de que havia dois campos que não

podiam ser unificados e desenvolvi minha tese, que só posso explicar em parte, baseado na metáfora da "superfície de borracha".

Tínhamos chegado a um assunto que me pareceu ser completamente novo.

– Como isso funciona? – perguntei.

– Suponhamos que, em vez de tentar erguer a massa que produz a cavidade, tentássemos nivelar a própria superfície, tornando-a menos acidentada. Ela iria se contrair, pelo menos sobre uma pequena área, e se tornar mais plana. A gravidade diminuiria juntamente com a massa, já que, quando se fala das cavidades do Universo, as duas fazem parte do mesmo fenômeno. Se pudéssemos fazer a superfície do Universo completamente plana, tanto a gravidade quanto a massa desapareceriam na mesma hora.

– Em condições adequadas, o campo eletromagnético poderia ser colocado em posição ao campo gravitacional e servir para aplainar as cavidades formadas pelo Universo.

O campo eletromagnético é muito mais forte do que o campo gravitacional, e poderia ser programado para contrabalançar um aspecto dele.

Eu estava cheio de dúvidas.

– Mas o senhor disse "em condições adequadas". Essas condições adequadas de que o senhor fala podem ser alcançadas, professor?

– É isso que não sei – disse Priss, no seu jeito lento e pensativo – se o Universo realmente for uma superfície de borracha, seu enrijecimento teria que alcançar um valor infinito, antes que se pudesse esperar que ficasse totalmente plano sob uma cavidade de massa. Se isso também acontece no Universo real, então seria necessário um campo eletromagnético infinitamente intenso e isso significaria que a antigravidade não seria possível.

– Mas Bloom diz que...

– Sim, imagino que Bloom pense que, empregado corretamente, um campo finito seja suficiente. Ainda assim, por mais engenhoso que seja – e Priss deu um leve sorriso – não precisamos considerá-lo infalível. Sua formação teórica é bastante limitada. Ele... nem chegou a se graduar, você sabia?

Estava prestes a dizer que sim. Afinal de contas, todo mundo sabia disso. Mas havia uma ponta de ansiedade na voz de Priss. Levantei meus olhos a tempo de flagrar um lampejo de felicidade nos seus olhos, como se sentisse um enorme prazer em espalhar essa fofoca. Então, fiz um movimento com a cabeça, como se estivesse arquivando-a para usá-la no futuro.

– Então, o senhor diria, professor Priss – provoquei-o de novo, que é provável que Bloom esteja errado e que a antigravidade seja impossível?

Depois de algum tempo ele concordou com a cabeça.

– É claro que o campo gravitacional pode ser enfraquecido – disse ele. – Mas se entendermos a antigravidade como um campo de gravidade zero... nenhuma gravidade num volume de espaço significativo... nesse caso, desconfio que a antigravidade talvez se torne impossível, a despeito de Bloom.

Num certo sentido, era isso o que queria ouvir.

Passei quase três meses sem conseguir ver Bloom. Quando o encontrei, ele estava extremamente irritado.

Sua irritação começara, é claro, logo depois que os jornais publicaram as declarações de Priss. Ele divulgou uma nota dizendo que convidaria Priss para a solenidade de apresentação do instrumento antigravidade, que seria promovida logo que ficasse pronto, e até lhe pediria para participar da demonstração.

Um repórter – infelizmente, não fui eu – o entrevistou durante o trabalho e pediu-lhe que fornecesse mais detalhes sobre o aparelho.

– Mais cedo ou mais tarde terei o aparelho – disse ele. – Isso talvez aconteça antes do que vocês imaginam. Você vai estar lá, assim como qualquer pessoa que a imprensa mundial ache que deva estar lá. E o professor James Priss também será convidado. Ele será o representante da Ciência Teórica. Depois que eu demonstrar a antigravidade, ele poderá desenvolver uma teoria para explicá-la. Tenho certeza de que ele saberá fazer as correções e mostrar, de maneira magistral, o motivo do meu sucesso. Ele poderia fazer isso agora e poupar seu tempo, mas acho que vai preferir esperar.

Isso tudo foi dito num tom muito educado, mas dava para

perceber o rancor sob o rápido fluxo das palavras.

Ainda assim, ele continuava a jogar bilhar com Priss. Quando os dois se encontravam tratavam-se respeitosamente. Podia-se perceber o progresso de Bloom pelas atitudes dos dois diante da imprensa. Bloom ficava cada vez mais rude e até rabugento, enquanto Priss se revelava cada vez mais bem-humorado.

Quando um dos meus incontáveis pedidos para entrevistar Bloom finalmente foi aceito, cheguei a cogitar a possibilidade de que isso significasse o fim de suas pesquisas.

Tinha uma pequena esperança de que fosse o primeiro a saber que ele tinha vencido o desafio.

Mas as coisas não foram bem assim. Ele me recebeu no escritório da Bloom Empreendimentos, no subúrbio de Nova York.

Sua localização era maravilhosa, longe de todos os barulhos da cidade, e o prédio, de arquitetura arrojada, era tão espaçoso quanto qualquer estabelecimento industrial de grande porte. Nem mesmo Edison, quando estava no seu auge, há 200 anos, tinha sido tão bem sucedido quanto Bloom.

Mas Bloom não estava de bom humor. Com dez minutos de atraso, ele entrou na sala com largas passadas, resmungou alguma coisa ao passar pela mesa da secretária e me cumprimentou friamente. Vestia uma capa de laboratório desabotoada. Afundou na sua cadeira.

– Desculpe por tê-lo feito esperar – disse. – Mas não pensei que fosse estar tão ocupado – Bloom era um showman nato e jamais se indisporia com a imprensa, mas tive a sensação de que, naquele momento, sentia uma grande dificuldade de representar seu papel.

Imaginei o óbvio.

– Parece que os últimos testes não têm sido nada animadores.

– Quem lhe disse isso?

– Eu diria que isso é do conhecimento geral, Sr. Bloom.

– Não, não é. Não diga isso, meu jovem. Ninguém sabe nada do que está acontecendo nos meus laboratórios e oficinas. Você está se referindo às opiniões do professor, não é? De Priss, melhor dizendo.

– Não, eu não...

– É claro que está. Não foi para você que ele deu aquelas declarações... dizendo que a antigravidade é impossível?

– Ele não foi tão direto assim.

– Ele nunca diz nada diretamente, mas foi muito direto, para uma pessoa como ele, e a minha resposta mais direta vai ser deixar sua maldita superfície de borracha do Universo totalmente plana.

– Isso quer dizer que o senhor está progredindo?

– Você sabe que estou – disse ele incisivo – ou deveria saber. Você não estava na demonstração da semana passada?

– Estava.

Isso foi a confirmação de que Bloom realmente estava com problemas, pois, caso contrário, ele não mencionaria a demonstração. Ela funcionou, mas não causou nenhum impacto. Conseguiu apenas criar uma região de gravidade reduzida entre os dois polos de um ímã.

Era uma solução muito engenhosa. Usara uma Balança de Efeito Mössbauer para sondar o espaço entre os dois polos. Para quem não sabe como funciona uma balança E-M, ela consiste basicamente em um feixe monocromático de raios gama projetado num campo de baixa gravidade. Os raios gama mudam levemente seu comprimento de ondas, de maneira mensurável, sob a influência do campo gravitacional, e se acontece alguma coisa que altere a gravidade do campo, o comprimento das ondas muda na mesma proporção. É um método extremamente sutil para sondar um campo gravitacional e funcionou como por encanto. Não havia nenhuma dúvida de que Bloom tinha diminuído o campo de gravidade.

O problema é que outras pessoas já haviam feito isso antes. Para ser mais exato, Bloom tinha recorrido a circuitos que tornavam a experiência mais fácil – seu sistema era extremamente engenhoso e já tinha sido devidamente patenteado – e ele afirmou que seria por intermédio desse método que a antigravidade iria deixar de ser uma curiosidade científica para se tornar um negócio viável, com aplicações industriais. Talvez. Mas o trabalho ainda estava incompleto e ele não costumava fazer tanto alarde em torno de um projeto inacabado. Se agia assim era porque estava desesperado

para mostrar alguma coisa.

– Me parece que o senhor chegou a 0,82 g naquela demonstração, menos do que foi alcançado no Brasil na primavera passada.

– Você tem certeza? Então compare a energia aplicada no Brasil com a daqui, e depois me diga a diferença na diminuição da gravidade por quilowatts-hora. Você se surpreenderá.

– Mas o que está em questão é se o senhor pode chegar a O g... gravidade zero? É disso que o professor Priss duvida. Todo mundo sabe que não há nada demais em conseguir diminuir a intensidade do campo.

Bloom cerrou os punhos. Tive a impressão de que alguma experiência fundamental tinha dado errado naquele dia e que, por isso, estava irritado, sem paciência para nada. Bloom odiava ser derrotado pelo Universo.

– Os teóricos me dão náusea – disse ele numa voz baixa e controlada, como se fosse a primeira vez que estivesse falando o que realmente pensava e pouco se importasse com as consequências. – Priss ganhou dois prêmios Nobel só porque acertou algumas equações, mas o que fez com isso? Nada! Mas eu fiz alguma coisa e vou fazer mais ainda, quer Priss goste ou não. É de mim que as pessoas vão se lembrar. O mérito é todo meu. Ele pode ficar com seus malditos títulos, prêmios e glórias acadêmicas. Ouça, eu lhe direi o que o incomoda. Isso é puro ciúme. Ele só falta morrer, porque são as suas ideias que ponho em prática, mas o mérito fica só para mim. Uma vez eu disse para ele... você sabe, nós jogamos bilhar juntos...

Foi nesse momento que me referi à declaração de Priss sobre o bilhar e ouvi a réplica de Bloom. Nunca publiquei nenhuma das duas. Eram detalhes insignificantes.

– Nós jogamos bilhar – disse Bloom, quando se acalmou. – Já o venci várias vezes. Nossa relação é bastante cordial. Que diabos, também... companheiros de Universidade e essas coisas todas... embora eu jamais vá saber como ele chegou lá. É claro que era brilhante em física e em matemática, mas passou raspando... ajudado pelos outros, eu acho... em todas as cadeiras humanas em

que se inscreveu.

– O senhor nunca se formou, não foi? – Isso foi pura maldade de minha parte. Eu estava me divertindo com sua falta de controle.

– Larguei tudo para me dedicar aos negócios, ora bolas. Durante os três anos em que frequentei a Universidade, minha média era um sonoro B. E não poderia ser diferente, ouviu? Diabo, na época em que Priss terminou seu doutorado eu já estava a caminho do meu segundo milhão. Ele continuou, visivelmente irritado.

– Seja como for, foi num jogo de bilhar que lhe disse que as pessoas comuns jamais entenderão por que ele fica com o prêmio Nobel, se é graças a mim que suas ideias viram realidade. "Para que você precisa de dois?".perguntei a ele. "Me dê um!" Ele começou a passar giz no taco e, depois de algum tempo, disse com o seu jeito piegas: "Você tem dois bilhões, Ed. Me dê um." Como você pode ver, o que ele quer é dinheiro.

– Quer dizer que o senhor não se importa – disse eu – que somente ele fique com as honras?

Por um minuto pensei que ele fosse me expulsar da sala, mas não foi isso o que aconteceu. Em vez disso ele riu e fez um movimento com as mãos, como se estivesse apagando alguma coisa num invisível quadro-negro à sua frente.

– Ah, esqueça – disse ele. – Não é para publicar nada disso. É uma declaração, o que você quer? As coisas não correram bem hoje, e isso me deixou meio mal-humorado, mas passará logo. Acho que sei o que está errado. Se não for o que eu penso, vou descobrir. Olha, você pode dizer que eu disse que não precisamos de uma intensidade eletromagnética infinita. Nós vamos deixar a superfície de borracha completamente plana. Vamos chegar à gravidade zero. E quando conseguirmos farei a demonstração mais fantástica do mundo, exclusivamente para a imprensa e para Priss. Desde já você está convidado. E você pode dizer que isso não vai demorar muito. Tudo bem?

Tudo bem!

Depois disso, consegui me encontrar com cada um deles uma ou duas vezes. Cheguei mesmo a vê-los juntos, quando fui assistir a

uma de suas partidas de bilhar. Como já disse, os dois jogavam muito bem.

Mas o convite para a demonstração não chegou tão rápido como Bloom havia garantido. Isso só aconteceu quase um ano depois da entrevista que ele me deu. Apesar de sua arrogância, seria injusto esperar que o trabalho fosse concluído antes desse prazo.

Recebi um convite especial, com direito a participar do coquetel que antecederia a demonstração. Bloom nunca fazia as coisas pela metade e queria agradar a um grupo seleto de repórteres. Ele também tinha feito um contrato com a TV Tridimensional. Obviamente, Bloom estava muito seguro. Era preciso muita autoconfiança para levar a demonstração para todas as salas de estar do planeta.

Telefonei para o professor Priss para me certificar de que ele também fora convidado. Ele disse que sim.

– O senhor pretende ir?

Fez uma pausa, durante a qual o seu rosto na tela era a própria expressão de incerteza.

– Não é conveniente fazer uma demonstração desse tipo, já que está em questão um assunto muito importante para a ciência. Não gosto de encorajar esse tipo de coisa.

Eu estava com medo de que ele fosse dar para trás. Sem a sua presença o impacto do evento seria muito menor. Mas talvez ele não quisesse fazer o papel de covarde diante do mundo.

– É claro, Ed Bloom não é bem um cientista – disse ele, visivelmente contrariado. – Ele também precisa ter o seu dia de glória. Eu estarei lá.

– O senhor acredita que o Sr. Bloom possa chegar à gravidade zero?

– Ham... O Sr. Bloom me mandou uma cópia do projeto do seu aparelho... e eu não tenho certeza. Talvez ele possa fazer isso, se... ham... se ele diz que pode. Claro... – Ele fez uma nova pausa. – Eu gostaria de ver isso.

– Eu também gostaria, assim como todo mundo.

O espetáculo foi impecável. Um andar do prédio principal da

Bloom Empreendimentos, que ficava no topo da montanha, estava todo iluminado. Havia o prometido coquetel e um esplêndido arranjo de flores-d'oeuvres, música suave e holofotes, e um Edward Bloom vestido com apuro, ar jovial, no papel de anfitrião perfeito, enquanto uma equipe de empregados educados e discretos atendia os convidados. Tudo era agradável e havia expectativa no ar.

James Priss estava atrasado e eu flagrei Bloom procurando por ele no meio da multidão, começando a ficar um pouco nervoso. Então Priss chegou, arrastando seu corpo pálido e vagaroso, indiferente ao barulho e ao esplendor absoluto, nenhuma outra palavra descreveria a festa tão bem... ou então já eram os dois martinis fermentando dentro de mim que estavam me dando essa impressão, que se espalhava pela sala.

Bloom o viu e seu rosto se iluminou imediatamente. Ele abriu caminho pelo meio da multidão, pegou o pequeno homem pela mão e o arrastou para o bar.

– Jim! Que prazer em vê-lo! O que você vai beber? Diabo, eu teria cancelado a demonstração se você não aparecesse. Ela não teria o menor sentido sem a sua presença. – Ele apertou a mão de Priss – a teoria é sua. Nós, os pobres mortais, não podemos fazer nada sem que os eleitos como vocês, esses raríssimos eleitos, apontem o caminho.

Ele estava se exaltando, cobrindo-o de elogios, porque podia se dar esse luxo. Estava engordando Priss para o abate.

Priss tentou recusar um drinque com uma espécie de resmungo, mas um copo foi colocado à força em suas mãos, e Bloom elevou a voz, rugindo como um touro.

– Senhores! Um momento, por favor! Esse é o professor Priss, o homem mais brilhante que surgiu depois de Einstein, laureado com dois prêmios Nobel, pai da Teoria dos Dois Campos e o inspirador da demonstração que vamos ver daqui a pouco... mesmo que ele tenha duvidado que ela fosse funcionar e que tenha tido a coragem de dizer isso em público.

Ouviu-se uma risadinha no meio da multidão. Priss fechou a cara.

– Agora que o professor Priss está aqui – disse Bloom – e que

já fizemos os nossos brindes, vamos ao que interessa. Sigam-me, senhores!

A segunda demonstração aconteceu num lugar muito mais requintado do que o da primeira. Desta vez, ela se deu na cobertura do prédio. Os ímãs usados eram diferentes. Bem menores, santo Deus, mas, pelo que pude perceber, tinham colocado a mesma Balança E-M.

No entanto, havia uma grande novidade, que surpreendeu todo mundo e atraiu todas as atenções da sala. Era uma mesa de bilhar, que descansava sob um polo magnético.

Abaixo dela, estava o polo correspondente. Havia um buraco redondo, de cerca de meio metro de diâmetro, bem no centro da mesa, e era óbvio que, se a experiência funcionasse, o campo de gravidade zero seria produzido através daquele buraco no centro da mesa.

Era como se toda a demonstração tivesse sido projetada de um modo surrealista para consolidar a vitória de Bloom sobre Priss. Essa seria uma nova versão de suas intermináveis partidas de bilhar, só que dessa vez Bloom estava jogando para ganhar. Não sei se os outros jornalistas viram a questão por esse ângulo, mas acho que Priss pensou da mesma maneira que eu. Voltei a olhar para ele e percebi que ainda estava segurando o copo que tinham colocado na sua mão. Eu sabia que ele raramente bebia, mas levou o copo até os lábios e o esvaziou em dois goles. Olhou para a mesa de bilhar. Não seria necessário nenhum dom especial para perceber que ele se sentia como se tivesse caído numa armadilha.

Bloom nos levou para as cadeiras espalhadas em volta de três lados da mesa, deixando o quarto lado livre para as pessoas que estavam trabalhando. Priss foi escoltado cuidadosamente para a poltrona que oferecia o melhor ângulo de visão. Deu uma rápida olhada para as câmaras tridimensionais, ligadas naquele momento.

Perguntei-me se ele não estaria pensando em ir embora, só não o fazendo porque estava sendo observado pelo mundo inteiro.

No fundo, a demonstração foi bastante simples. O que impressionava era a produção. Havia painéis com indicadores bastante visíveis, medindo a energia gasta. Havia outros que

reproduziam a leitura da Balança E-M, numa posição e num tamanho que pudesse ser vista por todos. Tudo foi arrumado para facilitar a visão tridimensional.

Bloom explicou cada passo de uma maneira cordial com uma ou duas pausas, em que se virou para Priss como se estivesse avisando-o de que o pior ainda estava por vir.

Ele não insistiu nesses olhares para que não fossem percebidos pela plateia, mas foram suficientes para deixar Priss ainda mais atormentado. De onde eu estava, podia ver Priss do outro lado da mesa.

Ele estava completamente transtornado. Como todos nós sabemos, Bloom conseguiu o que queria. A Balança E-M mostrava a intensidade gravitacional caindo gradativamente à medida que o campo eletromagnético era intensificado. Ouviram-se aplausos quando ela atingiu a marca de 0,52 g. Uma linha vermelha registrou isso no painel.

– Como vocês sabem – disse Bloom, com segurança, a marca mais baixa de intensidade gravitacional até agora era 0,52 g. Já estamos abaixo desta marca e gastamos menos de dez por cento da energia despendida na época em que ela foi alcançada. E nós vamos abaixá-la ainda mais.

Bloom, acho que com o propósito de criar mais suspense, diminuiu a velocidade da queda à medida que se aproximava do seu objetivo, dando tempo para que as câmaras tridimensionais mostrassem alternadamente o buraco na mesa de bilhar e o painel que acompanhava a leitura da Balança E-M.

– Senhores – disse Bloom, repentinamente – Vocês encontrarão óculos escuros numa bolsa ao lado de suas cadeiras. Por favor, coloquem-os agora. Daqui a pouco alcançaremos o campo de gravidade zero e ele irradiará uma luz rica em ultravioleta.

Ele colocou seus óculos. À medida que a plateia fazia o mesmo, houve um ligeiro burburinho.

Acho que ninguém respirou durante o último minuto, quando o painel de leitura caiu para zero e logo se estabilizou. Assim que isto aconteceu, um cilindro de luz se espalhou de um polo para outro, passando através do buraco na mesa de bilhar. Nesse momento, o

eco de vinte suspiros reverberou pela sala.

– Sr. Bloom – gritou alguém. – Qual a razão dessa luz?

– É uma característica do campo de gravidade zero – disse Bloom suavemente, mas é claro que isso não explicava nada.

Os repórteres se levantaram e se espremeram em volta da mesa de bilhar. Bloom fez um gesto, pedindo para que se afastassem.

– Por favor, senhores, fiquem fora do caminho! Apenas Priss continuou sentado. Ele parecia perdido em seus pensamentos. A partir de então tive certeza de que foram aqueles óculos que esconderam o possível significado de tudo que aconteceu em seguida. Não vi seus olhos.

Não podia. Isso significava que nem eu nem ninguém podia imaginar o que se passava por eles. Talvez não pudéssemos perceber nada mesmo que estivesse sem os óculos, mas quem pode ter certeza? Bloom levantou a voz novamente.

– Por favor! A demonstração ainda não acabou. Até agora apenas reproduzimos uma experiência que eu já tinha feito. Produzi um campo de gravidade zero e mostrei como ele pode ser feito na prática. Mas quero demonstrar uma coisa que o campo pode fazer. O que vamos ver agora é uma coisa que não foi vista por ninguém, nem mesmo por mim. Não fiz nenhuma experiência nessa direção porque, apesar da minha ansiedade, essa honra cabe ao professor Priss.

Inquieto, Priss levantou os olhos.

– O que... o que...

– Professor Priss – disse Bloom, com um largo sorriso. – Gostaria que o senhor realizasse a primeira experiência envolvendo a interação de um objeto sólido com um campo de gravidade zero. Veja que o campo foi formado no centro de uma mesa de bilhar. O mundo conhece sua fenomenal habilidade no bilhar, um talento que só não é maior do que sua fantástica aptidão para a teoria física. O senhor não seria capaz de acertar uma bola de bilhar dentro do campo de gravidade zero?

Ansioso, ele estendeu uma bola e um taco para o professor. Priss, com os olhos escondidos atrás dos óculos protetores, olhou

fixamente para eles e, bem devagarinho, sem muita convicção, esticou o braço para pegá-los.

Tentei adivinhar o que havia no seu olhar. Também me perguntei até que ponto a decisão de fazer Priss jogar bilhar na demonstração se devia à raiva que Bloom sentiu quando lhe contei o que o professor pensava sobre suas partidas de bilhar. Será que eu tinha alguma responsabilidade pelo que aconteceu em seguida?

– Vamos, professor, levante-se – disse Bloom. – Deixe-me sentar no seu lugar. A partir de agora, o espetáculo é seu. Vá em frente!

Bloom se sentou e continuou falando com uma voz que, a cada momento, se tornava mais teatral.

– Uma vez que o professor Priss acerte a bola dentro do volume de gravidade zero, logo ela deixará de ser afetada pelo campo gravitacional da Terra. Ficará totalmente imóvel, enquanto a Terra gira em torno dos seus eixos e se move em torno do Sol. Nesta latitude e a esta hora do dia, calculo que a Terra, em seus movimentos, irá para baixo. Nós nos moveremos com ela, e a bola ainda continuará lá. Vamos ter a impressão de que ela vai subir e se afastar da superfície da Terra. Vejam.

Priss parecia estar paralisado em frente da mesa. Estava surpreso? Atônito? Não sei. Nunca saberei. Era uma artimanha para interromper o pequeno discurso de Bloom, ou apenas estava angustiado e tentando adiar o momento de representar o ignominioso papel que o seu adversário lhe impunha?

Priss se virou para a mesa de bilhar, olhou para ela, e, depois, voltou-se para Bloom.

Todos os repórteres estavam de pé, acotovelando-se para chegar o mais perto possível e conseguir o melhor ângulo. Apenas Bloom continuava sentado, sorrindo com um ar majestoso. É claro que ele não estava observando a mesa ou a bola ou o campo de gravidade zero. Apesar de os óculos protetores atrapalharem minha visão, percebi que Bloom estava observando Priss.

Talvez ele achasse que não havia saída. Ou talvez...

Com uma tacada certeira, Priss colocou a bola em movimento. Ela rolou lentamente, todos os olhos acompanharam a sua

trajetória. Ela bateu em um dos lados da mesa e ricocheteou. A bola deslizou cada vez mais lentamente, como se o próprio Priss tivesse a intenção de aumentar o suspense e tornar o triunfo de Bloom ainda mais dramático.

Eu podia ver tudo detalhadamente, pois estava do lado oposto ao que Priss ocupava na mesa. Pude ver a bola rolando na direção da luminosidade do campo de gravidade zero e, mais além, as partes do corpo de Bloom que não estavam encobertas pelas irradiações.

A bola se aproximou do volume de gravidade zero, deu a impressão de parar na borda e desapareceu com um raio de luz, o som de um trovão e um súbito cheiro de pano queimando.

Nós vibramos. Todos nós vibramos.

Eu já vi a cena na televisão várias vezes – junto com o resto do mundo. Posso me ver no filme durante aqueles 15 segundos de total confusão, mas não consigo reconhecer o meu rosto.

Quinze segundos!

E então descobrimos Bloom. Ele ainda estava sentado na cadeira, com os braços cruzados, mas havia um buraco do tamanho de uma bola de bilhar, que começava nos braços, atravessava o peito e saía pelas costas. Como a autópsia mostrou mais tarde, seu coração havia sido arrancado.

Eles desligaram o aparelho. Chamaram a polícia. Levaram Priss, que estava em profundo estado de choque. Para dizer a verdade, eu não estava muito melhor do que ele.

Se algum repórter que presenciou a cena ousar dizer que continuou observando aquilo tranquilamente é porque é um grande mentiroso.

Passaram-se alguns meses até que conseguisse ver Priss de novo. Ele tinha perdido alguns quilos, mas apesar disso, parecia bem. De fato, as suas faces estavam coradas e seu rosto tinha um ar decidido. Nunca o tinha visto tão bem vestido.

– Agora eu sei o que aconteceu – disse ele – se tivesse tido tempo para pensar, teria agido de outra forma. Mas eu penso muito devagar, e o pobre Ed Bloom estava tão ansioso para realizar um show grandioso, e o fez com tanta maestria que me levou junto com

ele. Naturalmente estou tratando de me redimir dos estragos que causei sem querer.

– Você não pode trazer Bloom de volta – disse eu, num tom solene.

– Não, não posso – disse ele, num tom tão solene quanto o meu. – Mas também temos que pensar na Bloom Empreendimentos. O que aconteceu na demonstração foi visto por todo o mundo e foi o pior tipo de propaganda possível para a gravidade zero. Essa história precisa ser esclarecida. Foi por isso que pedi para ver você.

– Sim?

– Se tivesse sido mais rápido teria percebido que Ed estava falando uma grande bobagem, quando disse que a bola de bilhar entraria lentamente no campo de gravidade zero. Não podia ser assim! Se Bloom não tivesse desprezado tanto a teoria, se não se orgulhasse tanto de não precisar de teorias para alcançar seus objetivos, ele mesmo teria percebido.

– O movimento da Terra, afinal, não era o único movimento que importava para a experiência, meu jovem. O próprio Sol se desloca dentro de uma vasta órbita, em torno do centro da Via Láctea. E a Galáxia também se desloca seguindo uma trajetória que ainda não foi claramente definida. Se a bola de bilhar fosse submetida à gravidade zero, você pode até pensar que ela não seria afetada por nenhum desses movimentos e, por causa disso, entrasse repentinamente num estado de inércia absoluta... mas a inércia absoluta simplesmente não existe.

Priss fez um lento movimento com a cabeça.

– Acho que o problema de Ed foi que ele pensou num tipo de gravidade zero como a que se consegue quando as pessoas flutuam no ar. Ele esperava que a bola flutuasse no ar. No entanto, numa nave, a gravidade zero não é o resultado de uma ausência de gravitação, mas apenas o resultado de dois objetos, a nave e o homem dentro da nave, caindo na mesma velocidade, reagindo à gravidade exatamente da mesma maneira, de modo que cada um está imóvel em relação ao outro.

No campo de gravidade zero criado por Ed, a superfície de

borracha do Universo foi nivelada, o que acarretou uma perda de massa real. Todas as coisas naquele campo, incluindo as moléculas de ar que estavam dentro dele e a bola de bilhar que eu empurrei, ficaram totalmente desprovidas de massa, durante todo o tempo em que permaneceram lá. Um objeto totalmente desprovido de massa só pode se mover de uma forma.

Ele fez uma pausa, como se estivesse sugerindo que eu lhe fizesse uma pergunta.

– Que movimento seria esse? – perguntei.

– Um movimento na mesma velocidade da luz. Qualquer objeto desprovido de massa, como um neutron ou um fóton, precisa se deslocar na velocidade da luz durante toda a sua existência. Na verdade, a luz só se desloca nessa velocidade porque é constituída de fótons. Assim que a bola de bilhar alcançou o campo de gravidade zero e perdeu sua massa, atingiu a velocidade da luz e desapareceu.

– Concordei.

– Mas ela não recuperou a sua massa tão logo saiu do volume de gravidade zero?

– Certamente que sim, na mesma hora voltou a ser afetada pelo campo gravitacional, diminuindo a velocidade em reação à fricção do ar e do tampo da mesa de bilhar.

Mas imagine quanta fricção seria preciso para diminuir a velocidade de um objeto com a massa de uma bola de bilhar se deslocando na velocidade da luz. Ela atravessou todos os obstáculos em uma centena de milhas de nossa atmosfera em um milésimo de segundo, e duvido que isso tenha diminuído mais do que umas poucas milhas por segundo, algumas milhas em 186.282 milhas por segundo. No caminho, queimou a mesa, abriu caminho pela sua borda, atravessou o pobre Ed e a janela, desenhando círculos perfeitos, porque movia-se tão rápido que nem mesmo um material quebradiço como o vidro teve tempo de se estilhaçar.

– Foi uma grande sorte estarmos na cobertura de um prédio localizado numa área pouco habitada. Se estivéssemos na cidade, a bola podia ter atravessado inúmeros prédios e matado inúmeras pessoas. Ela está no espaço até agora, bem além das fronteiras do

Sistema Solar, e continuará a viajar assim para sempre, praticamente na mesma velocidade da luz, até que bata num objeto suficientemente grande para detê-la. Mesmo assim, abriria uma gigantesca cratera nele.

Imaginei a cena, e não gostei nem um pouco do que vi.

– Como isso é possível? A bola de bilhar alcançou o volume da gravidade zero quase parada. Eu vi. E você diz que ela saiu com uma incrível quantidade de energia cinética.

De onde veio a energia?

Priss deu de ombros.

– De lugar nenhum! A lei da conservação de energia só se mantém sob as condições em que é válida a relatividade geral; isto é, numa cavidade da superfície de borracha do Universo. Onde quer que a cavidade seja nivelada, a relatividade geral não se mantém, e a energia pode ser criada e destruída livremente. Isso explica a radiação que emergiu da área cilíndrica do volume de gravidade zero. Como você se lembra, Bloom não explicou essa radiação e, eu temo, não podia explicá-la. Se ele ao menos tivesse estudado um pouco mais antes de realizar a experiência; se não tivesse sido tão tolamente ansioso para apresentar seu show...

– Qual a razão para a radiação, senhor?

– As moléculas de ar dentro do volume. Cada uma alcança a velocidade da luz e sai como um foguete de dentro do campo de gravidade zero. Como são apenas moléculas, e não bolas de bilhar, podem ser contidas, mas a energia cinética de seus movimentos é convertida em radiação energética. Isso é incessante porque novas moléculas sempre estão sendo impulsionadas, atingindo a velocidade da luz e sendo expelidas.

– Então a energia está sendo criada ininterruptamente?

– Exatamente. E é isso o que deve ser esclarecido para o público. A antigravidade não é propriamente um aparelho para levantar naves ou revolucionar movimentos mecânicos. Na verdade, ela é a fonte de um inesgotável fornecimento de energia livre, desde que parte da energia produzida possa ser desviada para conservar o campo que mantém essa parte do Universo plana. O que Ed Bloom inventou, sem saber, não foi só a antigravidade, mas a

primeira máquina moto-contínuo que produz energia do nada.

– O senhor quer dizer – disse eu lentamente – que a bola de bilhar poderia matar qualquer um de nós? Ela poderia ter tomado qualquer direção?

– Fótons desprovidos de massa – disse o professor – emergem de qualquer fonte de luz na velocidade da luz e em qualquer direção; é por isso que uma vela bruxuleia sua luz em todas as direções. As moléculas de ar desprovidas de massa são expelidas de um volume de gravidade zero em todas as direções, já que elas irradiam de todo o cilindro. Mas a bola de bilhar era apenas um objeto. Podia ter sido expelido em qualquer direção, mas tinha que ir numa direção qualquer, determinada ao acaso, e, por coincidência, a direção escolhida foi a que pegou Ed.

Foi isso. Todo mundo sabe as consequências. A humanidade conquistou a energia livre e, a partir daí, temos o mundo que temos agora. O professor Priss foi contratado para levar essas experiências adiante na Bloom Empreendimentos. Em pouco tempo estava tão rico e famoso quanto Edward Bloom tinha sido. Além disso, Priss tinha ganho os seus dois prêmios Nobel.

Só que...

Eu continuo pensando. Fótons são expelidos de uma fonte de luz em todas as direções porque são criados no momento, não há razão para eles se moverem mais numa direção do que em outra.

As moléculas de ar saem de um campo de gravidade zero em todas as direções porque elas entram de todas as direções.

Mas o que dizer de uma simples bola de bilhar entrando num campo de gravidade zero, vinda de uma direção específica? Ela é expelida na mesma direção, ou em qualquer direção?

Sempre que posso, faço essa pergunta a alguém. Mas os teóricos da física não sabem respondê-la, e não encontrei nenhum registro de que a Bloom Empreendimentos, a única empresa do mundo que trabalha com o campo de gravidade zero, tenha feito essa experiência.

Uma vez, uma pessoa da empresa me disse que o princípio da incerteza garante a emersão casual de um objeto que venha numa direção qualquer. Mas então, por que eles não fazem a experiência?

Nesse caso, talvez...

A mente de Priss teria sido capaz de trabalhar rapidamente pelo menos uma vez na vida? Seria possível que, sob a pressão que Bloom estava fazendo sobre ele, Priss tivesse visto tudo subitamente? Ele já estava estudando a radiação que cerca o volume de gravidade zero. Ele podia ter percebido o que a causava e já estar certo de que qualquer coisa que entrasse no volume partiria na velocidade da luz. Por que ele não disse nada naquela época?

Uma coisa é certa. Priss não faria nada acidentalmente na mesa de bilhar. Ele era um especialista e fez exatamente o que queria com a bola de bilhar. Eu estava bem perto dele.

Eu o vi olhar para Bloom e, em seguida, para a mesa, como se estivesse estudando os ângulos.

Eu o vi quando deu a tacada na bola. Vi quando ela fez tabela na borda da mesa e deslizou na direção do volume de gravidade zero, seguindo uma direção específica.

Pois quando Priss mandou essa bola na direção do volume de gravidade zero – e os filmes tridimensionais confirmaram essa impressão, ela já estava devidamente endereçada ao coração de Bloom!

– Acidente? Coincidência? Ou assassinato?

A ÚLTIMA RESPOSTA

Murray Templeton tinha 45 anos de idade; estava na plenitude de sua vida e com todas as partes do seu corpo funcionando com perfeição... exceto alguns trechos vitais de suas artérias coronárias. Isso no entanto, foi o suficiente.

A dor veio repentinamente, chegou a um ponto insuportável e, aos poucos, foi diminuindo. Ele podia sentir a respiração parando. Uma deliciosa sensação de paz o inundou.

Não há nada mais agradável do que a ausência de dor – imediatamente depois da dor. Ele sentiu uma alegria vertiginosa, como se tivesse levitado e estivesse pairando no ar.

Abriu os olhos e percebeu, com uma discreta alegria, que os outros ainda estavam agitados. Estava no laboratório quando a dor o abateu sem nenhum aviso; ao cambalear ouviu os outros gritando surpresos. Depois tudo deu lugar a uma agonia avassaladora.

Agora que a dor tinha passado os outros ainda estavam inquietos, ansiosos e reunidos em torno do seu corpo caído...

Repentinamente, ele percebeu que estava olhando a cena, lá do alto. Seu corpo estava lá embaixo, estirado no chão, com o rosto contorcido. Ele estava aqui em cima, observando em paz.

Pensou: milagre dos milagres! As besteiras sobre a vida eterna estavam certas.

Apesar de ser uma maneira humilhante para um físico ateu morrer, ele apenas sentiu uma agradável surpresa, não houve nenhuma alteração na sensação de paz em que tinha mergulhado.

Ele pensou: devia haver algum anjo – ou uma coisa no gênero – vindo me receber.

A cena terrestre estava se desvanecendo. Sua consciência foi invadida pela escuridão e de um ponto distante, como um último relance de visão, apareceu uma figura iluminada, com forma vagamente humana, irradiando calor.

Murray pensou: estão brincando comigo. Estou indo para o céu.

Assim que ele pensou nisso, a luz se apagou, mas o calor continuou. A sensação de paz não diminuiu, apesar de, em todo o

Universo, restarem apenas ele... e a Voz.

– Faço isso com muita frequência – disse a Voz, mas ainda assim me emociono a cada sucesso.

Murray pensou em dizer algo, mas não sabia se possuía uma boca, uma língua, ou cordas vocais. No entanto, tentou articular um som. Sem a menor pretensão, tentou sussurrar palavras ou soprá-las ou colocá-las para fora por intermédio da contração de... alguma coisa.

E elas foram pronunciadas. Ele ouviu sua própria voz, facilmente identificável, e suas próprias palavras, infinitamente claras.

– Isso é o céu? – disse ele.

– Esse lugar não é como o lugar que você imagina – disse a Voz.

Murray ficou atrapalhado, mas tinha que fazer a pergunta.

– Desculpe se pareço um pouco imbecil, mas você é Deus? Sem mudar a entonação ou de algum modo pretendendo soar com perfeição, a Voz conseguiu ser engraçada.

– É estranho que sempre me perguntem isso, claro que das maneiras mais diferentes possíveis. Você não compreenderia a resposta que posso lhe dar. Eu sou... isso é tudo o que posso dizer de significativo, e você pode me rotular com palavra ou conceito que lhe agradar.

– E o que eu sou? – disse Murray. – Uma alma? Ou eu ainda sou apenas uma existência personificada? – Tentou não parecer sarcástico, mas não conseguiu. Rapidamente pensou em acrescentar "Vossa Alteza" ou "Santidade" ou algo que atenuasse o sarcasmo, e não pôde dizer isso, mesmo que, pela primeira vez em sua existência, admitisse a possibilidade de ser punido com o inferno ou coisa semelhante por causa de sua insolência ou pecado? A Voz não parecia ofendida.

– É fácil você explicar-se... até mesmo para você. Você pode se chamar de alma, se isso lhe agrada, mas você, na verdade, é uma conexão de forças eletromagnéticas, arrumadas de modo a que todas as interconexões e inter-relações sejam exatamente iguais às do seu cérebro em sua existência universal... até nos menores

detalhes.

Além disso, você tem capacidade para pensar, ter lembranças e uma personalidade própria. Você vai achar que ainda é você mesmo.

Murray ficou perplexo.

– Você quer dizer que a essência do meu cérebro é permanente?

– Não, de jeito nenhum. Nada seu é permanente, a não ser o que eu decidir que seja. Eu criei a conexão. Eu a construí enquanto você desfrutava sua existência física e ajusteia para o momento em que sua vida terrestre chegasse ao fim – a voz parecia visivelmente satisfeita consigo mesma e, depois de uma rápida pausa, acrescentou:

– Uma construção complexa, mas muito precisa. É claro que poderia fazer isso com todos os seres humanos do seu mundo, mas prefiro não fazer. Sinto prazer em escolher.

– Você escolhe muito poucos, então.

– Muito poucos.

– E o que acontece com o resto?

– Caem no esquecimento. Ah, é verdade, você acredita no Inferno.

Murray teria corado se ainda tivesse um rosto.

– Não penso assim. É só uma maneira de falar. Até agora, nunca tinha pensado que fosse virtuoso ao ponto de chamar a sua atenção e me tornar um Eleito.

– Virtuoso? Ah, sei o que quer dizer. É um incômodo ter que me forçar a pensar no mesmo nível que o seu. Não, eu o escolhi por causa de sua capacidade de pensar, assim como escolho outros, em quatrilhões, em todas as espécies inteligentes do Universo.

Murray se sentiu subitamente curioso, um hábito que adquirira quando era vivo.

– Você escolhe as pessoas sozinho ou há outros iguais a Você? Por um instante Murray pensou que estava tirando a paciência da Voz, mas, quando Ela surgiu, continuava imperturbável.

– Se há outros ou não isso é irrelevante para você. O Universo é meu, só meu.

É uma invenção minha, uma construção minha, tudo foi planejado só para satisfazer meus propósitos.

– E mesmo com quatrilhões de conexões criadas por você, você perde tempo comigo? Sou tão importante assim?

– Você não tem a menor importância – disse a Voz – com os outros eu ajo de um modo que, na sua maneira de ver, pareceria igual.

– Você é único?

– Você está tentando me colocar numa armadilha sem consistência – disse a Voz, num tom novamente divertido – se você fosse uma ameba que só pudesse considerar a individualidade em conexão com pequenas células, e se fosse perguntar a um cachalote com 30 quatrilhões de células se ele é um ou muitos, de que forma o cachalote poderia responder para que isso fosse compreensível para a ameba?

– Pensarei nisso – disse Murray secamente. – Talvez um dia venha a entender.

– Exatamente. É para isso que está aqui. Para pensar.

– Com que finalidade? Parece que você já sabe tudo.

– Mesmo que eu soubesse tudo não poderia saber que sei tudo.

– Isso me lembra a filosofia ocidental... uma coisa que parece profunda exatamente porque não tem significado.

– Você promete – disse a Voz. – Você responde ao meu paradoxo com um paradoxo... Só que o que eu digo não é um paradoxo. Pense. Eu existo eternamente, mas o que isso quer dizer? Isso quer dizer que não posso me lembrar de quando comecei a existir. Se pudesse, não existiria eternamente. Se não posso lembrar de como comecei a existir, então pelo menos há uma coisa, a natureza das minhas origens, que não sei. Assim, mesmo que eu saiba o que é infinito, também é verdade que o que há para conhecer também é infinito, e como posso ter certeza de que os dois infinitos são iguais? A infinitude do potencial de conhecimento pode ser infinitamente maior do que a infinitude do meu conhecimento atual. Aqui está um simples exemplo: se eu conhecesse a totalidade dos números inteiros pares eu teria um número infinito de informações e, mesmo assim, ainda não

conheceria um único dos números inteiros ímpares.

– Mas os números inteiros ímpares podem ser derivados. Se você dividir todos os números inteiros pares dessa série infinita por dois, você vai obter outra série infinita que contém dentro de si a série infinita dos números ímpares.

– Você tem a noção – disse a Voz. – Estou satisfeito. Sua tarefa será encontrar outros caminhos como esse, por mais difíceis que sejam, do conhecimento para o ainda não conhecido.

Você ainda tem memória. Você se lembrará de todos os dados que já tenha pesquisado ou aprendido, que já tenha deduzido ou que venha a deduzir desses dados. Se necessário, terá permissão para aprender os novos dados que considerar relevantes para resolver os problemas que você mesmo estabelecer.

– Você não poderia fazer isso sozinho?

– Posso – respondeu a Voz. – Mas assim é mais interessante. Construí o Universo para ter mais fatos com que lidar. Inseri o princípio da incerteza, a entropia e outros fatores casuais para fazer com que o todo não seja tão monótono. Isso tem funcionado muito bem e tem me entretido ao longo de toda a minha existência.

– Depois, pensei em estruturas que dessem origem à vida, e, em seguida, à inteligência, e usei isso como uma forma de pesquisa coletiva, não porque precise de ajuda, mas porque isso introduziria um novo fator casual. Cheguei à conclusão de que não podia prognosticar a próxima área de interesse a ser conquistada pelo conhecimento, de onde ela viria, de que forma seria obtida.

– Isso já aconteceu? – perguntou Murray.

– Certamente. Não há um século em que não apareça alguma coisa interessante em algum lugar.

– Algo que você poderia ter pensado sozinho, mas que até então não tinha feito.

– Sim.

– Você acha mesmo que há alguma coisa que eu possa fazer por você?

– No próximo século? Literalmente não. No entanto, a longo prazo o seu sucesso é certo, desde que você se engaje para sempre.

– Poderei pensar eternamente? Para sempre?

– Sim.

– Para quê?

– Já lhe disse. Para adquirir novos conhecimentos.

– Mas, além disso, para que preciso descobrir novos conhecimentos?

– Foi o que você fez em sua vida terrestre. Qual o seu objetivo naquela época?

– Adquirir novos conhecimentos que só eu pudesse adquirir. Para ser admirado pelos meus companheiros. Para sentir a satisfação de concluir um trabalho, mesmo sabendo que tinha um tempo certo para alcançar o meu objetivo. Agora eu só poderia conquistar algo que, se você se esforçasse um pouco, poderia descobrir sozinho. Você não pode me admirar. Você só quer se divertir. E não há mérito ou satisfação em concluir um estudo quando se tem toda a eternidade para isso.

– Você não acha que um pensamento e uma descoberta se justificam por si só? Você não acha que isso é mais importante do que qualquer objetivo pessoal?

– Por um tempo finito, sim. Não para toda a eternidade.

– Compreendo o seu problema. No entanto, você não tem escolha.

– Você diz que estou aqui para pensar, mas não pode me obrigar a fazer isso.

– Não pretendo obrigá-lo diretamente. Não precisarei disso. Já que a única coisa que pode fazer é pensar, você pensará. Você não sabe como não pensar.

– Então, estabelecerei uma meta para mim. Inventarei um objetivo.

– Certamente, você pode fazer isso – disse a Voz, tolerante.

– Já encontrei um objetivo.

– Posso saber qual é?

– Você já sabe. Sei que estamos falando só por falar. Você ajustou minha conexão de um modo que acredite ouvi-lo e falar-lhe, mas você transfere pensamentos para mim diretamente. E quando minha conexão muda com meus pensamentos, imediatamente você

os adivinha, sem precisar da minha transmissão voluntária.

– Você está surpreendentemente certo – disse a Voz. – Estou satisfeito. Mas também me satisfaz ter você para me contar seus pensamentos voluntariamente.

– Então, eu lhe contarei. O objetivo de minhas reflexões será descobrir uma forma para interromper a conexão que você criou para mim. Não quero pensar apenas com o propósito de diverti-lo. Não quero pensar para sempre só para diverti-lo. Não quero existir para sempre só para diverti-lo. Todas as minhas reflexões se voltarão para acabar com essa conexão. Isso me divertia.

– Não faço nenhuma objeção – disse a Voz – até um pensamento concentrado no fim de sua própria existência pode, a despeito de você, levar a algo novo e atraente. E, é claro, se você for bem-sucedido na sua tentativa de suicídio, não concluirá nada, pois imediatamente eu o reconstruiria e, de uma certa forma, tornaria seu método de suicídio impossível. E se você achasse uma outra forma mais sutil para interromper a si mesmo, eu o reconstruiria com essa possibilidade eliminada, e por aí em diante. Poderia ser um jogo interessante, mas, de um jeito ou de outro, você existirá eternamente. Esta é minha vontade.

Murray sentiu um tremor, mas as palavras saíram naturalmente.

– Estou no Inferno, afinal? Você afirmou que não, mas se isso fosse o Inferno, você mentiria, como parte do jogo do Inferno.

– Nesse caso, tudo o que você precisa é que lhe garanta que não está no Inferno? Então, eu lhe garanto. Aqui não há nem Céu nem Inferno. Somente eu mesmo.

– Leve em conta, então, que meus pensamentos podem ser inúteis para você. Se não posso ser-lhe útil em nada, não lhe custará nada... me desmontar e parar de me incomodar.

– Como uma recompensa? Você quer o Nirvana como prêmio para o fracasso e quer me garantir que fracassará? Não há nenhum acordo nisso. Você não falhará. Com toda a eternidade pela frente, você não pode evitar de ter ao menos um pensamento interessante, mesmo que seja contra sua vontade.

– Então criarei outro objetivo para mim. Não tentarei me destruir. Minha meta será desmoralizá-lo. Pensarei em alguma coisa

em que você não apenas nunca tenha pensado, mas na qual jamais poderia pensar. Pensarei na última resposta, além da qual não há mais nenhum conhecimento.

– Você não compreende a natureza do infinito. Talvez haja coisas que ainda não tenha me preocupado em saber. Mas não há nada que eu não possa saber.

– Você não pode saber sobre sua origem – disse Murray, pensativo. – Você disse isso. Além do mais, você não pode conhecer seu fim. Muito bem, então. Esse será o meu objetivo e essa será a última resposta. Não me destruirei. Eu destruirei você... Se você não me destruir antes.

– Ah – disse a Voz. – Imaginei que você precisasse de mais tempo para chegar a esse ponto. Pensei que fosse demorar mais. Não há ninguém, em toda a minha existência de pensamentos perfeitos e eternos, que não tenha a ambição de me destruir. Mas isso é impossível.

– Tenho toda a eternidade para pensar numa maneira de destruí-lo.

– Então tente pensar nisso – disse a Voz, serenamente.

Ela se foi. Mas Murray tinha seu objetivo e estava feliz.

E o que poderia alguma Entidade, consciente de sua existência a querer... se não o fim? O que mais vinha a Voz procurando, através de incontáveis bilhões de anos? E por que outra razão a inteligência tinha sido criada, e certas espécies tinham sido protegidas e colocadas para trabalhar, a não ser para ajudar numa grande procura? Murray pretendia que fosse ele e ele sozinho, o descobridor.

Cuidadosamente, com a excitação de quem agora tinha um objetivo, Murray começou a pensar.

Ele tinha tempo de sobra.

PARA QUE ESQUEÇAMOS

Até onde John Heath podia entender, estava condenado a ser um homem absolutamente comum. Tinha certeza disso. E, o que era pior, tinha a impressão de que Susan achava a mesma coisa.

Isso significava que jamais se distinguiria em alguma coisa, nem chegaria à direção da Quantum Pharmaceuticals, onde era um simples funcionário do segundo escalão sem a menor perspectiva de subir na hierarquia da empresa.

Jamais conseguiria isso, mesmo se mudasse de emprego.

Ele suspirou. Ia se casar dentro de duas semanas. Por causa disso, sonhava em vencer na vida. Estava loucamente apaixonado por sua namorada e queria que ela o admirasse.

Mas até isso era um desejo absolutamente comum para um jovem prestes a se casar.

Susan Collins demonstrava muito carinho por John. E por que não? Ele era razoavelmente bonito e inteligente; além disso, era companheiro afetuoso e leal. Se não a impressionava, pelo menos não era nenhum vagabundo.

Ela ajeitou a almofada que havia colocado atrás da sua cabeça, quando ele sentou na poltrona, e lhe entregou um drinque, certificando-se de que ele o segurara com firmeza antes de largá-lo.

– Estou treinando como tratá-lo bem, Johnny – disse ela. – Quero ser uma esposa eficiente.

John bebericou seu drinque.

– Eu que terei que me preocupar com isso, Sue. Seu salário é maior do que o meu.

– Quando nos casarmos, tudo irá para a mesma conta. A firma de Johnny e Sue terá apenas uma contabilidade.

– Você terá que administrá-la – disse John, desanimado – se eu tentar, será a nossa ruína.

– Você é que cismou com isso. A que horas seus amigos vão chegar?

– Acho que às nove. Ou nove e meia. E eles não são propriamente amigos. São pesquisadores dos laboratórios da

Quantum.

– Eles vêm para o jantar?

– Disseram que vinham depois do jantar. Tenho certeza disso. Será uma conversa de trabalho.

Ela lhe lançou um olhar curioso.

– Você não me disse isso antes.

– O que eu não disse antes.

– Que era uma conversa de trabalho. Você tem certeza? – John se sentiu confuso. Sempre ficava confuso quando tentava se lembrar de alguma coisa precisamente.

– Eles disseram que sim... eu acho.

Susan o olhou com benevolência, assim como faria se estivesse diante de um cachorrinho que lhe fizera festinha com as patas cheias de lama.

– Se você pensasse tanto quanto diz "eu acho", não viveria eternamente em dúvida. Não vê que não pode ser uma conversa de trabalho. Se fosse trabalho, eles não o procurariam na empresa?

– É confidencial – disse ele. – Eles não querem falar comigo na Quantum. Nem mesmo no meu apartamento.

– Então, por que aqui?

– Fui eu que sugeri. Pensei que você queria estar por perto. Eles vão ter que negociar com a firma de Johnny e Sue, certo?

– Isso depende – disse Susan – do tipo de confidência. Eles lhe deram alguma pista?

– Não, mas não custa nada ouvir. Pode ser alguma coisa que ajude a me projetar dentro da empresa.

– Por que você?

John parecia ofendido.

– Por que não eu?

– Apenas me ocorreu que alguém que ocupa uma função como a sua não precisaria de todo esse mistério e que...

Ela foi interrompida pela chamada do interfone. Ela correu para atender e, quando voltou, disse:

– Eles estão subindo.

Havia dois homens à porta. Um deles era Boris Kupfer, com quem John já havia falado, grande e impaciente, com a barba por

fazer. O outro era David Anderson, mais baixo e mais controlado. Seus olhos iam rapidamente de um lado para outro, como se quisessem captar tudo que estava à sua volta.

– Susan – disse John, que, inseguro, ainda segurava a porta aberta. – Esses são os dois colegas de que lhe falei. Boris... – Houve uma falha no seu banco de memórias e ele parou.

– Boris Kupfer – disse impaciente o homem mais alto, remexendo nas moedas que havia no seu bolso – e David Anderson. É muita gentileza sua, senhorita...

– Susan Collins.

– É muita gentileza de sua parte ceder a sua casa para que possamos conversar em particular com o Sr. Heath. Pedimos desculpas por abusar do seu tempo e por invadir sua privacidade dessa forma... mas, se pudesse nos deixar a sós durante algum tempo, ficaríamos ainda mais agradecidos.

Susan o encarou com um ar solene.

– Vocês querem que eu vá para o cinema ou posso ficar na sala ao lado?

– Se você pudesse visitar um amigo...

– Não – disse Susan, incisiva.

– Você pode usar o seu tempo da maneira que quiser, é claro. Um cinema, se é isso o que deseja.

– Quando eu disse "não", estava querendo dizer que não ia sair. Quero saber o que está acontecendo.

Kupfer ficou embaraçado. Olhou para Anderson e, depois, disse:

– Acredito que o senhor Heath tenha lhe explicado que nossa conversa é confidencial. John se inquietou.

– Eu expliquei. Só que Susan acha que...

– Susan não acha nada – disse ela – e não foi informada de que não podia participar desse encontro. Esse apartamento é meu e nós vamos nos casar dentro de duas semanas...daqui a exatamente duas semanas. Nós dois somos a firma Johnny e Sue, e os senhores terão que tratar com a firma.

A voz de Anderson, surpreendentemente grave, fez-se ouvir pela primeira vez.

– Boris, essa jovem tem razão. Como noiva do Sr. Heath, tem um grande interesse no que viemos sugerir aqui e seria um erro excluí-la. Ela tem tanto interesse no nosso objetivo que, se desejasse sair, eu imploraria para que ficasse.

– Nesse caso, meus amigos – disse Susan, o que vocês querem beber? Poderemos começar assim que trouxer os seus drinques.

Os dois se sentaram um tanto empertigados e bebericaram seus drinques com muita cautela, até que Kupfer tomou a iniciativa.

– Heath, acredito que você não esteja inteiramente a par dos detalhes químicos do trabalho da companhia... a química cerebral, por exemplo.

– Nem um pouco – disse John, inquieto.

– Nem deveria saber – disse Anderson, cativamente.

– É mais ou menos assim – disse Kupfer, lançando um olhar inquieto para Susan.

– Não há a menor necessidade de entrar nos detalhes técnicos – interrompeu-o Anderson, num tom de voz tão baixo que mal se dava para ouvir.

Kupfer ficou um pouco corado.

– À parte os detalhes técnicos, a Quantum Pharmaceuticals trabalha com a química cerebral, que é, como o próprio nome sugere, a química que afeta o cérebro, a função mais importante do cérebro.

– Deve ser um trabalho muito complexo – disse Susan, com tranquilidade.

– E é – disse Kupfer. – o cérebro do mamífero tem centenas de características moleculares diferentes, não encontradas em nenhum outro tipo de animal, que servem para regular a atividade cerebral, incluindo aspectos do que podemos chamar de vida intelectual. O trabalho está sendo mantido em total segredo pela empresa, e é por isso que Anderson e eu não podemos entrar em detalhes técnicos. No entanto, eu posso dizer isso. Já fizemos todos os tipos de experiências possíveis com os animais. Estamos num beco sem saída. Agora precisamos pesquisar a reação humana.

– Então, por que não fazem a experiência? – perguntou Susan.

– o que os impede?

– A opinião pública, se alguma coisa desse errado.

– Então, use voluntários.

– Isso não ajudaria em nada. A Quantum Pharmaceuticals não poderia assumir uma responsabilidade dessas se alguma coisa desse errado.

Susan olhou-os com um ar insolente.

– Então, os senhores estão trabalhando por conta própria? Anderson levantou a mão para deter Kupfer.

– Minha jovem, deixe-me explicar brevemente e colocar um fim nessa discussão desnecessária. Se nós formos bem-sucedidos, ficaremos com todas as glórias. Mas se fracassarmos, a Quantum Pharmaceuticals não nos defenderá e, nesse caso, a nossa punição será o fim de nossas carreiras. Se você nos perguntar por que estamos dispostos a correr esses riscos, a resposta é que não vemos nenhum risco nisso. Temos vários motivos para acreditar que seremos bem-sucedidos. Estamos absolutamente convictos de que não vamos fracassar. A empresa acha que não pode correr riscos, mas nós podemos. Agora prossiga. Kupfer!

– Temos um produto químico que estimula a memória – disse Kupfer. – Ele funcionou em todos os animais com os quais fizemos a experiência. Sua capacidade de aprender aumenta consideravelmente. Isso também deve funcionar com os seres humanos.

– Parece excitante – disse John.

– E é excitante – disse Kupfer – a memória não é apenas um processo eficiente de armazenamento de informações no cérebro. Todos os nossos estudos mostram que o cérebro tem uma capacidade de armazenar, com perfeição e de maneira permanente, um número de informações quase infinito. A dificuldade é de lembrar. Quantas vezes você já teve um nome na ponta da língua e não conseguiu lembrá-lo? Quantas vezes você já fracassou ao tentar mostrar uma coisa que sabia que sabia, lembrando-se dela apenas duas horas mais tarde, ao pensar numa coisa totalmente diferente? Minha explicação está certa, David?

– Está – disse Anderson – achamos que a lembrança é inibida

pelo cérebro mamífero porque ele desenvolveu um sistema de arquivo mais perfeito do que precisava. Um mamífero armazena muito mais informações do que precisa ou é capaz de usar, e se tudo o que sabe estivesse ao alcance da memória, ele não conseguiria escolher uma delas com a rapidez necessária a uma determinada reação. Consequentemente, a lembrança é inibida para garantir que as informações saiam do depósito da memória num número manipulável, sem que as informações mais necessárias sejam obscurecidas pela companhia de inúmeras outras informações desnecessárias.

– Há uma certa química no cérebro que funciona como um inibidor da lembrança; nós temos uma química que neutraliza a sua ação. Nós a chamamos de desinibidor. Pelo que até agora fomos capazes de perceber, ele não tem efeitos colaterais.

Susan riu.

– Eu já sei o que eles querem, Johnny. Os senhores não precisam explicar mais nada. Os senhores acabaram de dizer que a lembrança é inibida para que os mamíferos possam reagir com mais eficiência, e agora dizem que o desinibidor não tem efeito colateral. É claro que o desinibidor fará com que os mamíferos reajam com menos eficiência; talvez eles não consigam reagir a mais nada. E agora os senhores vão propor a John que se submeta a essa experiência para ver se o reduzem a um estado de total catatonia ou não.

Anderson se levantou com os seus lábios tremendo, com passadas rápidas e largas ele foi até o fim da sala e voltou. Quando sentou-se estava calmo e sorridente.

– Em primeiro lugar, Srta. Collins, é uma questão de dosagem. Nós lhe dissemos que todas as experiências com animais apresentaram uma intensificação na capacidade de aprender. Naturalmente, nós não eliminamos todo o inibidor; apenas diminuímos o seu poder. Em segundo lugar, temos motivos para pensar que o cérebro humano pode manipular uma completa desinibição. Ele é muito maior do que o cérebro de qualquer animal que tenhamos testado, e nós todos conhecemos sua incomparável capacidade para pensamentos abstratos.

– Nosso cérebro foi projetado para se lembrar de tudo, mas a força cega da evolução não foi treinada para remover o inibidor químico com o qual, no final das contas, foi projetado, como uma herança dos animais inferiores.

– Você tem certeza? – perguntou John.

– Eles não podem ter certeza – disse Susan, convicta.

– Temos certeza – disse Kupfer. – Mas precisamos de uma prova para convenceros outros. É por isso que temos que fazer uma experiência com um ser humano.

– Com John, para ser mais precisa – disse Susan.

– Sim.

– Isso nos leva – disse Susan – para o x da questão. Por que John?

– Nós precisamos de alguém – disse Kupfer lentamente – que tenha mais chances de sucesso e cujos resultados sejam mais perceptíveis. Não queremos alguém com uma capacidade mental tão baixa que nos obrigue a correr o risco de ministrar uma grande dose de desinibidor. Também não queremos uma pessoa muito brilhante, pois os efeitos não seriam visíveis. Precisamos de alguém que seja mediano. Felizmente, temos o perfil físico e psicológico de todos os empregados da Quantum, e nesse sentido, como em todos os outros, o Sr. Heath é o ideal.

– Absolutamente mediano? – disse Susan.

John ficou aflito com o uso da frase que tinha pensado em sua mais profunda e desgraçada intimidade.

– Só faltava essa – disse ele.

Ignorando o protesto de John, Kupfer respondeu à pergunta de Susan.

– Sim.

– E deixaria de ser, se se submetesse ao tratamento?

Os lábios de Anderson se abriram, dando forma a mais um dos seus risos tristes.

– É isso mesmo. Ele deixaria de ser um homem absolutamente mediano. Essa é uma coisa que você deve pensar, já que dentro de pouco tempo vai se casar com ele... A firma de Johnny e Sue, acho que foi assim que você disse. No seu jeito atual, duvido que essa

firma um dia chegue a ser uma Quantum, Srta. Collins, pois, apesar de Heath ser um empregado bom e confiável, ele é, como você diz, um homem absolutamente comum. No entanto, o desinibidor o transformará numa pessoa notável e o projetará com incrível rapidez. Pense no que isso significará para a firma.

– O que a firma tem a perder? – disse Susan, num tom austero.

– Não vejo como vocês possam perder alguma coisa – disse Anderson – será uma dose razoável que pode ser ministrada nos laboratórios amanhã... domingo. Teremos um andar só para nós; nós o manteremos sob observação por algumas horas. Não há a menor possibilidade de alguma coisa dar errado. Se pudesse lhe dizer como nossas experiências são meticulosas e como nossas explorações são eficazes para evitar qualquer tipo de efeito colateral...

– Nos animais – disse Susan, sem lhe dar tréguas.

– A decisão é minha – disse John, com firmeza. – Estou até aqui com essa história de homem absolutamente normal. Vale a pena correr o risco, se isso significa ficar livre dos limites da medianidade.

– Johnny – disse Susan – não se precipite.

– Estou pensando na firma, Sue. Quero dar a minha parte.

– Bom, mas durmam pensando nisso – disse Anderson. – Deixaremos duas cópias do contrato e pedimos para que o leiam e o assinem. Por favor, não o mostrem a ninguém, quer vocês assinem ou não. Estaremos aqui de novo amanhã de manhã para levá-los ao laboratório.

Eles sorriram, levantaram-se e saíram.

John leu o contrato com expressão preocupada.

– Você acha que devo tentar, Sue?

– Isso me preocupa, claro.

– Veja, se eu tenho uma chance de deixar de ser um homem comum...

– O que há de errado nisso? – disse Susan. – Já vi tantos malucos e almofadinhas em minha vida que fico feliz com um cara como você Johnny, comum e simpático. Eu também sou uma mulher absolutamente comum.

– Você, absolutamente comum? Com sua aparência? Sua beleza?

Susan olhou para si mesma, um tanto complacente.

– Bem, então, eu sou apenas sua deslumbrante garota absolutamente mediana disse ela.

A injeção foi aplicada às oito horas do domingo, não mais do que doze horas depois da proposta ser feita. Um conjunto de sensores completamente computadorizados foi colocado em doze lugares de John, enquanto Susan observava com um olhar apreensivo e perspicaz.

– Por favor, Heath – disse Kupfer, relaxe. Tudo está indo bem, mas a tensão acelera as batidas do coração, aumenta a pressão sanguínea e altera os nossos resultados.

– Como é que eu posso relaxar? – resmungou John. Susan interveio, subitamente atenta:

– Altera os resultados de modo a que os senhores percam o controle da situação?

– Não, não – disse Anderson. – Boris disse que tudo está indo bem e está. Só que nossos animais sempre eram sedados antes da injeção, e nós achamos que, neste caso, a sedação não teria sido apropriada. Então, se não podemos ter sedação, devemos esperar tensão. Respire calmamente e faça o máximo que puder para minimizá-la.

Já tinha passado do meio-dia quando ele foi finalmente desconectado.

– Como você se sente? – perguntou Anderson.

– Nervoso – disse John. – No mais, tudo bem.

– Dor de cabeça?

– Não. Mas eu quero ir no banheiro. Não posso ficar totalmente relaxado com um urinol.

– É claro.

John estava carrancudo quando voltou.

– Não percebo nenhuma melhoria em particular da memória.

– Isso levará algum tempo e será gradual. O desinibidor tem que atravessar as barreiras de sangue do cérebro – disse Anderson.

Era quase meia-noite quando Susan interrompeu o que tinha se

tornado uma noite opressivamente silenciosa, na qual não tinha nem prestado atenção na TV.

– Você terá que passar a noite aqui – disse ela. – Não quero que você fique sozinho. Não sabemos o que de fato vai acontecer.

– Não sinto nada – disse John, melancólico. – Continuo o mesmo.

– Eu verei isso, Johnny – disse Susan. – Você sente alguma dor, enjoo ou algum tipo de sensação estranha?

– Acho que não.

– Preferiria que não tivéssemos feito isso.

– Foi pela firma – disse John, sorrindo fracamente, – Nós tínhamos que correr algum risco pela firma de Johnny e Sue.

John dormiu muito mal e acordou deprimido, mas na hora certa. E também chegou ao trabalho pontualmente, para começar uma nova semana.

No entanto, às onze horas seu ar taciturno já tinha despertado a suspeita do seu chefe, Michael Ross. Ross era grandão e carrancudo e seria facilmente confundido com um estivador. Eles se davam bem, apesar de John não gostar dele.

– O que foi feito do seu bom humor? – perguntou Ross, com sua voz de barítono. – Cadê suas piadas, Heath? Sua risada empolgante?

Ross cultivava um certo preciosismo na sua maneira de falar, como se sentisse necessidade de dissipar sua imagem de estivador.

– Hoje não é meu dia – disse John, sem levantar os olhos.

– Ressaca?

– Não, senhor – disse John, friamente.

– Anime-se, então. Você não vai conquistar nenhum amigo espalhando estramônio pelos campos enquanto cabriola por aí.

John teria suspirado, se pudesse. Normalmente as afetações subliterárias de Ross eram cansativas, mas, nesse dia em particular, elas estavam irritantes.

Para piorar as coisas, John sentiu o cheiro rançoso de um charuto e percebeu que James Arnold Prescott, o chefe da divisão de vendas, estava por perto.

E ele realmente estava. John olhou ao redor.

– Mike, quando e o que foi que nós vendemos na última primavera, mais ou menos nessa época? Está havendo alguma dúvida sobre isso e eu acho que os detalhes foram mal computados.

A pergunta não tinha sido feita para ele, mas John respondeu assim mesmo.

– Quarenta e dois frascos de PCAP. Isso foi em 14 de abril, J.P., fatura número P20543, com um desconto de 5% para pagamento em 30 dias. O pagamento foi feito no dia 8 de maio.

Aparentemente, todas as pessoas na sala ouviram isso. Pelo menos, levantaram os olhos.

– Diabos, como é que você sabe disso? – disse Prescott. John encarou Prescott, que estava totalmente surpreso.

– Apenas me lembrei, J.P.

– Quer dizer que você se lembra? Então, repete.

John o obedeceu, gaguejando um pouco, enquanto Prescott anotava num papel na mesa de seu subordinado, ofegando levemente à medida que a barriga comprimia seu volumoso abdômen contra o diafragma, dificultando-lhe a respiração. John tentou afastar a fumaça do charuto sem dar na vista.

– Ross – disse Prescott. – Cheque no seu computador e veja se tem alguma coisa em relação a isso. – Ele se voltou para John com uma expressão ressentida. – Não gosto de engraçadinhos. O que você teria feito se eu tivesse aceitado esses números que você me passou e tivesse despachado sem conferir?

– Não teria feito nada. Eles estão corretos – disse John, consciente de que era o centro das atenções.

Ross entregou o relatório para Prescott. Prescott o leu.

– Você pegou isso no computador?

– Sim, J.P.

Prescott olhou fixamente para o papel e, em seguida, virou a cabeça abruptamente para John.

– E o que ele é? Outro computador? Os números estavam corretos.

John sorriu de leve, mas Prescott resmungou e saiu, deixando o cheiro do charuto atrás de si.

– Diabo, que trapaça foi essa que você fez, Heath? Você sabia

o que ele precisava e pesquisou com antecedência para ganhar seus louros.

– Não, senhor – disse John, que estava começando a ficar autoconfiante – apenas me lembrei. Tenho uma boa memória para essas coisas.

– E se deu ao trabalho de camuflá-las de seus leais companheiros esse tempo todo? Ninguém aqui sequer desconfiava que você tinha uma boa memória por trás de sua cabeça oca.

– Não havia por que mostrá-la, Sr. Ross. Agora que a mostrei, ela não pareceu ter sido muito bem recebida.

Realmente não tinha sido. Ross resmungou para ele e se afastou.

Naquela noite, a excitação de John à mesa do Gino's impediu-o de falar com alguma coerência, mas Susan escutou pacientemente, tentando agir como uma força estabilizadora.

– Isso pode não ter passado de uma coincidência – disse ela – Por si só, não prova coisa nenhuma, Johnny.

– Você está louca? – Ele baixou a voz a um gesto de Susan, que o olhou pelo canto do olho. Ele repetiu, quase num sussurro:

– Você está louca? Você não percebe que essa não é a única coisa de que posso me lembrar? Acho que posso lembrar de qualquer coisa que já tenha escutado antes. É só uma questão de puxar pela memória. Por exemplo, diga alguma coisa de Shakespeare.

– Ser ou não ser. John olhou com desdém.

– Não seja engraçadinha. Tá bem, isso não importa. O fato é que, se você me der uma deixa, posso recitar daí em diante, até o ponto que você quiser. Já li algumas peças dele nas minhas aulas de Literatura Inglesa no colégio, outras em casa e posso me lembrar de qualquer uma. Já tentei. Flui naturalmente! Acho que posso me lembrar de qualquer trecho de qualquer livro ou artigo ou jornal ou programa de televisão que já tenha visto... palavra por palavra ou cena por cena.

– O que é que você vai fazer com tudo isso? – disse Susan.

– Não tenho consciência disso o tempo todo – disse Heath.

– Certamente, você... Espere, vamos fazer o pedido...

Cinco minutos depois, ele disse:

– Certamente, você não... Meu Deus, esqueci onde estava. Não é fantástico? Certamente, você não imagina que eu estou nadando num mar de versos shakespeareanos o tempo inteiro. Preciso de algum esforço para lembrar. Não é muito, mas preciso de algum esforço.

– Como é que isso funciona?

– Não sei. Como é que você levanta seu braço? Que ordens você dá para seus músculos? Você apenas tem vontade que seu braço se levante e ele obedece. Não há nenhuma dificuldade em fazer isso, mas seu braço não se levanta enquanto você não quer. Bem, eu lembro de qualquer coisa que já tenha lido ou visto só quando eu quero. Eu não sei como faço isso, mas eu faço.

O primeiro prato chegou e John atacou-o alegremente. Susan beliscou seus cogumelos recheados.

– Isso parece muito excitante.

– Excitante? Tenho o maior e mais maravilhoso brinquedo do mundo. Meu próprio cérebro. Ouça, posso soletrar qualquer palavra corretamente e tenho certeza absoluta de que não cometerei nenhum erro gramatical.

– Por que você lembra todos os dicionários e gramáticas que já leu?

John olhou-a duramente.

– Não seja sarcástica, Sue.

– Não estava sendo...

Fez um gesto para que silenciasse.

– Não costumo ler dicionários como passatempo. Mas me lembro das palavras e sentenças das minhas leituras e elas estavam escritas e empregadas corretamente.

– Não esteja tão certo. Você já viu algumas palavras escritas de várias maneiras e com todos os tipos de erros gramaticais.

– Foram exceções. Na maior parte das vezes que as encontrei na literatura inglesa tinham sido usadas corretamente. Elas têm mais influência do que erros, acidentes e ignorância. Mais do que isso, tenho certeza de que, mesmo enquanto estou sentado aqui, estou desenvolvendo mais e mais a minha inteligência.

– E você não está preocupado. E se...

– E se eu me tornar muito inteligente? Desde quando ser muito inteligente faz algum mal?

– O que eu ia dizer – disse Susan, friamente – é que você não está se tornando mais inteligente. Você está apenas com um total aproveitamento da memória.

– O que você quer dizer com apenas! Se minha memória é perfeita, se uso a língua inglesa corretamente, se sei uma quantidade interminável de assuntos, isso não vai fazer com que pareça mais inteligente? Você não está ficando com ciúmes, Sue?

– Não – disse ela ainda mais friamente – sempre vou poder tomar uma injeção dessas, se começar a ficar muito desesperada.

John largou seu garfo.

– Você não pode estar querendo dizer isso.

– Mas e seu eu dissesse?

– Você não pode se prevalecer de seus conhecimentos especiais para me destituir da minha posição.

– Que posição?

O prato principal chegou e, por alguns momentos, John se manteve ocupado. Depois, disse num sussurro:

– Minha posição como primeiro homem do futuro. Homo superior! Nunca haverá muitos como nós. Você ouviu o que Kupfer disse. Alguns são muito estúpidos para sê-lo. Outros são inteligentes demais para que se note alguma mudança. Eu sou o único!

– Absolutamente comum. – Susan fez uma careta de desdém com a boca.

– Eu fui. Evidentemente haverá outros como eu. Não muitos, mas haverá outros. Eu só quero deixar a minha marca antes que eles surjam. É tudo pela firma, você sabe. Por nós!

Daí em diante, ele ficou perdido em pensamentos, testando seu cérebro cuidadosamente.

Susan comeu num silêncio infeliz.

John passou vários dias organizando suas memórias. Era como se estivesse preparando um livro de referências. Uma por uma, lembrou-se de todas as experiências durante os seis anos que

trabalhava na Quantum Pharmaceuticals, de tudo que tinha ouvido e de todos os papéis e memorandos que tinha lido.

Não teve dificuldades em descartar as coisas irrelevantes e sem importância, armazenando-as num arquivo para futuras consultas, de modo que não interferissem em suas análises. Outros itens foram ordenados, seguindo uma progressão natural.

Em contraste com o esqueleto da organização, ressuscitou os boatos que tinha ouvido; as fofocas, maliciosas ou não; frases casuais e interjeições ouvidas nas conferências, das quais até então não tinha se conscientizado. Os assuntos que não se encaixavam em nenhum lugar dentro do acervo que havia construído em sua cabeça eram irrelevantes, sem valor. Os que se enquadravam eram encaixados firmemente e passavam a ter valor de verdade indiscutível.

À medida que a estrutura crescia e se tornava mais coerente, os itens se tornavam mais significativos e mais fáceis de serem classificados.

Na quinta-feira, Ross parou junto à mesa de John.

– Quero vê-lo no meu escritório imediatamente – disse – se suas pernas se dignarem a carregá-lo nessa direção.

John se levantou a contragosto.

– É necessário? Estou ocupado.

– Sim, você parece ocupado. – Ross contemplou a mesa, que estava completamente vazia naquele momento, a não ser pela foto de uma Susan sorridente. – Você tem estado ocupado assim toda a semana. Você está me perguntando se é realmente necessário ir ao meu escritório. Para mim, não; mas para você é vital. Aquela é a porta do meu escritório. Aquela outra é a porta para o inferno lá fora. Escolha uma das duas e rápido.

John acedeu e, relutante, acompanhou Ross até seu escritório. Ross sentou-se à mesa, mas não convidou John a se sentar. Manteve um olhar duro por um momento e disse:

– Que diabo aconteceu com você esta semana, Heath? Você não sabe quais são suas obrigações?

– Por tudo o que tenho feito, parece que sei – disse John – o relatório sobre o microcoscosmo está em cima de sua mesa e foi

concluído sete dias antes do prazo. Duvido que você tenha alguma reclamação a fazer sobre isso.

– Duvida, é? Tenho permissão para fazer alguma reclamação, se assim o mandar a minha consciência? Ou estou condenado a pedir sua permissão?

– Aparentemente, não me expressei com clareza. Duvido que tenha reclamações racionais sobre isso. Sobre qualquer outro assunto, o problema é seu.

Ross se levantou, irritado.

– Escute aqui, seu inútil. Se eu decidir demiti-lo agora, você não tomará conhecimento dessa notícia por intermédio da minha boca. Não será por alguma palavra dita por mim que você ficará a par das novidades. Você será empurrado para fora daquela porta e será minha a força propulsora que estará por trás desse empurrão. Guarde isso dentro de seu cérebro pequeno e mantenha a língua presa dentro de sua boca grande. O que está em questão não é o fato de você ter feito o trabalho ou não. O que está em questão é o fato de você ter se intrometido no trabalho de todos os seus companheiros. Quem e o que lhe dá o direito de controlar a produção de todas as pessoas que trabalham nesse lugar?

John não disse nada. Ross rugiu.

– E então?

– Mas você acabou de mandar que eu mantivesse guardada a língua dentro da boca.

Ross ficou vermelho de raiva.

– No entanto, você responderá minhas perguntas.

– Não estou ciente de ter tentado exercer algum tipo de controle sobre o trabalho de algum companheiro.

– Não há uma pessoa nesse lugar que não tenha sido corrigida ao menos uma vez pelo senhor. Você atravessou a autoridade do chefe Willoughby, no que diz respeito à correspondência com a TMP; você tem devassado todos os arquivos usando o acesso ao computador de Bronstein; e Deus sabe o que mais você fez nesses últimos dois dias, de que ainda não fui informado. Você está desmoralizando o trabalho desse departamento e isso deve ter um fim o mais rápido possível. Tem que parar nesse exato momento,

sob o risco de cair um verdadeiro temporal sobre você, meu caro.

– Se eu tenho feito tantas interferências foi pelo bem da companhia. No caso de Willoughby, sua maneira de lidar com o assunto TMP estava fazendo com que a Quantum Pharmaceuticals violasse as regras impostas pelo governo, algo que já lhe avisei num dos vários memorandos que lhe mandei, mas que até agora, pelo que vejo, você não teve tempo de ler. No que diz respeito a Bronstein, ele simplesmente estava ignorando as instruções superiores e sobrecarregando a empresa com 50 mil dólares em testes desnecessários, uma coisa que fui capaz de perceber facilmente, a partir da localização da correspondência necessária... só para confirmar minha clara lembrança da situação.

À medida que ele falava, Ross parecia inchar a olhos vistos.

– Heath – disse ele. – Você está usurpando minha função. Por essa razão, até a hora do almoço você já terá recolhido os seus pertences e terá saído do prédio, ao qual nunca mais retornará. Se retornar, terei o imenso prazer de ajudá-lo a sair novamente, de preferência usando o meu próprio pé. Sua carta de demissão será colocada em suas mãos, ou empurrada por sua garganta adentro, antes mesmo que tenha acabado de arrumar suas tralhas, ainda que providencie isso com a rapidez que você tanto admira.

– Não tente me intimidar – disse John. – Você sabe muito bem que sua incompetência já custou 250 mil dólares à empresa.

Houve uma pequena pausa, na qual Ross foi murchando. – Do que é que você está falando? – perguntou ele, cauteloso.

– A Quantum Pharmaceuticals teve um terrível prejuízo na licitação da Nutley, e essa perda se deveu ao fato de uma certa informação, que estava em suas mãos, nunca ter chegado ao Conselho Diretor. Você se esqueceu, ou não se incomodou. Em ambos os casos, você não é a pessoa indicada para esse tipo de trabalho. Você é ou um incompetente ou um vendido.

– Você é um insano.

– Ninguém precisa acreditar em mim. A informação está no computador, ao alcance de qualquer um que, como eu, saiba procurar. Mais do que isso, as instruções estão no arquivo e estarão sobre a mesa das partes interessadas dois minutos depois que eu

saia desse prédio.

– Se isso fosse verdade – disse Ross, falando com dificuldade, você não teria como saber. Essa é uma estúpida tentativa de chantagear com a ameaça de uma calúnia.

– Você sabe que não é calúnia. Se você duvida de que tenha a informação, deixe-me lhe dizer que há um memorando que não consta nos registros, mas que, a partir do que se tem lá, pode ser refeito sem muita dificuldade. Você teria que explicar a sua ausência e vão presumir que você o destruiu. Você sabe que não estou blefando.

– Mas não deixa de ser uma chantagem.

– Por quê? Não estou fazendo exigências ou ameaças. Apenas estou explicando os meus atos nesses últimos dois dias. É claro que, se for forçado a me demitir, terei que explicar por que me demiti, não é?

Ross não disse nada.

– Minha demissão está sendo solicitada? – disse John, tranquilo.

– Saia daqui!

– Com meu emprego ou sem ele?

– Você continua trabalhando – disse Ross. Seu rosto era puro ódio.

Susan tinha combinado um jantar em seu apartamento, o que lhe trouxe muitos problemas. Nunca, em sua própria opinião, tinha parecido mais sedutora e nunca pensou que fosse dar importância a esse tipo de coisa só para tirar John, nem que fosse um pouco, de sua total concentração no próprio cérebro. Ela tentou ser amável.

– Afinal, estamos comemorando os últimos nove dias de solteiros.

– Estamos comemorando mais do que isso – disse John, com um sorriso que mais parecia uma careta. – Faz apenas quatro dias que tomei o desinibidor e já consegui colocar Ross no seu lugar. Ele nunca mais me aborrecerá.

– Parece que cada um de nós tem sua própria noção de sentimento – disse Susan. – Diga-me os detalhes de sua doce recordação.

John contou a história resolutamente, repetindo a conversa tintin por tim-tim e sem hesitação.

Susan escutou como uma pedra, sem nenhuma alteração à medida que ouvia o crescente triunfo na voz de John.

– Como é que você sabe tudo isso sobre Ross?

– Não há segredos, Sue. As coisas só parecem secretas porque as pessoas não têm memória. Se você pode lembrar todas as anotações, todos os comentários, todas as palavras com segundas intenções que lhe são ditas ou apenas chegam a seus ouvidos e desenvolver um raciocínio que articule todos esses dados, perceberá que todo mundo se trai em todas as coisas. Você colhe significados que, nesses dias de informática, lhe mandarão direto para os registros necessários. Isso pode ser feito. Foi isso que fiz no caso de Ross. Posso fazer isso no caso de qualquer pessoa que queira investigar.

– Você também pode deixá-los furiosos.

– Eu deixei Ross furioso. Você pode apostar nisso.

– Isso foi uma coisa sensata?

– O que ele pode fazer comigo? Eu o deixei numa fria.

– Ele tem bastante influência nos altos escalões.

– Não por muito tempo. Tenho uma audiência marcada para às 14 h de amanhã com o velho Prescott e seu charuto fedorento. Vou tirar Ross do caminho.

– Você não acha que está indo rápido demais?

– Indo muito rápido? Ainda nem comecei. Prescott é apenas mais um trampolim. A própria Quantum Pharmaceuticals não passa de um trampolim.

– Ainda assim é muito rápido, Johnny, você precisa de alguém que o oriente.

– Não preciso de nada, com o que tenho – ele deu um tapinha na testa – não há nada nem ninguém que possa me deter.

– Tá bom, não vamos discutir sobre isso. Temos outros planos para fazer.

– Planos?

– Nossos próprios planos. Nós vamos nos casar dentro de nove dias... Acho que – surgiu uma carregada ironia na voz dela – você

não voltou àqueles velhos e tristes dias, em que se esquecia das coisas.

– Lembro do casamento – disse John, mal-humorado – mas no momento tenho que reorganizar a Quantum. Na verdade, tenho pensado seriamente em adiar o casamento até que tenha as coisas sob controle.

– Ahn? E quando vai ser isso?

– É difícil dizer. Não muito tempo, pela velocidade com que estou indo. Acho que um mês ou dois. A não ser – e ele começou a ser sarcástico – que você ache que isso também é ir muito rápido.

Susan estava respirando com dificuldade.

– Você ia pedir minha opinião sobre esse assunto?

John levantou as sobrancelhas.

– Teria sido necessário? Onde é que está o problema? Certamente, você percebe o que está acontecendo. Nós não podemos interromper isso e perder a oportunidade. Sou um perito em matemática. Posso multiplicar e dividir tão rápido quanto um computador porque, em alguma época de minha vida, cruzei com quase todas as operações de aritmética e posso lembrar as respostas. Eu li uma tabela de raízes quadradas e posso...

Susan deu um grito.

– Meu Deus, Johnny, você é um garoto com um brinquedo novo. Você perdeu sua perspectiva. Memória perfeita não serve para nada, se não é usada com malícia. Ela não lhe dá nem um pouco mais de inteligência; nem um milímetro; nem um grama a mais de raciocínio; nem uma baforada a mais de bom senso. Você está tão seguro de si que vai conquistar o mundo quanto um garoto com uma granada na mão. Você precisa de alguém com cérebro para orientálo.

John franziu a testa.

– Preciso? Pois me parece que estou conseguindo o que quero.

– Está? Então quer dizer que não faço parte dos seus planos?

– O quê?

– Vá em frente, Johnny. Você me quer. Estenda os braços e pegue em mim. Exercite a notável memória que você tem. Lembre-se de quem eu sou, as coisas que podemos fazer juntos. O calor, o

afeto, o sentimento.

John, com a testa ainda enrugada, estendeu os braços para Susan. Susan se desviou deles.

– Mas você não tem lutado por mim, ou por qualquer coisa que diga respeito a mim. Você não pode se lembrar de mim dentro dos seus braços; você tem que me amar dentro deles. O problema é que você não tem bom senso, e lhe falta inteligência para estabelecer prioridades razoáveis. Aqui, tome isto e vá embora do meu apartamento, ou eu vou bater em você com alguma coisa mais pesada.

Ele parou para pegar de volta o anel de noivado. Susan...

– Eu disse fora. A firma de Johnny e Sue, com isso, está dissolvida.

Seu rosto estava vermelho de raiva e John se virou humildemente e saiu.

Quando ele chegou na Quantum na manhã seguinte, Anderson estava esperando por ele com uma aparência de ansiosa impaciência em seu rosto.

– Sr. Heath – disse ele, sorrindo e se levantando.

– O que você quer? – inquiriu John.

– Nós estamos seguros aqui?

– Até onde sei, esse lugar não está sendo vigiado.

– Você terá que fazer alguns exames conosco depois de amanhã. No domingo. Lembra-se disso?

– É claro que lembro. Agora eu lembro de tudo. No entanto, sou capaz de mudar de ideia. Por que preciso fazer exames?

– Por que não, senhor? Pelo que Kupfer e eu soubemos, o tratamento parece ter funcionado às mil maravilhas. Na verdade, nós não queremos esperar até amanhã. Se puder me acompanhar hoje, agora, para ser mais preciso, isso significaria muito para nós, para a Quantum, e, é claro, para a humanidade.

– Você não tem mais controle nenhum sobre mim. Você me mandou cuidar dos meus negócios, deixando-me viver e trabalhar sem supervisão porque lhe interessava-me testar na prática, e ver da melhor maneira possível o funcionamento das coisas. Isso significava mais riscos para mim, mas você não se preocupou com

isso, certo?

– Sr. Heath, não era essa a nossa ideia... Nós...

– Não me diga isso. Lembro de todas as palavras que você e Kupfer disseram no domingo passado, e para mim está bastante claro que isso estava no pensamento de vocês. Então, se corri os riscos, fico com os benefícios. Não tenho a intenção de me apresentar como um monstro bioquímico que conquistou a supermemória graças a uma injeção. Nem quero outros como eu circulando por aí. Por enquanto, tenho o monopólio e pretendo usá-lo. Quando estiver pronto, não antes, estarei disposto a cooperar com vocês e ajudar a humanidade. Mas se lembre que sou o único que saberá quando estiver pronto, não você. Então não me chame; eu o chamarei.

Anderson simulou um sorriso suave.

– Se for assim, Sr. Heath, como pode nos impedir de fazer o nosso anúncio? As pessoas que conviveram com o senhor nessa semana não terão dificuldade em perceber sua mudança e testemunhá-la.

– Verdade? Veja aqui, Anderson, escute bem o que tenho a lhe dizer, e o faça sem esse sorriso idiota no rosto. Ele me irrita. Eu lhe disse que lembro de todas as palavras que você e Kupfer me disseram. Lembro de todas as nuances do rosto. Todos os seus olhares de lado. Tudo foi muito revelador. Aprendi o suficiente para checar o arquivo de licenças para tratamento de saúde, do qual saí com uma boa ideia do que estava procurando. Parece que não fui o primeiro empregado da Quantum em quem vocês experimentaram o desinibidor.

De fato, Anderson não estava mais sorridente.

– Isso é um absurdo.

– Você sabe que não é, e você tem como provar isso melhor do que eu. Eu sei o nome dos homens envolvidos nisso, houve uma mulher, na verdade, e os hospitais em que foram tratados e a falsa história com que foram internados. Já que vocês não me preveniram que eu era o quarto animal de duas pernas que experimentavam, eu não lhes devo nada a não ser uma sentença de prisão.

– Não discutirei esse assunto – disse Anderson. – Mas deixe-

me lhe dizer ao menos uma coisa. O tratamento logo deixará de fazer efeito, Sr. Heath. Esse poder de sua memória é passageiro. Logo você terá que voltar para um novo tratamento, e pode estar certo de que esse será como queremos.

– Bobagens! Você não presume que eu não tenha investigado seus relatórios... pelo menos aqueles que vocês não mantiveram secretos. O efeito demora mais em alguns casos do que em outros. Invariavelmente, ele demora mais onde é mais eficiente. No meu caso, o tratamento está sendo extremamente eficiente e os efeitos se prolongarão por um tempo considerável. Quando eu voltar a procurá-los, se é que os procurarei algum dia, estarei numa posição em que qualquer recusa de sua parte em cooperar lhes será extrema e prontamente devastadora. Nem pensem nisso.

– Seu ingrato...

– Não me aborreça – disse John entediado. – Não tenho tempo para ouvir sua conversa fiada. Vá embora, tenho muito trabalho para fazer.

O rosto de Anderson era só medo e frustração enquanto saía.

Eram 14:30 quando John se dirigiu ao escritório de Prescott. Pela primeira vez não se preocupou com a fumaça do charuto. Ele sabia que não estava longe do dia em que Prescott teria que escolher entre seus charutos e sua posição.

Prescott estava com Arnold Gluck e Lewis Randall na sala, de modo que John teve o desagradavel prazer de saber que estava diante dos três homens mais importantes da divisão.

Prescott descansou o seu charuto na borda de um cinzeiro.

– Ross me pediu para que lhe concedesse uma meia hora, e isto é tudo que lhe darei. Você então é o homem da supermemória?

– Meu nome é John Heath, senhor, e pretendo-lhe apresentar um plano de racionalização para a companhia; esse plano fará uso total da era dos computadores e da comunicação eletrônica e assentará as bases para modificações futuras à medida que a tecnologia se desenvolver.

Os três homens trocaram olhares entre si.

Gluck, cujo rosto enrugado era curtido como couro, disse:

– Você é um especialista em administração?

– Eu não preciso ser, senhor. Estou nessa empresa há seis anos e me lembro de todos os pequenos detalhes dos procedimentos em todas as transações em que estive envolvido. Isso significa que o modelo de cada procedimento está claro para mim e consigo identificar todas as suas imperfeições. Dá para se apontar as tendências e onde se está sendo dispendioso e ineficiente. Se vocês ouvirem, eu explicarei. Verão que é fácil de entender.

Randall, cujos cabelos ruivos e sardas o faziam parecer mais jovem do que era, disse com ironia:

– Seja bastante didático, porque temos dificuldades com conceitos muito complexos.

– Vocês não terão dificuldade – disse John.

– Você não terá um segundo a mais do que 21 minutos – disse Prescott, olhando para seu relógio.

– Não será preciso – disse John – meu plano está delineado, e posso falar rapidamente.

Passaram-se quinze minutos, durante os quais os três diretores permaneceram em silêncio absoluto.

Finalmente Gluck disse, hostilizando-o com seus olhos miúdos:

– Foi como se você quisesse dizer que poderíamos continuar com metade dos diretores que fazem parte dos nossos quadros.

– Menos do que a metade – disse John, tranquilo, e será mais eficiente do que agora. Não podemos demitir à vontade os funcionários mais simples por causa dos sindicatos, embora tenhamos como vencê-los pelo desgaste. A diretoria não tem garantias, no entanto, e pode ser mandada embora. Se forem muito velhos, terão aposentadoria. Se forem muito jovens, poderão conseguir novos empregos. Nosso pensamento deve ser para a Quantum.

Prescott, que tinha-se mantido num ominoso silêncio, agora baforava furiosamente seu terrível charuto.

– Mudanças como essas – disse Prescott – precisam ser pensadas com muito cuidado, e têm que ser implantadas, se for o caso, com a maior das precauções. O que parece lógico no papel nem sempre encontra aplicação nas equações humanas.

– Prescott – disse John, se esta reorganização não for aceita dentro de uma semana e se eu não ficar responsável pela sua implantação, eu me demitirei. Não terei dificuldade para encontrar um emprego numa firma menor, onde seja mais fácil de colocar esse plano em prática. Começando com um pequeno grupo de pessoas na diretoria, poderei aumentar a quantidade e a eficiência do trabalho sem custos adicionais e dentro de um ano levarei a Quantum à falência. Seria engraçado fazer isso, se fosse forçado a tal coisa. Portanto, pensem com muito cuidado. Minha audiência acabou. Até logo.

E ele saiu.

Prescott acompanhou-o com o canto dos olhos, enquanto calculava friamente. Ele se dirigiu aos outros dois diretores.

– Acho que ele sabe o que diz e realmente conhece todas as facetas de nossas operações bem melhor do que nós. Não podemos deixá-lo sair.

– Você quer dizer que temos que aceitar seu plano – disse Randall, chocado.

– Não disse isso. Saiam, e lembrem-se de que tudo isso é confidencial.

– Tenho a sensação de que, se não fizermos nada – disse Gluck, nós três nos encontraremos no olho da rua dentro de um mês.

– Muito provável – disse Prescott. – Então faremos alguma coisa.

– O quê?

– Se você não sabe, não fique preocupado. Pode deixar comigo. Esqueça do que aconteceu por enquanto e tenham um bom fim de semana.

Quando eles se foram, ele pensou um pouco, mastigando furiosamente a ponta do seu charuto. Depois, virou-se para o telefone e discou um número.

– Aqui é Prescott. A primeira coisa que você fará na segunda de manhã é vir ao meu escritório. A primeira coisa. Você me ouviu?

Anderson parecia um pouco descabelado. Ele tinha tido um péssimo fim de semana. Prescott, que tinha tido um fim de semana

pior do que o seu, disse-lhe, malevolamente:

– Você e Kupfer fizeram a experiência de novo, não foi?

– É melhor não discutir sobre isso, Sr. Prescott – disse Anderson, suavemente. Combinamos que, em certos aspectos da pesquisa, era preciso estabelecer uma distância.

Nós assumiríamos o risco ou a glória, e a Quantum só compartilharia essa última, deixando o primeiro só para nós.

– E seu salário foi dobrado com a garantia de que todos os pagamentos legais fossem da responsabilidade da Quantum, não se esqueça disso. Esse homem, John Heath, foi tratado por vocês, não foi? Pode dizer. Não tem como me enganar. Você não precisa esconder isso.

– Tá bom. Nós o tratamos.

– E vocês foram tão brilhantes que fizeram com que ele se voltasse contra nós... essa... essa tarantula.

– Não podíamos prever que isso aconteceria. Como ele não entrou em choque instantâneo, pensamos que fosse nossa primeira oportunidade de testar a experiência na prática. Achávamos que o efeito só fosse durar dois ou três dias, e que depois ele voltaria ao normal.

– Se eu não tivesse sido tão bem protegido por vocês, não teria esquecido essa história toda, e teria imaginado o que tinha acontecido quando esse bastardo começou a mexer no computador e a extrair detalhes de uma correspondência que não era de sua responsabilidade. Tudo bem, nós sabemos em que pé estamos. Ele está tentando salvar a companhia com um novo plano de operações que não pode ser levado adiante. Ao mesmo tempo, não podemos deixá-lo ir embora da companhia.

– Considerando a capacidade de lembrança e de síntese de Heath – perguntou Anderson – seria possível que seu plano seja bom?

– Não quero saber se é ou não. Aquele bastardo está querendo o meu emprego e quem sabe mais o que ele quer, e temos que nos livrar dele.

– O que você quer dizer com se livrar dele? Ele é de vital importância para o projeto de química cerebral.

– Esqueça. Isso é um desastre. Você está criando um super Hitler.

– O efeito há de passar – disse Anderson, com uma voz baixa e aflita.

– Quando?

– Nesse momento, não sei dizer.

– Mas eu não posso correr mais riscos. Vamos nos organizar e entrar em ação até amanhã. Não temos tempo a perder.

John estava extremamente bem-humorado. A maneira com que Ross o evitou quando pôde e falou-lhe com deferência quando foi obrigado a isso, influenciou toda a equipe de trabalho. Havia uma mudança estranha e radical na hierarquia, e ele agora estava no topo. John não podia negar a si mesmo que gostava disso. Ele se divertia com a nova situação. A maré estava mudando de maneira muito rápida. Fazia apenas nove dias que tinha tomado a injeção desinibidora e todos os degraus haviam sido galgados.

Bem, não, houve a raiva tola de Susan. Mas ele cuidaria disso mais tarde. Quando lhe mostrasse onde já tinha chegado em nove dias ela veria que, em noventa...

Ele levantou os olhos. Ross estava junto a sua mesa, esperando que ele percebesse sua presença, mas relutante em atrair sua atenção de uma maneira estúpida, como limpar a garganta. John girou sua cadeira e esticou os pés, como se estivesse tentando relaxar.

– Sim, Ross – disse ele.

– Gostaria de vê-lo em meu escritório, Heath – disse Ross, cuidadosamente – aconteceu uma coisa muito importante e você é a única pessoa que pode resolver isso agora.

John se levantou devagar.

– O que foi?

Ross olhou discretamente para a sala, na qual havia pelo menos cinco homens perto o suficiente para ouvi-lo. Depois, olhou na direção do seu escritório e fez um gesto convidativo.

John hesitou, mas durante anos Ross tinha exercido uma autoridade inquestionável sobre ele e, nesse momento, agiu por força do hábito.

Educadamente, Ross segurou a porta aberta para John, depois atravessou-a e a fechou atrás de si, trancando-a discretamente e permanecendo em frente a ela. Anderson saiu de trás da estante.

– Pra que tudo isso? – perguntou John, rispidamente.

– Nada demais – disse Ross, sorrindo com um ar ameaçador. – Só vamos ajudá-lo a voltar ao seu estado normal. Não se mexa, Heath.

Anderson tinha uma seringa hipodérmica na mão.

– Por favor, Heath, não reaja – disse ele. – Não queremos lhe fazer mal nenhum.

– Se eu gritar...

– Se você fizer qualquer tipo de barulho – disse Ross – eu lhe darei uma chave de braços e apertarei até que seus olhos saltem. Eu adoraria fazer isso. Por favor, grite.

– Tenho provas contra vocês, guardadas num lugar seguro. Se fizerem alguma coisa comigo...

– Sr. Heath – disse Anderson, nós não vamos fazer nada. Nós vamos desfazer. Nós vamos mandá-lo de volta para o ponto em que você estava. Isso iria acontecer de qualquer maneira, mas vamos apressar um pouco o processo.

– Vou segurá-lo agora, Heath – disse Ross. – Não se mexa. Isso pode fazer com que nosso amigo se engane na dose calculada e termine fazendo com que você perca toda a sua memória.

John se afastou, sem fôlego.

– Isso é o que vocês estão pensando! Vocês acham que vão se livrar de mim dessa forma. Mesmo que esquecesse tudo sobre vocês, tudo sobre as informações, tudo isso está armazenado. Mas...

– Não vamos machucá-lo, Heath – disse Anderson.

A testa de John brilhava de suor. Estava quase sem ação.

– Um amnésico! – disse ele com uma voz rouca e com um terror que só poderia ser sentido por uma pessoa que dependesse tanto de sua memória!

– Mas você não se lembrará nem disso – disse Ross. – Vá em frente, Anderson.

– Bem – resmungou Anderson, resignado. – Estou destruindo

uma experiência perfeita. – Ele levantou o braço flácido de John e posicionou a seringa.

Bateram na porta.

– John – disse uma voz bem audível.

Anderson parou na mesma hora, olhando para cima com um ar indagador.

Ross virou-se para olhar em direção à porta. Então se voltou para Anderson.

– Enfia logo essa droga dentro dele – disse ele num sussurro ansioso.

A voz se fez ouvir mais uma vez.

– Johnny, eu sei que você está aí. Eu chamei a polícia. Ela está a caminho.

Ross sussurrou de novo.

– Vá em frente. Ela está mentindo. E quando eles chegarem, tudo estará acabado. Quem poderá provar alguma coisa?

Mas ele estava sacudindo a cabeça vigorosamente.

– É a noiva dele. Ela sabe que ele foi tratado. Estava lá.

– Seu idiota.

Ela chutou a porta. Ouviu lá dentro uma voz abafada:

– Me larguem. Eles estão... Me soltem.

Anderson disse:

– A participação dela foi fundamental para que ele aceitasse fazer a experiência. Além disso, acho que agora não precisamos fazer mais nada. Olhe para ele.

John estava estatelado num canto, com os olhos esbugalhados, num profundo transe inconsciente.

– Ele entrou em pânico – disse Anderson – e isso por si só produz um choque, que, mesmo em condições normais, interfere na memória. Acho que o desinibidor foi eliminado.

Deixe-a entrar. Eu falo com ela.

Susan estava pálida quando se sentou com os braços enlaçando os ombros do seu ex-noivo.

– O que aconteceu?

– Você se lembra da injeção de...

– Sim, sim. O que aconteceu? .

– Ele tinha que ir no nosso escritório para fazer um exame completo. Ele não foi. Ficamos preocupados e os relatórios dos seus superiores nos deixaram perturbados.

Ele estava se tornando arrogante, megalomaníaco, irascível... Acho que você percebeu. Você não está mais usando sua aliança de noivado.

– Nós... brigamos – disse Susan.

– Então você entende. Ele estava... bem, se ele fosse um objeto inanimado, nós podíamos dizer que o seu motor estava esquentando muito à medida que aumentava a velocidade. Essa manhã me pareceu absolutamente necessário tratá-lo. Nós o persuadimos a vir aqui, trancamos a porta e...

– E injetaram alguma coisa nele enquanto eu berrava e chutava a porta dolado de fora.

– De jeito nenhum – disse Anderson. – Nós íamos sedá-lo, mas nem precisamos. Ele teve o que nós podemos chamar de um colapso. Você pode procurar alguma marca de picada recente no seu corpo, o que, como ele é seu noivo, você fará sem nenhum constrangimento. Não vai encontrar nada.

– Verei isso mais tarde. Mas e agora, o que vai acontecer com ele?

– Estou certo de que ele vai se recuperar. Ele voltará a ser o velho... John outra vez.

– Uma pessoa absolutamente comum?

– Ele não vai ter uma memória perfeita, como não a tinha até dez dias atrás. Naturalmente, a firma vai lhe dar uma licença remunerada pelo tempo que for necessário. Se ele precisar de qualquer tratamento médico, todas as despesas serão pagas. E quando ele quiser, poderá retomar o seu trabalho.

– Sim? Bem, quero tudo isso escrito num papel até o fim do dia. Ou irei procurar meu advogado amanhã.

– Mas Srta. Collins – disse Anderson, você sabe que o Sr. Heath foi um voluntário. Você também é responsável pelo que aconteceu.

– Acho – disse Susan – que você sabe que nos enganou e que uma investigação não será nada agradável para o seu trabalho.

Lembre-se disso quando for colocar num papel as coisas que acabou de nos prometer.

– Em troca, você terá que assinar um acordo, tirando de nós qualquer responsabilidade de qualquer dano que o seu noivo possa ter sofrido.

– Possivelmente, mas primeiro quero ver que tipo de dano é esse. Você pode andar, Johnny?

– Posso – disse ele, com uma voz um pouco rouca.

– Então, vamos embora.

John se serviu de um copo de café forte e de uma omelete, antes de, ele e Susan começassem a discussão.

– Só não entendo é como você foi parar lá – disse ele.

– Posso dizer que foi a minha intuição feminina.

– Não. Digamos que foi a inteligência de Susan.

– Tudo bem. Digamos que sim. Depois que devolvi o anel a você, senti pena de mim mesma e mágoa; mas, depois que isso passou, senti uma sensação de perda por que, por mais estranho que possa parecer a uma pessoa comum, gosto muito de você.

– Desculpe – disse John, humilde.

– Você de fato me deve desculpas. Deus, você estava insuportável. Mas então comecei a pensar que, se você podia fazer aquilo comigo, que o amava tanto, o que você não estaria fazendo com os outros companheiros de trabalho? Quanto mais eu pensava nisso, mais acreditava que eles estavam com uma vontade enorme de matá-lo. Agora, não me leve a mal. Estou disposta a admitir que você merecia morrer, mas somente através das minhas mãos. Jamais deixaria que alguém fizesse isso. Não tive notícias suas...

– Eu sei, Sue. Eu tinha planos e não tinha tempo...

– Você tinha que fazer isso em duas semanas. Eu sei, seu idiota. Mas esta manhã não pude aguentar mais. Fui ver como você estava e o encontrei atrás de uma porta trancada.

John estremeceu.

– Nunca pensei que fosse gostar tanto dos seus chutes e dos seus gritos. Mas eu gostei. Você os deteve.

– Você não se incomoda de falar sobre isso?

– Acho que não. Estou bem.

– Então, o que eles estavam fazendo?

– Acho que eles iam inibir a minha memória. Pensei que fossem me dar uma overdose e me deixar eternamente amnésico.

– Por quê?

– Por que eles sabiam que estavam em minhas mãos. Eu poderia arruiná-los, juntamente com a companhia.

– Você de fato podia.

– Totalmente.

– Mas eles não chegaram a dar uma nova injeção, chegaram? Ou era apenas mais uma mentira de Anderson?

– Não, eles não chegaram a me dar uma nova injeção.

– Está tudo bem?

– Eu não estou com amnésia.

– Bem, odeio parecer uma donzela vitoriana, mas espero que tenha aprendido a lição.

– Se você quer dizer que agora eu vejo que você estava certa, eu concordo.

– Então, deixe-me dizer só mais uma coisa, para que você não se esqueça novamente. Você passou por tudo isto muito rapidamente, sem se preocupar com um possível contra-ataque das outras pessoas. Você tinha uma memória perfeita, mas confundiu isso com inteligência. Se você tivesse alguém realmente inteligente orientando-o...

– Eu precisava de você, Susan.

– Bem, agora você me tem de novo.

– E o que vamos fazer?

– Primeiro, nós conseguiremos aquele documento da Quantum e, já que não aconteceu nada com você, vamos assiná-lo, insentando-os de qualquer responsabilidade. Em segundo lugar, vamos nos casar no sábado, como havíamos planejado antes de acontecer isso tudo. E em terceiro, nós veremos... Mas, Johnny?

– Sim?

– Você está bem?

– Não poderia estar melhor. Agora que estamos juntos, está tudo bem.

Não foi um casamento formal. Foi menos formal do que haviam

planejado e com menos convidados do que chegaram a esperar. Não foi ninguém da Quantum, por exemplo.

Susan tinha dito que isso não seria uma boa ideia.

Um vizinho de Susan levou uma câmara de vídeo para gravar a cerimônia, o que pareceu ser o cúmulo da cafonice para John, mas era assim que Susan queria.

Mas o vizinho encolheu os ombros, aborrecido.

– Não consigo fazer essa droga funcionar – disse ele. – Eles deviam ter-me dado a câmara ligada. Vou ter que dar um telefonema. – Desceu as escadas correndo, rumo ao saguão da capela.

John se aproximou da câmara e a olhou com curiosidade. O livro de instruções estava jogado numa mesinha ao lado. Pegou- o, deu uma rápida olhada nele e o colocou na mesa de novo. Olhou ao redor, mas todos estavam ocupados. Ninguém estava prestando atenção nele.

Ele afastou a tampa de trás do painel e estudou o seu interior atentamente. Então, virou-se e ficou olhando para a parede com um ar pensativo. Continuou olhando nessa direção mesmo quando sua mão serpenteou por dentro do aparelho e fez alguns ajustes. Depois de um breve intervalo, colocou de volta a parte de trás da câmara e a ligou.

O vizinho voltou correndo, parecendo exasperado.

– Como é que posso seguir instruções que não consigo compreender... – Ele franziu as sobrancelhas e acrescentou: – Engraçado. Ela está ligada. Vai ver que estava funcionando esse tempo todo.

– Você pode beijar a noiva – disse o padre com benevolência, e John pegou Susan em seus braços e obedeceu as ordens com entusiasmo.

Susan sussurrou através dos seus lábios imóveis.

– Você consertou a câmara. Por quê?

– Queria que não houvesse falhas no casamento – sussurrou ele de volta.

Eles se separaram e, trocando olhares emocionados, voltaram a se abraçar, enquanto a pequena plateia se agitava e ria baixinho.

– Se você fizer isso de novo, vou esfolá-lo. Desde que ninguém saiba que você ainda tem uma supre memória, ninguém vai detê-lo. Se você seguir minhas instruções, conseguiremos tudo dentro de um ano.

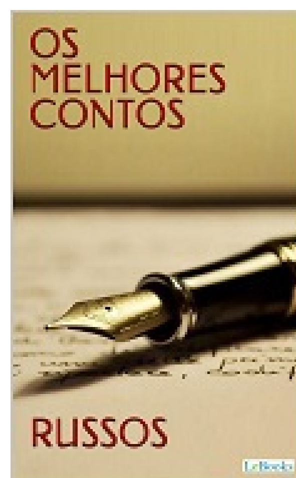
– Sim, querida – sussurrou Johnny humildemente.

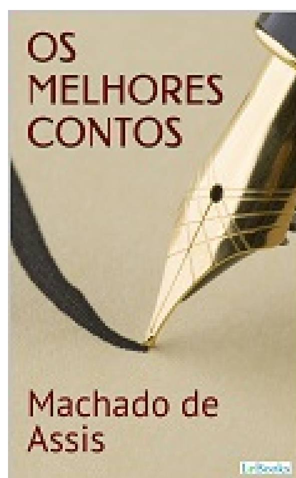
FIM

Conheça outros contos imperdíveis da Coleção Melhores Contos: LeBooks:









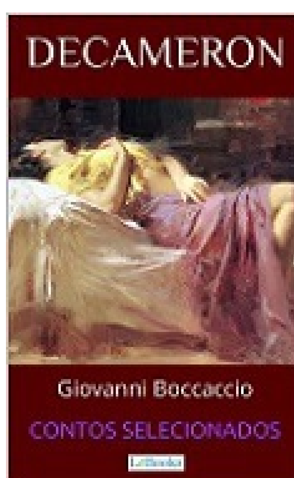


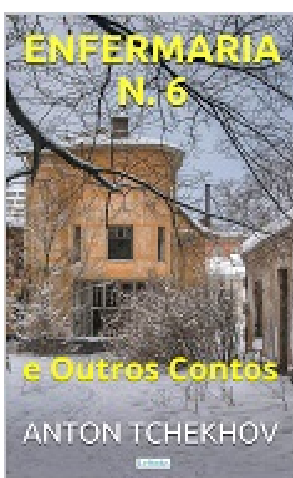





OS
MELHORES
CONTOS
Monteiro
Lobato


CONTOS DE
SUSPENSE E
TERROR
OBRAS PRIMAS DE GRANDES
MESTRES DO CONTO


DECAMERON
Giovanni Boccaccio
CONTOS SELECIONADOS


ENFERMARIA
N. 6
e Outros Contos
ANTON TCHEKHOV

[1] Alusão às enfermeiras que fazem parte do Women’s Royal Naval Service. (N.R.)



H.P. Lovecraft: Melhores Contos

Lovecraft, H.P.
9788583862314
211 páginas

Compre agora e leia

H.P. Lovecraft se consolidou, como a grande referência no gênero literário classificado como Terror Fantástico, tendo escrito centenas de contos neste gênero. Neste ebook, assim como ocorre nas outras edições da Coleção Melhores Contos, você conhecerá uma parte representativa de sua vasta obra: São 20 de seus melhores contos, alguns já bem

conhecidos entre os leitores do gênero como: O CHAMADO DE CTHULHU; A COISA NO UMBRAL, O DEPOIMENTO DE RANDOLPH CARTER, DAGON, A HISTÓRIA DO NECRONOMICON... entre outros de tirar o fôlego. Se você gosta do gênero Terror Fantástico, definitivamente, H.P. Lovecraft é o autor a ser lido.



Os Melhores Contos Russos

Gogol, Nikolai
9788583862369
130 páginas

[Compre agora e leia]

A partir do século 19 diversos autores russos se lançaram no cenário literário mundial com obras não menos do que geniais. Autores como Aleksandr Púchkin, Nikolai Gogol, Ivan Turgueniev, Liev Tolstói, Anton Tchekhov, Máximo Gorki, Fiodor Dostoievski... são hoje referenciados como clássicos representantes do que há de melhor na literatura

internacional. O que poucos leitores sabem é que esses autores, além de novelas inesquecíveis, se destacaram como grandes contistas distribuindo também nesse gênero de literatura o seu enorme talento. Este ebook é uma seleção inigualável dos melhores contos escritos por esses geniais autores russos. Uma oportunidade única de conhecer em uma só obra os sete grandes nomes da literatura russa de todos os tempos, em 21 contos de tirar o fôlego. O ebook traz ainda uma breve apresentação de cada um dos autores e sua produção literária. Trata-se de uma leitura imperdível.

você conhecerá as obras primas dos contos de suspense e terror de todos os tempos. Para quem aprecia o gênero, uma leitura imperdível.



Os Melhores Contos de Tolstoi

Tolstoi, Leon
9788583863151
105 páginas

Compre agora e leia

Leon Tolstói, juntamente com Dostoievsky, Pushkin, Gorky, Tchekhov, Gogol... é considerado um dos gigantes da literatura russa, com obras-primas como Guerra e Paz e Ana Karenina. Tolstoi, além de ser um grande escritor, foi um importante pensador sobre o seu tempo e sobre o homem, por isso, sua obra é atemporal. Uma boa forma de começar a

leitura de Tolstói é por meio de seus contos, já que ele foi, também, um grande contista, literária e quantitativamente. O ebook: Os Melhores Contos de Tolstói é uma seleção extremamente rigorosa de seu trabalho como contista, na qual o leitor encontrará onze contos inesquecíveis deste genial escritor.



JUSTINE: Os Tormentos da Virtude

de Sade, Marquês
9788583863793
100 páginas

A obra Justine: Os tormentos da virtude" foi produzida por Marquês de Sade em apenas 15 dias, no ano de 1787.O marco inicial das desventuras de Justine é a morte do pai, a perda do patrimônio familiar e as tentativas da preceptora de conduzir a ela e a irmã, Juliette, para uma vida à margem da lei. Juliette aceita o destino para onde aponta a preceptora;

mas a recusa de Justine a leva à fuga. Na jornada de Justine, que vai dos 12 aos 26 anos, o vício mostra-se indissociável da virtude, ambos como resultado da fuga incessantemente empreendida. A cada etapa, uma marca é infligida à protagonista, sendo que o clero, a aristocracia, os comerciantes, a magistratura, os ricos e os poderosos, aparecem invariavelmente como atores no circo de obscenidades em que o outro é reduzido a objeto de sua vontade. No emblemático final, onde o Marquês de Sade ilustra sua filosofia de vida, as histórias das irmãs novamente se cruzam provocando a reflexão do leitor. "Justine: Os tormentos da virtude" é mais um volume da coleção Clássicos Eróticos da LeBooks Editora.